

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

ANTONIA ALEKSANDRA BRAGA MENDES

**BERÇO E DESTINO DE ESTUDANTES DE TAPERUABA - SOBRAL
(CE):A LUTA PARA “SER ALGUÉM NA VIDA”**

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese

2. Nome completo do autor

ANTONIA ALEKSANDRA BRAGA MENDES

3. Título do trabalho

Berço e destino de estudantes de Taparuaba - Sobral (CE): a luta para “ser alguém na vida”

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **ANTONIA ALEKSANDRA BRAGA MENDES, Discente**, em 12/07/2021, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dijaci David De Oliveira, Coordenador de Pós-graduação**, em 15/07/2021, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2102967** e o código CRC **AC585E00**.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA**

ANTONIA ALEKSANDRA BRAGA MENDES

**BERÇO E DESTINO DE ESTUDANTES DE TAPERUABA - SOBRAL
(CE):A LUTA PARA “SER ALGUÉM NA VIDA”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás/UFG, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Área de Concentração: Sociedade, Política e Cultura.

Linha de pesquisa: Desigualdades, Diferenças e Violências.

Orientador: Prof. Dr. Dijaci David de Oliveira

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Mendes, Antonia Aleksandra Braga
BERÇO E DESTINO DE ESTUDANTES DE TAPERUABA -
SOBRAL (CE) [manuscrito] : a luta para "ser alguém na vida" / Antonia
Aleksandra Braga Mendes. - 2021.
CCCXLVI, 386 f.

Orientador: Prof. Dijaci David de Oliveira.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Goiânia, 2021.

Bibliografia. Anexos.

Inclui tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Trajetórias . 2. classes populares. 3. capitais bourdianos. 4.
patrimônio disposicional. 5. êxito escolar. I. Oliveira, Dijaci David de ,
orient. II. Título.

CDU 316

**UFG**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS ATA DE

DEFESA DE TESE

Ata Nº **04** da sessão de Defesa de Tese de ANTONIA ALEKSANDRA BRAGA MENDES que confere o título de Doutora em **Sociologia**, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos trinta e um de maio de dois mil e vinte e um, a partir das quatorze horas na sala virtual (meet.google.com/dcmesyh-nuw), realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada: *BERÇO E DESTINO DE ESTUDANTES DE TAPERUABA - SOBRAL (CE): a luta para “ser alguém na vida”*. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Dijaci David de Oliveira (PPGS/ UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Tania Ludmila Dias Tosta (UFG), membra titular interno; Professora Doutora Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas (UFG), membra titular externo; Professor Doutor Jadir de Moraes Pessoa (UFG), membro titular externo; Professor Doutor Robson dos Santos (INEP), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido a candidata **aprovada** pela banca examinadora com sugestão de que faça a publicação. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Dijaci David de Oliveira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Dijaci David De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 15/07/2021, às 14:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tania Ludmila Dias Tosta, Professor do Magistério Superior**, em 15/07/2021, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jordão Horta Nunes, Vice-Coordenador de Pós-graduação**, em 15/07/2021, às 21:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jaqueline Pereira De Oliveira Vilasboas, Professora do Magistério Superior**, em 16/07/2021, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JADIR DE MORAIS PESSOA, Usuário Externo**, em 16/07/2021, às 19:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2212728** e o código CRC **CCBFFE00**.

*“Quem fala em igualdade de oportunidades esquece
que os jogos sociais não constituem jogos justos.”*

Pierre Bourdieu

*“É preciso uma aldeia inteira para educar uma
criança.”*

Provérbio africano

*Aos sujeitos desta
pesquisa e a todos(as) que desejem
desbravar uma trajetória
educacional estendida. Que se
resgarde e garanta o direito à
aprendizagem
por toda a vida.*

*A Luís Antônio e Kael, meus
sobrinhos, e a todas as crianças.
Que
nós possamos lhes oferecer um
mundo mais bonito.*

AGRADECIMENTOS

Minha caminhada até aqui foi compartilhada com muitas pessoas e instituições que me proporcionaram o apoio e as condições para a realização de todos os processos necessários. Agradeço e divido esta alegria com todos(as) os(as) envolvidos(as).

Começo pelos interlocutores da pesquisa, que são a motivação e protagonistas deste estudo. Esta tese é fruto da colaboração, confiança e generosidade destas pessoas que disponibilizaram seu tempo e nos concederam as narrativas de suas histórias de vida para serem depuradas e contribuírem para o exercício e desenvolvimento da pesquisa. Recebam este trabalho como uma oferta de gratidão e carinho.

À minha Mãe, Antônia, e ao meu Pai, Chico Bastos, gratidão por tudo. Vocês foram minha primeira escola com quem aprendi os ensinamentos mais incríveis que me prepararam para grandes desafios da vida: honestidade, coragem e solidariedade. Aos meus irmãos: Fábio, tão corajoso, disciplinado, determinado e sempre tão generoso, e Fágner, tão perspicaz, com quem tive o prazer de ser colega na minha segunda graduação nas Ciências Sociais e que me deu a honra de uma leitura prévia de parte deste trabalho.

Às minhas cunhadas, Priscilla e Jamile que vieram somar a nossa família e são portadoras dos dois tesouros: Luís Antônio e Kael que trouxeram alegria para nossas vidas. Esses dois bebês encheram nossos lares de amor.

Às minhas tantas amigas e tantos amigos, representados(as) aqui pela Lena, Ana Paula, Gabriela, Frank, Lívia, Ana Argentina e Jordana. Aprendi, com os anos, que família não está restrita a instância biológica, mas se faz no tecido do afeto. O amor e o companheirismo são a cola deste vínculo.

Em Goiânia, agradeço a amigos e colegas. Fui, inicialmente, acolhida por Jordana, e foram se somando: Pablo, Renato, Lorena, Regiane, Clícia, Hélida, Joelenia e Aline. Danilo e sua mãe, Sandra, um agradecimento especial pelo carinho e acolhimento cheio de sabores goianos que experimentei por tantos domingos na cozinha da roça do Santuário do Mutum, em Trindade (GO).

Ao Altino, a surpresa agradável de encontrar um taparuabense fazendo doutorado em Inteligência Artificial no Instituto de Informática/ UFG. Uma feliz coincidência. Poderia ter sido um dos interlocutores da minha pesquisa. Muita admiração por esta pessoa e uma alegria na aproximação que tivemos.

Agradeço demais por todos os aprendizados nestes quatro anos no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (PPGS/UFG). Às professoras e aos

professores, em especial àquelas e aqueles com quem tive o prazer de estudar e aprender: meu orientador Prof. Dr. Dijaci Oliveira, Revalino Freitas, Jordão Nunes, Cleito Santos, Flávio Sofiati, Telma Durães, e mesmo o contato mais fortuito com as professoras Eliane Gonçalves e Tânia Tosta.

Um agradecimento especial ao Prof. Jadir Moraes da Faculdade de Educação da UFG com quem fiz o curso inesquecível sobre Bourdieu. Minha gratidão aos colegas de turma composta por discentes de Mestrado e de Doutorado.

Ao meu orientador no Doutorado Sanduíche realizado em Portugal, professor Vítor Sérgio Ferreira, obrigada por me acolher no Laboratório de estudos e pesquisas LIFE, em seu Grupo de Investigadores no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL).

Agradeço pelas orientações individuais, assim como, as coletivas junto aos demais orientandos seus, em especial Alexandre Silva (amigo) e Emerson. Foi tudo muito enriquecedor, incluindo os almoços e cafés regados a boas discussões e conversas que se estendiam até a tarde.

Ao Prof. José Machado Pais que nos presenteou com participações tão especiais em nossos encontros no LIFE. Muito grata a todos pelos diálogos instrutivos, pelos livros presenteados e pelos artigos disponibilizados. Para além da academia, o Prof. Vítor foi de uma imensa generosidade que guardarei com carinho. Também agradeço aos amigos brasileiros que conheci nesta aventura lusitana: Janaína (maranhense incrível), Edi, Carlinha, Danielle, Nívia (cearenses doutorandos/as), Alexandre Guedes e sua esposa Tônia.

Faço aqui um agradecimento muito especial à Prof^a Isaurora Martins, minha orientadora na Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), por ter articulado minha ida para o estágio de doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa.

De igual modo, agradeço ao Prof. Nilson Almino que me deu apoio e suporte para arquivar meu material no Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME/UVA.

Ao colega Vicente que me deu suporte na pesquisa das fontes de alguns acervos.

Ao colega de trabalho José Marques, que conheço há pouco tempo, mas que já tem o meu respeito e admiração pela história de vida inspiradora. Um maranhense no Ceará que também poderia ser um interlocutor da minha pesquisa. Ele me presenteou na confecção dos gráficos desta pesquisa.

À Capes, um agradecimento especial. Meu reconhecimento à importância imprescindível à Pós-Graduação, ao desenvolvimento da Pesquisa Brasileira, e ao Saber

Científico, de uma forma geral – sobretudo, na área de Ciências Humanas –, agradeço a esta agência pelo financiamento da minha formação acadêmica e de tantos estudantes em todo o país. Gratidão à existência de todos (as) os(as) sonhadores(as) que sonham comigo a criação de uma nova realidade através da educação, da justiça e dos afetos.

RESUMO

Realizado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás, a problemática desta pesquisa doutoral que dá sustentação à tese teve por intuito conhecer histórias de vida em transformação através do êxito escolar. O trabalho consiste em compreender e colocar em evidência conjunturas e processos que desencadearam mudanças nas trajetórias de pessoas comuns. Os indivíduos pesquisados foram impactados de alguma forma em suas construções de vida, o que fez com que agarrassem ou cultivassem oportunidades e alcançassem destinos improváveis. Elegi para análise oito interlocutores taperuabenses oriundos das classes populares que ocupam desde cedo a dupla categoria de estudantes-trabalhadores, e vice-versa. Advindos de famílias com baixo poder aquisitivo, com baixa ou nenhuma escolaridade, foram estudantes de escola pública, conseguiram chegar ao ensino superior público, entre graduação e pós-graduação *stricto sensu*, extrapolando seus circunscritos campos de possibilidades, contrariando as recorrências de suas origens. Estas conquistas os colocam na condição de “vencedores” perante seus pares, porque escaparam das prenotadas trajetórias convencionais de seus antepassados e dos parâmetros comuns que limitam os indivíduos de sua classe. Utilizo como fundamentação teórica os conceitos de *capitais* (econômico, social, cultural e simbólico) de Bourdieu (2011a, 2011b) e uma leitura contemporânea de *habitus* trazida por Setton (2002). Os procedimentos e métodos utilizados para a obtenção dos dados se deu através de entrevistas individuais e aplicação de questionários semiabertos. A metodologia aplicada foi a análise das narrativas de como se deu as histórias de vida dos sujeitos dentro do contexto macro (políticas nacionais) e meso estrutural (políticas regionais), entrelaçadas as micro realidades particulares. Como resultado é possível afirmar tendo desenvolvido a pesquisa, que: as condições históricas e materiais podem favorecer o êxito escolar e social. Capital econômico e capital social são vantagens para alcançar sucesso, mas nem sempre são absolutos, há outros aspectos que podem interferir e desencadear outros resultados. As políticas públicas de acesso à escolarização (aspecto macro), iniciativas regionais e locais de incentivo e suporte educacional (aspecto meso) alinhadas ao apoio familiar e as múltiplas e complexas interferências que compõem hoje a socialização dos sujeitos para além de seus grupos de pertencimento, podem desencadear transformações na vida de indivíduos desfavorecidos sócio e economicamente. Há algumas possibilidades de perfurar e provocar fissuras no sistema social de restritos privilégios. Observei, também, uma característica de resistência nestes sujeitos estudados como um *modus operandi* para lidar com as adversidades. Em situações de escassez, a educação familiar voltada para a autonomia dos indivíduos proporciona uma importante habilidade: um “potencial de enfrentamento”. Alguns indivíduos parecem mais suscetíveis a abraçar as parcas e concorridas oportunidades para qualificação escolar e profissional.

Palavras-chave: Trajetórias; classes populares; capitais bourdianos; patrimônio disposicional; êxito escolar.

ABSTRACT

The problem of this doctoral research that supports the thesis was intended to know life stories in transformation through school success. The work consists in understanding and highlighting situations and processes that triggered changes in the trajectories of ordinary people. The individuals surveyed were impacted in their life constructions, which made them seize or cultivate opportunities and reach unlikely destinations. I elected for analysis eight interlocutors from the popular classes of Taperuaba, who occupy the double category of student and workers since an early age. Coming from families with low purchasing power, with little or no schooling, they were students from public schools, they managed to reach public higher education, between undergraduate and graduate studies, extrapolating their circumscribed fields of possibilities, contradicting the recurrences of their origins. These achievements put them in the condition of "winners" before their peers. They escaped the conventional trajectories of their ancestors and the common parameters that limit the individuals of their class. I use Bourdieu's concepts of capital (economic, social, cultural and symbolic) and a contemporary reading of habitus brought by Setton (2002). The procedures and methods used to obtain the data took place through individual interviews and application of semi-open questionnaires. The applied methodology was the analysis of the narratives of how the subjects' life histories took place within the macro (national policies) and meso structural (regional policies) context, intertwined with the particular micro realities. As a result, it is possible to affirm having developed the research, that: the historical and material conditions can favor the school and social success. Economic capital and social capital are advantages to achieve success, but they are not always absolute, there are other aspects that can interfere and trigger other results. Public policies for access to schooling (macro aspect), regional and local educational incentive and support initiatives (meso aspect) aligned with family support and the multiple and complex interferences that make up today the socialization of subjects beyond their groups of belonging, they can trigger transformations in the lives of socio-economically disadvantaged individuals. There are some possibilities of drilling and causing cracks in the social system of restricted privileges. I also observed a characteristic of resistance in these subjects as a *modus operandi* to deal with adversity. In situations of scarcity, family education aimed at the autonomy of individuals provides an important skill: a "coping potential". Some individuals seem more susceptible to embrace the scarce and competitive opportunities for school and professional qualification.

Keywords: Trajectories; popular classes; Bourdieu's capitals; dispositional heritage; school success.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

TABELA 1 - POPULAÇÃO ABSOLUTA DE TAPERUABA – 1970, 1980, 1990 E 2000.....	54
TABELA 2 CRESCIMENTO DE MATRÍCULAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR.....	114

FIGURAS

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.....	49
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SOBRAL NO MAPA DO CEARÁ....	49
FIGURA 3 - MAPA DO MUNICÍPIO DE SOBRAL E SEUS RESPECTIVOS DISTRITOS	50
FIGURA 4 - PRIMEIRA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO CARMO.....	52
FIGURA 5 IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO ATUALMENTE.....	52
FIGURA 6 MONÓLITO CHAMADO DE “PEDRA DA ANDORINHA”, SÍMBOLO DE TAPERUABA.....	52
FIGURA 7 - CENTRO COMERCIAL COM IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO DE COSTAS, AO CENTRO.....	52
FIGURA 8 - CASA PAROQUIAL – PRIMEIRO LOCAL DA ESCOLA CESÁRIO BARRETO	55
FIGURA 9 - SEDE PRÓPRIA DA ESCOLA CESÁRIO BARRETO	55
FIGURA 10 - ESCOLA REFORMADA E COM QUADRA COBERTA	56
FIGURA 11 - ESTUDANTES EM AULAS REGULARES E EM CURSO PRÉ-VESTIBULAR	66
FIGURA 12 - VISTA AÉREA PARCIAL DA SEDE DE SOBRAL E RIO ACARAÚ QUE CORTA A CIDADE	68
FIGURA 13: RIO ACARAÚ.....	74
FIGURA 14 – SEQUÊNCIA DE IMAGENS DA MARGEM DIREITA DO RIO ACARAÚ URBANIZADA	75
FIGURA 15 - PRAINHA DO RIO ACARAÚ	76
FIGURA 16 BARQUEIRO FAZ A TRAVESSIA LIGANDO AS DUAS MARGENS DO RIO.....	76

FIGURA 17 - NA PRIMEIRA IMAGEM, QUADRILHA E A EVOCAÇÃO DOS SANTOS POPULARES: PADRE CÍCERO E FREI DAMIÃO. NA SEGUNDA, O CASAMENTO NA ROÇA	77
FIGURA 18 - NAS DUAS IMAGENS, REFERÊNCIAS AO "PAU DE SANTO ANTÔNIO", NO QUAL AS MULHERES DEVEM TOCAR PARA CONSEGUIR ENCONTRAR UM MARIDO.....	77
FIGURA 19 - NESTAS DUAS IMAGENS, A HISTÓRIA SENDO CONTADA: A MORTE NOS CAMPOS DE REFUGIADOS DURANTE A SECA DE 1915 NO NORDESTE.....	78
FIGURA 20 - IMAGENS AÉREAS DA MARGEM ESQUERDA DO RIO ACARAÚ PELAS DUAS PERSPECTIVAS DE ENTRADA DA CIDADE	78
FIGURA 21 - CATEDRAL DA SÉ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.....	79
FIGURA 22 - BIBLIOTECA MUNICIPAL LUSTOSA DA COSTA.....	79
FIGURA 23 – ECCOA.....	79
FIGURA 24 – MUSEU MADI.....	79
FIGURA 25 - ARCO DO TRIUNFO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VISTO NA PERSPECTIVA DO BOULEVARD.....	80
FIGURA 26 - BLOCO DOS SUJOS DURANTE O PRÉ-CARNAVAL: VISTA AÉREA E RAPAZES VESTIDOS DE MULHERES	81
FIGURA 27 - TRIO ELÉTRICO COM PERSONAGENS DA FESTA. NA SEGUNDA IMAGEM, PESSOAS FANTASIADAS COMO TIPOS REGIONAIS.....	82
FIGURA 28 - AS FANTASIAS USADAS NO BLOCO DOS SUJOS SURGEM, TAMBÉM, COMO DEMARCADORAS DE DISTINÇÃO DE CLASSE SOCIAL. AS CLASSES MAIS ABASTADAS COSTUMAM SE PRODUZIR COM VESTIMENTAS MAIS CARAS.....	82
FIGURA 29 - TEATRO SÃO JOÃO	86
FIGURA 30 - EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA ESPAÇO RAIMUNDO CELA.....	86
FIGURA 31 - CASA DE CULTURA	86
FIGURA 32 - MUSEU DOM JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA.....	86
FIGURA 33 - COLÉGIO SANT'ANA.....	86
FIGURA 34 - MUSEU DO ECLIPSE COM PLANETÁRIO, E IGREJA DO PATROCÍNIO AO FUNDO.....	86
FIGURA 35 - FACHADA DO PALÁCIO DE CIÊNCIAS E LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DE SOBRAL, LOCALIZADO EM FRENTE A PRAÇA DE CUBA.....	87
FIGURA 36 - PRAÇA DA COLUNA DA HORA, COM O RELÓGIO AO CENTRO.....	89

FIGURA 37 - VISTA DE UMA DAS EXTREMIDADES DO BECO DO COTOVELO, COM SUAS ESTRUTURAS SUSPENSAS EM FORMA DE "GUARDA-SOL".....	89
FIGURA 38 - IGREJA DO ROSÁRIO DE 1767.....	90
FIGURA 39 - ALTAR DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.....	90
FIGURA 40 - IGREJA MENINO DEUS, ERGUIDA EM 1810.....	91
FIGURA 41 - IGREJA DAS DORES, ERIGIDA EM 1818.....	91
FIGURA 42 - IGREJA DO PATROCÍNIO, CONSTRUÍDA ENTRE 1885 A 1900.....	91
FIGURA 43 - IGREJA SÃO FRANCISCO, DE 1945.....	91
FIGURA 44 - FACHADA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ.....	97
FIGURA 45 - FACHADA DO PRÉDIO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), EM SOBRAL.....	99
FIGURA 46 - PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO PELOS DISCENTES DE MEDICINA.....	100
FIGURA 47 - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ (IFCE), EM SOBRAL. O CAMPUS É COMPARTILHADO COM A UVA.....	102

QUADROS

QUADRO 1 - OS SUJEITOS DA PESQUISA DENTRO DO CONHECIMENTO PRAXIOLÓGICO BOURDIEUSIAN.....	39
QUADRO 2 ESQUEMA SISTÊMICO DE HIPÓTESES	43
QUADRO 3 - PASSOS DE EXPLORAÇÃO DA PESQUISA	47
QUADRO 4 - LOCAIS DE NASCIMENTO E CIDADES ONDE RESIDIRAM ATÉ O MOMENTO	50
QUADRO 5 - ACESSO A BOLSAS DE ESTUDO DE DEMANDA SOCIAL	117
QUADRO 6 - PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	330
QUADRO 7 - FILIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR.....	332
QUADRO 8 - MUNDO DO TRABALHO	337
QUADRO 9 - PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS	343
QUADRO 10 - RELAÇÃO COM A ESCOLA E A PRÁTICA DE ESTUDOS	347
QUADRO 11 - TRAJETÓRIA ESCOLAR	350
QUADRO 12 - CURSOS DE LÍNGUAS E CURSOS EXTRACURRICULARES	353
QUADRO 13 - FORMAÇÃO ACADÊMICA	356

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - ANOS INICIAIS DO IDEB. SÉRIE HISTÓRIA DO BRASIL, CEARÁ E SOBRAL	61
GRÁFICO 2 AUMENTO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	113
GRÁFICO 3 CRESCIMENTO DAS MATRÍCULAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	114
GRAFICO 4 CRESCIMENTO DA OFERTA DE MESTRADOS E DOUTORADOS	115
GRÁFICO 5 OFERTA DE BOLSAS PARA PÓS-GRADUAÇÃO <i>STRICTO SENSO</i>	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO 1. OS PROTAGONISTAS DA PESQUISA, JUSTIFICATIVA E ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS	27
1.1 <i>Habitus</i> e campo acadêmico.....	35
1.2 Hipótese geral da pesquisa.....	41
1.3 Trilha de investigação: roteiro da pesquisa	47
CAPÍTULO 2 CONTEXTUALIZANDO O <i>LOCUS</i> - TAPERUABA/SOBRAL (CE) E AS POLÍTICAS PÚBLICAS REGIONAIS E NACIONAIS	49
2.1 O distrito de Taparuaba.....	50
2.2 A Escola Cesário Barreto Lima (CBL) e as políticas estaduais de educação.....	54
2.3 A nova história da CBL	57
2.4 SPAECE e PAIC.....	58
2.5 Ligação dos taperuabenses com Sobral	67
2.6 Sobral: A “Princesinha do Norte” torna-se cidade universitária – a primeira experiência acadêmica dos interlocutores da pesquisa	68
2.7 A condição universitária de Sobral 892.7.1 Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).....	95
2.7.1 Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).....	96
2.7.2 Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Sobral.....	99
2.7.3 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)	101
2.8 Efeitos e reflexos urbanos e sociais no polo universitário	104
2.9 No nível macro - políticas educacionais nacionais inauguram um outro ensino superior no Brasil	112
CAPÍTULO 3. DESENHOS NARRATIVOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDANTES TAPERUABENSES E A LUTA PARA “SER ALGUÉM” NA VIDA	119
3.1 Os rapazes	119
3.1.1 João: Desenho narrativo sociológico	120
3.1.1.1 A origem da família e a infância ao lado de seu herói encourado: seu pai..	120
3.1.1.2 Trajetória escolar: a peleja da família para garantir escola, professores e colegas motivadores <i>versus</i> a convivência com o <i>bullying</i>	122
3.1.1.3 ENA e a entrada para a Universidade	124
3.1.1.4 Mundo do trabalho permeado de incertezas	126

3.1.1.5 O Mestrado e as novas descobertas no mundo	128
3.1.1.6 Adquiriu o primeiro livro no mestrado e foi aos eventos acadêmicos que lhe permitiu conhecer outros lugares	129
3.1.1.7 Principais agentes no envolvimento escolar - professores, o primo Lavoisier e a família	132
3.1.1.8 A que atribui suas conquistas	133
3.1.1.9 Timidez e insegurança a serem enfrentadas e as mudanças na personalidade.....	134
3.1.1.10 Apoios e referências de vida e virtudes que valoriza	137
3.1.1.11 Descrevendo seu berço e como enxerga seu destino	137
3.1.1.12 Quem inspira seus sonhos e seus planos para o futuro - O doutorado.....	138
3.1.1.13 A luta permanente contra a insegurança e o tão desejado doutorado.....	139
3.1.1.14 O que aconteceu ao longo dessas experiências	141
3.1.2 Lavoisier: Desenho narrativo sociológico.....	143
3.1.2.1 História da família e infância– conflitos e acolhimentos	143
3.1.2.2 Histórico escolar: as reviravoltas e superações	146
3.1.2.3 Um hiato na trajetória escolar - o universo infantil permeado pelo trabalho.....	149
3.1.2.4 Retomando a trajetória escolar	150
3.1.2.5 Sua primeira experiência no magistério - trabalho e estudo de mãos dadas.....	159
3.1.2.6 A escola – as impressões e marcas, e a pretensão a docência.....	159
3.1.2.7 Maiores dificuldades e o despertar para se inserir na vida acadêmica.....	160
3.1.2.8 Como migrou do complexo de inferioridade para o excesso de autoconfiança.....	162
3.1.2.9 Estratégia de Lavoisier para alcançar seus objetivos - empenho e oportunidades.....	164
3.1.2.10 As maiores motivações que impulsionaram o jovem.....	168
3.1.2.11 Desafios e agentes motivadores - Iniciação Científica do CNPq	169
3.1.2.12 As mulheres que lhe deram suporte	171
3.1.2.13 Taparuaba – Sobral – Fortaleza: as andanças, a escassez e as superações.....	171
3.1.2.14 Referências e inspirações de vida	173
3.1.2.15 Como descreve seu berço e como enxerga seu destino	175

3.1.2.15 Lavoisier por ele mesmo	175
3.1.3 Raimundo: Desenho narrativo sociológico	176
3.1.3.1 A origem familiar – grande, interiorana e muita unida	176
3.1.3.2 Trajetória escolar permeada de obstáculos	176
3.1.3.3 Fatos marcantes da sua vida – superações escolares	178
3.1.3.4 Apesar dos pesares... a escola representou a porta de entrada para outros espaços	179
3.1.3.5 Mundo do trabalho e a labuta de cada dia	180
3.1.3.6 Os maiores desafios para chegar ao ensino superior – o tempo e os meios para estudar	185
3.1.3.7 Como confluíram os caminhos para universidade	187
3.1.3.8 Inserção nos novos espaços e as experiências que agregou na caminhada.....	188
3.1.3.9 Sobre as referências de vida e as conquistas alcançadas	190
3.1.3.10 Seu berço originário e seu destino/ projetos futuros vislumbrados	192
3.1.3.11 Raimundo por ele mesmo	193
3.1.4 Assis: Desenho narrativo sociológico	194
3.1.4.1 A história da família: origem e reviravoltas	195
3.1.4.2 Trajetória escolar: empenho e ousadia	197
3.1.4.3 As marcas paradoxais da escola em sua vida	200
3.1.4.4 Inconformismo com a disparidade de condições entre a rede pública e a rede privada de ensino	201
3.1.4.5 Inserção no ensino superior: dificuldades, métodos de estudo e Enem	202
3.1.4.6 Referências e agentes participantes das suas empreitadas	205
3.1.4.7 Mundo do trabalho: realização, dilemas, paixão e esperanças	206
3.1.4.8 “Sobral me fez pensar fora caixa”: o lugar de identificação e compromisso social	209
3.1.4.9 Momentos de virada na vida: jovem embaixador, universitário, professor e ativista.....	211
3.1.4.10 Compartilhar o desejo de aprender no engajamento social	212
3.1.4.11 <i>Hacia democracy</i> e a participação dos sobralenses	214
3.1.4.12 Berço e destino do jovem inquieto – sonhos e aspirações futuras	216
3.1.4.13 Assis por ele mesmo	217
3.2. As moças	219

3.2.1 Joana: desenho biográfico sociológico	219
3.2.1.1 Espírito taperuabense tardio, mas não menos enraizado do que os que nasceram nesta terra	219
3.2.1.2 Família - a primeira “escola de vida” e as chaves da aprendizagem antes da trajetória escolar	219
3.2.1.3 Histórico escolar e o constante desejo de estudar	223
3.2.1.4 A chegada a Taperuaba	224
3.2.1.5 Trabalho precoce e entrelaçamento entre bordado, universidade e magistério.....	230
3.2.1.6 Suas motivações, o desejo de aprender e a chegada da filha	232
3.2.1.7 A universidade: “a gente sonhava como se fosse passear na Disney”.....	234
3.2.1.8 Universidade e a descoberta do magistério como um trabalho de grande realização.....	236
3.2.1.9 Joana é partícipe da criação da cultura de prosseguimento a universidade em Taperuaba	240
3.2.1.10 Estudante permanente – Joana entra para o curso de Direito na UVA	242
3.2.1.11 Estudante permanente – Direito e mestrado em Geografia	244
3.2.1.12 O berço e destino de uma sonhadora valente	245
3.2.2 Frida: desenho biográfico sociológico.....	247
3.2.2.1 De Taperuaba a João Monlevade (MG) - as andanças da família e a infância.....	247
3.2.2.2 A vida em João Monlevade e fatos marcantes na vida – a crise que abateu a família	248
3.2.2.3 Iniciação e trajetória escolar	251
3.2.2.4 Escola e trabalho começaram a se emaranhar	252
3.2.2.5 Ingresso na Universidade e a conciliação com os trabalhos – bordado e magistério	253
3.2.2.6 As maiores dificuldades para ingressar e permanecer no ensino superior.....	259
3.2.2.7 As maiores motivações – o planejado e o imprevisto	260
3.2.2.8 Estratégias e planos	261
3.2.2.9 Quem é a Frida	265
3.2.2.10 Berço e destino	270
3.2.3 Maria: desenho biográfico sociológico	271

3.2.3.1 A família serrana/sertaneja de muito trabalho e casa festiva	271
3.2.3.2 Percurso escolar e sua relação de engajamento com a instituição	273
3.2.3.3 Mundo do trabalho: o bordado, o magistério e a pesquisa	274
3.2.3.4 O nascimento da ideia de universidade na história de Maria	278
3.2.3.5 As motivações, sentimentos e ideias que permeavam seus planos	284
3.2.3.6 A que atribui suas conquistas	287
3.2.3.7 O acúmulo de experiências ao longo de sua história.....	288
3.2.3.8 A reação da família às mudanças da nova Maria	289
3.2.3.9 Seu berço e como vislumbra seu destino	292
3.2.3.10 Maria por ela mesma	293
3.2.4 Nair – Desenho narrativo sociológico	293
3.2.4.1 Infância de andarilha e as muitas escolas percorridas	293
3.2.4.2 Mundo do trabalho já na infância	296
3.2.4.3 A ideia de prosseguir para o ensino superior e a experiência no vestibular.....	297
3.2.4.4 Universidade: possibilidades - estudo e trabalho – dois complementos para sua formação	301
3.2.4.5 Estratégias e dificuldades para inserção no ensino superior	302
3.2.4.6 Mestrado e doutorado – novos rumos despontam	306
3.2.4.7 Nair por ela mesmo	309
3.2.4.8 O seu berço e o destino de Nair	311
 CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DESENHOS NARRATIVOS SOCIOLÓGICOS DOS SUJEITOS E DA AQUISIÇÃO DE SEUS CAPITAIS	314
4. 1. Pontos comuns das histórias de vida dos sujeitos	314
4.2. Uma leitura bourdieusiana da aquisição de capitais dos sujeitos da pesquisa	327
4.3 Conhecendo os capitais bourdieusianos dos sujeitos da pesquisa	328
4.3.1 Capital econômico	328
4.3.2. Capital social: a história social dos sujeitos a partir de suas origens sociais e familiares	332
4.3.3. Capital simbólico	335
4.3.4 Capital cultural e seus tipos	340
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	359

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	369
ANEXOS	375
Anexo I – Roteiro de entrevista	375
Anexo II – Questionário	377

INTRODUÇÃO

A problemática desta pesquisa doutoral que dá sustentação à tese teve por intuito conhecer histórias de vidas em transformação através do êxito escolar. O trabalho consiste em compreender e colocar em evidência, para reflexão e discussão, conjunturas e processos que desencadearam mudanças nas trajetórias de pessoas, a priori, indistintas ou que não apresentam, exatamente, habilidades excepcionais. Estes indivíduos pesquisados foram impactados de alguma forma em suas construções de vida, o que fez com que agarrassem ou cultivassem oportunidades e alçassem destinos improváveis.

Para esta pesquisa, trabalhei com oito interlocutores taperuabenses¹ que apresentam algumas especificidades em comum. Todos (as) ocupam, desde cedo, a dupla categoria de estudantes-trabalhadores e vice-versa. Todos (as) advêm de famílias com baixo poder aquisitivo, com baixa ou nenhuma escolaridade, foram estudantes de escola pública, conseguiram chegar ao ensino superior público, graduação e pós-graduação *stricto sensu*, extrapolando seus circunscritos campos de possibilidades², contrariando as recorrências de suas origens. Estas conquistas os (as) colocam na condição de “vencedores (as)” perante seus pares porque escaparam das prenotadas trajetórias convencionais de seus antepassados e dos parâmetros comuns que limitam os indivíduos de sua classe.

Preliminarmente, a premissa da pesquisa é guiada pela perspectiva da complexa constituição dos indivíduos. Assim, não atribuo qualidades especiais aos sujeitos pesquisados, como fundamenta a teoria dos dons e talentos naturais. A crença de que os mais inteligentes e esforçados alcançam êxito escolar e profissional, por exemplo, desconsiderando as desigualdades socioeconômicas que compromete o acesso a equidade de oportunidades é a estratégia e a justificativa para a reprodução de privilégios e o aumento do fosso social de que se valem a tese liberal e a lógica meritocrática. Procuro compreender quais condições os meios histórico e social possibilitaram a formação desses indivíduos, que desencadearam uma postura proativa ou disposicional frente às adversidades que assolam a maioria da população empobrecida e excluída das chances de maior transição social.

¹ O distrito de Taperuaba fica no município de Sobral, no Ceará, região Nordeste do país. O distrito está situado a, aproximadamente, 160km de Fortaleza, capital do estado.

² Campo de possibilidades se refere ao cenário possível e moldável em que se está inserido (VELHO, 1997).

A temática da pesquisa não é inédita e me alegro por não estar sozinha. Não quero ser a única ou rara portadora dessa novidade: as classes populares conquistando espaços de direito nas instituições educacionais em todos os níveis, em diferentes campos de trabalho e alcançando melhores condições sociais e de vida. Se mais pesquisadores (as) estão trazendo à tona essas investigações, significa que esta é uma realidade que está tomando “corpo” e extensão na sociedade. No entanto, há que se registrar a peculiaridade da pesquisa ao considerar que, na pequena comunidade interiorana taperuabense, longínqua dos grandes centros urbanos, histórias de superação por meio do êxito escolar passam a ser uma recorrência crescente. Mais e mais filhos de Taperuaba, apesar de todas as escassezes e dificuldades de acesso, miram em alvos educacionais e profissionais mais diversificados³ e com maior qualificação⁴.

No capítulo 1, exponho a justificativa da pesquisa e apresento o recorte da problemática estudada, as questões formuladas, a metodologia com as respectivas técnicas para investigação e análise aplicada. Aponto as hipóteses iniciais geradoras que instigaram a pesquisa e os processos que percorri, experimentei e confrontei. Também faço uma breve apresentação dos interlocutores pesquisados para oferecer uma compreensão, em linhas gerais, da escolha do tema e dos (as) protagonistas do trabalho. Considerarei importante formar um grupo de quatro sujeitos do sexo feminino e outro grupo de quatro pessoas do sexo masculino. O intuito é observar, comparativamente, como o aspecto dos papéis sociais – que convencionalmente cabem a cada sexo – interferem na condução dos cursos de vida dentro dos percursos mais tradicionais (escola, trabalho, matrimônio, família, por exemplo). Ao longo de todo o texto, apresento os meandros dos contextos estruturais em que estes indivíduos estão inseridos e, como o desfiar das trajetórias de vida requer mais espaço para as narrativas e discussões, reservo esta detalhada tarefa para desenvolver com mais empenho a partir do capítulo 3, quando o leitor já está situado no tempo e no espaço para compreender a problemática levantada na tese.

No capítulo 2 apresento ao leitor a localização geográfica e o panorama local e regional de onde surgiram os (as) interlocutores (as) da pesquisa. Situo o distrito de Taperuaba, no município de Sobral, como o recanto familiar e o espaço onde muitas definições de rumos foram inicialmente tomadas. “Berço” aqui, não tem sentido literal, porque o literal é muito restrito. O berço não é apenas um local de nascimento, como a terra natal. É, especialmente, o nascedouro

³ Ainda com a predominância da formação para o magistério (o que não significa demérito, ao contrário, precisamos de bons educadores), hoje já se verifica que há outras áreas de interesse na formação e atuação entre os sujeitos daquela comunidade.

⁴ Ressalto que o termo “qualificação” tem sentido de investimento de tempo, energia, altas expectativas, reforço de aptidões e dedicação em aprimoramento para alcançar formação escolar e profissional.

significativo (relevante e imbuído de valor) para dar sentido ao indivíduo sobre suas experiências, a constituição de sua pessoa, as suas escolhas, a compreensão de mundo e o que vai te fazendo sujeito da sua própria história. Neste caso, esse berço não foi propriamente um local de deleite: foi um espaço, por vezes de aconchego, mas entremeado de amargas adversidades e de preparação para a fortaleza que precisariam ter na jornada que trilharam.

O município sobralense, por sua vez, vem tornando-se cidade universitária desde meados de 2000. Assim, Sobral e Taparuaba complementam-se nas experiências de vida dos estudantes daquela região. Como muitas cidades brasileiras em crescimento, Sobral seduz, convida, mas, ao mesmo tempo, demarca os limites de alguns espaços para os que não têm determinados capitais⁵, dentre eles, o poder econômico. Isso pode ser verificado no cinturão periférico que envolve a cidade, marcado pelas desigualdades sociais. No entanto, o mundo acadêmico ali disponibilizado é ponto central na vida dos indivíduos pesquisados. Por isso, percebi, em suas falas, a relevância que a cidade teve através das instituições e equipamentos diversos de formação educacional e cultural, dando contribuições à constituição deles. Sobral também é protagonista na história desses indivíduos.

No capítulo 3, tomo emprestado como referência os “Retratos sociológicos” de Lahire (2004) e elaboro os “Desenhos narrativos sociológicos” dos interlocutores pesquisados. A partir dos relatos biográficos, procurei compreender sociologicamente as trajetórias de vida, a composição de suas experiências e as especificidades da formação de cada um deles. No capítulo 4, elejo os pontos comuns que atravessaram as trajetórias dos sujeitos pesquisados, tomando o panorama das aproximações do histórico escolar, das experiências iniciais no mundo do trabalho, e os elementos das instâncias macro e meso que propiciaram alguns caminhos para que eles percorressem até o presente momento. À luz de Bourdieu (2011, 2011b), em seus conceitos e esquemas, analiso que *capitais* foram possíveis de serem acessados pelos indivíduos pesquisados ao longo de suas trajetórias para combaterem as escassezes de suas origens e para criarem rupturas em suas realidades.

A metodologia aplicada foi a análise das narrativas e de como se deu as histórias de vida dos sujeitos dentro do contexto macro (políticas públicas nacionais) e meso estrutural (políticas públicas regionais), entrelaçadas às micro realidades particulares. O presente trabalho constitui um estudo de caso. Como uma pesquisa qualitativa, está fundamentada numa “perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos

⁵ Trataremos dos capitais bourdieusianos: econômico, social, cultural e simbólico, no capítulo 3.

sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados” (ANDRÉ, 2013).

Peres e Santos (2005) salientam três elementos basilares que se fazem pertinentes o uso do estudo de caso qualitativo: a) o conhecimento está em constante processo de construção; b) o caso envolve uma variedade de dimensões; e c) a realidade pode ser apreciada e compreendida sob diversas óticas.

As histórias de vida representam minha “carta de navegação” inicial. Mas, acredito que a realidade social é uma grande teia de interações. Assim, para compreender como o indivíduo singular é, faz-se necessário, inevitavelmente, conhecer como os fenômenos histórico-sociais das macroestruturas lhe atravessam e lhe afetam, como nos diz Marx (2006, p.15):

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstância de sua livre escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime o cérebro dos vivos como um pesadelo. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens [e as mulheres] conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra [pensamentos e palavras de encorajamento compartilhados entre os seus] as roupagens [simbólicas armaduras de resistência], a fim de apresentar nessa linguagem emprestada, a nova cena da história universal. (os acréscimos em colchete são grifos meus adaptados a leitura que faço dos relatos e da postura dos sujeitos pesquisados).

Sim, a formação social, política e econômica que fundou a nossa história brasileira é constituída por uma exclusão estrutural da maior parte do nosso povo. Os sujeitos pesquisados foram marcados pela carência material e de oportunidades legadas de seus antepassados e vivenciadas, também, pelos seus genitores. Os (as) interlocutores (as) da pesquisa, em seus relatos, não se colocam acima de seus precursores familiares. Ao contrário, lhes atribuem a força e a coragem que possuem como herança valiosa e bebem desta energia e honradez como elementos inspiradores para as conquistas que alcançaram. Foi nesta perspectiva que achei pertinente citar Marx (2006, p.15) e a intrínseca ligação entre as gerações e a construção da história reafirmada pelos sujeitos.

O contexto supracitado foi o ponto de partida de seus cursos de vida. Entretanto, movimentos afirmativos e políticas públicas progressistas mexeram na estrutura e provocaram outros fluxos sociais. Foi neste movimento de contra fluxo que os sujeitos pesquisados se ergueram e desconstruíram os caminhos tradicionalmente reservados aos indivíduos de sua classe e criaram novos mapas e trilhas em suas existências.

Assim, costuro os dados coletados no campo a uma revisão bibliográfica compondo e redigindo, com tratamento cuidadoso, que cruzamentos sócio históricos influenciaram e dispararam transformações nas histórias de vida de pessoas comuns. Concomitantemente, é possível observar como essas pessoas pesquisadas fizeram micro revoluções pacíficas pelo letramento e pela apropriação do conhecimento reescrevendo “a nova cena da história universal” (MARX, 2015, p.15). Afinal, o local também é global.

CAPÍTULO 1. OS PROTAGONISTAS DA PESQUISA, JUSTIFICATIVA E ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS

Os sujeitos aqui pesquisados recebem destaque especial, diante de tantos outros taperuabense, por terem apresentado uma habilidade para lidar com as adversidades e por conseguirem realizar aspirações de vida que se apresentavam um tanto distantes de suas realidades. Há muitas outras histórias também dignas de registro, de pessoas que enfrentaram o difícil cotidiano com seus poucos recursos. Entretanto, a presente pesquisa tem por objetivo discutir a superação pela via escolar.

Procurei reunir, para estudar, um grupo de indivíduos que conseguiram romper as fronteiras que encurralaram as gerações anteriores, como seus pais, familiares e conterrâneos, privados de estudos e de outras formas de desenvolvimento profissional e realização pessoal e social. Há muitas histórias de pessoas que procuraram a ascensão através do trabalho e conseguiram alguma inclusão social pelo aumento do consumo e aquisição de bens duráveis. No caso dos interlocutores da pesquisa, além da dedicação ao trabalho, por necessidade e por um senso de “dever moral”⁶, eles também resolveram apostar na educação como investimento supremo em suas existências. Lançaram-se às pejeiras diárias com propósitos estudantis e profissionais inéditos para sua condição familiar e de classe. Para isso, fez-se necessário acionar e reforçar suas bagagens escolares e de vida para se inserirem nos novos espaços de socialização, formação e sobrevivência como, por exemplo, a universidade e os novos postos de trabalho.

A seguir, faço uma breve apresentação dos pesquisados com informações mais acadêmicas, e os outros aspectos mais pessoais e familiares aparecerão ao longo do texto para uma compreensão mais aprofundada do processo de constituição destes sujeitos. No intuito de preservá-los, optei por usar nomes fictícios, segundo a escolha que eles próprios fizeram. O grupo estudado é composto por:

Joana tem 43 anos, é graduada em História (2001), com duas especializações *lato sensu* em Teoria e metodologia em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) (2009); Gestão Escolar/Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF (2012), e mestra em Geografia (2019) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Em 2015, ingressou como graduada no curso de Direito, fazendo algumas poucas disciplinas quando estava no mestrado, mas, ainda em 2019, ela retomou a este curso, pela mesma Universidade, onde

⁶ Tratarei no capítulo 3 com mais ênfase sobre a relação que estes sujeitos dizem ter com a dimensão do trabalho.

encontra-se nos últimos períodos. Leciona no ensino básico desde 1998. Esteve nos últimos 8 anos como coordenadora pedagógica e é professora efetiva, desde 2003, na rede estadual na Escola Cesário Barreto Lima, em Taparuaba, local onde reside atualmente. Joana não recebeu bolsa de estudos, mas conseguiu a licença remunerada para fazer o mestrado (2017 e 2018). No ano seguinte, retornou como professora de História no ensino médio. Ela é mãe de dois filhos, uma jovem de 23 anos, formada em Direito; e um adolescente de 16 anos, estudante no 3º ano do ensino médio.

Frida tem 33 anos, é graduada em Filosofia (2010) pela UVA, tem especialização lato sensu em Metodologia do Ensino de Filosofia/Faculdade Evolução - 2014, é mestra (2015) em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE - campus Fortaleza), tendo recebido bolsa de estudos da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP, e está concluindo uma graduação em Pedagogia (à distância – 2019 a 2020). Por questões familiares seu projeto de doutoramento foi provisoriamente adiado. Lecionou no ensino básico e foi articuladora de Projetos do Programa Jornada Ampliada⁷ como Agente de Leitura (2009 a 2012), e lecionou Filosofia no Ensino Médio (2009; 2017). Lecionou no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – Parfor⁸ (2016-2017), e leciona também em faculdades particulares em vários municípios circunvizinhos a Sobral. Também foi professora substituta no curso de Filosofia na Universidade onde se graduou (2017 a início de 2020). Atualmente, reside em Taparuaba, trabalha como técnica em educação na rede estadual e é mãe de um menino de quase 2 anos.

Maria tem 31 anos, é graduada em Ciência Sociais (2015) pela UVA, quando foi bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - Pibid⁹ (2014-2015). Entre

⁷ O Agente de Leitura é um educador que se dedica ao incentivo à leitura – tanto na escola como na instância domiciliar com as famílias -, é contador de histórias, organiza o rodízio de empréstimo de livros para que os estudantes levam para casa, e articula momentos literários e artísticos que também envolva a comunidade escolar. Ele é central no Programa Jornada Ampliada em Sobral. Este Projeto foi resultado de uma parceria de adesão ao Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, [que] constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

⁸ Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – Parfor, na modalidade presencial é um Programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009 e implantado em regime de colaboração entre a Capes, os estados, municípios o Distrito Federal e as Instituições de Educação Superior – IES. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>.

⁹ Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, criado em 18 de julho de 2013, [...] oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais [...].

2010 e 2013 foi professora de Artes no Ensino Fundamental e, em 2014, lecionou Sociologia no Ensino Médio. É mestra em Antropologia Social (2017) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Em 2018, foi aprovada, ao mesmo tempo, em 2º e 3º lugares, respectivamente, para o doutorado na mesma área pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ela optou pela UFRN. Por questões particulares e de logística, Maria perdeu o prazo para entrega de documentação para receber a bolsa de estudos e ficou o primeiro ano sem esse recurso, só conseguindo receber esse apoio financeiro no segundo ano do doutorado. Foram muitas mudanças de vida: mudou-se de Taparuaba para Recife (onde fazia o Mestrado até 2017), e de lá para Natal, lá residindo até 2019. No momento, mora em Taparuaba, dedicando-se à pesquisa de doutorado.

Nair tem 30 anos, é graduada em Educação Física (2013) pela UVA, tem duas especializações *lato sensu* em Saúde da Família/ Uninta; e Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia (EFSFVS), esta última com bolsa PET-Saúde¹⁰ (2014). É mestra em Saúde Coletiva (2018) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo recebido bolsa CAPES. Em 2019, iniciou o doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com previsão de término para o início de 2023. Até recebeu a oferta de bolsa CAPES pela colocação de segundo lugar na seleção, mas, abriu mão da bolsa por estar como professora substituta na UECE até janeiro de 2021, considerando que o salário era superior à bolsa. Embora pretenda e deseje muito trabalhar, sobretudo, considerando que é mãe de uma menina de 7 meses, caso não consiga, vai pleitear uma bolsa. Ela também teve a experiência, iniciando 2018, como docente na Escola de Saúde da Família de Sobral (vinculada à UFC). Em seguida, assumiu o concurso como professora substituta no curso de Educação Física da UECE – campus Fortaleza, tendo que residir na capital. Nair já atuava, à época, como professora tutora em EAD da UAB/UECE no curso de graduação em Medicina. Atualmente, está residindo em Taparuaba e é mãe de uma menina de 5 meses.

Raimundo tem 35 anos, é graduado em Biologia pela UVA. Na licenciatura, (2010) foi bolsista PBU/UVA¹¹ e, no bacharelado (2012), foi bolsista do CNPq¹². É mestre (2015) e doutor (desde julho de 2019) em Geociências Paleontológicas pela UFPE, tendo sido bolsista

¹⁰ O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde, instituído pela Portaria Interministerial MS/MEC nº 1.802/2008.

¹¹ PBU - Programa de Bolsa Universitária da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA/CE.

¹² CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

de CNPq e CAPES, respectivamente. Ele continua residindo em Recife e, atualmente, trabalha como pesquisador (contrato celetista) de um projeto financiado pela Petrobras¹³ que é administrado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UFPE, desenvolvendo pesquisas que são a base para esta empresa utilizar na prospecção e na exploração do petróleo. Ele é parte do grupo de pesquisadores que integram as expedições científicas do Programa Arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPSP).

Lavoisier tem 33 anos, é graduado (licenciatura) em Química (2012) pela UVA, tendo sido bolsista CNPq nos últimos 3 anos e meio do curso. É mestre (2014) e doutor (desde 2019) em Química pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo sido bolsista CAPES e CNPq, respectivamente. Morou em Fortaleza durante todo o período da Pós-Graduação. Lecionou em 2008 no ensino fundamental II, e em 2012, foi professor de Ciências/Química no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeira¹⁴ (adiante, falaremos mais desta instituição que teve grande importância para outros pesquisados aqui). Hoje, reside na Fazenda Boa Vista – Taparuaba, com a família, incluindo a filha de 2 anos. Ele se tornou pai no final do doutorado. No momento, está lecionando no Ensino Médio na Escola Profissionalizante Gerardo José Dias de Loiola, no município de Forquilha, próximo a Sobral, com contrato temporário de 02 anos. Foi aprovado no concurso para professor efetivo da Rede Estadual do Ceará em 2019 e está aguardando ser convocado.

João tem 32 anos, é graduado (2012) e mestre (fevereiro/2016) em Geografia pela UVA. Foi bolsista CNPq na graduação (2010 a 2012). Entre a graduação e o mestrado, fez uma especialização *lato sensu* em Metodologia do Ensino de Geografia/ Faculdade Evolução – 2013. No início do mestrado teve muita dificuldade por não conseguir ser contemplado com bolsa, mas, no final do primeiro semestre tornou-se bolsista da FUNCAP (2014 - 2016). Em 2018, foi

¹³ Petrobras [...] sociedade anônima de capital aberto que atua de forma integrada e especializada na indústria de óleo, gás natural e energia. [...] presentes nos segmentos de exploração e produção, refino, comercialização, transporte, petroquímica, distribuição de derivados, gás natural, energia elétrica, gás-química e biocombustíveis. Disponível em: <https://petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/> Acesso em janeiro de 2021.

¹⁴ Inaugurado como Grêmio Recreativo Sobralense, em 1926, esta obra se enquadra no ecletismo arquitetônico, estilo neoclássico [...] originado na França em meados do século XIX. [...] O prédio do Palace Club foi ocupado pelo Fórum Dr. José Saboya de Albuquerque, até janeiro de 1997. Em 2000, foi restaurado pela Prefeitura Municipal de Sobral, e desde então, constitui o Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras, que como Escola suplementar mantida pelo município em parceria com a sociedade civil atende, prioritariamente, os alunos da rede pública de Sobral através de cursos sistemáticos de Inglês e Espanhol e, mais recentemente incluiu Libras. Também são ofertados cursos de Informática, Física, Química e Biologia, utilizando-se de salas de multimídia e sofisticados laboratórios para a prática de experimentos científicos. Como escola acolhe cerca de 2.500 alunos que são instruídos em 5 salas destinadas ao ensino de Línguas Estrangeiras (4 de Inglês e 1 de Espanhol), 2 laboratórios de Informática, com 28 computadores ligados à Internet e em 3 laboratórios com equipamentos de última geração, para procedimento experimentais nas áreas de Física, Química e Biologia. Os cursos têm o apoio de uma sala onde se desenvolve a Biblioteca. Disponível em: <https://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/982/>. Acesso em janeiro de 2021.

aprovado em primeiro lugar na seleção para o Doutorado da sua área pela UFPB. Ele residiu em João Pessoa (PB) até início de 2021, mas, por causa da pandemia, ele retornou para casa dos pais em Tapera. Está dedicando-se exclusivamente à pesquisa e aos estudos com apoio financeiro de bolsa da CAPES. A previsão para conclusão do doutorado é para o início de 2022.

Assis, o mais novo, 27 anos, é graduado em Letras/Inglês pela UFC - Campus Meruoca (2016). Fez especialização lato sensu em Gestão Pedagógica na Escola Básica pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2018). Está concluindo a especialização lato sensu em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras pela UFC e está se preparando para o mestrado. No final do Ensino Médio, como cursista no Palácio de Ciências e Línguas estrangeiras, vivenciou uma experiência que marcou seus rumos estudantis e profissionais. Ele representou o Brasil em uma missão diplomática nos Estados Unidos em janeiro de 2012, através do programa Jovens Embaixadores¹⁵ do Governo Americano em parceria com o Governo Brasileiro. Em 2015, atuou como coordenador da delegação brasileira no evento *HACYA Democracy*¹⁶ no México, promovido pela Universidade de Harvard. Possui certificação internacional Toefl com nível proficiente, ou C2, de acordo com marco europeu, e desenvolve projetos sociais para jovens na periferia sobralense, através do ensino de línguas. Hoje, está na Coordenação de tecnologia educacional do Colégio Coração de Jesus e é professor de inglês nesta instituição e também no Colégio Luciano Feijão, ambos privados. É tutor presencial no Instituto UFC Virtual, professor de inglês nos cursos de graduação da Uniasselvi e sócio administrativo do Will Idiomas. Desde 2013, o jovem leciona Inglês em Colégios particulares e tradicionalmente considerados de maior excelência na cidade de Sobral, lugar que reside desde 2014.

Acima, eis os perfis iniciais dos (as) protagonistas da história que vamos contar. São pessoas cujas origens não prometiam muitas possibilidades. Contudo, eles (as) e seus grupos de convivência (familiares, comunidade escolar e amigos) teimaram contra os prognósticos postos e conjunturas mais favoráveis oportunizaram outros rumos de vida.

A escolha do recorte da pesquisa está relacionada com minha experiência pessoal na educação pública. Fui estudante na escola e na universidade pública. Tenho 22 anos como

¹⁵ O Programa Jovens Embaixadores é uma iniciativa de responsabilidade social da Embaixada dos Estados Unidos - em parceria com os setores público e privado em ambos os países (Brasil e EUA) - que beneficia, com uma viagem de três semanas aos Estados Unidos, alunos brasileiros da rede pública com excelente desempenho escolar, que falam inglês, pertencem à camada socioeconômica menos favorecida, com perfil de liderança, que prestam serviço voluntário, enfim, são exemplos em suas comunidades (“Programa Jovens Embaixadores”, [s.d.]).

¹⁶ A Conferência Internacional *HACYA Democracy* tem como objetivo promover o intercâmbio e o debate entre jovens das Américas em torno de problemas comuns em seus países. A metodologia adotada faz parte do modelo de encontro realizado pela Organização dos Estados Americanos (OEA).

educadora e defensora da educação universalizada e gratuita para todos. Como taperuabense, vivi neste distrito até meus 28 anos, onde testemunhei, a partir de meados dos anos 2000, o surgimento e a ampliação de uma geração de estudantes universitários que saem da Escola de Ensino Fundamental e Médio Deputado Cesário Barreto Lima rumo à universidade.

Numa comunidade pequena todos se conhecem, mas digo aqui como cheguei até os sujeitos pesquisados. Joana foi minha colega no Ensino Fundamental e Médio e, posteriormente, minha companheira no magistério. Frida e Lavoisier foram professores na Escola Araújo Chaves, em que fui diretora, portanto, chefe imediata deles. Maria foi minha aluna na 7ª série, no ano de 2004, e em uma disciplina que lecionei na graduação no curso de Ciências Sociais, na UVA, quando fui professora substituta em 2012. Nair foi minha aluna na 7ª série, em 2005. Com Raimundo e João não mantive nenhuma relação interpessoal mais direta, mas ambos me foram indicados por várias pessoas para compor a pesquisa. Assis, conheci quando estava se alfabetizando na Escola Araújo Chaves em 2002, e, à época, eu trabalhava como coordenadora pedagógica. Mais tarde, Assis foi colaborador nesta mesma Escola ministrando aulas de reforço de Português e de Inglês.

O viés autobiográfico e autorreferencial do fazer científico são as primeiras motivações que operam uma prestação de contas interna às nossas escolhas, nos ritos de iniciação dos quais o pesquisador não passa incólume (SANTOS, 1991). Cordeiro (2009, p. 31-32) é enfática ao tratar da relação com a pesquisa e do drama da neutralidade do cientista social dizendo que

O processo de construção do conhecimento não é frio, inacessível e apartado dos gostos e escolhas [...]. Produzir conhecimento sem paixão é como colocar pregos sem pendurar os quadros, deixando a parede vazia [...]. Esse é meu caminho de recusa à neutralidade do pesquisador (reafirmo esta escolha).

A acepção de objetividade em Weber (1973) não é sinônimo de neutralidade. Para ele, a investigação científica imprescinde do empenho em se desvencilhar das ideias valorativas na análise da vida social. Trata-se de um esforço de distanciamento subjetivo, sem, contudo, aniquilar ou anular a valoração pessoal, até porque, segundo ele, isso não é possível. Logo, a “objetividade” é um procedimento crível dentro de um contorno suportável no exercício da pesquisa, sendo muito mais um pacto com um esforço possível de afastamento dos valores pessoais do que, propriamente, a garantia absoluta de imparcialidade. Essa tensão epistemológica weberiana revela uma travessia árdua e necessária em que um indivíduo pesquisador migra da zona de conforto das suas emoções e convicções para a crueza e dureza da realidade pretensamente objetiva (OLIVEIRA, 2015).

A metodologia aplicada a esta pesquisa é o trabalho com as narrativas de histórias de vida. A reconstrução e análise do processo de socialização – no que tange à origem e educação familiar, escolar, comunitária, e outras experiências e agentes sociais da interação contemporânea – podem apontar respostas para a constituição dos indivíduos pesquisados. Por isso, procuro compreender, a partir da reconstituição das memórias biográficas coletadas nos seus relatos da história pessoal e no registro de seus cursos de vida, como os sujeitos apreenderam as estratégias de suplantação das dificuldades de diversas ordens em que estavam imersos, e como criaram estratégias para ultrapassar os limites de formação escolar e das carreiras profissionais de seus antepassados para realização dos propósitos de vida em seus cotidianos.

Estudantes em universidades públicas, até lá chegar, os sujeitos da pesquisa sempre travaram uma luta para acessar a escolarização e, depois, fizeram deste recurso educacional um instrumento para se inserir socialmente e transformar suas realidades. As idiossincrasias podem ser apreciadas nas narrativas de vida, pois cada uma delas carrega uma série de motivos e anseios gestada a seu modo em suas histórias particulares, como será mostrado no decorrer do trabalho. No entanto, o grupo tem um conjunto de características em suas vidas que cria entre eles uma linha de aproximação, ligando-os por semelhanças episódicas e traços comuns que perpassam as suas vivências.

Os principais critérios que utilizei para montar o grupo para pesquisa foi a transversalidade das suas histórias de vida: são oriundos de realidades de escassez de recursos de toda ordem, mas não se curvaram perante as impossibilidades e penetraram fronteiras escolares e profissionais, até hoje, ainda bem restritas às classes abastadas.

Um forte investimento na fase de juventude destes sujeitos pesquisados foi a escola. Cada vez mais, não se cogita positivamente “ser jovem” desvinculado do universo escolarizado. Escola e juventude são imagens reciprocamente ligadas. A partir da lógica da razão indolente¹⁷ – moderna ocidental, capitalista, classificatória e reducionista – a concepção de juventude não escolarizada é desacreditada e colocada sob suspeição (SANTOS, 2010; SPOSITO, 2005). O paradoxo é que, nem sempre, todos os jovens têm a possibilidade efetiva de ingressar, permanecer e concluir os níveis básicos de estudos, como é propagado no senso comum como sendo apenas uma questão de escolha. As desigualdades sociais e as adversidades que indivíduos desfavorecidos socioeconomicamente têm que enfrentar é marcada por muitos

¹⁷ Boaventura de S. Santos (2010) caracteriza a razão indolente como uma lógica predominante no mundo atual, que reproduz os valores ocidentais, capitalistas e científicos. Esta razão pretende ser a lógica mais correta, que tende a subjugar e recriminar os diversos valores e práticas que não seguem estes modelos.

empecilhos e infortúnios cotidianos.

Para alguns indivíduos, como é o caso dos sujeitos pesquisados, os valores e concepções de mundo pautados no saber formal tornaram-se alvos de vida, passando a fazer sentido, inclusive, como estratégias de sobrevivência. Por isso, é possível associar titulação escolar a algo que agrega valor e, conseqüentemente, eleva os indivíduos a patamares dantes não experimentados, como a autopercepção de “ser alguém na vida”¹⁸. É fato que a aquisição de títulos acadêmicos rende para eles um considerável conjunto de efeitos práticos, pois melhora relativamente as chances de empregabilidade e aumento salarial; para além, apresenta efeitos simbólicos na medida em que passam a receber o crescente reconhecimento social. Contudo, registro que todos os sujeitos da pesquisa, com diferentes ênfases, falam do encanto que o conhecimento representa para eles e da satisfação com o ato de aprender.

Entretanto, realidades em confronto, ou em adaptação, anunciam que há muito que investigar na relação entre escolarização, trabalho e melhoria de vida. Para isso, há a indicação de alguns modelos de comportamentos sociais, como a adoção de um projeto de vida como conduta – consciente – organizada para atingir fins específicos, com algum objetivo predeterminado (SCHUTZ, 2012). Tal modelo é uma construção social que atende a uma necessidade circunscrita a um contexto. Os indivíduos podem ter acesso, ou não, a esta concepção de organização de suas existências. No entanto, o projeto aparece como um valorizado paradigma contemporâneo na crescente sistematização da vida (GIDDENS, 1991; LEFEBVRE, 1991). A partir desta categoria de análise procurei conhecer se os (as) interlocutores (as) da pesquisa lançaram mão desse expediente e, se o fizeram, de que maneira desenvolveram essa percepção de organização de suas vidas.

Cabe, ainda, conhecer de que natureza são feitos os planos ou projetos de vida (curto, médio ou longo prazo) dos (as) interlocutores (as) da pesquisa, considerando a não linearidade dos percursos de vida que estão presentes na contemporaneidade fluida, insegura e imprevisível (LA MENDOLA, 2005; LECCARDI, 2005). Os sujeitos deparam-se com os riscos crescentes, atuais e futuros e preparam-se para os desafios: driblar obstáculos, articular a realidade que os cerca, descobrir como funcionam os códigos sociais necessários, prestigiosos ou convenientes, e lidar com as próprias demandas particulares, munindo-se dos recursos para prosseguir mais longe dentro de um quebra-cabeça delicado (OLIVEIRA, 2015).

Sigo algumas premissas e indicações de teóricos expoentes mais experientes que inspiraram minha linha de investigação. Começo por eleger Pierre Bourdieu como um dos

¹⁸ “Ser alguém na vida” é uma expressão popular, utilizada por todos os sujeitos da pesquisa, e aparece com o sentido de “ter êxito pessoal e alcançar o devido reconhecimento social”.

importantes orientadores da minha pesquisa. Trabalhar com Bourdieu é um privilégio dado à grandeza da sua obra que é, sobretudo, um desafio sedutor que pretendo perseguir. Ele representa para mim, o que diz Catani (2013): “como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras”. É assim que me sinto em relação ao pensamento e, agora, à tentativa de incorporar a metodologia bourdieusiana no meu exercício de pesquisar.

Bonnewitz (2003, p. 35) explica uma das primeiras lições bourdieusianas: “[...] passar do fato social para o fato sociológico supõe a realização de um processo científico que repousa sobre várias etapas [,] não é um processo linear. Ao longo da pesquisa, a problemática pode ser infletida, as hipóteses modificadas, as variáveis consideradas.” Aqui, busco esta envergadura para a construção e lapidação do objeto de pesquisa, num processo ajustável. Procuro, então, ter condições para tratar o objeto com a devida atenção e respeito que merece.

1.2 *Habitus* e campo acadêmico

Na busca pela definição da minha própria problemática, escolho analisar trajetórias de vida procurando compreender como se deu a constituição dos indivíduos aqui pesquisados, analisando e refletindo sob a conceito de *habitus*¹⁹ como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983a, p. 65).

Setton (2002) lembra que Bourdieu enfatiza as experiências passadas dos indivíduos funcionando como matriz de percepções, agindo como produto de trajetórias anteriores. No entanto, em outro texto, Bourdieu sinaliza: “*habitus* é também adaptação, ele realiza sem cessar um ajustamento ao mundo que só excepcionalmente assume a forma de uma conversão radical” (1983b, p. 106). Também recorro a leitura de Setton (2002, p.61) quando trata deste conceito bourdieusiano:

Habitus é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas.

¹⁹ Bourdieu (2011d, p. 87) conceitua *habitus* como condicionamentos das estruturas estruturadas que agem sobre o indivíduo como estruturas estruturantes, na forma de um *modus operandi*. Também abordo sobre o *habitus* híbrido que Setton (2002) desdobra para dar conta da constituição dos indivíduos na contemporaneidade.

Para Bourdieu (2011d) a constituição do *habitus* é um processo geneticamente cultivado, mas não no sentido de congênito; não significa nascer com o *habitus*, mas se fazer crescer com ele, a ponto de “se tornar”. Trata-se de uma transmissão hereditária que vai se tornando quase medular, bem como do aprendizado primário, como a aprendizagem da língua materna – como ato –, como a prosódia, o sotaque, assim como raciocinar nessa língua. O *habitus* se faz nas crenças que são constitutivas do pertencimento a um campo, a um grupo, que se expressa também na *hexis* corporal. Através de um senso prático – de orientação, de direção – que é incorporado, o *habitus* não precisa ser lembrado para agir, porque está encarnado, disposto no corpo e nas representações.

O processo da constituição do *habitus* é fruto de condicionamentos da socialização a que se foi submetido. Acrescento ainda que Bourdieu explica que são:

[...] sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 2011d, p. 87).

É essa aprendizagem fina, precoce, cotidiana, minuciosa, quase imperceptível, que vai moldando o indivíduo, que, sem que se perceba, vai impregnando sua mente e seu corpo. O *habitus* tende a se conservar, porque ninguém se metamorfoseia o tempo todo, ninguém muda o repertório sempre; há incorporações que são modificadas ao longo da vida, mas há limites.

Assim, em sociedades de múltiplas influências, como a que vivemos na contemporaneidade, é possível uma construção mais flexível do *habitus*, com a perspectiva de abertura a novos aprendizados e a novas experiências, que vai afetando diferentes aspectos, como a transição ou a necessidade de adaptação a uma nova realidade.

No sentido coletivo e mais amplo, podemos falar do *habitus* de classe que constitui os indivíduos. Pode ser atribuído determinado *habitus* enquanto “produto da posição e da trajetória social [em que] a filiação social estrutura (*inicialmente*) as aquisições e produz um *habitus* de classe” (BONNEWITZ, 2003, p. 18, Grifos meus). Contudo é possível que determinados eventos desequilibrem as disposições estruturadas do *habitus*, acionando outras ações para tentarem se adaptar a novos meios e circunstâncias. Por exemplo, a entrada para um campo (contexto grupal) específico com modelo divergente do cotidiano e do *habitus* primário.

Realidades contraditórias podem promover um desajustamento do *habitus* e uma

acomodação de um “*habitus* híbrido” (SETTON, 2002), que não significa, necessariamente, a supressão do *habitus* inicial, mas tem-se a dinamicidade e a atualização do *habitus* primário agregado à fusão de novas experiências. Não se trata de substituição, mas são as disposições já adquiridas, esta “matriz”, que funciona como base para aquisição posterior de novas disposições. O indivíduo social não funciona como uma máquina em que se desinstala completamente um sistema e se formata algo completamente inédito. Isso sugeriria que duas vidas, duas pessoas antagônicas e incompatíveis tendo que ocupar um mesmo corpo. Impossível, como já foi dito anteriormente: “O que é aprendido pelo corpo não é algo que se tem, como um saber que se pode segurar diante de si, mas algo que se é” (BOURDIEU, 2011e, p. 120).

Bonnewitz (2003, p. 79) faz uma boa tradução desse movimento de interatividade do *habitus*:

[...] sobre o *habitus* primário enxertam-se, ao longo do vivido do agente, *habitus* secundários entre os quais é preciso sublinhar a importância particular do *habitus* escolar que vem, em regra geral, continuar e redobrar o *habitus* familiar. Efetivamente, se é verdade que as aquisições mais antigas condicionam as mais recentes, cada aquisição nova se integra ao conjunto, num só *habitus*, que não para de adaptar-se, ajustar-se em função das necessidades inerentes às situações novas e inesperadas. O *habitus* é uma estrutura interna sempre em via de reestruturação. É o produto de nossa experiência passada e presente o que mostra que o *habitus* não é totalmente congelado. Isto implica que nossas práticas e representações não são nem totalmente determinadas (os agentes fazem escolhas), nem totalmente livres (estas escolhas são orientadas por um *habitus*).

No caso dos (as) jovens desta pesquisa, suas raízes sociais estão evidentes nas suas falas, nos seus corpos, nos seus gostos e, às vezes, na recusa a determinados espaços que não lhes pareçam familiares ou lhes causem constrangimento. Contudo as raízes primitivas não amarraram seus destinos. O “efeito escola”, as interferências adjacentes de amigos, professores e o campo acadêmico alteraram o *habitus* primário, abrindo espaço para a constituição de um “*habitus* subsidiário”, de apoio mesmo, reforçando outras afluentes, empurrando suas trajetórias para outros caminhos. Suas predisposições iniciais não foram apagadas, mas se mesclaram a outras aquisições das socializações secundárias.

Para situar as práticas dos sujeitos sociais, Bourdieu (1989) traz o conceito de campo que consiste na instância da distribuição dos agentes no ambiente social, inclusive em lugares concretos. Trata-se de um espaço relacional em disputa, com um interesse em comum, com determinados subgrupos com diferentes denominações – como o campo religioso, campo literário, campo acadêmico, etc. Os subgrupos têm interesses diferentes no interior do grupo.

Todos nós participamos de vários campos e temos dentro de nós vários campos.

O efeito de campo refere-se às exigências que um espaço social estabelece aos seus participantes e pretendentes. Ocorrem sem que seja necessária a instituição de um código de postura escrita, mas na lógica do campo, nas movimentações, os agentes vão incorporando um *habitus* ajustável. Para os que não são nativos, o efeito de campo pode requerer mudanças na incorporação de uma imagem, de uma linguagem mais apropriada, na imposição de uma postura e, até, de vestimentas mais adequadas àquela ocasião, fazendo com que o indivíduo, entrando em choque com uma situação objetiva, necessite fazer o ajustamento do *habitus*. As transformações emergem da relação, ocorrem a partir do sujeito e na estrutura através das lutas constantes.

Nesta pesquisa os sujeitos acabam por adotar o campo acadêmico como um espaço de redenção, de crescimento e de reconhecimento social. A universidade no Brasil é, historicamente, um espaço privilegiado e restrito às classes favorecidas. A concorrência para adentrar neste espaço rechaça tradicionalmente os desprovidos dos ditos capitais bourdieusianos: econômico, social, simbólico e cultural. São necessários uma preparação e muitos investimentos para sobreviver às disputas. Por isso, os portadores de *habitus* não considerados distintos podem deparar-se com esta interposição.

Ainda que o *habitus* seja, de partida, o produto da filiação social, ele também é refeito ao longo do percurso do indivíduo e estrutura-se em relação ao campo (BOURDIEU, 1983). Na dinâmica dos jogos dos campos, o *habitus* tende a reinventar-se criativamente, e torna-se reajustável, sobretudo na contemporaneidade, através dos múltiplos estímulos. Ele carrega várias formas: não é um destino, não é uma condenação, pode ser recriado pela estrutura social em que se está inserido. Interferências da subjetividade dos indivíduos na estrutura social podem dar uma nova dinâmica à estrutura social (SETTON, 2002). Ter consciência da violência simbólica liberta-nos. Bourdieu acreditava que a inculcação e exclusão pode encerrar-se com o esclarecimento da dominação a que se está submetido (BONNEWITZ, 2003, p. 75-91).

Procuro compreender a realidade da formação dos sujeitos pesquisados a partir dos conceitos de campo e *habitus* dentro da perspectiva do conhecimento praxiológico de Bourdieu. A explicação sobre o conhecimento praxiológico, bem como a aplicação do conceito de “campo”, começam a ser desenvolvidas no Quadro 1 e nas reflexões subsequentes.

QUADRO 1 - OS SUJEITOS DA PESQUISA DENTRO DO CONHECIMENTO PRAXIOLÓGICO
BOURDIEUSIANO

ORIGEM E FUNCIONAMENTO DO CONHECIMENTO PRAXIOLÓGICO		
OBJETIVISMO E SUBJETIVISMO SE COLOCAM EM EXTREMOS OPOSTOS:		
Conhecimento objetivista (estrutura) O objetivismo subvaloriza a interferência do agente na organização e funcionamento social, e sobrevaloriza a ordem e monopólio da estrutura sobre o sujeito. O objetivismo supõe uma passividade dos indivíduos e uma reificação absoluta da ordem social.		Conhecimento subjetivista (sujeito e sua subjetividade) O subjetivismo confere uma consciência e autonomia aos agentes frente à ordem social. O subjetivismo atribui independência às percepções e ações dos sujeitos frente aos processos históricos sociais. Atribui uma força aos indivíduos, como se eles pairassem à ordem social.
Campo é uma estrutura estruturada, mas em constante transformação pelo movimento dos agentes. O campo é a história feito corpo. Conhecimento objetivista - imprime a determinação da estrutura sobre o sujeito.	Conhecimento praxiológico – é elaborado e proposto por Bourdieu com a perspectiva de superar a dicotomia e polarização entre o objetivismo e o subjetivismo. A teoria da prática é resultado do diálogo entre esses dois conhecimentos, que, isolados, não contemplam análises mais holísticas da realidade social. Bourdieu desenvolve este conhecimento a partir do confronto dialógico articulando em conjunto os elementos sociais: a estrutura e o sujeito. É uma relação recíproca e dinâmica em que as partes se encontram e se complementam na composição do fato sociológico.	Habitus é a estrutura estruturante – a disposição à, a tendência à... É a interiorização da exterioridade e se manifesta na exteriorização da interioridade – no corpo feito história, mas um corpo vivo e pulsante. O <i>opus operatum</i> (obra acabada) é suplantado pelo <i>opus operandi</i> (obra em andamento), ultrapassando o fatalismo do partícipio para a dinamicidade do gerúndio.
As determinações sociais interferem na subjetividade do sujeito.	Estrutura Social ↔ Sujeitos Mútuas interferências	As subjetividades dos sujeitos também podem criar um curto-circuito e rachar as determinações sociais, vindo a interferir na estrutura.
➤ A objetividade é a produção material da vida; ➤ As condições de desprovento material e social em que estão inseridos os sujeitos da pesquisa dificultam as trajetórias escolares; ➤ As representações sociais hegemônicas desclassificam os desfavorecidos, econômico e socialmente, procurando minar as esperanças e tentativas de inserção nos campos de prestígio social, como é exemplo, o campo acadêmico; ➤ Fomenta desejos específicos e visões restritas;	Conhecimento praxiológico – através do pensar relacional, se avalia e considera o contexto total, material e histórico, como as bases onde se desenvolvem as relações sociais. Embora as estruturas tenham uma tendência à conservação e recorrência, não significa que são estanques. A estrutura nega ou oferece para os sujeitos os meios para permanecerem ou avançarem para outros caminhos, que determinam socialmente as suas vivências. Contudo, os sujeitos podem desenvolver ações e reações frente às situações. A objetividade da estrutura de restrição, estagnação ou encurtamento da trajetória escolar foi subjetivamente contestada e contraposta por alguns	➤ A subjetividade do sujeito não está imune à estrutura, ela é afetada e moldada; ➤ Mas os sujeitos não estão entorpecidos, sua subjetividade tem uma margem de fluidez; ➤ O estranhamento dos sujeitos da pesquisa frente aos modelos sociais estabelecidos aguça novos comportamentos; ➤ A percepção de possibilidade de rompimento e ascensão social e econômica mobilizou os sujeitos;

➤ A estrutura define, objetivamente, as barreiras e limitações, os alcances e as possibilidades, procurando determinar a visão de mundo e as escolhas; ➤ Delimita rumos e fronteiras.	indivíduos que ultrapassaram os limites, antes estabelecidos pela estrutura. As estruturas podem tentar enquadrar, mas os sujeitos podem abrir brechas. E a coletividade dos sujeitos podem suscitar e criar outras estruturas. A subjetividade desejosa de inclusão social tensiona as relações e pressiona as barreiras postas pela estrutura. Análises permanentes requerem que se conjugue no gerúndio – o jogo jogado jogando.	➤ Desamarrar as amarras do sistema engessado demonstra a capacidade de reação; Os sujeitos sociais podem desarmar as armadilhas da perpetuação do <i>status quo</i>; ➤ Os sujeitos pesquisados podem até não vestir a mesma indumentária dos privilegiados de berço, mas já conseguiram desfiar o tecido social e já chegaram no distinto campo acadêmico.
---	--	--

Fonte: elaboração própria.

Na minha interpretação, o *habitus* (bourdieusiano) não é um ponto de chegada que crava as determinantes da constituição dos indivíduos e nem determina seus destinos. O *habitus* é um ponto de partida que sinaliza algumas “disposições à” que vão sendo confrontadas no decorrer da vida dos sujeitos, sobretudo, nos desafios irregulares e o imponderável da contemporaneidade em que todos estamos imersos.

Lahire (2003) também defende que o indivíduo é atravessado por outros incrementos na sua socialização, mas ele distende a discussão com sua abordagem do patrimônio de disposições individuais em múltiplas camadas de diferentes e concomitantes interferências na constituição dos sujeitos e em suas múltiplas atuações sociais. Porém, para esta análise e discussão de trajetórias escolares, opto por lançar luz nos processos vivenciados com mais ênfase na dimensão educacional dos sujeitos pesquisados e procuro seguir a trilha pela abordagem bourdieusiana.

Na perspectiva bourdieusiana, também trago o conceito de capital e avalio que, a princípio, os sujeitos aqui pesquisados são, em suas iniciações de vida, os deserdados sociais de patrimônios prestigiosos e portadores de escassos capitais econômicos (subsídios materiais), sociais (por sua origem e rede de relações modestas), culturais (não possuem comportamento refinado incorporado) e simbólicos (expressos em honra distinta e reconhecimento elevado). Em resumo, são pessoas comuns e com poucos recursos.

Apesar das somadas precariedades, os sujeitos pesquisados acabam por perfurar barreiras físicas, geográficas, e por desdobrar seus caminhos para outras afluentes, mudando o curso do rio pelos quais passaram seus antepassados. O que lhes aconteceu? O que fez com que eles se portassem diferentemente de seus pares diante da realidade em que estavam inseridos? Quais transmutações ocorreram da realidade de seus antepassados para a realidade dos jovens aqui pesquisados? O que os afetou? O que eles fizeram com as circunstâncias de

desprovimento? O que lhes foi possibilitado articular e transformar em suas vivências e que não foi possibilitado às gerações anteriores?

Foi pelo procedimento hipotético-dedutivo de Bourdieu que procurei dar rumo às indagações e inquietações da pesquisa, que parto das hipóteses como explicações interinas, que logo foram colocadas à prova para serem confirmadas ou confrontadas, sobretudo, para redimensionar a melhor compreensão dos elementos estudados no universo social.

1.2 Hipótese geral da pesquisa

Parti da hipótese de que os sujeitos da pesquisa foram envolvidos por um conjunto de novos elementos que colaborou para a construção de um terreno propício para as suas formações escolar/acadêmica estendidas e exitosas. Apesar das variadas dificuldades, contextos favoráveis à educação e ambientes motivadores conjugaram-se em diversos níveis: suas famílias apoiadoras, escolas com alguma eficácia que frequentaram e o movimento educacional que, gradativamente, ocorreu em diferentes níveis, nas últimas duas décadas em Taparuaba, em Sobral, e em âmbito regional e nacional. Tudo isso despertou novas perspectivas em indivíduos inclinados à experimentação de outras formas de proceder com suas vidas pela via da escolarização.

O movimento e as políticas públicas de expansão do ensino nos últimos anos, levantados por alguns importantes expoentes e grupos organizados que reivindicam a universalização da educação, incitaram novos pretendentes ao campo educacional, incluindo o nível superior. Em diversos grupos sociais excluídos, até então, da possibilidade de escolarização, foram provocados o interesse e a compreensão da importância do desenvolvimento educacional como fator de transformação possível no âmbito social.

Na contramão, Bourdieu e Passeron (2014) concebem toda ação pedagógica como um ato de violência simbólica²⁰ por conduzir a formação dos estudantes pautada na tentativa de hegemonização cultural tendo como modelo o sistema simbólico das classes dominantes da sociedade. Os autores reforçam ainda que, no processo de escolarização, os indivíduos mais

²⁰ Conceção de violência simbólica, entendida como uma manifestação decorrente do poder simbólico. Ele delinea a violência simbólica como uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7-8). Para Bourdieu, “[...] em termos de dominação simbólica, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela” (BOURDIEU e EAGLETON, 2007, p. 270).

dóceis e que melhor se adequam aos moldes institucionais impostos apresentam mais chances de serem absorvidos para a participação neste meio específico. Enquanto que, os indivíduos que não conseguem adaptar-se ao funcionamento escolar acabam sendo expelidos ou não alcançando, ou obtendo bem pouco, os propósitos esperados pelas instituições de ensino.

A questão é que, na realidade brasileira, para os estratos menos favorecidos socioeconomicamente, mal foi, e é consentido o ingresso e conclusão à escola básica, dada a negligência das políticas públicas educacionais que ignoram as dificuldades de acesso e, sobretudo, de permanência dos filhos das classes populares nas instituições de ensino. Dentro da história da educação do Brasil, os pobres não foram convidados a entrar na escola. Este direito foi fruto de muita reivindicação e luta.

Bourdieu e Passeron (2014) criticam o sistema de ensino (francês), ao afirmarem que a escola, tão somente, não altera a estrutura de classes da sociedade. A transformação social perpassa por outras instâncias e domínios. No contexto brasileiro, esta análise requer uma leitura particularizada. A escola ainda mantém uma estrutura e muitos efeitos de reprodução social. Entretanto, é inegável que fenômenos paradoxais aconteçam neste processo e muitas histórias individuais escapam e/ou transcendem ao modelo pré-determinado. Não tratamos aqui do registro de uma revolução em massa, mas de micro revoluções possíveis que vêm gerando movimentos de interferência no modelo hegemônico em vigor e de contestação crescente nas estruturas sociais que forçam o alargamento de participantes pelo direito de “aprender a ler o mundo e escrever sua própria história” dentro de uma margem possível de inclusão social e realização pessoal. Assim como nos lembra Paulo Freire (p. 67, 2000): “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Acrescento ainda que, o projeto político que historicamente vigorou no nosso país, reduzia-se apenas a ideia de que os pobres fossem escolarizados para, no máximo, serem “mão-de-obra” qualificada para serem úteis no processo de industrialização (tardio²¹). Nesta perspectiva, podemos perceber que os sujeitos da pesquisa tiveram um comportamento desviante ao não se contentarem em ser “mão-de-obra” qualificada, e forjaram alternativas para serem, também, “mentes qualificadas”.

A partir da inserção de discursos pró-educação na comunidade local, na realidade regional e nacional, os sujeitos aqui pesquisados abraçaram de maneira objetiva o alcance do empreendimento que a escolarização pode produzir. Sobretudo, empenharam-se e perceberam

²¹ Em relação aos países – europeus e norte-americanos, por exemplo - centrais em termos econômicos.

intuitivamente, a natureza da *illusio*²² (o gosto pelo jogo) e a *doxa* (o convencimento). Eles foram tomando dimensão do poder que o conhecimento tem. Assim, espiritual, ou, cognitivamente, foram adequando-se e docilizando-se, inclusive, por intermédio do uso dos seus corpos²³ estudantis, pela adesão às crenças, à linguagem e à criação de estratégias para adentrar no campo acadêmico. Eles compreenderam e apreenderam as regras dos jogos acadêmicos e sociais.

Com base nos indícios observados supracitados e os relatos orais dos sujeitos pesquisados, procuro desenhar um mapa (Quadro 2) com as possíveis intersecções e os roteiros mencionados por estes indivíduos.

QUADRO 2 ESQUEMA SISTÊMICO DE HIPÓTESES

Contexto histórico-social	Os sujeitos pesquisados fazem parte de uma geração que já nasceu com acesso à escola básica completa e estudaram dentro da faixa etária indicada pela legislação educacional brasileira. Seus pais e gerações anteriores não vivenciaram essa realidade, ou só tiveram acesso a escolarização irregular e/ou tardiamente.
Apoio familiar e afetivo	A família, ou parte dela, mesmo sem uma cultura de escolaridade, acreditou, deu suporte como pôde, possibilitando um investimento moral com os poucos recursos disponíveis para que os filhos pudessem investir na carreira escolar.
Efeito escola	Os sujeitos da pesquisa foram afetados por discursos, pessoas e movimentos que propagam a crença, o valor e a proximidade com o universo escolar e acadêmico.
Aspectos subjetivos individuais	Os sujeitos pesquisados demonstraram predisposição ao <i>ethos</i> ²⁴ escolar e afinidade com a cultura institucional para adaptar-se e participar da logística estudantil. E mais: demonstraram iniciativa e abertura a outros investimentos escolares.
Suporte escolar institucional	Criou-se, estabeleceu-se e passou a ser fomentada uma cultura local de continuidade aos estudos, estendendo a educação básica ao ensino superior, não mais como exceção, mas como uma recorrência possível.
Iniciação ao ensino superior - graduação	Os jovens desenvolvem estratégias para adentrar o campo acadêmico e permanecer no meio e nos arredores institucionais, encontrando, neste espaço, refúgio social: reconhecimento e perspectivas de futuro.
Passagem para Pós-graduação stricto sensu (mestrado doutorado)	Para se encaixarem nas exigências dos estreitos caminhos da inserção acadêmica, os jovens constituíram, o que Bourdieu chama de um novo <i>habitus</i> . Refinaram a prática de estudos e prosseguiram para a pós-graduação.
Educação superior – como “tábua de salvação” – representa um portal de possibilidades	Como pretendentes ao campo acadêmico, os jovens pesquisados construíram táticas em operações, às vezes, esquematizadas, em outras, improvisadas, tateando às cegas diferentes experimentações para obterem chances de se inserirem em espaços sociais restritos a indivíduos oriundos das classes abastadas (mestrado e doutorado <i>stricto sensu</i>).

Fonte: elaboração própria

²² *Illusio* é um conceito criado por Bourdieu que se refere ao interesse pelo jogo, à disposição, a capacidade de adaptação e participação nos jogos sociais.

²³ Os corpos estudantis docilizados que requerem horas em assento e debruçados sobre livros, computadores e outros materiais de estudo. Há que estar convencido e adquirir uma nova mentalidade e crenças, para domar as inquietações e refazer um corpo que necessita de disciplina para concentração.

²⁴ *Ethos* é uma característica comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade.

Pais (2003, p. 71–72) também propõe considerar as relações entre tempo pessoal e tempo histórico; tempo de transição e de sincronização; trajetórias individuais e estruturas sociais; e as transições como um processo de negociações complexas. Procuro conhecer e compreender os sujeitos dentro de duas instâncias: a) dos contextos vivenciais macroestruturais e históricos; b) relacionados às suas experiências individuais em cotidianos de estratégias e táticas por eles utilizadas para conduzi-las suas vidas até aqui (BOURDIEU, 2011b).

A metodologia com relatos biográficos é um trabalho complexo porque não é a construção de um espelho da realidade dessas vidas; é, apenas, uma tentativa de dar um sentido organizado a uma existência. De qualquer forma, sabe-se que “são trechos, seleções de episódios e versões dos fatos e da realidade que os indivíduos consideram relevantes em suas vivências, assim como a imagem que procuram oferecer de si mesmos” (OLIVEIRA, 2015). Não é possível falar propriamente de trajetória de vida enquanto totalidade. A matéria-prima inicial pode ser “uma ilusão biográfica”, já que é apenas o que aparece na “superfície social” (BOURDIEU, 2006, p. 190). No entanto, temos os fatos e, contra estes, não há argumentos. Os caminhos percorridos e as conquistas alcançadas pelos sujeitos pesquisados atestam as evidências de seus relatos.

Para captar elementos tão delicados como dados biográficos, opto por técnicas qualitativas. Em fevereiro de 2017, em Tapuruaba, realizei com os sujeitos da pesquisa uma primeira entrevista presencial (Anexo I), à exceção de Raimundo, que não estava no distrito. Só foi possível entrevistá-lo, posteriormente, por Skype²⁵. A finalidade foi obter as narrativas, sentir, apreciar a fala e a textualidade em um procedimento que requer uma negociação com mais pessoalidade.

Conforme Gaskell (2005, p. 73), “toda pesquisa com entrevista é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca [...] de ideias e significados”. Algumas ideias gerais coincidiram nas falas dos sujeitos e, aos poucos, vou delineando as singularidades de suas biografias. A pesquisa se valeu de outras etapas de entrevistas nesse formato: individual ou em “profundidade”, em que a “cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe” (GASKELL, 2005, p. 75). Após a escuta das entrevistas, percebi as lacunas e insuficiência de dados para compor o quadro inicial da trajetória de vida dos agentes sociais da pesquisa, apontando rumos que eu não tinha formulado.

Posteriormente, dada a impossibilidade de encontrá-los pessoalmente, apliquei, à distância, um questionário aberto (Anexo II), que teve o intuito de confirmar algumas respostas

²⁵ Skype é um software que permite comunicação pela Internet através de conexões de voz e vídeo.

dadas na entrevista e apreender novas informações ou elementos complementares às questões abordadas. A técnica foi gentilmente aceita pelos (as) participantes, que me devolveram os documentos por e-mail. Este material permitiu, dentre outras informações, organizar um esqueleto textual e traçar um perfil socioeconômico. Nesta coleta de dados foi possível compor um quadro cronológico de eventos e fases da vida. Ao contrário da entrevista, que pressupõe uma atividade mediada pela fala, o uso do gravador, a companhia do observador externo e a parceria no controle do desenvolvimento da conversa, o questionário é uma atividade solitária, em que o interlocutor tem a autonomia do tempo, da ordem e da ênfase em que deseja dar as respostas.

As entrevistas em profundidade forneceram importantes relatos que, conjugados aos dados e alguns detalhes fornecidos pelos questionários, possibilitaram um mapa das rotas e um desenho dos percursos que os sujeitos fizeram até o momento. Vale lembrar que, ao longo da pesquisa, estivemos praticamente todos geograficamente distantes. Além de mim, que me encontrava residindo em Goiânia (2016 a 2019, e seis meses de doutorado sanduíche em Portugal – setembro de 2018 a fevereiro de 2019), os (as) componentes do grupo pesquisado estavam morando em diferentes cidades: Raimundo em Recife, João, em João Pessoa, Maria, em Natal, Laoisier e Nair, em Fortaleza, Assis, em Sobral, e Joana e Frida, em Tapera. Então, tive que criar outros meios de contato para elucidar detalhes na retomada de memórias de suas histórias.

Percebi que tinha que reunir o máximo de informações pertinentes em tempos diferentes, o que revela como a composição das trajetórias das pessoas não é linear, mas resulta da reunião de fragmentos, como mosaicos. Além disso, essas existências estão em movimento, e precisei acompanhar os episódios recentes. Para isso, utilizei com frequência, concomitantemente, outras técnicas (além da entrevista presencial e questionário), a entrevistas via WhatsApp²⁶, tanto em mensagens escritas, como em áudio. Este instrumento foi crucial para a interação mais imediata com os interlocutores da pesquisa que estavam com suas histórias em profícua construção.

A experiência do estágio doutoral na modalidade sanduíche, foi muito importante para o amadurecimento da pesquisa. Passei um semestre (2018.2) no Grupo de Investigação LIFE –

²⁶ O WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens instantâneas disponível para diversas plataformas de smartphones. É possível enviar e receber mensagens de texto, áudio, imagens e arquivos multimídia sem custos adicionais já que a comunicação é estabelecida pelo seu plano de dados móveis 3G/4G/Edge ou a conexão Wi-Fi do dispositivo.

Percursos de vida, desigualdade e solidariedade: práticas e políticas, no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (ULisboa), que:

[...] tem como objectivo central analisar as relações complexas entre indivíduo e sociedade em contextos de mudança, globalização e modernidade. A pesquisa privilegia o estudo de velhas e novas formas de produção de desigualdades, solidariedades, percursos de vida e dinâmicas de individualização, procurando compreender o seu impacto na vida quotidiana, nos estilos de vida e nas trajectórias dos indivíduos. As abordagens teóricas contemplam a acção e as estruturas sociais, combinando as perspectivas histórica e sociológica, e debruçam-se sobre a realidade portuguesa, europeia e transnacional contemporâneas [*pesquisando*] A transformação do percurso de vida: regimes do percurso de vida; transições e trajectórias de vida; gerações e género; acumulação de vantagens e desvantagens no percurso de vida; redes sociais e relações pessoais ao longo da vida [...] (LIFE²⁷).

Vítor Sérgio Ferreira (2014, p. 982), coordenador do LIFE/ICS/ULisboa e meu supervisor no estágio sanduíche, enfatiza a entrevista compreensiva como um “culminar técnico e epistemológico do processo de **criativização** [...] como resultado de uma **composição (social e discursiva)** a duas vozes, em **diálogo recíproco** [...] dando lugar a um campo de possibilidade de **improvisação** [...]” (negrito meu). O autor chama atenção para o comprometimento desta prática:

Entrevistar provoca um exercício de autoanálise que opera um trabalho de explicitação discursiva, por vezes gratificante, outras doloroso, na enunciação de experiências e reflexões, umas vezes reservadas ou reprimidas, emaladas no baú do tempo biográfico, outras vezes nunca pensadas... Obrigar o outro a falar, a tomar a palavra, a transformar a sua história vivida em história contada, muitas vezes sobre o que jamais se havia colocado como questão, é exercer um enorme poder de arbítrio. Trata-se de um exercício que, sendo provocado pelo entrevistador, requer deste, responsabilidade, cuidado e realismo no seu acompanhamento, mais do que impossibilidade e impessoalidade (FERREIRA, 2014, p. 985).

Comungo da impressão de Ferreira (2014). Por várias vezes percebi que as entrevistas expressas em narrativas proporcionaram aos sujeitos da pesquisa um efeito auto reflexivo sobre sua própria história. Foram diversos momentos intercalados entre eloquências, silêncios, seriedade, descontração, emotividade, convicções e oscilações.

Espero que, com entrevista e questionário, esses “dados básicos reflitam o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação [e] uma

²⁷ Research Group Instituto de Ciências Sociais Ulisboa: <https://www.ics.ulisboa.pt/grupo/life-percursos-de-vida-desigualdades-e-solidariedades-praticas-e-politicas>. Acesso em janeiro de 2021.

compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos [destas] pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2005, p. 65).

Para o leitor não sobralense e não taperuabense, ou aos que nunca lá estiveram, resolvo utilizar, também, ao longo do trabalho, imagens (fotos, mapas) com intuito de proporcionar uma relativa proximidade espacial através do campo visual. Acredito que o recurso imagético oferece alguma dimensão das sociabilidades vivenciadas nas histórias dos sujeitos.

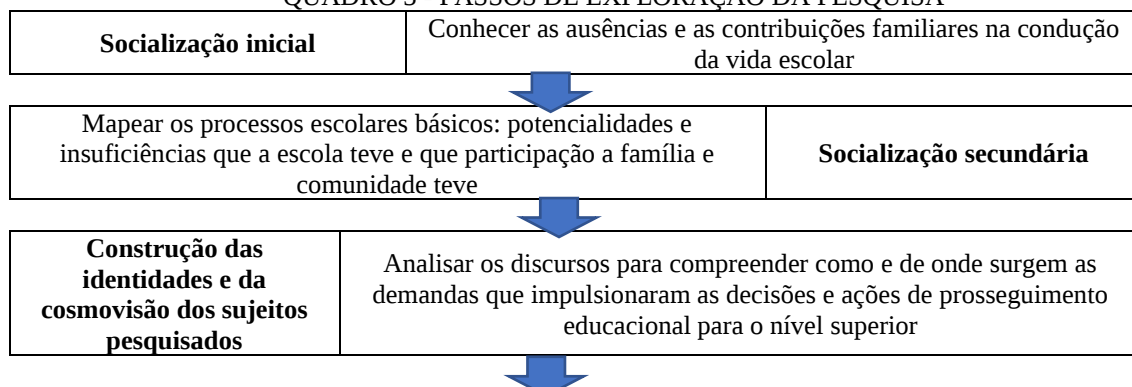
Enquanto pesquisadora procurei o compromisso com o desprendimento da opinião comum (BOURDIEU, 2015), em desnaturalizar e problematizar os discursos para ser conduzida pelas sinuosidades que a interação da pesquisa suscitou. O trabalho procura conferir sentido e relevância, criatividade e criticidade que são ingredientes articuladores das ideias e notas sobre diferentes tópicos que pareciam isolados e desconexos, até então (BOURDIEU, 2015; OLIVEIRA et. al., 2013).

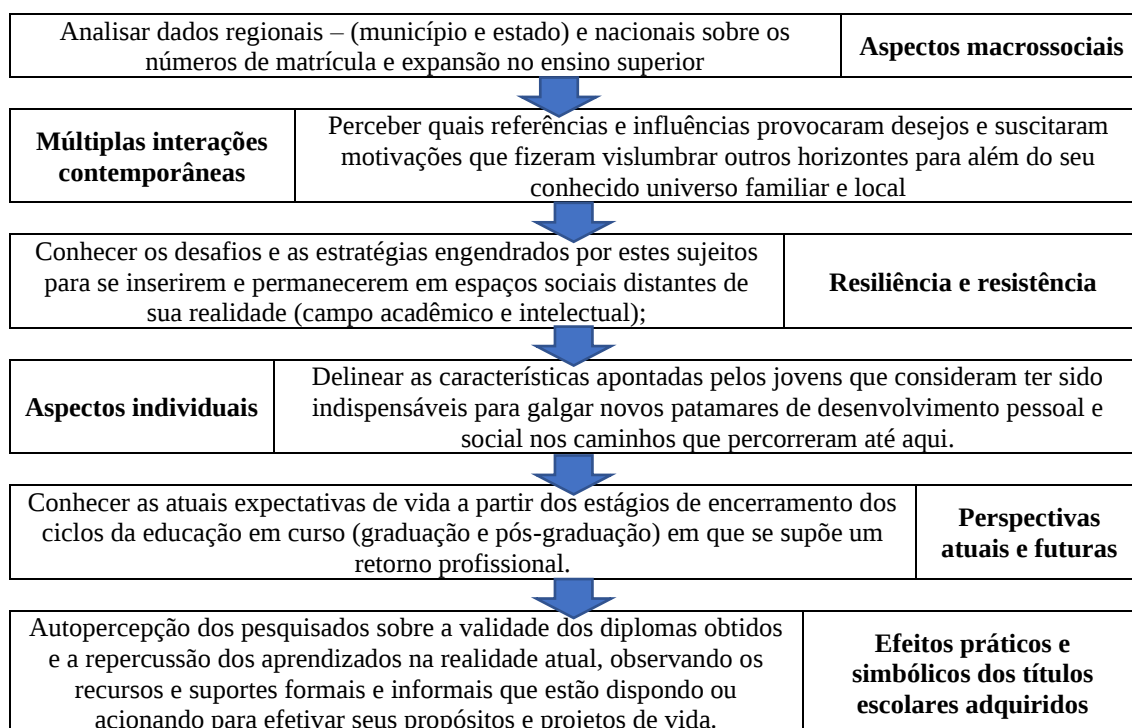
Costurei os achados da pesquisa empírica às bases teóricas com suas respectivas complexidades, atentando para a flexibilidade necessária dos toques e retoques sempre que surgiram contributos que agregaram à invenção e à sensibilidade. Assim, procurei zelar pelo rigor científico indispensável na construção do trabalho, na seriedade e na plasticidade, exercitando o aprender constante do pensar e do olhar científico, como exige a pesquisa social (BOURDIEU, 2015).

1.3 Trilha de investigação: roteiro da pesquisa

Mesmo em uma realidade de difícil acesso a opções de meios de comunicação e de bens culturais que ampliassem e complementassem a instrução escolar, os sujeitos da pesquisa aproveitaram oportunidades e criaram alternativas. Todavia, como se deu esse processo? Para isso segui algumas trilhas para descobrir as interligações, as reproduções e as rupturas que o meio social interno e os elementos externos provocaram na constituição destes sujeitos:

QUADRO 3 - PASSOS DE EXPLORAÇÃO DA PESQUISA





Fonte: Elaboração própria.

As etapas seguintes da pesquisa se prestam a repensar os percursos e os procedimentos do trabalho a partir das pistas encontradas. Foi uma tarefa constante de coser, descoser e recoser as narrativas destes interlocutores para uma construção textual e reflexiva de suas existências.

CAPÍTULO 2 CONTEXTUALIZANDO O *LOCUS* - TAPERUABA/SOBRAL (CE) E AS POLÍTICAS PÚBLICAS REGIONAIS E NACIONAIS

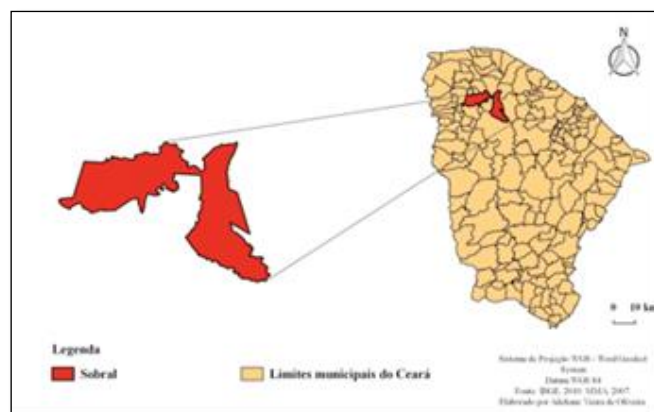
Neste capítulo situo geograficamente os (as) interlocutores (as) da pesquisa e qual a natureza dos territórios e espaços institucionais comum ao grupo que formou sua socialização e escolaridade inicial. Ao longo deste texto também irei elencar quais as políticas públicas foram implementadas a nível meso (regional) e a nível macro (nacionais) nas últimas duas décadas que corresponde ao período de inserção dos sujeitos pesquisados na universidade. Na região Nordeste do Brasil, no Noroeste do Estado do Ceará, está o município de Sobral, localizado a cerca de 235 km da capital cearense. Dentro deste município está Taperuaba.

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ NO TERRITÓRIO BRASILEIRO



Fonte: Wikipedia

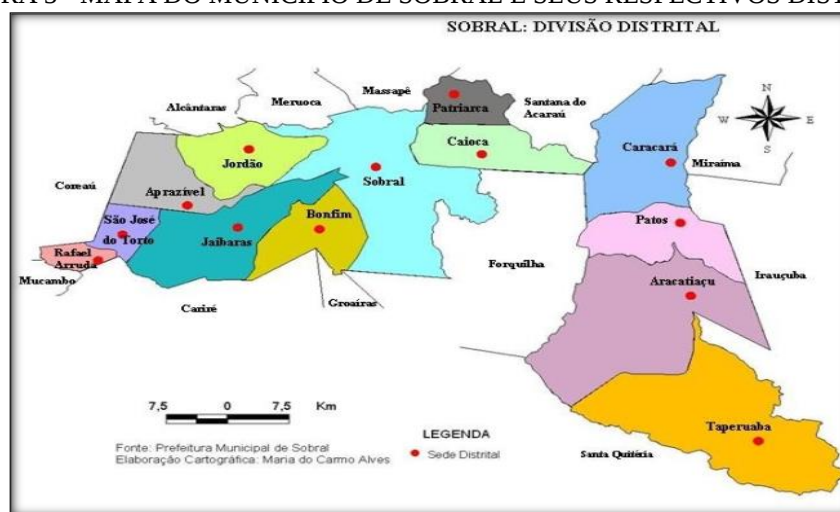
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SOBRAL NO MAPA DO CEARÁ



Fonte: Google

2.1 O distrito de Taparuaba

FIGURA 3 - MAPA DO MUNICÍPIO DE SOBRAL E SEUS RESPECTIVOS DISTRITOS



Fonte: Página oficial do município de Sobral

Taparuaba é um distrito sobralense – a 72 km de distância da sede, e a 207 km de Fortaleza – local onde os indivíduos pesquisados lançaram seus primeiros passos como sujeitos de sua história. Embora nem todos tenham nascido no Ceará, todos são filhos de cearenses e, pelo menos um dos genitores, é taperuabense. Destas oito pessoas, uma nasceu no Rio de Janeiro e outra, em Minas Gerais. Ambas se mudaram ainda adolescentes, com suas famílias, para Taparuaba, local em que ainda residem e, exatamente estas, foram as únicas, até agora, que não mudaram de domicílio. Nos relatos, todos consideram ter suas raízes nessa localidade. No Quadro 4, vemos seus locais de nascimento.

QUADRO 4 - LOCAIS DE NASCIMENTO E CIDADES ONDE RESIDIRAM ATÉ O MOMENTO

*Quando dizem ter nascido em Sobral se referem ao hospital, porque Taparuaba não tem atendimento obstétrico.	
Joana 43 anos	Nasceu e morou no <u>Rio de Janeiro</u> . Mudou-se para <u>Taparuaba</u> , aos 12 anos, onde reside até hoje.
Frida 33 anos	Nascida em <u>João Monlevade – MG</u> , ficou uma parte do início da adolescência em <u>Taparuaba</u> , depois voltou para João Monlevade, mas retornou definitivamente para <u>Taparuaba</u> aos 15 anos, onde reside até hoje.
Maria 31 anos	Nasceu em <u>Sobral</u> , e morou em <u>Taparuaba</u> , até 2015. Em 2016 foi para o mestrado em <u>Recife</u> , e agora reside em <u>Natal</u> fazendo doutorado.
Nair 30 anos.	Nascida em <u>Sobral</u> , viveu parte da infância entre <u>Paraíba</u> e <u>Rio Grande do Norte</u> . Retornou aos 10 anos para <u>Taparuaba</u> . Morou no <u>Rio de Janeiro</u> (mestrado - 2016/2017). Morou em <u>Sobral</u> no início de 2018, mas mudou-se em seguida para <u>Fortaleza</u> para assumir como professora substituta na UECE. Atualmente mora em <u>Taparuaba</u> .
Raimundo	Nasceu em <u>Sobral</u> e morou até os 25 anos em <u>Taparuaba</u> . Morou um ano em <u>Sobral</u> , e

35 anos	em 2014 mudou-se para <u>Recife</u> onde foi cursar o mestrado e doutorado, e mesmo tendo concluído prosseguiu por lá trabalhando.
Lavoisier 33 anos	Nasceu em <u>Sobral</u> e morou na <u>Faz. Boa Vista -Taperuaba</u> . A partir do 2º semestre da graduação, foi morar com uma tia em <u>Sobral</u> (2009-2012). Mudou-se para <u>Fortaleza</u> em 2013 para fazer o mestrado e doutorado até 2019. Desde então, retornou para <u>Taperuaba</u> .
João 32 anos	Nasceu em <u>Sobral</u> e morou na localidade taperuabense de <u>Boa Vista</u> , até a adolescência. A partir dos 13 anos passou a morar em <u>Taperuaba</u> até fim de 2017, quando mudou-se para <u>João Pessoa</u> para cursar o doutorado.
Assis 27 anos	Nasceu e morou em <u>Fortaleza</u> até os 06 anos. Em seguida, mudou-se com a família para a comunidade de <u>Bilheira – Taperuaba</u> . Em 2014 foi viver em <u>Sobral</u> , onde reside até o momento.

Fonte: elaboração própria

Santa Maria foi o primeiro nome atribuído à comunidade de Taperuaba, à época, vinculada ao distrito de Juá, pertencente ao município de São Francisco de Uruburetama, que hoje chama-se Itapagé. O distrito de Juá passou, então, a pertencer ao município de Irauçuba, região fronteira com Taperuaba (MENDES, 2014, p.15). Santa Maria estava no centro de um conglomerado de fazendas, do qual faziam parte Bom Jesus, Jurema, Valentim, Olinda, Boa Vista, Corrente, Chumbado, Macapá e Bilheira.

Em maio de 1910, com a renda de um leilão dos festejos religiosos em alusão ao mês mariano, foi construída uma pequeníssima capela que tinha por padroeira Nossa Senhora da Conceição, a mesma da capela de Juá. Para que não houvesse a duplicação de padroeiras, a capela de Santa Maria foi benta em 1912, quando na ocasião o Pe. Catão celebrou a 1ª missa e a padroeira passou a ser Nossa Senhora do Carmo. A imagem foi trazida de navio, de Roma até Fortaleza, e de Fortaleza a Santa Maria.

As festividades de Nossa Senhora do Carmo acontecem no mês de julho. Os moradores das fazendas, que se deslocavam até a igreja para as novenas festivas, sentiram a necessidade de construir suas casas mais próximo da capela. Com esse movimento, a Vila da Santa Maria começou a crescer. Em 1948 foi construída pelo Pe. Soares Leitão a primeira igreja, cujas fundações estão nas bases da atual igreja matriz, que já passou por uma série de ampliações e reformas (RIBEIRO, 2001, p.15-16).

FIGURA 4 - PRIMEIRA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO CARMO.



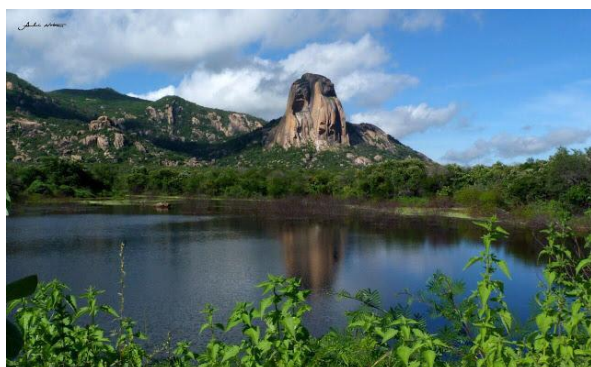
Fonte: Blog da Paróquia de Taparuaba

FIGURA 5 IGREJA NOSSA SENHORA DO CARMO ATUALMENTE



Fonte:arquivo pessoal

FIGURA 6 MONÓLITO CHAMADO DE “PEDRA DA ANDORINHA”, SÍMBOLO DE TAPERUABA



Fonte: arquivo Prof. Ávila e Prof.^a Vilma Gomes

FIGURA 7 - CENTRO COMERCIAL COM IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DO CARMO DE COSTAS, AO CENTRO



Fonte: arquivo Prof. Ávila e Prof.^a Vilma Gomes

Taparuaba foi transformada em distrito de Sobral no ano de 1943, por meio da lei nº 1.114, que modificou o antigo nome da localidade. Hoje, tem população aproximada de 6.100 habitantes (censo 2010 – IBGE; GOVERNO FEDERAL, 2018). Está situada numa região dominada por uma paisagem de rochas cristalinas, datadas do Período Pré-Cambriano Superior²⁸, com tipo de formação geológica que ainda influencia na drenagem das águas da região. As fontes termais, as serras, as formações rochosas exóticas, os sítios arqueológicos com inscrições rupestres e as grutas são algumas potencialidades naturais para um turismo científico, não explorado até hoje. O distrito nunca atraiu grandes fluxos de visitantes, mas já chamou a atenção de pesquisadores de algumas universidades do Norte e do Nordeste (MENDES JÚNIOR, 2007, p.18-20).

²⁸ A Era Pré-Cambriana se estendeu desde o início da Terra, cerca de 4,6 bilhões de anos, até aproximadamente 570 milhões de anos atrás.

Um dos sujeitos desta pesquisa, o interlocutor Raimundo, graduado em Biologia, mestre e doutor em Geociências Paleontologia, conta que:

Em 2003, foi encontrado um fóssil na Fazenda Valentim. Os moradores estavam escavando uma depressão que se forma em cima de grandes lajedos, para acumulação de água. Na geologia chamamos de depósito de tanque. Na época, o prof. Batista [*docente local aposentado*] acionou um paleontólogo de Itapipoca e o material foi levado para este município, pois em Sobral não havia nenhum profissional na área. Com a chegada da professora [*da UVA*] Somália Viana, responsável pelos estudos [*paleontológicos*] na região de Sobral, em 2005, iniciou-se os estudos e resgate de fósseis para Sobral. O material encontrado correspondia a restos de animais pertencentes à Megafauna Pleistocênica. No final do Pleistoceno, cerca de 12 mil anos atrás, praticamente todo o Nordeste era habitado por animais que tendiam ao gigantismo, como por exemplo: tatu gigante - tamanho de um fusca -, preguiça gigante - 7 metros de altura -, mastodonte - parente dos atuais elefantes -, entre outros. Eles viviam em uma área totalmente diferente da atual caatinga. Neste período, por conta de mudanças climáticas, estes animais acabavam morrendo, e seus restos eram transportados para esses locais, os depósitos de tanque, ficando assim preservados. Atualmente os fósseis estão no museu Dom José, juntamente com fragmentos líticos de pedra lascada, o que indica a presença dos ancestrais do homem na região, que pode ser confirmada pelas inúmeras inscrições rupestres gravadas nas rochas da região de Taparuaba. [...] esses registros paleontológicos foi o que primeiro me influenciou na minha área de pesquisa...Foi a partir desse conhecimento que comecei a me interessar pelo assunto...

À exceção da potencialidade de exploração científica deste nicho paleontológico, Taparuaba não oferece, até hoje, alternativas de lazer. O interlocutor Assis, que mora em Sobral desde 2014, deixa entrever seu desapontamento em permanecer na comunidade pela falta de perspectiva para estudos, trabalho e outras interações sociais neste distrito. Ele diz: “[...] quando venho à Bilheira [localidade pertencente a Taparuaba] fico desanimado. Muitos jovens só na bebedeira, sem outros interesses...todos jovens sem perspectivas”.

A interlocutora Joana costuma dizer que as pessoas perguntam: “O que tem de bom para conhecer em Taparuaba, rio, cachoeira, tem o quê?” Ela diz que costuma responder: “Tem gente...forte e cheia de energia”. Trata-se de uma comunidade pequena, com carência de muitas coisas, dentre elas, opções de lazer. Nos festejos religiosos – em julho – e aos finais de ano, costuma haver uma programação com festas em clubes fechados e pagos. Portanto, trata-se de uma diversão seletiva e privada. Fora isso, há apenas algumas lanchonetes, bares e poucas praças onde as pessoas vivenciam suas sociabilidades. Como em praticamente todo o país, o lazer é associado ao consumo de álcool, sobretudo entre os jovens.

A economia da comunidade gira em torno da agricultura sazonal típica do semiárido, dos pequenos comércios e serviços, de benefícios sociais do governo e dos insuficientes e disputados empregos públicos – em geral temporários – na área da educação (em quatro escolas

municipais e em uma escola estadual) e na área da saúde (nos dois postos de saúde – um na sede de Taperuaba e outro na localidade de Bilheira). A grande vocação econômica do distrito está nas pequenas e médias indústrias de confecção para recém-nascidos, que há pelo menos três décadas passaram pela transição do artesanato do bordado à mão para o bordado à máquina. Este é o micro panorama socioeconômico que gestou os sujeitos com quem trabalho. Apresento, a seguir, a instituição escolar de grande referência educacional deste espaço para a formação de toda a comunidade.

2.2 A Escola Cesário Barreto Lima (CBL) e as políticas estaduais de educação

Na Escola de Ensino Fundamental e Médio Deputado Cesário Barreto Lima, da rede estadual de ensino, foi por onde passaram todos os sujeitos da pesquisa, especialmente, no ensino médio, já que é, até hoje, a única no distrito com este nível. Criada em 11 de janeiro de 1982, à época, apenas com nível de 1º grau, foi inaugurada em 02 de maio do mesmo ano, com o decreto de nº 15.042, na gestão do Governador Virgílio Távora. Iniciou com a matrícula de 147 alunos, número bem pequeno de inclusão escolar, considerando que, na década de 80, contava-se com 5.059 pessoas no total da população, como se pode conferir abaixo nos dados do IBGE:

TABELA 1 - POPULAÇÃO ABSOLUTA DE TAPERUABA – 1970, 1980, 1990 E 2000

POPULAÇÃO	1970	1980	1991	2000
Total	4.874	5.059	5.824	5.425
Urbana	823	910	2.643	3.456
Rural	4.051	4.149	3.181	1.969

Fonte: IBGE

Por falta de espaço próprio, a Escola começou a funcionar provisoriamente na Casa Paroquial (Figura 8). O governador Luís Gonzaga Mota liberou, em 1985, a construção do prédio novo, com apenas quatro salas de aula. As instalações definitivas foram inauguradas em 07 de março de 1987. Logo depois, em 1989, o referido governador, juntamente com o prefeito de Sobral, Joaquim Barreto Lima, construíram mais duas salas de aula. Em 1991, o governador Ciro Ferreira Gomes autorizou a primeira reforma do prédio e a construção de mais duas salas de aula. Assim, parecendo “obra de igreja”, no sentido popular do termo, aos poucos e

improvisadamente, a Escola foi ganhando estrutura mínima para atender à comunidade escolar.

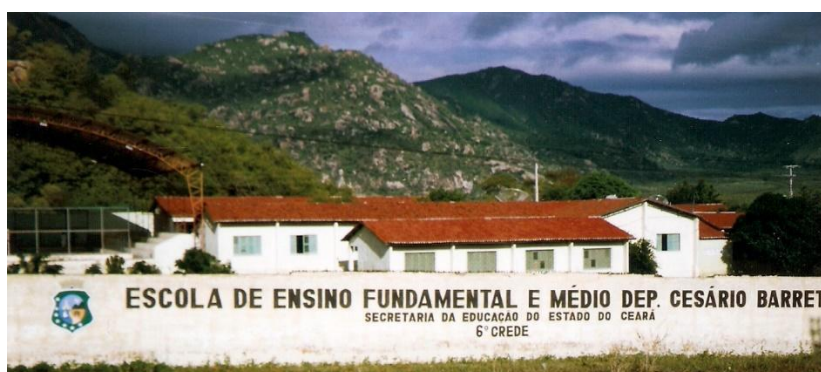
FIGURA 8 - CASA PAROQUIAL – PRIMEIRO LOCAL DA ESCOLA CESÁRIO BARRETO



Fonte: arquivo pessoal de Francisco Agenor Mendes

Em 1990, foi inaugurado o nível de 2º grau – nomenclatura hoje equivalente ao ensino médio - no Centro Educacional Santa Maria, à época, mantido pela Prefeitura Municipal de Sobral. Em 1994 a Escola Cesário Barreto Lima (CBL) encampou esta instituição, passando a ser mantida pela instância estadual. A turma pioneira, concludente de ensino médio, é de dezembro de 1992, à época dividida em duas modalidades: Normal Pedagógico e Científico.

FIGURA 9 - SEDE PRÓPRIA DA ESCOLA CESÁRIO BARRETO



Fonte: arquivo de Francisco Agenor Mendes.

Este breve apanhado de dados tem o propósito de demonstrar um pouco da história local e da educação no distrito, especialmente a abrangência que a Escola Cesário Barreto Lima teve em toda comunidade. Como é possível observar, esta instituição ofereceu todos os níveis de ensino em diferentes momentos de sua existência. Ainda que já existissem outras escolas municipais – apenas com ensino primário – a implantação do ensino fundamental II – à época denominado ensino ginásial – veio, lento e pioneiramente, se construindo nesta instituição, e apenas na década de 90 a escola secundária chegou à comunidade.

Nos anos que se seguiram, entre 2003 e 2010, a Escola passou por melhorias,

paulatinamente, em sua estrutura física com a construção de uma quadra esportiva coberta, com a aquisição dos laboratórios de informática e de ciências, de uma sala de multimeios com uma pequena biblioteca, com a reforma do muro frontal e a construção do primeiro campo de futebol *society*, projeto este que contemplou todas as escolas públicas estaduais do Ceará.

FIGURA 10 - ESCOLA REFORMADA E COM QUADRA COBERTA



Fonte: arquivo pessoal de Francisco Agenor Mendes.

É possível verificar como o processo de escolarização ampliada e estendida ao ensino médio, que ofereceu educação básica à população em Taparuaba, é muito recente, comparado às cidades maiores, às capitais e aos grandes centros urbanos brasileiros. Até a década de 1990 era muito comum as pessoas dizerem que “terminaram os estudos” quando se referiam à conclusão do ensino médio. Tal relação neófito da comunidade com a cultura escolar é percebida, também, pelo restrito número de graduados até uma década atrás, quando, inclusive, muitos professores das escolas locais ainda concluíam o ensino superior.

Até o final da década de 1990, não era comum para os estudantes taparuabenses a perspectiva de ingresso no ensino superior. Uma prova está no baixo número de concludentes do ensino médio da região que se candidatava à uma vaga na universidade. Neste período, havia raras aprovações nos vestibulares. Os aprovados eram, sobremaneira, os poucos estudantes economicamente favorecidos, que puderam cursar os últimos anos do ensino médio em escolas particulares de Sobral, que têm foco na preparação para os vestibulares. A realidade no distrito era reflexo do contexto nacional, a Universidade pública era reservada apenas aos melhores aquinhoados.

No início da década de 2000 o número de vestibulandos foi timidamente crescendo, mas a aprovação ainda não era proporcional ao número de candidatos. Foi a partir da segunda metade dos anos 2000, especialmente, a partir de 2009, até o presente momento, que se viu o

aumento exponencial de candidatos ao ensino superior, bem como, a aprovação crescente de estudantes universitários taperuabenses. Foi neste período que a maioria dos interlocutores da pesquisa chegou à universidade, com exceção de Joana, que é a mais velha, que ingressou no curso de História em 1998.

2.3 A nova história da CBL

É pela narração de Joana, professora efetiva desde 2004 e coordenadora pedagógica por oito anos na CBL, que apresento como foi construída a história recente do crescente fluxo de estudantes taperuabenses rumo à universidade:

Antes, o que que acontecia? Nós tínhamos uma elite financeira que tinha o privilégio do conhecimento e tinha o privilégio da renda. E aí? Esse privilégio fazia com que essas pessoas tivessem acesso ao Ensino Superior, ao mundo do trabalho, enquanto que a população pobre, mais carente, não tinha acesso a nada disso. Muitas vezes, até, era vetado o acesso a ela porque não se tomava conhecimento dessas oportunidades.

A partir de 2009, uma nova equipe gestora iniciou um trabalho com o objetivo de instaurar mudanças nas perspectivas de visão de mundo e alternativas de vida dos estudantes. O árduo e audacioso processo de planejamento e execução foi criando pontes entre esta instituição escolar e a universidade, por exemplo:

Quando nossa equipe assumiu - eu, Lavoisier, Agenor e Joselândia – uma das metas era melhorar a qualidade do Ensino Médio e instigar os alunos ao acesso ao Ensino Superior. Assumi a parte de cuidar dos meninos do 3º ano, incentivando ao vestibular, aos cursos técnicos, etc. Tinha muito claro que não era o financeiro que barraria os meninos no prosseguimento à universidade. O que barraria era se eles não conseguissem entender a importância daquele mundo; se não entendessem que eram capazes de chegar lá; era só se eles não se sentissem motivados a ultrapassar essa barreira. O ponto mais importante foi abrir portas pra conquistarem um mundo novo... e dizer: "olha, vocês têm capacidade, têm condições, e nós estamos aqui pra dar apoio." E aí, o que é a universidade? Serve pra que? Aquele trabalho de formiguinha, de cada professor que tava ali, que tinha passado, falava o que era a universidade, e tentava trazer as ideias de como aquele mundo era bom.

Esse trabalho foi fruto de uma resolução do grupo gestor escolar que assumiu naquele momento, que comungava desses valores e se dispôs a fazer um trabalho minucioso de reestruturação pedagógica. Como coordenadora, Joana conta que:

[...] todos os dias passava nas turmas dos 3º anos pra dar uma injeção de ânimo neles. Falava da universidade, não falava de "faculdade". Universidade é um universo. Lá, você vai encontrar gente de outros municípios, pessoas com outras ideias, outras realidades, vai encontrar um mundo, por isso é um universo. Você vai sair do seu lugarzinho pequenininho, onde todo mundo tem o mesmo jeito, a mesma cultura, a mesma maneira de viver, e você vai se confrontar com outras coisas, vai aprender muito. Só o fato sair e chegar lá, já vai aprender muito... independente do curso que fizer. Dizia como era legal, que o professor não pegava no pé de ninguém, que não tinha que ficar bitolado na frequência, mas que ia ter responsabilidade pelo seu futuro. Vão descobrir um mundo novo, que envolve o conhecimento. É muita informação, todo dia você aprende uma coisa nova, vê gente nova, é um professor que traz novidade, e a gente começou a sonhar que os meninos podiam, e foi muito bom, porque casou com as políticas públicas do governo federal, que eram um incentivo.

As políticas públicas de educação a nível nacional, como a abertura de novas instituições e a criação de novos cursos de nível superior e técnico para além das capitais, chegando nas cidades do interior do país, possibilitou o acesso a um tipo de conhecimento formal e soprou para as populações interioranas, isoladas por tantos séculos, as chances de desdobrar a trajetória escolar para além do ensino básico. Foi o caso de Sobral e de tantas outras cidades que viram estas instituições de ensino superior e técnico trazerem consigo o desenvolvimento para o seu entorno pela dinâmica econômica e social que elas articulam. Estas ações federais vieram somar-se às políticas públicas regionais que já haviam se iniciado, no nível fundamental, no município de Sobral e se estenderam para todo o Ceará e criaram um marco histórico na educação pública deste estado, como veremos adiante.

2.4 SPAECE e PAIC

Até a década de 90', a alfabetização tardia ou não consolidada até o final do ciclo do ensino fundamental I, e em muitos casos se estendendo até ao final do ensino fundamental II, era uma realidade tacitamente aceita nos meios populares no estado do Ceará. A partir de 2001, na gestão do prefeito Cid Gomes, Sobral instaurou uma nova era na educação do município tendo como bandeira maior erradicar o analfabetismo, estipulando metas arrojadas para garantir aprendizagem adequada dentro do ciclo da alfabetização (06 aos 07 anos), e mais, a correção de fluxo (alfabetizar todas as crianças e adolescentes que não conseguiram se alfabetizar dentro da faixa etária indicada). O mesmo projeto educacional sobralense vai ganhando força e vai aos poucos se expandindo para o restante do Ceará através do PAIC, como se pode ver o histórico:

A origem do PAIC aponta para o trabalho desenvolvido pelo Comitê Cearense para a Eliminação do Analfabetismo Escolar, criado em 2004, pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, através da iniciativa do deputado Ivo Gomes (que foi secretário de educação na instauração do projeto da alfabetização sobralense). O Comitê era constituído pela Assembleia Legislativa, UNICEF, APRECE, UNDIME/CE, INEP/MEC, e Universidades Cearenses como UECE, UFC, UVA, URCA e UNIFOR.

O objetivo do Comitê era explicitar a problemática do analfabetismo escolar. Para tanto, desenvolveu pesquisas e divulgou relatório contendo os resultados. [Houve] sete audiências públicas e dois seminários internacionais sobre alfabetização. O estudo revelou as seguintes conclusões:

- somente 15% de uma amostra de cerca de 8.000 alunos leram e compreenderam um pequeno texto de maneira adequada;
- 42% das crianças produziram um pequeno texto que, em muitos casos, eram compostos por apenas duas linhas. Nenhum texto foi considerado ortográfico pelos avaliadores;
- a maioria das universidades não possuía estrutura curricular adequada para formar o professor alfabetizador;
- grande parte dos professores não possuía metodologia para alfabetizar, abusava de cópias na lousa e usava muito mal o tempo de aula que era bastante reduzido: aulas começavam tarde, terminavam cedo e tinham intervalos longos.

[Houve] uma mobilização social em torno do combate ao analfabetismo escolar, a APRECE e a UNDIME/CE, com a parceria técnica e financeira do UNICEF, criaram o Programa Alfabetização na Idade Certa - PAIC, com o objetivo de apoiar os municípios cearenses na melhoria da qualidade do ensino, da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, contando com a adesão de 60 municípios, através de um pacto de cooperação. O pacto de cooperação tem a finalidade de comprometer os municípios com as seguintes metas:

- priorizar a alfabetização de crianças, redimensionando recursos financeiros para os programas da área;
- estimular o compromisso dos professores alfabetizadores com a aprendizagem da criança, por meio da valorização e profissionalização docente;
- rever os planos de cargos, carreira e remuneração do magistério municipal, priorizando incentivos para a função de professor alfabetizador de crianças a partir de critérios de desempenho;
- definir critérios técnicos para a seleção de núcleos gestores escolares, priorizando o mérito;
- implantar sistemas municipais de avaliação de aprendizagem de crianças e desempenho docente;
- ampliar o acesso à educação infantil, universalizando progressivamente o atendimento de crianças de 4 e 5 anos na pré-escola;
- adotar políticas locais para incentivar a leitura e a escrita.

Em 2007, o Governo do Estado do Ceará, por meio da SEDUC, assumiu a execução do PAIC, tornando o programa uma política pública. Em parceria com a UNDIME/CE, UFC e UNICEF. [...] prefeitos assinaram o novo pacto de cooperação, na qual assumiram publicamente o compromisso com a execução das propostas do Programa Alfabetização na Idade Certa-PAIC. Alfabetizar todos os alunos das redes municipais até o 2º ano do ensino fundamental foi o objetivo geral proposto para o PAIC. Reconhecendo que ter a alfabetização como prioridade exige planejar e executar ações sistêmicas e articuladas, o programa foi organizado em cinco eixos: gestão da educação

municipal, avaliação externa, alfabetização, educação infantil, literatura infantil e formação do leitor. No dia 25 de maio de 2011 o Governo do Estado lançou o PAIC MAIS, visando estender as ações que eram destinadas às turmas de Educação Infantil, 1º e 2º ano do ensino fundamental até o 5º ano nas escolas públicas dos 184 municípios cearenses. Atualmente o programa é executado em parceria com as seguintes instituições: APDMCE, APRECE, FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL, FUNCAP, SECULT, SEDUC, UNDIME, UNICEF e UNCME.²⁹

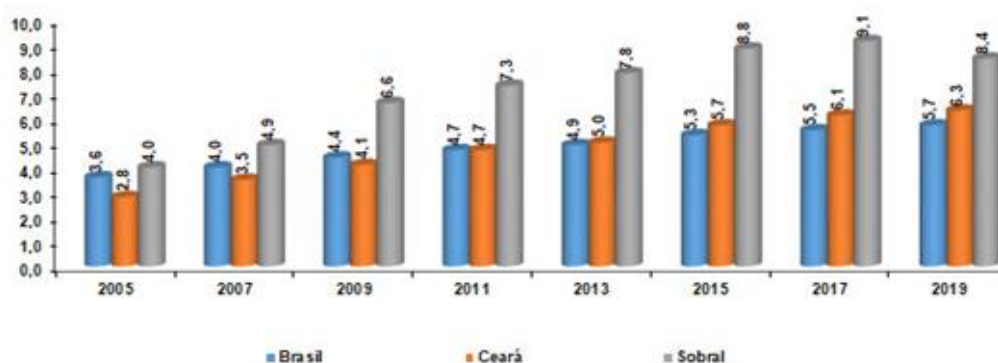
Concomitantemente, a rede estadual de ensino do Ceará implementa uma série de ações e incentivos motivados pelo acompanhamento de duas importantes ações, a saber: o Spaece³⁰ e o PAIC. Em consonância, em 2007, o Ministério da Educação implementa a

²⁹ Disponível em: <https://paic.seduc.ce.gov.br/index.php/o-paic/historico/historia>. Acesso em janeiro de 2021

³⁰ O Governo do Estado do Ceará, por meio da Secretaria da Educação (SEDUC), vem implementando, desde 1992, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – SPAECE. Na vertente Avaliação de Desempenho Acadêmico, caracteriza-se como avaliação externa em larga escala que avalia as competências e habilidades dos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em Língua Portuguesa e Matemática. As informações coletadas a cada avaliação identificam o nível de proficiência e a evolução do desempenho dos alunos. Realizada de forma censitária, abrange as escolas estaduais e municipais, tendo como orientação Matrizes de Referência alinhadas com as do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). Por considerar a importância da avaliação como instrumento eficaz de gestão, a SEDUC amplia, a partir de 2007, a abrangência do SPAECE, incorporando a avaliação da alfabetização e expandindo a avaliação do Ensino Médio. Desta forma, o SPAECE passa a ter três focos: A avaliação do SPAECE-Alfa surge em decorrência da reconhecida importância na alfabetização das crianças logo nos primeiros anos de escolaridade, expressa através do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC). Numa avaliação anual, externa e censitária, para identificar e analisar o nível de proficiência em leitura dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental das escolas da Rede Pública (estaduais e municipais), possibilita construir um indicador de qualidade sobre a habilidade em leitura de cada aluno, o qual permite estabelecer comparações com os resultados das avaliações realizadas pelos municípios e pelo Governo Federal (Provinha Brasil). Sobre a participação do Governo Federal Maia (2020, p. 167) diz: “[...] Nos primeiros anos do Paic, de 2007 a 2012, o governo federal apoiou o programa com os recursos financeiros para impressão e/ou aquisição dos materiais de alfabetização e, também, prestou seu apoio e reconhecimento à relevância do programa, garantindo, inclusive, a presença do Ministério da Educação (MEC) nos eventos anuais de divulgação dos resultados municipais das avaliações do Spaece e das escolas ganhadoras do Prêmio Escola Nota 10. Estas formas de apoio foram muito importantes para o Paic. A proximidade do governo federal permitiu que os gestores federais acompanhassem a evolução dos resultados, culminando com a decisão do MEC de formatar uma política pública de alfabetização infantil, fortemente inspirado no Paic e que foi denominado Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), anunciado em 2012 e implementado a partir de 2013. O PNAIC, a despeito dos esforços das equipes do MEC de reconhecer sua inspiração no Paic, não foi capaz de escapar do paradigma de desenho único tão fortemente operante na modelagem dos programas federais. Daí que a chegada do PNAIC ao Ceará não tenha se efetivado como um fortalecimento da estratégia estadual, mas como uma expectativa que o estado viesse a se adaptar ao modelo nacional que a partir de então tinha que ser igual em todo o país. Sendo assim, em alguns aspectos operacionais, o PNAIC não refletiu o Paic. Emergiram, então, pontos de tensão que foram razoavelmente administrados, mas que, também, deixaram evidente a dificuldade do governo federal, que constantemente considera apenas seus próprios termos, para dialogar com as lógicas diferentes que os diversos entes federados podem ter sobre um mesmo tema [...] A Avaliação do Ensino Fundamental é realizada nas séries finais de cada etapa do Ensino Fundamental, com a finalidade de diagnosticar o estágio de conhecimento, bem como analisar a evolução do desempenho dos alunos do 5º e 9º anos e os fatores associados a esse desempenho, produzindo informações que possibilitem a definição de ações prioritárias de intervenção na Rede Pública de ensino (estadual e municipal). A Avaliação do Ensino Médio, realizada anualmente de forma censitária, envolve todas as escolas da Rede Estadual de ensino e seus anexos, localizadas nos 184 municípios cearenses. O conjunto de informações coletadas por esta avaliação permite montar um quadro sobre os resultados da aprendizagem dos alunos, seus pontos fracos e fortes, e sobre as características dos professores e gestores das escolas estaduais. Em se tratando de uma avaliação de característica longitudinal, possibilita ainda acompanhar o progresso de aprendizagem de cada aluno ao longo do tempo. O objetivo é fornecer subsídios para formulação, reformulação e monitoramento das políticas educacionais, além de possibilitar aos professores, dirigentes escolares e gestores um

avaliação do Ideb³¹, criado com intuito de obter indicadores de rendimento de aprendizagem para nortear as ações e intervenções de melhorias educacionais. O Gráfico 1 mostra o histórico do crescimento do Ideb de Sobral e do Ideb do Ceará, em relação aos números da média nacional.

GRÁFICO 1 - ANOS INICIAIS DO IDEB. SÉRIE HISTÓRIA DO BRASIL, CEARÁ E SOBRAL



Fonte: MEC/INEP

Nenhum dos sujeitos da pesquisa foi contemplado diretamente pelo SPAECE ou pelo PAIC enquanto estudante, pois, à época da criação desses programas eles já estavam na universidade ou, no caso do Assis, mais jovem, estava concluindo o ensino médio. Os demais pesquisados já eram professores e estas políticas públicas de educação convocaram toda a região - Taparuaba/ Sobral, e o estado cearense, a fazer parte da mobilização social de combate ao analfabetismo e melhoria da qualidade da educação, através do pacto de cooperação legalmente estabelecido entre os municípios e o estado, como descreve Maia (2020, p. 162):

Para dialogar com o lugar e o ponto de vista dos prefeitos, o estado criou

quadro da situação da Educação Básica da Rede Pública de ensino. Disponível em <https://www.seduc.ce.gov.br/spaace>. Acesso em janeiro de 2021. <https://www.seduc.ce.gov.br/spaace/>

³¹ Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. [...] funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias.[...] o Ideb é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil, para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos. As metas estabelecidas pelo Ideb são diferenciadas para cada escola e rede de ensino, com o objetivo único de alcançar 6 pontos até 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>. Acesso em janeiro de 2021.

incentivos financeiros por meio de mudanças na legislação que estabelece critérios para a distribuição da cota-parte do Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS) entre os municípios. Para dialogar com as equipes escolares, o estado criou por lei o Prêmio Escola Nota 10, que passou a distinguir com recursos adicionais as 150 escolas públicas com melhores resultados de aprendizagem (segundo a avaliação externa - SPAECE) na alfabetização, posteriormente, foram incluídas mais 150 no 5º ano e, finalmente, incluídas as 150 escolas com melhores resultados também no 9º ano. Os prefeitos são os líderes maiores da dinâmica que se estabelece nas equipes das secretarias municipais de educação e em toda a rede. Sabedores que os resultados de aprendizagem de suas escolas irão definir maior ou menor soma de recursos advindos do ICMS que serão repassados aos seus municípios, eles passam a se interessar mais pela gestão educacional, a buscar quadros mais capacitados tecnicamente para compor suas equipes e, em alguma medida, a priorizar as necessidades das secretarias municipais de educação junto às suas equipes financeiras e administrativas.

Esta dinâmica de trabalho na mesoestrutura (município/estado) alinhada ao movimento nacional em curso de expansão das políticas públicas de educação, que ampliou a matrícula no ensino superior, a partir da abertura de novas universidades e a exemplo do Reuni - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - “que busca ampliar o acesso e a permanência na educação superior [tendo como] meta dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação”³², repercutiu fortemente em todo o país, assim como em Taparuaba. Cada IES criada em Sobral, a exemplo do Campus UFC em 2006 e Campus IFCE em 2008, representa mais possibilidades de prosseguimento aos estudos para os taparuabenses.

Joana conta como o núcleo gestor da CBL reivindicava apoio à SEDUC para ampliar as possibilidades dos estudantes taparuabenses para serem absorvidas pelo ensino superior: “Nossa escola precisa de um cursinho e de um transporte no dia do vestibular! E como eles viam aquela alegria da gente e vontade de trabalhar, todo mundo jovem (núcleo gestor), motivado, a gente conseguia apoio”. Essa professora sempre enfatiza a disparidade das condições sociais que facilitam ou inviabilizam a determinados grupos prosseguir com os estudos:

Dizia pros meus colegas: gente, “filho de papaizinho”, o pai e mãe deixar na porta da universidade no dia do vestibular, mas os nossos meninos não têm condição, porque os pais não podem acompanhar. É a gente que vai no ônibus com eles dando aquela segurança, porque tem muito menino que nunca saiu da Taparuaba, vai passar o dia fora, vai comer aonde? Então, a gente bolava um esquema, dava o telefone do motorista, dava o telefone do professor, e até

³² Disponível em <http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>. Acesso em janeiro de 2021.

hoje é assim. Nós temos professores que contribuíram desde o início. Lembro a primeira vez que os meninos foram fazer o vestibular, um ano antes da nossa gestão, em 2008, o Prof. Douglas se juntou com o Adílio e fizeram uma *festa* cobrando [ingresso], pra custear o almoço dos vestibulandos, não tinha transporte pra ir pro vestibular. Mas fizeram um movimento, e fiquei encantada com aquilo. Por isso senti que isso tinha que ser meta de uma gestão.

Hoje toda a rede estadual de ensino do Ceará orienta a todas as suas escolas a atingirem 100% de seu alunado inscrito nas seleções do ENEM. A SEDUC oferece suporte para que as próprias escolas façam, com antecedência, todo processo para tirar a documentação pessoal dos alunos (RG, CPF), para que possam informar sobre os detalhes do edital, dos prazos, para orientarem sobre os cursos para auxiliar na escolha da inscrição, e no dia da prova do ENEM, muitas das CREDES fornecem toda uma logística para levar os estudantes para os locais das provas. O incentivo para que todos os estudantes participem desta seleção já se tornou uma ação coordenada de grande alcance na sociedade. Em Taperuaba, a escola providencia transporte para Sobral deixando os estudantes nos locais de prova, com acompanhantes da escola e, inclusive, um suporte para alimentação.

O trabalho pedagógico da gestão é muito voltado para questões prementes daquele lugar. Tem um componente do compromisso que não é só de educação, mas é um compromisso social. É uma premissa acreditar que a educação pode melhorar a comunidade e a qualidade de vida das pessoas. Joana conta o episódio num evento:

O pessoal da Crede dizia: "o que vocês fazem de diferente [para alcançar bons rendimentos de aprendizagem]?" O Lavoisier [*diretor da escola à época da entrevista*] dizia: "o que a gente faz de diferente é não fazer tudo que vocês mandam e procura fazer aquilo que acha que dá certo!" Ou seja: a gente trabalha pra nossa comunidade, pros nossos alunos com dedicação, com respeito e os resultados aparecem; a gente não trabalha pro Governo do Estado. A gente não fica puxando o saber pro menino dar resultado! Muito pelo contrário! Nem sequer fala muitas vezes em resultado! Em termos de nota no Enem, em nota no Spaece. Eu, pelo menos, falo muito sobre ter a oportunidade de mudar de vida ao ingressar no Ensino Superior. Converso com os meninos: "gente, independente de vocês ganharem um computador³³ no Spaece, independentemente se a escola vai ser destaque no Enem, vocês têm que entender uma coisa... conhecimento vai servir é pra vocês.

Com foco na aquisição do conhecimento como instrumento de ampliação de visão de mundo e de possibilidades, Joana expõe para os alunos, objetivamente, quais as vantagens de investir e gostar de estudar:

Entrar na universidade vai fazer uma diferença enorme, porque vocês sabem que o Ensino Superior muda a vida no mercado de trabalho, mas muda, também, a vida da

³³ Os alunos que alcançam determinada pontuação no Spaece são premiados com um notebook pela SEDUC.

gente enquanto ser humano, enquanto pessoa. Quanto mais conhecimento a gente tem, melhor a gente se porta na sociedade, melhor você reflete, pensa, toma atitude. E mesmo quem não quer ir pra universidade por algum motivo, não quer fazer um curso técnico, até quando você assume um comércio, ou quando você vai ser um funcionário, ou quando você vai ser uma dona de casa, ou quando você vai ser um 'pai de família', você vai ter muito mais capacidade do que outras pessoas que não têm formação nenhuma." Dizia pra eles: "até quando você vai num médico e conversar com ele, entende melhor. O mercado de trabalho é uma consequência. Você não tem que morrer de estudar porque vai arranjar um emprego "x" ou "y", ou ficar triste porque não conseguiu ainda. Conhecimento serve pra vida".

Esta professora diz que percebe que há um diferencial entre as pessoas de Taparuaba e alguns municípios vizinhos, porque a comunidade local já tem a educação como um valor na sua consciência coletiva. Considera que a educação escolar e seus benefícios se disseminaram de tal maneira na formação da população que:

[...] quem tá na lanchonete é ou nas empresas costurando, é qualificado. Vi uma reportagem sobre Barbalha (município no sul do Ceará) que dizia que 40% dos funcionários de Barbalha têm nível superior. Eu disse: "já-já nós chegamos nisso." Garis!!! 40% dos garis têm ensino superior, e isso não é vergonha. Isso deve ser honorífico. Por que? Porque o certo é todo mundo ter Ensino Superior: gari, faxineira... Por que não? Lembro que o Agenor (professor, ex-diretor e também coordenador pedagógico) dizia pras nossas merendeiras: "vocês têm que fazer o Ensino Médio." E nossas três merendeiras fizeram, nossos serviços gerais, nosso porteiro, todos têm Ensino Médio completo. Essa semana, ouvi elas dizendo: "Ah, vamos fazer o concurso da Cagece [*Companhia de Água e Esgoto do Ceará*]" E disse: "façam, vão estudar, façam!" Porque as pessoas têm que pensar que elas "estão merendeiras", estão "porteiras", estão "garis", mas não vão ficar a vida inteira naquela profissão, se não quiserem! Quando você pensa "eu estou nessa situação", mas "eu posso estar em outra amanhã", você pensa na possibilidade de continuar crescendo. Emprego nenhum é ruim. Todo trabalho é digno. Agora, tem sempre que pensar em crescer... porque, o melhor emprego que você tiver, se não tiver pensando em crescer, vai ficar chato.

Como já dito, o período de intensificação das aprovações de estudantes de escolas públicas para as universidades coincide com as políticas nacionais de expansão do ensino superior. Em Taparuaba, esse fenômeno somou-se à atuação de um novo grupo gestor da Escola

CBL, que impulsionou, dentre outras coisas, o aumento significativo de catalisação dos jovens e a aquisição de novos projetos, tais como o E-jovem³⁴ e o Pré-Vest³⁵.

Foi a partir desse período que começaram a ser alcançados os melhores resultados dos rendimentos de aprendizagem na história da Escola, em avaliações como Prova Brasil³⁶ e Spaeece³⁷, e na aprovação no Enem e nos vestibulares da UVA, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e, mais recentemente, para a UFC (especialmente, o campus Sobral). Na Figura 11, à esquerda, imagens de aulas regulares nos dias letivos e, à direita, imagens de aulas do Pré-Vest, em que os estudantes, inclusive, aparecem sem uniforme escolar. É possível observar as salas com boa frequência.

³⁴ O Projeto E-Jovem é uma iniciativa do Governo do Estado do Ceará, por intermédio da Secretaria da Educação (SEDUC), que objetiva oferecer formação em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) com ênfase no protagonismo juvenil, aos educandos do ensino fundamental e médio e aos egressos da rede pública estadual. O E-Jovem desperta habilidades e valores necessários para que esses jovens em formação se tornem cidadãos conscientes e dispostos a assumir um papel proativo ao longo das suas vidas. O projeto tem por objetivos: a universalização da cultural digital; qualificação profissional; possibilitar a inserção no mundo do trabalho; e empreendedorismo social juvenil. Disponível: <http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/noticias/106-educacao-profissional/educacao-profissional3/4880-projeto-e-jovem> e <http://projetoejovem.seduc.ce.gov.br/site/ejovem/>

³⁵ Pré-Vest foi um cursinho preparatório para as avaliações do Enem e vestibulares oferecido na própria Escola Cesário Barreto pela Seduc entre 2009 e 2011, com o intuito de reforçar o estudo dos conteúdos já realizados nas aulas regulares.

³⁶ A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Nos testes aplicados na quarta e oitava séries (quinto e nono anos) do ensino fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de língua portuguesa, com foco em leitura, matemática, e na resolução de problemas. No questionário socioeconômico, os estudantes fornecem informações sobre fatores de contexto que podem estar associados ao desempenho. <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>

³⁷ Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaeece), é realizado pela gestão da SEDUC, em parceria com o Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UJFJ). Essa Avaliação abrange as escolas públicas das redes estadual e municipais do estado, avaliando os alunos da Educação Básica, desde as etapas de Alfabetização até o Ensino Médio. Do ano de sua criação, em 1992, até os dias atuais, o Spaeece fornece subsídios para formulação, reformulação e monitoramento das políticas educacionais [...]. Para isso, a cada edição, são aplicados testes de desempenho e questionários contextuais, que possibilitam extrair dados, visando traçar um panorama da qualidade da educação dos alunos. De posse desses dados, os gestores das secretarias de educação podem tecer reflexões, elaborar e monitorar suas políticas, programas e projetos educacionais. No âmbito das unidades escolares, os dados podem ser adotados pelos diretores, coordenadores pedagógicos, professores, alunos e responsáveis, para a revisão ou consolidação das ações definidas no projeto político pedagógico da escola. Além disso, a organização desses dados constitui uma ferramenta importante para diagnosticar os resultados escolares e prestar contas à sociedade, em geral, de como se encontra a qualidade do ensino público cearense. Disponível em <http://www.spaeece.caedufjf.net/>

FIGURA 11 - ESTUDANTES EM AULAS REGULARES E EM CURSO PRÉ-VESTIBULAR



Fonte: <http://cbltaperuaba.blogspot.com/>

Nos anos que se seguiram, a Escola Cesário Barreto Lima tem avançado qualificando seus processos de ensino aprendizagem e chegou à posição de 2ª melhor escola pública do Brasil e a 1ª entre as escolas regulares, dentro do perfil socioeconômico e caracterização da escola, segundo ranking divulgado pelo Inep a partir dos resultados obtidos no Enem 2014, como aparece na matéria abaixo:

Duas escolas do Ceará obtiveram os melhores resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) entre as unidades de grande porte da rede pública de ensino. As escolas Padre João Bosco de Lima [Escola Profissional³⁸], em Mauriti, e Deputado Cesário Barreto Lima, em Sobral, foram, respectivamente, as mais bem pontuadas entre as instituições públicas do último exame. Para essa classificação, foram considerados como critérios ter mais de 90 alunos, dos quais mais de 80% tenham cursado todo o ensino médio na escola, e nível socioeconômico baixo ou muito baixo. [...] A segunda instituição mais bem pontuada, a Escola Deputado Cesário Barreto Lima, em Sobral (199,7 mil habitantes), a 210 quilômetros de Fortaleza, também atribui o sucesso à participação da família, professores e outras instituições no desenvolvimento do aprendizado. Com 425 alunos do ensino médio, a escola tem um projeto de estudo de grupo, no qual os alunos que precisam melhorar as notas em determinada disciplina estudam juntos, com o acompanhamento dos professores. Para a aluna Aldenora Alves Oliveira, 17 anos, os bons resultados têm relação com o trabalho em equipe de professores e alunos para ajudar os estudantes com maior dificuldade no aprendizado. “Cada turma é acompanhada por um professor. Ele conversa com os alunos que têm mais dificuldade”, disse. “Tem também o projeto de monitoria, em que os próprios alunos que se destacam em certas disciplinas ajudam os outros.” Na preparação para o Enem, a instituição de ensino realiza avaliações bimestrais, nos moldes da prova nacional. “Montamos um provão, o mais semelhante possível ao Enem, com questões formuladas por nossos professores, usando os mesmo critérios do Enem e questões de provas antigas”, explicou o diretor

³⁸ As escolas profissionalizantes já fazem uma filtragem ao submeter seu público a uma seleção para o ingresso na instituição.

da escola, Fábio Braga. “A partir dos resultados, fazemos uma avaliação interna do desenvolvimento dos alunos.”³⁹

Creio que há muito o que se discutir sobre os resultados educacionais em rankings, mas não tenho como abrir a discussão no momento. Apenas utilizo os resultados e classificação deste tipo de avaliação como indicadores de que algum trabalho em busca de melhoramento está sendo feito, que o grupo de profissionais também se apropria das estratégias do ensino propedêutico, já que esse é um meio de ampliar as chances de aprovação dos estudantes para o ingresso noutros níveis de estudos, e tais objetivos vêm sendo alcançados, além de aprendizagens mais contextualizadas e críticas, como relata a interlocutora Joana, que também é parte do grupo desses educadores.

Todos os interlocutores da pesquisa identificaram carências na Escola Cesário Barreto Lima durante seu período escolar que antecedeu as mudanças citadas acima, mas consideram que a instituição foi um espaço importante para a formação deles. É possível verificar nos depoimentos o reconhecimento aos educadores desta Escola – eles aparecem como tendo sido, e ainda sendo, os grandes motivadores educacionais na comunidade. Os sujeitos da pesquisa atribuem e destacam o trabalho das últimas gestões, bem como a qualificação dos docentes, e o alinhamento entre núcleo gestor e professores, como tendo relevante peso nas decisões dos estudantes continuarem a estudar e a enxergar a universidade como um espaço possível.

2.5 Ligação dos taperuabenses com Sobral

A relação dos taperuabenses com a cidade-sede de Sobral é, paradoxalmente, adotiva, mas quase umbilical. Mesmo residindo no distrito, desde a infância, os taperuabenses vão à sede com alguma frequência pelos mais diversos motivos: para atendimento médico especializado, para realizar transações bancárias⁴⁰, para atividades no comércio, ou, simplesmente, para acompanhar os familiares em algumas tarefas. Todos crescem concebendo a cidade como um centro alimentador de diversas necessidades, a ponto de, mesmo sem trabalhar ou estudar em Sobral, irem algumas vezes, ou, pelo menos, uma vez ao mês para

³⁹ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/30291-escolas-do-ceara-contam-por-que-obtiveram-melhor-classificacao>. Acesso em dezembro de 2020.

⁴⁰ Não há agência bancária no distrito. Há pouco mais de oito anos que dois caixas eletrônicos foram instalados na comunidade.

resolverem demandas de outra ordem. As universidades e demais instituições de ensino superior são os maiores atrativos, especialmente para os jovens. Desta maneira, a relação que Taperuaba – assim como os demais distritos – mantém com Sobral é de profunda dependência.

O “consumo da cidade” de Sobral é realizado de muitas formas, inclusive, para o lazer ou para viver ludicamente o espaço da cidade. Embora, para a maioria dos frequentadores/consumidores, seja difícil vivenciá-la como gostaria. Para muitas pessoas de alguns distritos e de municípios vizinhos há a dificuldade de acesso (distância e meios de locomoção escassos) e de recursos para consumir alguns espaços e serviços recreativos pagos em Sobral (cinemas, festas particulares, restaurantes e bares). Também há muitas opções de recreação e de lazer que a população, em geral, pode usufruir gratuitamente ou a baixo custo, ao longo do ano, tais como praças (algumas com equipamentos de ginástica), parques, pistas de skate e bicicross, museus, teatros, e uma série de eventos artísticos em espaços públicos. Veremos a seguir, como a cidade constituiu artifícios históricos, econômicos, políticos e culturais que atraem as populações do seu entorno.

2.6 Sobral: A “Princesinha do Norte”⁴¹ torna-se cidade universitária – a primeira experiência acadêmica dos interlocutores da pesquisa

FIGURA 12 - VISTA AÉREA PARCIAL DA SEDE DE SOBRAL E RIO ACARAÚ QUE CORTA A CIDADE



Fonte: <https://cearapraias.com.br/sobral-cultura-no-interior-cearense/>

Começo essa sessão com as palavras dos próprios sujeitos da pesquisa sobre a relação que desenvolveram com Sobral, sobre o que a cidade lhes remete, o que ela representa e

⁴¹ Esta é uma alcunha popularmente utilizada para nomear a cidade de Sobral.

significa. Joana descreve a ambiguidade que sente por Sobral:

É uma questão um pouco problemática... minha relação pessoal com a cidade foi e é muito boa e importante para minha formação. Tive oportunidade de usufruir de muita coisa que a cidade oferece. Além da UVA, a parte cultural também me influenciou bastante, e já foi mais “viva” do que é hoje. Vejo as instituições com melhorias, como o sistema de saúde... Mas essa não é a realidade de todos que vivem lá... É o caso de nós taperuabenses... a gente não se sente sobralense, pelo menos eu não me sinto. Quando alguém pergunta de onde sou, digo: de Taperuaba. Nunca digo que sou de Sobral, porque muita coisa não chega a Taperuaba: a participação política efetiva, cultural... O que ainda chega, é um pouco da questão da saúde e da educação, mas chega como produto final, não como decisão [...]. Quando morei⁴² lá, tive oportunidade, mas como pessoa da periferia, do distrito, do campo, nunca como cidadina... sempre me senti uma pessoa de fora, mas me sentindo bem por poder participar. Agora, a partir do momento que sai desse eixo, que volta para o distrito, aí sente novamente o preconceito. Eu já senti. Escutei de professores do Direito [*trancou esta segunda graduação para fazer o mestrado*]: ‘ah, como é que um distrito⁴³ quer passar a cidade? Eles não têm condição...’ Como se quem morasse no distrito fosse menos cidadão do que quem mora na cidade, fosse menos capaz...e não é. Até vejo que isso é um dos elementos que amplia a nossa autonomia, enquanto distrito, porque estamos tão distantes, que muitas vezes fazemos coisas que a cidade não pode dar conta de nos controlar. Talvez isso seja responsável pelo nosso desenvolvimento, nossa união e sentimento de pertença...Por isso é difícil responder, porque pra mim é algo muito contraditório. Sobral tem um significado pra mim, enquanto indivíduo, mas enquanto taperuabense, a cidade é muito imperfeita, é difícil essa situação de olharem como se a gente fosse inferior. Quando agentes municipais vêm fazer uma palestra, chama de área rural, povo do interior...e assim já traz um pacote pronto, como se a gente não pudesse construir e não soubesse de nada... eles levam o bocado de chibatada e voltam pra Sobral achando que a gente é muito arrogante...mas não é, somos resistentes, lutamos muito pra crescer e não vamos deixar que os outros pisem. Outro dia, prof. Osmar, dizia: ‘Olhe, eu fico muito impressionado, porque tem dois distritos aqui que tem brilho próprio. É Taperuaba em Sobral, e Araquém em Coreaú. Aí eu fiquei muito feliz, né? Sobral é uma cidade que é conhecida no Brasil inteiro, e Taperuaba tem um brilho especial. É muito legal essa coisa do sentimento de pertença. Assisti uma reportagem dos meninos que trabalham no Adegão⁴⁴, quando o repórter da Record perguntou de onde eles eram, eles disseram de Taperuaba⁴⁵. Por isso, meu sentimento é muito dividido, eu gosto de Sobral demais, mas eu sou taperuabense de coração, então é esse conflito...

⁴² Joana morou em Sobral de 2001 a 2004.

⁴³ Existe, há alguns anos, no distrito, um debate em torno da emancipação de Taperuaba. Esta questão é polêmica e não há unanimidade por parte da população. Este tema já esteve mais presente nas conversas informais, tendo arrefecido com o passar dos anos.

⁴⁴ O Adegão Português é uma tradicional rede de restaurantes de culinária lusitana localizada no Rio de Janeiro, que tem muitos trabalhadores taperuabenses: garçons, gerentes, chefes de cozinha e sommeliers premiados, dentre eles, Edcarlos Lopes, que é *Sommelier*, nível 3 da *Wine Spirit*, e especializado em vinhos portugueses pela *Wine Senses Brasil*. Edcarlos foi o 2º classificado no concurso da “ABS RJ Novos Talentos”, 2º lugar no Concurso “*Expert Sud de France*”, e o vencedor do concurso de Melhor *Sommelier* de Vinhos do Alentejo no Brasil 2014, eleito pela Comissão Vitivinícola Regional (CVR) Alentejana. Como prêmio, recebeu uma viagem e estágio profissional em Portugal e participação no “*Grand Master Portugal Wine Expert*”.

⁴⁵ Joana enfatiza a questão de afirmar a naturalidade especificamente de Taperuaba, porque é muito comum os taperuabenses atribuírem sua proveniência a Sobral. Pelo fato da cidade ser mais conhecida que o distrito, a explicação fica mais clara para quem não conhece bem o Estado do Ceará.

Frida fala de sua relação com a urbanidade sobralense dizendo:

Gosto muito de Sobral, ainda que goste mais da minha casa na Taparuaba. Mas é minha referência de centro urbano. Gosto de estar em contato com a cidade, com o movimento e a dinâmica que a fazem. Talvez por ter nascido em uma cidade... além disso, ter feito a faculdade, estreitou essa ligação ainda mais. Depois, comecei a trabalhar na UVA em 2012, numa seleção para professora substituta. Fiquei de 2012 até junho de 2013, quando saí para o mestrado. Em 2015, fiz novamente a seleção para professora substituta no curso de Filosofia e lecionei em 2017. Em novembro desse mesmo ano, faço de novo seleção para o curso de Filosofia, e sou aprovada e contratada. Possivelmente, ficarei por lá até janeiro de 2020. Foram 3 seleções para professora substituta. Trabalhar lá hoje, me faz gostar ainda mais. Além dessa relação profissional, gosto da cidade, de participar de eventos que acontecem, da arquitetura... E já fiz questão de conhecer muitos espaços importantes para sua história para adquirir um sentimento de pertencimento.

Nair concebe Sobral pelo prisma da sua funcionalidade e da conquista dos sonhos:

A cidade para mim é um espaço propício para o desenvolvimento profissional, acadêmico e de inserção produtiva. Representa o lugar onde foi possível a concretização de sonhos, metas... Onde consegui ousar outros objetivos, é uma das cidades que mais me oportunizou a uma formação diferenciada no campo da saúde. No entanto, eu me sinto muito mais taparuabense que sobralense, apesar de ser a mesma cidade. Mas, Taparuaba para mim remete a origens, a valores simbólicos e imateriais, remete a amor por essa terra. Sobral é conhecida como a cidade materialista, de consumo, de competitividade e corporativismo exacerbado. No mais, apesar das fraquezas, Sobral para mim representa avanço, quando se compara a outros municípios do Estado e até do País. Tenho muita gratidão e apreço pela cidade, no que concerne suas políticas, estrutura, representantes, e sociedade civil.

Raimundo descreve uma relação de total apropriação por Sobral:

Sobral representa para mim o berço de toda minha formação. Tenho orgulho imenso de ser sobralense. Tenho um professor que diz que não sou cearense, sou sobralense. Admiram-se pelo fato de ter vindo do interior do Ceará e com todas as dificuldades ter conseguido sucesso nos estudos. A cidade de Sobral, assim como Taparuaba, sempre vão remeter um tempo bom, apesar das dificuldades da vida estudantil... Foi um tempo em que olho para traz e vejo que tudo valeu a pena.

Lavoisier fala orgulhoso de Sobral e diz se sentir em casa nesta cidade:

Sobral sempre representou o meu lar. Sempre tive orgulho do meu status como sobralense, embora não saiba explicar o motivo exato disso. Vejo a cidade como meu refúgio. Não sei bem como definir a relação... me sinto orgulhoso em dizer que sou sobralense e a defendo, tento mostrar aos que não a conhecem a ótima cidade que ela é. Apenas acho complicado falar da relação com um lugar, pois embora goste de lá, não posso ter tanto apego, pois irei viver onde me for ofertado as oportunidades.

João demonstra uma relação de objetividade com Sobral:

Minha relação com a cidade, creio eu, não chegou a ser de pertencimento, como Taparuaba. Mas foi uma busca de realização. Ou seja, consegui algumas conquistas da minha vida devido ao que a cidade pôde me proporcionar. Então, acho que sempre lembrarei de Sobral como uma cidade onde tive conquistas, mas não como a cidade a qual pertenço.

Assis define Sobral como sua cidade, onde as oportunidades de sua vida aconteceram:

Eu costumo dizer que Sobral é como se fosse a minha *home town*, realmente a minha ‘cidade natal’. Sou nascido em Fortaleza, vivi parte da infância lá, depois viemos pra Taparuaba, lá pra Bilheira [*Taparuaba*]. Mas tenho uma identificação muito [*deu ênfase a esta palavra*] grande com Sobral. A minha mãe até acha estranho, às vezes, o fato de eu gostar tanto daqui. Por exemplo, vou uma vez por mês lá pra Bilheira [*onde mora família*], até devido o tempo. Foi aqui que eu consegui várias oportunidades [...] que cresci tanto na vida pessoal e profissional [...] como os cursos que fiz no Palácio de Línguas, por exemplo. Fui Guarda-mirim⁴⁶ [...] depois vim morar na cidade, fiz muitas amizades e fui percebendo novos vínculos [...] pensar um pouco além [...] me remete um espaço onde me sinto bem, onde tenho oportunidades [...] E admiro bastante como as coisas aqui funcionam [...] por ser cidade do interior, acho desenvolvida, a gente anda por outras cidades próximas, e percebe que, estruturalmente, economicamente, são atrasadas em relação a Sobral, né?

Fica evidente, nas falas destes sujeitos, como Taparuaba é o lugar das origens, dos afetos, e, para alguns, representa a certeza de pertença. A relação de propriedade também é percebida em alguns pelo desejo de provocar mudanças na sua comunidade, como aparece mais claramente nas falas da Joana, da Frida e da Nair, em trechos das entrevistas. Raimundo, Lavoisier e Assis mantêm uma relação mais desprendida com o distrito e parecem estar mais abertos a possíveis deslocamentos.

No entanto, é possível perceber que cada sujeito apresenta, ao seu modo, uma relação que estabelece com Sobral, que não é unânime. Talvez dúvida, mas não chega a ser, propriamente, divergente. Aparecem diferentes nuances e ênfases sobre os níveis de proximidade, identificação, pertencimento e intensidade sobre as influências da cidade em suas experiências. Neles, surgem leituras, concepções e sensações diferentes e, concomitantemente, algumas semelhantes quanto ao que o lugar representa. No entanto, são inegáveis a gratidão, o reconhecimento e o apreço que sentem pelas oportunidades que lá viveram ou vivem, e como a cidade afetou, sobremaneira, suas trajetórias de vida.

⁴⁶ Guarda-mirim é um programa da Prefeitura de Sobral, por meio da Secretaria de Cidadania e Segurança, criado em 2004 e que atua até hoje, propondo “a integração social e formação moral e cívica dos adolescentes. Para participar, os candidatos devem ter entre 14 e 17 anos, residirem em Sobral (ou distritos), ter o consentimento formal dos pais e estar matriculados na escola, a partir do 6º ano do ensino fundamental. A seleção acontece em duas fases. A primeira ocorre por meio de prova objetiva e, a segunda, por meio de entrevista. Os aprovados na seleção recebem uma bolsa-auxílio mensal no valor de R\$ 126,60, durante o período do estágio”. Disponível em www.sobral.ce.gov.br Acesso em dezembro de 2020.

Muitas das falas destes interlocutores, vão aparecendo pulverizadas e diluídas no texto, indicando a necessidade de registrar, na pesquisa, o impacto que Sobral teve em suas vidas. Por isso, veremos nesta parte do trabalho porque a cidade é uma referência e um ponto de atração, no âmbito educacional, profissional, econômico, cultural, de lazer, e como tudo isso representou apelos significativos nas suas vivências, sendo mesmo uma extensão especial de suas histórias, por tudo o que Taparuaba não consegue oferecer. Para isso, façamos uma breve apresentação dos lugares, num passeio junto com os próprios sujeitos da pesquisa que mostram, do “centro enobrecido” para as “extremidades invisibilizadas” e, sobretudo, a “cidade das oportunidades educacionais” em suas experiências com os espaços.

O município de Sobral tem uma extensão territorial de 2.122,9km². A cidade foi fundada em 1772 a partir da Fazenda Caiçara, e alçada a Vila Distinta e Real de Sobral⁴⁷ (FREITAS, 2005, p. 35). Tem clima tropical quente semiárido e seu relevo tem planície fluvial, depressão sertaneja e maciços residuais, segundo dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)⁴⁸, 2016).

Banhada pelo Rio Acaraú (o segundo maior do Ceará), até meados do século XIX, a cidade acumulava uma riqueza que a situava em posição privilegiada em relação à capital. Sobral tinha uma autonomia econômica e importante adensamento demográfico, chegando a ser maior que Fortaleza. Na segunda metade do século XIX e início do século XX, a capital iniciou o processo de industrialização e concentração de recursos pela arrecadação fiscal, alcançando hegemonia econômica. Contudo, Sobral, depois de 248 anos de história, ainda continua com posição de destaque econômico, político e cultural dentro do estado cearense (FREITAS, 2000).

O município é composto por 13 distritos: Sobral (sede), Aprazível, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Patos, Patriarca, Rafael Arruda, São José do Torto e Taparuaba. Atualmente, tem uma população aproximada de 203.682 habitantes (IBGE-2016), sendo o quinto município mais populoso do estado do Ceará.

A partir de 1997, há um movimento político cultural que instaura um novo projeto de apropriação e gestão da cidade de Sobral, liderado por um “grupo de jovens intelectuais, políticos, empresários e técnicos [*que iniciam um*] processo em que a preservação do sítio histórico se firmou como uma bandeira programática, administrativa e simbólica da mais alta

⁴⁷ ARAÚJO, Felipe. Sobral Stories: Os estrangeiros que passam, as influências que ficam e as Histórias que fazem da Princesinha do Norte nossa Cidade mais esnobe e cosmopolita. Jornal O Povo, Fortaleza, 05 de abril de 1997, caderno Sábado.

⁴⁸ O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará.

relevância” (DUARTE JÚNIOR, 2012, p, 218). A administração de Cid Gomes na prefeitura de Sobral em dois mandatos (1997-2000 e 2001-2004) fez ressurgir um novo tempo histórico nesta cidade. Sua gestão foi inovadora em políticas públicas na área da saúde e, sobretudo, na educação, vindo a se tornar, há pelo menos uma década, referência nacional em melhorias da aprendizagem. A interlocutora Nair corrobora dizendo: “Mesmo reconhecendo as limitações, a ênfase que a política municipal dá à educação e saúde, é evidente o investimento nessas áreas”.

A partir da elaboração do Plano Diretor de Regionalização (PDR), criado em 2006 pelo governo do Estado do Ceará, Sobral torna-se sede da macrorregião administrativa formada por cinco microrregiões, compreendendo 55 municípios. Para além de sua população, a cidade atende a um total de 1.500.000 de pessoas, sendo um dos municípios cearenses mais importantes (FREITAS, 2012).

Ao longo dos últimos dois decênios foi realizado um trabalho contínuo de universalização e consolidação da alfabetização na idade certa (até os 07 anos), e o desenvolvimento da proficiência na aprendizagem do ensino fundamental e qualificação docente permanente⁴⁹. Um exemplo deste trabalho de formação continuada dos professores e gestores escolares é expresso no trabalho da Escola de Formação Permanente do Magistério e Gestão Educacional (Esfapege), instituição que faz acompanhamento e aperfeiçoamento mensal de todos os educadores da rede municipal (diretores, coordenadores pedagógicos e professores de todos os níveis de ensino: infantil, fundamental e de educação de jovens e adultos), além de produção própria de material didático-pedagógico, e de aplicação de sistema de avaliação permanente dos alunos da rede municipal de ensino ao longo do ano (externa às escolas), que permite o diagnóstico da educação inteira realizada em Sobral.

Joana também cita uma das marcas visíveis do governo Cid Gomes: o tombamento do patrimônio arquitetônico local pelo Iphan entre os anos 1997 e 1999. Ela diz que nessa gestão:

[...] surgiu esse espírito de regionalização [...] foi muito voltada para desenvolver a sobralidade, de tentar mostrar que a cidade era um espaço importante, que a gente devia ter orgulho dela [...] tudo mudou muito, se

⁴⁹ Eu, particularmente, participei da implantação desse novo projeto de educação em Sobral. Fui professora no Ensino Fundamental II, entre 1998 e 1999. Em 2001, fui selecionada e assumi o cargo de coordenadora pedagógica, em que permaneci até janeiro de 2003. Trabalhei entre os anos letivos de 2003 a 2005 na rede estadual de ensino. Em 2006 fui novamente selecionada, mas, desta vez, para o cargo de diretora escolar na rede municipal de ensino. Fui aprovada, também, em dois concursos sucessivos para professora efetiva do município, que foram acumulados ao cargo de gestora. Permaneci como diretora escolar até final de 2010, quando pedi exoneração dos concursos e cargos comissionados para começar a carreira no Ensino Superior. Em decorrência dessa trajetória, posso dizer que conheço as entranhas do projeto de educação de Sobral: as fragilidades, os equívocos no processo, mas também o compromisso e esforço empenhados, e a busca pelo acerto e pela excelência. O projeto sobralense tem muito a melhorar, mas é inegável ressaltar que o trabalho, ao longo de duas décadas, apresentou melhorias e já consolidou conquistas para a educação básica.

embelezou bastante. Mas não era só o patrimônio por fora, mas também o patrimônio por dentro. Isso tudo fez com que a cidade mudasse sua cara.

Ferreira (2009) analisa como o processo de requalificação urbana, aplicado na sede deste município, em menos de uma década, alterou, sobremaneira, a paisagem da cidade e os discursos sobre ela, inclusive dentro do imaginário social, dando a impressão de emergir uma “outra Sobral”, como é percebido em algumas narrativas que qualificam as ações implantadas na administração Cid Gomes. Esta gestão “causa desorientação e fascinação [*para os que viram sua transformação, e*], aparece como determinação de uma verdade sobre o que é possível e necessário se fazer por uma cidade” (FREITAS, 2005, 14). Vale pensar sobre o dito desenvolvimento da “sobralidade” como um movimento de valorização entre seus cidadãos e a instância local. Alguns espaços foram criados e outros recriados, gerando reformulações sobre os usos dos lugares da cidade, como se pode inferir a seguir.

FIGURA 13: RIO ACARAÚ



Fonte: <https://www.skyscrapercity.com/threads/sobral-e-rm-ce.1879446/page-428>. Acesso em janeiro de 2021

O Rio Acaraú, como se pode ver na imagem acima, é uma importante referência para os sobralenses, e a porta de entrada para quem chega da capital e de outros municípios vizinhos. O rio que corta e, ao mesmo tempo, liga a cidade, faz crescer às suas margens diferentes ocupações e sociabilidades. A construção do projeto urbanístico da margem esquerda deste rio foi inaugurada em 23 de maio de 2004. O espaço possui cerca de três quilômetros de extensão, e compreende uma área composta por um complexo com a Biblioteca Pública Municipal Lustosa da Costa, Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes (Eccoa), Museu Madi de Arte Contemporânea, Restaurante Popular, anfiteatros para apresentações artístico-culturais, igrejas históricas tombadas pelo Iphan, além de quadras para práticas desportivas, calçadões

para passeios e ciclovias.

O lado do rio que primeiro é acessado vindo da capital e de muitos municípios é a margem direita. Localizada no bairro Dom Expedito, a paisagem é um pouco diferente e considerada periferia. Em 2012, as reivindicações dos moradores foram, enfim, atendidas para conclusão do processo de urbanização que apresentou aos residentes: um anfiteatro, ciclovias e espaço para recreação. A margem esquerda, voltada para o centro da cidade, tem uma estrutura distinta da margem direita visível nas instalações e manutenções dos espaços. Ao adentrar a cidade já é possível perceber uma primeira discrepância social demarcando os territórios. A margem direita só é, de fato, conhecida para os que penetram o bairro. No imaginário social ainda é encarado como bairro “marginal” (à margem, no sentido de denotativo de “borda” em oposição ao centro, mas, também, por extensão, no sentido pejorativo que remete a indigente, infrator, desviante).

FIGURA 14 – SEQUÊNCIA DE IMAGENS DA MARGEM DIREITA DO RIO ACARAÚ URBANIZADA



Fontes: <http://domexpedito.blogspot.com.br> e <http://sobralemlentes.blogspot.com.br>. Acesso em janeiro de 2021

FIGURA 15 - PRAINHA DO RIO ACARAÚ



Fonte: <http://sobralemrevista.blogspot.com.br>. Acesso em janeiro de 2021

FIGURA 16 BARQUEIRO FAZ A TRAVESSIA LIGANDO AS DUAS MARGENS DO RIO



Fonte: <http://www.correiodasemana.com.br>. Acesso em janeiro de 2021

Como pode- se observar nas Figuras 14, 15 e 16, o “uso social do rio”, propriamente dito, na margem direita, é muito mais intenso do que na outra margem. Em 2013, houve um trabalho de limpeza em uma dada extensão do rio, pela prefeitura, para revitalizar a prática da chamada “prainha do rio”, em que a população, em décadas anteriores, ocupava as areias destas margens para uso de lazer. Apesar desta iniciativa isolada e pontual da prefeitura sobralense, o problema das agressões ambientais ao rio é de longa data e é muito maior, pois envolve outros municípios pelos quais ele passa até desaguar no mar. Seria necessário um trabalho conjunto entre os municípios para a preservação permanente deste bem natural.

Outros importantes personagens deste espaço são os barqueiros – como mostra a foto – que fazem a travessia da população mais carente de uma margem à outra pelo valor simbólico de R\$ 1,00. O barqueiro é uma marca da paisagem do rio e uma alternativa de transporte rápido e econômico para quem mora do outro lado da cidade e precisa ir ao centro, ou vice-versa.

As diferentes apropriações e sociabilidades cotidianas dos espaços das duas margens do Rio também são demarcadas, entre outras coisas, pela realização dos eventos promovidos pela prefeitura em cada uma das margens. Os raros eventos municipais realizados na margem direita contrastam com a assídua programação que é oferecida em toda a extensão da margem esquerda. Esta última é palco de apresentações, as quais os sujeitos pesquisados também relatam ter prestigiado, com artistas locais e nacionais, de variados gêneros musicais: forró, samba, chorinho, pop-rock, hip-hop e MPB.

Um dos importantes eventos permanentes é o tradicional Festival de Quadrilhas⁵⁰ de

⁵⁰ As fotos do Festival de Quadrilha de Sobral aqui reproduzidas foram feitas durante a apresentação do grupo Luar do Sertão. Este Grupo Junino foi fundado em 1997, no bairro Sinhá Sabóia, por estudantes e dançarinos da Escola Estadual Mons. José Gerardo Ferreira Gomes. A quadrilha foi vencedora do Festival “Arraiá do Ceará” em 2015, ganhou 11 vezes o Festival de Quadrilhas de Sobral, e obteve outras vitórias em várias outras competições

Sobral, realizado em uma das extremidades da margem esquerda, que reúne número significativo de espectadores em uma das festas consolidadas como sendo de importância regional. Desde 2004, os grupos têm crescido em número e sofisticação, com ricos enredos, cenários e fantasias. Mal terminam os festejos juninos e os “quadrilheiros” já começam a planejar os próximos espetáculos.

FIGURA 17 - NA PRIMEIRA IMAGEM, QUADRILHA E A EVOCAÇÃO DOS SANTOS POPULARES: PADRE CÍCERO E FREI DAMIÃO. NA SEGUNDA, O CASAMENTO NA ROÇA



Fonte: <http://cultura.sobral.ce.gov.br/agente/13918/>. Acesso em dezembro de 2020.

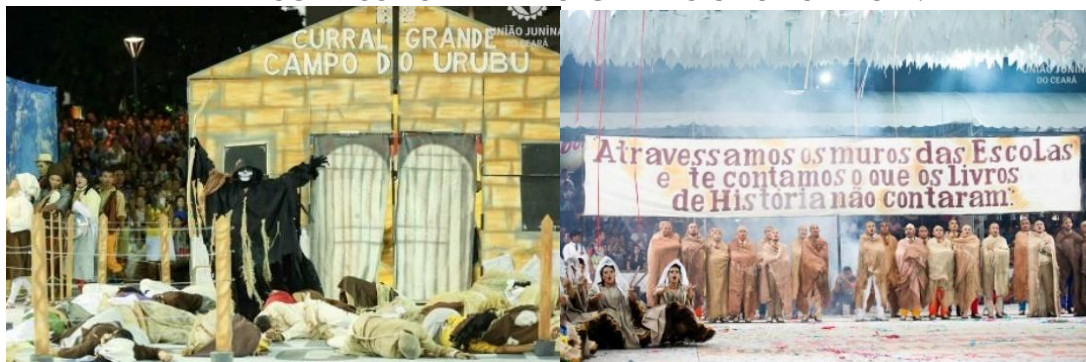
FIGURA 18 - NAS DUAS IMAGENS, REFERÊNCIAS AO "PAU DE SANTO ANTÔNIO", NO QUAL AS MULHERES DEVEM TOCAR PARA CONSEGUIR ENCONTRAR UM MARIDO.



Fonte: <http://cultura.sobral.ce.gov.br/agente/13918/>. Acesso em dezembro de 2020.

na região. Com cerca de 80 integrantes, o grupo representou o Ceará no festival pernambucano “São João do Nordeste”. Com o tema “Curral grande: das tragédias das secas à seca de homens”, a quadrilha trouxe a história dos campos de concentração criados na época da seca de 1915 e de 1932, no Ceará, baseada no espetáculo teatral de Marcos Barbosa (<http://cultura.sobral.ce.gov.br/agente/13918/>).

FIGURA 19 - NESTAS DUAS IMAGENS, A HISTÓRIA SENDO CONTADA: A MORTE NOS CAMPOS DE REFUGIADOS DURANTE A SECA DE 1915 NO NORDESTE.



Fonte: <http://cultura.sobral.ce.gov.br/agente/13918/>. Acesso em dezembro de 2020.

Este e outros eventos culturais promovidos pela prefeitura e pelo governo do Estado representam para grande parte da população uma particular oportunidade de conhecer, vivenciar, assistir e participar de diferentes expressões artísticas. Inclusive, os sujeitos pesquisados, como veremos mais adiante, reconhecem a efervescência cultural e as opções de lazer oferecidas nas últimas duas décadas, até mesmo, por sua gratuidade, a exemplo do festival de quadrilhas e outras promoções culturais permanentes ao longo do ano que criam um diferencial em Sobral com relação ao restante da região. Além das atividades que movimentam a cidade, há também uma estrutura e a disponibilização de equipamentos que não se vê nas cidades do entorno.

Agora, vamos à margem esquerda do Rio com seus equipamentos que compõe parte do complexo cultural sobralense.

FIGURA 20 - IMAGENS AÉREAS DA MARGEM ESQUERDA DO RIO ACARAÚ PELAS DUAS PERSPECTIVAS DE ENTRADA DA CIDADE



Fontes: Primeira foto: <https://cearapraias.com.br/sobral-cultura-no-interior-cearense/>, Segunda foto: http://www.uvanet.br/sbes/conheca_sobral.php. Acessos em dezembro de 2020

FIGURA 21 - CATEDRAL DA SÉ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.



Fonte: <https://sobralonline.com.br/catedral-de-sobral-sera-restaurada-co/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 22 - BIBLIOTECA MUNICIPAL LUSTOSA DA COSTA



Fonte: <https://cearapraias.com.br/sobral-cultura-no-interior-cearense/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 23 - ECCOA



Fonte: <https://www.badalo.com.br/empregos/instituto-ecoa-abre-vagas-em-sobral-salarios-vaio-ate-r-3-mil/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 24 – MUSEU MADI



Fonte: <http://vereadorpaulovasconcelos.blogspot.com/2009/04/museu-madi.html>. Acesso em dezembro de 2020

A Biblioteca Pública Municipal é um dos espaços dos quais alguns dos sujeitos pesquisados relatam terem feito uso frequente. Lavoisier conta: “eu e muitos colegas sempre usávamos essas dependências. Eu consultava frequentemente os livros do acervo. Particularmente, este espaço foi bem relevante para mim, pois foi onde escrevi minha monografia”. Assis disse: “frequentei muito a Biblioteca desde o ensino médio para pegar livros emprestados e utilizar o espaço, que considero excelente para estudar”. Joana, Frida e Maria frequentaram alguns cursos de formações nas dependências da Biblioteca, que é o lugar onde já funcionou a ESFAPEGE e a Brinquedoteca⁵¹, ambas localizadas no subsolo. João chegou a

⁵¹ A Brinquedoteca Pública Municipal é um espaço de referência do brincar, um laboratório de ensino-aprendizagem que busca garantir o “direito de brincar” para crianças e adolescentes. Inaugurada em dezembro de

usar este espaço para colaborar com a monografia de fim de graduação de uma colega, mas acabou utilizando mais a biblioteca do IFCE. Raimundo frequentou mais a biblioteca da UVA. A ECCOA foi frequentada mais esporadicamente. Joana e Frida participaram de cursos de Arte-Educação para formação de professores, e foram ao teatro deste espaço. Também assistiram a espetáculos lá, Raimundo Maria e Assis; Assim como o Museu Madi em que, com exceção de Raimundo, todos os demais visitaram.

Outro espaço de lazer e sociabilidade citado pelos sujeitos pesquisados foi o Arco do Triunfo de Nossa Senhora de Fátima. Eles mencionaram a relação agradável com este espaço em que se costuma passear, encontrar os amigos e assistir a apresentações artísticas e manifestações políticas de menor ou maior porte. Frida lembra de ter acompanhado no Arco a passagem da “Tocha” que percorreu o país, no evento que antecedeu os Jogos Olímpicos, sediados no Rio de Janeiro, em 2014.

FIGURA 25 - ARCO DO TRIUNFO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, VISTO NA PERSPECTIVA DO BOULEVARD



Fonte: https://www.flickr.com/photos/pedro_neto/3091754207. Acesso em dezembro de 2020

O Arco é um local emblemático. Dentre os demais monumentos da cidade, reforça o “mito”, elaborado pela elite local, e construído socialmente, da chamada “sobralidade

2010, em convênio com o Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef, a Brinquedoteca é vinculada à Secretaria da Educação de Sobral e funciona no subsolo da Biblioteca Pública Lustosa da Costa, na Margem Esquerda do Rio Acaraú. O equipamento foi reinaugurado em dezembro de 2015, quando recebeu o nome de “Brinquedoteca do Didi”, numa homenagem ao mais famoso personagem interpretado pelo sobralense Renato Aragão.

triunfante”⁵² (FREITAS, 2000, p.71). É o mais imponente símbolo sobralense. Este monumento de inspiração francesa foi erguido em 1953 na ocasião em reverência pela passagem da imagem peregrina de Nossa Senhora, vinda de Portugal. Em dezembro de 2004, Cid Gomes, despedindo-se de seu mandato como prefeito, construiu uma praça com largo passeio que abrange todo o entorno do Arco do Triunfo, numa primeira parte da Av. Dr. Guarani, o Boulevard⁵³ do Arco. Em 2020, uma obra de revitalização se estendeu ao longo de toda esta avenida. Além do aspecto sagrado, pela própria referência cristã e que abriga algumas manifestações religiosas católicas, este espaço também sedia eventos “seculares” como shows de vários gêneros musicais, feira de artesanatos, feira de automóveis antigos, encontros de clubes de motociclistas, entre outros. O lugar tornou-se um monumento palco.

Joana dá como exemplo disso, o tradicional pré-carnaval com desfile do Bloco dos Sujos⁵⁴. Ela lembra que foi a festa mais interessante de que participou, pois, a maior característica é a prática dos foliões se vestirem com trajes e acessórios do sexo oposto. Especialmente os homens se vestem ludicamente⁵⁵ de mulher, muito mais do que o contrário. Hoje, vem se tornando aos poucos uma festa à fantasia.

FIGURA 26 - BLOCO DOS SUJOS DURANTE O PRÉ-CARNAVAL: VISTA AÉREA E RAPAZES VESTIDOS DE MULHERES



Fonte Figura 26: <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/pre-carnaval-bloco-dos-sujos-leva-mais-de-30-mil-folhoes-as-ruas-de-sobral>. Acesso em dezembro de 2020

⁵² Freitas (2000, p.71) diz que este mito, como conceito: “passa por um processo de naturalização, pois postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de experiências, ideias [...] que tende a criar uma imagem de Sobral como polo difusor de padrões comportamentais”.

⁵³ Menção ao primeiro nome do logradouro, chamava-se Boulevard Pedro II (FREITAS, 2000, p. 120).

⁵⁴ O Bloco dos Sujos completou, em 2018, 72 anos de tradição, e teve como atração artística principal a cantora baiana Daniela Mercury. A festa ocorre sempre no chamado Sábado Magro, que antecede o primeiro sábado de carnaval. Esta manifestação cultural foi iniciada por um grupo de rapazes da “sociedade sobralense” em 1946, com o nome Bloco dos Anjos. Nos primeiros anos, o bloco era composto apenas por homens, que desfilavam pelas principais ruas da cidade. Hoje, homens e mulheres brincam e protagonizam a festa. Disponível em : <https://www.opovo.com.br/vidaarte/carnaval/2018/01/daniela-mercury-e-atracao-do-bloco-dos-sujos-em-sobral.html>

⁵⁵ O Bloco dos Sujos não deve ser confundido com a Parada Gay, outra grande festa que, em 2018, celebra o 10º aniversário.

FIGURA 27 - TRIO ELÉTRICO COM PERSONAGENS DA FESTA. NA SEGUNDA IMAGEM, PESSOAS FANTASIADAS COMO TIPOS REGIONAIS



Fonte Figura 27: <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/pre-carnaval-bloco-dos-sujos-leva-mais-de-30-mil-folhoes-as-ruas-de-sobral>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 28 - AS FANTASIAS USADAS NO BLOCO DOS SUJOS SURGEM, TAMBÉM, COMO DEMARCADORAS DE DISTINÇÃO DE CLASSE SOCIAL. AS CLASSES MAIS ABASTADAS COSTUMAM SE PRODUZIR COM VESTIMENTAS MAIS CARAS



Fonte Figura 28: <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/pre-carnaval-bloco-dos-sujos-leva-mais-de-30-mil-folhoes-as-ruas-de-sobral>. Acesso em dezembro de 2020

Adentrando mais o centro da cidade estão os mais importantes equipamentos históricos e culturais. Num raio de 500m é possível caminhar até o chamado “Corredor Cultural”⁵⁶, formado por um conjunto de áreas e edificações históricas na área central da cidade que ganha, desde seu tombamento, atenção e cuidados permanentes, o que permite maior visibilidade aos espaços nobres. Podemos citar o Teatro São João⁵⁷, acoplado à Praça de mesmo nome, a Escola de Música, o Museu Diocesano Dom José Tupinambá da Frota⁵⁸, A Igreja do Menino Deus, o

⁵⁶ A denominação deste espaço foi atribuída pelo próprio poder público.

⁵⁷ Edificado entre 1875 e 1880, o Teatro São João tem arquitetura com estilo neoclássico italiano, também inspirada no Teatro Santa Isabel, do Recife (FREITAS, 2000, p. 116).

⁵⁸ O Museu Dom José é considerado o 5º do Brasil em arte sacra e arte decorativa, composto por um acervo com mais de 30.000 peças, distribuídas em 16 variadas coleções, nas quais se destacam: imaginária, porcelana, cristais, numismática, paleontologia, arqueologia, armaria, mobiliário, ourivesaria, iconografia, indumentária, acessórios e adereços. O imponente sobrado de estilo luso-brasileiro foi construído em 1844 pelo major João Pedro Bandeira de Melo, e é considerado o mais expressivo patrimônio cultural de Sobral. Fundado oficialmente pelo primeiro bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, em 29 de março de 1951, guarda em seu acervo peças

antigo Solar dos Figueiredos, que se tornou Casa de Cultura de Sobral⁵⁹, Pinacoteca Espaço Raimundo Cela⁶⁰ e o Colégio Santana, só para citar alguns. Há ainda muitas outras igrejas, casarões e sobrados que passaram a ser preservados.

Todos os sujeitos da pesquisa, alguns mais que outros, falam de suas experiências como plateia no Teatro São João, onde viram espetáculos teatrais, musicais e de danças. Raimundo conta: “ao Teatro São João, fui inúmeras vezes. Era umas das minhas atividades prediletas. Sempre gostei de Teatro e espetáculos de dança. E sempre que podia, ia prestigiar as companhias”. Ele chegou a fazer um curso de teatro por seis meses no Sesc⁶¹, instituição essa também lembrada por Lavoisier pelos shows de rock que chegou a ir algumas vezes na “Garagem do Sesc”. Frida conta, “além de assistir a algumas peças teatrais, também conheci o teatro todo, bastidores, subsolo, numa visita com um grupo de professores”. Joana, fala com grande apreço de suas lembranças neste Teatro quando frequentava enquanto morou na cidade. Frida e Joana são as únicas do grupo morando em Taperuaba hoje, e estando lá praticamente quase não é possível frequentar estes espaços, por suas rotinas atarefadas na semana, e no fim de semana, consideram o distrito longe da sede, inviabilizando maior aproveitamento destas programações.

O Museu Dom José é citado por todos os interlocutores da pesquisa como um espaço de grande importância para a história da região, e aparece em lembranças muito carinhosas para alguns destes sujeitos. Raimundo, tem especial relação com este espaço:

representativas da vida social e religiosa da sociedade regional dos séculos XVII ao XX. <http://museudomjose.com.br/wps/agende-sua-visita/>

⁵⁹ Casarão construído pelo pe. Francisco Jorge de Sousa, por volta de 1858. Após sua morte, o prédio foi vendido ao senador Francisco de Paula Pessoa, e acolheu, por longos anos, as famílias Paula Pessoa/Figueiredo. Foi “Reconstruído em 1897, guardando suas linhas arquitetônicas originais” (GIRÃO, 97, p. 51). No ano de 1990 foi demolido parcialmente, mas a destruição completa foi embargada através de uma ação popular impetrada na justiça por um grupo de sobralenses, entre os quais o [...] prefeito de Sobral [2011 a 2016], Clodoveu Arruda que atuou como advogado da causa. Posteriormente, foi desapropriado pelo então governador Cid Gomes. A administração Municipal de Sobral, na gestão do prefeito Cid Gomes, articulou um projeto para a Lei Estadual de Incentivo à Cultura, que foi aprovado, sendo assim possível restaurar e equipar o referido prédio. Sobre os escombros do tradicional “Solar dos Figueiredos”, a Casa da Cultura de Sobral surge. Hoje, a Casa abriga a Secretaria da Cultura e do Turismo e dispõe de galerias para exposições de artes, lançamentos de livros, sala de cinevídeo e espaço de convivência. <http://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/817/>

⁶⁰ Pinacoteca de Sobral é um espaço expositivo de artes visuais. Com cerca de 250 obras expostas, em 10 espaços temáticos, contém desenhos, gravuras, pinturas, esculturas e elementos de origem arqueológica. Nomes como Dali, Picasso, Tarsila do Amaral, Raimundo Cela, Chico da Silva, Anita Mafalti, Djanira, Caribé, Bruno Giorgi, Ceschiatti e Almeida Jr são encontrados na Pinacoteca de Sobral. <http://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/1061/>

⁶¹ Serviço Social do Comércio é uma instituição privada, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, de atuação nacional. O Sesc Sobral teve importante atuação na promoção de espetáculos, especialmente na gestão do produtor e supervisor cultural Tony Newman, profissional conhecedor e entusiasta do fazer cultural na cidade, falecido, prematuramente, em abril 2014. Tony Newman fez história na cena artística cultural sobralense.

Minha primeira visita ao Museu foi quando ainda cursava o ensino fundamental. Depois fui bolsista voluntário e, depois, bolsista de Iniciação Científica no Laboratório de Paleontologia [*Labopaleo*] que fica instalado nas dependências dele. Então conheço bem o Museu, não só por ter trabalhado lá, mas também como visitante, pois visitei-o inúmeras vezes. Acredito que o Museu tem um riquíssimo acervo histórico, porém pouco trabalhado na sua apresentação, talvez por não ter na sua equipe técnica, um museólogo de formação.

João diz ter visitado o Museu algumas vezes, mas lamenta ser um espaço "subutilizado", pois percebe-se uma certa especificidade no público que frequenta, normalmente os estudantes. "Então, creio que a população em geral deveria ser chamada mais a atenção e convidada para frequentar". Assis afirma gostar muito de História e que houve um período que fez um trabalho em que teve que visitar todos os museus da cidade para apresentar suas impressões. Para Frida, "Dom José é, dos três, o meu Museu preferido". Ela conta ter visitado este espaço novamente no final de 2017, quando conduziu uma turma do curso de Filosofia da UVA, quando estava lecionando.

A Casa de Cultura é um equipamento completamente gratuito e não precisa de guia para visitas, portanto, mais acessível que os museus. Joana conta que, destes espaços culturais, seu maior contato foi com a Casa de Cultura: "fui a muitos lançamentos de livros, ia às exposições, instalações, ao cinema [*Sala de Cinema Falb Rangel*], e fiz um curso de Contação de Histórias". Raimundo conta que suas primeiras visitas a este espaço foi quando ainda estava no ensino fundamental. Somente durante o ensino superior, quando residia em Sobral que ele passou a ir com mais frequência: "tinha sempre curiosidade em visitar algumas exposições, e se tornaram visitas quase rotineiras, inclusive por estar ao lado do Museu, onde foi meu local de trabalho por algum tempo". Assis diz que sempre vai a exposições, e que compareceu recentemente a uma sobre migrações. Lavoisier diz:

Tive uma relação bem interessante. Quando ainda cursava o ensino fundamental teve um projeto da Prefeitura relacionado ao selo Unicef que foi desenvolvido pela Casa de Cultura. Basicamente alguns alunos selecionados tinham que mapear os principais eventos culturais da comunidade. Poderia ser musical, etc. Na época falei sobre alguns mitos e o folclore local relacionado a Pedra da Andorinha [*símbolo de Taparuaba*]. Até hoje tem esses relatos expostos lá, incluindo algumas fotos. Foi bem interessante.

Frida também indica a visita e apreciação ao acervo da Pinacoteca de Sobral. Este equipamento cultural foi inaugurado em 29 de dezembro de 2016. Nas imediações deste "Corredor Cultural" há um espaço de sociabilidade tradicional do meio universitário citado por Raimundo e Joana: o Cícero's bar e restaurante. Ele lembra que, por ficar ao lado do Museu

Dom José, “era praticamente a extensão do Laboratório [risos], isso porque, como o Museu fechava cedo e muitas vezes tínhamos coisas pendentes para resolver, íamos finalizar no restaurante”. Joana explica que lá era como um “recanto meio intelectual, um pouco elitizado, mas que às vezes a gente tinha a oportunidade de frequentar”. Trata-se de um ponto de encontro de acadêmicos, tanto estudantes, como professores, comunicadores e figuras políticas da cidade.

Lavoisier lamenta não ter tido tempo de, já na graduação, ter explorado mais outro importante equipamento sobralense: o Museu do Eclipse. Inaugurado em 1973, ampliado e reinaugurado em 1999, este Museu merece apresentação especial por rememorar um importante marco científico que recebeu destaque internacional. Raimundo diz:

Acho tudo formidável [...] como cientista sou suspeito para falar, tanto as informações históricas que envolvem o fenômeno que possibilitou a vinda da equipe de Albert Einstein, como o acervo disponibilizado para população, tornando o conhecimento científico mais compreensível e acessível para qualquer pessoa.

Em 1919, vieram a Sobral três grupos de cientistas: comissão brasileira do Observatório Nacional do Rio de Janeiro, comissão americana do *Carnegie Institute* de Washington e a missão inglesa *Royal Astronomy Society*. Estas expedições buscavam comprovar as previsões da Teoria da Relatividade de Albert Einstein pela observação de um eclipse total do sol. Este evento astronômico também foi acompanhado por outras equipes de cientistas na Ilha do Príncipe, na África. Sobral e Príncipe eram os lugares considerados ideais para observação do eclipse. Entretanto, o tempo nublado naquele continente não permitiu boa visibilidade. Sobral, então, foi o *locus* onde foram comprovadas teorias que embasam estudos do astrofísico Albert Einstein sobre a relatividade, embora o cientista não tenha estado presente, mas apenas uma parte de sua equipe (FREITAS, 2000, p. 123-124). Em 29 de maio de 2015, foi inaugurado outro importante equipamento cultural para Sobral: o Planetário⁶², agregado ao mesmo espaço do Museu do Eclipse, na praça do Patrocínio, onde também está localizada uma das igrejas tombadas pelo Iphan.

⁶² Planetário fixo com capacidade para 29 pessoas, diâmetro da cúpula 10.5, marca Zeiss, modelo: ZKP-3 Quinto. <http://planetarios.org.br/planetarios/planetario-de-sobral/>. Trata-se de um dos planetários mais modernos do Brasil.

FIGURA 29 - TEATRO SÃO JOÃO



Fonte: <https://sobralonline.com.br/theatro-sao-joao-divulga-sua/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 30 - EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA
ESPAÇO RAIMUNDO CELA

Fonte: <https://sobralonline.com.br/pinacoteca-de-sobral-exibe-a-a-exposicao-artistas-sobralenses-passa-la/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 31 - CASA DE CULTURA



Fonte: <https://cearapraias.com.br/sobral-cultura-no-interior-cearense/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 32 - MUSEU DOM JOSÉ TUPINAMBÁ
DA FROTA

Fonte: <http://sobralnahistoria.blogspot.com/2015/04/museu-dom-jose.html>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 33 - COLÉGIO SANT'ANA



Fonte: <http://www.santanavirtual.com.br/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 34 - MUSEU DO ECLIPSE,
PLANETÁRIO E IGREJA DO PATROCÍNIO

Fonte: <https://www.ceara.gov.br/>. Acesso em dezembro de 2020

O Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras⁶³ é uma das instituições mais importantes de educação suplementar no município. Sua estrutura é de 1909, com arquitetura em estilo neoclássico francês do século XIX. No início, abrigou o Grêmio Recreativo Sobralense. Em 1926, foi inaugurada a sede do Palace Club, que durante 50 anos movimentou a sociedade sobralense. O local ficou famoso pelas requintadas festas, apresentações de cantores líricos, recitais, shows e festivais.

FIGURA 35 - FACHADA DO PALÁCIO DE CIÊNCIAS E LÍNGUAS ESTRANGEIRAS DE SOBRAL, LOCALIZADO EM FRENTE A PRAÇA DE CUBA



Fonte: <http://www.reporterceara.com.br>. Acesso em dezembro de 2020

De 1976 até janeiro de 1997, este local foi a sede do Fórum Dr. José Saboya de Albuquerque. Restaurado em 2000, o prédio passou a ser escola de ciências e línguas. Hoje, a instituição atende em torno de 2.500 estudantes, matriculados em cursos de Inglês e Espanhol, Informática, Física, Química e Biologia, e há mais de um ano também passou a oferecer um curso de Robótica.

Quatro dos oito interlocutores da pesquisa estudaram neste centro: Joana iniciou por dois meses o curso de Inglês, mas não pode continuar por conta do trabalho; Nair fez nove semestres de curso de Inglês, e concluiu o nível intermediário; Lavoiseir diz: “Dentre todos os locais da cidade, exceto a UVA, foi o local mais importante para mim. Lá fiz meu curso de Inglês e fui instrutor no Laboratório de Química por um semestre. Tenho boas recordações profissionais e pessoais”. Lavoiseir cursou nove semestres de Inglês, tendo concluído o nível

⁶³ Como Escola Suplementar mantida pelo município em parceria com a sociedade civil, atende, prioritariamente, aos alunos da rede pública de Sobral, através de cursos sistemáticos, utilizando-se de salas de multimídia e sofisticados laboratórios para prática de experimentos científicos. Como escola, acolhe cerca de 2.500 alunos que são instruídos em cinco salas destinadas ao ensino de Línguas Estrangeiras (quatro de Inglês e uma de Espanhol), dois laboratórios de Informática, com 28 computadores ligados à Internet e em três laboratórios com equipamentos de última geração, para procedimento experimentais nas áreas de Física, Química e Biologia. Os cursos têm o apoio de uma Biblioteca. Disponível em: <http://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/982/>

intermediário. Ele conta o quanto o curso foi importante, especialmente quando estava no mestrado e doutorado que era escolhido por seus professores do Programa de Pós-Graduação em Química da UFC como encarregado de receber os pesquisadores estrangeiros de universidades parceiras do exterior. Assis foi, sobretudo, quem teve os laços mais estreitos com o Palácio de Línguas, iniciados com o estudo de Informática e, posteriormente, com cursos de línguas estrangeiras. O contato com o inglês foi tão importante que Assis acabou se graduando em Letras/Inglês e se tornou professor na área, como veremos logo mais.

Todos os jovens taperuabenses, até hoje, que fizeram ou fazem curso de inglês e espanhol, estudaram no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral. Contudo, foi o Programa Jovens Embaixadores⁶⁴ que consagrou a relação entre Tapera e este centro formador pela seleção de dois rapazes nascidos neste distrito, para representarem o Brasil em missão diplomática nos EUA: Nazareno Sousa Araújo (2010)⁶⁵ e um dos sujeitos da pesquisa, Assis (2012). Tais episódios possibilitaram experiências inusitadas e marcantes a ambos. Além disso, conferiram visibilidade para além de sua comunidade, permitindo aos dois jovens que concedessem entrevistas a jornais impressos, rádios, TVs e a outras mídias. Esta experiência representou um divisor de águas em suas vidas, não só pelo que a viagem suscitou, mas, sobretudo, pelas repercussões que, logo posteriormente, surgiram em suas atividades profissionais. Assis diz:

Minha história com o Palácio é bem curiosa. Inicialmente comecei fazendo Informática, mas eu sempre quis fazer Inglês, só que achei que era algo difícil de conseguir aprender [...] que não tinha condições de acompanhar o nível das turmas. Acabei fazendo curso de Informática, de Inglês e de Espanhol.

A relevância deste Centro também é reconhecida pelos sujeitos da pesquisa que não puderam estudar lá, como atesta Raimundo: “Não fiz curso no Palácio, mas acredito e reconheço a importância dele para o município de Sobral e região, como instrumento transformador na vida das crianças e dos jovens”. João diz: “Não estudei lá, mas conheço várias pessoas que fizeram curso de línguas e de informática. Então, sem dúvida é um espaço de extrema importância para a cidade e para os distritos”. Há mais de duas décadas já havia escolas de línguas estrangeiras na rede privada, porém, inacessíveis para os estudantes de baixa renda.

⁶⁴ O Programa Jovens Embaixadores é, desde 2003, uma iniciativa de responsabilidade social da Embaixada dos Estados Unidos – em parceria com os setores públicos e privados, em ambos os países – que beneficia, com uma viagem de três semanas aos Estados Unidos, alunos brasileiros entre 15 e 18 anos da rede pública, com excelente desempenho escolar, que falam inglês, que pertencem à camada socioeconômica menos favorecida, que têm perfil de liderança, que prestam serviço voluntário, enfim, que são exemplos em suas comunidades. Disponível em: <http://www.jovensembaixadores.org/perguntas.htm>.

⁶⁵ Nazareno, quando foi selecionado como Jovem Embaixador 2010, estava no 6º semestre do curso de inglês e integrava o projeto social “Amor à Vida”, onde são realizados palestras e seminários sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, sexualidade e gravidez na adolescência.

Só a partir dos anos 2000 foi oferecida aos estudantes das classes populares a possibilidade de estudar línguas estrangeiras.

Outros espaços informais também agregam as pessoas na cidade e constroem sociabilidades que suscitam aprendizados diversos. No ponto mais central, onde foi construído em 1820 o antigo mercado público, hoje está localizada a Praça José Sabóia, comumente chamada de Coluna da Hora, batizada assim pelos populares em função do relógio que existe no centro do logradouro. De lá, é possível avistar o Beco do Cotovelo, um tradicionalíssimo “local de referência para a memória do povo de Sobral”, conforme as palavras de Raimundo. Mais que uma travessia, é também um local de concentração dos sobralenses e visitantes. Trata-se de uma pequena rua em formato de um cotovelo dobrado, onde encontram-se pontos comerciais: cafés, lanchonetes, livraria, loteria e outros.

“O Becco” é um espaço bem popular, em todos os sentidos. Lavoisier conta que costumava ir a uma tradicional livraria neste endereço, comprar revistas de jogos e de Astronomia, uma de suas grandes paixões. João diz: “frequentei várias vezes devido ficar próximo de serviços bancários e do comércio. Mas também participei de manifestações, protestos políticos e para lazer”. Conhecido de todos, agrega os mais diferentes estratos e segmentos sociais: vendedores ambulantes, pedintes, políticos, comunicadores, artistas, intelectuais, profissionais liberais, jogadores de tabuleiro, frequentadores mais assíduos e os transeuntes. Forte ponto de encontro, o Becco constitui-se num espaço de discussão e convivência, de peculiar sociabilidade. Freitas (2000, p. 190) lembra que “não é uma praça, nem é um largo ou um jardim, mas simplesmente um beco, a ‘ágora’⁶⁶ de Sobral.

FIGURA 36 - PRAÇA DA COLUNA DA HORA, COM O RELÓGIO AO CENTRO



Fonte: <https://sobralagora.com.br/>. Acesso em dezembro de 2020

FIGURA 37 - VISTA DE UMA DAS EXTREMIDADES DO BECO DO COTOVELO, COM SUAS ESTRUTURAS SUSPENSAS EM FORMA DE "GUARDA-SOL"



Fonte: <https://cultura.sobral.ce.gov.br/> Acesso em dezembro de 2020

⁶⁶ “A ágora no mundo grego antigo era um espaço aberto [...] onde as atividades políticas, econômicas, sociais [...] eram exercidas. Era onde tudo acontecia e o espaço de todo e qualquer cidadão (exceto mulheres e escravos), independente de sua forma de ver o mundo” (FREITAS, 2000, p. 190).

No rol das instituições importantes em Sobral, é difícil ignorar ou não fazer menção a algumas de suas igrejas históricas. Raimundo, de formação católica, conta sua experiência singular com estes espaços:

Gostava de visitar as igrejas para conhecer a arquitetura por dentro. Achava os detalhes espetaculares. Em um tempo difícil, quando tinha aula o dia todo ou tinha que passar o dia em Sobral, meu lugar de descanso era a Igreja do Menino Deus, ao lado da Praça São João. Logo após vir do Restaurante Popular⁶⁷ na Margem Esquerda [do rio], sempre ia à igreja. Ali ficava em torno de 1h ou 1h30min sentado admirando a arquitetura e o movimento dos fiéis, que entravam e saíam para fazer suas orações. Alguns com o mesmo objetivo meu, descanso apenas [risos].

Joana diz ter frequentado a Igreja São Francisco para a missa dominical, quando morava na cidade. Frida diz nunca ter ido à missa em Sobral, mas que, para conhecer, já entrou em todas as igrejas do centro: “Menino Deus, Sé, Rosário, São Francisco, Patrocínio e a Igreja das Dores, na Margem Esquerda”.

FIGURA 38 - IGREJA DO ROSÁRIO DE 1767



Fonte: <http://www.sobral.ce.gov.br>. Acesso em dezembro de 2020.

FIGURA 39 - ALTAR DA IGREJA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO⁶⁸



Fonte: <https://www20.opovo.com.br/> Acesso em dezembro de 2020.

⁶⁷ O Restaurante Popular foi inaugurado em maio de 2005 pela Prefeitura Municipal e pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS). Foi o primeiro a ser construído na Região Norte do Ceará. Os Restaurantes Populares têm como meta levar alimentação de qualidade à população com baixo custo. O equipamento é contemplado com produtos oriundos da agricultura familiar, através do PAA – Programa de Aquisição de Alimentos, na modalidade Compra Direta da Agricultura Familiar, instituído pelo Governo Federal [daquela época]. <http://stde.sobral.ce.gov.br/restaurante-popular/8-site>

⁶⁸ Esta igreja teve sua construção iniciada em 1746, mas, como apresentou problemas na estrutura, foi demolida e reconstruída em 1778.

FIGURA 40 - IGREJA MENINO DEUS,
ERGUIDA EM 1810



Fonte: <https://www20.opovo.com.br/> Acesso em dezembro de 2020.

FIGURA 41 - IGREJA DAS DORES, ERIGIDA
EM 1818



Fonte: <https://www20.opovo.com.br/> Acesso em dezembro de 2020.

FIGURA 42 - IGREJA DO PATROCÍNIO,
CONSTRUÍDA ENTRE 1885 A 1900



Fonte: <https://www20.opovo.com.br/> Acesso em dezembro de 2020.

FIGURA 43 - IGREJA SÃO FRANCISCO, DE
1945



Fonte: <https://www20.opovo.com.br/> Acesso em dezembro de 2020.

O cristianismo trazido pelos fundadores da antiga Fazenda Caiçara, posteriormente elevada à Vila Distinta e Real de Sobral, teve uma influência profunda na constituição do lugar, que se tornou a cidade com maior número de igrejas por metro quadrado no Estado do Ceará. Suas edificações são marcos históricos e hoje, além de patrimônio nacional, essas construções religiosas imprimem pontos de referência na arquitetura da cidade. Romeu Duarte, arquiteto, urbanista, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC, autor do livro *Sítio Histórico de Sobral - Monumento Nacional*, e cronista do *Jornal O Povo*, de Fortaleza, afirma que:

O desenho urbano de Sobral se definiu a partir das malhas inspiradas pela implantação dessas duas igrejas (Igreja do Rosário e a Matriz). A junção dessas duas malhas tem como resultado, inclusive, o Beco do Cotovelo, a formação do núcleo urbano mais antigo da cidade [...] Sobral é uma cidade que deve a sua existência aos ciclos econômicos do gado, do algodão e também, de uma forma muito forte, à religião católica. Sem a religião, Sobral não teria a importância que tem hoje. As igrejas têm um papel fundamental na

história da cidade [*graças à*] atuação de Dom José Tupinambá da Frota, figura que além de ter sua importância na educação e na política da Cidade, teve forte presença no desenho urbano de Sobral e colocou o catolicismo como um dos pontos centrais da Cidade (Sabrina Esmeraldo, <https://www20.opovo.com.br/app/revistas/turismo/2017/01/12/notrturismo,3679392/igrejas-de-sobral-historia-arquitetura-e-religiao.shtml>).

A religiosidade sobralense é diversa, e inclui ritos e manifestações de crenças de origem africana e forte presença de sincretismo. Estas últimas são expressões muitas vezes marginalizadas. Também há uma proliferação de muitas igrejas de várias denominações, como as evangélicas – do movimento pentecostal mais recente no Brasil – além das igrejas protestantes mais tradicionais, como a presbiteriana, por exemplo.

Entretanto a presença dos templos católicos, inclusive as igrejas construídas mais recentemente nas adjacências do centro tombado e nas periferias, e todas as construções históricas vinculadas a esta denominação, ainda atestam a força do tradicionalismo católico, que, no exercício de suas autoridades eclesiais, também teve marcante relevância na política e na educação.

É inevitável citar a influência católica na fundação de vários equipamentos da cidade: a Santa Casa de Misericórdia de Sobral⁶⁹, hospital que atende grande parte da região Norte do Estado; o centenário Correio da Semana, jornal mais antigo da cidade; e a fundação de escolas, como é exemplo o Ginásio Sobralense, atualmente Colégio Farias Brito, que pertence, hoje, a um tradicional grupo privado que atua no Ceará; o Colégio Coração de Jesus e o Colégio Sant’Ana⁷⁰, estes últimos, ainda hoje, confessionais e privados; e a fundação da Universidade Estadual Vale do Acaraú, que começou numa relação intrínseca entre a Igreja Católica e o poder público municipal. Vale salientar que, até hoje, o prédio que sedia a reitoria e todo o campus

⁶⁹ A Santa Casa de Sobral, “[...] inaugurada no dia 24 de maio de 1925 [...] tem como missão a assistência aos mais pobres. O hospital foi idealizado por Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo da diocese de Sobral. [...] A história da Santa Casa começou 13 anos antes de sua inauguração. No dia 25 de agosto de 1912 houve a solenidade da benção da pedra fundamental, feita por Dom José Tupinambá da Frota. No fim de 1918, o prédio estava todo preparado e pintado, esperando por Irmãs Religiosas para dirigirem internamente o hospital. Em 8 de dezembro de 1923 foi fundada a Associação Beneficente da Santa Casa de Misericórdia de Sobral. No dia 31 de janeiro de 1925, chegaram de fato as Irmãs do Instituto das Filhas de Santa Ana, para administrar o hospital. Além da sua dimensão assistencial, a partir do ano de 2007 passou também a ser um hospital de ensino e conta com o Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão (Depe) que desenvolve tecnologia de ponta em parceria com universidades. A Santa Casa oferece à população residência e internato em várias especialidades médicas, além de residência multiprofissional nas áreas de fisioterapia, farmácia, enfermagem, nutrição e psicologia. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=437032&view=detalhes>

⁷⁰ Em 1934 [...] Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo de Sobral, entregou aos cuidados, serviços e direção das Irmãs Filhas de Sant’Ana o prédio da Residência Episcopal para que este viesse a funcionar um Colégio. O prédio, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, abriga hoje a única instituição de ensino de Sobral fundada por Dom José [...]. http://www.santanavirtual.com.br/quem_somos.php

Betânia, pertence à Diocese de Sobral. Historicamente, o campus principal da UVA está localizado no espaço onde funcionou o Seminário Diocesano.

Assis conta que, quando estava no 3º ano do ensino médio, investiu em todas possibilidades de preparação para ser aprovado no vestibular. Estudante na Escola Cesário Barreto, em Taperuaba, resolveu ir até a direção do Colégio Sant’Ana solicitar à irmã gestora uma bolsa integral de estudos. A atitude do rapaz foi bem recebida pela freira. Assim, ele continuou a estudar na Cesário Barreto, no distrito, mas foi matriculado no Cursinho preparatório do Colégio Sant’Ana, em Sobral, onde também era ouvinte nas aulas regulares do terceiro ano do ensino médio. Entre idas e vindas no percurso diário de Taperuaba a Sobral, Assis considera que a intensidade redobrada nos estudos foi importante reforço para sua escolaridade. Após se formar na graduação, o jovem seguiu atuando na vida docente: ele já trabalha há oito anos no Colégio Coração de Jesus – atuou dois anos como professor e, há seis, trabalha como coordenador pedagógico.

Aproveito, só para registrar, pois não tratarei de detalhes aqui, a iniciativa de alguns jovens universitários sobralenses que procuram ampliar as ações que Sobral já faz e buscam a inserção no movimento internacional de Cidades Educadoras⁷¹. Este movimento tem um propósito abrangente de educação diluída para todos os espaços da cidade, muito além das instituições formais. Este ponto poderia ser tomado como um possível reflexo das transformações que Sobral tem sofrido como uma cidade que tem a educação como uma bandeira crescente e extensa. No entanto, neste trabalho, o objetivo específico é tratar da relação entre os estudantes taperuabenses e a cidade através das instituições, sobretudo, educacionais sobralenses, como eles mesmos justificam no início desse subtópico.

O uso das imagens, sejam de instituições educacionais formais ou não-formais, tem aqui o propósito de levantar a discussão sobre a formação de um povo que, para além da escola, se dá por muitas vias: a dinâmica da comunidade, os valores cultivados nas interações locais, a disposição dos equipamentos sociais, a organização urbana, a arquitetura e o patrimônio histórico cultural (material e imaterial) compõem elementos para desenvolver os indivíduos

⁷¹ “Cidades Educadoras” começou como um movimento, em 1990, por ocasião do Primeiro Congresso Internacional de Cidades Educadoras, realizado em Barcelona. Um grupo de cidades representadas por seus governos locais levantou o objetivo comum de trabalhar juntos em projetos e atividades para melhorar a qualidade de vida dos habitantes, a partir de sua participação ativa no uso e no desenvolvimento da própria cidade e de acordo com a Carta das Cidades Educadoras. Mais tarde, em 1994, o movimento foi formalizado como o III Congresso da Associação Internacional de Bolonha. [...] seu objetivo é promover colaborações e ações concretas entre as cidades, participando e cooperando ativamente em projetos e intercâmbios de experiências com grupos e instituições com interesses comuns. Além disso, visa aprofundar o discurso de Cidades Educadoras influenciando governos e instituições na tomada de decisões sobre questões de interesse para Cidades Educadoras. <https://educacaoeparticipacao.org.br/acontece/jovens-contribuem-para-transformar-sobral-ce-em-uma-cidade-educadora/>

dentro imaginário coletivo. A relação que um povo estabelece com a infraestrutura que dispõe e com os espaços sociais também forma e educa. Em todo o mundo os povos que tem cuidado, apreço e preserva seu patrimônio coletivo fomenta valores que impactam na constituição do sujeito: autoestima, autovalorização, sentimento de pertença.

O usufruto dos equipamentos sobralenses, tais como, os lugares (bibliotecas, museus) frequentados pelos (as) entrevistados (as) indicam acúmulo de capital. Essa é uma interpretação bem bourdiana. Os sujeitos pesquisados foram rompendo barreiras do insucesso escolar por esse acúmulo (tardio) deste tipo de capital cultural.

Na conjuntura apresentada, Sobral foi se consolidando, com o passar dos últimos 20 anos, como um pólo educativo, do ensino básico ao superior, tanto sob administração pública, como no âmbito privado. São 55 escolas municipais e 20 estaduais. Na rede privada, Sobral conta com mais de 10 escolas privadas, contabilizadas aqui as maiores, com trajetórias bem tradicionais, onde costumam estudar os filhos das elites locais e daquelas dos municípios vizinhos.

Muitas pessoas procuram Sobral em busca de oportunidade de emprego, bem como para abastecimento e prática de comércio de seus produtos, para serviços bancários e para atendimento médico. Contudo, os mais importantes espaços aglutinadores nesta cidade são as Instituições de Ensino Superior e os equipamentos educacionais. Todos estes espaços compõem e conferem uma atmosfera sedutora para quem deseja conhecer e vivenciar uma ebulição política, cultural e de vida universitária.

O fator que mais impulsionou o crescimento de Sobral e trouxe transformações na região Norte do estado do Ceará foi sua consolidação como cidade universitária, como afirma Freitas (2012, p.13-14):

Um dos fenômenos mais marcantes na cidade de Sobral nos últimos 15 anos⁷² é o aumento da população estudantil, especialmente [*pelo*] aumento da oferta de vagas na educação superior [*que*] tem atraído pessoas oriundas não só dos municípios da macrorregião, mas também da capital e de outros estados, que vêm em busca de melhor qualificação profissional.

A condição de Sobral como cidade universitária foi resultado da ampliação de políticas educacionais nacionais, quando da descentralização dos centros universitários das capitais ou das grandes cidades, como veremos adiante.

⁷² A pesquisa se refere até 2012, mas considerando que estamos em 2021, computa-se, então, pelo menos mais oito anos.

2.7 A condição universitária de Sobral

Sobral é uma cidade universitária peculiar, em que a vida acadêmica tem características diversas, desde os estudantes residentes na cidade, até uma população estudantil volante, com o vai-e-vem diário dos ônibus dos mais de 50 municípios circunvizinhos, com o movimento pendular de “universitários viajantes” (FREITAS, 2012; BRAGA & FREITAS, 2013). Esta concentração de estudantes e o crescente desenvolvimento acadêmico instaurou uma atmosfera regional em torno do ensino superior.

Todos os sujeitos da pesquisa vivenciaram esta experiência de “universitários viajantes”. Alguns fizeram, senão toda graduação, a maior parte dela nesta condição. Joana, por exemplo, fez o trânsito entre Taperuaba e Sobral, para ir estudar na UVA, quando parte do trajeto ainda era estrada vicinal, entre 1998 e início de 2001. Nesta época, a rota não era direta até a sede. Como o número de universitários era menor do que é hoje, o transporte era dividido entre quatro distritos daquela região: Taperuaba, Aracatiaçu, Patos e Caracará, totalizando mais de 4h de viagens diárias, entre ida e retorno.

Os demais sujeitos pesquisados, a partir de meados dos anos 2000, experimentaram um período em que a rota passou a ser direta entre distrito e sede, quando a viagem passou a ser de um pouco mais de duas horas, entre ida e retorno. A partir daí, com ônibus mais adequados ou transporte escolar do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), a situação de segurança, conforto e agilidade no curso da viagem tornou-se melhor. É importante ressaltar que todos os sujeitos pesquisados estudavam e trabalhavam ao longo de toda sua formação, portanto, a melhoria do transporte escolar foi fundamental para garantir minimamente qualidade de vida aos jovens que lançavam-se diariamente em viagens para estudar.

Vale ressaltar que o transporte universitário em Taperuaba, assim como os demais distritos, sempre foi custeado pela Prefeitura Municipal de Sobral, diferente da maioria dos transportes universitários dos municípios da região em que os estudantes têm que bancar – total ou parcialmente – as viagens para estudar. Muitos prefeitos fornecem o ônibus, mas os estudantes devem arcar com o salário do motorista; em outros casos, as prefeituras cobrem o trabalho do motorista, e os discentes pagam os custos do aluguel do veículo. O mais lamentável é que houve casos em que alguns prefeitos chegaram a usar o transporte universitário como moeda de troca eleitoreira, usando como critério de impedimento ou consentimento a passagem àqueles que votaram ou estavam de acordo com seu governo (BRAGA & FREITAS, 2013).

Apesar das distâncias percorridas diariamente por milhares de estudantes, nas mais

diversas condições de locomoção e de suportes oferecidos por seus municípios, o número de universitários é crescente. Em Sobral, essa rede de ensino se fortalece com a implantação do campus da Universidade Federal do Ceará (UFC) e com a instalação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), além da, já local e tradicional, Universidade Estadual Vale Acaraú (UVA), totalizando três instituições públicas de ensino superior. No setor privado, as duas maiores são a Faculdade Luciano Feijão (FLF) e o Centro Universitário Instituto Superior de Teologia Aplicada (Uninta), ambas localizadas no bairro Dom Expedito. Entretanto houve uma proliferação de outras faculdades e institutos, de menor porte, que também ofertam cursos superiores, nas modalidades presencial ou à distância, além de cursos técnicos e profissionalizantes.

2.7.1 Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Criada em 1968, a Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) foi a instituição de ensino superior pioneira em Sobral⁷³. Para quem não podia ir para a capital. Esta instituição era, até meados dos anos 2000, a única opção de ensino superior para a cidade e os municípios vizinhos. Distribuída em quatro campi (Betânia, Derby, Junco e Cidao), conforme os dados da UVA em número 2016/ ano base 2015⁷⁴, atende a 9.869⁷⁵ estudantes matriculados nos 20 cursos de graduação, e mais de 110 alunos na Pós-Graduação *stricto sensu* de cinco cursos de

⁷³ Seu principal campus, onde situa-se a reitoria, foi a sede do antigo Seminário da Betânia, fundado por Dom José Tupinambá da Frota. Em 1968 - Por iniciativa do cônego Francisco Sadoc de Araújo e, por meio da Lei Municipal nº 214 de 23/10/1968, sancionada pelo prefeito de Sobral, Jerônimo de Medeiros Prado, é criada a Universidade Vale do Acaraú. Em 1984 o Poder Executivo Estadual, por meio da Lei nº 10.933 de 10/10/1984 cria, sob a forma de Autarquia, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), vinculada à Secretaria de Educação, dotada de personalidade jurídica de direito público e autonomia administrativa, financeira, patrimonial, didática e disciplinar, com sede no Município de Sobral e jurisdição em todo o Estado do Ceará. Com a criação da Autarquia são encampadas as Faculdades de Ciências Contábeis, Enfermagem e Obstetrícia, Educação e de Tecnologia, que compunham a antiga Fundação Universidade Vale do Acaraú, e a Faculdade de Filosofia Dom José, pertencente à Diocese de Sobral. http://www.uvanet.br/textos.php?id_texto=1

⁷⁴UVA Números 2016 – Ano Base 2015.
http://www.uvanet.br/documentos/numeros_daf3747a934412c7f3140f53e14115fa.pdf

⁷⁵Fonte: Sistema Acadêmico/UVA (2016).
http://www.uvanet.br/documentos/numeros_daf3747a934412c7f3140f53e14115fa.pdf

mestrado⁷⁶, além de cursos de graduação de programas como: 82 matriculados no Pronera⁷⁷, 1.278 matriculados no Parfor⁷⁸, e cursos de pós-graduação *lato sensu*.

FIGURA 44 - FACHADA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ



Fonte: <https://direitonauva.wordpress.com/>. Acesso em dezembro de 2020

Os depoimentos dos sujeitos da pesquisa sobre sua relação com a UVA revelam a extrema importância desta instituição para sua ampla formação, e, conseqüentemente, um sentimento de profundo apreço. Joana, graduada em História e mestranda em Geografia pela UVA, conta:

Essa universidade é um importante polo educacional para região norte e tem contribuído com a formação de diversos profissionais. A UVA é muito importante para minha formação, abriu espaço para ampliar meus horizontes em vários âmbitos: social, político e econômico. [...] quando tava na graduação tive contato com muitas coisas [...] além do próprio curso, fiz parte do Centro Acadêmico de História, participei de movimento estudantil, viajei para eventos fora do Estado, fui a congressos regionais e nacionais para as Universidades Federais do Espírito Santo, do Rio Grande do Norte, pra

⁷⁶ A zona Norte acaba de abrir mais uma turma de pós-graduação *stricto sensu* com o Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede (ProfSocio), na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Realizado com oferta simultânea nacional, no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), o ProfSocio é um curso presencial, ancorado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com a participação de outras seis universidades. Além da UVA e UFC, participam do programa a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/ campi Sumé e Campina Grande); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Estadual Paulista (Unesp/ campus Marília) e Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Disponível em: <http://www.uvanet.br/> e <http://www.profsocio.ufc.br/>

⁷⁷ O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) propõe e apoia projetos de educação voltados para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária. Por meio do Pronera, jovens e adultos de assentamentos têm acesso a cursos de educação básica (alfabetização, ensinos fundamental e médio), técnicos profissionalizantes de nível médio, cursos superiores e de pós-graduação (especialização e mestrado). http://www.incra.gov.br/educacao_pronera

⁷⁸ O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica abre todos os anos turmas especiais em cursos de licenciatura e em programas de segunda licenciatura, na modalidade presencial, exclusivas para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área em que atuam, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>

Universidade Estadual do Maranhão [...]. Sou muito grata a tudo que essa universidade me proporcionou.

Frida, que cursou graduação em Filosofia na UVA, posteriormente foi aprovada na seleção pública como professora substituta neste mesmo curso. Ela considera ainda muita vívida sua ligação com a instituição:

É uma instituição que representa muito, carregando junto com o meu nome, porque me formei lá e trabalhei até bem pouco tempo. Foi de lá que vieram, talvez, os empurrões mais significativos para continuar a vida acadêmica, vieram e ainda vêm. A minha vida estudantil foi garantida pelo apoio dos meus ex-professores, que hoje são colegas de trabalho que continuam a me incentivar. Hoje, vou construindo sem perceber a história do meu trabalho com os meus alunos e orientandos, e percebo que preciso ir também para outros espaços, ser conhecida em outros cursos, como na Pedagogia, que já tenho alguns professores conhecidos pelo Parfor, assim como preciso me fazer presente no curso de Geografia, onde estou indo pelo 3º semestre ministrar uma disciplina. Entendo, hoje, que preciso criar laços por onde vou. Uma espécie de fortalecimento que só compreendo agora.

Raimundo, graduado em Biologia pela UVA, ressalta a contribuição que recebeu de todo o ambiente acadêmico:

A UVA representa a base da minha formação superior, pois foi lá que aprendi a ser o profissional de hoje. Tive grandes professores que acabaram se tornando um exemplo a ser seguido, no âmbito profissional. Foi no ambiente acadêmico da UVA que pude me certificar das minhas escolhas e daquilo que viria a assumir no futuro. Vivi intensamente o ambiente universitário, participando não somente das atividades de cada disciplina, mas também das manifestações em prol de uma universidade pública, gratuita e de qualidade. E isso me ensinou bastante em ver o centro universitário, não somente como um ambiente de transmissão de conhecimento, mas, acima de tudo, de formação ética, profissional e social.

Lavoisier, graduado em Química pela UVA, fala:

A UVA pra mim representa meu lar acadêmico. Foi onde cresci e amadureci, não só fisicamente, mas a nível intelectual e social. Foi onde fiz amizades que levarei para o resto da vida. Foi o local que abriu as portas do mundo para mim. Mesmo com toda dificuldade e escassez de recursos que ela sempre passou, creio que ela cumpre seu papel de instituição de ensino.

João destaca a importância dos docentes e chama a atenção para o descaso e falta de apoio do poder público na melhoria da universidade pública:

A UVA foi primordial na minha formação, onde fiz graduação e mestrado. Pessoalmente, tive ótimas experiências, principalmente, em relação aos docentes. Mas, também, a percebo, assim como as demais universidades, principalmente as estaduais, um pouco abandonadas pelo poder público, que deveria dar apoio para o desenvolvimento dos projetos. Fui bolsista de Iniciação Científica na graduação e bolsista no mestrado. Na minha vida, tanto pessoal, como profissional, ela teve, e tem ainda, um papel fundamental, pois devo muito aos professores.

2.7.2 Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Sobral

A Universidade Federal do Ceará (UFC) chegou a Sobral em 2001 com a instalação do primeiro curso de Medicina na região Norte. A partir de 2006, atendendo as prerrogativas previstas em sua política de expansão⁷⁹, passaram a ser ofertados mais sete cursos de graduação que não existiam na região: Ciências Econômicas, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica, Finanças, Música, Odontologia e Psicologia, que totalizam 2.258 alunos matriculados. Além dos cursos de graduação, a UFC em Sobral oferece mais quatro cursos de pós-graduação – mestrados acadêmicos –, que possuem 131 discentes matriculados: Saúde da Família: 54; Ciências da Saúde: 28; Biotecnologia: 21; Engenharia Elétrica e Computação: 28⁸⁰.

FIGURA 45 - FACHADA DO PRÉDIO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), EM SOBRAL



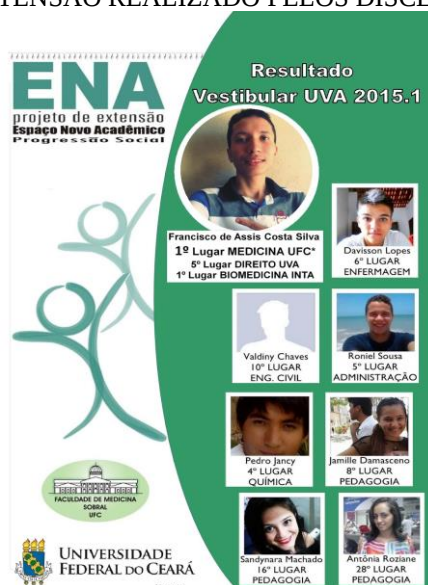
Fonte: <https://www.sindicatodosmedicosdoceara.org.br-sobral>. Acesso em dezembro de 2020

A Medicina da UFC campus Sobral criou, em 2005, um projeto de extensão em que os acadêmicos deste curso oferecem à comunidade um cursinho pré-universitário: Espaço Novo Acadêmico (ENA). É uma preparação para os vestibulares locais e para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Há um concorrido processo seletivo, com prova de questões objetivas gerais, para as 50 vagas ofertadas, restritas a estudantes ou egressos de escolas públicas.

⁷⁹ Argumento reproduzido da página eletrônica da UFC campus Sobral: “A política de expansão e interiorização da universidade pública constitui-se como uma fundamental política inclusiva, uma vez que cria possibilidades de acesso à educação superior a uma parcela maior da população, e reconhece o papel estratégico da universidade para o desenvolvimento econômico e social. <http://www.sobral.ufc.br/sobre/campus/>

⁸⁰ Números fornecidos pelas coordenações dos cursos em 10 de abril de 2018.

FIGURA 46 - PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO PELOS DISCENTES DE MEDICINA



Fonte: www.sobralonline.com.br. Acesso em dezembro de 2020

O cursinho é gratuito, mas é necessário o pagamento da taxa única de R \$25,00 para fazer a prova. Aos alunos aprovados é fornecido todo o material pedagógico e estrutura física do campus Sobral, incluindo apostilas e resumos de obras literárias, laboratório de redação, simulados e provas de vestibulares já realizados. Além das 50 vagas, há também uma lista de espera para caso surjam novas vagas. As aulas ocorrem de segunda a sexta-feira, das 18h30 às 21h50, nas salas do curso de Medicina.

Dois sujeitos da pesquisa se beneficiaram do ENA. João estudou neste curso durante o primeiro semestre de 2008, e diz: “Creio que foi super importante para possibilitar meu ingresso na universidade”. Lavoisier fez o ENA em 2007 e conta:

Antes de ingressar na UVA, tive a oportunidade de fazer um ano de um cursinho na Faculdade de Medicina da UFC. Era um projeto de extensão dos alunos recém ingressos do curso de Medicina [...] com o apoio logístico do Colégio Farias Brito (privado). Foi uma ótima oportunidade de aprender coisas que não pude no ensino médio.

Frida informou que, no semestre 2018.1, havia quatro alunos de Taparuaba que faziam o ENA. Joana destaca, no entanto, que a média de alunos do distrito nesse cursinho costuma ser maior: “[...] de 10 a 15 alunos por semestre, e esse número só não é maior porque ‘é uma luta’ para conseguir uma vaga em um dos dois ônibus universitários para Sobral”.

A UFC também tem chegado na região Norte do estado por outras vias e formatos, como, por exemplo, através dos polos do Centro de Educação à Distância (CED), presentes em algumas cidades da macrorregião, dentre elas, Sobral e a cidade serrana, a vizinha Meruoca.

Assis foi o único sujeito da pesquisa que não estudou na UVA. O curso de licenciatura

em Letras/Inglês existe na Universidade Estadual Vale do Acaraú, mas ele explicou que optou por investir suas forças no vestibular para o mesmo curso no Polo Universidade Aberta do Brasil (UAB) da UFC, modalidade semipresencial, Educação à Distância (EaD), com 70% de aulas presenciais e 30% online. Assis argumenta que sua decisão foi motivada pelo fato de que, desde o segundo semestre, as aulas ministradas pela UFC eram integralmente na língua inglesa, o que considera fundamental para sua formação. O jovem também lembra que a duração média do curso é de 60 meses e que a carga horária e a matriz curricular são as mesmas dos cursos regulares presenciais. Atualmente Assis também é tutor no curso de Letras/Inglês no polo UFC de Sobral, que foi implantado em 2017. O polo do município de Meruoca, no qual ele estudou, foi inaugurado em 2010.

2.7.3 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) é mais uma alternativa à formação escolar e chegou a Sobral para atender toda a região Norte. O IFCE inaugurou com 11 cursos oferecidos semestralmente à comunidade nas áreas técnica, tecnológica e de licenciatura. O Instituto substituiu o antigo Cefet/CE⁸¹ e é resultado do projeto de expansão da Rede de Ensino Tecnológico do País, planejamento elaborado e realizado pelo Governo Federal, em 2007. O IFCE Campus Sobral surgiu a partir do Plano de Expansão Fase II da rede de ensino tecnológico no País, quando foram escolhidas 150 cidades polos em todo o Brasil para ampliação dos Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefet). Dos 150 municípios, seis pertencem ao estado do Ceará, sendo um deles Sobral.⁸² Ainda em 2007, houve a chamada pública para que cada município selecionado apresentasse as contrapartidas para implantação das Unidades de Ensino Descentralizadas (UnED) dos Cefet.

⁸¹ Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet) é o nome dado a certos institutos de ensino do Brasil que fazem parte da esfera Federal, e estão sob o comando do Ministério da Educação (MEC). Os Cefet oferecem diversos cursos nos níveis médio, técnico e superior. Em 2008, com o desenvolvimento da Lei 11.892, que cria a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, o maior número de Cefet do Brasil se transformou em Institutos Federais (IF), e passaram a fazer parte da rede dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Atualmente, apenas três Cefet não sofreram esta conversão: as unidades do Paraná, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Estes Cefet estão inseridos na nova rede, mas tinham como projeto se transformar em Universidades Tecnológicas Federais. Destes três, apenas a unidade do Paraná conseguiu colocar em prática este plano, e se tornou a Universidade Tecnológica do Paraná. Portanto, existem, atualmente, Cefet nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

⁸² Disponível em <http://ifce.edu.br/sobral/campus-sobral/o-campus>.

FIGURA 47 - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ (IFCE), EM SOBRAL. O CAMPUS É COMPARTILHADO COM A UVA



Fonte: <https://ifce.edu.br/sobral>. Acesso em dezembro de 2020

No caso de Sobral, o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal ofereceram a Faculdade de Tecnologia Centec⁸³ (Fatec/Sobral). Iniciou-se, assim, o processo de transição para o Cefet, com a incorporação dos alunos e realização de concurso público para contratação de professores e servidores. A UnED Sobral do Cefet foi oficialmente criada em 10 de junho de 2008, mediante portaria 689, de 9 de junho, do Ministério da Educação (MEC). Em 29 de dezembro de 2008, a UnED Sobral do Cefet/CE foi transformada oficialmente em Campus Sobral.⁸⁴ A escola foi inaugurada oficialmente, e renomeada como IFCE, no dia 10 de setembro de 2009, com a presença do então presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva.

O IFCE oferece hoje os seguintes cursos: 1. Técnicos subsequentes: Agroindústria, Agropecuária, Eletrotécnica, Fruticultura, Mecânica, Meio Ambiente, Panificação e Segurança do Trabalho; 2. Superior tecnológico: Alimentos, Irrigação e Drenagem, Mecatrônica Industrial e Saneamento Ambiental; 3. Superior – licenciatura: Física; 4. Pós-graduação – Especialização: Gestão Ambiental e Qualidade e Segurança dos Alimentos; 5. Pós-graduação – Mestrado Profissional: Ensino de Física. Assim, são oferecidos 14 cursos ao todo, com 1.197 estudantes matriculados⁸⁵.

Nenhum dos sujeitos pesquisados estudou nesta instituição – apenas alguns dos seus familiares. Frida lembra que alguns taperuabenses estão fazendo graduação no IFCE, campus Sobral. João conta que ministrou um minicurso durante um evento realizado no Instituto. Sobre

⁸³ “Criado em 09 de março de 1999, o Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec) é uma sociedade civil de direito privado sem fins lucrativos, que foi qualificada pelo Governo do Estado do Ceará como Organização Social – OS, através do Decreto nº 25.927, de 29.06.2000, sendo amparada pelo Artigo 12 da Lei estadual n. 12.781, de 30 de dezembro de 1997 e pelo Artigo 11 da Lei federal nº 9.637, de 15 de maio de 1998 [...] A missão do Instituto Centec é promover a educação e a tecnologia por meio do ensino, da pesquisa, da inovação e da extensão, em áreas estratégicas para o desenvolvimento sustentável do estado do Ceará.” <http://www.centec.org.br/index.php/quem-somos/o-instituto>

⁸⁴ Disponível em <http://ifce.edu.br/sobral/campus-sobral/o-campus>

⁸⁵ Disponível em <http://ifceemnumeros.ifce.edu.br/>

os efeitos imediatos do IFCE na região, Joana cita conterrâneos já empregados, mas, fazendo uma reflexão crítica, ela lembra também que:

Tem vários alunos já formados desempregados, porque a universidade ainda forma para serem empregados, falta crédito e formação empreendedora. Aqui [Taperuaba] falta uma boa padaria, mas os meninos que se formam não têm recursos financeiros para abrir uma, nem os empresários locais contratam essa mão de obra. Acho que esse ainda é um problema do nosso sistema educacional: muita teoria e pouca prática. Fiz um [trabalho de] campo essa semana, vi um senhor analfabeto que tem muita coragem, experiência em trabalhar e ganhar a vida, um exemplo de camponês...e vejo os meus alunos com ensino médio completo, com cursos, e muitos desempregados. São duas realidades muito distintas. Mas são vizinhos e estão na mesma. Dá uma tristeza com essa conjuntura... mas deve nos fazer refletir sobre os caminhos que trilhamos e as possibilidades que temos de sermos uma nação soberana.

Essas inquietudes apontadas por Joana tratam-se da tríplice perspectiva: aumento da escolaridade, empregabilidade e melhoria de vida. Esta discussão é parte de um problema mais amplo que não será possível tratarmos aqui de forma abrangente.

Ainda como alternativas de formação, embora restritas pelo imperativo do custeio, registro, também, as Instituições de Ensino Superior privadas, destacando, aqui, as duas maiores, presentes há mais tempo na cidade. O Centro Universitário Instituto Superior de Tecnologia Aplicada (Uninta) iniciou suas atividades com a oferta de um curso livre de Teologia 1999. Com o passar dos anos, foi ampliando a oferta que soma, hoje, o total de 20 cursos de graduação: Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Direito, Educação Física, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Gestão de Segurança Privada, História, Jornalismo, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social e Teologia. Também são ofertadas quatro especializações, três cursos de MBAs e dois mestrados acadêmicos.

A Faculdade Luciano Feijão iniciou seus trabalhos em 2004. Atualmente oferece cinco cursos de graduação: Administração, Direito, Engenharia Civil, Enfermagem, Odontologia e Psicologia. Na Pós-graduação apresenta três especializações: Avaliação Psicológica, Direito e Processo Penal, e Direito Previdenciário.

Além das Instituições de Ensino Superior citadas anteriormente, estão presentes em Sobral mais de uma dezena de Institutos e polos avançados de instituições educacionais de porte nacional que oferecem cursos de graduação e de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, em modalidades presencial, semipresencial e EaD. Posso citar, como exemplo, o Serviço Nacional de Aprendizagem (Senac), Universidade Anhanguera-Uniderp, Universidade Castelo Branco (UCB), Universidade Norte do Paraná (Unopar), Universidade Paulista (Unip), dentre outros. Todas as instituições, públicas ou privadas, presentes em Sobral são grandes atrativos para a

população da região Norte e visam atender a uma demanda estudantil reprimida por anos, devido à falta de oferta de cursos técnicos, tecnológicos, superiores e de pós-graduação.

Além da possibilidade de local para estudo e formação, estas instituições surgem no cenário regional como campo de emprego para aqueles que buscam atuar na vida acadêmica. Frida, Joana e Assis tiveram algumas experiências no magistério em institutos de ensino superior privados. Hoje, o número e diversidade de oferta de cursos superiores na região norte cearense é considerado razoavelmente grande comparado às décadas anteriores. No entanto, é insuficiente para atender a todos os candidatos a experiência universitária, sobretudo, na rede pública, que obtêm maior procura por parte dos estudantes.

A busca pela inserção e participação, por parte dos indivíduos, nestas instituições mencionadas até aqui, tem um cunho político e socioeconômico que revela as contradições do tecido social. As disputas pelas vagas nas instituições públicas, a procura pelas faculdades privadas, a escolha dos cursos mais aspirados, frente aos que parecem possíveis, fazem parte de um jogo de negociações com os desejos internos e a realidade externa. Todo esse cenário é um documento vivo de conflitos e ajustamentos da constituição da sociedade sobralense e regional e, por extensão, da sociedade brasileira também.

Pelos relatos dos pesquisados, em aspectos abrangentes, é possível verificar as múltiplas influências que Sobral exerce na região, seja por questões econômicas, políticas ou culturais diversas. Os nativos, os migrantes, os moradores, os frequentadores circunstanciais, como os estudantes, por exemplo, acabam estabelecendo vínculos com a cidade em todos os seus aspectos, pelas mais diversas motivações e usos.

2.8 Efeitos e reflexos urbanos e sociais no polo universitário

Sobral não tem, objetivamente, nada de excepcional em relação às demais cidades brasileiras. É mais um município de médio porte com muitos problemas, dentre eles, a grande mazela da desigualdade social que arrasta toda e qualquer sociedade para condenação ao atraso na sua totalidade. No entanto, nos últimos anos, foi criado um projeto de gestão pública com alguns pilares:

- Atraiu algumas indústrias por meio de incentivos ou benefícios fiscais que, sem dúvida, impactaram na geração de emprego e renda (ainda que diminuta) se considerarmos a grande massa de trabalhadores alcançados. Porém, ao conceder esses benefícios fiscais abre mão de pelo menos parte dos impostos

que deveria cobrar do empresariado, significando perda na arrecadação de recursos que poderiam ser revertidos em melhorias para a população;

- Revitalizou a cidade e fez um trabalho de valorização de seu patrimônio histórico material e de alguns aspectos da tradição local;
- Implementou políticas públicas essenciais e recebeu equipamentos, programas e projetos estaduais e federais na área da saúde (Escola de Saúde Visconde de Sabóia⁸⁶; Centro de Especialidades Odontológicas⁸⁷; Hospital Regional Norte⁸⁸); recebeu um Campus da UFC, e um Campus do IFCE (como já mencionados antes), mas, é na educação básica que a cidade se torna referência nacional atestada pela avaliação do Ideb, quando passou de 4,0 para 8,4 entre 2005 e 2019, ficando muito acima da média nacional de 5,7 em 2019.
- O importante diferencial que tem garantido a consolidação deste trabalho é a continuidade das políticas públicas. A perduração ou perpetuação do mesmo grupo político no poder, pode não ser muito saudável para a democracia. Mas, até o momento, tem se preservado a crença e a premissa de que - a) toda criança, adolescente, jovem e pessoa de qualquer idade é capaz de aprender, independente das condições socioeconômicas, que devem ser compreendidas, mas atenuadas pelo processo de ensino aprendizagem; b) diretrizes essenciais que concebem e regem o trabalho da gestão da educação pela garantia da aprendizagem enquanto um direito. Tem sido construída a ideia de que é necessário criar políticas de Estado, e não de governo. Para isso, tem sido criado marcos legais, assim como, formado equipes selecionadas por critérios

⁸⁶ Criada em 1997 e instituída formalmente em 2001, a Escola de Saúde Visconde de Sabóia (ESVS) foi a primeira escola municipal dirigida à formação de trabalhadores do Brasil. Em 2009 foi credenciada pelo Conselho Estadual de Educação como Escola Técnica e em 2011 foi reconhecida pela Comissão Intergestores Bipartite do Estado do Ceará (CIB-CE) como uma escola de referência para formação em gestão e atenção à saúde do Ceará. [...] em sua identidade normativa e pedagógica, o papel de fomentar e mediar o Sistema Saúde Escola de Sobral, dando apoio ao desenvolvimento de processos de gestão da educação em saúde, com ênfase na educação permanente para o município de Sobral e a macrorregião Norte do Estado. Atualmente, mais de seis mil estudantes fazem estágios dentro de serviços ligados à Escola de Saúde Visconde de Sabóia. Disponível em <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/escola-de-saude-publica-visconde-de-saboia-esta-em-fase-de-credenciamento-como-escola-de-governo>

⁸⁷ A inauguração do Centro de Especialidades Odontológicas (CEO) Sanitarista Sérgio Arouca, ocorreu em 17 de março de 2004, [com a presença do Presidente da República, à época, Luiz Inácio Lula da Silva], uma data histórica não só para o município de Sobral, mas para todo o Brasil, pois durante a inauguração foi lançada a Política Nacional de Saúde Bucal – Programa Brasil Sorridente, sendo o CEO de Sobral o primeiro do Brasil vinculado a este Programa. Disponível em <http://sobral.ce.gov.br/informes/principais/centro-de-especialidades-odontologicas-de-sobral-ceo-completa-15-anos>

⁸⁸ Inaugurado em 2013 para atender os 55 municípios da Macrorregião Norte - recursos estaduais e financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID. Disponível em <https://www.ceara.gov.br/2012/10/31/hospital-regional-norte-sera-inaugurado-em-janeiro-de-2013/>

técnicos, criando gerações de lideranças comprometidas com tais ações para garantir a sustentabilidade.

Entretanto, como já disse, para além destas instâncias bem-sucedidas, é possível encontrar “pontos cegos” ou lacunas nas gestões públicas sobralenses que ofuscam ou reduzem os êxitos alcançados. A universalização do ensino público e o avanço na melhoria da educação não garantiu inclusão social proporcional ao crescimento do Ideb, que em 2017 chegou a ser o maior do país com 9,1, e oscilando para 8,4, em 2019. Contudo, o IDH⁸⁹ de 0,714, Sobral⁹⁰ é o 2º colocado no Ceará, e o 1489º entre os 5.570 municípios brasileiros.

A ineficiência na redução das desigualdades sociais causa inquietudes e questionamentos porque, convencionalmente, a expectativa é que, quando há investimento em educação, criam-se as possibilidades de polos de desenvolvimento social e crescimento econômico. Isso, de alguma maneira, é observado na expansão e diversificação econômica sobralense comparada a décadas anteriores. Entretanto, os maiores beneficiados diretamente são os grupos já abastados.

A instalação de indústrias e a abertura de novos negócios beneficiaram muitos indivíduos que se mudaram para Sobral oriundos da capital, ou migrantes de diferentes estados do país. Também favorecida pelo cenário político econômico dos programas e investimentos federais nas últimas duas décadas, a cidade soube aproveitar sua vocação catalisadora de empreendimentos diversos: indústria, comércio, educação, saúde e cultura. Nos últimos quinze anos, pôde ser observado um aumento na construção civil, no crescimento do mercado imobiliário e no setor de serviços e comércio em geral (alimentos, vestuário, entretenimento). A construção de áreas de lazer, sobretudo privadas tais como clubes, cinemas, shopping center, bares, pubs, e um polo gastronômico com restaurantes de culinárias regionais, e até internacionais, para diversos gostos e bolsos, trouxe opções diferenciadas, se compararmos a todos os municípios da região.

O que Sobral não conseguiu fugir à regra, assim como tantas outras cidades do País, é que ainda vigora o modelo de crescimento pautado na concentração de riqueza e poder, o que

⁸⁹ O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) compara indicadores de países nos itens riqueza, alfabetização, educação, esperança de vida, natalidade e outros, com o intuito de avaliar o bem-estar de uma população, especialmente das crianças. Varia de zero a um e é divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) em seu relatório anual. Na divulgação feita em novembro de 2007, com dados referentes a 2005, o Brasil pela primeira vez alcançou o nível 0,80, passando a integrar o grupo de países com IDH elevado. Países com IDH até 0,499 são considerados de desenvolvimento humano baixo, e os com índices entre 0,50 e 0,799 são considerados de desenvolvimento humano médio. Disponível em https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2144:catid=28&Itemid=23

⁹⁰ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>

torna o desenvolvimento social não democratizado. Joana lembra que grande parte da população sobralense dos bairros periféricos e dos distritos, por exemplo, nem sempre, ou quase nunca, usufrui devidamente desse crescimento da cidade. Ainda há uma população imensa deixada à margem dos ganhos e conquistas que a cidade alcançou.

É inegável que o direito à aprendizagem escolar e instituições de ensino público com uma busca constante de excelência está ao alcance da grande população. Contudo, ao lado disso, também estão as muitas carências que a cidade ainda amarga: problemas de segurança, de transporte público (muito incipiente no centro e quase inexistente na periferia) e a redução das oportunidades de trabalho para mão-de-obra menos qualificada. O contraste das paisagens entre a periferia e o centro ainda é gritante. A violência urbana, desencadeada, dentre outras coisas, pela impactante desigualdade social e pelo crescimento do narcotráfico – que recruta os grupos mais vulneráveis, (crianças, adolescentes e jovens muito pobres) – tem aumentado profundamente em Sobral, ao longo das últimas décadas.

Procurou, nesta seção do trabalho, propositalmente, criar esta sensação de desconforto, que instigue o leitor diante dos contrassensos sobralenses. Assim é a cidade de Sobral: “tradição” e “contradição”, “opulência” e “segregação socioeconômica”. A “sobralidade triunfante”, expressa pelas elites locais, zela e se orgulha de seu patrimônio histórico cultural, do seu passado de glória e dos resquícios dos “ares de aristocracia” (FREITAS, 2000). No contraponto, ainda deixa padecer seu patrimônio humano verificado pelo crescente processo de aglomeração urbana empobrecida e marginalizada.

A condição de Sobral como “Cidade Educadora” e “Polo Universitário”, até agora, não tem se revertido, precisa e imediatamente, em uma revolução para sanar as desigualdades sociais. Pierre Bourdieu já havia alertado para o não cumprimento da promessa da bandeira da universalização e massificação escolar para reversão das discrepâncias das condições sociais que repartem a sociedade em grupos discriminados. No caso de Sobral há um abismo social separando um punhado de afortunados, e no extremo uma grande massa de despossuídos. Sobre a desigualdade social em Sobral, fazendo uma análise a partir do trabalho e rendimento, por exemplo, temos:

Em 2018, o salário médio mensal era de 2.1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 24.9%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 6 de 184 e 9 de 184, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 1693 de 5570 e 844 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 44.2% da população nessas condições, o que o colocava na posição 172

de 184 dentre as cidades do estado e na posição 2237 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Salário médio mensal dos trabalhadores formais (2018): 2,1 salários mínimos. Pessoal ocupado (2018): 51.480 pessoas. População ocupada (2018): 24,9%. Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salários (2010): 44,2%. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM): 0,714 (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>)

Conforme o IBGE (2018), o PIB⁹¹ per capita deste município é R \$23.104, 20 e o salário médio mensal dos trabalhadores formais (2018) é 2,1 salários mínimos. Está exposta, aqui, a discrepância de distribuição dos rendimentos neste universo populacional. Mesmo Sobral crescendo econômica e politicamente, com repercussão nacional, dado o reconhecimento pelas conquistas na educação que tem uma taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade de 97,9 %, o desenvolvimento social minimamente igualitário ainda está longe do que podemos chamar de uma distribuição justa de recursos e oportunidades. Sem intervenções profundas e um trabalho intersetorial que contemple e atenda às necessidades da população mais vulnerável como um todo, os resultados são desconexos. Como explicar uma oferta de ensino ampla, um alto índice de alfabetização e indicadores crescentes de melhorias na aprendizagem na educação básica se esses elementos não se refletem numa melhoria da realidade social igualitariamente? Esse tem sido um desafio que as gestões municipais mais recentes já têm atentado para pensar.

É possível registrar muitas histórias de transformações de vida de indivíduos e seus familiares em decorrência de uma maior escolarização dos integrantes que compõem esses grupos. O que se sabe até agora é que os casos bem-sucedidos, como o dos sujeitos da pesquisa, por exemplo, ainda são costurados com uma grande teia emaranhada de índices crescentes de marginalização da maioria, em amplo sentido (econômico e social). Há avanços demonstrando que a história de superação através da educação se replicou e fez surgir uma geração de indivíduos academicamente qualificados (inclusive com pós-graduação) dentro das classes populares. A política de expansão da universidade para as camadas desfavorecidas funcionou, mas ainda temos outras barreiras que não conseguimos superar, como por exemplo, a barreira da desigualdade e que a elite se mantém apegada e em guarda para frear este fluxo.

Se estas histórias de sucesso escolar nos meios populares recebem destaque neste trabalho ou em outras formas de registros acadêmicos ou jornalísticos, é porque ainda é percebido como excepcionalidade que mereça o destaque que estou fazendo. O acesso universal

⁹¹ **PIB per capita** ou **PIB** por pessoa é o indicador que representa o que cada pessoa do local analisado teria do total de riquezas que são produzidas no país.

à educação em todos os níveis (básico e superior) a todos, ainda não é uma regra. A realidade de contrastes tem gerado crescimento da miséria e prognósticos nada otimistas, caso não sejam feitas transformações efetivas no âmbito da redução das desigualdades de renda e um processo de efetiva inclusão social. É necessária uma maior abrangência popular através da voz, da vez e das ações de participação voltadas para a geração de emprego e renda da comunidade local. A educação escolar não pode prescindir da formação cidadã e também com orientação profissional. Assim como o Estado deve garantir um atendimento intersetorial que dê suporte ao cidadão em todas as suas necessidades para que ele possa desenvolver autonomia. É preciso instaurar políticas públicas sustentáveis que orientem desde o planejamento familiar, boa escolaridade, assistência em saúde, acesso às artes que enriquecem e dinamizam a formação dos indivíduos, dentre outras, até a valorização dos produtores e profissionais locais por meio do engajamento político e social dos cidadãos sobralenses.

Apesar de todos os infortúnios que também compõem Sobral, é nesta cidade que muitos daquela região desejam aportar, ou dela usufruir o que particularmente interessa a cada um. Alguns dos sujeitos da pesquisa tiveram a experiência de morar em Sobral, por motivo de trabalho ou estudo, e dividiram aluguel e custos com familiares ou colegas de faculdade. Foi o caso de Joana e Nair, que morou com os irmãos, e o caso do Raimundo e do João, que compartilharam moradia com colegas, do Lavoisier que dividiu espaço com uma tia, e do Assis, que teve a companhia de um irmão. Frida disse que também gostaria de ter residido lá pelo menos no período da graduação, mas não teve como viabilizar tal estadia. Alguns precisaram, e conseguiram, morar na cidade, mas com certa dificuldade financeira por conta da grande especulação imobiliária que dificulta o acesso ao aluguel de residências que caibam no bolso dos jovens com o perfil socioeconômico igual ao dos sujeitos que compuseram esta pesquisa. Para a maioria da população a cidade nega a pungência, e até a decência da sua “sobralidade”.

Por tudo isso, considerei importante mostrar as diferentes faces e os diferentes e concomitantes processos que constituem Sobral. Conforme as falas já apresentadas dos interlocutores pesquisados, ainda que Sobral não tenha sido o seu berço literal ou o lar original, foi esta cidade que os abraçou, deu-lhes, e ainda dá a alguns deles e alguns de seus familiares, as primeiras e as mais relevantes oportunidades de crescimento. Posso dizer que, paradoxalmente, Sobral, tão elitista, consegue, pela educação, promover algum tipo de inclusão social para os menos favorecidos. Se não tivesse havido a ponte entre Taparuaba e Sobral, dificilmente outros caminhos se abririam para estes jovens. Outros taparuabenses saíram do distrito para outras cidades, para capital e para outros estados em busca de melhores perspectivas, mas com baixa escolaridade, foram absorvidos para postos de trabalhos

considerados pouco qualificados e de maior exploração de suas atividades laborais. Como os próprios sujeitos pesquisados falam, foi em Sobral que seus caminhos acadêmicos e profissionais, foram tecidos na base e fortalecidos no impulso do prolongamento para que suas histórias fossem mais longe.

Há algumas suposições e análises possíveis sobre os impactos de uma cidade, neste caso, Sobral, nas escolhas iniciais e trajetórias dos sujeitos da pesquisa, tais como: a conjuntura sociocultural, política e econômica. Não afirmo que o mérito seja, exclusivamente, de Sobral, mas quaisquer cidades que disponibilizem de equipamentos e alternativas para desenvolver atividades diversas, e ofereçam outras perspectivas de presente e de futuro, exercem alguma força sobre seus habitantes. Sendo assim, outras cidades que tenham gestões que assumam o compromisso com a educação e os serviços essenciais em saúde, dentre outros, podem melhorar a vida de seu povo.

Suspeito que, de fato, Sobral, com tudo o que a constitui, pelo intercâmbio de conhecimentos e a troca de experiências diversas que meus interlocutores relatam, teve interferência no que os sujeitos pesquisados se tornaram. É o que Velho (1997, p. 35-36, **negrito meu**) destaca:

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será sua *autopercepção de individualidade singular*. Por sua vez, a essa consciência da individualidade – fabricada dentro de uma experiência cultural específica – corresponderá uma maior elaboração de um **projeto**. Este será estimulado e encontrará uma linguagem própria para expressá-lo [...].

Velho concebe a constituição do indivíduo e de seus projetos pela forma em que é socializado e incorporado à cultura na qual está inserido. Também observa que, neste enfoque, lidamos com “os conjuntos de símbolos que vão ser utilizados pelas pessoas nas suas interações e opções cotidianas, num processo criativo ininterrupto havendo alguns mais eficazes e duradouros que outros” (VELHO, 1997, p. 15).

Ao meu ver, num primeiro momento, a autopercepção de individualidade singular descolou, em certa medida, esses sujeitos de sua coletividade inicial (família, laços de parentescos e vizinhanças, amigos, colegas dos primeiros trabalhos), fomentando outras relações com outras coletividades (grupos acadêmicos, profissionais e outras relações interpessoais) que despertaram novas perspectivas de vida para além da realidade em que estavam inseridos, constituindo uma “nova possibilidade de ser também” e uma maneira de compartilhar diversas e concomitantes coletividades. Nesse processo existencial de nos encapar

das muitas peles que vamos vestindo ao longo da vida, vamos somando velhos e novos elementos que vão compondo continuidades e descontinuidades de nossas socializações.

Acredito que os sujeitos aqui estudados, além da socialização familiar e escolar básica, tiveram nas travessias entre Taparuaba e Sobral a composição de suas bagagens de vida, perspectivas que foram se diversificando, e como disse o Prof. Vitor Sérgio Ferreira disse em orientação: “O transporte transporta as pessoas e faz transitar as ideias”. Schutz (2012, p. 86-113) diz ainda que:

[...] o homem encontra a cada momento de sua vida cotidiana um estoque de conhecimento à sua disposição, que lhe serve como um esquema interpretativo de suas experiências passadas e presentes, e também determina sua antecipação das coisas que estão por vir. Este estoque de conhecimento possui uma história particular [*elemento da situação biográfica do indivíduo*] [...] A partir do mundo que está ao meu alcance real ou potencial são selecionados como sendo de importância primária aqueles fatos, objetos e eventos que realmente são ou virão a ser possíveis fins ou meios, possíveis obstáculos ou condições para a realização de meus projetos, ou que se tornarão perigosos, prazerosos ou relevantes para mim de algum outro modo.

Acredito que o alargamento do campo de possibilidades (VELHO, 1997) ocasionado pela distensão dos horizontes vividos pelos sujeitos da pesquisa nas travessias Taparuaba/Sobral proporcionou o enriquecimento de seus “estoques de conhecimento”, inicialmente trazidos de suas histórias pregressas (SCHUTZ, 2012). Essa reunião de fatores fomentou desejos e aspirações mais ousados. Toda essa conjuntura acabou impulsionando a elaboração de projetos de vida⁹² (por vezes, improvisados) e propósitos para além dos limites dados pelo seu cotidiano ou parâmetros comuns à realidade que os cercavam.

Ainda que a “sobralidade triunfante” seja uma construção mítica pela discursividade de suas elites e lideranças políticas e econômicas (FREITAS, 2000), não é possível ignorar os efeitos disso no imaginário dos que ali vivem ou passam a viver. Os aspectos objetivos são mensuráveis e tomados pela efetividade da estrutura que a cidade oferece em diversos âmbitos (acadêmicos, econômicos, de saúde), pelos equipamentos disponibilizados, a organização e força de suas instituições, por exemplo, reverbera nas narrativas dos sujeitos, que pode ser justificada pela experiência pessoal de valorização da cidade diante do que ela lhes ofereceu.

Não menos importante, observo que os aspectos subjetivos na constituição e concepção que Sobral gera na percepção social criam uma realidade em que se sobressaem as realidades de seu entorno, conferindo à cidade estatuto privilegiado na região, tornando-se

⁹² Schutz (2012) define projeto de vida como sendo a “conduta consciente e organizada para atingir determinado fim”.

epicentro das grandes realizações para onde confluem as gentes de todos outros municípios das cercanias. Percebo a força do diferencial dessa cidade na região, e mais especificamente, nos depoimentos dos interlocutores pesquisados sobre as conquistas que eles relatam ter alcançado na dimensão estudantil, profissional e social em suas experiências de vida, quando demonstram o quanto Sobral é onipresente nas suas trajetórias.

2.9 No nível macro - políticas educacionais nacionais inauguram um outro ensino superior no Brasil

As políticas educacionais implementadas ao longo das últimas duas décadas, marcam, sobretudo, uma “nova era” na configuração do ensino superior no Brasil, tais como: a) criação de novas unidades de ensino superior público em todo o país (Gráfico 2), pela abertura de 18 universidades federais e 173 campus universitários, além de 38 Institutos Federais⁹³, através da expansão e interiorização⁹⁴ desta instância educacional; com isso, b) foi ampliada a oferta de vagas possibilitando um número maior de matrículas, impulsionando a absorção de uma nova geração de estudantes (Gráfico 3; c) o ensino superior cresceu na horizontal, alargando a nível de graduação, mas, também, cresceu verticalmente com a abertura de novos Programas de Pós-Graduação - ampliando o número de mestrado e doutorado (Gráfico 4); d) a concessão de bolsas (Gráfico 5) de pós-graduação (CAPES, CNPq) e o fortalecimento do ingresso, permanência e conclusão do estudante na universidade, dentre outras diretrizes que estão contempladas no Reuni⁹⁵; e) a criação da lei de cotas⁹⁶ para garantir o mínimo de participação de grupos

⁹³ Os Institutos Federais são instituições, pluricurriculares e multicampi (reitoria, campus, campus avançado, polos de inovação e polos de educação a distância), especializados na oferta de educação profissional e tecnológica (EPT) em todos os seus níveis e formas de articulação com os demais níveis e modalidades da Educação Nacional, oferta os diferentes tipos de cursos de EPT, além de licenciaturas, bacharelados e pós-graduação stricto sensu. <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes>

⁹⁴ Até o início dos anos 2000 as universidades federais estavam majoritariamente centralizadas nas capitais dos estados. A abertura de novas IES no interior do país abre espaço para novas possibilidades de desenvolvimento social, cultural e econômico.

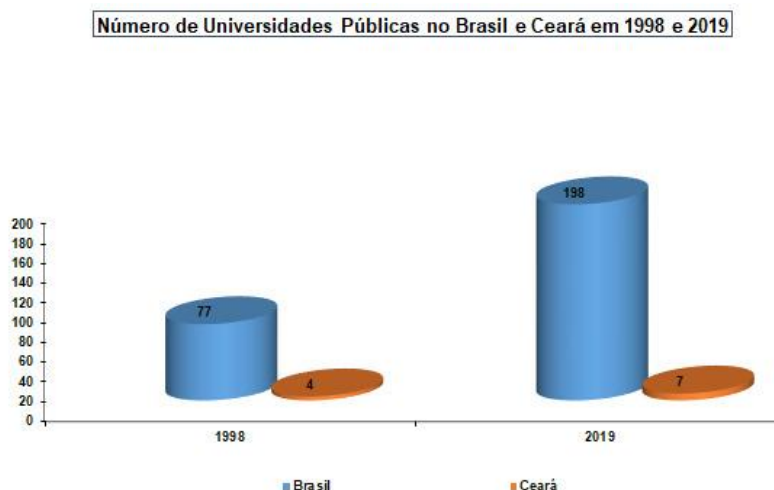
⁹⁵ A expansão do ensino superior conta com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que busca ampliar o acesso e a permanência na educação superior. A meta é dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos, a partir de 2008, e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação. Para alcançar o objetivo, todas as universidades federais aderiram ao programa e apresentaram ao ministério planos de reestruturação, de acordo com a orientação do Reuni. As ações preveem, além do aumento de vagas, medidas como a ampliação ou abertura de cursos noturnos, o aumento do número de alunos por professor, a redução do custo por aluno, a flexibilização de currículos e o combate à evasão. <http://portal.mec.gov.br/reuni-sp-93318841>

⁹⁶ A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50%

representativamente minoritários (negros, pardos e indígenas). Os gráficos abaixo atestam estas mudanças a nível nacional entre 1998 e 2019 (recorte temporal da pesquisa).

O Gráfico 2, mostra o crescimento do número de unidades de Instituições de Ensino Superior criadas entre 1998 e 2019, em todo o país, onde destaco o Ceará que quase dobrou, de 4 para 7 Universidades Públicas.

GRÁFICO 2 AUMENTO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

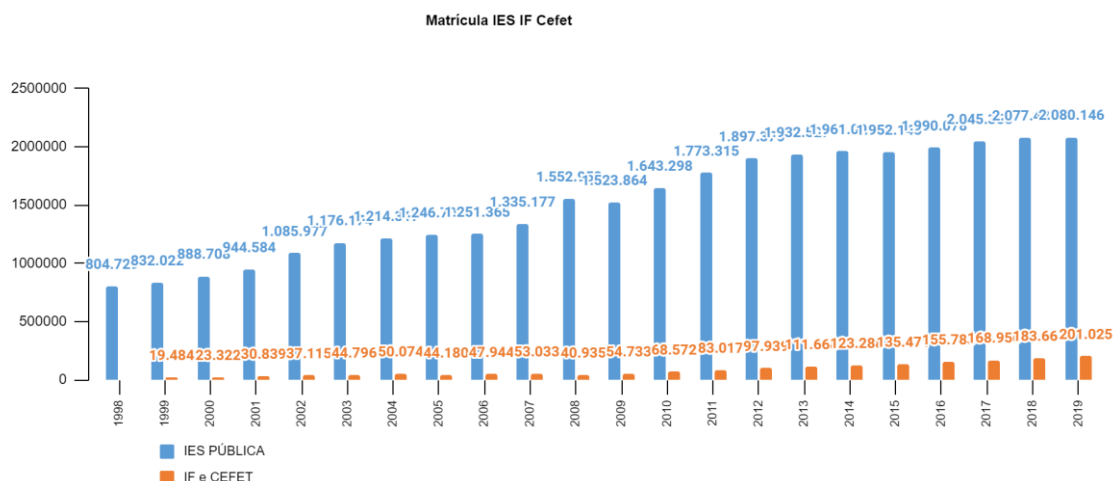


Fonte: (BRASIL, MEC/INEP. Sinopses da Educação Superior

O Gráfico 3 mostra a curva ascendente de matrícula no ensino superior nas universidades públicas, institutos superiores e tecnológicos federais no país, nas últimas duas décadas. Apresento os dados em gráfico e tabela, oferecendo duas possibilidades de leitura:

das vagas permanecem para ampla concorrência. [...] a lei foi regulamentada pelo Decreto nº 7.824/2012, que define as condições gerais de reservas de vagas, estabelece a sistemática de acompanhamento das reservas de vagas e a regra de transição para as instituições federais de educação superior. Há, também, a Portaria Normativa nº 18/2012, do Ministério da Educação, que estabelece os conceitos básicos para aplicação da lei, prevê as modalidades das reservas de vagas e as fórmulas para cálculo, fixa as condições para concorrer às vagas reservadas e estabelece a sistemática de preenchimento das vagas reservadas. [...] a distribuição das cotas. As vagas reservadas às cotas (50% do total de vagas da instituição) serão subdivididas — metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html> Acesso: 28/02/2021.

GRÁFICO 3 CRESCIMENTO DAS MATRÍCULAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR



Fonte: (BRASIL, MEC/INEP. Sinopses da Educação Superior

TABELA 2 CRESCIMENTO DE MATRÍCULAS EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

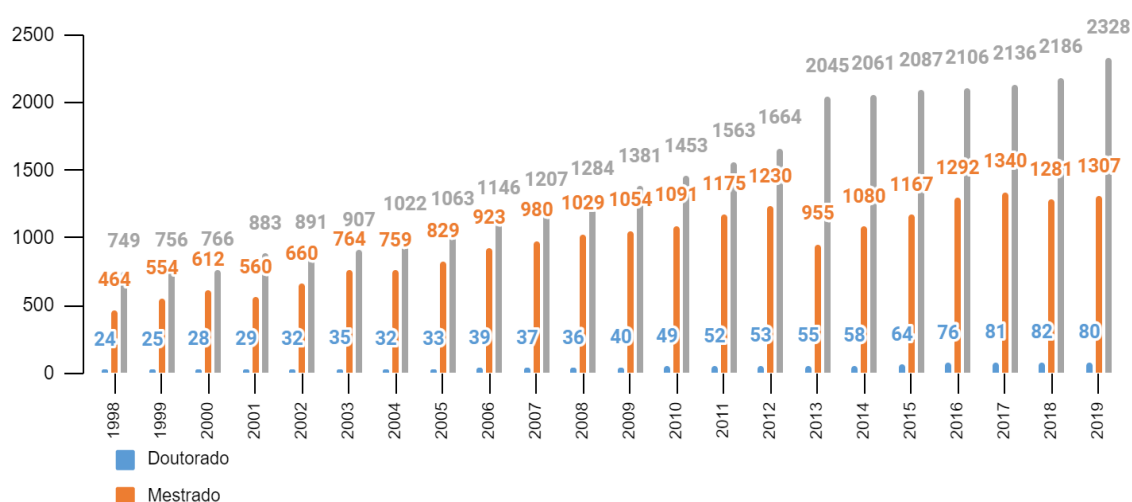
MATRÍCULA IES			Nº IES	
Ano	IES PÚBLICA	IF e CEFET	IES PÚBLICA	IF e CEFET
1998	804.729			
1999	832.022	19.484		
2000	888.708	23.322		
2001	944.584	30.839	183	26
2002	1.085.977	37.115	195	31
2003	1.176.174	44.796	207	39
2004	1.214.317	50.074	224	49
2005	1.246.704	44.180	231	53
2006	1.251.365	47.944	248	66
2007	1.335.177	53.033	249	66
2008	1.552.953	40.935	236	34
2009	1.523.864	54.733	245	35
2010	1.643.298	68.572	278	37
2011	1.773.315	83.017	284	40
2012	1.897.376	97.939	304	40
2013	1.932.527	111.668	301	40
2014	1.961.002	123.288	298	40
2015	1.952.145	135.471	295	40
2016	1.990.078	155.783	296	40
2017	2.045.356	168.956	296	40
2018	2.077.481	183.663	299	40
2019	2.080.146	201.025	302	40
2020				

Fonte: (BRASIL, MEC/INEP. Sinopses da Educação Superior

Como mostram os números acima, se até duas décadas atrás eram poucos os que chegavam na graduação, quem alcançava a pós-graduação *stricto sensu*⁹⁷ era um grupo muito reduzido, ultra seletivo e com características socioeconômicas bem previsíveis, só os abastados tornavam-se mestres(as) e doutores(as). Raríssimas exceções fugiam dessa regra. No gráfico 4, vemos a curva subir com a abertura de Programas de Pós-Graduação e ampliação do número de vagas:

GRAFICO 4 CRESCIMENTO DA OFERTA DE MESTRADOS E DOUTORADOS

Programas de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado)



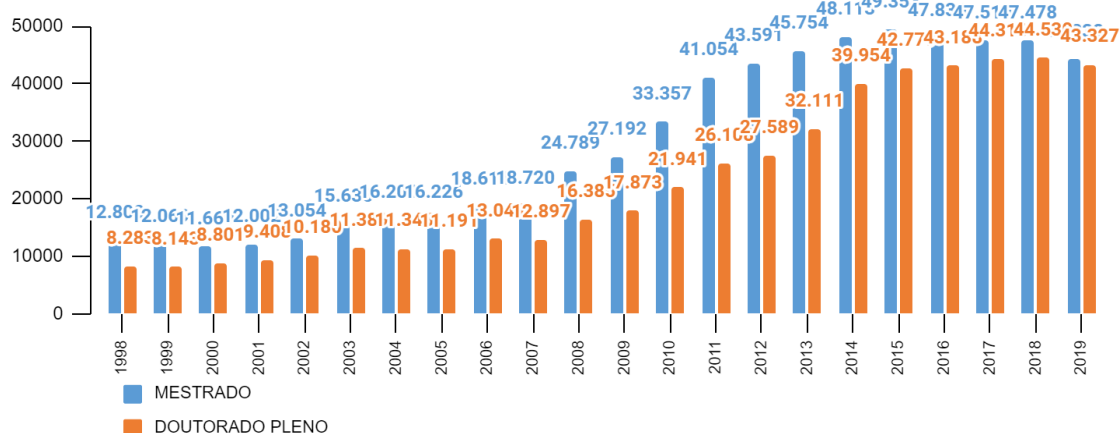
Fonte: elaboração própria a partir da base de dados GeoCAPES

A ampliação dos Programas de Pós-Graduação e aumento da matrícula a nível de mestrado e doutorado vieram acompanhados da concessão de bolsas (CAPES, CNPq), dando o suporte necessário para que muitos estudantes pudessem ingressar, permanecer e concluir em condições de maior dedicação ao estudo e a pesquisa. Nesse bojo, dando prosseguimento a fissura aberta na graduação para inserção das classes populares, indivíduos deste estrato social também chegaram nesse patamar escolar. Vemos, no gráfico 5 e o Quadro 5 (como duas opções de leitura), que mostram o aumento no investimento feito em concessão de bolsas para custear os estudos dos pós-graduandos nas duas últimas décadas:

⁹⁷ As pós-graduações *stricto sensu* compreendem programas de mestrado e doutorado abertos a candidatos diplomados em cursos superiores de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino e ao edital de seleção dos alunos (Art. 44, III, Lei nº 9.394/1996). Ao final do curso o aluno obterá diploma. <http://portal.mec.gov.br/>

GRÁFICO 5 OFERTA DE BOLSAS PARA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*

Bolsas de pós-graduação stricto sensu (Mestrado e Doutorado)



Fonte: elaborada a partir da base de dados GeoCAPES

No Quadro 5 podemos observar um retrato do alcance das bolsas concedidas a um pequeno grupo amostral. Quase todos os interlocutores das pesquisas foram atendidos por este auxílio. Dos oito sujeitos, apenas dois não receberam bolsa. Joana porque tornou-se servidora pública muito jovem e só entrou para pós-graduação recentemente. Assis, o mais novo do grupo, atuou até início de 2021 na iniciativa privada e priorizou as irrecusáveis oportunidades de trabalho, só se alçando às seleções de pós-graduação recentemente. Os demais foram contemplados com esse apoio financeiro indispensável, sem o qual não teria sido possível prosseguir para a pós-graduação.

QUADRO 5 - ACESSO A BOLSAS DE ESTUDO DE DEMANDA SOCIAL

Gênero feminino				Gênero masculino			
Joana	Frida	Maria	Nair	Raimundo	Lavoisier	João	Assis
40 anos	30 anos	28 anos	27 anos	31 anos	28 anos	28 anos	23 anos
26/03/78	05/08/87	17/12/89	04/02/91	27/07/85	08/04/88	30/09/88	07/12/93
Graduação História (1998-2001) (UVA) Sem bolsa	Graduação Filosofia (2006-2010) (UVA)	Graduação Ciências Sociais – Licenciatura (UVA) – Bolsa PIBID	Graduação Educação Física (UVA) – Bolsa PET/Ministério da Saúde	Graduação Biologia/ licenciatura e bacharelado (2005-2012) (UVA)	Graduação Química (UVA)	Graduação Geografia (UVA) PIBIC/CAPES	Graduação Letras Inglês – licenciatura (2012-2016) (UFC)
Especialização Teoria e Met. História (2007-2009) (UVA) Gestão Escolar (2009-2012) (UFJF)	Especialização Met. do Ens. de Filosofia (2012-2014) Fac. Evolução (2013-2015)		Especialização Saúde da Família (Inta) Residência Saúde da Família (UVA)			Especialização - Met. Ensino de Geografia (2012-2013) Fac. Evolução	Especialista Gestão Pedagógica (2017 -2018) (Uece)
Mestranda Geografia (2017 – 2019) (UVA)	Mestra Filosofia (2013 – 2015) (Uece) – Bolsa FUNCAP	Mestra em Antropologia Social (2015 – 2017) (UFPE) - Bolsa CAPES	Mestra em Saúde Coletiva (2016 – 2018) (UERJ) - Bolsa CAPES	Mestre Geociências Paleontologia (2012-2014) (UFPE)	Mestre em Química (2013-2015) (UFC)	Mestre Geografia (2014-2016) (UVA) Bolsa FUNCAP	
		Doutoranda em Antropologia Social (2018 – 2021) (UFRN) – Bolsa CAPES	Doutoranda em Saúde Coletiva (2020 – 2023) (UECE)***	Doutorando Geociências Paleontologia (2016-2019) (UFPE)	Doutorando Química (2016-2019) (UFC)	Doutorando Geografia (2018-2021) (UFPB) Bolsa CAPES	

Fonte: elaboração própria

*Joana diz: “Nunca pude abrir mão do trabalho”. Ela sempre foi arrimo de família e se efetivou como professora ainda jovem. No mestrado foi possível se dedicar aos estudos já que conseguiu licença remunerada pelo Estado.

** Assis sempre trabalhou em diferentes instituições de ensino na iniciativa privada e não conseguiu, até o momento, ter um tempo dedicado apenas aos estudos.

***Nair recebeu oferta de bolsa de estudos no início do doutorado, mas preferiu concluir o contrato de professora substituta, que se encerrou no início de 2021, e agora vai tentar pleitear uma bolsa.

Enfim, todo este conjunto de ações e políticas públicas federais vieram possibilitar, em diferentes níveis e dimensões que, em dezenas de cidades ao redor do país, milhares de pessoas conhecessem, pela primeira vez, a experiência do mundo acadêmico. Muitos indivíduos foram os primeiros de uma linhagem familiar inteira, a exemplo de alguns dos pesquisados, a ultrapassar sucessivas linhas de escolaridades (educação infantil - ensino fundamental - ensino médio) e romper a faixa que dá acesso ao ensino superior. Para muitos indivíduos, foi a instauração desta macro conjuntura que abriu caminhos para a universidade, que representa mais que um lugar (que pode ser apenas de passagem), posto que o que fica é uma compreensão e um olhar alargado do “universo” que nos cerca.

CAPÍTULO 3. DESENHOS NARRATIVOS SOCIOLÓGICOS DE ESTUDANTES TAPERUABENSES E A LUTA PARA “SER ALGUÉM” NA VIDA

"Disparada"

(composição de Geraldo Vandrê e Théó de Barros)

Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar
 Eu venho lá do sertão [...] e posso não lhe agradar
 Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
 E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
 Estava fora do lugar, eu vivo pra consertar
 Na boiada já fui boi, mas um dia me montei
 Não por um motivo meu, ou de quem comigo houvesse
 Que qualquer querer tivesse, porém por necessidade
 Do dono de uma boiada cujo vaqueiro morreu (o medo morreu – grifos meus)
 Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
 Muito gado, muita gente, pela vida segurei
 Seguia como num sonho, e boiadeiro era um rei
 Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
 E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
 As visões se clareando, até que um dia acordei
 Então não pude seguir valente em lugar tenente
 E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
 Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
 Se você não concordar, não posso me desculpar
 Não canto pra enganar, vou pegar minha viola
 Vou deixar você de lado, vou cantar noutro lugar
 Na boiada já fui boi, boiadeiro já fui rei
 Não por mim nem por ninguém, que junto comigo houvesse
 Que quisesse ou que pudesse, por qualquer coisa de seu
 Por qualquer coisa de seu querer ir mais longe do que eu
 Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
 Já que um dia montei, agora sou cavaleiro
 Laço firme e braço forte num reino que não tem rei

3.1 Os rapazes

Denomino desenhos narrativos sociológicos as histórias de vida dos sujeitos neste trabalho. Desenhos porque são apenas contornos em que procuro capturar os traços mais marcantes de suas trajetórias, sobretudo, no âmbito escolar/profissional, em que eventos e processos de socialização se configuram como aprendizagens e aquisição de capitais (econômicos, culturais e sociais). São narrativos porque, mesmo que eu indique os pontos a serem abordados com mais ênfase, tais episódios são narrados por eles próprios por fios e nuances que suas vivências se revelam em "nós" atados e desatados, em bordados, cores e tons que cada um teceu em suas caminhadas. Sociológico é “o olhar e o ouvir [...] disciplinados pela teoria e possuem uma intencionalidade [...] dirigidos pela nossa formação em Ciências Sociais e, portanto, são seletivos”. (SARANDY, 2004, p. 126; LAHIRE, 2014).

Aqui, me propus a conduzir a reconstrução e a análise dessas histórias de vida escritas, depuradas pelo exercício do perscrutar, da escuta, da reflexão, do diálogo entre eu, pesquisadora, os interlocutores da pesquisa e os autores que oferecem suporte teórico e

metodológico para suscitar o debate e costurar um texto que expresse um trabalho sociológico que se desdobra no quarto capítulo.

Neste capítulo, trabalho com a apresentação das narrativas e as singularidades de cada história de vida. No Capítulo 4, faço a discussão teórica, trazendo os pontos de confluências que os interlocutores da pesquisa têm em comum. Vamos aos protagonistas da temática e a razão deste trabalho.

3.1.1 João: Desenho narrativo sociológico⁹⁸

João., nasceu em 1988, em Taparuaba, há 10km do centro do distrito, na localidade de Boa Vista. Teve acesso à luz elétrica somente aos 07 anos de idade e, à água encanada, quando já estava na graduação, quando foi morar com o tio no centro do distrito. A TV chegou em sua casa quando tinha por volta de 11 anos. Estava na graduação, como bolsista, em 2010, quando adquiriu o primeiro computador com o dinheiro da bolsa (CAPES) e teve acesso à internet em casa. Até o final de 2017, sempre morou com familiares. Em 2018, mudou-se para João Pessoa (PB) para fazer o doutorado na UFPB. A maior parte do período de sua vida, viveu nas áreas mais rurais nas cercanias de Taparuaba.

3.1.1.1 A origem da família e a infância ao lado de seu herói encourado: seu pai

A família de João é profundamente sertaneja, não apenas no sentido de viver no, mas de “viver do sertão”. Sua mãe, 61 anos, nasceu em Lagoa da Cruz - Aracatiaçu, distrito vizinho a Taparuaba. João diz: “acho que ela não chegou a estudar nem a 3ª série”. Ela sempre foi Dona de Casa e ele faz essa observação sobre sua mãe:

[...] nunca trabalhou noutro lugar. Digo que ela é sempre dependente do meu pai. Reclamo com ela, que é uma dependência tão grande, que hoje ela não se vê em nenhuma circunstância da vida a não ser cuidando do marido e dos filhos... casou com 18 anos e a vida dela sempre foi cuidar da família.

Esta percepção de incômodo da condição de gênero da própria mãe, de total anulação de sua pessoa em função da família, demonstra uma visão crítica interessante que possivelmente não foi dada em casa, mas em uma formação escolar e social que abriu uma visão de mundo mais sensível e diversificada de como é a situação feminina na sociedade. Seu pai, 62 anos,

⁹⁸ Entrevista realizada em 1o de fevereiro de 2017. João, hoje tem 32 anos, é graduado e mestre em Geografia (UVA) e doutorando na mesma área no PPGG/ UFPB.

nasceu na Fazenda Boa Vista e João diz: “‘acho’ que estudou só até a 4ª série”. O rapaz não tem certeza sobre a escolaridade dos pais, reiterando minha suspeita de que essa não é uma pauta familiar. São, ao todo, sete filhos: quatro homens e três mulheres. João é o filho do meio.

João passou parte da infância na Fazenda Boa Vista, até os nove anos, porque o terreno lá era dos avós. Uma morte trágica de um familiar ocasionou a venda do terreno e dispersou os parentes. A partir daí a família sai em busca de trabalho. Moraram em quatro fazendas até que, por fim, se estabeleceram na Fazenda Palmeira, a mais próxima do centro de Taparuaba. Ele explica o porquê das andanças: “Ficamos rodando porque meu pai sempre foi vaqueiro... *tava num lugar...o patrão não queria mais...procurava outro lugar. Chegava noutra lugar, quando não dava mais certo e o patrão não queria mais ele, ia pra outro lugar. A gente ia todo mundo junto*”.

Em uma ocupação típica do sertão nordestino de muita penúria, o vaqueiro conduz, guarda, pastoreia e toma conta do gado alheio, numa condição de tamanha exploração que não possui nem o gado e nem a si mesmo, num trabalho exaustivo, cheio de irregularidades e de risco. A Lei 12.870/2013, reconhece e estabelece as atribuições sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro. Baseado no Projeto de Lei da Câmara (PL) 83/2011, de autoria do ex-deputado Edigar Mão Branca (PV-BA), tendo por relator da proposta o Dep. Gonzaga Patriota (PSB-PE):

Dispõe que a contratação dos serviços do vaqueiro é de responsabilidade do administrador do estabelecimento de exploração de animais e que o contrato de prestação do serviço ou de emprego **deverá conter seguro de vida e de acidentes em favor do vaqueiro, inclusive indenizações por morte ou invalidez permanente, bem como o ressarcimento de todas as despesas médicas e hospitalares, independente da duração da internação, dos medicamentos e das terapias necessárias.**

(<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/102453>).

Contudo, Câmara e Senado forjaram um engodo quando suprimiram a parte crucial (em negrito), que trata das disposições que garantiriam conquistas legais na contratação, proteção e seguridade social. Foi tão somente um cerimonial de valorização cultural desta figura emblemática: os desbravadores do sertão. O que não passou de um espetáculo com motivações políticas e não refletiu em melhorias na condição trabalhista desta categoria. Como retrata literalmente a música de Zé Ramalho que canta: “Vida de gado, povo marcado...”. Um povo que não só acompanha e cuida do gado, mas que é tratado como este. É mais uma das atividades de grande contribuição na história econômica, política e social do Brasil, marcada com um ranço da escravatura.

Essas andanças forçadas revelam a busca pela sobrevivência num trabalho penoso. João diz que o período de maior dificuldade foi quando o pai precisou trabalhar na Fazenda Almas, onde morou quase três anos, porque era complicado devido a distância e o isolamento:

Quando tava no ensino médio ajudava meu pai, naquela atividade que você **nem tem tempo nem hora**. É a todo momento. Pra gente parar pra estudar, não tinha a menor condição. Passei um ano nessa atividade e não tinha como...e até mesmo questão de acesso. Morava no interior (zona rural muito isolada) e **não tinha acesso a livros, a informação nenhuma**.

Ao concluir o ensino médio, João passou um ano trabalhando com o pai e, em 2008, passou no vestibular e foi morar com um tio na sede do distrito, como veremos adiante.

3.1.1.2 Trajetória escolar: a peleja da família para garantir escola, professores e colegas motivadores *versus* a convivência com o *bullying*

João estudou da Educação Infantil (04 anos) até o final da alfabetização na Fazenda Boa Vista. Em 1992, haviam pequenas escolas multisseriadas nas áreas rurais e ele diz: “Lembro que meus pais e a comunidade ajudaram na construção (da escola)”. A partir da 1ª série passou a estudar na sede do distrito: “quando vim, não queria... Taparuaba (centro) para mim era outro mundo”. O isolamento rural daquela época era bem contrastante, por mais que fosse o mesmo território e quase a mesma dinâmica, havia uma dualidade entre o centro e as fazendas que hoje já não é tão notada, possivelmente por causa da aproximação proporcionada pelos meios de transportes e de comunicação que naquela época eram escassos. Ele relata que “quando chegava na escola não gostava, queria, depois não queria e tinham que vir me buscar...meu pai chegou a dizer: ‘tu quer ou não quer ficar?’”. Aos poucos enfrentou todas essas novidades: outro lugar, outros professores e outros colegas. Acabou ficando e gostando.

Todos os seus irmãos concluíram o Ensino Médio. João conta:

Meus pais sempre fizeram questão que a gente estudasse, principalmente meu pai. Fez tudo o que pôde para apoiar os estudos dos filhos, fosse qual fosse a forma, dava um jeitinho...até quando a gente morava na Boa Vista, vinha deixar e buscar a gente a pé [5km], porque na época não tinha nem bicicleta. Quando possível arranjava bicicleta emprestada...sempre dava jeito, mas não deixava a gente faltar às aulas. Foi um grande esforço que ele fez...

Mesmo com um dia de trabalho braçal exaustivo, o pai tinha o compromisso de levar os filhos à escola, a pé. Foi um momento emocionante esse relato de tamanha entrega do pai

para que os filhos pudessem ter acesso aos estudos. Como mensurar a importância da valorização da escola para os filhos, daquilo que este pai não experimentou? É difícil dizer que impacto houve, de onde veio essa motivação que para uns é despertada e para outros torna-se uma realidade alheia, completamente distante.

João estudou a 1ª série na Escola (municipal) Francisco Monte que à época, em 1995, curiosa e veladamente, atendia especialmente alunos das fazendas e da periferia. Na 2ª série foi para a Escola Cesário Barreto Lima (estadual) onde ficou até concluir o ensino médio, em 2006. Ele diz que passou praticamente uma parte da infância e adolescência neste colégio onde tem boas recordações de colegas, professores, dos jogos no campinho de areia e das mesas de pingue-pongue. No entanto, ele também relata que experimentou na escola muitas coisas desagradáveis:

[...] sofri muito *bullying* dos meninos mais velhos, dos mais altos...Cheguei a querer desistir por causa disso. Mas aí não tinha nada para fazer de interessante e acabava indo pra escola. Lá pela 8ª [EF] e 1º do [EM], começaram a pegar mais pesado. Eu era aquele aluno *nerd*, mas sem ser um nerd inteligente. Nunca fui inteligente de chamar a atenção...era mais aquele calado, ficava quieto, praticamente aquele que não existia em sala de aula. Acho que por isso pegavam mais no meu pé. **Mas minha vida inteira foi de querer estudar, desde quando descobri que era isso que queria...**embora não seja algo que tenha tido retorno imediato, sempre corri atrás.

No balanço geral, João acha que a escola deixou mais marcas positivas do que negativas. Considera como positivas ter feito amigos e que, praticamente, todas as primeiras experiências que teve foi na escola. Contudo sempre enfatiza o quão desconfortável e doloroso foram os momentos ruins: “[...] sofri bastante *bullying*⁹⁹ [...] Até hoje reclamo quando vejo alunos ‘frescando’¹⁰⁰. Por mim isso não existiria, certo?”.

Em contrapartida, João sempre destaca a relação boa com os professores. Considera que o 3º ano (Ensino Médio) foi o melhor e mais marcante, porque estava finalizando e ficou mais descontraído. Conta que, na sua época, os professores só falavam em ensino superior a partir do 3º ano, e ele diz: “o pessoal fazia uma vez só, não dava, e pronto...”. Mas, ele destaca a Prof.^a Penha que lecionou no ensino fundamental e médio e que, desde a primeira etapa, começou a falar da universidade e instigar para fazer o vestibular, e diz: “ela me incentivou a

⁹⁹ *Bullying* – o dicionário de Cambridge define como “ato de intimidar/ameaçar (principalmente na escola)”. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/bully?q=bullying>. O Dicionário Aurélio já traz o termo mesmo com escrita em inglês, mas o incorporado à língua portuguesa: “Forma de violência que, sendo verbal ou física, acontece de modo repetitivo e persistente, sendo direcionada contra um ou mais colegas, caracterizando-se por atingir os mais “fracos” **(substituiria o termo por tímido)** de modo a intimidar, humilhar ou maltratar os que são alvos dessas agressões”. <https://www.dicio.com.br/bullying/>

¹⁰⁰ “Frescar” é uma expressão regional que significa brincar de maneira aceitável, mas, paradoxalmente, também pode ser uma forma de zombar, com conotação pejorativa, ofensiva e desrespeitosa.

ingressar no ensino superior. Pensei que era algo que poderia dar certo. Fiz o primeiro vestibular para História por causa dela, gostava das aulas dela”.

3.1.1.3 ENA¹⁰¹ e a entrada para a Universidade

João não conseguiu ingressar na universidade na primeira tentativa. Contudo a semente definitiva para embarcar nessa aventura foi plantada e cultivada na insistência que seu primo Lavoisier teve. Ambos tiveram uma trajetória semelhante, relata o jovem:

Tentei para História e não consegui., e já tinha desistido. Tinha acabado o EM e ficado um ano em casa sem estudar...estressado. Aí dou o mérito ao Lavoisier que insistiu. A primeira vez, tentamos o vestibular juntos e nenhum de nós passou. [Fizemos] uma seleção para o cursinho pré vestibular no ENA. Ele tentou o vestibular no semestre seguinte, e conseguiu. Daí, insistiu pra eu fazer de novo. Não passei na seleção do ENA. Por isso, dou mérito a meu primo. Porque ele passou nesta seleção, logo saiu o resultado da aprovação para faculdade e ele [articulou para] cederem a vaga dele no cursinho pra mim e aceitaram (organização do ENA). Isso foi uma das coisas que deu certo. Fui me envolvendo, passei a querer e decidi...Ia toda noite. Meu irmão também faz o ENA [...] essa turma dele, acho que em torno de 50% dos alunos daqui. Lá o pessoal chama ENA Taparuaba [risos].

João avalia o ENA como tendo contribuído bastante para melhorar seu desempenho para o vestibular. Enfatiza que, apesar de muito jovens, os professores, que são os acadêmicos do curso de medicina, são muito bons, e diz:

[...] você percebe que os caras sabem tudo [risos]... Tem um professor de Biologia que é muito fera [...] quero ser como aquele cara, e pra isso preciso ralar muito...Foi ali que disse: então, pronto, é aqui mesmo. Algum dia na vida quero chegar perto [do nível] desse cara. Acho que o nome dele é Karl Bill, tipo aquela pessoa loucona, mas que sabe tudo, chegou a dar aula de Matemática, Física, Química, toda disciplina ele desenrolava. A pessoa olha e diz: aquele é o cara. Chamava atenção. Ele conseguiu isso como? Estudando.

Percebo em vários momentos que João fala de inteligência sempre atribuída aos outros. Ele nunca se inclui ou se avalia como fazendo parte das pessoas capazes. As referências intelectuais são sempre alheias a si. Qualquer um que demonstre articulação com saberes, os

¹⁰¹ ENA – O Espaço Novo Acadêmico (ENA) é um projeto de extensão preparatório ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) oferecido pelo Curso de Medicina do Campus da Universidade Federal do Ceará em Sobral. É totalmente gratuito para estudantes de escola pública e funciona como um cursinho pré-vestibular, com aulas voltadas principalmente para o Enem. Os professores são acadêmicos de Medicina do Campus de Sobral. Atualmente, beneficia 80 alunos da rede pública. Além das aulas, eles recebem materiais didáticos, inclusive on-line, e usufruem de laboratório de redação, planos de estudos e parcerias do projeto. Disponíveis em <http://www.ufc.br/noticias/>

quais (ele) não teve oportunidade de aprender, exerce nele um fascínio, em que nem se percebe que o saber que o outro detém e que ele desconhece é resultado de um processo de socialização diferente e, principalmente, de uma escolarização desigual numa sociedade que legitima os saberes das classes favorecidas e, sobretudo, não distribui recursos e oportunidades equitativamente. Assim, ele atribui uma genialidade ao outro sem perceber os privilégios das condições que esse outro teve para adquirir essas qualificações livres de obstáculos. Dificilmente um estudante de medicina na universidade pública teve que driblar todas as dificuldades e escassez de recursos e de tempo que João, por exemplo, teve para chegar até ali. Finalmente, podemos perceber que a admiração que o jovem tem por este acadêmico de medicina que lecionava no ENA se transforma em grande incentivo.

João considera que o ENA foi crucial nos seis meses que antecederam sua entrada na universidade, para o curso de Geografia, em 2008.2. Ele elege sua trajetória escolar como um dos momentos definitivos na tomada de rumo na vida. A escolha do curso foi, a princípio, aleatória: optou por arriscar e, se não gostasse, desistiria e disse: “[...] mas aí fui gostando, me interessando no contato com os professores. Na faculdade é outro mundo, outra forma de ver as coisas, e fui adquirindo... Hoje não me veria em outra área”. Seu discurso fica entre a resignação e, ao mesmo tempo, uma casualidade que calhou numa identificação e realização.

De todos (se referindo aos irmãos), o jovem diz: “apenas eu e dois irmãos ‘consequimos’ entrar na graduação”. O verbo “conseguir” aplicado à inserção no ensino superior, subentende-se alcançar, atingir e obter algo com algum esforço. A irmã cursou Geografia e o irmão cursou Ciências da Computação, ambos na UVA. João, suspeita que influenciou os irmãos para ingressarem na universidade, inclusive como inspiração: “[...] perceberem que consegui, e eles também poderiam. Com alguém lá, fica mais fácil. Acho que visualizaram, tinham o conhecimento da existência do ensino superior”.

Como os pais do rapaz continuavam residindo numa área muito isolada e não tinham como lhe manter só estudando, inclusive morava na casa de parentes na sede do distrito, em seu primeiro ano na faculdade, ele conta sobre algumas dificuldades, dentre elas, a de conciliar trabalho e estudo:

Na faculdade o problema foi a questão financeira. Nem meu pai e nem meu tio não tinham como me dar dinheiro... tinha que ter dinheiro pra pelo menos merendar lá. Eu não ia acordar às 5:30h e pedir pra fazer alguma coisa, e nem iria mexer na cozinha dele. Nesse período, eu praticamente me acostumei a não merendar (tomar café da manhã). Ia e voltava sem comer. Fui começar a ter um dinheirinho quando comecei a trabalhar, aí tinha como merendar lá... E voltou a ter a **questão do tempo também**. Estudava de manhã e trabalhava à tarde. A noite tava exausto, queria dormir...Acordava 5:30h e chegava 13h, almoçava e ia trabalhar...voltava 6h da tarde. No primeiro semestre meu IRA

(Índice de Rendimento de Aprendizagem) foi lá para baixo. Um outro percalço era a própria **distância**, porque esse **deslocamento** daqui pra lá é desgastante (Taperuaba-Sobral). Quem pode, a primeira coisa que faz é ir morar lá. Sempre que se pode faz isso.

Como estudava de manhã e trabalhava à tarde, até início da noite, na confecção de bordado, como veremos adiante, ele diz: “já ganhava pouco, imagina trabalhando só um turno?”. Depois de um ano nessa atividade conseguiu ser bolsista de Iniciação Científica do CNPq, do segundo ano até o final da graduação, em 2012, no Laboratório de Pedologia e Processos Erosivos, no Centro de Ciências Humanas, da UVA.

Em 2013, depois de formado, ficou sem estudar institucionalmente e fazia trabalhos esporádicos, como a substituição de professores (nos dias de formação). Nunca assumiu efetivamente o magistério, como ele diz: “foram apenas 'bicos'. E neste momento veio uma pausa forçada nos estudos.

3.1.1.4 Mundo do trabalho permeado de incertezas

João relata a dinâmica laboral da família ao longo de sua infância e parte de sua juventude e nos revela:

[...] acho que todos nós lá em casa começamos a trabalhar muito cedo. Como meu pai sempre trabalhou como vaqueiro [...] é uma atividade que abrange a família como todo para quem vive na fazenda. Não é um trabalho que uma pessoa só dê conta. Nunca é. Sempre envolve todos, a mulher, os filhos... do mais velho ao mais novo, não tem como escapar...chega ao ponto até de se juntar todo mundo e ainda não dá conta...é muito corrido, puxado. Períodos de seca, complicam mais. É uma atividade muito mais desgastante.

Foi esse trabalho coletivo que possibilitou garantir o sustento de todo o grupo familiar. Como vaqueiro, um profissional que não se possui, não possui uma terra, nem seu corpo, toda sua energia e de sua família é entregue ao contato direto nos cuidados mais viscerais com os animais, na condução e alimentação dos bichos, na limpeza dos estábulos e com tudo que compõe esse universo. Ele conta:

Sempre optei por estudar, e meu pai sempre deixava...e segurava a barra...O pessoal falava: “ah, não quer trabalhar, tu é preguiçoso, tá indo para escola para não trabalhar”. Mas, na verdade, é que meu pai sempre foi vaqueiro e nunca quis que os filhos seguissem isso. Ele nunca fez questão de prender a gente, sempre fez a gente estudar... quem quisesse, quem não quisesse, podia trabalhar fora também... É uma atividade que desgasta muito. Ele nunca chegou a falar isso...‘não quero que vocês sigam isso’, mas eu lia isso. Até porque meu irmão mais velho trabalha com isso também e meu pai nunca foi

contra. Mas a ação dele, a forma dele lidar com a gente, se percebe.... Acho que ele quer que a gente vá, que siga mais à frente.

João relata que, especialmente na infância, ouviu de familiares distantes provocações sobre sua opção por estudar ao invés do trabalho na lida rural, eram insinuações de que ele estudava porque não queria ajudar aos pais, por ser preguiçoso. Eram alguns parentes que lhe viam fazendo os deveres de casa e diziam: “ah, *tu quer* estudar porque tem preguiça de trabalhar’...ouvi muito isso...me encheram o saco naquela época” (risos). Acredita que esses comentários se davam por desconhecimento e que, quando entrou na graduação, passaram a ter um pouco mais de respeito.

João precisou morar com um tio paterno para estudar, entre 2008 e 2010, quando os pais estavam morando na Fazenda Almas, que é muito distante da área central de Taparuaba, como ele diz “lá era impossível, é no meio do nada”, até sua irmã mais velha se mudar e ir morar com ele dividindo as despesas. Grande parte da família desse tio trabalhava no ramo da confecção de bordado. Alguns dos irmãos também têm ligação com esta atividade, e diz: “[...] é uma coisa que a gente não consegue fugir...morou em Taparuaba, cedo ou tarde acaba se ligando de alguma forma a isso...”. Inclusive, seus primos lhe ensinaram a manusear a confecção e disse ter feito quase tudo: cortava malha, dobrava peças, embalava, apenas não bordava e nem costurava. Observo que é curioso como a costura e o bordado sempre foi um tabu entre os homens, pelo menos nesta comunidade.

Na pesquisa de graduação da Prof.^a Rosângela André (2018, p. 141-164) sobre a confecção neste distrito, ela constatou que é muito raro encontrar homens na prática da costura neste lugar. Aos homens são atribuídos sempre os cargos de administração e chefia. Na escala mais operacional da produção eles até realizam outras atividades, mas não costuram e, principalmente, não bordam. Em conversas com esta professora levantávamos algumas hipóteses que giram em torno, concomitantemente, de duas possibilidades mutuamente machistas: a) de que a habilidade de comando cai melhor ao sexo masculino; e, b) da crença de que as habilidades manuais estão relacionadas ao sexo feminino. Além disso, que os inversos não são aplicáveis dentro da visão do senso comum, que ainda tem resistência às mudanças nesses papéis sociais.

No apanhado geral que João faz sobre as atividades que experimentou ao longo da vida, desde o trabalho com o pai, o trabalho na confecção do bordado e o eventual contato com o magistério foram de cunho provisório e emergencial. Na atividade da lida rural com o pai, sempre qualifica como algo desgastante e penoso, mas, ao mesmo tempo, de certa maneira, é

prazeroso lidar com a natureza. Ele diz: “você vê que não tem um futuro, é só aquilo, estagnado...como vaqueiro não tem pra onde você ir. Então, não era algo que enxergasse...que queria para minha vida”. Assim como no bordado, “não era uma atividade que me via por muito tempo...”.

João sentiu-se seduzido pelo magistério por considerar um trabalho desafiador. Entretanto, não sabe se seria na educação básica. Como só teve experiências de substituição na mesma escola, o que mais satisfazia era a convivência e relação que se estabelecia com os alunos. Acredito que sua esporádica experiência no magistério não seja necessariamente suficiente para obter uma avaliação definitiva. No entanto, uma preocupação muito recorrente no seu discurso é que gostaria de trabalhar com algo que lhe desafiasse, enquanto produção de conhecimento.

3.1.1.5 O Mestrado e as novas descobertas no mundo

Ao concluir a graduação, o jovem deixou o currículo em escolas, tentou concurso para professor efetivo em 2013 para a rede estadual de ensino mas não foi aprovado. Ao final de 2013, quando abriu o edital, ele disse: “vai ter que ser o mestrado mesmo, já que nada deu certo. Baixei a bibliografia e comecei a estudar... como tinha terminado recentemente, percebi que tinha chance de entrar”. Em 2014, o rapaz ingressou no Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/ UVA. E reitera: “o que fez com que eu entrasse, foi o que não deu certo antes (risos). Senão, não teria tentando”.

O mestrado, confesso, que...não é que não tivesse vontade, é que **não via como algo possível para mim, que pudesse alcançar...** Sempre vi mestrado, doutorado como algo para quem podia... Principalmente quando via os professores que eram mestres, dando aula em faculdade...**imagina eu?** Pensava em fazer graduação para ver se conseguiria um emprego de algo melhor, como professor. Mas pronto, parar por aí. Até porque na época da graduação não havia mestrado na minha área aqui em Sobral, só em Fortaleza. Quando entrei, eu senti e disse: “é isso mesmo que quero”. Na faculdade vai tendo outros contatos, vai conhecendo pessoas de todo tipo de opiniões...foi ali que vi que era uma oportunidade, que poderia seguir em frente.De repente, **a gente chega lá e percebe que é algo que todo mundo deveria ter a oportunidade de fazer.** No ensino médio, enxergava dois metros à minha frente. Na faculdade, enxergava quatro metros. No mestrado, enxergo mais dez metros. Quando chegar no doutorado, uns cem metros à frente (risos).

O jovem passou em 6º lugar na seleção e só havia bolsa de estudo até a 5ª posição. Com a conclusão de uma outra turma, todos seus colegas contemporâneos foram contemplados. Ele diz: “Atualmente talvez tenha menos por causa dos cortes. Fiquei esses meses sem bolsa.

Nesse período, quando tinha aula de campo, os colegas bolsistas ajudavam financeiramente os demais”.

A circunstância da necessidade de trabalhar e de ter renda teria sequestrado deste jovem a possibilidade de prosseguir os estudos. O que ele chama de “não dar certo”, revela o desejo de empregabilidade pela necessidade imediata de sobrevivência, até pela própria visão acima mencionada de achar que o mestrado não é para “qualquer um”. É como se, até então, não conseguisse se ver dentro dessa possibilidade.

3.1.1.6 Adquiriu o primeiro livro no mestrado e foi aos eventos acadêmicos que lhe permitiu conhecer outros lugares

João procurava aproveitar os momentos disponíveis e, com persistência, se dedicava todos dias a reservar um tempo para estudar. O compromisso com uma rotina de estudos era indispensável, sobretudo, para o estudo domiciliar, porque dependia da sua determinação e iniciativa num ambiente familiar não letrado. Utilizando textos, só teve acesso a livros tardiamente, quando no mestrado tinha a meta de comprá-los:

Já foi no mestrado quando consegui comprar o primeiro livro. Na verdade, foram três livros numa 'tacada' só. Cheguei lá no evento em Manaus, tava com dinheiro [risos]...pensei, vou comprar. Foi um livro de Geomorfologia, do autor que tava lá, o Teixeira Guerra que conheci no evento. Foi o primeiro evento que fui na vida, fora do estado. Na graduação fui um, mas foi no Crato (Ceará). Pra Manaus fui por causa do orientador, que insistiu... Aprovei o trabalho e ele disse: “Então, tu vai”. Ele conseguiu que a universidade pagasse as passagens, então tive que ir. Fui eu e mais dois colegas, aí não foi tão complicado. Quando cheguei lá que vi os livros que só conhecia na biblioteca...por mim teria comprado tudo, mas não tinha tanto dinheiro [risos].

O jovem foi a outros encontros acadêmicos em Fortaleza, Crato, Quixadá, e diz que até então: “[...] nunca tinha saído do eixo Tapera - Sobral (risos)”. O rapaz faz um longo relato da viagem com todas as descobertas incríveis em cada detalhe:

Quando fui a Manaus, como tava com dinheiro da bolsa, fui disposto a conhecer a cidade no que pudesse. O que tinha de turismo a gente foi. Fomos pouco ao evento [risos]. Quer dizer, apresentei trabalho, assisti palestra, e pronto. Era um evento bem específico: Simpósio Nacional de Geomorfologia. Tinha pessoal de todo canto: Alemanha, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro. Fizemos um grupo pra conhecer o Encontro das Águas do Rio Negro e Solimões. Pagamos um *tour*, foi cem reais para conhecer outras águas, fomos conhecer uma tribo indígena, ver a vitória-régia, parques nacionais, a Praia de Ponta Negra, que é de rio...nadei com os botos. Conhecemos o pessoal que mora na beira do rio, mostraram jacaré, cobra... Conhecemos a Festa do Boi, não em Parintins, foi Manaus mesmo, no Bumbódromo. É tipo um

carnaval, estavam fazendo uma exibição como um pré-carnaval...A entrada era de graça. É muito bonito.

João diz de várias maneiras o que esses eventos representaram para ele, especialmente o de Manaus:

Olha, foi o primeiro trabalho que aprovei fora do estado e fiquei muito feliz; consegui conhecer uma cultura bem diferente da minha. [...] outra vivência, o cotidiano deles. Em termos de experiência pessoal, esse evento me enriqueceu muito. Na volta, disse: agora se tiver evento até nos Estados Unidos tenho condições de ir [risos]. Em qualquer lugar, se tiver condições, eu vou. [...] antes de ir você fica, pô...fora do estado. Mas quando vai, percebe que consegue se virar só...basta ter boca pra falar, né? Não diz que quem tem boca vai a Roma? Conheci muita gente bacana... até hoje a gente tem contato [...] todo mundo tá na mesma sintonia ali [...] participando do evento [...] mais ou menos com um pensamento semelhante.

O jovem fala com certo orgulho sobre sua não participação integral no evento, como quem fez uma grande transgressão. Mesmo tendo participado pouco, conseguiu conciliar com outras atividades de turismo. Para aqueles que têm oportunidade e recursos para viver a experiência de viajar, talvez não consiga entender a riqueza dessa transgressão. Não só por romper o roteiro de viagem pré-estabelecido, mas por aproveitar, possivelmente, uma oportunidade única ou muito rara de conhecer outra cidade, outra região. Reitera: “No mestrado o que pude ir...foi um expandir...”. O jovem desbravou um novo mundo em muitos sentidos.

João relata que cada parte desse episódio foi um desafio: escrever um artigo em um evento específico em coautoria com o orientador, submeter, e, ao ser aprovado, pensou: “pô...nunca na vida fui nem em Fortaleza”. Tudo foi um desafio: da compra da passagem de avião a estadia no destino. Diz da sorte de ter dois colegas que iam também, que já tinham viajado para fora. A princípio pensou que os custos da viagem seriam pagos com a bolsa. Os colegas informaram que solicitariam ajuda de custo à Universidade. A viagem de avião foi outra etapa. O orientador explicou como faria para chegar no aeroporto, fazer *check-in*, e tudo o que deveria responder no andamento da viagem, inclusive, saber como ir para o hotel. Conta ele: “Como estávamos em três era mais fácil, fui pegando o ritmo da coisa e a gente foi desenrolando”.

O jovem avalia que enfrentar o desconforto destas situações foi importante. Tanto lidar com o desconhecimento de um processo de viagem, como o desafio de apresentar um trabalho “lá fora”, como explica:

Tinha muito medo do que eles iam dizer, porque a gente era do Ceará, e o pessoal lá tudo...os grandões de lá... Mas foi super tranquilo, assim, em termos de apresentação... Me senti bem...mas, um pouco menosprezado...assim,

quando apresentei a banca só comentou rápido, que foi legal, e pronto. Pensei, “Pô, só isso?” A gente fica com aquela coisa... ah, achei que fosse mais, e tal...

O trecho “porque a gente era do Ceará, e o pessoal lá tudo...os grandões de lá...” diz muito sobre uma inculcação, que não é silenciosa, mas patente, de uma construção social em torno da figura do cearense ou do nordestino. Por muito tempo, foi atribuído a este povo as características pejorativas, tais como: famintos, analfabetos, ignorantes e miseráveis. A premissa é que, o “nordestino”, tem algum valor, até se reconhece as habilidades intelectuais ou artísticas, “apesar”¹⁰² da penúria. Esse advérbio tem um peso. Mas essas habilidades são como cascas (invólucros) sobrepostas à sua condição inicial de inferioridade: é inteligente, é talentoso, “apesar” da miséria. Essa marca tornou-se um estereótipo¹⁰³, quase um estigma, uma marca indelével, indissociável, em que nem se conhece a história do indivíduo, mas tem uma série de pressuposições simplesmente por seu pertencimento geográfico e cultural.

Por coincidência, no período da transcrição desta entrevista, ouvi uma fala da atriz Ingrid Guimarães num programa de TV, no Canal GNT, quando a discussão girava em torno das motivações e criatividades para a construção do humor, e ela proferiu um comentário que achei sintomático. A atriz relata uma conversa com o também humorista, Jô Soares, sobre o que explicaria o fato de surgir tantos humoristas no Ceará, como Chico Anísio, Renato Aragão, Tom Cavalcante, no que ela diz que o colega respondeu: “fome”. (https://www.youtube.com/results?search_query=%23ViverDoRiso / Verificar o vídeo no 0:54min. – 1:13min.)¹⁰⁴. A hipótese de Jô seria de que o “brasileiro”¹⁰⁵ tem a capacidade de pegar uma coisa triste e transformar, por sobrevivência”, hipótese essa que a própria atriz leva adiante. O curioso é que nem Jô Soares (carioca) e nem Ingrid Guimarães (nascida em Goiânia e criada no Rio de Janeiro) parecem ter passado fome e, ambos, são talentosos humoristas. Outro detalhe importantíssimo é que não consta em nenhum lugar que qualquer dos humoristas cearenses citados tenham passado fome, ao contrário, eram de famílias com situação econômica relativamente confortável, à exceção de Tom Cavalcante, que ao que parece, a família tinha um

¹⁰² Apesar – [gramática] assinala uma ideia de oposição em relação ao outro segmento do enunciado, ocasionando uma possível quebra de expectativa. <https://www.dicio.com.br/apesar/>

¹⁰³ É importante apresentar textualmente o significado da palavra “Estereótipo”: padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão. Concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades. Algo desprovido de originalidade e repleto de clichês. Comportamento desprovido de originalidade que, faltando adequação à situação presente, se caracteriza pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal. <https://www.dicio.com.br/estereotipo/>

¹⁰⁴ https://www.youtube.com/watch?v=scK_SYQzZhI O dom do brasileiro de ser criativo na dificuldade. Publicado em 25 de outubro de 2018, no Canal GNT.

¹⁰⁵ Neste aspecto, a condição de miséria é usada como referência para falar da inspiração dos humoristas cearenses.

pouco menos recursos que os outros dois colegas, mas ainda assim não viveu em condição de miséria.

O que os outros brasileiros de regiões consideradas mais desenvolvidas economicamente têm como marca positivada por serem do Sudeste ou do Sul, por exemplo, dispensa muitas vezes, inclusive, qualificações escolares e profissionais. A imagem propagada do cearense é sempre caricatural em torno da comédia ou da miséria, ou de ambos simultaneamente. Não que não haja uma realidade de desigualdade social. Grande parte da população não é exatamente pobre, mas é fato que é empobrecida. Faço a diferenciação, porque essas coisas não são sinônimas. Como em toda realidade de concentração de renda, a riqueza de um povo é produzida na sua coletividade, mas é apropriada indevidamente por sua má distribuição perversa e injusta. Historicamente, a organização política, econômica e social, se encarrega de perpetuar esse desequilíbrio de renda entre os grupos sociais.

Em razão da desigual realidade brasileira, que no Ceará não é diferente, chamo atenção para que o leitor receba os relatos de embaraço de João no episódio da viagem como sendo apenas a falta de intimidade com determinados ambientes e realidades sociais. Episódio este, que só revela como muitas pessoas estão excluídas de viver coisas que, para alguns são corriqueiras, como fazer uma viagem de avião, participar de eventos em outro estado, desfrutar um pouco de turismo e de lazer.

O encontro acadêmico em Manaus representou para João mais que um evento formal. Participou das atividades, mas foi para além disso, foi uma viagem exploratória. Tudo foi um aprendizado: o percurso, o evento em si, a oportunidade de conhecer pessoas de outras regiões do país, a culinária regional (como o pato no tucupi), o comércio local com produtos típicos, as belezas dos rios amazonenses, o contato com os povos nativos, assistir à apresentação gratuita de uma orquestra no Teatro Amazonas, conhecer um pouco da tradicional Festa do Boi, enfim, a euforia de sua narrativa expressa que há muitas formas de aprender.

3.1.1.7 Principais agentes no envolvimento escolar - professores, o primo Lavoisier e a família

João destaca algumas pessoas como principais colaboradores nas suas conquistas: a Prof.^a Penha que, ainda estava na Universidade e trazia novas formas de ver as coisas e de ensinar. Assim como, o “Prof. Douglas [...] com sua forma de ensinar mais dinâmica [...]” João

também aponta seus professores universitários como importantes referências. Quando entrou no mestrado conheceu seu grande suporte na academia: seu orientador, Prof. Ernane Cortês:

[...] Devo muito a ele. Não o vejo só como orientador, mas amigo. Nossa amizade foi além da graduação, até hoje. Agora diminuiu porque disse que nesse início de ano (2017) iria me deixar em paz pra estudar para o doutorado. Quando terminei a graduação todo dia ele me ligava e dizia: “olha vem aqui que quero falar contigo”. Ia lá e ele dizia: “Ah, tu pode ajudar 'fulano' da graduação?” Cheguei a ajudar ele com orientação... Sempre me chamava para dar curso de uso de GPS... ou outras coisas. Primeira coisa que fez comigo foi conseguir um curso de Geotecnologia, um curso de ARKGIZ que é para aprender a fazer mapas. Em Geografia Física isso é essencial. Olha o que ele fez: conseguiu um curso pra mim em Fortaleza, na UFC, me encaminhou como bolsista [...]. Aprendi a produzir meus próprios mapas. Ele sempre me chama: olha tem um fulano que precisa de mapa, tu faz? Quando tem festas me chama... Já veio na minha casa várias vezes... É uma relação muito boa que a gente conseguiu estabelecer e que foi para além da faculdade, para além da academia. Ele conhece meus pais.

O rapaz destaca seu primo de maneira especial: “Diria que meu primo que tá no doutorado, foi um dos maiores incentivadores... Ele se inseria [na universidade] e dizia: “Vem!!!. Tu tem que fazer’....se fosse citar, escalar, ele estaria no início”.

Quanto à família, reconhece as limitações de ordem estrutural que impediram ou impedem maiores contribuições, especificamente institucionais ou formais, no que se refere ao incentivo direto à educação escolar.

Aí vem a questão...que não citaria meus pais, não por questão de não me incentivarem, mas porquê...eles não têm conhecimento disso. Não tinham como dizer: “olha, vá fazer isso”. Meio que diziam: “você quer, então vá...a gente faz o possível aqui pra que você vá”. Mas não diziam: “ah, vai fazer faculdade, vai fazer mestrado” ... Nunca chegaram pra mim e falaram isso. Mas quando dizia que ia fazer, eles sempre me apoiaram.

Esse foi o apoio possível que a família pôde oferecer dentro daquela realidade, e não foi menos importante que as demais contribuições que recebeu de outras pessoas com qualificação acadêmica. Sua família sempre foi um porto seguro e acolheu com respeito suas escolhas e decisões.

3.1.1.8 A que atribui suas conquistas

João atribui suas conquistas a persistência e aos reveses que sofreu logo que se graduou. As portas que foram se fechando lhe conduziram a enfrentar desafios maiores. A pós-graduação tornou-se uma alternativa plausível, e diz:

[...] atribuo e devo tudo ao que não aconteceu. Por exemplo, meus outros colegas casaram, tiveram filhos...pronto, né? Foram viver a vida deles. Diria que, como não cheguei a casar, não tive filhos, então foi algo que não aconteceu. Segunda coisa, não consegui me inserir logo de imediato no mercado de trabalho. Então, tive que procurar alternativas. Por isso, tive que persistir em alguma coisa que acreditasse que poderia ser pra mim...devo ao que não deu certo e ao que deu certo...(risos). Acho que se outras coisas tivessem dado certo, não chegaria ao ensino superior (pós-graduação). Não aconteceu, e insisti para que acontecesse alguma coisa.

Este jovem não foi sequestrado imediatamente para o mundo do trabalho, logo após concluir o ensino médio ou graduação, como acontece com a maioria dos indivíduos de sua classe social. Isto teria interrompido sua trajetória acadêmica. Outra coisa interessante é a percepção de que fazer família precocemente limitaria seus projetos. Sua hipótese não é improcedente e aparece subliminarmente na fala dos outros sujeitos da pesquisa.

3.1.1.9 Timidez e insegurança a serem enfrentadas e as mudanças na personalidade

Logo na graduação, João sentiu dificuldade de começar o entrosamento com os colegas porque não conhecia ninguém. Quase sempre na defensiva, o jovem conta que quando chegou no Laboratório de Pedologia e Processos Erosivos, se sentiu inseguro porque esperava resistência a sua integração por parte dos colegas:

[...] eu era o único CNPq e bolsista do Prof. Falcão. O pessoal falava que os alunos do laboratório eram um pouco arrogantes, porque achavam o laboratório 'top' e tal. Quando entrei lá, acho que não foi por parte deles, mas foi por minha parte...como já sabia desses comentários, já fui me retraindo o máximo que podia...me envolvi o mínimo possível. Passou o tempo, percebi que não era bem isso. Via esses alunos como mais inteligentes e tal...e como eu era o único de Taparuaba que era bolsista... O bom é que era o mesmo laboratório do Prof. Antonio Cerezo (também aluno na Geografia e professor taperuabense) que foi uma pessoa muito importante, principalmente na graduação. Mas, acho que não consegui render muito... em termos de pesquisa, pelo fato de ter me retraído, não me envolver com eles... não produzi muito bem na minha pesquisa.

A timidez foi um obstáculo inicial que atrasou sua integração nas atividades de pesquisa e, por consequência, seu desempenho acadêmico na graduação. Contudo, no mestrado, ele diz ter se disposto a ter outra postura:

Quando passei fiquei um pouco receoso... (pensou) não tenho conhecimento pra isso. Aí digo: então pronto, sabendo que não tenho conhecimento tenho que ir disposto a adquirir o máximo que puder [...] agora vou topa o que aparecer. [...] criei coragem...tô entrando no mestrado.

Questiono sobre o porquê de se julgar sem conhecimento para o mestrado se foi aprovado e alcançou a 6ª colocação no processo seletivo. Ele ri e diz: “Mas eram só doze vagas”. Contesto perguntando como os outros colegas que foram aprovados a partir da sétima colocação deveriam se sentir. Ele ri desconcertado e diz: “...é, não sei (risos)”. Aqui mais uma prova da sua autoestima vacilante.

Novamente sentiu-se inseguro por achar que os colegas tinham muito mais conhecimento do que ele e tentava se conscientizar que estava ali para aprender. Só quando começou a ter contato com os colegas é que percebeu que, na verdade, “estavam todos no mesmo barco” e tem uma boa relação até hoje, inclusive com os professores: “Hoje se chegar no CCH e falar meu nome, todos sabem quem é...me sinto até contente. Bem, espero que só tenha a falar coisas boas (risos)...”.

As qualificações intelectuais que João adquiriu também foram agregadas a outras mudanças. Ao longo de seu discurso ele mencionou várias vezes o quanto ganhou em termos de relacionamento interpessoal e como superou a sensação de inferioridade que lhe acompanhou até a graduação:

Até o ensino médio, na graduação também, me sentia inferior aos demais. No mestrado ganhei muito isso, de dizer, não, não sou melhor que ninguém... também não sou menos. Aprendi a me colocar, de **não permitir que as pessoas me subjuguem**, ou falem comigo algo que não concordo...Hoje já consigo me manifestar. Acho **que ganhei muito nisso na minha personalidade**. Claro, não menosprezando os demais, ou maltratando as pessoas, mas sabendo me colocar. Eu **também tenho uma opinião, também consigo falar, também sou gente, e quero que me respeitem**. Por exemplo, na graduação eu via uma pessoa com mestrado *hiper* superior a mim. Depois vi que na verdade é gente que nem a gente (risos).

O percurso escolar e a vivência acadêmica permitiram ao jovem a construção de uma altivez necessária para se impor e se fazer respeitar. Quando questionado sobre a origem da sensação de inferioridade que lhe acompanhou por tanto tempo na vida, ele acredita estar relacionado ao fato de ter sofrido *bullying* na escola, que na infância esse sentimento começou e se acirrou no convívio escolar. As situações de ofensas impostas a ele pelos colegas deflagraram uma insegurança que fez com que se anulasse por muitos anos, comprometendo sua desenvoltura:

[...] sempre preferia ficar calado [...] nas apresentações dos seminários, **ficava “super-hiper-mega” ansioso e na hora não conseguia render o que poderia render**. Ficava pensando: “tomara que acabe, tomara que acabe”. Então, aprendi a me controlar nesse sentido de saber me conter e de saber me portar. No ensino médio era bem mais, na graduação diminuiu e por aí vai.

Segundo o jovem, melhorou sua desenvoltura devido às circunstâncias da cultura acadêmica que lhe forçou a enfrentar seus medos de falar, de se expor, de ter que fazer e que com isso acabou ganhando experiência. Apresentar um seminário que, no início, era doloroso, inclusive fisicamente pela aflição da ansiedade, foi se tornando menos angustiante e melhorando o desempenho: “vai sabendo o que fazer, o que não fazer, como se colocar...”.

Com o passar do tempo, o jovem percebeu que até seu pai passou a lhe tratar com respeito maior ainda, “algo mais próximo de um amigo, digamos assim. Porque no interior, a relação pais e filhos, é meio que...o pai é quem manda...percebo que mudou isso”. Pai e filho passaram a ter uma relação mais horizontal e o pai se reporta ao filho como um igual, já não o vendo somente como filho. Também percebe uma certa admiração por parte dos irmãos, embora não queiram deixar transparecer, relata rindo.

O jovem diz que passou a perceber uma certa deferência a si por parte dos demais familiares. Tendo, por exemplo, dificuldade de gerenciar algumas situações na maneira em que sua mãe verbaliza sobre sua escolaridade e titularidade:

[...] todo mundo que chega lá (casa dos pais)... acho até um pouco constrangedor, porque ela fala e a pessoa normalmente não sabe nem o que é (sobre seu título de mestre). Aí, depois digo pra ela que não vou perder tempo explicando o que é. E digo: 'mãe, nem adianta porque eles não sabem exatamente o que é. Mas minha mãe faz questão de dizer (risos). Aí ela diz: ele tem mestrado! Aí as pessoas perguntam: e o que é mestrado? Como ela já dizia quando eu tava na graduação, aí as pessoas relacionam, e perguntam se é como na faculdade, como se fosse a mesma coisa. Às vezes, meus irmãos falam, mas não dão tanta ênfase...é mais a minha mãe. Se chegar alguém lá que ela não conhece, ela faz questão de dizer (risos).

Observo, em João., a simplicidade e o não deslumbramento na conquista desses títulos. Pelo contrário, tem a sensibilidade de não fazer alarde ou de não constranger as pessoas em seu cotidiano que não tiveram a mesma oportunidade que ele teve. Percebe que a família sente orgulho dele, principalmente seu pai, que inclusive assistiu a defesa do mestrado e que foi a partir daquele momento que o pai começou a lhe tratar um pouco diferente:

Ele nunca conheceu esse mundo...e quando chegou lá, todo mundo falando bem de mim, então, ele percebeu que eu tava fazendo alguma coisa. Acho que ele não tinha noção do que era, e na defesa a Prof.^a Virgínia disse que eu era o primeiro da turma a defender, e falou que agradecia a presença dele, e perguntou o nome dele...me elogiou, deu os parabéns...E acho que ele meio que se sentiu... [contemplado] (grifos meus em colchete).

Acredito que muitas pessoas comuns que não tiveram a oportunidade de estudar, como os pais dessas pessoas, acabam entrando na universidade através dos filhos. É como se, por

extensão, fosse uma forma de realização pessoal e reconhecimento social através do ingresso dos filhos. A ênfase que a mãe dá ao anunciar aos outros a escolaridade do filho é uma forma de demonstrar a satisfação da família, de como se sentem honrados com a conquista de um de seus membros, e se sentem contemplados e orgulhosos na vitória do filho, sobretudo, os pais. É uma vitória compartilhada em família.

3.1.1.10 Apoios e referências de vida e virtudes que valoriza

João ordena e classifica seus referenciais de vida por critérios e dimensões distintas. Primeiro, aponta seu pai porque sempre batalhou para cuidar dos filhos:

[...] é superinteligente, mas faltou oportunidade. Se casou jovem, aprendeu a ler e escrever praticamente só. Minha mãe não consegue ler. Faz tudo, conserta eletrodoméstico, o que aparecer ele faz... Por isso que digo que ele é vaqueiro como primeira profissão, mas foi caçador, pescador, já trabalhou fazendo móveis (marceneiro)... acho que já fez de tudo... [...] o possível e o impossível para tentar dar o melhor, e citaria minha mãe também.

O jovem demonstra muita admiração pelo pai, positiva suas habilidades e em alguns momentos falou ressentido com a pouca valorização da atividade de vaqueiro. Como profissional, cita seu orientador: “admiro muito o Prof. Ernane, [...] me espelho muito nele. Não é à toa que ele tá há trinta anos nessa profissão”.

João elenca as virtudes que mais valoriza, começando pela humildade, e prima pelo princípio da isonomia no trato social. Perseverança seria a segunda, pois insistir naquilo que se acredita é um grande valor para ele. Assim como, a terceira é o compromisso de sempre começar e terminar as tarefas. A quarta é ser responsável por seus atos, ter coragem para assumir os desafios e ter atitude para resolver.

3.1.1.11 Descrevendo seu berço e como enxerga seu destino

O jovem tem uma percepção muito generosa de sua origem. O aconchego e suporte familiar são as marcas mais fortes de sua fala quando descreve seu berço. A escassez material é suplantada pela segurança afetuosa e os laços fortes com os quais a família é sustentada:

Nasci num berço humilde, mas bem estruturado, o sentido de pessoas. Sempre tive pais que nunca os vi brigando, discutindo por qualquer coisa. Meu pai sempre manteve todo mundo ali...até hoje a gente mora praticamente um colado no outro. Pobre financeiramente, mas rico em termos familiares.

João conjectura, para o futuro, diferentes propósitos e que pretende realizá-los em diferentes momentos. Começa dizendo: “num futuro bem mais longínquo...quero voltar pra cá (risos)”. Pretende morar em outros lugares, mas, que quando se aposentar, quer retornar e se estabelecer na terra natal. Acredita que é um lugar bom de se viver, embora não seja mais tão tranquilo quanto já foi e diz:

É aqui que estão minhas origens, meus amigos...mas ao mesmo tempo, não me veria nesse momento ficando aqui. Não me veria passando tanto tempo aqui, acho que o que desejo não está aqui. Vou ter que sair...fora é que vou encontrar.

João foi tocado pelo desejo de conhecer e desbravar o novo e quer viver a experiência de “voar”, ainda que queira retornar posteriormente. Demonstra empolgação e apresenta expectativas para o futuro considerando uma série de possibilidades. Apesar das dificuldades, o jovem tem claros seus propósitos e que determinações precisa ter.

3.1.1.12 Quem inspira seus sonhos e seus planos para o futuro - O doutorado

O jovem confessa que sentir-se desafiado lhe impulsiona demasiadamente. Sua inspiração está nos desafios que se apresentam pelo caminho. Ele conta que fez o concurso do IFCE em 2016: “foi um pouco decepcionante, porque estudei para tentar. Quando fiz a prova, gostei...achei que daria certo, mas infelizmente não entrei... o que me sobrou foi o doutorado e vamos pra ele”. E diz nunca planejar o que vai fazer:

[...] ia tendo as oportunidades e ia me agarrando com o que tinha e ia fazendo. Nunca fui de planejar fazer alguma coisa [...] porque na verdade o doutorado não é nem plano...eu meio que senti uma necessidade de fazer. Quando a gente faz o mestrado sente necessidade de fazer o doutorado...acho que é quase inerente...

A maneira como descreve sua necessidade de fazer o doutorado como um impulso de prosseguir, como quem toma gosto pela vida acadêmica e a pesquisa, demonstra uma tendência e uma identificação com o *ethos* escolar. Mesmo evidenciando a necessidade meio “compulsória” de estudar, o jovem demonstra muita satisfação em aprender como ele diz: “Quando a gente faz o mestrado sente necessidade de fazer o doutorado...acho que é quase inerente...”.

3.1.1.13 A luta permanente contra a insegurança e o tão desejado doutorado

As duas primeiras tentativas para o doutorado foram na UFC, mas não conseguiu, e diz: “queria a UFC, mas ela não me quis”. Na primeira, foi eliminado na prova escrita, quando ainda estava terminando o mestrado. Um ano depois, foi aprovado no projeto e na prova escrita. Eram 12 vagas, passaram 16, eles completavam o número das vagas e passavam duas pessoas a mais. João ficou otimista, mas ele e outro ficaram de fora. Decidiu procurar outro lugar. Ficou entre UECE, UFPB e UFRN. Ainda chegou a mandar o projeto para UFRN, passou na primeira fase mas, na segunda fase o dinheiro não deu mais para tentar. Por fim, João foi aprovado em 1º lugar no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba e desistiu dos outros. Em 2018, mudou-se para João Pessoa e iniciou o doutorado.

Interessante perceber que, apesar da insegurança e da autoavaliação sempre muito exigentes e depreciativas, João nem percebe o privilégio de poder escolher em qual PPG queria prosseguir. Malgrado as reprovações, que são episódios comuns no meio acadêmico, seu desempenho permitiu que, apesar do pouco dinheiro, ele pudesse cogitar e arriscar pleitear uma vaga num curso de doutorado em mais de um PPG de universidade pública. É como se ele não tivesse consciência de sua competência.

Em agosto de 2019, reencontrei João e ele já estava cursando o quarto semestre do doutorado. Ainda cismava em dizer que achava que seus colegas de doutorado são muito mais qualificados que ele: “[...] talvez até seja uma sensação minha...mas percebo que eles têm conhecimento de causa, assim, bem maior...”. Perguntei a que se referia, especificamente, e ele disse se tratar das coisas acadêmicas. Citou um colega de Geoprocessamento que dominava coisas que ele não sabia, e disse: “Me sinto assim... eu não sei...o lado positivo é que pergunto e aprendo (risos)”.

A insegurança de João está sempre presente na sua percepção de mundo e sobre a avaliação dos outros e de si mesmo. É sempre carregada pelo contraste de superestimação dos outros e conjugado da subestima de si. Parece não perceber que sua humildade excessiva acaba o impedindo de ver seus próprios valores, da mesma forma que sobrevaloriza aqueles que também são bons, mas que se encontram relativamente no mesmo patamar de formação. Seus colegas, por bons e competentes que sejam, foram avaliados e selecionados no mesmo processo que ele. Sua competência foi examinada tal qual os demais, inclusive, com vantagem da 1ª colocação.

Ao mudar de estado, tudo foi uma nova descoberta. Ele contou que a própria cidade, João Pessoa, fez com que se adaptasse bem mais fácil e rápido. Sentia-se muito bem na

universidade, os professores fizeram com que se sentisse à vontade, assim como os colegas também lhe apoiaram. As dificuldades apontadas eram as da própria pesquisa. O projeto inicial era para ser realizado no Ceará mas, por sugestão dos professores e do orientador, mudou a pesquisa para Paraíba, por já desenvolverem um trabalho na área: "acharam interessante minha proposta de metodologia para aplicar lá na área que os professores já estudavam, até pelos dados primários que já tinham". Isso também lhe permitiu ir conhecendo o interior do estado por ocasião das aulas de campo.

O jovem dizia achar as pesquisas de todos os colegas muito mais interessantes e começou a achar sua própria pesquisa desinteressante. Tive que lembrá-lo que ele ia fazer a pesquisa de campo no Ceará, mas os professores gostaram tanto que pediram para que fizesse lá na Paraíba. Reiterei que, se não fosse interessante, não teria sido selecionado. Questionei sobre pensar essas coisas: se nunca havia ido a esta cidade ou a esta universidade, até então, foi pela primeira vez para fazer a entrevista, se foi selecionado por pessoas que não conhecia, que leram e se interessaram pelo projeto, significava que eles consideraram a pesquisa importante, e que ele é capaz.

João ficou muito afetado com um comentário de um professor da UFC, que disse ter achado o projeto "lugar comum". Isso fez com que o jovem questionasse a relevância e qualidade de seu trabalho. Interpelei se a opinião desse professor externo vale mais do que a avaliação dos professores do seu PPGG que lhe aprovaram, com quem trabalha, numa universidade que também tem respaldo acadêmico que lhe acolheu e lhe achou merecedor do primeiro lugar. Ele responde reflexivo: "não...".

Em agosto de 2019 ainda faltavam mais dois anos para concluir o doutorado e João já estava preocupado com a qualificação por conta de seu forte senso de responsabilidade e confessor:

Tinha vontade de fazer intercâmbio, tenho essa ideia desde que entrei... Agora desanimei, porque conversando com os professores tem a questão da bolsa. Porque quando a gente vai pra fora substituem a bolsa. Mas se receber a bolsa para o exterior, você pode perder a bolsa que tem aqui. Daí fiquei pensando: vale a pena perder a bolsa que tenho aqui por uma bolsa de seis meses...voltar sem nada? Mas tô vendo outras possibilidades, com outro tipo de recurso, pra ver se dá certo. Até pela dificuldade da própria língua estrangeira que não tenho domínio. Tem esse outro empecilho. [...] sei lá, um Portugal da vida, que é mais fácil, né? Mas lá já estão restringindo os brasileiros (risos). Ou na Argentina, que é mais próxima. Não sei. Porque só tô pensando na qualificação. Depois que terminar o doutorado, quando tiver no último ano, quero começar a fazer concurso aí de tudo que é lugar... aproveitar o restinho da grana pra tentar concurso noutros estados pra não sair com as mãos abanando. Já fiz isso na graduação, no mestrado, e não é nada bom. Você sentir que voltou para estaca zero, que andou, andou e terminou...e agora?

Entrou *pras* estatísticas, né? Sai da expectativa pra entrar pra estatística. (risos).

João é sempre muito ponderado e reticente quanto às perspectivas para o futuro, e diz sucintamente: “[...] olha, sou muito de pensar no agora... ‘agorificação’ (risos). Mas quando estiver concluindo, vou tentar concursos”. Embora seja mais focado no presente, o jovem começa a se projetar para o futuro considerando a falta de perspectivas das experiências anteriores de desemprego. Ao mesmo tempo, está cogitando e analisando várias possibilidades de desdobrar sua experiência no doutorado.

No evento que houve na UFPB em 2019, havia professores de Portugal, Argentina e Espanha, o que possibilitou ao jovem ter mais viva a ideia de um doutorado sanduíche. Ele consegue ler o inglês, mas falar não. Pensou em Portugal não só pela língua, mas pela conversa que teve com um professor português, mas também menciona Cuba. A metodologia que quer trabalhar é de um professor cubano que fez doutorado na Rússia, e disse que se pudesse ir para Universidade de Havana, seria ótimo, ainda que o Prof. Mateo (referência na sua linha de pesquisa) tenha falecido recentemente, mas que seria muito interessante. Cogitava a Argentina, porque os professores do PPGG têm mais contato com professores argentinos, inclusive com um professor muito famoso, Dalien:

[...] conversei com ele e demonstrou-se mais receptivo, mais interessado pelo Nordeste...até mais que os demais... era mais conversador, simpático...O português também. O espanhol, acho que por causa da língua ficou um pouco mais afastado, até porque ele não entendia muito bem o que falávamos e nem nós a ele. Com o argentino a comunicação foi mais fácil de entender.

3.1.1.14 O que aconteceu ao longo dessas experiências

João fez um balanço sobre sua trajetória e os impactos que sofreu na sua constituição, ao mesmo tempo que enfatiza a necessidade de não se deslumbrar, de não ser pretensioso, de não perder o senso de realidade:

Me vejo mais maduro... Acho que consegui manter minha humildade, no sentido de não achar que sei mais que os outros, que sou superior a alguém devido ao fato de ter conseguido mestrado. Até porque perguntam, e digo: Hoje em dia tá muito mais acessível. O pessoal diz: 'ah, tu é mestre'...e digo, mas hoje em dia o mestrado já não é mais grande coisa. Sempre falo: vocês não só podem, como devem tentar. Um amigo conseguiu passar no mestrado da UECE pra História... Fiquei insistindo até que ele fez. E deu certo.

O jovem também se tornou um motivador para que outras pessoas embarquem na aventura da pós-graduação e destacou o quanto amadureceu ao longo de sua jornada, sobretudo, no mestrado. Em comparação ao que foi desde o ensino básico, passando pela graduação até chegar no mestrado, ele apontou o salto que deu nesta última etapa:

[...] no âmbito pessoal, em termos de conhecimento, em termos de saber lidar com as pessoas, porque era bastante tímido, e às vezes, preferia calar e não falar nada, né? Aceitava o que todo mundo falava. Aprendi a me colocar também, não ser grosseiro, mas não aceitar tudo o que vem. Acho que ganhei muito com isso. Devo muito ao meu orientador. [...] Pra apresentar trabalho, ele via que era mais tímido, falava mais baixo e sempre dizia: “Olha, tu sabe. Não precisa ter vergonha [...] Tu tem conhecimento, levanta essa voz, fala com força que tu sabe...tu fica falando baixo... Não se rebaixa, não”.

Essas intervenções contundentes, mas de muito apoio, dados pelo Prof. Ernane (orientador) foram cruciais para que o jovem construísse uma postura mais firme diante dos desafios, como ele conta:

[...] aprendia a me portar, a me comportar em público...não ter vergonha de aparecer. Acho que perdi um pouco essa timidez de falar em público, de manifestar minha opinião...melhor, acho que perdi bastante. Me vejo como pessoa bem mais madura...ao mesmo tempo, me colocaria como uma pessoa humilde. Até porque não tenho como...[risos]. A minha situação não permite eu ser soberbo, ou ser arrogante.

Para cursar a universidade, a lista de dificuldades que teve que enfrentar foram desde a falta de tempo para estudar, o não acesso a livros e informações ou recursos pedagógicos, de disposição física para conciliar trabalho e estudo, e escassez financeira para satisfazer necessidades elementares (ele ficava em jejum da hora do jantar da noite anterior até às 13:00h do dia seguinte quando do seu retorno para casa dos tios com quem morava). Esse foi o caldo de obstáculos que ele teve que amargar e digerir no transcorrer dessa etapa de estudos, o que refletiu, inclusive, no seu desempenho escolar que ficou comprometido inicialmente na graduação.

O jovem disse que ignorava as pessoas que o criticavam, porque o importante era o apoio da família. E disse: “estudar não é o que dá retorno imediato. Você tem que segurar as pontas até conseguir algo...”. O período foi longo, terminou o ensino médio em 2006 e passou para graduação em 2008, entrou no mestrado em 2014 e entrou para o doutorado em 2018. Foi uma sequência de muitos sacrifícios.

O jovem ainda tem uma fala com um tom inseguro e indagativo nas afirmações, como quem procura aceitação e confirmação na escuta do outro. Contudo, uma coisa fica evidente: a avaliação que faz do percurso alcançado até aquele momento é sempre muito positivada. Os

saldos são para além dos ganhos formais e institucionais. Há outras conquistas que não se contabilizam em certificados, são os ganhos de experiência e crescimento pessoal. João vai se construindo mais forte a cada etapa e parece estar, aos poucos, ganhando autonomia. Ele está se empoderando como pessoa.

3.1.2 Lavoisier: Desenho narrativo sociológico¹⁰⁶

Lavoisier, nasceu em 08 de abril de 1988, em Taparuaba, há 10km do centro do distrito, na localidade de Boa Vista. Viveu toda infância e adolescência nesta comunidade. Mudou-se para Sobral quando ingressou no ensino superior, onde morou cinco anos. Passava a semana na sede e, aos fins de semana, voltava para casa da mãe. A partir de 2013 mudou-se para Fortaleza para fazer o mestrado e, em seguida, o doutorado concluído em 2019.

3.1.2.1 História da família e infância– conflitos e acolhimentos

Os pais são nascidos em Taparuaba. O pai é analfabeto e nunca frequentou a escola. Como profissão sempre foi pescador e agricultor. A mãe cursou até a 3ª série, sabe ler e escrever muito bem, conforme Lavoisier. O primeiro fato marcante na sua vida foi a separação dos pais e todo o conflito envolvido. Seu irmão caçula tinha 01 ano, o outro irmão tinha 03, e ele era o mais velho com 07 anos. Entendendo o que estava acontecendo, compartilhou do sofrimento da mãe:

Você imaginar uma mulher que só era dona de casa, se vê solteira com três crianças para criar, é uma situação desesperadora. Então, a partir desse momento, eu amadureci. Fiquei velho demais para minha idade. Fazia o possível pra contribuir. Já comecei a trabalhar, ajudava nos afazeres de casa...plantava porque era o que já sabia fazer...por conta da convivência com meus avós...o que quem vive numa zona rural sabe fazer: plantar, colher. Então, buscava ajudar minha mãe de alguma forma financeira também.

Sobre a formação escolar dos irmãos de Lavoisier, foi informado que o que vem depois dele tem apenas o ensino fundamental. O caçula concluiu o ensino médio e cursou um ano e

¹⁰⁶ Entrevista realizada em 25 de janeiro de 2017. Lavoisier tem hoje 33 anos. É graduado em Química pela UVA, mestre e doutor em Química pela UFC. Atualmente é professor concursado da rede pública estadual do Ceará.

meio de faculdade, em Química, mas desistiu. Seu meio irmão tem 23 anos e, por coincidência, nasceu no mesmo dia do aniversário de Lavoisier, com diferença de dez anos. E ele conta que:

[...] isso foi o terror da minha infância, porque meu pai largou minha mãe. Tinha acabado de fazer 07 anos. Foi uma fase bem conturbada. Vi ela chorar com frequência... acabei despertando um certo rancor por meu pai, nessa fase, quando ele se juntou com outra mulher e teve esse menino (o meio irmão). Hoje gosto muito dele, mas na minha infância, era a minha raiva...eu dizia que era o único presente que meu pai tinha me dado na vida, tinha sido esse irmão (fora do casamento). E aí aquela disputa de criança...conflito de sentimentos...acabou sendo uma fase complicada. Nesse aspecto, minha infância foi muito difícil por causa do abandono paterno...não tinha esse “norte”. Minha mãe cuidava da casa e era costureira [...]. Felizmente, morava próximo aos meus avós paternos. Eles basicamente supriram essa necessidade, não só financeira, como afetiva. Meu avô, hoje tem 91 anos (fevereiro de 2017) e pra mim, meu avô é meu pai. Tanto que quando a gente está junto, se trata como duas crianças, brinca, se abraça, conta história um pro outro...E minha avó era o pulso da família. O que ela dissesse que era pra ser feito, era feito, se dissesse que *tava* errado, ninguém teimava. Porque a gente tinha medo e respeito. Ela faleceu há quase onze anos. Depois daí, a gente já teve mais uma fase complicada, mas tudo se resolveu e hoje a gente vive num ambiente pacífico.

O pai de Lavoisier mora na sede do distrito e não o vê com frequência. O pesquisado conta que a relação com o pai hoje é assim:

[...] tento não me meter nos assuntos dele, desde que ele não interfira em nada com minha família. Meio que excludo ele por conta desses sentimentos que foram crescendo... Ele bebia e acabava fazendo coisas que não gostava...Forçava a gente a trabalhar na roça...o que não era ruim de certa forma, mas acabou marcando a infância. E hoje...acho que ele evita me ver...não busca estar presente e nem interfere em nada, porque sabe que assumi a família. Os problemas da família, são meus problemas.

Na fala de Lavoisier não é possível verificar que as coisas se acertaram com seu pai e que isso não o incomoda mais. Parece que ainda estão abertas as feridas causadas pelo abandono paterno, mas é possível sentir que a relação entre pai e filho ficou meio anestesiada pela distância e pelo tempo. Com o abandono do pai, os avós paternos assumiram a chefia familiar e se tornaram uma família de modelo extenso. Com avós analfabetos, ele destaca o legado do trabalho e reitera que a avó era uma mulher:

[...] muito forte, de pulso, que tudo que ela...toda a atividade que se envolvia, fazia mesmo. Ela que gerenciava a parte financeira da família...meu avô sempre foi pescador e agricultor. Então, meu avô trabalhava e minha avó gerenciava tudo, venda de peixes em Sobral, venda dos produtos da colheita: feijão, milho, algodão, de tudo que meu avô fazia. A vó cuidava da casa, da família, geria a parte financeira...ela era a mulher do dinheiro (risos).

Mesmo em uma cultura brasileira extremamente machista, como também é as relações de gênero no sertão nordestino, é possível conhecer histórias como a da avó de Lavoisier. A liderança dela e a aceitação da família para que ela conduzisse os rumos do grupo é narrada pelo neto com um ar meio cômico, mas, com admiração pela avó. Ele conta que seu avô trabalhou muito, teve 16 filhos, criou 11, pois 05 faleceram bebês (quando a mortalidade infantil era considerada “normal”¹⁰⁷). O neto relata que o avô passava a noite pescando no açude e durante o dia ia para o roçado com os filhos. Essa era uma época difícil, de 50, 60 anos atrás, então todos tinham que trabalhar. Só depois que se aposentaram os avós tiveram uma vida mais sossegada. Lavoisier diz que já conheceu essa fase mais sossegada dos avós, em que ambos já estavam aposentados: “[...] tinham uma certa condição financeira para uma região rural, ou seja, tinham o suficiente para se alimentar, para comprar remédios, e para cuidar de emergências pequenas da família”.

Entretanto o rapaz registra um outro ponto de intersecção muito marcante em sua vida: o falecimento de sua avó. Além da perda afetiva, houve um agravamento da situação com seu pai que na ocasião: “[...] tentou fazer com que saíssemos da casa que vivíamos. Inclusive essa casa era de um tio. Segundo ele (o pai) queria vir para mais perto para cuidar do meu avô. [...] ele queria administrar a aposentadoria dele, que é típico dessa região¹⁰⁸.” Lavoisier relata que essa foi uma fase complicada porque o pai convenceu uma parte dos irmãos, alguns de seus tios, que era melhor ficar com a casa e desalojar a família que ele já havia abandonado antes. Isso causou conflito na família. Uma parte da família ficou do lado de seu pai, o que dividiu o grupo, mas ele contestou:

Minha mãe era a filha dos meus avós, que eles não tinham presente. Cuidava, levava meus avós para o médico. Quando minha avó adoeceu, foi ela que cuidou. Nesse aspecto, tinha mais direito de estar ali do que qualquer um. E meu pai queria negar isso. Queria morar ali por interesses pessoais (financeiros), o que fez com que meus sentimentos por ele piorassem novamente. Então, tivemos discussões...e o resultado final foi que meus tios mais velhos disseram que ele não tinha que se meter, que iria continuar do

¹⁰⁷ Paradoxalmente, as altas taxas de mortalidade infantil no país, até quatro ou cinco décadas atrás, eram toleradas quase como algo “normal”, porque estava dentro de uma margem recorrente de mortuários numa época em que não havia políticas públicas que reparassem tais danos demográficos, especialmente, nos meios populares. Nos anos de 1980, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil chegou a registrar 82,8 mortes por mil nascimentos. Desde 1990, o país apresentava queda média anual de 4,9% na mortalidade. Em 1994, a taxa chegou a 37,2; e, em 2004, a 21,5. Numa queda crescente chegou à média de 13,3% em 2015. Infelizmente, depois desta conquista, em 2016 interrompeu-se décadas de queda de mortes de bebês no Brasil, conforme mostram dados do Ministério da Saúde. A Unicef registra que, historicamente, a queda da mortalidade infantil no Brasil está associada a uma série de melhorias nas condições de vida e na atenção à saúde da criança: segurança alimentar e nutricional, saneamento básico e vacinação estão entre elas. O prognóstico não é muito animador se considerarmos a fragilização e desmonte de todas essas políticas públicas. <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/brasil-registra-alta-de-mortalidade-infantil-apos-decadas-de-queda.ghtml>

¹⁰⁸ Infelizmente, essa postura aproveitadora de filhos que querem se apropriar da aposentadoria ou do patrimônio dos pais não é um problema típico apenas dessa região.

jeito que estava, e que minha família (ele, a mãe e os irmãos) tinham que ficar ali. Houve umas confusões com meu pai...tivemos umas conversas que ele não gostou muito...disse umas verdades pra ele... A partir daí, ficamos naquela relação da boa vizinhança. Eu não mexo com você, você não mexe comigo e a gente tá vivendo perfeitamente (quer dizer sem contato).

Lavoisier precisou se impor firmemente diante de seu pai para garantir um teto e o amparo de sua família, mesmo depois de anos de abandono paterno. Sinto que a mencionada conversa com o pai foi um desabafo de uma vida inteira de decepção, raiva, desgosto, mágoa, que parece ter aliviado o jovem e colocado o pai no devido lugar.

Esses episódios são apontados pelo jovem como um dos pontos fortes de sua história, dada as recorrentes narrativas que envolvem suas relações afetivas. A constituição dos sujeitos, suas percepções e escolhas de vida, não passam impunes a esses relacionamentos que, por vezes, criam fraturas e dores, mas também criam pontos profundos de ligações entre as pessoas e seus percursos. Sinto, em sua fala, que estes fenômenos familiares tensionados dentro de si criaram alternativas para a própria vida a partir do que percebeu como buracos e vazios que sua família experimentou. Lavoisier se impõe com outra postura e decide preencher esses vazios com outras perspectivas em sua vida. Esse foi o gancho para acessar uma nova realidade: a universidade.

3.1.2.2 Histórico escolar: as reviravoltas e superações

O primeiro contato escolar de Lavoisier foi com quase 08 anos¹⁰⁹ quando fez sua primeira visita à escola rural de sua comunidade. Havia uma professora que tinha várias lousas espalhadas no alpendre da casa dela (Prof.^a Antonia), e ensinava crianças de quatro anos a sete anos. Lavoisier diz que não queria estudar. Sua mãe conta que ele só queria ficar em casa assistindo desenho animado na TV. E ele diz:

[...] de certa forma era medo. Aquela criança que cresceu naquele ambiente fechado, que não conhecia nada! Tirou um raio de 1km dali eu não conhecia nada. De certa forma, não queria estudar por medo de conhecer o mundo, medo de sair daquela minha zona de conforto.

¹⁰⁹ É curioso observar que, na concepção de Lavoisier, já está “naturalizada” a consciência da precoce iniciação escolar como algo tão consolidado, que ele acha que ter entrado na escola com quase oito anos é muito tarde. O que não é tão tardio se considerarmos a realidade escolar de duas ou três gerações anteriores a sua.

Lavoisier hoje é extremamente risonho, brincalhão, extrovertido e desinibido. Porém, a sociabilidade extrafamiliar na infância foi algo difícil. Ele conta como foi sua iniciação na escola:

Lembro que uma tarde, meu pai já tinha separado da minha mãe, mas ele ainda aparecia e me levou pra falar com a professora. Ao chegar lá tinham várias crianças, mas vi uma menina muito bonitinha e disse pro meu pai que ia ficar e queria estudar. A escola ficava há 1,5km da minha casa e ia sozinho. Já era fim de outubro e a Tia estava grávida, e teve que se ausentar para ter bebê [...]. Então, minha experiência escolar inicial só durou duas semanas. Não sei explicar, mas nessas duas semanas de escola aprendi a ler. Foi muito rápido, porque como minha mãe sabia ler, me empolguei, ela também e ficava me ensinando. Na época a gente tinha as Cartilhas do ABC e rapidamente memorizei, quando vi já tava lendo. Pegava jornal e qualquer papel, tentava e já conseguia ler. Não digo que entendia e interpretava, mas conseguia ler.

Curioso como esse pai que abandonou tão abruptamente a família e foi tão ausente, mesmo já separado, chegou a se preocupar com a iniciação escolar do filho. Outro aspecto relevante é sobre a importância de a criança ter por perto adultos alfabetizados, ainda que seja num nível básico ou com pouca escolaridade. No ano seguinte, quando já havia passado o período de licença maternidade da professora, ela voltou e continuou os estudos. À época Lavoisier tinha oito anos e era considerado muito velho pra estar numa alfabetização. Como já tinha aprendido a ler, ela o colocou junto com as crianças que faziam a 1ª série. Ele relata as precárias condições da sua iniciação escolar:

Lembro que era engraçado o funcionamento...era o alpendre da casa da professora. Do lado esquerdo ficavam as crianças que estavam na alfabetização, e do outro lado ficavam as que estariam numa primeira série, já aprendendo a tabuada, a somar e as primeiras noções de língua portuguesa. Eram muitas crianças e ela se desdobrava para fazer todo trabalho. Dava resultado, porque chegava final do ano, todas as crianças que estavam na 1ª série sabiam ler, sabiam as noções básicas de matemática e já poderiam prosseguir. Me apaixonei pelo ambiente, conheci várias pessoas, fiz meus primeiros amiguinhos e inimiguinhos (risos), que é normal pra toda criança na socialização. Fim do ano fui pra 2ª série, já na escola regular. Ela não poderia continuar ensinando essa quantidade de crianças, então quem passava da 1ª série tinha que passar para a escola regular.

Vale ressaltar e registrar a relevância histórica que teve essas educadoras solitárias das escolas rurais isoladas, que deram tanta contribuição com tamanha escassez de recursos e apoio. É a partir desta experiência que Lavoisier vai conhecer o ambiente escolar regular na Frederico Auto Correia, no Bairro de Vassouras, em Taperuaba, que ficava a 3km de sua casa. Nessa época, havia ônibus escolares e podiam se deslocar mais facilmente. Ao ingressar na 2ª série, ele conta:

Mais uma vez, o nervosismo, a mudança para um ambiente novo, não saber o que esperar...tinha aquele complexo de criança matutinha do interior...então, no início fiquei meio acanhado. Mas, com o passar dos meses, de certa forma me sobressaía das outras crianças. Já sabia ler, quando a maioria dos meus colegas não sabiam... No meio do ano, a professora saiu de licença maternidade e outra professora assumiu.

Lavoisier foi vencendo a timidez, a insegurança e a baixa autoestima. No trecho que fala: “com o passar dos meses, de certa forma me sobressaía das outras crianças. Já sabia ler, quando a maioria dos meus colegas não sabiam”, demonstra como o conhecimento desenvolve a autoconfiança. Ele faz questão de dizer sobre detalhes dos anos iniciais e explica que os demais foram mais "rotineiros". Deu destaque apenas para uma fase que considera um dos anos mais marcantes quando tinha 10 anos, ia fazer a 3ª série e já estava dois anos atrasados. Ele fez o Acelera Brasil¹¹⁰ do Instituto Ayrton Senna e era um dos mais novos, porque tinham crianças de 13, 14, 15 anos que estavam muito atrasadas. Ele diz ter sido uma fase engraçada e relata:

A Professora Fátima Cunha até hoje é um ícone na minha vida, teve uma contribuição significativa. [...] incentivava muito, a gente ia fazer 2 anos, às vezes, até 3 anos em 1, pra tentar se aproximar o máximo possível da idade correta, que seria, 11 anos na 5ª série. Foi um ano cheio de situações interessantes. Lembro da metodologia...a gente recebia os livrinhos e módulos que incentivavam a desenvolver a leitura e a escrita. Ela passava muita redação, fazia o possível pra inventar coisas pra gente escrever e ler. Dava 10 palavras para a partir daí produzir um texto. Sempre me empolgava pra fazer. Nessa época realmente melhorei minha escrita, a parte matemática, aprendi as 4 operações... o que uma criança de 3ª e 4ª série teria que saber. Mas a parte mais importante foi a formação pessoal. Ela dizia que não queria aluno envergonhado, mas “sem vergonha”, no sentido de sem inibição. Colocava a gente pra falar mesmo. Ia pra frente, lia os cartazes. Foi muito marcante. No último mês de aula, ela passou uma redação com o seguinte tema: O que você espera, qual sua perspectiva pra sua vida após sair do Acelera Brasil? Na época não escrevi quase nada, e disse que não sabia o que esperar. Quando recebi minha redação de volta tinha a seguinte frase: Pois em 2007 você vai ter muita história pra contar. Isso ela supondo que eu iria terminar, sem repetência, e estaria terminando o ensino médio. E foi o que aconteceu. Sai do Acelera, pulei pra 5ª série. Tinha receio de não acompanhar o conteúdo, porque **tinha medo de não conseguir assimilar e tinha aquela visão de que 5ª série já era coisa de outro mundo...porque já tinha passado da barreira que minha mãe tinha conseguido...era algo...embora ela já não me ajudasse mais, porque não conseguia mais...de certa forma era uma barreira...que tinha medo e tinha que superar.**

O relato dos primeiros anos e episódios escolares deste jovem nos revela muitas nuances e reflexões. Primeiro, que é possível reverter, com amplo sucesso, processos de

¹¹⁰ Acelera Brasil - programa de correção de fluxo que desenvolveu, em parceria com gestores e educadores, esta proposta de aceleração da aprendizagem para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental com dois ou mais anos de atraso escolar. <https://institutoayrtonsenna.org.br/>

aprendizagens marcados por defasagens ou condições escolares adversas. Segundo, fica evidente que uma professora motivada e incentivadora que faz o trabalho elementar de desenvolver a leitura, a interpretação e a escrita, além das noções básicas de matemática, já deixa um grande legado. Contudo, se essa professora tocar a alma de seus alunos, acreditando neles e fazendo com que acreditem em si mesmos, aqui está instaurada uma pequena revolução. Terceiro, chama atenção a intrigante compaixão conflituosa que sentiu pela mãe ao perceber que a ultrapassaria no nível escolar. Não só porque, talvez, não tivesse mais o suporte materno nas tarefas escolares, mas também porque era uma realidade nova em que uma geração se sobrepõe a outra em termos de conhecimentos formais.

3.1.2.3 Um hiato na trajetória escolar - o universo infantil permeado pelo trabalho

Lavoisier relembra todas as atividades laborais que teve que fazer até hoje e de suas pretensões futuras. No decorrer da narrativa, vê-se as desventuras e os dissabores. Conta que pode dizer que “se começar desde a infância, já fui agricultor, vaqueiro, pescador, costureiro, "dona" de casa (rir e corrige) dizendo, no caso dono”. Contudo, a profissão que quer para si é ser professor. Que até pode vir a se tornar apenas pesquisador, mas queria ser professor pesquisador.

Minha primeira lembrança de trabalho foi aos 6, 7 anos...e eu cuidava do gado do meu pai. Levava pra uma certa área de pastagem e tinha que ficar vigiando pros animais não irem pra parte do vizinho. Quando ele saiu de casa (separou-se da mãe) também virei agricultor. Plantava incríveis 300m (risos), pra mim era muito, pra uma criança. Achava divertido ver crescer, mas trabalhar não achava. Levava meus irmãos mais novos comigo, mas eles ficavam bebendo água debaixo das sombras e eu ficava indignado (risos), mas eram crianças também. E, fiz isso por um certo tempo na agricultura...e meu pai me forçava a pescar com ele. Forçava mesmo porque não queria ir, tinha que ir senão apanhava. Às vezes, viajava à noite de bicicleta para ir, num lugar vizinho que ficava a 18km, em Santa Quitéria. E tinha que ir, porque ele (pai) chegava bêbado, então tinha que ir. Até que chegou um ponto que ele viu que não era pra mim. Porque era extremamente cansativo. A gente ia à noite e voltava de madrugada. A pesca toda era à noite. Saíamos às 7h da noite e voltávamos 4h, 5h, da manhã. Eu só servia pra ficar na beira do açude passando frio...era mais pra ajudar a trazer as coisas depois. Mas, essa parte foi curta...acho que foi só durante um ano. Ele viu que não dava pra mim...e me deixou de lado. Tinha 6 pra 7 anos...não lembro muito bem.

Ao fazer o balanço dessas experiências de trabalho na infância ele avalia e diz: “Hoje não vejo problema. Não matou...(resiliência?) me construiu de certa forma...e faz parte de quem eu sou. Não tem nada para me envergonhar”. Conta que seus primeiros anos da infância foram

bem conturbados e difíceis. Seu pai e a avó (materna) não se falavam por causa da separação e do abandono da família por parte do pai. Os avós (paternos) foram cruciais e diz: “Era engraçado porque minha avó gostava muito de jogar baralho. Ela ensinou a gente que era pra ficar o fim de semana na casa dela. A gente almoçava, merendava e jogava baralho com ela”. A avó de Lavoisier, mãe de seu pai e toda família paterna ficaram do lado da nora e dos filhos, assumindo, inclusive, o sustento da família abandonada pelo filho. Mesmo assim, Lavoisier teve que trabalhar porque era parte daquela realidade:

[...] continuei basicamente sendo vaqueiro, acho que fiquei até os 13 anos, praticamente com as mesmas atividades: levava pra uma zona de pasto, depois para onde tinha água. No período de seca era mais complicado. E, no nosso período chuvoso aqui, janeiro a abril, era na agricultura. Basicamente era o que fazia para ter dinheiro. Entre aspas, né? Porque ele não me dava dinheiro, não. Tinha que fazer, porque tinha que fazer.

E teve a costura. Sua mãe é costureira e tinha que ajudar:

Era sagrado, sexta-feira tinha que ajudar a dobrar, cortar, essas coisas... Também tinha uma vizinha que trabalhava com bordado, eu recortava as figuras (de tecido) pra colar. Isso me dava aí uns 30, 40 reais por mês. O que pra mim era muito porque não gastava e não tinha nada. Acho que isso até os 16,17 anos. Terminei o ensino médio com 18 anos. Depois disso tive minhas primeiras experiências como professor substituto. A partir daí só tive essa profissão. Professor e estudante na Iniciação Científica.

Da infância até quase os 18 anos, Lavoisier foi uma criança e um adolescente cheio de responsabilidades que ajudava com suas atividades a contribuir com o sustento do grupo familiar e, concomitantemente, estudava. Mais adiante faremos o nexos com suas demais experiências laborais.

3.1.2.4 Retomando a trajetória escolar

A partir do ensino fundamental II, Lavoisier vai para a Escola Cesário Barreto Lima (CBL), onde permanece até concluir o ensino médio. Considera que, a partir daí, não teve nada muito marcante, a não ser o *bullying*:

[...] sofri muito *bullying*. Eu me retraía muito porque era um aluno que vinha dos "mato", como alguns colegas diziam. Mesmo tendo perdido bastante a inibição... ainda era muito tímido. Então, acabava me destacando no estudo em si, tirava boas notas, mas não era uma criança que me socializava tanto. E também, por sofrer muito *bullying* não precisa dizer os motivos¹¹¹... acabava assim, sempre ficando quieto. No

¹¹¹ Suspeito que talvez tivesse alguma coisa relacionada a cor porque ele é mestiço, a classe social ou a origem rural. É difícil definir.

ensino médio via a faculdade como algo impossível. Imaginava que o ensino superior não era pra mim. Como me sentia...um pobrezinho que veio lá dos matos...fazer faculdade? Sei nem o que é isso. Com o passar dos três anos, os professores foram aos poucos mostrando alguma coisa e acabava mudando de ideia. Nessa época comecei a ter minha primeira experiência com estudo de línguas. Comecei a fazer meu curso de inglês e acabei mudando a concepção...e comecei a ver que dá, se estudar, dá. Mas vou fazer o quê? A dúvida de todo mundo quando *tá* saindo do ensino médio, é: o que vou fazer da minha vida, o que quero fazer? E queria fazer Astronomia. Meu sonho era fazer Astronomia.

O *bullying* ou quaisquer formas de infringir sofrimento a outrem é um fenômeno muito presente na vivência escolar e deixa marcas profundas na constituição dos sujeitos. É necessário consciência e resistência para não se deixar abater. Vemos como a construção de uma autoimagem mais positiva, e uma postura mais curiosa, sonhadora e persistente, foi sendo construída aos poucos pela influência de professores, pela oportunidade de estudar em outras instituições, pelo o acesso a outros tipos de conhecimentos extra escola regular, e assim por diante. Outras demandas foram fomentadas nesse processo.

Paradoxalmente, elementos distantes e alheios à realidade próxima de Lavoisier, o fazem despertar o interesse pela Ciência, e sua imaginação passeia, literalmente, pelo espaço quando faz nascer sua paixão pela Astronomia:

Primeiro, porque assistia muitas séries... minha principal fonte de informação era a televisão. Assistia aquelas séries do Carl Segan, Cosmos. Achava a coisa mais esplendorosa do mundo. Tinha muita vontade de fazer Astronomia. Detalhe: eu não gostava de Física, e nem queria ir pro Rio de Janeiro, e no Brasil o único local que tinha curso de Astronomia e Astrofísica era na UFRJ. Então, pensava: eu? Sair da minha região? Não tenho coragem, Ai, vou analisar o quê que gosto mais. Não gosto de cursos de Humanas. Não gostava de História, Geografia, parte de Filosofia, mas não era a minha praia...ah, eu era bom, mas não como profissão. A minha praia era a parte de Ciências [duras]. Física já sabia que não queria. Matemática também não. Restava Biologia ou Química. Biologia era bom, mas não era bem o que eu queria...então, sobrou a Química, vamos para Química.

Esse momento de definição é muito tenso. Ele até sabia o queria, mas estava impossibilitado, como já justificou a acima. Então, trabalhou com as exclusões. É válido pensar sobre a ideia de escolha quando se tem um campo de possibilidades sempre marcado por restrições. Lavoisier é mais um dentre tantos outros jovens aos quais não é dada a possibilidade de escolher, mas são escolhidos pelo destino estreitado.

O jovem diz que, tomada a decisão, ele passou a estudar Química com mais dedicação no ensino médio. Conta que, devido à dificuldade de alguns colegas em acompanharem a disciplina, o conteúdo acabava sendo repassado de maneira muito lenta e não viam tudo o que

deveriam. Quando começou a gostar da disciplina e tentou o vestibular para área, ele conta algo interessante:

Nessa época tinha um ego um pouco elevado...meus colegas diziam que não me suportavam...e achava que eles eram meus amigos (risos). Mas tinha passado do complexo de inferioridade para um complexo de superioridade. Então, fui tentar o vestibular, e quebrei a cara. Na época, meu curso não era difícil de entrar, mas não sei como, não consigo explicar, quando tava transcrevendo a redação [do rascunho para folha de prova], eu dormi. Cochilei, e quando acordei, tinha riscado com a caneta na mão a folha toda [que deveria ser entregue].

Pergunto a Lavoisier porque acha que dormiu no meio da prova de redação do vestibular e ele responde:

[...] não dormi a noite na véspera da seleção. Tinha que pegar o ônibus às 5h da manhã. Não sei se empolgação, medo...Se tiver dormido foi uma ou duas horas...Pra minha sorte, a redação foi a primeira prova, logo pela manhã. Não sei explicar...acordei com a caneta na mão e tinha feito vários riscos na prova. Tive até que pedir pra ir no banheiro pra me acalmar.... lavar o rosto. Fiquei pensando: estraguei minha vida...aquela angústia. Mas...passou. Aprendi que tudo na vida acontece por um motivo e no seu devido tempo. Se tivesse passado naquela época, várias coisas que me aconteceram de bom, talvez não tivesse acontecido. Minhas primeiras experiências profissionais, a IC...sempre prefiro pensar dessa forma. É mais reconfortante.

A situação relatada acima, a princípio, flerta com o excesso de confiança. Entretanto vale registrar que, com o distanciamento temporal e o amadurecimento, Lavoisier tem a capacidade de autoanálise e autocrítica para perceber suas fragilidades e os processos de transformações em sua constituição, assim como os efeitos disso em sua conduta. Ele continua discorrendo sobre o episódio:

Então, meu mundo caiu...o que vou fazer da vida? Mas, já tô aqui vou continuar. Nessa história, minha redação não zerou, mas deu pontuação mínima e fiquei em décimo classificado. Não fui chamado, obviamente. Daí pensei: o que vou fazer da vida? Vou voltar para a roça? Não vou voltar para a roça. Foi aí que uma colega do curso de inglês (no Palácio de Línguas) que tinha feito a seleção pra Enfermagem e não tinha passado, disse que o curso de Medicina da UFC tinha um Projeto de Extensão chamado ENA.

Esse contato com novos colegas no curso de Inglês demonstra como essas interações para além da escola são importantes para vislumbrar novas possibilidades. Estar em contato com pessoas que têm outras perspectivas de vida suscita novos olhares sobre o caminho. Ele fez a prova de seleção do ENA, com medo "daquela" reprovação do vestibular. Foram, aproximadamente, 400 candidatos para 40 vagas, mas ele passou em 3º lugar e sua

autoconfiança voltou. Ficou um ano fazendo cursinho, porque o curso de Química tinha vestibular anual.

Essa preparação foi importante por tê-lo mantido ativo nesse período de estudo e trazido novos conhecimentos. Conta que aproveitou bastante e viu muita coisa que nunca tinha visto no ensino médio por falta de tempo, que a escola não oferecia. No ano seguinte, tentou o vestibular e passou em sétimo lugar, com boa pontuação. Começou o ensino superior no ano de 2008.

O seu encanto com a qualidade do ENA merece uma reflexão que precisaria ser melhor depurada, mas o presente trabalho não comporta os desdobramentos para tal análise. Vale destacar que os argumentos que Lavoisier apresenta levam sempre em consideração a valorização de uma educação propedêutica. O objetivo do cursinho é preparatório, mas seu descontentamento com a ineficiência da escola para os desafios que teve que enfrentar no pós-escola mostra apenas uma das muitas dificuldades que nossas instituições de ensino padecem, sejam públicas ou privadas. É preciso avaliar a qualidade da educação para além do número de aprovação e das classificações educacionais de cunho competitivo e mercadológico.

3.1.2.5 Sua primeira experiência no magistério - trabalho e estudo de mãos dadas

Em 2006, quando ainda estava no ensino médio, o jovem teve sua primeira experiência profissional. Foi substituir um primo que estava lecionando em uma escola na localidade de Bilheira (Taperuaba), que precisou ir para uma formação docente. Lavoisier conta que pensou muito, porque era muito tímido para isso, mas, considerou que se faria uma faculdade para Química acabaria sendo professor e resolveu encarar seus medos e aceitar a experiência. Ficou nervoso, mas conseguiu repassar o conteúdo nas aulas de Matemática em turmas de 6º ano. A experiência foi tão positiva que, nesse mesmo dia, recebeu sua primeira proposta de trabalho. A coordenadora da escola perguntou se ele queria assumir a disciplina de Matemática em duas turmas de 6º e 7º ano. Ainda estava no ensino médio, mas resolveu aceitar.

Foram apenas dois meses muito intensos. Pela manhã tinha o curso de Inglês, no Palácio de Línguas, em Sobral, e ia direto, sem almoçar, para o turno da tarde dar aulas. A noite, ele ia para escola. Foram dois meses bem corridos, mas ele conta que, em termos de formação profissional e pessoal, foi maravilhoso. Ano seguinte, em 2007, como não tinha conseguido passar no vestibular, não conseguiu continuar trabalhando na escola (uma das exigências para lecionar na rede municipal era pelo menos está cursando a licenciatura).

A partir daí, foi um ano complicado. Ficou dando aulas como professor substituto, uma vez ou outra, mas ficou estudando e, como ele diz, fazendo alguns "bicos" (trabalho esporádico) na roça para se manter e ajudar a família. Em 2008, passou no vestibular e voltou a trabalhar nessa mesma escola (Araújo Chaves, em Bilheira).

Ele conta que foi um ano bem interessante porque foi o primeiro ano de faculdade e também o primeiro ano trabalhando de fato, tendo um vínculo empregatício (contrato temporário), sua primeira experiência com salário, e que era tudo muito novo:

Me sentia rico (risos)...Porque, embora não fosse um salário grande, significativo, era meu primeiro salário. Já estava com 20 anos. Consegui recuperar algum tempo do ensino fundamental e médio, mas como reprovei um ano, acabei ficando 2 a 3 anos atrasados comparado a alguns dos meus colegas que entram no ensino superior. Mas não tinha problema, já tinha conseguido recuperar bastante tempo. E só o fato de estar ali, ser o primeiro da minha família, tanto do lado paterno, como do materno, a entrar no ensino superior, para mim era uma conquista. Era o primeiro da família, e isso era uma conquista maravilhosa. Em termos profissionais, também foi bastante gratificante. No primeiro ano, foi difícil conciliar trabalho e faculdade, tanto que minhas notas foram tristes nos primeiros semestres.

Conciliar trabalho e estudos é uma realidade não rara para aqueles que pertencem às camadas populares. É difícil o malabarismo para equilibrar dois compromissos que requerem tempo, energia e dedicação (OLIVEIRA, 2015). No primeiro semestre, o jovem diz ter sido aprovado apenas com notas sete. No ano seguinte, 2009, teve uma proposta de bolsa de Iniciação Científica. Lecionou até o meio do ano e, a partir daí, passou a se dedicar apenas à faculdade. Outra realidade se iniciou:

Conseguir uma bolsa para trabalhar no Laboratório de Química Orgânica, na área de produtos naturais... pra mim era um sonho! Sempre via o cientista com uma coisa extremamente...não era nem distante, era impossível. Achava aquela cena linda...via na TV e tal, mas não era algo para mim... Quando comecei me senti maravilhado. Com meu primeiro jaleco me sentia um doutor, andando pelos corredores da Universidade. **Se eu pudesse ir pra casa de jaleco**, eu iria. Porque **de certa forma era um status**...eu era um aluno de Iniciação Científica de uma Universidade Estadual, que tinha pouca oferta de bolsa, e eu tinha conseguido uma. Em termos de formação acadêmica era uma conquista. Minha orientadora Profa. Dra. Rose Maria Rosejane, era professora adjunta à época. Era bem rígida e acumulava os cargos de professora e coordenadora do Programa de Iniciação Científica. Como ela era muito rígida, tinha horas que tinha vontade de desistir, não pelo trabalho em si...Mas aí consegui aprender as técnicas de forma rápida e assumir um projeto, embora sob orientação dela, mas era meu projeto. Consegui aos poucos ir me adequando ao trabalho. Me sentia um Químico. Por conta do estresse, da carga horária, ela acabava brigando muito com os alunos de IC dela. Depois, as coisas se estabilizaram, ela deixou a coordenação e ficou só lecionando e pesquisando. Foram quatro anos e meio de faculdade, dos quais 3 anos e meio passei no IC, com bolsa do CNPq.

Sim, eis aqui um depoimento sem denegação, sem disfarces, ou falsa modéstia. Sim, o jovem não se envergonha de dizer do contentamento em obter algum status ao acessar elementos do universo acadêmico. Foi difícil demais para não comemorar das grandes às pequenas conquistas, assim mesmo nesta ordem. Às vezes, grandes conquistas são preparadas e previstas a tanto tempo, que não ofuscam o sabor da novidade das pequenas satisfações. Com tamanha autenticidade, Lavoisier expõe sua alegria em experimentar coisas tão simples, como o prazer de estar dentro de um laboratório, de poder manusear instrumentos de pesquisa, de poder usar um jaleco e saborear o que isso significa, como a inclusão nos espaços, o acesso aos equipamentos, aos signos sociais tão importantes para conferir reconhecimento, sentimento de pertencimento que dignifica a pessoa. Todo esse ambiente, esse aparato físico e simbólico foi capaz de impulsionar para prosseguir rumo a outros caminhos.

Lavoisier trabalhou na Iniciação Científica com um projeto de um estudo fitoquímico de plantas nativas do estado de transição entre Caatinga e um pouco de Zona da Mata da Serra da Meruoca, que fica do lado de Sobral. Um grupo de professores da Universidade trabalhavam com obtenção de produtos naturais puros e testavam esses produtos para verificar seu potencial anticâncer, anti-inflamatório e antimicrobiano. Era o que tinham acesso com o curso de mestrado de Farmacologia da UFC, com quem tinham parceria. Ele relata os detalhes:

Faziam essa parte, digamos, mais bruta do trabalho, que era a parte de coleta, identificação e obtenção de compostos, e eles faziam a parte de testes de atividade. Lembro que fiquei extremamente empolgado porque a planta que me foi fornecida deu um potencial muito grande para o tratamento de câncer de mama e de próstata. Nossa, vou fazer alguma coisa útil. No final, não consegui obter o produto que dava esse potencial por conta das dificuldades financeiras da Universidade (UVA) e a falta de equipamento. Finalizei o projeto, mas não com o objetivo que eu queria, que era descobrir isso. Mas, meu ensino superior como um todo foi muito bom. Nos quatro anos e meio, tive experiência acadêmica com pesquisa e extensão. Já tinha tido experiência com ensino, então me senti completo em termos de formação acadêmica, experimentei as três vertentes e pilares da universidade.

Em 2012, acabou a bolsa de Iniciação Científica do jovem, quando já era o último ano de faculdade. No mesmo período, estava sem trabalhar e inscreveu em uma seleção para substituir uma professora que entraria de licença maternidade (ele brinca dizendo que a história de sua vida são as licenças maternidades das professoras com quem se deparou), e foi aprovado. Por seis meses, no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras, onde fez, anteriormente, seu curso de Inglês, lecionou cursos de Física, Química e Biologia com duração de duas semanas, para alunos de escolas públicas de 6º ao 8º ano. A cada 15 dias, vinham novas turmas. Nesse período, foram seis meses escrevendo a monografia e realizando sua pesquisa nesta experiência

que era de licenciatura. O objetivo era realizar uma série de experimentos para despertar o interesse dos alunos, que sempre ficavam encantados. Eram experimentos simples, que até poderiam ser repetidos em casa, e eles ficavam maravilhados. Revela que se sentia um pouco na situação deles, e acrescenta:

[...] porque se na minha época, se tivesse visto alguma coisa daquele tipo, também me sentiria encantado. Era bem interessante para eles e para nós também, porque acabávamos ensinando e aprendendo, estávamos dentro do laboratório e aprendemos nessa convivência. Eram crianças bem divertidas, tínhamos monitores que ajudavam a gente. Então, decidi fazer um estudo de caso na minha monografia, com o título: "A visão dos alunos de X escolas municipais de Sobral acerca do ensino de Ciências". Minha monografia foi a percepção destes alunos sobre o ensino de Ciências nesta experiência no curso do Palácio. Foi muito bom.

Esse é um aspecto pedagogicamente eficaz que contribui sobremaneira para desenvolver aproximação entre as crianças e jovens mais pobres com o universo escolarizado e a ciência. Fomentar e proporcionar essas iniciativas e oportunidades de envolvimento científico oferece uma nova perspectiva às novas gerações, especialmente àqueles que não tem oportunidade por sua condição social de desprovido. Os cursos têm o objetivo de suscitar a curiosidade e o interesse nessas áreas científicas.

Terminado a faculdade, voltou novamente ao dilema “se poderia fazer mestrado e doutorado”. Na Iniciação Científica tinha o incentivo da sua orientadora para continuar, mas, ao mesmo tempo, os colegas diziam:

[...] ah, isso não dá não, Lavoisier. Nenhum aluno daqui passa em mestrado e doutorado não. Isso aí, só passa quem já é de lá da UFC, ou de onde o aluno for, que já tá da casa. *Tu vê* alguém passar? Era um sentimento negativista que tinha nesse ambiente. Mas pensei: ah, eu vou fazer. Estudei pra seleção e na época dei muita sorte porque abriram 30 vagas pra mestrado e passei em 17°. Fiquei muito feliz e praticamente não acreditei que ia fazer um mestrado. Já tinha sido o primeiro da minha família a entrar no ensino superior. Agora vou fazer o mestrado! Em termos de conquista foi maravilhoso...porque é algo que jamais tinha sonhado em fazer...eu de fato, ia virar cientista (risos).

A seleção foi composta por uma prova e a pela análise de currículo como critério de desempate. Passou em 17º lugar e pode receber bolsa logo, porque não tinha como se manter em Fortaleza, estudando na UFC, e conta:

Quem iria me ajudar? Minha mãe não tinha dinheiro. Tinha guardado um pouco de dinheiro, dos anos que tinha trabalhado na Iniciação Científica. Fiz milagre com 400 reais, que era o valor da bolsa, e consegui me manter ali nos 2 primeiros meses que foi quando saiu a primeira bolsa do mestrado. Foi tudo novo: universidade nova, um novo nível de dificuldade, aquele sentimento de ter que se superar novamente. Foram quase 2 anos incríveis.

É curioso observar o senso de previdência e a ideia de projeto de futuro que o jovem teve, mesmo em situação de tão poucos recursos, ou, exatamente por isso haja a consciência e a necessidade de sempre estar preparado para momentos de “vacas [ainda] mais magras” que o habitual. Guardar um pouco de dinheiro fruto de salários já tão baixos e bolsa de estudos é um olhar e uma postura de quem precisou viver a vida com muita precaução.

Lavoisier tinha um propósito: ser pesquisador. Ele gosta de enfatizar que continuou na mesma linha de pesquisa, porque gosta muito de Química de Produtos Naturais. O foco dessa vez foram plantas com uso medicinal. Como ele explica, seu projeto era o estudo Químico e Farmacológico com *plante cantos ornatos* que é o vulgo boldo. Também chamada de malva santa é uma planta muito utilizada não só na nossa região, mas em todo o Brasil, no tratamento de asma, bronquite, na forma de xarope e lambedores, ainda utilizado para gripe ou inflamações na garganta. Sua orientadora propôs que investigasse essa planta, inclusive, vinculado ao projeto Farmácia Viva, aprovado pelo governo federal, que tinha essa aplicação e explica:

Tinha que verificar se ela teria alguma toxicidade pra o organismo, e se tinha essa função. Mais uma vez, não consegui comprovar esse aspecto da eficácia, mas consegui provar que ela não é uma planta tóxica, se pode administrar sem medo; conseguir mostrar que, de certa forma, ela é anti-inflamatória. Mas não consegui tirar um produto que pudesse gerar um produto farmacêutico, um produto puro. Mas os resultados foram suficientes para defender a minha dissertação. Defendi com 19 meses e não necessitei dos 24 meses. Principalmente porque queria tentar a seleção de doutorado. Não queria esperar os 24 meses e depois mais 3 meses pra seleção (de doutorado).

O jovem diz que o período do mestrado não foi tão conturbado, que foi tranquilo, e pôde se preparar para seleção de doutorado, tirando um mês na íntegra só para estudar. Nessa época, a orientadora estava fazendo o pós-doutorado em San Diego (EUA), no *Scripps Institution of Oceanography*, onde trabalham na área de química de produtos naturais marinhos. Era uma vertente que seu grupo de pesquisa estava se engajando. Lavoisier conta que ela passou um ano nesse instituto e voltou super empolgada. Basicamente, ele ficou um ano sob a co-orientação das alunas de pós-doutorado de sua orientadora. Foi quando abriu a seleção de doutorado com quinze vagas, e mais uma vez, estudou bastante e passou.

Lavoisier conta da felicidade ao saber que a primeira etapa da seleção de doutorado valia 70% do processo e ele conseguiu uma nota que lhe garantiu o 6º lugar. Conta que foi uma correria. Já era dezembro, tinha um mês para finalizar o projeto, para escrever a dissertação, defender e preparar a aula. Sua orientadora ainda estava em San Diego e passavam horas conversando (em orientação) e definindo quais os rumos do projeto de doutorado, pelo Skype.

Ele optou por trabalhar com produtos naturais marinhos, que era uma vertente nova que queria conhecer e expandir mais seu horizonte.

Lavoisier diz que imaginou que sua entrada no doutorado seria bem complicada, por conta de uma experiência ruim que teve quando entrou no mestrado. Conforme conta, teve que fazer, dentre as disciplinas obrigatórias, a disciplina de seminário, coisa que nunca tinha feito na UVA. Numa turma com 30 pessoas cada um tinha que escolher dois artigos e preparar uma apresentação de 40 minutos. Sua inexperiência com essa atividade lhe deixou aflito:

Passei 3 anos e meio dentro de um laboratório e não tinha experiência com esse tipo de atividade. Pra completar, era sorteio e tirei a primeira data. Ou seja, sete dias depois do primeiro dia de aula, tinha que apresentar um seminário de um artigo, que não podia ser da minha linha de pesquisa, tinha que ser de uma outra linha, para 30 pessoas que não conhecia. Fiquei desesperado, embora não tivesse problema nenhum com o inglês, porque meu curso me deu um nível de leitura, escrita e interpretação, muito bom¹¹². O problema era organizar aquele seminário nos moldes da Universidade que não conhecia (UFC). E não tinha ninguém que apresentasse primeiro pra eu ter uma noção. Resultado: o seminário foi um fiasco. Foi triste. Mas foi uma experiência ruim, que me fortaleceu muito. Tanto que tive que repetir esse seminário pra não perder a cadeira. Os professores me chamaram e disseram todos os pontos que eu tinha falhado, e que por ter ficado muito nervoso, tinha esquecido algumas coisas por causa do nervosismo...listaram uma série de erros que tinha cometido e falaram que achavam que eu não era aquilo que tinha mostrado, e queriam me dar uma nova oportunidade. Marcaram uma nova data para apresentar o mesmo seminário. Vi o que precisava mudar e reapresentei. Eles elogiaram bastante e disseram que estavam vendo, de fato, um aluno de mestrado apresentar um seminário.

Em uma conversa de aproximadamente 3h, os professores compartilharam suas experiências vividas nas suas respectivas formações e o momento foi muito construtivo para ele. Avalia que esse momento lhe preparou, sobremaneira, a ponto de na defesa do projeto de doutorado com uma banca de quatro professores que não conhecia, chegou a alcançar nota 10, que lhe rendeu 2º lugar nessa etapa e, em termos gerais, o 6º lugar. Ficou muito feliz com a aprovação e sua orientadora mais ainda, quando voltou da Califórnia.

No período que fiz a entrevista (janeiro de 2017), ele estava no 5º semestre do doutorado em Química da Universidade Federal do Ceará, com conceito 5 na CAPES. Faz questão de dizer que sua orientadora é Otilia Deusdênia Loiola Pessoa, uma pesquisadora 1B do CNPq. Seu grupo publica uma média de 10 a 15 artigos por ano em revistas de impacto nacional e internacional e sua linha de pesquisa tem crescido muito, não só no Brasil, mas no mundo todo. Contudo, o jovem lamenta que o Brasil, “como sempre, está atrasado, mas a gente

¹¹² Lavoisier fez 09 semestres do curso de Inglês no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral.

tenta fazer o que pode com as limitações, não de conhecimento, mas de recurso financeiro e instrumental”. E detalha:

De conhecimento, a gente não deixa a desejar em relação aos grandes grupos. Falo isso, porque a gente vai congresso, convive com outras pessoas, outros grupos, com nossas parcerias na Itália, na Califórnia, no Arizona, e a gente sabe que faz o mesmo que eles fazem. Mas, nos faltam recursos. E, no meu projeto atual trabalho com química de naturais marinhos e continuo insistindo que vou conseguir a cura para o câncer. Trabalho tentando obter compostos com potencial farmacológico. A gente trabalha com um grupo de farmácia e NPDM (Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos) da UFC. Trabalhamos em constante parceria e temos tido resultados promissores. Trabalho com organismos marinhos, especificamente, algas, e a gente busca compostos com potencial anticâncer, mas não só...também com potencial antifúngico, anti-inflamatório e, quando possível, com doenças negligenciadas. É um breve resumo da minha vida acadêmica.

Lavoisier é um entusiasta da ciência, especialmente, voltada para descobertas grandiosas que beneficiam a humanidade. Entretanto há uma ponta de ressentimento na sua fala, sobre como as coisas poderiam ser melhor aproveitadas. Como veremos adiante.

3.1.2.6 A escola – as impressões e marcas, e a pretensão a docência

Lavoisier inicia apresentando uma ampla percepção sobre a função social da escola, incluindo sua experiência pessoal, e diz:

Minha visão hoje, é que a escola representa, pra quem vem de família pobre, de baixa escolaridade como a minha, basicamente a única oportunidade...única porta de acesso a um futuro com uma vida melhor. Na minha experiência pessoal tive vários momentos marcantes. Obviamente, que nem tudo são flores. Teve momentos ruins, principalmente na minha adolescência. Sofri bastante *bullying*, que hoje é moda, né? A ponto do meu pai querer me tirar da escola...me ameaçar dar uma surra e me tirar da escola. Se ele ouvisse alguém me chamar de apelido que ele ouvia lá dentro...e meu pai tinha o péssimo hábito de ficar me vigiando do portão da escola... Dizia que eu era saco de pancada na escola e ia pra apanhar de todo mundo. Então, ele (o pai) não convivia comigo...bebia, ia aprontar e ainda queria a atrasar minha vida. Superei esse aspecto (parece tentar se convencer disso), porque o que não mata fortalece (fica emocionado). E isso me fortaleceu bastante.

É curioso como o mesmo pai que abandonou a família, o lar e as suas obrigações elementares, e não ofereceu afeto, pelo o que o filho conta, de alguma maneira, bem radical, não queria que o filho fosse humilhado ou agredido. Lavoisier narra problemas com colegas que lhe infligiram mal-estar da ridicularização e do medo de sofrer agressão:

[...] evitava quando via nos corredores o grupo de pívetes. Sempre me aproximava dos maiores, geralmente aqueles valentões da sala. Fazia o trabalho deles, que eu não era besta (em troca de proteção). Era um mecanismo de defesa. Mas acho que isso não é relevante porque é uma experiência que todo mundo acaba sofrendo.

Será que realmente todo mundo acaba sofrendo *bullying*? Nem todos os sujeitos da pesquisa relataram esse tipo de episódio. Ou pelo menos, pode-se dizer que o nível de ofensas não foi tão impactante para os demais a ponto de não serem mencionadas.

Ainda sobre a escola pública, Lavoisier também vive e fala de sua experiência como professor e dos seus propósitos em prosseguir na educação pública:

Foi um momento muito bom da minha vida. Era muito jovem, imaturo...Lembro que era um professor que falava muito alto...e minha diretora, de vez em quando falava: Lavoisier, fale mais baixo porque você vai perder a voz. Hoje falo tão baixo, que tento lembrar que estou falando e aumentar o volume. Então, o ano de 2008 foi o ano que fui de fato professor e foi muito bom em termos profissionais. Decidi que é isso que quero. Embora não queira ser professor de ensino fundamental, mas quero ser professor...minha meta é ser professor universitário. Seja numa universidade federal, estadual ou instituto federal. Mas minha meta é essa. Não precisa ser agora. Ainda sou novo, ainda vou terminar meu doutorado próximo aos 30 anos. Posso trabalhar noutras coisas até lá. Mas minha meta em termos de carreira é lecionar no ensino superior. Essas são as principais pretensões.

O entusiasmo pelo magistério e sua vontade de acertar é apontado pelo jovem como uma decisão que foi se construindo aos poucos e, hoje, é um desejo e um propósito profissional.

3.1.2.7 Maiores dificuldades e o despertar para se inserir na vida acadêmica

A universidade vai surgindo, tímida e paulatinamente, como uma possibilidade por volta da 7ª série no ensino fundamental. Ele confessa que, até então, nem sabia como funcionava o ensino superior. À época, todos os seus professores eram jovens, entre 19, 20 e vinte poucos anos, recém ingressos no ensino superior ou tinham terminado sua graduação a pouco tempo. Estes estavam empolgados com a experiência acadêmica e acabavam trazendo algo para escola. Foi aí, com essas pessoas que Lavoisier conta ter tido a primeira noção do que era a universidade: “Incentivavam a gente, insistiam dizendo que era possível, que era viável”. O jovem, até então, achava que tinha que pagar a universidade, que só existia faculdade paga, e aponta uma série de fatores que considera terem sido obstáculos a serem superados para chegar ao mundo acadêmico:

Primeiro foi descobrir que o ensino superior existia e era público. Porque até então, tinha aquela visão americanizada das coisas. De tanto assistir a Globo, tinha essa visão de que a graduação era coisa de rico. Então, fui tentar superar as dificuldades de decidir o que queria. No início, era louco por Astronomia, ficava até altas horas olhando pro céu procurando constelações, mas não tinha a coragem pra sair do estado. Então, fui tentar elencar o que eu queria. Ah, quero um curso de Ciências, mas qual? Não quero Matemática, nem Física. Depois, foi reconhecer meus erros na reprovação (vestibular). O que fiz de errado? Onde foi que errei? Como a universidade divulgava as notas por área, tinha conseguido todas as notas nas provas, pra estar entre os primeiros. Mas minha redação foi nota mínima. Quase desistia no primeiro dia. Rasura é uma das regras de exclusão. E tinha rasurado.

A narrativa de Lavoisier sobre os impedimentos iniciais para galgar o ensino superior, abre muitas discussões. Começo por tratar do enfrentamento de um problema na macroestrutura brasileira que diz respeito a quebra do tabu de que a universidade não é para pobre, “não é para todo mundo”, como disse o ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez¹¹³: “[...] do ponto de vista da capacidade, não é para todos. Somente algumas pessoas que têm desejo de estudos superiores e que se habilitam para isso entram na universidade. O que não significa que eu não defenda a democracia na universidade”. Contraditória a fala do ex-ministro. Ainda na mesma fala, ele argumenta que deve-se investir na educação básica, apesar de nem sua gestão e nem a gestão do ministro lhe que sucede na pasta, no mesmo governo, apresentarem um projeto que proponha a inclusão de todos nem no nível básico e nem no nível superior de educação. E quem são as pessoas a quem ele se refere: “têm desejo de estudos superiores e que se habilitam para isso?” Como é fomentado esse desejo e quem pode se habilitar para isso? Este é um governo muito “inovador”, não só não está fazendo avançar as conquistas, como está encaminhando um profundo retrocesso do que foi conquistado.

Em segundo lugar, o jovem trata de um dos dilemas recorrentes para os egressos da escola básica: o que quero? O que gosto? Qual curso fazer? No entanto, estas perguntas tão abertas assim não são escolhas possíveis para todos. Como Lavoisier diz, depois de constatar a impossibilidade de seu primeiro desejo e escolha (Astronomia na UFRJ), ele começou a avaliar por exclusão os cursos possíveis. Terceiro ponto, ele fala do seu despreparo para realização do vestibular e como percebeu esse momento de “erro” como forma de aprendizagem, demonstrando maturidade e leveza para lidar com os obstáculos do caminho e retomar a estrada.

¹¹³ <https://twitter.com/ricardovelez/30> de janeiro de 2019. In: <https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/universidade-nao-e-para-todos-mas-somente-para-algumas-pessoas-diz-ministro-da-educacao/>.

3.1.2.8 Como migrou do complexo de inferioridade para o excesso de autoconfiança

Lavoisier lembra que houve um período na escola que costumavam mostrar, em um mural, os três melhores alunos de cada sala, em termos de nota. Foi no seu período entre a 7ª série e o 3º ano do ensino médio. A primeira vez que fizeram isso o jovem teve uma surpresa, “cheguei na escola e tinha um cartaz enorme com meu nome, dizendo: ‘Parabéns, Lavoisier por ter conseguido nota máxima em todas disciplinas no primeiro semestre’”.

Como um gesto simples de reconhecimento é importante e motivador. O jovem conta que, com isso, sentia-se estimulado a sempre tirar notas máximas. Confessa que sempre achou o ensino fundamental e médio muito fáceis, e explica:

[...] estudava pouco e tinha notas máximas, então, era normal. Mas, por divulgar, e me colocar na frente de todo mundo da escola, me reconhecer, foi incrível. Ainda continuava aquela questão do *bullying*, mas tinha de certa forma o respeito dos professores, do núcleo gestor e dos outros colegas também. Então, acabei ficando com o ego um pouco inflado, acabei desenvolvendo isso...não sei como explicar... E acabou gerando rivalidades...boas para ver quem vai tirar notas máximas. Geralmente esses rivais eram meus amigos, porque ficava perto dos tinham o mesmo interesse. Não tava perto dos baderneiros, mas dos *nerdinhos*. Vim dessa inferioridade de me achar o matutinho que veio lá da Boa Vista, como se ficasse muito distante do distrito (risos), e como se o distrito também fosse alguma coisa “muito” significativa (risos). Mas naquela época aquilo era o meu mundo (no sentido de muito superior, desenvolvido). Então, era como se você saísse do Brasil para os EUA, em termos de comparação na mente da criança.

Na fala acima, vemos uma série de elementos interessantes que dialogam nos relatos que Lavoisier faz sobre suas primeiras interações sociais que acontecem, primordialmente, na escola, desde como a ideia de rural e “não-rural”¹¹⁴ impactavam sua percepção de mundo na infância. Esta instituição, por sua vez, lhe apresenta algumas facetas da sua personalidade que hora se retraía e, às vezes, se enchia de confiança. Também é possível pensar nas insuficiências da escola que pode exigir muito, para alguns, enquanto para outros, deixa a desejar.

Cito primeiro, como a percepção de espaço, de localização, de pertencimento, de deslocamento era permeada pela questão político cultural. A ideia de centro e periferia era relativa àquele pequeno círculo espacial e cultural, também balizado na estrutura local de poder. A localização geográfica era a mesma, mas as relações sociais na sede do distrito que

¹¹⁴ Não-rural não significa que estamos falando de urbano. À época, a sede do distrito de Taperuaba era uma comunidade com um pequeno centro comercial e com alguns poucos equipamentos: escolas, posto de saúde, igrejas, e algumas pequenas fábricas de bordado. Por isso, cunho esse termo neste momento para dizer que Taperuaba não se trata de uma realidade rural propriamente, assim como os são os povoados menores e mais isolados do centro comercial da comunidade, de onde provém Lavoisier, por exemplo. É isso que ele procura revelar na fala sobre seu estranhamento na saída de Boa Vista para Taperuaba.

aglomerava mais habitantes e contava com a presença de instituições sociais mais abrangentes, tais como: escolas, igrejas e pequenas empresas de confecção de bordados, por exemplo, pareciam ter um peso maior que a zona rural onde o jovem vivia. Possivelmente, as crianças que lá vivem hoje não tenham mais essa ideia de distanciamento, como Lavoisier tinha, considerando uma pequena acessibilidade de transporte e trânsito de percepções de mundo, também dados pelos meios de comunicação que se tem acesso agora.

Cito, em segundo, o dilema das escolas públicas que têm que lidar com públicos tão diversos tendo que gerenciar os níveis de ensino que devem ser oferecidos. O ideal educacional é que fosse o mais personalizado possível, considerando as particularidades de cada um, como defende Gardner (2009). Porém, quais os meios disponíveis de personalizar isso na rede pública, e, até, na rede privada? Qual o interesse em atender as individualidades na formação das pessoas, se a tendência é a massificação das formações escolares e a uniformização da constituição dos sujeitos, porque é mais fácil de conduzir politicamente? Então, para Lavoisier o nível fácil de ensino tendia a deixá-lo acomodado no processo de aprendizagem. Por isso, ele se ressentia de ter necessitado de desafios que não foram ofertados para ter avançado mais, e ainda, como o tratamento de superestima de si o deixou desabilitado para os obstáculos que surgiram no pós-escola.

Lavoisier conta, com certo orgulho, que foi o primeiro de Taparuaba a participar do ENA e que depois de sua entrada ele foi indicando o projeto para outros. Passou o ano completo de 2007 neste cursinho, porque o curso de Química tinha vestibular anual. No ano seguinte, fez a seleção do ENA novamente e, dessa vez, passou em primeiro lugar porque já vinha no mesmo ritmo. Na mesma semana saiu o resultado do vestibular para Química e foi aprovado. Ele conta: “como tinha sido reprovado no vestibular uma vez, dessa vez nem fiz festa, nem nada. Passei, fiz só minha obrigação”. Como conhecia uma parte dos professores do ENA, conseguiu transferir sua vaga no cursinho para seu primo João e cederam o material e tudo.

Ele é muito grato e encantado com o cursinho que era uma atividade extra para complementação de carga horária dos estudantes da medicina e a universidade cedeu uma sala no noturno e o material básico. Lavoisier explica:

A maioria deles... “filhinhos de papai” de classe média a alta, alunos das melhores escolas particulares da capital e de Sobral. Eles tinham contatos dentro dessas escolas. Conseguiram apoio financeiro do Colégio Farias Brito, que é uma rede de escolas que cedia farda e apostilas, e os acadêmicos entravam com o trabalho. Eram 20 professores. E em contrapartida, a escola ganhava a divulgação porque estavam com a pretensão de vir montar uma escola na cidade. E, também, os aprovados no ENA caíam na estatística deles. Usavam as nossas aprovações em vestibulares futuros em suas estatísticas. Esse era o ganho deles, os alunos de medicina ganhavam os créditos nas

atividades complementares e a gente ganhava a oportunidade de ter uma experiência em cursinho. Todos os meus colegas ali, ninguém tinha condição de pagar. A escola ganhava divulgação. Lembra que falei que me sentia decepcionado com a escola (pública), porque poderia ter me ofertado mais? Porque foi lá que conheci como é um ritmo de verdade de estudo. De ter 5 disciplinas num dia e ao final de uma semana ter tido 20 ou mais aulas... ter que acompanhar os módulos. No ensino fundamental e médio, por achar tudo muito fácil, eu não estudava em casa. As quatro horas na escola eram suficientes pra assimilar aqueles conteúdos. E achava que aquilo era tudo. De certa forma...hoje em dia nem tanto, mas na época, sem acesso a informática, sem acesso a nada, acreditava que tudo o que os professores falavam se resumia aquilo, não tinha mais nada além daquilo. Era um mundo muito fechado. Olhava o mundo pelo buraco da fechadura. Não enxergava a totalidade. O ENA foi essa primeira etapa de abrir...e ver. Não, tem muito mais coisa. Aí, começou a frustração porque a escola não ofertava tudo. E também sabia que, enquanto tinha 2, 3 colegas que conseguiam acompanhar o ritmo, tinham 20, 30, que não conseguiam.

As insuficiências do ensino público para enfrentar os desafios da sociedade que incluem dar oportunidades para aqueles que estão preparados para os processos seletivos, tanto no prosseguimento dos estudos superiores, como para os concursos e seleções de empregos, não podem ser ignorados. Além de Lavoisier, outros interlocutores da pesquisa expõem suas insatisfações. Essa é uma discussão importante que não tenho como desdobrar neste momento, mas não posso deixar de registrar.

3.1.2.9 Estratégia de Lavoisier para alcançar seus objetivos - empenho e oportunidades

Sobre qual foi sua estratégia pessoal para chegar no ensino superior, Lavoisier diz não saber porque “mereceu”. Enfatiza que não conseguia entender a dificuldade de aprendizagem que seus colegas tinham, já que ao ver até mesmo no ENA, assimilava as coisas com facilidade muito grande e muito rápido. Ele afirma também que, de certa forma, à época, não compreendia a dificuldade dos colegas, pois, para ele aprender era uma consequência. O jovem diz que o vestibular era uma prova com 20 questões de cada disciplina específica que tinha passado o ano estudando mais a fundo, e diz:

Posso dizer que foi merecimento? Posso porque estudei. Teve uma boa parte do meu merecimento, me esforcei, fiz por onde e tive uma oportunidade que me ajudou. Acho que é isso, porque tá certo entrar no ensino superior é uma peneira. Mas tive uma oportunidade a mais, que dezenas e milhares de pessoas não tiveram (refere-se ao ENA).

O jovem lembra da primeira frase que o Prof. Murilo Sérgio, à época coordenador do curso de Química, proferiu na recepção de sua turma como calouros. Conta que o auditório estava cheio e uma menina teve uma crise de espirro e o coordenador palestrando se irritou com aquilo e disse: “Primeiro dia na faculdade, vocês estão achando que isso aqui é brincadeira? Isso aqui não é uma peneira, isso aqui é um funil do gargalo bem apertado. Feliz se sair 3 ou 4 daqui e se formarem”. Lavoisier diz que isso é fato, da sua turma só se formaram dois, ele e mais um, e que até aquela data tinham colegas que ainda estavam lá. Do total dos que entraram no mesmo vestibular que ele, só nove se formaram. Desses nove, ele está no doutorado, tem outro doutorando e dois fizeram mestrado. Os demais colegas que se formaram, assim que saíram, foram trabalhar ou fazer algum outro curso. Lavoisier conta como as palavras do Prof. Murilo acompanharam a turma até o final: “isso não é uma peneira, isso é um funil do gargalo bem apertado”. Ele conta que logo no 1º semestre sua turma caiu de 30 para 18 alunos, e que no 2º, caiu para dez, até que ficaram num grupo de 7, 8, 7,8, até o final.

Pergunto o que ele acha disso. Na sua percepção, muita gente entrou porque queria passar no vestibular, sem nem saber o que é Química, e diz: “assim como eu também não sabia (risos)”. Conforme o rapaz, as pessoas querem dizer que foram aprovados, e completa: “aí, logo de cara, se deparam com disciplinas que são num nível muito mais elevado para quem vem de um ensino público, porque lá todo mundo veio de ensino público, todos os meus colegas. Porque Química não é um curso de elite”.

As pessoas têm necessidade de aprovação, no sentido literal. Não é apenas ser aprovado num processo seletivo, mas, é também provar que podem ser incluídos, que são capazes, que podem fazer parte de círculos sociais de prestígio como é o espaço da universidade. Contudo paga-se um preço, ou a inadaptação ao curso, por falta de identificação com a área de estudos, ou a frustração de que essa seja apenas mais uma tentativa inacabada de inclusão. Lavoisier continua sua análise sobre os pretendentes à universidade conforme o pertencimento de classe:

Filho de rico não vai fazer Química. Fazer pra quê? Essa era, e é a realidade, pelo menos no Ceará. Pode ser que em algumas universidades maiores com cursos tradicionais, como a UFRJ, não seja tanto. Mas aqui é. Geralmente, as classes mais baixas são as que vão pra esses cursos: Química, Física, Matemática... E, muita gente no 1º semestre vê que não é aquilo que queria e desiste. E têm os que não conseguem se adequar ao ritmo das disciplinas, dos conteúdos, e vão sendo reprovados. Na minha turma, quem foi ficando acabou se agrupando, se formaram apenas dois, porque só esses conseguiram acompanhar o ritmo das disciplinas até o final. Me orgulho de dizer que não conheci reprovação, nem AF na faculdade. Tirando o 1º semestre, porque tava dando mais papo ao trabalho do que a faculdade, e por isso passei me arrastando com nota 7, todos os outros semestres tive notas entre 8 e 9, 9,5 e

10. Neste 1º semestre não estudava direito. Tinham 4 disciplinas mais pesadas, me dedicava a que considerava mais difícil, em detrimento das outras, por causa do trabalho. Final de semestre foi um susto com as notas.

Pergunto a Lavoisier como teria sido se tivesse cursado toda a graduação trabalhando e estudando. Ele responde sem titubear que não teria ido para mestrado e doutorado porque, provavelmente, teria feito uma faculdade com muita deficiência e acabaria se acomodando. A partir daí usa uma metáfora para explicar aos colegas como vislumbrava sua empreitada:

Sempre gostei de hierarquia. Pra mim, o professor doutor é o céu e os alunos os reles plebeus ali (risos). Sempre tive respeito por hierarquia. Ele tá ali porque teve uma formação, passou por alguma seleção que faz com que ele esteja apto a isso. É até estranho pra você que é de um curso de Ciências Humanas, Sociologia... deve achar estranho alguém dizer que acha bonita a hierarquia (se reporta a mim, pesquisadora). Mas eu achava. Pra quem é de um curso de Química, como eu e meus colegas, aquela ideia de um poleiro com vários pombos, é a coisa mais perfeita que tem (risos). Porque, não sei, mas aquilo representava a realidade pra gente. Não sei nos outros cursos. Então, a gente queria ser aquele pombo de cima.

A metáfora trazida pelo jovem, sobre os pombos irregularmente dispostos em poleiros, disputando os lugares mais altos, me remete à luta no interior dos campos, em Bourdieu, mais especificamente, o campo científico, sobre como os pares concorrenciais se organizam e disputam os lugares mais prestigiados (BOURDIEU, 1983). Lavoisier reforça seu raciocínio sobre as disputas e conquistas de espaço acadêmico, baseado na sua saída da graduação para tentar o mestrado, por ter sido uma mudança drástica. Ele explica o porquê:

Todo mundo dizia que não era possível, com exceção da minha orientadora, que dizia sim, se estudasse. Todo o restante dizia que não era comum alguém sair da universidade e conseguir. Logo a UVA, uma universidade que é conceito 3 na CAPES, que recebe verbas do governo estadual, que acaba sendo sucateada com o tempo e a falta de recursos? E você vai fazer mestrado e doutorado noutra universidade? À época era impossível. Hoje em dia tenho colegas que estão fazendo doutorado na USP/SP, na USP/São Carlos... Tenho um colega do laboratório que foi um IC que ajudei que tá fazendo doutorado em Bioquímica na UFRJ. Eu era o bolsista de IC mais velho do laboratório. Então, os três professores doutores que faziam pesquisa lá confiavam em mim. Se eles estavam ausentes, eu resolvia os problemas de lá. E eu era apenas um IC, não tinha autoridade pra resolver isso, mas eles confiavam que eu coorientasse os IC's mais novos e na dúvida que eles tinham, todos me procuravam pela experiência de estar ali.

O que se percebe é que a UVA é um espaço de possibilidades, mesmo com todos os problemas de uma universidade estadual do interior de um estado do Nordeste. Mesmo tendo que passar pelo “funil do gargalo estreito”, para aqueles que permanecem e se dedicam é possível conseguir dar prosseguimento. O jovem também avalia o quão importante é a Iniciação

Científica do curso de Química da UVA e lembra as contribuições dadas: primeiro, é de fornecer as noções iniciais do que é a vida acadêmica de um pesquisador, “você sai da imagem daquele doido de jaleco com cabelo 'assanhado' no laboratório, mexendo os tubos de ensaios coloridos, pra uma pesquisa de verdade”. Lavoisier avalia que mesmo sendo pesquisas de base – porque não eram pesquisas de ponta, que fosse mudar o mundo – era uma formação inicial para pesquisa:

Alguém tinha que fazer e tinha finalidade. A gente saía do abstrato pro concreto, na iniciação mesmo...aquilo saiu da TV, que você só via em filmes e passa estar na sua realidade. Aquilo se tornou a minha vida...se tornou algo palpável. Não era mais, nem um sonho, nem uma obra de ficção, se tornou uma realidade. E foi isso que me fez crer que era possível continuar.

Realmente, até então, não era comum os egressos do curso de Química da UVA prosseguirem para pós-graduação *stricto sensu*. Em 10 anos de curso, em 2013, à época da saída de Lavoisier para o mestrado, antes dele apenas dois tinham obtido aprovação. Dessa forma, de sua época, ele foi o primeiro a conseguir ingressar no mestrado. Nos dois anos seguintes, quatro dos seus colegas do IC conseguiram passar para o mestrado. Em resumo, todos da sua época de laboratório passaram para mestrado.

Em 2020, o curso tem 18 anos, o jovem fala orgulhoso de ter sido o 3º aluno de Química da UVA a passar no mestrado, e brinca que: “depois que passei abri as portas para os demais (risos), mas eles não acreditam (risos), dizem que foi falta de emprego¹¹⁵ que forçou o pessoal a fazer a seleção. Mas digo que fui eu (risos)”.

Lavoisier ainda tem contato com alguns professores da UVA. Um deles, o Prof. Murilo, exatamente o da famosa frase do “funil do gargalo apertado”, que está fazendo Gastronomia na UFC. O jovem diz sempre encontrá-lo nos corredores e que ele diz: “‘Rapaz...tô ficando velho, tô fazendo Gastronomia’. Diz que vai se aposentar e vai colocar um restaurante em Sobral”. Também tem contato com professor que lhe indicou para IC para sua orientadora, porque Lavoisier ainda estava na graduação e este professor era doutorando. Ele conta da relação deles compartilhando a experiência da pesquisa:

De vez em quando, ele me pedia ajuda, porque ele era mestre numa área voltada para Química de materiais e está fazendo doutorado na área de Biotecnologia. Então, muito da pesquisa dele era voltada pra minha linha de pesquisa. Minha orientadora de IC brincava dizendo que na UVA era o contrário de todas as outras universidades, porque eram os IC's que ajudavam os mestrandos e doutorandos. Como não tinha programa de mestrado e doutorado lá, quem queria fazer alguma pesquisa naquela área que queria usar

¹¹⁵ Essas afirmações, baseadas em suposições, são muito rasteiras e subestimam a capacidade dos estudantes menos favorecidos de aspirarem outras perspectivas de vida. Falta de emprego não é um fenômeno recente, para afirmar que essa é a única motivação para tentar ingressar na pós-graduação.

o laboratório, geralmente não tinha a menor noção da parte experimental. E a gente acabava ajudando. Tanto que essa história acabou me rendendo dois artigos ainda... quase uma patente, mas me deixaram de fora da patente...mas tá bom (voz com tom de desapontamento e conformação). Nas teses de mestrado de ambos, colocaram meu nome nos artigos, reconhecendo que tive contribuição. E que bom. Quando os artigos saíram eu já estava no mestrado.

Lavoisier conta com satisfação sobre seus artigos científicos publicados. Um foi publicado numa revista B1 Chamada *Bayer Chemist and Baye Diversity*; seu segundo artigo foi numa revista brasileira do IFCE, do ensino de Química, resultado de um trabalho de uma disciplina do mestrado; seu terceiro artigo foi na revista brasileira *Journal of the Brazilian Chemical Society (JBCS)*; e disse esperar, à época (2017), a publicação de um artigo num jornal britânico chamado *European Journal of Pharmacology*. Conforme explica, em termos de publicação, essa seria sua melhor revista (na avaliação de sua área). Além desses ele aguarda mais uns artigos ainda no ano de 2017.

3.1.2.10 As maiores motivações que impulsionaram o jovem

Lavoisier não titubeia ao dizer que a “questão da satisfação pessoal, do ego”, foi uma das motivações para galgar o ensino superior, e que considera isso uma coisa importante, mas, de imediato completa:

[...] meu pai. Sempre quis ser o oposto do meu pai em tudo na vida. Tudo que pudesse ser oposto a ele, eu seria. E, lembro que meu avô, uma vez, teve um princípio de discussão com ele porque ele disse pra meu avô, a seguinte frase: “O que aquele abestado do Lavoisier quer? Vai nadar, nadar, e morrer na praia. Ainda vai acabar comigo aqui pescando e plantando. Pensa que vai ser alguma coisa na vida?”. E meu avô brigou com ele, ficou indignado e retrucando que 'besta era ele que não sabia o que tava falando'. Sempre quis provar que seria melhor que ele em tudo. Inicialmente era isso. Não queria a vida dos meus pais. A gente não tem que querer ter a vida deles. A gente tem que ser o que quiser. Queria algo melhor. Não queria aquela vida de roça. Que nem o professor, uma vez, na faculdade, falou que ele trabalhou na roça até os 19 anos (esse que falei que fez doutorado na UFC e de vez em quando vinha me pedir ajuda nas coisas experimentais). A partir dessa idade não queria mais aquilo da vida. Era paraibano e foi pra João Pessoa do nada, sem conhecer nada e resolveu ir pra estudar. Conseguiu fazer a faculdade, passou num concurso público...Via assim também. Queria fazer faculdade, tentar um concurso...um emprego que não fosse aquele.

A ferida aberta entre pai e filho arrebenta em alguns momentos de sua narrativa. Tudo ainda parece muito dolorido na fala do jovem que tenta dizer que já passou, mas volta e meia, a referência ao pai retorna. A pobreza afeta as pessoas de muitas formas. A ignorância no

sentido estrito da palavra pode trazer marcas nas relações entre as pessoas. Talvez, seja difícil para o pai, que abandonou a família e os filhos ainda na infância, ver seu primogênito alcançar "sucesso", mesmo com sua ausência no seio familiar. Talvez, o filho que prosperou evidencie o "fracasso" escolar e profissional do pai.

Pergunto qual a razão que mais afastava a ideia de não querer a vida assim, e ele responde: o retorno financeiro. Argumenta que, além de ser uma vida sofrida, não se tem um retorno financeiro trabalhando na agricultura de subsistência, e enfatiza: “E falo pra minha mãe e pra minha namorada: Eu não nasci pra sobreviver. Eu não me contento em sobreviver. Eu nasci pra viver. Não consigo ter essa visão conformista”.

3.1.2.11 Desafios e agentes motivadores - Iniciação Científica do CNPq

Lavoisier aponta a bolsa de Iniciação Científica do CNPq como principal motivação para prosseguir nos estudos, especialmente com o pré-requisito de não reprovar, se não perderia a bolsa. Esse foi um importante estímulo e o fez decidir se dedicar exclusivamente aos estudos no período da faculdade:

Queria só estudar e tinha que manter aquela bolsa. Assim, o incentivador era a bolsa. Por mais que fosse pouca, era 320 reais, mas dava pra me alimentar dentro da cidade (não havia RU à época), morava com parentes, uma prima do meu pai me acolheu lá, e não gastava com aluguel. Então, era só pra me manter. E a minha orientadora, era terrorista...no início, sempre dizia: “toda disciplina que você entrar tem que ser o melhor, é aluno de IC, com bolsa no CNPq que só tem 15 na universidade. Você tá na elite dos 15”. Ela pressionava tanto que no meu 5º período ela me chamou e disse: “Lavoisier, você vai fazer Orgânica 2º semestre que vem, né?” E eu disse, “vou professora”. Ela disse: “você sabe que aluno meu tem que dar exemplo, tem que passar com as melhores notas e ser o primeiro da turma, né?”. Nas minhas férias, no recesso, tive pesadelo com essa mulher brigando comigo. Acordava de madrugada gritando: 'tá bom' (risos)... me senti pressionado. Esse foi o ano da guinada da minha vida acadêmica, porque ela me pressionava tanto, que durante uma ou duas oportunidades ela me fez chorar...me fez ir às lágrimas.

O jovem conta que a referida professora acumulava funções. Além de lecionar, ela era pesquisadora e coordenadora de Iniciação Científica. Como ele tinha acabado de iniciar a IC, muito novo, sem experiência, acredita que um professor do curso tenha falado mal dele, porque, segundo conta, a professora já começou assim, muito ríspida com ele, disse quais eram as regras e que se quisesse, era daquela maneira. Ele respondeu que se adequaria às regras.

Conta que esta professora marcou uma reunião às 14h e que a universidade não tinha refeitório. Ele precisou ficar no laboratório até às 12h, ir ao centro da cidade, almoçar no Restaurante Popular¹¹⁶ e voltar. Nesse dia, não conseguiu chegar às 14h, mas chegou às 14:10h. Chegando lá só recebeu o recado dos colegas: “olha, a professora passou aí, colocou a mão nos equipamentos pra ver se estavam quentes, saiu e disse que quando você chegasse fosse falar com ela”. Relembra:

Quando cheguei...toda baixinha é braba, né? Ela levantou, trancou a porta e disse... “Lavoisier Ávila, eu tenho cara de otária? Eu marquei com você às 14h, passei no laboratório, tudo frio, nem os equipamentos ligou. Você pensa que sou o que?” Ela me deu um sermão. E eu muito machão, só com o dedinho em pé...quando a senhora acabar me avise. Quando ela acabou, também disse um monte pra ela. Ela disse: pois tá bom, pois a partir de hoje vamos recomeçar nossa relação. Vai ser assim, você tá dizendo que é assim, então tá. A partir daí, a gente não teve mais nem um problema (o que será que ele disse pra que ela mudasse tão drasticamente a postura?). Tanto que até hoje sou aluno predileto dela, na IC e tudo mais, quando ela me vê... De vez em quando ela me perturba pra eu terminar de escrever uns artigos atrasados com ela. Ela me ajudou a crescer, ainda era muito imaturo...criei um certo moral (prestígio) acadêmico, mudei a postura, e nossa relação se tornou perfeita. Me tornei, até de certa forma, muito defensivo com ela...porque quando ela já vinha...já tava preparado, já tinha os contra-argumentos. E foi nessa época, que comecei a parar de me preocupar. Era muito preocupado com tudo...tem que dar certo porque senão, o que que vou fazer? Depois desse ano apanhando com ela, entrei na linha, aprendi que, não adianta se estressar. Então, passei a fazer tudo que estava ao meu alcance, e o resto, entregava pra Deus, ia ser o que fosse...e foi. O tal professor que falei, que deve ter falado mal de mim, tive a confirmação nesse mesmo semestre. Estava nos corredores, ia saindo quase 12:30h pra almoçar, e ele passou por mim e disse: “*Taí* dentro do laboratório trabalhando, Lavoisier?” Disse: é, professor, estava terminando umas coisas. Ele emendou: Você foi um aluno que me surpreendeu dentro da universidade...

O jovem suspeitava que o tal professor deu má referência dele para a coordenadora do IC, pelo fato de quase ter reprovado e que “passou se arrastando” na disciplina no 1º semestre, quando ainda estava conciliando estudo e trabalho. Essa deve ter sido a razão da desconfiança e má avaliação com prognóstico negativo. Isso demonstra que a avaliação de aprendizagem precisa ser mais cautelosa e contínua. O jovem acrescenta: “Tanto que na outra disciplina dele (o professor) passei com nota máxima que pra ele aprender (risos).” Este episódio mostra como é complicado subestimar a capacidade das pessoas pautada pela primeira impressão. Quanto a

¹¹⁶ O Restaurante Popular foi inaugurado em maio de 2005 pela Prefeitura Municipal e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS), foi o primeiro a ser construído na Região Norte do Ceará. Os Restaurantes Populares têm como meta levar alimentação de qualidade à população com baixo custo. O equipamento é contemplado com produtos oriundos da agricultura familiar, através do PAA – Programa de Aquisição de Alimentos, na modalidade Compra Direta da Agricultura Familiar, instituído pelo Governo Federal. <http://stdde.sobral.ce.gov.br/restaurante-popular>

relação com a professora coordenadora do IC, Lavoisier narra uma relação inicial bem difícil, mas que foi suplantada quando o jovem, com respeito, não se deixou dominar e se posicionou, argumentou, exerceu sua autodefesa, demonstrou potencial de enfrentamento e "gerenciou impressões", no sentido *goffmaniano* (2014), de fazer esforços concentrados que, do seu ponto de vista, lhe favorecesse, como numa performance.

3.1.2.12 As mulheres que lhe deram suporte

Na graduação, sua maior incentivadora para prosseguir para pós-graduação foi sua orientadora da Iniciação Científica, e diz: “quando eu falava da pesquisa, os olhos dela brilhavam, e acabava me motivando”. No mestrado, ele passou a ser orientado pela orientadora de doutorado da sua orientadora da graduação, que já conhecia parte do grupo e o laboratório dela. Ele diz que, basicamente, “saí da mãe pra avó científica”, uma professora também muito competente, que ele já conhecia de congressos nacionais, tinha fama de mãezona e era mais tranquila.

Dessa maneira, Lavoisier sempre esteve rodeado de profissionais mulheres. No TCC, sua orientadora de monografia, à época, estava ausente porque saiu pra o pós-doc. Então, sua orientadora de monografia foi uma orientanda de IC e do mestrado da Profa. Otília. Ele diz orgulhoso: “fiquei sempre na mesma família, e só mulheres. Sempre dizia, não quero macho mandando em mim. Só aceito ordens de mulheres (risos)”.

De fato, toda a trajetória de vida de Lavoisier é marcada pela presença onipresente de mulheres. Seu pai se ausentou muito cedo, e, à exceção de seu avô que é uma de suas grandes referências de vida, as demais personagens são sempre mulheres: sua mãe, sua avó, suas chefias imediatas – na escola em que trabalhou era gerida por uma diretora e com apoio pedagógico de uma coordenadora – e todas as suas orientadoras na vida acadêmica. Atualmente, é pai de uma menina de 2 anos. Ele respeitosamente menciona isso com satisfação.

3.1.2.13 Taparuaba – Sobral – Fortaleza: as andanças, a escassez e as superações

Sua odisséia Taparuaba/Sobral teve um início muito complicado. Ele conta que saia de casa pela manhã, passava o dia todo na universidade, e se alimentava mal porque não tinha restaurante universitário. E diz:

Passava o dia com o caldo da dona Alice, às vezes, até mais de 23h, porque as disciplinas eram à noite. O primeiro semestre foi essa correria, esse desespero. Chegava em casa quase meia noite, jantava, às vezes, almoçava e jantava, pra acordar no outro dia, pegar o ônibus às 5h da manhã e voltar a Sobral pra fazer tudo de novo. Depois fui morar em Sobral com uma tia. Passava o dia na universidade, voltava pra dormir

Em Fortaleza, Lavoisier inicialmente foi compartilhar moradia com duas pessoas. Ele diz ter sido complicado porque era um espaço pequeno e, de certa forma, sentia que incomodava, já que a falta de privacidade afetava a todos. Passava o dia na universidade e a noite ia dormir. Não havia sensação alguma de comodidade. Já tinha decidido que só ficaria lá até terminar o primeiro semestre, que precisava para se estabilizar, quando cursou 75% dos créditos do mestrado. Pegou muitas disciplinas e por isso não tinha tempo de sair procurando conhecer outras pessoas ou outro ambiente para morar.

Apesar do jovem ter planejado procurar outro lugar para ficar logo quando terminasse esse primeiro semestre, ele teve uma surpresa desagradável. Conta que ficou chateado porque era em junho e os colegas de moradia lhe chamaram para conversar e disseram: “não dá mais pra você ficar aqui, porque não tem privacidade pra ti, não tem espaço pra gente...e, às vezes, nossos parentes não tem onde ficar aqui”.

Esse aviso no final de junho, com o semestre acabando no final de agosto, com 50 dias do semestre ainda, deixou o jovem sem saber o que fazer. Ter que mudar de alojamento sem tempo para procurar alguma coisa que coubesse no orçamento e que não fosse tão longe da universidade era um contratempo no pior momento possível. Diz ele:

Fiquei chateado porque já ia sair, mas não queria ser tirado. Passei quase o mês todo sem andar lá (perambulando em outros lugares onde foi acolhido para não voltar lá). Comecei a dormir na Residência Universitária quando meus colegas do mestrado não estavam lá. Passava de 3 dias na residência. Passava de fim de semana na casa de colegas. Evitava o máximo pisar lá (no antigo alojamento sem informar oficialmente seu paradeiro).

Lavoisier encontrou um colega do mestrado que estava em situação semelhante e com ele dividiu uma *kitnete* no Benfica, bairro da universidade, a dois quartos de onde morava antes. Conta que:

[...] no dia que mudei foi o dia mais alegre da minha vida. Cheguei nessa *kitnete* com a obra ainda não finalizada, estava tudo empoeirado e limpei a casa no escuro mesmo. Eram 5h da tarde, não tinha água e nem energia ainda. Não tinha armador, coloquei a rede no chão e dormi ali mesmo (me fez lembrar a poesia “A casa” de Vinicius de Moraes). Acordei no outro dia com as costas doloridas, mas...superei aquela situação que me incomodou, que me gerou um estresse num momento que não era oportuno. Essas coisinhas da vida.

Cada episódio desses mostra uma série de dificuldades que alguns indivíduos enfrentam não só para ingressar, mas também para permanecer no ensino superior. Ao ser provocado a pensar sobre como vê seu percurso, o que era e o que alcançou no processo Lavoisier diz:

É tão estranho analisar o passado. A nível profissional, mudei bastante. A gente fica mais maduro. A gente acaba deixando mais seletos o grupo de pessoas com quem quer conviver, por diversos motivos: a distância, as necessidades, e vai ficando mais seletos mesmo. Basicamente, são meus amigos de infância e meus amigos da graduação, e alguns do período de pós-graduação. Ainda não falei nada da minha namorada (risos). Deixa a bichinha, se eu for falar dela só vou sair daqui amanhã.

Lavoisier tem um espírito de “*Pollyanna*”, personagem da escritora Eleanor H. Porter. A protagonista é a própria personificação do otimismo na literatura ocidental, e Lavoisier tem uma tendência a extrair sempre a perspectiva positiva frente às adversidades.

Tudo que me aconteceu, considero positivo. Tudo, tudo, todos os eventos. No momento que estavam acontecendo, não eram bons, não eram nada agradáveis. Mas depois que passa, você vê que aquilo lhe trouxe algo que valeu muito a pena. Consigo sempre...não sei se é uma forma de me confortar, reconfortar, pensar assim. Ou se realmente é a ordem natural das coisas. Depois que passa, vejo os benefícios de cada coisa ruim, ou dificuldade cada vez que superei. Meu avô costuma dizer que consegui fazer tudo sem ajuda de ninguém. Porque ele era pobre, meu pai pobre, minha mãe pobre, não tinha dinheiro pra ajudar. Tento imaginar dessa forma. sei lá explicar...meio difícil. O passar dos anos, maturidade, as adversidades da vida que te deixa mais calejado...a vida ensina. A vida faz você amadurecer.

Reflexivo, resiliente e determinado, Lavoisier faz sempre balanços positivos da sua jornada atravessada por tantas dificuldades. Ele não se abala e se reergue com alegria em cada batalha vencida. Sua alegria em lutar e em viver suas conquistas é contagiante.

3.1.2.14 Referências e inspirações de vida

Aqui é o espaço dos afetos e do acalanto. Lavoisier diz que sua referência de vida é seu avô: “meu exemplo de homem, de pai de família”, e quem inspira seus próximos passos é sua namorada, com quem já está há mais de doze anos, explica:

É ela, é a nossa vida. Ainda não tenho vida, tudo o que faço é plano nosso. É pra gente, embora ela não reconheça (risos), no sentido de achar que sempre quando acabo uma coisa, invento outra pra fazer (se referindo aos projetos de estudo). Não sei explicar, mas minha inspiração é ela. Ela se refere ao fato de

não estar com ela, e diz que ela é viúva de marido vivo (risos), pelo fato de não estar com ela.

O casal se conhece desde que ainda eram muito jovens. No período de pós-graduação (dois anos de mestrado e quatro de doutorado), em que Lavoisier morava em Fortaleza e a namorada fazia graduação em Pedagogia morando em Sobral, o casal se via pouco. Em 2018, o casal teve a primeira filha.

Votando a questão acadêmica, Lavoisier expõe seus anseios iniciais com relação aos estudos e a carreira profissional. Ele diz como sonhou e criou expectativas de ser um pesquisador, mas acabou refazendo os planos e, hoje, almeja mais ser professor. Ele explica:

[...] porque meu modelo de pesquisador(a) largou a pesquisa (risos). Chegou uma fase da vida que pelo cansaço, distância da família, fez com que ela ficasse só mesmo no ensino. Vejo que o Brasil não valoriza o pesquisador. Então, não tenho a menor pretensão de ser um mártir ou ser um salvador. Quero terminar, passar no concurso e contribuir pelo menos com a formação de alguém ou de várias pessoas. Se der certo, talvez, eu vire um pesquisador...mas, nesse país é difícil...está dito isso numa carta da presidente da Associação de Farmacêuticos do Brasil, que é um dos órgãos que a gente acaba sendo filiado. Ela diz que se você é jovem brasileiro e sonha em ser pesquisador, saia do Brasil. Só pra ter uma ideia próxima, tem uma professora que é referência na nossa área de pesquisa, que é da UFSCAR, ela recebeu um processo de mais de um milhão, porque estava pesquisando um material muito promissor, tinha potencial pra produção de medicamentos, ela tentou patentear e o órgão nacional que autoriza, que faz as patentes, esqueci agora o nome...ela fez todas as etapas da entrada da patente e eles não se pronunciaram. Quando chegou foi a multa na universidade por biopirataria. A pessoa trabalha 4, 5 anos da vida, fazendo um projeto, consegue um resultado bom, e essa é a recompensa que o país dá? É acusada de biopirataria? Até 3 anos atrás ela tava com ação na justiça, todos os dias os advogados da universidade em cima desse processo. É isso que o governo vê na gente: biopirataria. Porque a gente trabalha com material de patrimônio nacional, patrimônio biológico. A gente não pode patentear material biológico, só no Brasil que não pode. Minha orientadora conseguiu um produto que tinha um potencial anticâncer muito bom. Ela apresentou o trabalho, não patenteou, dois anos depois já foi patenteado em Harvard. Simplesmente, os caras pegaram os 5 trabalhos que ela publicou e fizeram o artigo, citaram ela e patentearam. Em Harvard. Esperaram um período legal, de um ano, que poderia ter patente. Então, assim, tá melhorando um pouco, mas não consigo me sentir motivado a ser um grande pesquisador como algumas das minhas referências acadêmicas que tenho na UFC, porque você trabalha a vida toda e corre o risco de ser acusado de biopirataria. Esse é o Brasil...

É importante analisar com cuidado e destreza como funciona esse jogo no campo científico, que não está desvinculado do campo político e econômico. Infelizmente, a presente pesquisa não tem nem perícia e nem fôlego para investigar a fundo a quem interessa esvaziar as instituições de pesquisa e barrar o desenvolvimento da ciência brasileira. Entretanto vale

questionar sobre quais interesses estão por trás do medo, da repressão em fazer ciência dentro do país, quem compõem os órgãos reguladores das patentes e como estão montados os facilitadores para o sequestro do nosso trabalho científico.

3.1.2.15 Como descreve seu berço e como enxerga seu destino

Lavoisier resume sua origem e apresenta suas expectativas para o futuro dizendo:

Minha origem é bem humilde...como a maioria das pessoas da comunidade. Uma família que fazia o suficiente... vivia de subsistência...ainda vinha naquela linha dos pais, pais dos pais, que criavam os filhos pra sobreviver...Deus terminava de criar. Eu espero...o que quero é ser professor de nível superior, seja IF, Universidade ou até mesmo Universidade estadual. Espero que meu destino seja esse (risos)... e não venha uma surpresa ruim. Mas se acontecer, a gente supera. Mas minha visão a longo prazo é essa. É isso que espero do destino: ser professor.

3.1.2.16 Lavoisier por ele mesmo

O Lavoisier é fruto de várias situações inusitadas na vida. Situações familiares que fortaleceram e moldaram a personalidade, situações profissionais que fizeram com que eu amadurecesse, que fizeram eu ter certeza daquilo que queria. As situações amorosas, a relação duradoura de 9 anos (2017), que espero que dure mais uns 50. Acho que sou um reflexo... somos um reflexo das nossas experiências, né? Não sei descrever esse reflexo, mas de maneira mais subjetiva, acho que é isso, frutos desses eventos aí...

Fortaleza e otimismo resumem a trajetória dessa pessoa que olha para suas adversidades e contabiliza saldos até no que parecia erros, e nas situações que lhe causaram dificuldades e dores. Esperança e capacidade de reconstrução é uma marca pessoal que foi potencializada com a aquisição dos conhecimentos acadêmicos e através das experiências nas andanças em busca de saberes e vivências inusitadas para um jovem interiorano, “matutinho”, como ele diz, que afagou a terra e colheu muitos frutos da sua semeadura, por acreditar, como ele diz: “que eu não quero sobreviver, eu quero viver!”

3.1.3 Raimundo: Desenho narrativo sociológico¹¹⁷

Raimundo nasceu em 17 de julho de 1985, em Taperuaba, no bairro Vassouras, o maior e mais afastado do Centro. Viveu no distrito até os 28 anos morando com a família. Para ele, essa terra significa o lugar onde nasceu, cresceu, tem suas relações de parentesco e praticamente toda sua base de educação. Ele diz: “Tenho um grande carinho, um grande amor por Taperuaba, sempre que dá eu visito. E é esse significado de um berço, do meu berço familiar e educacional”.

3.1.3.1 A origem familiar – grande, interiorana e muita unida

Ele diz: “meus pais são agricultores, praticamente... embora no decorrer da vida eles tenham tido outras profissões”. Sua afirmação leva em conta que, mesmo tendo outras atividades, a agricultura foi a base inicial de trabalho e permeou o sustento da família. Seu pai (1944-2007) era agricultor e comerciante. Sua mãe tem 72 anos, já foi agricultora, professora e costureira. Ambos estudaram até a antiga 5ª série do Ensino Fundamental. O casal nasceu e viveu em Taperuaba. Raimundo diz: “nós somos aquela família tradicional de interior. Nós não tínhamos poder aquisitivo, mas conseguia viver não passando fome. Não tinha tanto recurso, mas conseguia viver de uma forma digna”.

Seus pais tiveram dez filhos, duas mulheres e oito homens. Destes, cinco filhos ingressaram no ensino superior, alguns vindo a ser professores, atuando na educação ou na área acadêmica, como é próprio caso de Raimundo. Os outros, trabalham no ramo da construção civil, ou comércio varejista de roupas para recém-nascidos. Ele é o penúltimo dos dez filhos e conta que foi sua irmã mais velha quem primeiro entrou no ensino superior. Depois dela, à exceção do caçula, os quatro mais novos entraram para faculdade: 2 irmãs para o curso de História, outro para Teologia, outro para Física, e Raimundo, para Biologia.

3.1.3.2 Trajetória escolar permeada de obstáculos

Raimundo não lembra exatamente com qual idade começou a estudar, mas sabe que ingressou na Escola Frederico Auto Correa (municipal) na pré-escola, que fica em Vassouras, no bairro onde morava, onde frequentou por, pelo menos, dois anos. Conta que não gostava da

¹¹⁷ Entrevista realizada em 26 de agosto de 2020. Na ocasião, Raimundo tem 35 anos e já é Doutore em Geociências/Paleontologia.

escola e chorava muito, a ponto de a mãe ter que ir buscá-lo porque ele não queria ficar lá. À época, Raimundo estudava com seu irmão, um ano mais velho. Estudavam juntos na mesma sala no ensino infantil. Depois desse período, a mãe resolveu mudar os filhos para a Escola Cesário Barreto Lima (estadual).

Na nova instituição os irmãos foram separados e colocados em salas diferentes. Raimundo foi para a primeira série e, sem a companhia do irmão, conta: “senti um baque grande porque eu me separei dele”, e acrescenta que seu irmão praticamente já sabia ler e ele, não. Raimundo relata outro grande obstáculo desconfortável que teve que suportar:

[...] na primeira série, era pra praticamente eu já ter conhecimento do básico de leitura...mas cheguei sem saber na 2ª, 3ª série... e **as professoras faziam essa comparação entre eu e ele (seu irmão), que ele já sabia ler e eu não.** Isso acabava, de certa forma, criando uma barreira pra eu me desenvolver. Então, até a 4ª foi nessa luta. Sempre essa comparação. Aí a dona Marluce foi minha professora. Foi a partir dela que comecei a desenvolver a leitura. Ela é muito conhecida, pela forma de ensinar, a gente notava um amor, como ela fazia com amor aquele trabalho dela.

A partir da 1ª série do ensino fundamental até o ensino médio, o rapaz estudou na Escola Cesário Barreto Lima. Ele diz que “aí veio a 5ª, a 6ª série, que não foram anos tão bons, e não me recordo bem, mas acho que porque eu ainda tava começando a aprender a ler, então não me despertava muito”. Ele chama a atenção e registra algo muito importante:

a partir da 7ª série, teve uma reforma na escola e foi implementada uma biblioteca. A partir daí comecei a pegar livros [...] todos os dias nos intervalos ia pra lá ler. Não importava o que, mas eu ia ler. Às vezes trazia livros pra casa, pegava o livro emprestado, dois ou três livros por semana. Tinha dia que começava a ler, só terminava quando acabava o livro. Então, a partir daí foi que comecei a me desenvolver mais na questão dos estudos porque me interessava, meu conhecimento foi se expandindo com a leitura. Meus resultados a nível escolar foram melhorando, fui ganhando destaque na sala de aula, as pessoas não me reconheciam mais como aquele garoto tímido, pequeno, sei lá... mas sim como alguém que tinha um conhecimento.

Eis a grande virada: a aquisição da leitura fluente, consciente e apaixonada que encheu a vida deste jovem de sentido, de prazer, de autoconfiança. Raimundo diz que, da 7ª série em diante, os anos que se seguiram foram bem produtivos, bem importantes no seu desenvolvimento. Até o ensino fundamental era praticamente um ou dois professores que eram lotados por área¹¹⁸. Ao chegar ao ensino médio, o jovem considera um ponto muito positivo:

¹¹⁸ À época, os professores não eram lotados por disciplina, mas por área para cada série. E, inevitavelmente, os profissionais assumiam disciplinas que estavam fora da sua área de formação, apenas por aproximação com a sua área para completar a carga horária. Essa lógica obedecia muito mais a uma preocupação com redução de custos

ter contato com mais professores, o que representava mudança de metodologias e profissionais atuando na sua área de formação, recém saídos da universidade. Isso fez com que mesmo que não se adaptasse à forma como um professor ensinava, havia outros com diferentes métodos de trabalho. O ensino médio foi o momento em que começou a procurar rumo quanto ao que fazer depois que acabasse essa etapa. Daí brotou a ideia de considerar o ensino superior como uma possibilidade.

3.1.3.3 Fatos marcantes da sua vida – superações escolares

Quando perguntado sobre quais os fatos marcantes na sua vida Raimundo elege falar sobre os enfrentamentos na sua trajetória escolar que considera importantes de serem mencionados, por terem sido impactantes na sua vida:

[...] vendo a partir de onde estou agora, considero como um ponto crucial em minha vida, os momentos em que olhei pra mim mesmo e vi que podia ser diferente do que as pessoas achavam que eu era. No ensino fundamental, até 4ª série, eu sofria muito *bullying*, por causa do meu tamanho. Era calado, super tímido, não falava com ninguém, e, no momento em que comecei a aprender a ler, comecei a despertar um interesse a mais pelos estudos [...] até a 4ª série eu não sabia ler.

O rapaz relata que o período inicial escolar foi muito angustiante. Não saber ler lhe desmotivava muito e o fazia não querer ir à escola. Conta que chorava para não ir. Só a partir do momento em que se alfabetizou, ao final da 4ª série (hoje 5º ano), é que começou a motivação pelos estudos, porque passou a entender o que os professores falavam e compreender o que continha nos livros. A partir daí, com o processo de aquisição da leitura, é que começou a se sentir mais interessado. Porém, na 5ª, na 6ª série, e praticamente todo o ensino fundamental II, ainda sofria muito *bullying* por causa da sua baixa estatura e por ser excessivamente tímido.

As etapas escolares posteriores em que continuou ganhando fluência na leitura (tardamente), o jovem foi se desenvolvendo nos estudos e percebeu que as pessoas passaram a olhá-lo de maneira diferente, porque começou a se destacar perante os demais colegas de sala. Ele frisa:

Não era mais aquele menino calado, tímido demais, mas sim que tinha alguma coisa a oferecer. A partir desse momento foi que notei que demonstrar que sou muito além daquilo que eles pensam, eu posso, vamos dizer assim, desmistificar, sobre o que eles achavam de mim [...] então, acho que esse foi o momento crucial da minha mudança de vida, e deixar aquele lado quieto

com a contratação de profissionais do que a garantia de que o professor tivesse domínio do conhecimento que ia ministrar as aulas. Sem dúvida, essa estrutura resultaria em prejuízos nos processos de ensino aprendizagem.

demais e mostrar pra as outras pessoas que eu era muito melhor do que elas imaginavam.

O primeiro grande marco na vida de Raimundo foi ter o seu direito à alfabetização garantido. Um direito tão elementar e desencadeador de todas as conquistas pessoais e sociais posteriores. Quantas pessoas, quantas crianças, podem viver essa sensação de libertação e empoderamento através do encontro com a leitura?

Raimundo foi um sobrevivente na luta contra o analfabetismo, sobretudo, o analfabetismo escolarizado. Ele driblou o constrangimento, a duras penas, e foi salvo por uma professora alfabetizadora, no “apagar das luzes” do final do ciclo de alfabetização (ensino fundamental I).

3.1.3.4 Apesar dos pesares... a escola representou a porta de entrada para outros espaços

Quando pergunto a Raimundo quais lembranças e sentimentos a escola lhe remete, o que guarda, ou o que vem à tona na sua memória, ele responde: “Tento sempre lembrar das coisas boas”. Questiono o fato dele dizer “‘tento’ lembrar das coisas boas”, e que isso tem por trás um esforço. Significa dizer que está passando por cima de coisas que não foram boas. Ele diz: “Exato. Justamente. Muito esforço. Nos momentos, vamos dizer assim, não tão legais por causa das situações que eu passei, por causa do *bullying*... enfim, principalmente por isso. Acho que esse é o ponto negativo”.

Raimundo enfatiza que o *bullying* é algo devastador na formação de uma criança. Ele lamenta como é “cruel que pessoas combinem excluir outras”, e acrescenta: “acho que é muito, de caráter, também de educação familiar. E se isso não é trabalhado na escola fica difícil aprender...”. Ele defende que é necessário um trabalho em conjunto, que deve ser papel da escola, mas é papel da família também. Caso contrário, acredita que não adianta: se as partes não estão alinhadas, um dos lados desconstrói, e reitera:

Seria bom se todos pensassem: vamos conscientizar as pessoas! Mas é tão difícil querer tentar mudar o pensamento das pessoas, porque eu tiro por situações atuais. Tá aí o próprio presidente, uma pessoa totalmente mal caráter, desumano, e tem um bocado de gente apoiando. Então, com base nisso a gente acaba perdendo, sei lá, a esperança em querer mudar... principalmente em relação às pessoas, ao ser humano.

Apesar do desalento que o jovem demonstra ao citar o atual contexto político como uma dimensão maior da falta de respeito e empatia que ele disse ter passado também na escola,

considera ter recebido boas contribuições desta instituição: “[...] foi indispensável o que ela me proporcionou em termos de educação [...] além dos amigos que a gente faz, dos colegas que a gente não esquece, {e o} que a gente constrói ao longo da caminhada educacional”, o rapaz acredita que hoje desfruta de conquistas advindas dessa experiência.

3.1.3.5 Mundo do trabalho e a labuta de cada dia

Raimundo começa dizendo: “eu sou de uma família de agricultores...**não diria pobre, mas de baixo poder aquisitivo**. Porque acho que a palavra pobre é algo que remete muito a questão de não poder usufruir de certas coisas”. Ele conta que na infância, já entre oito e dez anos, sempre ajudava o pai. Toda a família, cada um na sua infância ajudou, principalmente na agricultura. Seu pai tinha plantações de acerola e os filhos ajudavam no plantio e colheita da fruta que depois ia vender em Sobral. O jovem salienta que desde a infância tem uma relação de trabalho, “não de forma obrigatória, mas como uma forma de **necessidade realmente**. E agradeço muito, porque isso foi a base. Acho que foi uma das coisas que me faz hoje ser uma pessoa responsável”. Coloquei em negrito a concepção relativizada de pobreza que Raimundo dá para dizer que o essencial a vida não lhe faltou. Porém, mais adiante ele destaca que desde a infância a relação de trabalho é uma necessidade dentro da sua realidade.

A partir da adolescência, por volta dos catorze anos, depois de ajudar o pai na agricultura, ele também ajudava a mãe, costurando com ela roupas para recém-nascidos. Logo em seguida, o jovem passou a ter um trabalho extrafamiliar e mais regular, mas nas seguintes condições:

Comecei a ter esse trabalho...não formal exatamente, porque não era contratado, nem nada. Era numa empresa de confecção, a gente não chegava a ganhar nem dez reais por dia. No final da semana (segunda a sábado) não dava nem cinquenta reais. Mas aquilo já me dava uma certa responsabilidade. A partir dos 15 anos tinha que cumprir os horários, e era cobrado pra isso. A partir daí, as empresas de confecção na região de Taparuaba em 2002, a partir dos anos 2000, começaram a se desenvolver e começaram a chegar as máquinas computadorizadas, e fui subindo de cargo. Passei de um simples empacotador de mercadoria para operador de máquina industrial de bordado computadorizado. Aí ganhava um salário. Não era contratado formalmente, porque não assinaram carteira em nenhum momento. Nunca tive carteira assinada na vida, a não ser agora¹¹⁹. Daí, fui subindo de cargo, de operador, passei a trabalhar como design gráfico, nos desenhos dos bordados no computador e depois repassava pra máquina para ser bordado industrialmente. Isso tudo em paralelo com os estudos.

¹¹⁹ Atualmente é celetista e compõe uma equipe de pesquisadores prestando serviço para PETROBRÁS, como veremos mais adiante.

Raimundo enfatiza o fato de nunca ter deixado de estudar para trabalhar e que, ao contrário, posteriormente, encontrou uma saída para deixar de trabalhar e apenas se dedicar aos estudos (conta sorrindo satisfeito). Ele terminou o ensino médio em 2002 e teve um intervalo em que ficou tentando o vestibular, mas não conseguia passar. Tentou a primeira vez para as Ciências Sociais e não passou. Tentou para Engenharia Ambiental sem sucesso, assim como as outras vezes. Em 2005, fez seis meses de cursinho Pré-UVA¹²⁰, sempre gostou de Biologia, da área de ciências, e lá conheceu uma professora desta disciplina que lhe cativou. Foi mais um incentivo para decidir pelo seu curso. Também gosta de Geografia, mas optou por insistir na Biologia. Seu intuito sempre foi trabalhar as questões ambientais. Ao todo foram 10 tentativas no vestibular. Até passou e cursou um semestre em um desses cursos em regime especial, e, por fim, foi aprovado para UVA, em 2005. Diz sorrindo feliz: “A Biologia é o meu lugar”.

Pergunto sobre como se sentia a cada vez que tentava e não era aprovado. Ele responde:

Era aquela decepção. Mas, nunca pensei em desistir totalmente, sempre que fazia... pensava, beleza... Vamos ver o que errei, para a próxima ver se melhora. Fui tentando, mas nunca cheguei a..., você tem aquela decepção no momento, “poxa vida, eu deveria ter passado, por que que eu não passei? Mas sempre focava na próxima, vivia tentando melhorar cada vez mais.

A narrativa de Raimundo me faz lembrar um poema atribuído a Cora Coralina, mas que é de autoria de Geraldo Eustáquio de Souza¹²¹:

Desistir? Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério.
É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais
esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no
meu coração do que medo na minha cabeça.

O jovem conta que recebeu apoio especial de algumas pessoas para não desistir. Dentre elas, sua mãe, sua irmã mais velha, que primeiro ingressou na universidade e é professora, e uma ex-namorada, foram importantes motivadoras nesta empreitada e lhe diziam para continuar insistindo até conseguir.

Raimundo também atribui as primeiras ideias de prosseguir para o ensino superior ao fato de, a partir do último ano do ensino médio, a escola (CBL) começou a fazer uma renovação no quadro de professores. O contato com os novos profissionais que tinham concluído a faculdade recentemente ou ainda estavam cursando, reanimou a dinâmica escolar. A

¹²⁰ Cursinho preparatório para o vestibular promovido pela UVA.

¹²¹ Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/3521034>

experiência que eles trouxeram foi importante, as formas como eles ministravam as aulas e os incentivos que davam aos alunos para que prosseguissem nesse caminho também.

O jovem conta que outros fatores foram agregando também para que a ideia passasse do desejo para um propósito com possibilidades reais. E diz que a partir de 2000, o jornal (impresso) Diário do Nordeste lançava uns fascículos preparatórios para o vestibular. Conta que seu pai começou a assinar o dito jornal¹²² e aos domingos vinham esses fascículos que abordavam todas as disciplinas. Ele conta ainda que:

O meu irmão, tava um ano à frente do que eu (nível escolar) ... ele começou a estudar a partir desses fascículos. Tinha também um canal, TV Futura, se não me engano, que tratava disso também, aulas preparatórias para o vestibular. Então, a partir daí, pensei, “bom, se ele pode, se ele conseguiu, eu consigo também”. Acho que a questão do ensino superior não foi nem uma questão de pensar “eu quero o ensino superior para melhorar de vida”, em primeiro momento. Foi uma questão de mostrar pra mim e pra sociedade que eu podia, entendeu? Eu acho que foi muito uma questão pessoal, mostrar pra mim que eu podia, da mesma forma que outras pessoas puderam.

Quando ele fala sobre o irmão só um ano mais velho que se alfabetizou antes e do qual foi separado posteriormente, e que se prepara para o vestibular, ele diz: “bom, se ele pode, se ele conseguiu, eu consigo também”, vemos como é importante ter referências, especialmente próximas, reais. É a representatividade morando debaixo do mesmo teto, vindo do seu mesmo berço, tendo participado de dificuldades semelhantes. Contudo a fala mais emblemática dita por Raimundo foi:

Acho que a questão do ensino superior não foi nem uma questão de pensar “eu quero o ensino superior para melhorar de vida”, em primeiro momento. Foi uma questão de mostrar pra mim e pra sociedade que eu podia. Entendeu? Eu acho que foi muito uma questão pessoal, em relação de mostrar pra mim que eu podia da mesma forma que outras pessoas puderam.

Sim, propositadamente, faço uma referência da referência, seguidamente na mesma página. É que a postura dele é tão afirmativa, é tão resolutiva, é como se ele estivesse numa batalha hercúlea interna a revolver pedras para se levantar como pessoa dentro de si. É como se a cada decisão dessa envergadura estivesse nascendo um Raimundo maior que já não cabia naquele Raimundo que ele próprio desejava superar.

O jovem conta que sempre ia confiante fazer as provas do vestibular; que, com exceção da Matemática e da Física, o restante, sentia-se mais tranquilo porque o pouco que conhecia

¹²² Um detalhe que pode ter feito muita diferença, foi a iniciativa pouco comum, de um pai com pouca escolaridade que fez a assinatura diária de um importante meio de comunicação – jornal cearense impresso de grande circulação, especialmente naquela época (início dos anos 2000), em que o acesso a informação era muito escasso.

achava que era o suficiente para ser aprovado. Isso lhe animava e que em algum momento ele conseguiria. Disse nunca ter ido desmotivado fazer uma seleção. Ele elenca os principais elementos que lhe fizeram alcançar seus objetivos escolares: Persistência e leitura, e justifica:

Persistência, porque eu, sinceramente, não me considero um cara inteligente. Sou esforçado. Acho que uma pessoa inteligente domina um pouco de tudo. Eu não domino. E a partir do meu esforço é que consegui as coisas. Se não sabia de uma coisa, ia buscar conhecimento a respeito daquilo [...] A leitura me fez abrir a mente, ganhar conhecimento pra outras questões. Por exemplo, a redação era a coisa mais fácil pra mim no vestibular. Naquela época, e até hoje mesmo é o medo, falam: “Ah, a redação!”. Por consequência da leitura tinha facilidade de escrever. Escrevia facilmente os assuntos que eram abordados nas redações, sempre tirava acima de 7,8. O que pegava era a Matemática, Física e Química. É isso, é esforço, é nunca desistir na primeira tentativa, e a leitura. Acho que essa foi a minha receita básica para conseguir.

Fico incomodada com a afirmação de Raimundo quando ele diz: “[...] porque eu, sinceramente, não me considero um cara inteligente. Sou esforçado [...]”. Resolvo fazer uma provocação e pergunto: “Você acha que a gente nasce inteligente, ou ao longo da nossa história, do contexto em que estamos inseridos e temos acesso a determinados conhecimentos ou não, definem o que estamos chamando de inteligência? Como enxerga isso?”. O jovem defende que existem certas pessoas que têm a facilidade de aprender tudo muito rápido. Por isso, ele diz: “acredito que inteligência é uma coisa que a pessoa já nasce... E tem... não sei se é um dom, que acaba sendo desenvolvido no decorrer da vida. Eu não tenho esse dom [risos] de aprendizagem rápida, capaz de dominar determinado assunto [...]”.

Raimundo traz para a pauta uma discussão muito importante que, por si só, já daria um outro trabalho extenso e complexo. Primeiro, porque ele se atém ao ritmo de apreensão de conhecimento quando fala de “aprendizagem rápida”. Segundo, porque idealiza o inteligente como aquele “capaz de dominar determinado assunto”, como se fosse possível apreender a totalidade de algum assunto do conhecimento. Como não será possível desdobrar a discussão neste ensejo, reafirmo sempre a importância de dilataremos o conceito de inteligência, ou melhor, de “inteligências”, no plural, como o propõe psicólogo cognitivo, Howard Gardner¹²³ (1994), autor da Teoria das Inteligências Múltiplas.

Historicamente, algumas aptidões são mais valorizadas em detrimento das demais, a exemplo do raciocínio lógico-matemático. Outros aspectos do funcionamento das estruturas mentais também ganham muito destaque, tais como a capacidade da memória extensa, rapidez na apreensão de informações, por exemplo. Porém, Gardner (1994, 2001, 2007), apresenta

¹²³ Este cientista demonstra em suas pesquisas que há outras manifestações de habilidades e defende para que se rompa com a concepção unitária, uniforme e reducionista da capacidade cognitiva humana.

variados tipos de inteligências, pelo menos nove¹²⁴, sendo que o mais importante para o autor, é que essas aptidões se prestem a capacidade de resolução de problemas e criação de elementos e produtos que provoquem melhorias no mundo. Trata-se de uma concepção muito pertinente. Conhecimentos que não transbordam para a realidade e se encerram em si mesmos, são inférteis.

Outro aspecto defendido por este autor é que os indivíduos aprendem de maneiras diferentes, mas a escola e a sociedade nos fazem crer que só há um jeito certo ou melhor de aprender e fazer as coisas, que é exatamente o contrário do que o autor indica. Gardner propõe que o processo de ensino aprendizagem seja o mais individualizado e personalizado possível, para que se explore as potencialidades peculiares de cada indivíduo, considerando exatamente as particularidades individuais.

É exatamente neste ponto que lanço para Raimundo o questionamento sobre como ele percebe sua trajetória escolar cheia de percalços e, ainda assim, tão cheia de superações. Argumento que o que as pesquisas revelam é que as crianças que se alfabetizam tardiamente, em geral, têm mais dificuldades na formação escolar. Quanto mais cedo a criança tiver acesso ao universo letrado e for estimulada ao letramento, maiores são as chances de desenvolvimento da leitura, escrita e compreensão de mundo, de um modo geral, e nas demais áreas do conhecimento. Esta exposição ao letramento precoce propicia uma explosão de potencialidades. Digo que ele transpôs o obstáculo, e pergunto: você está considerando isso?

Raimundo pondera sobre minhas reflexões e acrescenta outra questão, também muito pertinente: “acho que inteligência não tem nada a ver com formação. Uma pessoa que nunca teve contato, um agricultor, exemplo... às vezes, têm pessoas que nunca tiveram base educacional, formação escolar, mas são extremamente inteligentes”. Aqui já seria uma outra discussão, também muito importante, em que caberia Boaventura de Sousa Santos (2010). Este autor, na sua obra *Gramática do Tempo*, denuncia a marginalização dos conhecimentos não formais e reivindica a valorização dos saberes, práticas e sujeitos que não estão dentro da lógica hegemônica (moderna, capitalista, academicista, ocidental). Infelizmente, não temos como aprofundar a discussão nesta ocasião.

A partir daqui entramos num raciocínio consensual quanto a um ponto crucial que precisa ser considerado por Raimundo ao fazer sua autoavaliação, que se pese com prudência: sua alfabetização tardia, e ainda assim ter superado esse obstáculo compensando tão logo foi possível. Convido para que ele coloque todos os fatores internos e externos que precisam ser

¹²⁴ Segundo o psicólogo norte-americano, conforme estudos, há pelo menos nove tipos de inteligências: lógico-matemática, linguística, musical, espacial, interpessoal, intrapessoal, corporal, naturalista e existencial.

levados em conta para que ele reavalie a própria história e faça uma autoavaliação mais justa consigo mesmo. Ele parece acenar reflexivamente sobre esse prisma.

3.1.3.6 Os maiores desafios para chegar ao ensino superior – o tempo e os meios para estudar

Raimundo já relatou, anteriormente, uma série de dificuldades para chegar ao ensino superior, mas, quando perguntado o que considera ter sido um dos maiores impedimentos, ele diz:

Tempo pra estudar. Porque mesmo no ensino médio trabalhava e estudava. Depois do ensino médio, eu só trabalhava. Então, você acaba deixando de lado o estudo, e acaba colocando seu tempo somente pro trabalho. A dificuldade também de acesso a livros e materiais pra estudar. **A gente não tinha essa facilidade de hoje, de internet, de computador, de livro, naquela época. Então... isso também de certo modo dificultava muito.**

Gostaria de começar tratando do último trecho, que está em negrito. Primeiro sobre o acesso a livros: “Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura - Lei de 2010 determina que até maio de 2020 todas as escolas brasileiras tenham biblioteca, e a Comissão de Educação da Câmara acompanha o cumprimento da lei”¹²⁵, é uma matéria de 06/12/18, indicando que ainda há um longo caminho para que a lei se cumpra.

Segundo, a dificuldade para aquisição a meios eletrônicos e acesso à internet que interligue a rede ilimitada de informações, não é um problema que afetou apenas RAIMUNDO. Infelizmente, nós ainda padecemos de velhos problemas em novos contextos. A carência destes recursos que não se pode mais prescindir para formação escolar num mundo permeado pela cultura digital ainda não foi superada na realidade dos mais empobrecidos. A pandemia que vivenciamos em 2020 escancarou a exclusão de uma grande parcela do nosso alunado das classes populares, e que, provavelmente, ainda persistirá no início de 2021, como se pode ver:

A pandemia do coronavírus acentuou as desigualdades na educação e tornou mais comuns, pelo Brasil inteiro, as dificuldades de conectividade [...]. Enquanto redes e alunos com mais estrutura avançaram (mesmo que com percalços) no ensino remoto, uma parcela dos alunos e de locais mais carentes

¹²⁵ Das 180 mil escolas brasileiras, 98 mil ou 55% não têm biblioteca escolar ou sala de leitura. Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e foram apresentados pelo coordenador-geral dos Programas do Livro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Lauri Cericato, em audiência pública na Câmara dos Deputados. Fonte: Agência Câmara de Notícias. A matéria tem data de publicação de 06/12/2018 - 13:51. Reportagem - Lara Haje e Edição - Marcia Becker. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/>

não conseguiu se manter conectada e foi perdendo tanto conteúdo quanto entusiasmo pelos estudos. [...] O déficit tecnológico vem de antes da pandemia. A pesquisa TIC Domicílios de 2019 apontava que, naquela época, 43% dos domicílios urbanos brasileiros e apenas 18% dos rurais tinham computador em casa. No que diz respeito à conexão com a internet em casa, os percentuais subiam para 75% em lares urbanos e 51% em lares rurais. Embora esses números estejam desatualizados por conta da pandemia - já que parte dos alunos ganhou pacotes de dados e dispositivos eletrônicos, de redes públicas ou doadores particulares, para continuar estudando -, eles exemplificam a desigualdade de acesso à tecnologia, à conectividade e à informação no país. [...] Claudia Costin, diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (Ceipe) da FGV, também destaca o esforço da grande maioria das redes públicas do país em manter o ensino vivo, a despeito dos desafios de conectividade. Mas ela destaca também que "o Brasil não tem direito, como nona maior economia do mundo, a ter expectativas baixas quanto a suas escolas". E lembra que o ensino da cultura digital faz parte da Base Nacional Curricular Comum, documento que define as competências principais que as crianças devem aprender na educação básica brasileira e que prevê que todos devem ser capazes de "comunicar-se, acessar e produzir informações e conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria". [...] "A carência de estrutura é total: desde ter uma boa internet para assistir a um vídeo até ter um aparelho. A mãe que consegue ter wi-fi em casa precisa trabalhar para pagar isso, e fica sem tempo para acompanhar o filho nos estudos — e ele precisa disso, porque não aprende sozinho", afirma. Em regiões de maior vulnerabilidade, há preocupações com questões ainda mais urgentes do que a conectividade: a fome. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54380828>¹²⁶

Como pode-se constatar, ingressar, permanecer e concluir o ciclo escolar entre os mais vulneráveis e desfavorecidos social e economicamente é uma luta constante, os desafios vão tomando novas formas com o passar das épocas.

Por fim, mas, que é colocado em primeira ordem por Raimundo, o tempo é o grande tesouro escasso para aqueles que precisam se desdobrar para suprir a vida agora e ter pretensões projetadas para o futuro. Este é o clássico dilema que atormenta os filhos das classes menos favorecidas: onde investir o tempo e/ou como conciliar estudo e trabalho e vice-versa. Do mesmo modo, como adquirir recursos e onde investir para ter acesso aos elementos básicos de sobrevivência, e ao mesmo tempo investir nos meios que possibilitem uma formação e qualificação, tais como adquirir livros, equipamentos eletrônicos de acesso à informação e comunicação, como computadores com acesso à internet, por exemplo. A pandemia no ano de 2020 veio mostrar que a ideia de que estamos todos conectados ao mundo virtual é uma grande falácia. As escolas físicas e o ensino presencial ainda são um dos únicos meios de acesso à informação e escolarização possível para uma grande parcela da população.

¹²⁶ 'Sem wi-fi': pandemia cria novo símbolo de desigualdade na educação. Paula Adamo Idoeta Da BBC News Brasil em São Paulo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54380828>

3.1.3.7 Como confluíram os caminhos para universidade

Raimundo expõe aos poucos algumas situações que também despertaram seu interesse pela universidade. Ele diz que, além do incentivo dos professores e de sua irmã mais velha (professora já graduada), ele e um amigo, gostavam muito das questões ambientais e dos movimentos de preservação da natureza. Conta que eles desenvolveram um trabalho na escola que abordava as questões do impacto no meio ambiente em Taperuaba, e como a comunidade poderia conviver melhor, alinhando desenvolvimento e sustentabilidade. Os frutos desse trabalho foram apresentações em eventos locais e nas escolas vizinhas. Além disso, na época foram convidados para apresentar o dito trabalho na UVA, num evento da Semana da Biologia. Infelizmente, acabou não acontecendo a apresentação, porque exatamente naquele período que aconteceria o evento, a universidade entrou em greve. Mas esse episódio deixou uma “sementinha” e aí também foi cultivado o desejo de entrar nesse universo.

Não menos importante, outras motivações também levaram o jovem a buscar o ensino superior. Na sua caminhada de esforços, tirou alguns ensinamentos e teve uma resolução: “no fundo, também não queria passar a vida toda trabalhando tanto, e não ganhando aquilo que realmente deveria”. A possibilidade de mudança de patamar de vida e a busca de autossuperação: “era uma forma de mostrar para mim mesmo que eu podia”, foram coisas muito importantes que via no ingresso ao ensino superior, segundo ele. Nas entrelinhas, Raimundo deixou a impressão de que havia internamente um processo de se desafiar.

Foram cinco anos na licenciatura, e mais um ano no bacharelado, ao todo seis anos na graduação. Até metade da faculdade estudava e trabalhava. Ele acordava às 5h da manhã, para pegar o ônibus, e ir para Sobral estudar. Chegava em casa depois das 12:30h para almoçar e se arrumar, para entrar no trabalho às 14h, e sair do expediente às 22h. Isso todo dia, durante dois anos e meio. Desta forma, o tempo que ele tinha para estudar era só à noite, depois do trabalho e da rotina exaustiva. Conta que, às vezes estudava no intervalo de aula da universidade, ou umas frações de tempo espremido no cronômetro das máquinas:

[...] às vezes levava um livro pro trabalho e, enquanto a máquina rodava lá o bordado, que durava uns dez minutos, dependendo do bordado, eu ia lendo. Então, essas foram as estratégias que encontrei pra estudar, enquanto trabalhava. Em um certo momento, até metade do terceiro ano, nesse período em que trabalhava e estudava, deixei passar muitas oportunidades na faculdade por causa do trabalho. Às vezes, precisava passar o dia todo em estágio, no laboratório pra desenvolver algum tipo de pesquisa... Tendo que trabalhar, as oportunidades iam passando... e meu rendimento era baixíssimo. Isso foi até a metade da faculdade, aí parei pra pensar e perguntei pra mim mesmo: “o que é que eu quero? Continuar nessa vida ou me dedicar a minha formação?” Daí decidi deixar o trabalho, e pra não afetar muito minha

condição financeira, entrei em acordo com minha chefe pra trabalhar apenas aos sábados, por enquanto.

Raimundo conta que durante um ano ficou trabalhando somente aos sábados com drástica redução de salário para se dedicar a faculdade. Foi a partir daí que começou a se engajar nas atividades do Museu Dom José, onde foi bolsista voluntário de 2008 a 2011 e desenvolvia pesquisa sem ganhar nada, mas com o intuito de adquirir experiência e conhecimento. Os horários eram flexíveis, o que possibilitava conciliar com as outras atividades da universidade, já que sua faculdade não tinha um único turno. Mesmo residindo ainda com os pais em Taparuaba, passava o dia em Sobral por ter aula em diferentes turnos: manhã e noite, ou tarde e noite, e no intervalo que não tinha aula, ia para o laboratório. Ele diz: “Enquanto tava como bolsista voluntário, eu já praticamente morava lá, vinha só dormir em casa”.

3.1.3.8 Inserção nos novos espaços e as experiências que agregou na caminhada

A inserção nesses novos espaços de convivência foi um episódio à parte na história de Raimundo. Quando conseguiu a bolsa de Iniciação Científica, ele mudou-se para Sobral para facilitar os trabalhos, onde passou uma temporada de 2011 a 2012, dividindo apartamento com um colega. O valor da bolsa era de R\$400 reais, e complementava com o que ganhava no trabalho aos sábados, e dava para se manter. Ele ressalta que se mantinha só com isso, porque durante toda a vida, nunca chegou para sua mãe e pediu: “mãe, me banque nisso”. Diz nunca ter pedido nada relativo a dinheiro, e que tentava se virar de qualquer forma somente com o que ganhava.

A partir de 2014, passou para o mestrado e foi morar em Recife, ficando o primeiro semestre daquele ano no Rio de Janeiro, num estágio de integração com o mestrado na UFRJ e no Centro de Pesquisas da Petrobras. Como ele próprio diz: “sou residente em Recife”. Questionado sobre sua relação com esta cidade ele diz: “Gosto... aprendi a gostar”. Ele narra seu estranhamento inicial na ocasião de sua primeira tentativa na seleção de mestrado que fez em 2011, quando passou um pouco mais de uma semana, e não foi aprovado. Relata que este primeiro contato não foi tão agradável, pelo fato de não conhecer a cidade, e que tudo lhe parecia muito estranho por nunca ter passado tanto tempo fora de casa e tão longe da família. Por isso considera que a princípio a cidade não foi tão atraente, mas depois quando começou a vivenciar realmente o lugar, então, começou a gostar. Também gostou dos seis meses no Rio

de Janeiro, onde teve uma ótima experiência em termos de aprendizagem e em termos de convivência em relação a cidade também.

Raimundo diz ter sido sempre muito tímido, de poucas palavras, de se retrair no contato com outras pessoas e de ter dificuldade extrema para agir noutros espaços, de interagir com outras pessoas, e mesmo na família é muito calado e apenas muito observador. Enfim, se socializar sempre foi um grande desafio. Conta que leva tempo para se sentir à vontade ao chegar em novos espaços e em grupos que não conhece, e mesmo que conheça, prefere ser mais reservado.

Segundo ele, sua inibição sempre foi uma de suas maiores dificuldades com que teve de lidar. Com as mudanças, tanto de locais, como de grupos de convivência, sentiu a necessidade de mudar seu temperamento introvertido, tentando de todas as formas modificar-se, e acabou aceitando que esse é seu jeito, e tenta acostumar-se. Ele conta que foi encontrando maneiras de amenizar e desenvolver uma convivência pragmática, sobretudo, conforme as demandas da vida foram exigindo.

Depois de morar com a família, teve que morar com um amigo, e teve que encontrar meios para interagir com os seus colegas da faculdade. Porque no início ele conta que praticamente só ia para sala de aula, assistia aula, e voltava para casa, sem nenhuma interação. Conta que sua estadia em Sobral, no último ano de faculdade, além de ter gostado muito, também lhe abriu possibilidades imensas, porque a partir daí pode se dedicar mais aquilo que realmente queria, que era se envolver com seus estudos e a pesquisa e largueando seu contato com outros grupos. Em Recife, não foi muito diferente na questão dos primeiros meses, mas conta que teve a sorte de encontrar “uma orientadora superamiga, e vamos dizer assim, uma mãe pra mim aqui, que é a Sônia, e que me ajudou bastante na adaptação, e nessa questão de me instalar aqui na cidade”.

Raimundo precisou vencer muitos obstáculos para alcançar seus objetivos: percalços escolares, *bullying*, excesso de trabalho comprometendo seu rendimento escolar, escassez de recursos e de tempo, e a timidez que é algo que ele já aceitou como sendo um traço da sua personalidade. Contudo, ele acredita que em relação a timidez, já foi mais difícil:

[...] melhorou, mas não acabou **[Risos]**. Estou bem menos tímido, mas sofro de ansiedade praticamente constante e intensa. Isso porque quando eu vou me expor a uma determinada situação, isso aflora em mim um nervosismo extremo, e ansiedade. Então, eu tento controlar o máximo, e disfarçar. Mas dizer que eu estou tranquilo, eu não estou.

No entanto, o rapaz afirma que aconteceram mudanças significativas e que isso se deveu ao fato de não ter outra saída, senão impor uma mudança. Foi ter que enfrentar: “ou você

muda, ou você acaba perdendo certas oportunidades de vida. [...] na vida acadêmica, você tem que se mostrar. Ou você se mostra, ou perde a oportunidade. [...] não foi apenas um querer meu, foi a necessidade”.

A universidade tem esse poder de convocar as pessoas para um novo pensar e para assumir novas posturas. Ela proporcionou a Raimundo a oportunidade ímpar de confrontar a si mesmo, de enfrentar seus temores de se expor ao público, de alçar, literalmente, outros “voos” para outros “territórios” (além de residir em Recife, e a temporada de um semestre no Rio de Janeiro, ele circulou na região do Cariri cearense, Natal, João Pessoa, Belém, São Paulo, Uberlândia, Gramado e Aracaju), para eventos acadêmicos, à trabalho ou a passeio, dentre tantas outras coisas já mencionadas por ele.

A cada lugar que ia adentrando, paulatinamente, ia conhecendo o locus, a dinâmica das interações, e também percebia o que de si era possível e, realmente, preciso alterar para ocupar os espaços que lhe cabiam e lhe interessavam, sem, contudo, deixar de ser o que é, lapidando apenas o necessário.

3.1.3.9 Sobre as referências de vida e as conquistas alcançadas

Quando perguntado sobre seus modelos de exemplo e inspiração de vida, ele diz imediatamente:

Meu pai em termos de exemplo de caráter e ética. Minha mãe em termos de força. É uma guerreira. Dez filhos, e todos estão num patamar de vida razoável, sem grandes problemas. Meus irmãos... a minha irmã (a primogênita que primeiro ingressou no ensino superior), principalmente, que sempre foi um exemplo. Ela que me incentivou para carreira acadêmica, e tudo mais. Teve pessoas que passaram na minha vida e que foram fundamentais pra esse sucesso. Entre elas, [cita o nome da ex-namorada], que mesmo não tendo mais contato direto, foi uma pessoa importante que me ensinou muito. Os professores, no caso do ensino básico, e na graduação, eu tenho como exemplo, a Prof.^a Somália Viana, que foi minha orientadora. São exemplos que me motivam e exercer a profissão de forma ética e exemplar.

O rapaz elege a ética como uma das principais virtudes a ser buscada. Ele diz que tanto ética no sentido amplo, humano, como no sentido profissional: “ética em qualquer segmento, fazer o trabalho de maneira correta, sem ultrapassar, sem pisar ou humilhar ninguém, é uma das virtudes que tento buscar... amor pelo que eu faço”.

A família do rapaz é super orgulhosa, principalmente os irmãos, que têm conhecimento do que é uma pós-graduação, do que é um doutorado. Sua mãe também, embora não saiba exatamente do que se trata, mas tem conhecimento da importância.

Peço que ele avalie seu caminho até aqui, olhando para sua história, e ele diz: “acho que poderia ser melhor [risos]. Poderia ter me esforçado mais em alguns aspectos”. Peço exemplo, e ele diz: “Ter estudado mais. Ainda tenho muita deficiência em alguns aspectos quanto a minha própria área de estudo”. Ele julga que as deficiências que tem são de base e talvez da graduação, e que alguns pontos deveriam ter sido aperfeiçoados, ou corrigidos. Percebo uma exigência muito elevada e desproporcional às conquistas alcançadas.

Ele atribui suas conquistas ao seu grande esforço. Não desistiu na primeira tentativa, no primeiro não, e teve sempre alguém que incentivava, que apoiava nas decisões dele. Conta que: “Por parte da família, nunca chegou a dizer ‘ah, isso não’, mesmo quando cheguei pra minha mãe, “ó mãe, eu vou tentar mestrado em Recife”... tinha que sair, se eu passar, vou ter que morar lá, e ela disse “pois, vá, tente lá”. Ele diz nunca ter recebido um negativo da família. Foram sempre apoios positivos nas suas decisões. Reitera: “Sempre persistir, mesmo com todas as adversidades, mesmo com todas as barreiras, as dificuldades que a gente encontra no percurso, que não são poucas, eu nunca desisti. Mas, persisti”.

Lembro ao rapaz que ele é jovem e ainda terá tempo de aprender as coisas que ainda acha que está faltando. Ele diz: “Mas agora tá faltando coragem”. E acrescenta: “Venho de uma graduação, que terminei licenciatura, fiz um ano de bacharelado, ingressei no mestrado, ingressei depois no doutorado. Então, às vezes me sinto extremamente cansado, e às vezes me impede de ter que voltar lá atrás e revisar algumas coisas”.

É compreensível esse cansaço. É uma sequência de anos trabalhando e estudando, tendo que mudar de ambientes, de rotina, de dinâmica de vida, de transformações as mais diversas nas várias instâncias da vida que estão acontecendo concomitantemente. E essa exigência muito alta consigo mesmo, que eu não sei se ele consegue reconhecer, é tudo muito desgastante.

Foram cinco anos de graduação na UVA, em Sobral, e mais seis anos de mestrado e doutorado numa outra universidade, na UFPE, morando em Recife, que já representou uma outra fase que impactou muito sua vida. Ele diz: “RAIMUNDO. Apanhou muito [risos]. Teve que rever certos conceitos, teve que se reinventar em termos de personalidade, teve que se adaptar, e aprendeu muito”.

Ele explica que trabalha num projeto que é financiado pela PETROBRÁS, mas quem contrata, faz todos os trâmites burocráticos e administra os recursos financeiros é a Fundação

de Apoio ao Desenvolvimento da UFPE. Ele é contratado como pesquisador celetista temporário por três anos, e teve prorrogação por causa da pandemia, se estendendo até 2021, desenvolvendo pesquisas que são a base para PETROBRÁS utilizar na prospecção e exploração do petróleo. Ele diz satisfeito: “A gente faz toda a questão... do desenvolvimento da pesquisa ser feito na própria universidade, num laboratório específico”.

Assim, considera que sua trajetória acadêmica já rendeu muitos frutos. Ele trabalha na sua área de formação, como pesquisador, e atribui essa conquista à pós-graduação: “é por conta justamente do meu mestrado e doutorado...esse é o maior fruto até agora de ter cursado a pós-graduação”.

3.1.3.10 Seu berço originário e seu destino/ projetos futuros vislumbrados

Raimundo reafirma sua origem dizendo: “sou de uma família de agricultores do interior ‘do interior’ do Ceará....que batalhou, cursou toda a sua vida na escola pública, mesmo com todas as adversidades, dificuldades e conseguiu alcançar os seus sonhos”. Porém, o rapaz demonstra uma certa apreensão com os tempos atuais que tem trazido opacidade e insegurança quanto às perspectivas futuras. Ele diz com um tom de decepção que acha que:

[...] naquela época (décadas anteriores), o ensino superior possibilitava [...] um caminho pra mudar de vida. Praticamente... hoje não tem tanta diferença, porque você vê a quantidade de gente com ensino superior e vamos dizer assim, trabalhando em outros ramos, que não seja da sua formação e ganhando bem menos [...] aquela época foi o momento em que dava impressão de que a expansão do ensino superior estava atrelada a mudança no patamar de vida das pessoas.

Sua preocupação e desapontamento não são infundados. O risco, a instabilidade, a fluidez dos tempos contemporâneos torna flutuantes o peso dos diplomas. É preciso reforço constante na formação escolar através de aperfeiçoamentos e capacidade de adaptação aos novos rearranjos. É um processo de reinvenção constante para garantir “seu lugar ao sol”, e, sobretudo, com um pouco de sombra para se resguardar dos infortúnios do contexto global de precarização do trabalho.

Sobre os projetos para o futuro ele pensa e acha que essa é uma resposta difícil, e diz:

Para falar a verdade... Todas as minhas conquistas nunca foram planejadas a longo prazo. São todas a curto prazo, um passo de cada vez. Não penso como vou fazer daqui a dez anos, daqui a cinco anos. Primeiramente, tento viver o que me foi proposto em determinado período. Vamos supor, entrei na graduação, meu objetivo era terminar a graduação, embora no final almejasse o mestrado [...] Da mesma forma foi no mestrado, entrei com o objetivo de

terminar. Quando terminei, veio o desejo de fazer doutorado. E foi da mesma forma [...] A princípio não penso em pós-doutorado agora. [...] não tento focar em desejos muito distantes. Tento realizar aquilo que já me foi proposto. Atualmente, é concluir o período que fui contratado como pesquisador, e desenvolver minhas atividades legais, bem desenvolvidas, com perfeição, e esperar o que vai acontecer depois.

A capacidade de se situar no tempo presente e projetar os investimentos numa perspectiva mais próxima, deve ter a ver com essa lógica de trajetória de vida muito pautada nas necessidades mais imediatas e uma flexibilidade e resistência para lidar com as adversidades de longas datas. Sem muitas garantias, paradoxalmente, a estratégia é não sofrer por antecedência e não criar expectativas, mas ir construindo perspectivas mais fluidas para ir ladrilhando um futuro incerto com as pedras que aparecem no caminho e abrindo outros horizontes possíveis.

3.1.3.11 Raimundo por ele mesmo

O jovem sorri e diz “acho que já falei o suficiente de quem sou eu”, mas resolve acrescentar dizendo: “Eu sou uma metamorfose ambulante”. E narra um episódio de quando estava no 3º ano do ensino médio, sua irmã mais velha era sua professora de História, e passou uma atividade para que os alunos descrevessem quem eram. Ele se recorda que lhe veio à mente uma música do Raul Seixas que havia escutado e se identificado com o trecho “sou uma metamorfose ambulante. Pronto. Então, naquela época eu tomei isso pra mim. Eu sou uma metamorfose ambulante e minhas ideias estão em constante modificações. Então, é isso!”.

Este é o trajeto do menino que não gostava da escola que demorou a lhe acolher. Ele conseguiu sobreviver e se adaptar ao ambiente escolar, que tantas vezes lhe hostilizou. Teve que aguentar as ofensas dos colegas e das professoras que faziam comparações infelizes dele com relação ao desempenho de aprendizagem de seu irmão. Alfabetizou-se tarde, mas se encantou pela leitura que fez despertar dentro de si uma pessoa corajosa e desejosa de outros mundos mais desafiadores. Conciliou estudo e trabalho, enfrentou seus receios e adestrou minimamente sua timidez.

Através dos estudos, Raimundo traçou outro roteiro de vida. Transitou em outros ambientes, ampliou seu círculo de interações, viajou e foi em busca de outros lugares que pudessem lhe realizar. Foi ocupar espaços mais rentáveis e que atendessem seus anseios, sobretudo, acadêmicos e de trabalho. A partir dessa ruptura, ele conseguiu ir ganhando força e

se proporcionar um encontro consigo mesmo e suas demandas pessoais e profissionais. Impactado pela trajetória escolar, vivenciou circunstâncias e experiências que lhe constituiu como uma pessoa que criou para si uma nova vida mais rica em possibilidades.

3.1.4 Assis: Desenho narrativo sociológico¹²⁷

Assis nasceu em 07 de dezembro de 1993 em Fortaleza. Aos 06 anos os pais perderam o emprego e decidiram voltar para a terra natal, na localidade de Bilheira, há 15 km da sede do distrito a qual pertence, Taparuaba. Ele fala: “nasci lá (Fortaleza), mas vivi minha vida toda, de infância, de adolescente em Bilheira”. A fase na capital não foi tão boa, porque não tinha uma vida social e sua rotina se resumia a ir à escola e ficar em casa. Esse período lhe remete muito aos problemas que tiveram lá:

Era uma vida muito difícil, porque era um momento que a gente estava enfrentando uma crise familiar muito grande. A maior parte do tempo eu passava em casa, e era quando vivenciava mais coisas desagradáveis: como as brigas dos meus pais, os meus irmãos doentes...Então, Fortaleza foi o lugar que menos gostei de morar [na primeira infância pelos conflitos familiares].

Ao chegar em Bilheira, passa a vivenciar uma outra realidade, porque não precisava passar tanto tempo em casa. Tinha mais contato com amigos, a família foi se reestruturando e passou a gostar da nova realidade. E acrescenta:

Todavia, depois que completei meus 12, 13 anos, foi nascendo uma inquietação em mim, porque **achava que estava dentro de uma caixa...**Comecei a frequentar Sobral pra estudar e percebi que o mundo era muito maior. Na verdade, poderia ter percebido isso em Fortaleza, mas como era privado disso, acabei não vivenciando. Se me perguntar qual o lugar que mais gosto, é **Sobral. Porque me permitiu ver fora da caixa.** Gosto muito de morar aqui. Sempre que quero, posso ir lá rapidinho.

Assis é o mais novo da pesquisa e é de uma geração deste distrito que já teve fácil acesso a transporte escolar para se deslocar e transitar para Sobral acessando outra realidade de estudo, diferente das gerações anteriores que não podiam fazer esse trajeto gratuitamente. Até meados de 2000, mesmo se pudessem pagar, não havia transporte em todos os horários para ingressar em alguns cursos. Ele mudou-se para Sobral logo que concluiu o Ensino Médio, começou a fazer a faculdade, e desde então, mora lá.

¹²⁷ Entrevista realizada em 09 de fevereiro de 2017. Assis tem hoje 27 anos. Graduado em Letras/Inglês, acaba de se formar, e já está cursando especialização em Gestão Pedagógica na UVA

3.1.4.1 A história da família: origem e reviravoltas

O jovem conta que os pais “têm raízes em famílias que eram tipicamente rurais”. Seus avós moravam em terras de terceiros, trabalhando para conseguirem o sustento, e seus pais tinham que trabalhar também, morando nas fazendas. Ele diz:

[...] durante esse período meus pais não podiam fazer algumas coisas...hoje, não conseguem ler e nem escrever, porque naquela época não tinham essa oportunidade. Tinham só que trabalhar. Nasceram num meio em que o principal propósito dos filhos era ajudar no sustento da família. Vejo que era uma lei da sobrevivência mesmo. Tinham que ajudar os pais e não podiam fazer coisas que eram necessárias que pudessem fazer (se refere a estudar). Acredito que na pele deles...não tiveram infância. Hoje vejo reflexo dessa vida que tiveram porque, por exemplo, minha mãe sempre me incentivou a estudar...Mas é um incentivo que ela ainda não vê o estudo como algo que eu deva investir tanto do meu tempo, assim como investir meu dinheiro.

Por não experimentar, de fato, a eficácia do estudo na vida pessoal, a mãe talvez não acredite no retorno dos estudos do filho. Esse é um conflito que o jovem precisa gerenciar e procura empaticamente compreender as razões que geram essa desvalorização da educação por parte da família:

Isso é resultado do meio social que estavam inseridos. Porque os pais deles não investiram dinheiro em estudos...investiam na alimentação, no sustento da família. Naquela época, minha mãe tentou estudar, mas não conseguiu, e viveu a vida quase inteira dessa forma...ter casado muito cedo também...passaram a ter responsabilidades muito cedo [com família] ...

Interessante ver os filhos avaliarem a precocidade do casamento dos pais, como outros interlocutores da pesquisa também já mencionaram. Como a consciência da possibilidade de uma juventude estendida e com projetos profissionais e de educação, aparece na perspectiva de uma outra geração, que sempre aponta o casamento como um empecilho para projetos pessoais, como estender os estudos, por exemplo.

O pai do jovem nasceu em Aracatiaçu, vizinho a Taparuaba, tem 58 anos, fez até a 3ª série, sabe ler razoavelmente, mas escreve com dificuldade. Trabalhou no Rio de Janeiro na década de 80, período de grande êxodo para o Sudeste em que as pessoas iam em busca de algum sustento. Trabalhando em restaurantes ou na construção civil. Entretanto, no tempo em que moravam em Fortaleza o pai foi gari, como o jovem explica:

Foi o emprego possível pela escolaridade que tinha, pelo menos o [ensino] fundamental I, mas não era um emprego que todos desejavam, né? Ele ficava muito tempo fora. Fui tomando consciência e percebendo o que ele fazia naquela profissão. Isso foi gerando em mim um desejo de querer ajudar de alguma forma, procurando fazer diferente. Era muito difícil ver meu pai

chegando muito sujo...porque geralmente em nenhuma outra profissão você chega em casa dessa forma... Daí passei a pensar numa opção diferente.

Assis tem dois irmãos e é o caçula. Seu irmão, cinco anos mais velho, concluiu o Ensino Médio, fez cursos técnicos e é vendedor. Sua irmã, mais velha um ano que o jovem, é graduada em Filosofia na UVA. O jovem fala do orgulho que os pais sentem dos filhos porque foi algo que eles não tiveram, e diz:

Vê que meu irmão hoje trabalha num local, num ambiente adequado, isso é muito gratificante. Quando vejo também que tenho uma sala climatizada pra trabalhar exercendo minha função, isso me faz lembrar muito do meu pai. Porque querendo ou não ele se submeteu aquilo (trabalho de gari) por nós. Não era porque ele queria, é que era a única forma...então, hoje vemos que soubemos aproveitar as oportunidades que surgiram...e fez com que a gente fizesse diferente. Que a gente pudesse ter condições de vida diferente.

Sua mãe nasceu em Bilheira, tem 56 anos, estudou até a 2ª série, sabe ler razoavelmente e sempre se ocupou da criação dos filhos e das atividades domésticas. Diz o filho:

A vida toda foi apenas dona de casa. Isso é meio uma tristeza que tenho, porque ela nunca pode ter uma liberdade financeira, por exemplo. Nunca pode estudar pra conseguir um emprego e ainda veio de uma família tradicional também em que as mulheres não trabalhavam [fora]. Então, isso também influenciou.

O jovem lamenta a condição de dependência financeira e a educação de subordinação que a mãe recebeu ao longo da vida. O filho consegue perceber e compreender a condição desfavorável da origem de seus pais, sobretudo, a submissão feminina que sua mãe vivenciou fazendo uma rápida análise histórico-crítica familiar. Os pais foram para a capital antes de terem filhos. Quando lá chegaram, só tinham o terreno, e começaram a construir a casa própria como ele diz: “a gente morava só em dois cômodos”. Foram construindo aos poucos. Quando vai a Fortaleza, às vezes, visita algumas pessoas da época que morava lá, mas, as recordações desse período são sempre de privações e aflições:

Era na Lagoa Redonda, um bairro perigoso. Tanto que quase não tinha sociabilidade com as crianças da minha idade. Ficava muito em casa e minha mãe passava muito tempo cuidando da minha irmã que era doente...era pequeno naquela época, mas o que mais me lembro era das brigas constantes. Meu pai com problemas de alcoolismo. Lembro disso...eu era muito aflito, muito nervoso. Acho que por isso hoje criei total aversão a bebida alcoólica, sabe? Quando tô no meu círculo de amigos e tem bebidas alcoólicas, tenho que me afastar, porque me lembro do quanto ela foi ruim pra nossa família.

Para o jovem, foi traumática essa fase da vida que lhe deixou marcas ainda trazidas no presente quando relata seu desconforto em ambientes com a presença de bebidas alcoólicas.

Assim como, a satisfação em ver a família superar momentos de dificuldade é uma constante em seu discurso. Assis é pura gratidão por suas conquistas.

3.1.4.2 Trajetória escolar: empenho e ousadia

Assis ingressou na Educação Infantil, ainda na capital, ao final dos 05 anos e considera que entrou com atraso. Era muito apegado à irmã e não conseguia se adaptar e ficar na sala sem ela. Conta que era uma escola pública de bairro: “achava que era boa, mas era meio desorganizada. Tanto que não me alfabetizei lá na idade certa”.

Ao chegar em Bilheira, em 2000, aos 07 anos, entrou na Escola Araújo Chaves, e uma tia materna, que é a Prof.^a Sulene, foi quem iniciou sua alfabetização, e conta: "Aí comecei a me desenvolver". No ano seguinte, continuou com a Prof.^a Lucilêda, não conseguia ler bem, e seus colegas de sala já conseguiam ler bem melhor. Ele tinha muita dificuldade, mas tinha muita vontade de aprender igual aos outros porque os via lendo na roda de leitura. Por fim, conseguiu terminar o 2º ano lendo bem.

Depois desse período disse não ter tanta memória, até suas lembranças serem marcadas pelo Ensino Fundamental II, e que tudo começou com a entrada de alguns professores na escola, como ele explica:

Ainda hoje, procuro manter um laço de amizade com eles, assim como tento manter com você [pesquisadora], porque foram pessoas que me abriram muito a mente. Tudo começou com a entrada de alguns professores jovens que estavam fazendo graduação naquela época: André, Priscilla, Gleidson, Tia Úrçula. O EF II pra mim foi muito despertador. Por exemplo, a Priscilla professora de Português, começou a falar que com os livros a gente poderia ganhar o poder de falar em público, perder a timidez... Ela recitava poesias e nunca tinha visto aquilo...e daí fui começando a me interessar. Comecei a ler e recitar poesias, e participar de peças teatrais, encenando obras, a ver outros mundos através dos livros. Quando a gente pensa, não é só leitura dos livros, foi como a Priscilla mostrou pra gente que era muito mais do que isso...a gente ia ver outros mundos através das histórias. Também foi a primeira vez, no 6º ano, que tive aula de Inglês com a Prof.^a Úrçula. Sempre tive vontade de aprender Inglês e, mesmo na época ela não sendo da área, gostava muito das aulas dela. Além disso, ela exercia o real papel do professor: ela não dava só conteúdo, ela conversava comigo, com a gente. Tinha muita admiração por todos os professores. Na hora do intervalo não ia brincar com os colegas, ficava lá na sala dos professores conversando com eles.

O jovem também cita o Prof. André, esse que vem a ser uma espécie de grande guru e companheiro mesmo nessa jornada de descobertas:

[...] ele foi me ajudando também, falando que eu podia buscar outras coisas além do que tinha ali na escola. E me convidava pra assistir às aulas com ele

no curso de inglês no Palácio de Línguas. Nessa mesma época do EF II eu vinha assistir aula na faculdade com ele (Letras/Inglês na UVA). E ficava ali só me imaginando como é que seria...e fui alimentando muito isso, devido a eles. Tenho tanta admiração por ele! Eles foram me mostrando outros caminhos, coisas que eu poderia conseguir... Também teve algumas olimpíadas no colégio que fui me destacando e vi que tava conseguindo algumas coisas com os resultados que tirava nas provas. Fui vendo que tudo isso que estava conseguindo era algo que ninguém me tiraria. Percebi que quanto mais eu buscasse ter isso, mais iria crescer.

Assis tinha, desde cedo, um desejo inquieto por aprender. Não é que apenas priorizava aprender coisas novas, mas ele manifestava já desde cedo uma vontade incomum e peculiar pela aventura de aprender, a ponto de não ter outros interesses, semelhantes aos adolescentes da sua idade. Conta que foi muito difícil, porque vivia num círculo de amizades que ninguém pensava assim. Lembra que uma pessoa lá em Bilheira falou: "olha, se *tu for* só estudar, não vai conseguir nada. *Tu tem* que pegar no cabo da enxada mesmo". O jovem conta comovido, deixando perceber que essa fala lhe machucou como uma ameaça que quase arranhou seus sonhos.

Acredita que, nessa época, quase foi influenciado por essa ideia, fez um esforço e começou a trabalhar no roçado com seu avô, porque a tal pessoa lhe falou que ele não podia ser assim, porque passava muito tempo em casa estudando. Ele trabalhava e estudava, e explica: "Mas, porque tinha que dar uma resposta à sociedade. Você sabe, muitas pessoas não acreditam...num livro, ou do que a gente pode conseguir dali".

Quando era apenas um adolescente era muito difícil enfrentar algumas críticas. Mas, participou de uma Olimpíada de Português, sua redação foi escolhida e ele relata:

Lembro que escrevi de uma forma que depois, quando fui ler, não entendia como consegui escrever aquilo. Mas tudo tinha saído de mim, de coisas que tinha aprendido. Acho que a sociedade, de certa forma, é muito cruel com a gente, porque, às vezes, ela impõe algumas coisas que você tem que cumprir [...] tive que equilibrar estudo e trabalho pra prestar contas ao que as pessoas falavam. Mas, já comecei a pensar no vestibular. Era adolescente, mas já tinha o pensamento de adulto. Queria dar uma resposta aos meus familiares, mostrar que a gente pode conseguir alguma coisa.

O inconformismo com a mentalidade social dominante em vigor, em que considera que os modelos devem ser perpetuados, é uma das primeiras inquietações do jovem. Ele começa a recusar a ideia de que a educação escolar é um alvo inalcançável, ainda que tenham tentado lhe convencer disso. No Ensino Médio, Assis passa a estudar mais arduamente. Ao mesmo tempo, tinha que trabalhar também, mas foi um período que já pensava na faculdade, de como poderia conseguir entrar, e diz:

[...] comecei a me desdobrar pra estudar, e foi o período que ingressei numa escola de idiomas, no Palácio de Línguas, em Sobral. Lá me foi dado uma outra visão também, porque comecei a **fazer o curso de Inglês e comecei a sonhar que poderia ter uma profissão com o que estava aprendendo**. Passei a sonhar em viajar e conhecer um outro país. Foi quando fiz a seleção para o Jovem Embaixadores (traremos em seguida), e passei. Pra mim foi muita felicidade, porque, enfim, **conquistei aquilo tudo com estudo... mesmo de uma escola pública rural. Os professores acreditavam na gente e a escola também**. Foi tudo muito novo. Quando entrei no avião, os colegas que iam comigo, todos sabiam como inclinar a poltrona, e eu não sabia porque nunca tinha viajado de avião. Quando vi que ia pra aquele país... comecei a lembrar muito do que vivi, e comecei a me questionar: puxa, consegui mesmo ir pra lá (EUA), consegui tudo isso? Comecei a pensar, que valeu muito a pena. O Programa (JE) custeou tudo, **mas tudo isso foi fruto mesmo de leitura. A gente vê que o estudo vale muito a pena**. Foi aí que as pessoas depois foram vendo: puxa, ele viajou pra outro país, tá vendo, só porque ele estudou. Queria que muita gente de Bilheira pensasse assim. Não sei se consegui motivar, mas acho que alguém se motivou vendo isso. Às vezes, as pessoas pensam muito fechado mesmo.

Assis vê sua fé e seus esforços nos estudos serem recompensados “em grande estilo”, dentro deste parâmetro de sucesso. Quando era apenas um secundarista de uma escola pública interiorana, vindo de uma família de poucos recursos, aos 17 anos, ele é selecionado pelo Programa Jovens Embaixadores que se define como:

[...] iniciativa oficial do Departamento de Estado norte-americano e, no Brasil, é coordenado pela Embaixada dos Estados Unidos da América. Criado em 2002, o JE é um intercâmbio de três semanas nos EUA que tem como público alvo estudantes brasileiros do ensino médio na rede pública, que se destacam em sua comunidade pela atitude positiva, bom desempenho acadêmico, conhecimento da língua inglesa, capacidade de liderança e espírito empreendedor. [...] Assim como os jovens que estão no ensino médio começam a pensar em carreiras e oportunidades, ao atingir a sua maioridade, o programa passa agora a ter um foco mais voltado para o desenvolvimento de habilidades para o ambiente em constante transformação do Século XXI e oferecerá uma oportunidade de intercâmbio para jovens protagonistas que buscam resolver um problema em suas respectivas comunidades por meio de ações criativas e inovadoras [...]. <https://jovensembaixadores.org.br/docs/Edital.pdf>

A experiência com o Programa Jovens Embaixadores foi um divisor de águas na vida do jovem, como veremos em detalhes mais na frente. Nesse mesmo período (2012), recebeu o resultado do vestibular e ingressou no curso de Letras/Inglês na UFC/campus Sobral. Foram cinco anos de graduação e lecionando em várias escolas.

O jovem considera que tudo foi acontecendo muito rápido: “Parece que quanto mais estudava, mais me dedicava, mais os resultados vinham”. Foi uma fase de muito estudo na faculdade e foi quando passou a trabalhar formalmente, começou a se destacar ensinando em escolas particulares, e ressalta um aspecto de seu trabalho:

Por isso, pra mim, ainda hoje é um desconforto... como já tinha comentado com você [pesquisadora]. Queria muito ensinar na rede pública, pra poder, de certa forma...acho que não é um favor que eu devo, mas queria muito ajudar muitas pessoas que estão lá ainda e que pensam pequeno. [...] me formei, passei o período da graduação fazendo algo que gostava muito, e uma semente que foi plantada lá quando tava no 6º ano, pelos meus professores... brotou! Me formei, e agora tô na pós-graduação [*lato sensu*].

Assis é muito motivado, desejoso em compartilhar sua experiência e ajudar outras pessoas que advenham de realidades semelhantes às que teve. Ao lecionar na iniciativa privada, o jovem já confessou em diferentes momentos que tinha a sensação que estava aumentando o abismo entre quem já tinha tudo para ter sucesso e quem não tem muita oportunidade. Ele se angustia por ter consciência que a eficiência do seu trabalho pode favorecer a quem já é privilegiado, o que acirra mais ainda o fosso entre quem está em larga vantagem nos estudos e quem padece da falta do essencial para viver e tem que “correr por fora” para garantir a escolaridade mínima.

3.1.4.3 As marcas paradoxais da escola em sua vida

O jovem enfatiza, sobremaneira, os pontos positivos de sua trajetória escolar. Mas já se incomodava com as dificuldades que a escola pública enfrentava. Ele descreve eventos cotidianos e os ganhos que essas experiências lhe trouxeram:

[...] o que me cativava mais eram os professores. Via que, embora o sistema todo não cooperasse, eles estavam ali acreditando em todos os alunos. Era uma relação muito humana que mantinham comigo e com meus colegas. A questão do incentivo, do exemplo que davam, são as primeiras memórias que me vem. A segunda, são as apresentações [culturais na escola] que fazíamos, adicionando aquilo que falei, porque não era só conteúdo que importava, mas eram outras coisas também que levavam a gente a pensar. Às vezes, um **recital de poesia, pode parecer só um recital de poesia, mas não é**. Ali você se descobre, fazendo uma encenação daquilo que leu. **O que mais me vem à mente são os professores e meu desejo de mudar a realidade**. Mas, também lembro da estrutura que a gente tinha disponível, sabe? Ter que **dividir livros, não poder levar livro pra casa, ter que anotar tudo no caderno...** E quando chovia e tinha um **inverno forte que a gente tinha dificuldade de estudar?** Me questionar: **porque a gente não pode ter um espaço pra estudar bem?** Ainda hoje é muito complicado de aceitar.

A Escola Araújo Chaves (onde fez o EF) e a Escola CBL (onde fez o EM) não contavam com biblioteca propriamente dita. No entanto, havia um pequeno acervo bibliográfico advindo do Programa Literatura em minha casa, do governo federal, já citado anteriormente, e, sobretudo, alguns bons títulos literários variados alimentados pela Secretaria Municipal de

Educação de Sobral junto às escolas. Os empréstimos dos livros aos alunos para levarem para casa era feito em forma de rodízio e anotados num livro de controle.

Assis foi tocado pela força e encanto que a literatura e o gosto pela leitura emanam. Nisso passa a demonstrar interesse também pela licenciatura. Ao cursar e se formar em Letras/Inglês, ele se vê fortemente vocacionado ao magistério e à área pedagógica. Concluiu, em 2018, sua primeira pós-graduação *latu sensu* em Gestão Pedagógica e, já em 2019, começa sua segunda especialização em Linguística aplicada no ensino de língua estrangeira, pela UFC, cursando no campus Fortaleza. Estas são provas de que ele anseia continuar se qualificando. Além do curso de Inglês Avançado, do curso de Espanhol, ele fez o curso básico de Libras.

O jovem tem o forte propósito de fazer a pós-graduação *stricto sensu*. Há muito tempo ele deseja ingressar no mestrado, e só não tentou a seleção logo após a graduação, pela complexa logística que já tem que gerenciar para conciliar os trabalhos que tem hoje. Mas, no final de 2020 ele fez o projeto de pesquisa e se submeteu à seleção. Infelizmente, ele não foi aprovado na última fase. Ele anseia pela ideia e estilo de vida de aprendizado permanente. É uma questão de tempo para que novos episódios deste enredo aconteçam.

3.1.4.4 Inconformismo com a disparidade de condições entre a rede pública e a rede privada de ensino

Assis fez toda trajetória escolar na rede pública, e teve a oportunidade de experimentar, mais tarde, a realidade da escola privada, passageiramente, como estudante bolsista no 3º ano do Ensino Médio, aos 16 anos. O inconformismo é sempre presente em seu discurso ao comparar as disparidades das condições de estudo entre as duas redes de ensino:

Por exemplo, fiz meu estágio (na graduação) na escola pública, e não consegui entender porque tá a mesma coisa ainda. Isso é muito injusto: por que no nosso país, a gente tem escolas privadas, em que os alunos têm todo o conforto e tudo o que precisam, e por que as pessoas que têm menos, não podem ter o mesmo? Pra mim isso é um baque muito forte. Quando tava no 3º ano (EM), além de estudar na Escola (CBL) em Bilheira, tive a oportunidade de ganhar uma bolsa e estudar numa escola particular. Era um choque de realidade. Não entendia porque aquelas pessoas estavam tendo aquela oportunidade e nós que queríamos estudar também não podíamos ter o mesmo. Eles tinham livros, tinham todo o conforto e nós não tínhamos, meus colegas não tinham. Era muito difícil ir de manhã para o conforto e ver a noite que eu e meus colegas estávamos ali, sem isso. Conversava muito com meus professores e, de certa forma, me desesperava. Às vezes, pensava: puxa, será que vou conseguir competir com eles (no vestibular)? No último ano, estudei muito pra conseguir competir com essas pessoas que tinham muito mais do que a gente tinha. Isso **me inquietava muito: a falta de estrutura e os materiais que faltavam.**

Assis, não só aproveitou as oportunidades que surgiram ao longo da caminhada, mas também cavou destemidamente muitas rotas alternativas para seus propósitos. Sempre foi aluno de escola pública, mas ao perceber a desvantagem que tinha frente aos pretendentes aos mesmos propósitos acadêmicos que os seus, portanto, seus concorrentes, procurou minimizar seus prejuízos e disputar razoavelmente em pé de igualdade. Ele procurou por conta própria as freiras dirigentes do Colégio Santana, uma respeitada instituição escolar privada, e solicitou uma bolsa integral de estudos alegando a aquisição de um parcial “capital social” que estava adquirindo recentemente:

No ano anterior, tinha ficado na final do Programa Jovens Embaixadores. Então, saiu no jornal da cidade e daí eles me concederam uma bolsa integral. Ficava inserido numa turma de 3º ano, como um aluno ouvinte e tinha todo o material fornecido pelo Colégio.

Ao analisar os relatos do jovem sobre sua experiência na escola privada, o que mais é colocado em destaque é a qualidade superior da estrutura e o suporte material que é oferecido aos alunos. Ele lamenta que esses elementos, que são condições tão importantes para desenvolver um bom trabalho, só seja dado aos alunos das escolas particulares, mas a ênfase marcante da grande contribuição que ele julga determinante na sua formação é atribuída ao espírito pedagógico e competência de seus professores na escola pública. Esse foi um achado interessante.

3.1.4.5 Inserção no ensino superior: dificuldades, métodos de estudo e Enem

Assis tem uma característica marcante: é muito automotivado e determinado. Acredita que antes de qualquer coisa é necessário querer muito aquilo que se pensa ser seus objetivos. A partir do momento que se decide, deve-se buscar alcançar esses propósitos cotidianamente com muito empenho:

Quando tava no 1º ano do EM já procurava na internet perguntas pra responder...meu maior sonho naquela época era ter um computador. Foi muito difícil, porque tava com um computador emprestado e tive que devolver, foi muito ruim...porque a única função dele era pesquisar. Via como uma ferramenta que me dava muito mais, do que me era oferecido na escola. Fazia um horário de estudo em casa. Não tinha nem mesa naquela época, sentava no chão pra estudar. Às vezes, minha mãe, meu pai, não gostavam que passasse mais tempo estudando do que ajudando no trabalho. Mas estudava até depois da escola à noite...Acho que isso foi muito influenciado também quando conheci algumas pessoas que estavam tendo o ensino pago. Comecei a pensar:

“puxa, agora vou ter que estudar ainda mais”. Passei a fazer planos de estudo, estudar em casa e alimentar aquela vontade. Todos os dias que ia pra escola os professores injetavam ainda mais ânimo em mim. Então, acho que foi isso que me fez ter sucesso na aprovação.

Assis, na sua inquietação para aprender sempre mais, não se contentava com o que via na escola e sempre crescia outras formas para ampliar seus conhecimentos. A autodisciplina também era um diferencial não muito comum nos adolescentes da sua idade e da sua realidade. Ele não só não era incentivado a ter essa determinação e esses objetivos pela família e pelo meio de convivência, como ainda tinha que resistir às críticas que tentavam lhe convencer do contrário, de que não conseguiria nada na vida estudando tanto assim.

Paradoxalmente, a escola também foi apontada pelo jovem como insuficiente para seus anseios de aprender mais e que isso dificultou para que sua formação fosse mais alargada e fluida, como ele queria:

Acho que assim... a escola pública na época seguia muito uma grade, a maior dificuldade foi não ter tantas aulas de algumas matérias. No EM tinha muita aula de Matemática, muita de Português, e não tinha aula de Química, de Física, de História, então minha maior dificuldade foi essa. Na época sentia que os professores tinham que seguir aquilo, e eu queria me alimentar muito mais, tinha uma sede de aprender muito mais, tanto que como algumas aulas dessas matérias foram substituídas por Português e Matemática, eu levava os livros das outras matérias pra casa, estudava e levava as dúvidas para os professores. Essa foi a maior dificuldade, a falta de algo que precisava mais. Mas, ao mesmo tempo, via que a maioria dos meus colegas também não se importavam muito com isso. E acho que o foco deles era um pouco diferente.

No entanto, apesar das suas insatisfações, ele reconhece que foi a escola sua grande porta de entrada para outra realidade com outras alternativas de vida.

Nesta esteira de discussão, a fala de Assis evidencia como currículo escolar é resultado de um palco de disputas acirradas. A “grade curricular” é, literalmente, presa às exigências dos organismos econômicos e políticos macroestruturais, que pressionam para que se privilegie algumas áreas (linguagem e matemática), que julgam adequadas aos interesses do complexo financeiro, em detrimento de outras (ciências humanas e da natureza, por exemplo). Assim, esquartejam os conhecimentos, engessam disciplinas, desperdiçam saberes e desconectam esses elementos da realidade (APPLE, 2011), e Assis, apesar da pouca idade e experiência, intuitivamente, sentia isso. Sentia que muita coisa ficava sem conhecer e aproveitar e se sentia um insatisfeito solitário, em relação a seus colegas e ao meio em que vivia.

Como um estudante apaixonado por estudar e cheio de iniciativa, o jovem cria suas próprias estratégias e métodos para otimizar seu processo de aprendizagem:

No EM, costumava estudar tudo que ia ser visto em casa antes das aulas pra levar as dúvidas. Lembro que Tia Úrçula falava que eu levava muitas perguntas pra ela. Era a melhor forma, porque achava o tempo de aula pouco, o tempo que ia aproveitar da professora era muito maior já levando só as dúvidas. Ao invés dela ficar explicando tudo, eu já ia específico nas dúvidas que tinha. Comecei a usar mais no 2º e 3º ano, e tinha muitas dúvidas porque lia muito. Lembro que até nos intervalos, nos momentos ociosos na escola eu ficava resolvendo questões...a Prof.^a Dalila falava que eu aproveitava todo tempo. É que achava pouco tempo durante o dia pro desafio que ia ter que enfrentar, porque via que o desafio era muito grande.

Assis, enfim, enfrenta o grande dia de desafio: o dia da prova do ENEM. Ele conta como vislumbrou suas chances de aprovação e quais eram seus receios:

Confesso que fui fazer as provas do vestibular e do ENEM, com muito medo. Ficava imaginando o que iria fazer se não passasse. Mas assim, lembro que terminei a prova com uma paz de espírito muito boa, sabendo que tinha feito muitas questões e que, na minha concepção, estavam corretas. Quando soube do resultado da aprovação estava nos EUA. Então, foi uma felicidade em dose dupla, porque tava realizando dois grandes sonhos que tinha. Passou um filme na cabeça, fiquei muito feliz...sabia que através daquele novo caminho que ia seguir, ia construir novos objetivos que tinha. A aprendizagem é muito ampla, tanto que até hoje tô estudando e acho que não estudei nem metade do que quero. O resultado me trouxe uma base do que viria pela frente.

A preocupação com a não aprovação para ingressar na universidade apavorava o jovem que tinha com esse propósito a transição para outra realidade de vida. Com tanta sede de aprender, ficar sem frequentar um espaço educacional representava uma ameaça aos seus sonhos e temia ficar relegado a um cotidiano sem as práticas de interação que tanto valoriza: estar entre os que também desejam o conhecimento. Essa possibilidade lhe atormentava.

Assis diz que uma das suas maiores motivações era mostrar para sua família “que a gente podia se inserir no Ensino Superior”. Na sua família nuclear nunca ninguém tinha entrado na universidade. Sua mãe não pode ir a sua formatura, mas ele conta que teve um momento na cerimônia que se emocionou muito e ligou para dizê-la que já estava formado. Foi um telefonema comovente para ambos e ela começou a chorar, e explica: “porque foi muito difícil, para nós que viemos de um meio que esse não é o principal objetivo da vida. Então, **o principal intuito foi esse mesmo: quebrar certos paradigmas**”.

O combate às injustiças e as desigualdades sociais e de oportunidades, através da educação, sempre impulsionou o jovem a recusar o “não” como resposta. O inconformismo foi um combustível potente na sua jornada pessoal e, ainda é, nas suas empreitadas dos projetos sociais que ele desenvolve num bairro periférico lecionando um curso de inglês para jovens por

se sentir convocado a contribuir com melhorias coletivas. Para ele, romper com *status quo* é um desafio empolgante.

3.1.4.6 Referências e agentes participantes das suas empreitadas

Assis destaca em vários momentos a importância dos professores como agentes primordiais no seu processo de desenvolvimento, não só escolar, mas pessoal:

Já falei, mas queria acrescentar que, principalmente, foram os professores que falavam da importância e dos ganhos de entrar na universidade. Era muito satisfatório ouvir aquilo deles. Lembro que no fim da aula, o André e a Priscilla, ficavam esperando o ônibus pra ir pra Sobral (professores que depois do expediente na escola, no terceiro turno, iam para a universidade) e ficava lá com eles conversando e tentando puxar mais informação...pra mim, professor era e é a maior inspiração que tenho. Via eles como...algumas pessoas idolatram celebridades, né? Eu costumava idolatrar muito meus professores. Eles foram quem mais contribuíram com minha história: na motivação e nos aprendizados.

É imperioso observar no jovem, como em seus relatos os professores aparecem como aqueles que lhe proporcionaram uma quebra de paradigmas de mundo e de vida. É perceptível, também, que ele demonstra desde cedo uma personalidade aberta e sedenta por novas experiências e desafios, no formato que Bourdieu (2011b) chama de *ethos* escolar. O convívio com os professores que lhe cercavam com valores positivos sobre a educação e uma crença firme de que os educandos podem aprender, teve um efeito desencadeador de mudanças nele. Esses referenciais apaixonados pela educação e pelo saber, afetou o jovem profundamente, sendo possível elencar alguns pontos mencionados claramente na contribuição que recebeu de seus mestres:

1. A Prof.^a Priscilla lhe fez ter uma relação de profundo amor, intimidade, prazer e esperança com os livros, e que através da leitura era possível viajar e se projetar para frente, treinando habilidades que precisava desenvolver ou potencializar (ganhar conhecimento e confiança, perder timidez e falar em público, por exemplo);

2. Com a Profa.^a Úrcula teve seu primeiro contato cuidadoso e estimulante com a Língua Inglesa¹²⁸ e, especialmente, a escuta, o acolhimento e o incentivo desta professora foram especiais na definição de suas escolhas;
3. A impactante contribuição do Prof. André e a amizade que extrapolou o espaço escolar, lhe proporcionou um convívio a ponto de ir “assistir às aulas com ele no curso de inglês no Palácio de Línguas [e] assistir aula na faculdade com ele (Letras/Inglês)”. E como ele mesmo conta, essa experiência como espectador fomentou seu desejo de concretizar efetivamente num futuro próximo, seguindo os passos semelhantes à formação deste professor, ingressando na faculdade de Letras/Inglês.

Os professores foram fontes de inspiração para prosseguir nos estudos, mas também para seguir na carreira do magistério. Assis não se propõe apenas ser professor, ele se empenha em ser um educador transformador de realidades e de vidas, como aparecerão em vários de seus relatos ao longo do texto.

3.1.4.7 Mundo do trabalho: realização, dilemas, paixão e esperanças

O primeiro trabalho deste jovem foi, aos 12 anos, ajudando seu avô materno no roçado, nas proximidades de Bilheira. Nessa época, no seu círculo de amizades “todo mundo trabalhava nos roçados, e fui escutando muito isso...pra ser alguém, pra conseguir alguma coisa...vai ter que trabalhar no roçado”, conta o jovem. Mas ficou pouco tempo porque não se sentia feliz com essa atividade, foi apenas uma contingência daquele momento.

Em 2009, aos 14 anos fez um estágio diário no turno da manhã, como Guarda-Mirim Municipal em Sobral. Em 2010, aos 15 anos deu aula (informalmente) de reforço de Português e Inglês na Escola Araújo Chaves, onde também estudava e era pago com uma pequena gratificação ofertada pelos professores. Em 2011, quando ainda era estudante secundarista, teve seu primeiro trabalho formalmente remunerado numa empresa particular de Idiomas, onde ficou até 2014, lecionando um curso livre de Inglês aos fins de semana – sábado o dia todo e domingo até ao meio-dia na cidade do Ipu, há 102km de Sobral. A partir daí, as oportunidades de trabalho se proliferam e várias experiências profissionais vão se acumulando

¹²⁸ Língua Inglesa vem a ser, posteriormente, sua área de estudo e de trabalho. Graduado em Letras/Inglês, professor nesta área, inclusive preparando turmas para o exame do Toefl (Test of English as a Foreign Language – é um exame de Inglês que mensura a sua habilidade de entender e usar o inglês em um ambiente acadêmico), e coordenador pedagógico em escolas de idiomas.

concomitantemente. O desafio de conciliar estudo e trabalho foi se aprofundando em determinados momentos da vida, mais que em outros.

Em 2012, começou a faculdade à noite, na Universidade Federal do Ceará, no curso semipresencial no Polo da Meruoca¹²⁹, da Universidade Aberta do Brasil. Ele conta que o início foi um momento muito difícil, porque não tinha como se deslocar. Logo depois se articula com grupos de carona com quem passa a compartilhar transporte, pois a cidade fica a 25 km de Sobral.

No primeiro ano de faculdade, inicialmente, trabalhava apenas no curso aos fins de semana no Ipu, mas, ainda em 2012, acrescentou mais um emprego de carteira assinada quando surgiu a oportunidade de lecionar na Escola de idiomas Yázigi¹³⁰, que era uma escola que ele tinha muita vontade de estudar. Ele começou estudando o curso avançado de Inglês lá e no semestre seguinte, foi convidado a ensinar. De 2014 a 2019 torna-se coordenador pedagógico nesta empresa. Concomitantemente, de 2013 a 2014, leciona Inglês no Colégio Farias Brito, uma das unidades de uma das redes de escolas privadas mais conhecidas do Ceará. Ainda em 2013, seu segundo ano de faculdade, começou a lecionar no tradicional Colégio Coração de Jesus (privado) no turno da manhã, e logo em seguida tornou-se coordenador de projetos interdisciplinares, onde trabalha até o momento nesta função e a noite ia para faculdade.

Trabalhando em 03 escolas e fazendo faculdade, estava vivendo em ritmo acelerado. Em 2015, acrescentou mais um trabalho e começou a lecionar no Colégio Farias Brito¹³¹, passando a somar 04 empregos. Ele diz que foi se “sentindo estranho no meio social do trabalho, por perceber que eram muitas coisas novas [...] foi muito difícil aceitar por conta da minha idade”:

Em **2014**, era muito novo, **tinha 20 anos**, fui chamado pra trabalhar no Colégio Farias Brito que é uma rede particular de escolas na nossa região muito boa. De certa forma, não entendia porque ia trabalhar lá. Aceitei, mas meio sem entender. Foi um período confuso. **Acho que não tinha maturidade ainda para assumir tanta responsabilidade** numa escola tão grande. **Nesse período trabalhava nas 04 escolas.** E foi um **período difícil na universidade: não pude fazer todas as disciplinas, tive que trancar algumas.** Foi tão complicado que tive **prejuízo até na minha saúde mental.** Tava com **acúmulo de trabalho...** Todos os empregos eram em sala de aula.

¹²⁹ Meruoca é um município na Serra de mesmo nome, na divisa com Sobral, há 25 km de distância entre estas cidades que já estão em processo de conurbação. Com a aprovação da Lei Complementar Estadual nº 168/2016 o município passou a integrar a Região Metropolitana de Sobral. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/meruoca/panorama>.

¹³⁰ Yázigi é uma rede de franquia (privada) de escolas de idiomas estrangeiros.

¹³¹ O Sistema Farias Brito de Ensino é o resultado da soma de dois grandes grupos educacionais: a Organização Educacional Farias Brito e a Editora Moderna. Juntos, totalizam 83 anos de experiência em educação [...] no mercado editorial brasileiro. <http://sistemaafb.com.br/quem-somos/>

No terceiro ano de faculdade, deixou de trabalhar na empresa do Ipu e assumiu o emprego no Colégio Farias Brito lecionando no segundo semestre de 2014, permanecendo por dois anos. Em 2015, continua lecionando no Farias Brito e no Yázigi, e sai do Colégio Coração de Jesus. Em 2016, saiu do Farias Brito, voltou para o Colégio Coração de Jesus para assumir a coordenação pedagógica na parte da manhã. Saiu da sala de aula no Yázigi para também assumir a coordenação pedagógica. Nesse momento, voltou a sentir o peso da responsabilidade em seus “jovens ombros”:

“[...] aí foi o mesmo baque, semelhante ao que senti quando fui chamado no Farias Brito. Não entendia porque que tava na coordenação pedagógica. Era muito difícil pra entender porque que tudo aconteceu muito rápido. Depois que voltei da viagem aos EUA foi um ‘bum’ de muita coisa...muitas portas se abriram, tantas que não sabia muito o que fazer. Desde o ano passado [2016] que estou nessa responsabilidade no meu trabalho, na coordenação em duas escolas privadas [de grande importância na região]. Mas se você me perguntar se estou satisfeito, vou dizer que tô muito satisfeito, mas não é 100%...”

Assis passa a ser bastante assediado e sua contratação é pleiteada pelas instituições escolares privadas mais conceituadas da região norte do estado. Também chegou a receber propostas de trabalho em Fortaleza. Seu desempenho lecionando e preparando turmas para o exame do Toefl foi tamanho, que ele passou a ter muitas opções de emprego podendo escolher onde se sentia mais confortável permanecer, inclusive que cargo ocupar – professor ou coordenador pedagógico (quando exerce função de formador de professores).

Assis tem consciência dos seus feitos e reconhece que já alcançou importantes degraus na sua profissão. Mas, apesar de tantas conquistas na sua precoce carreira - ascendendo a vagas disputadíssimas, agregando uma vasta experiência em curto período, ganhando bons salários (para sua idade e para realidade local), o jovem demonstra uma questão mal resolvida e um desejo inquieto que ainda pretende vivenciar:

Porque como lhe disse no início, tenho muita vontade de trabalhar na escola pública. Ainda não tive essa oportunidade. Mas ao mesmo tempo, penso muito no que sou hoje, porque já sou adulto e não posso me arriscar muito financeiramente. Hoje, através dos estudos e do trabalho, tenho uma vida boa e consigo ajudar meus pais. Tenho esperança que, em breve, a escola pública valorize os profissionais da educação e que eu possa fazer o que quero. Porque de certa forma, me sinto agora trabalhando para alimentar o sistema que sou contra. Quando penso que, por exemplo, tudo que ensino para os alunos da escola particular, tudo o que faço, eu poderia tá fazendo para pessoas que, às vezes, não tem nem o que comer em casa... eu me sinto muito mal. Por isso, essa minha vontade de passar um tempo no ensino público. O que conheci nos EUA, o melhor ensino, é o público. Quando passei um mês estudando...porque no intercâmbio, 90% do meu tempo passava visitando escolas, projetos sociais...e pude ver o quanto investiam na educação pública, e o quanto aqueles professores eram felizes de estar lá ensinando. Então, tenho muita

esperança real mesmo que isso aconteça, que eu possa voltar e não ficar alimentando o sistema que sou contra.

Quando ele diz: “essa minha vontade de passar um tempo no ensino público”, parece sentir que não é confiável migrar de vez do ensino privado para o público, pelas condições de desvalorização anteriormente mencionadas. Quando diz, em 2017: “tenho muita esperança real mesmo que isso vai acontecer”, se referindo a melhoria das condições salariais, de carreira e de trabalho no magistério, é porque sua intenção já era concreta quando, em 2018, fez os concursos públicos para professor da rede municipal e estadual, e foi duplamente aprovado. Ele está aguardando a convocação para a rede estadual. Quando diz: “[...] que eu possa voltar [para o ensino público]”, sempre se remete a voltar porque foi aluno de escola pública, e trata como se esse fosse seu lugar, e reforça: “não ficar alimentando o sistema que sou contra”, é uma preocupação permanente pela luta contra a desigualdade social.

Assis demonstra em sua fala sobre como é difícil, considerando seus princípios e valores, a decisão de permanecer na educação privada, e ao mesmo tempo como é inviável abrir mão definitivamente de um espaço que lhe garante muita prosperidade profissional e financeira. Ele tem consciência que não é estratégico abandonar de vez o espaço profissional na iniciativa privada, mas seu propósito e realização é trabalhar na escola pública e viver em meios que comunguem das mesmas perspectivas que ele. Seus investimentos de tempo e dedicação foram amplificados quando ele decide morar em Sobral e se apropriar de tudo o que a cidade tinha para lhe oferecer.

3.1.4.8 “Sobral me fez pensar fora caixa”: o lugar de identificação e compromisso social

Ser feliz também é estar onde nos identificamos com os espaços e as relações sociais que nos fazem sentir confortáveis. É dessa sensação de que fala Assis, que motivou sua decisão de morar em Sobral, apesar de ter a opção de continuar morando em Bilheira, porque tinha como ir para faculdade no ônibus universitário sem problema. Ele explica:

[...] quando decidi vir, é porque via que Sobral me oferecia uma base pra crescer. Ainda hoje meus familiares indagam porque moro aqui. Não é uma questão de morar na cidade, mas de morar num local que me sinto bem pra realizar o que quero. O começo foi muito difícil. Morava com meu irmão, e era muito longe dos locais que tinha que frequentar: cursos, faculdade, trabalho. Percebi que era eu e eu mesmo, embora morasse com meu irmão. Tinha que me deslocar a pé em percursos muito longos. Não reclamava porque sabia que isso traria frutos bons. Isso me permitiu criar outros vínculos. Pude conhecer pessoas que tinham o mesmo pensamento que eu, que estavam na universidade, que gostavam de ler. Acredito que somos muito influenciados pelo meio. Uma pessoa que nasce numa família que pai e mãe são leitores,

tem muito mais chance de também se tornar um leitor...ter atração por leitura. Nunca tive nenhum desses incentivos. E vir morar em Sobral significou muito isso também, conhecer pessoas que viam, que pensavam como. É muito difícil visitar meus familiares na Bilheira e ver que colegas com quem estudei não seguiram caminhos como segui e vejo como está a situação deles hoje...

Morar em Sobral significou, para o jovem, uma mudança radical de vida baseada na certeza de que “[...] iria conquistar outras coisas”. Percebeu que, conforme o tempo ia passando e ia conquistando um transporte, alguns bens, e bem rápido, logo que chegou em Sobral e via que já estava ajudando financeiramente seus pais, que era isso que queria. A cada dia foi se enchendo de certeza do quão acertada foi sua decisão.

Ele conta que foi muito bem aceito em todos os meios sociais em que se inseriu, mas tudo foi muito novo. Conta que seu maior medo foi trabalhar no ensino privado, sem saber se iria agradar, porque lembrava que eles estavam pagando e se questionava: “e como saber se estava agradando ou não? E se não agradar, como será?”. Entretanto, se recorda que foi muito bem aceito e pôde perceber visivelmente o quanto todo aquele esforço de fazer rotas a pé, de trabalhar e estudar ao mesmo tempo valeu a pena, porque com o passar do tempo estava conquistando as coisas que queria, e acrescenta:

Por isso tenho apreço tão grande por Sobral, porque todos me aceitaram muito bem e foi como se estivesse inserido num mundo que tivessem os mesmos sonhos que eu... é muito estranho hoje não conseguir passar tanto tempo lá em Bilheira...é como se aquilo que escuto lá...não faz parte do que penso, sabe? Acho que por isso não gosto de passar tanto tempo naquele meio. Isso me gera muitos questionamentos, e faz me sentir mal. Aqui (Sobral) estou sempre em movimento. Tô estudando, conversando com pessoas que pensam igual a mim, que falam sobre livros, filmes...E quando sento pra conversar com pessoas da minha idade lá, elas só falam sobre bebidas e mulheres...

Nessa parte da entrevista, o jovem fala com um certo constrangimento por pensar assim e se sente desconfortável nessa situação, por isso diz: “Isso me gera muitos questionamentos, e faz me sentir mal”. Entretanto sua angústia é não conseguir entender como outras pessoas, especialmente seus colegas contemporâneos, não conseguem enxergar e não se deixam tocar por outras perspectivas de vida:

[...] não consigo entender porque essas pessoas não querem ver um outro mundo que é tão bom: um mundo de leitura, de filmes bons, de literatura boa...Quando chego no meu apartamento hoje e vejo minha biblioteca, lembro que você [pesquisadora que foi diretora da escola em que ele estudou] falou uma vez em sala de aula que a gente poderia montar nossa biblioteca. Isso foi maravilhoso. Eu alimentei muito esse sonho. Lembro que você [pesquisadora] falou que já tinha começado a montar a sua e estava alimentando o acervo. Hoje minha maior satisfação é colocar um livro a mais nela. Tanto que mês passado tive que comprar um outro armário para colocar os livros. Ali são tesouros para mim. Quando vou fazer uma mudança, guardo os livros muito

bem. Penso que no meu meio de Bilheira, se esses livros fossem deixados lá, não seriam valorizados. É isso que não consigo entender e é por isso que alimento tanto essa vontade de voltar para a escola pública [como professor], para ensinar, para poder alimentar esse desejo nas pessoas, sabe?

O compromisso social e o senso de coletividade em Assis é algo que salta aos olhos. Seu desejo em ajudar não se encerra em desejos e discursos, são atos concretos nos projetos que participa e coordena, como veremos adiante.

3.1.4.9 Momentos de virada na vida: jovem embaixador, universitário, professor e ativista

Questionado sobre como se vê hoje em relação a sua história passada e como percebe os momentos de virada na vida, o jovem responde de pronto:

Quando pergunta isso vem logo à mente a viagem aos EUA. Representou muito pra mim. Não por uma questão de status, mas porque é um Programa que dá oportunidade só pra alunos de escolas públicas. É interessante ouvir a fala do Tommy Reman, embaixador americano criador do Programa Jovens Embaixadores, em 2000, quando viu jovens latino-americanos queimando a bandeira dos EUA. Ele começou a alimentar essa vontade de fazer com que jovens fossem conhecer a realidade dos EUA e depois deveriam decidir se queimavam ou não a bandeira estadunidense. E o primeiro país que decidiu aplicar isso foi o Brasil, justamente por conhecer a realidade do ensino público, conhecer a escassez de oportunidades que os jovens tinham e por conhecer que eles tinham muito a oferecer. Então, foi um programa que significou muito. Nunca imaginei que saindo lá do interior iria poder estar de frente de uma secretária de Estado e poder conversar com ela em outro idioma. Guardo essa foto de recordação com muito carinho mesmo. Ela representa muito pra mim, representa o que plantei e o que colhi. O mês que passei lá vivi muito intensamente, cada minuto. A família que conheci, as pessoas, as autoridades que conheci lá, me fizeram enxergar que eu podia ainda mais. Voltei de lá ainda mais maduro, com mais vontade...

Essa não foi uma mera viagem. Assis nunca tinha saído do país, do estado, do eixo Fortaleza/Sobral. Não foi uma viagem de turismo. Essa foi uma viagem amplamente exploratória com diversas formas de descobertas. Há que ser considerado, e dar os devidos “descontos” em relação ao fascínio imperialista que é exercido nos brasileiros, nos latino-americanos e ao redor do mundo. É inegável que os Estados Unidos, político e culturalmente, carregam um simbolismo de potência mundial que não deixou Assis imune. É preciso considerar, sobretudo, que o jovem teve sua iniciação à cultura estadunidense através do estudo da língua inglesa. Esse contato lhe gerou os efeitos de curiosidade, de admiração e uma compreensível gratificação pela experiência inédita e desencadeadora de novas perspectivas em sua vida.

Ele ficou todo o mês de janeiro de 2012 na cidade Charlotte – Carolina do Norte – onde esteve em eventos e frequentou círculos sociais de interesse político e cultural. Ele fez uma exposição sobre a cultura brasileira numa escola para jovens de sua mesma faixa etária, assistiu a apresentações de outros jovens e conversou com a Secretária de Estado. A própria rotina de hospedagem foi uma experiência interessante. Ele ficou numa casa de uma família estadunidense e conheceu a vida doméstica de uma outra cultura. Geralmente, qualquer jovem de classe alta ou classe média alta que tem a possibilidade de ir aos EUA, vai à Disney, por exemplo, mas, Assis foi com outro propósito e tem consciência disso. Seu roteiro de viagem considerava uma missão de cunho diplomático juvenil.

3.1.4.10 Compartilhar o desejo de aprender no engajamento social

Assis desde cedo demonstrou um espírito altruísta ao se remeter às carências que passou sem deixar de perceber os colegas de condições iguais, ou menos favorecidos que a sua. Uma das exigências do Programa JE é que os pleiteantes à vaga estejam envolvidos em algum projeto social para a melhoria da comunidade, esse critério só veio de encontro a sua intenção e disposição para se envolver em tais atividades. Ainda no EM ele já realizava, em Bilheira, projetos com o ensino de Português e Inglês para jovens da comunidade, e ao mudar-se para Sobral continuou empenhado em dar sua contribuição aos que mais necessitam:

Não exerço trabalho remunerado para pessoas de escola pública. Atualmente, desenvolvo o projeto nos Terrenos Novos, que é um bairro muito assolado pela pobreza e pela violência. Comecei com 15 jovens, no início do curso [2015], e 07 ainda estão [2017]. Os outros não continuaram devido às influências que tem lá [narcotráfico]. Mas tô vendo transformação nesses 07. Um deles teve ótima pontuação no ENEM. É um projeto para os jovens que frequentam a igreja [presbiteriana]. Não ensino só Inglês, tem uma parte da aula que falo sobre experiências de vida e levo alguns colegas para falar.

Terrenos Novos é um dos bairros mais populosos de Sobral, está localizado na periferia e padece de todos os problemas das regiões em que, historicamente, o poder público deixa muito a desejar. As últimas gestões municipais até passaram a levar equipamentos públicos que garantem dignidade mínima para esta população, mas o contraste ainda é imenso entre as periferias e as áreas centrais da cidade. É neste espaço que Assis desenvolve o projeto com jovens pobres, iniciado em 2015, e vinculado a Igreja Presbiteriana, como explica:

[...] pertenço a essa igreja, que também faz parte da minha mudança de vida social [conheceu a doutrina em sua viagem aos EUA, com a família que lhe hospedou]. Foi um mundo que me encontrei, de acordo com que penso, muito

voltado para o social. O que me encantou mais na Igreja, primeiro foi Deus, depois foi ver o quanto se importam com o meio social também. Enquanto que essas igrejas intituladas evangélicas não vão nesses meios...lá não tem nada que possa arrecadar financeiramente [menção práticas comuns de muitas igrejas neopentecostais que priorizam o dízimo]. Presto esse trabalho voluntário nos Terrenos Novos, numa congregação da Igreja que tem num espaço muito bom e as crianças, os adolescentes e os jovens, vão muito motivados participar lá, e além disso teve esse outro programa que foi assim, uma oportunidade muito boa.

A referida igreja atendeu aos seus anseios espirituais e, sobretudo, sociais até final de 2020. Sempre que se referia a igreja, enfatizava o engajamento junto à comunidade. Por não concordar com as ideias e orientações que a liderança vinha defendendo na conjuntura política atual, o jovem rompe com esta congregação descontinuando o projeto que era via igreja e passa a ter contato com estes jovens apenas por grupo de WhatsApp, inclusive por conta da pandemia. Suas escolhas associativas seguem esse padrão de atividades voltadas para contribuição social, ainda que sempre tenha trabalhado na iniciativa privada até o momento.

Seus contatos e círculos de amizades também levam em conta o critério de afinidade de pensamento voltado para o social. A ida aos EUA e as relações que desenvolveu nas instituições pelas quais passou lhe trouxeram a possibilidade de estabelecer parcerias que, algumas vezes, extrapolaram a dimensão institucional propriamente dita. Um exemplo é que, em 2015, Sobral recebeu a visita de dois pesquisadores e estudantes de Harvard, que são brasileiros, de São Paulo, que, segundo ele, “têm histórias belíssimas também”, e explica:

São ex-alunos de escolas públicas que conseguiram aprovação nessa universidade e vieram fazer pesquisa em Sobral, parecida com a que você [pesquisadora] está fazendo, na área da educação pública. Visitaram algumas escolas e fui convidado a lhes apresentar o Palácio de Línguas. Daí fomos mantendo contato por *Skype*, e toda conversa que tinha com eles crescia ainda mais minha vontade, porque via que ainda tinha muito a conseguir. Eles, além de outras pessoas que conheço, pensavam muito parecido comigo em tentar mudar a educação pública do Brasil. Fui mantendo contato e decidimos levar cinco jovens daqui de Sobral para participar da *Hacia Democracy* (trataremos em detalhes mais a frente), que é o evento que reúne jovens estudantes do Ensino Médio de todo mundo, inclusive, Japão, Canadá...

Uma das habilidades de Assis, que vai se aperfeiçoando com o passar do tempo, é sua capacidade de se articular política e socialmente em diferentes círculos sociais. Ele interage com os colegas de trabalho de diferentes instituições, transita em diferentes espaços e convive com grupos de diferentes posicionamentos. Um exemplo foi sua vinculação à Igreja Presbiteriana (que veio a se desvincular, passando a congregar na Igreja da Paz), e ao mesmo tempo sua relação de profunda amizade com as freiras dirigentes do Colégio Coração de Jesus

que, parecem lhe ter como um “filho”, expresso em respeito e carinho também, que extrapola a convivência do espaço profissional. Não é raro almoçar e passear no shopping com as freiras aos domingos e diz que costuma ser engraçado as pessoas olharem curiosas para ele acompanhado de senhoras religiosas vestidas de “hábito”. Assim como, tem ligações de frequente proximidade com os jovens dos projetos sociais, colegas, parceiros e amigos que fez e faz nas participações de eventos acadêmicos, inclusive, a nível internacional, a exemplo da Tábata Amaral (hoje Dep. Federal em exercício) e Ítalo Alves (trabalhou como técnico da Secretaria de Planejamento de Fortaleza e executivo sustentabilidade na Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes – EDISCA – atendendo a este público com perfil de risco social, em Fortaleza) ¹³².

3.1.4.11 *Hacia democracy* e a participação dos sobralenses

Em 2016, Assis articula a participação de 05 estudantes de escola pública num evento em Cancún, no México, com a colaboração de Tábata e Ítalo Alves, seus dois novos parceiros. Realizado pela Universidade de Harvard, o evento normalmente só conta com a presença de alunos de escolas particulares, inclusive porque a inscrição é paga. Conforme consta na página oficial, a iniciativa trata-se de:

[...] *HACIA Democracy* é uma conferência anual que simula os trabalhos da Organização dos Estados Americanos (OEA). [...] Os membros fundadores da *HACIA* conceberam a organização como um fórum para oferecer uma experiência educacional focada em questões domésticas e regionais nas Américas. Desde sua criação, em maio de 1994, a equipe e os participantes continuaram a explorar e abordar uma gama diversificada de tópicos que afetam os países do Hemisfério Ocidental. A organização está sediada na Universidade de Harvard e é composta por funcionários e administrada inteiramente pelos estudantes de graduação de Harvard. [...] A equipe da organização é formada por uma ampla variedade de origens intelectuais e culturais, que compartilham um interesse comum na América Latina e nos assuntos internacionais. [...] O arranjo colaborativo entre estudantes universitários e do ensino médio é único entre conferências de simulação do governo. Os membros do grupo estão interessados em promover os ideais democráticos e, como tal, nosso principal objetivo é proporcionar aos delegados a oportunidade de discutir e praticar a democracia por meio de diferentes fóruns [...] nos princípios básicos da tomada de decisões democráticas - cooperação, consenso e negociação - e mantemos esse foco em todos os aspectos da conferência.
https://www.haciademocracy.org/en/about_us/

¹³² A relação com os novos colegas começou quando os dois jovens vieram conhecer o modelo de educação sobralense e Assis (sujeito da pesquisa) foi convidado a conduzir a visita ao Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras. Tábata e Ítalo Alves foram estudantes em universidades estadunidenses.

Assis fala orgulhoso que essa foi a primeira vez que o evento contou com a presença de alunos de escola pública. Dentre muitos desafios, o mais difícil foi “conseguir alguém que acreditasse nessa ideia”, diz o jovem. Buscaram apoio de todo tipo, sobretudo, financeiro, na Prefeitura Municipal de Sobral, em empresas locais, e na empresa Grendene¹³³, para custear todos os gastos de cinco pessoas para Cancún, no México. Os retornos das empresas e da Prefeitura não foram suficientes, e explica:

[...] Os meninos precisavam de tudo: passagens, roupas, dinheiro [...] porque eram muito humildes mesmo. Daí conseguimos ajuda de um professor de Harvard que se sensibilizou com a história e ajudou com o restante. E foi assim uma loucura, nesse período tinha que conciliar meu trabalho com todo o processo da viagem. Me dediquei o quanto pude. Dava as formações pros meninos irem, e preparava em tudo: no uso do inglês, pra aperfeiçoar, porque todos eles já sabiam falar inglês e espanhol, eram alunos do Palácio de Línguas, mas também eram alunos de escola pública. Tive que prepará-los no meu horário de almoço. De 12h às 14h, a gente se reunia em qualquer ambiente, no shopping, ou qualquer local público pra estudar. E a gente foi. Fui com muita felicidade mesmo. Eles puderam ver que lá, eles estavam inseridos, no meio de pessoas que frequentaram as melhores escolas do mundo, mas eles também estavam lá porque estudaram. Pra mim, isso foi uma experiência muito boa... me ajudou nessa vontade que tenho de ajudar pessoas que tenham a mesma realidade que tive. Esses estudantes do Hacia Democracy não são os mesmos dos Terrenos Novos, são alunos do Palácio de Línguas.

Assis explica que este foi um evento de 02 semanas. Ele foi como participante e também como tutor dos cinco jovens. Entre outros contratemplos, também teve dificuldade para ser liberado do trabalho. O Colégio Coração de Jesus, uma das instituições para qual trabalhava, não quis liberá-lo para participar do evento. Um dos professores de Harvard ficou mobilizado com a empreitada do jovem, não só em participar, mas também de levar outros jovens, acabou ligando para convencer a diretora do Colégio e conseguiu que o liberassem.

O jovem conta que toda a viagem foi uma aventura - a longa, afritiva e desgastante preparação e a realização propriamente dita, como relata:

Lá era um mundo ... só pra você ter ideia, no primeiro dia que a gente chegou foi uma situação muito comovente. Porque uma das meninas participantes, quando chegou no hotel, disse que queria voltar. Porque ela nunca tinha visto

¹³³ A Grendene é uma das maiores produtoras mundiais de calçados e foi fundada em Farroupilha, no Rio Grande do Sul, em 1971, especializada na fabricação de telas para garrações de vinho. Em 1978, lançou a sua primeira linha de calçados na forma de sandálias. Benefícios fiscais, menor custo de mão-de-obra (**barata e não sindicalizada – grifos meus**) e localização estratégica para acesso ao mercado internacional motivaram a transferência das operações fabris (para o Ceará), até então localizadas em Farroupilha. A Companhia é detentora de **marcas** como **Melissa, Grendha, Rider, Cartago, Ipanema**. Tem em suas cinco unidades industriais, compostas por 11 fábricas de calçados: (i) Ceará, nas cidades de **Sobral (1993)**, matriz (sede social) e maior planta, com seis fábricas de calçados, uma fábrica de PVC e um CD (Centro de distribuição); **Fortaleza (1990)**, duas fábricas; **Crato (1997)** uma fábrica; (ii) Rio Grande do Sul, **Farroupilha (1971)** uma fábrica de calçados, matrizaria e sede administrativa; e (iii) Bahia, uma unidade em **Teixeira de Freitas (2007)**. <http://ri.grendene.com.br/PT/A-Empresa/Perfil>

aquilo (a sofisticação). Isso é um problema do meio desigual que a gente vive. Ela sentiu medo de tudo que viu, de toda a estrutura do hotel. Foi um trabalho grande de convencimento pra fazê-la ficar e participar das 2 semanas. Ela se sentiu amedrontada. É como se aquele mundo não fizesse parte do mundo dela [e não fazia mesmo]. Mas, nas duas semanas eles participaram das discussões, dos debates sobre diferentes temas, sobre política, sobre os governos da América Latina, foi muito interessante mesmo.

Assis acompanhou e se realizou ao levar consigo os cinco jovens de realidades tão difíceis para fazê-los experimentar novas possibilidades de ver o mundo. Acredita firmemente que a ferramenta para abrir outros caminhos e transformar destinos, é a educação:

“[...] aquilo que os meninos tiveram lá foi uma realização muito grande pra eles e pra mim também. Estava me realizando de outra forma, tentando oferecer pra eles aquilo que tive lá no EUA. Quando chegamos no México vi o brilho nos olhos deles. Tenho certeza que foram transformados da mesma forma como eu fui. Conheceram pessoas de todo mundo. Tenho gravado, eles conversando com professores da Universidade de Harvard em outro idioma. Porque quando voltaram todos ainda tinham o 3º ano do ensino médio, e em seguida todos se inseriram na universidade. É o poder da educação.

Assis sempre faz menção aos impactos que o ato de viajar para os EUA teve na sua vida e menciona as transformações que os meninos tiveram ao ir ao México. Curiosamente, nos seus relatos deixa transparecer que acredita que, não só estudar, mas o ato de viajar com propósito exploratório tem um efeito de alterar a condição inicial da vida. Sair do lugar, se deslocar no espaço, criar um movimento de circulação em outros campos, gera uma dilatação dos horizontes, das expectativas e das perspectivas de vida.

3.1.4.12 Berço e destino do jovem inquieto – sonhos e aspirações futuras

O jovem descreve seu berço com algumas palavras: “humilde, mas foi onde descobri que precisava de determinação, perseverança e força de vontade”. Aqui ele fala mais dos recursos que teve que lançar mão para superar a origem de desprovimento do que propriamente as condições que tinha disponível. Quanto ao seu destino ele diz que sempre imagina seu futuro lutando por tudo que ainda não conseguiu:

Quando penso no destino, penso no que ainda posso conseguir. Mas já sou muito feliz de ter um conforto que não tinha antes. Quero continuar estudando, não pra acumular riqueza, mas pra proporcionar conforto pra mim e pra minha família. Vejo meu futuro terminando minha especialização, mas me organizando pro processo seletivo de mestrado e sendo professor concursado na escola pública. Quero passar um período na escola pública e desenvolver

um bom trabalho. Meus principais projetos, é me desligar, não totalmente da área privada, mas desenvolver um bom trabalho na rede pública.

Assis fala que o que mais aspira é continuar estudando. Outra coisa que se reporta com frequência é a responsabilidade em ajudar seus familiares, especialmente os pais. O jovem é muito sistemático e obstinado na sua conduta acadêmica e profissional. Instigado por novos desafios, o leque de possibilidades do jovem só se expande.

3.1.4.13 Assis por ele mesmo

Assis se define como um sonhador e diz: “procuro quebrar...o que é tido como “correto”, o que era pra ser. Então, se tivesse pensado muito no que era pra ser, não teria conseguido o que consegui. Me definiria com uma pessoa que quebra padrões que a sociedade acha que deve ser”.

Hoje, o jovem continua atuando em várias instituições de ensino. Ele permanece como coordenador pedagógico e formador no Colégio Coração de Jesus em quatro manhãs na semana. Leciona os três turnos das quartas-feiras nas turmas de 3º ano do EM e cursinhos no Colégio Luciano Feijão. É sócio administrativo na escola Will idiomas, onde também dar aula uma noite na semana para uma turma de inglês avançado. Desde 2018, dar aula particular, e em 2019, formatou o curso e tornou-se um microempreendedor individual. Hoje oferece aulas síncronas virtuais e tem dois professores que trabalham com ele.

No ensino público, desde 2017, ele reserva uma noite para atuar como tutor presencial do curso de Letras/Inglês Semipresencial da UFC Virtual. Há três meses também reserva um dia por mês onde realiza formação para professores da rede municipal de Sobral pela Escola de Formação Permanente do Magistério e Gestão Educacional.

Assis atua em muitos lugares, contribui com a educação de muita gente, diversifica suas experiências e aprende muito. Nessa trajetória, o jovem já alcançou uma carreira reconhecida em seu meio e uma remuneração muito boa. Suas escolhas alargam suas possibilidades. Em 05 de abril de 2021, o jovem é lotado na Escola Profissionalizante de Cariré¹³⁴ (a 42km de Sobral) e assume a tão sonhada vaga como professor efetivo da rede estadual do Ceará, com carga horária de 200h. Ele fala da necessidade que terá de abrir mão de

¹³⁴ Não havia vacância nas escolas de Sobral e ele opta por Cariré, por ser a cidade mais próxima de Sobral, local de sua residência e preferência domiciliar.

alguns de seus empregos na iniciativa privada, diz que precisará rever sua planilha financeira, porque tal mudança impactará sobremaneira suas receitas, já que o seu salário como professor não cobrirá, por exemplo, o que ele ganha de uma das suas fontes pagadoras em que ele trabalha um único dia semanal. Apesar disso, ele se diz muito motivado com a nova experiência e pretende conciliar estas duas estradas: educação privada (onde lhe remunera melhor) e educação pública (onde tanto deseja contribuir).

Assis acredita na nobreza da licenciatura e atribui a certeza desta escolha à grande admiração que tinha por seus professores. Nos 6º e 7º anos já queria ser professor. Tal objetivo ganhou mais força com o passar dos anos:

[...] no EM, quando já tava me preparando pra escolher, muitas pessoas chegavam pra mim e perguntavam porque queria ser professor. Ainda hoje...acho muito intrigante, muitas pessoas questionarem ainda o porquê da nossa profissão. Sempre tive isso claro. Fiz licenciatura já sabendo das dificuldades que ia enfrentar, mas queria muito. Hoje minha maior realização é saber que influenciei de alguma forma positiva na vida dos meus alunos, que foi aquilo que meus professores fizeram comigo lá no meu passado e que sou muito grato a eles. Essa é nossa maior satisfação. **Vivemos num meio em que é valorizado muito o dinheiro, não é valorizado a felicidade.** Então, porque que pra ser feliz eu preciso...eu não posso fazer licenciatura? Posso sim. E isso é muito relativo...a felicidade é relativa. Não preciso ter... **sendo professor, sei que não vou atingir bens materiais, mas vou atingir bens de felicidade muito mais alto.** Desde meus 14 anos tenho isso muito amadurecido.

Ele conta, um tanto desapontado, como a falta de apoio de algumas pessoas e como a depreciação ao ofício do magistério sempre lhe deixaram perplexo. Ele deseja fazer parte de um ciclo de pessoas que contribuem para melhoria da vida de outros, através da educação, assim como fizeram consigo. É encantadora a obstinação que o jovem tem pela educação, especialmente porque ele associa a profissão à felicidade.

Assis é movido por desafios, sobretudo, os que envolvem sua formação intelectual e profissional permanente, e o desenvolvimento de empreendimentos sociais. O assédio da iniciativa privada é uma constante na sua trajetória profissional: bons salários, status, e a diversidade de ofertas perseguem sua caminhada, mas o trabalho com vistas à transformação social é uma bússola que lhe aponta o que mais deseja seu coração. Assis tem a educação como uma causa social de grande abrangência e tem sabor de realização pessoal, que ele que faz com a alma.

3.2. As moças

“Quando empoderamos uma menina, transformamos uma comunidade”.
Kakenya Ntaiya

3.2.1 Joana: desenho biográfico sociológico¹³⁵

3.2.1.1 Espírito taperuabense tardio, mas não menos enraizado do que os que nasceram nesta terra

Joana nasceu em 26 de março de 1978 na cidade do Rio de Janeiro, onde morou até os 12 anos, mas seus pais são cearenses. De todos os sujeitos da pesquisa, ela é a que, na sua fala e nas suas escolhas de permanência no distrito, cultiva maior sentimento de pertencimento e defesa da comunidade. Ser de um lugar não quer necessariamente dizer que só se é quando se nasce nele.

No seu relato vai se descortinando como sua relação com o Ceará foi se construindo muito antes de pisar nessa terra. Os pais plantaram essa aproximação que mais tarde se concretizou: “o Nordeste sempre representou um misto de conhecimento, de cultura...meus pais falavam muito sobre essa região, e tínhamos contato pelas músicas e comidas”. Ao mesmo tempo, rondava o fantasma que historicamente expulsou os filhos deste chão, e ela diz: “para quem morava no Sudeste havia sempre o medo da seca... Era o bicho papão que levava os nordestinos a fugir de sua terra”.

3.2.1.2 Família - a primeira “escola de vida” e as chaves da aprendizagem antes da trajetória escolar

Para contextualizar suas origens, Joana começa falando sobre a realidade rural da década de 1970 e de todos os entraves e dificuldades daquela época. A condição da maioria das pessoas era instável. Eram moradores (espécie de caseiros/ ou trabalhadores rurais domésticos) informalmente empregados pelos poucos proprietários de terra, e mesmo quem tinha propriedades era difícil viver da produção rural.

¹³⁵ Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2017. Hoje, próximo aos 43 anos, é Graduada em História, fez duas especializações e concluiu no início de 2019 o mestrado em Geografia pela UVA. No momento, cursa a faculdade de Direito, na UVA, e segue como professora efetiva da rede estadual do Ceará.

Seus avós paternos eram proprietários de terra na região do Açude Araras¹³⁶ e eram produtores agrícolas em Reriutaba. Seu pai era o mais velho de uma família de dez filhos. Quando uma de suas irmãs casou-se, foi morar no Rio de Janeiro e ele a acompanhou para lá trabalhar. A mãe da Joana foi de Taparuaba para o Ipu para casa de um tio estudar lá trocando trabalho por moradia. Lá conheceu o futuro esposo, através de uma foto que outras irmãs do rapaz mostraram para ela. Ele veio visitar as irmãs, o casal (futuros pais de Joana) se conheceram, começaram a namorar, ele voltou para o Rio, mas logo retornou ao Ceará para casar e levar a esposa.

Seu pai faleceu em 2011, aos 61 anos e estudou apenas até a 2ª série do ensino fundamental. Ele sabia ler, escrever e contar, e desenvolveu várias atividades: carpinteiro, cozinheiro, copeiro e vendedor ambulante. Sua mãe, hoje com 71 anos, concluiu o ensino fundamental já com os filhos adultos. Foi faxineira, merendeira, mas foi como doméstica que ela começou a trabalhar nas casas dos vizinhos e dos parentes, desde criança:

A família era muito grande, eram dez filhos. Desde menina, 12, 13 anos, ela ia trabalhar na casa dos parentes. Era uma tradição naquela época... hoje parece estranho, é como se você praticamente emprestasse os filhos para ajudar um familiar...ela ia trabalhar na casa de uma tia, de uma prima... Minha mãe viajou morando em vários lugares, onde era a babá, a empregada doméstica...cuidava de uns primos pequenos, enquanto a dona da casa trabalhava e estudava. A dona da casa, mulher do meu tio, era professora.

Joana, como uma historiadora extremamente crítica, faz uma análise retrospectiva da disparidade da origem de seus pais, e destaca a diferença da condição feminina no aspecto de classe, inclusive no meio familiar. Sua mãe foi impedida de estudar, porque precisava trabalhar para se manter. Ao contrário, a mulher do Tio para quem sua mãe trabalhava, se valia do trabalho doméstico da sobrinha do marido para ter acesso a condição de um trabalho extradomiciliar remunerado e para estudar. Enquanto isso, estava vedada essa possibilidade à mãe de Joana, como ela conta:

Minha mãe sempre gostou de estudar. Tinha muita dificuldade naquela época, e contava pra gente desse sonho, que tinha que andar muito a pé pra ir pra escola que só funcionava um ano, e no outro ano era a mesma cartilha. Ou seja, você não passava de ano... e assim, ela lutou muito pra ter a 5ª série com 25 anos. Hoje ela tem o ensino fundamental porque depois de mais velha foi concluir. Foi uma luta pra estudar. Sonhava em morar na cidade grande, ter um emprego, ganhar bem, ajudar a família... Acho interessante é que ela passou esse sonho pra gente. Desde pequenos ouvimos ela falar desses sonhos

¹³⁶Açude Paulo Sarasate é o 4º maior do estado cearense. Construído sobre o leito do Rio Acaraú, entre os municípios de Varjota, Pires Ferreira, Hidrolândia e Santa Quitéria, e tem o papel de fazer a perenização e o controle do nível do Rio Acaraú (que banha Sobral), também abastecer os municípios Reriutaba e Ipu.

e de certa forma ela tava educando a gente, explicando o quanto era importante ajudar os pais, os irmãos, de ser uma família unida. Sempre mostrava que através do estudo poderia ter uma condição social melhor.

Uma mãe com pouco estudo semeia nos filhos o desejo e o propósito de estudar. O sentimento de união e de apoio mútuo também fortaleceu o grupo familiar. O sonho não realizado da mãe que não pode estudar, é acolhido com respeito pelos filhos. Ao longo da entrevista, Joana insiste em dizer da força que os sonhos de sua mãe tiveram na sua formação e na dos seus irmãos: “ela sempre teve esse sonho de trabalhar, ter uma profissão, poder ganhar melhor pra ajudar os pais dela... embora ela não tenha conseguido, ela plantou nos filhos essa semente”. Joana é a mais velha de cinco filhos. Sua irmã seguinte é formada em Letras e Pedagogia; depois vem a que é formada em Química e Recursos Humanos; depois vem o único sem ensino superior, mas é técnico em Enfermagem e trabalha na área da saúde porque tinha urgência em trabalhar; e por fim, o mais novo, que fez Geografia. Joana faz uma observação curiosa sobre estudo e trabalho considerando o gênero:

Considero que para os homens é mais difícil estudar. Porque a mulher, quer queira, quer não, ela consegue sobreviver com mais apoio da família, consegue superar mais as adversidades financeiras... pro homem é muito difícil. Percebo que muitas vezes os meninos largam os estudos pra trabalhar porque é muito cobrado deles. Pra o homem ter uma condição financeira, ter seu próprio dinheiro, o homem se sustentar...faz parte até do que é cobrado da masculinidade... Vejo muito até hoje, que as estatísticas mostram que a maior parte dos cursos superiores tem mais mulheres do que homens. Os meninos ingressam antes no mundo do trabalho.

A questão levantada aqui abre muitas leituras possíveis. Uma é que o trabalho doméstico feminino, indispensável para a manutenção da vida familiar e coletiva, continua sendo invisibilizado. Faz algum sentido porque, dentro da lógica que ela argumenta, a remuneração é a única condição de trabalho que propicia autonomia. No entanto, ainda que não seja sua intenção, essa fala pode corroborar com a mentalidade dominante de que ao homem é insuportável não ter autonomia financeira, enquanto que para mulher pode ser algo tolerável, já que sua condição de dependência é culturalmente mais aceita. Essa discussão é muito fértil, mas não tenho condições de desdobrar aqui.

Joana diz da satisfação de sua mãe em como ela se sente muito honrada porque todos os filhos estudaram e através dos estudos conseguiram profissões, conseguiram trabalhar cada um na sua área, e podem sobreviver de forma digna. Ela explica que:

Isso para ela é muito gratificante porque durante muito tempo a gente cuidou dela, de ter uma casa pra morar, de sustentar... a gente estudava e trabalhava cuidando uns dos outros. Hoje em dia tá cada um no seu cantinho. E sempre essa história: vamos estudar que mais na frente vai ter um futuro melhor, uma

coisa mais significativa...E não é fácil, estudar e trabalhar é uma das coisas mais difíceis que existem. Acho que o que fez a gente conseguir, é que estudar e trabalhar aqui em Taperuaba era uma coisa leve, tranquila, satisfatória...não tinha pressão. A gente não era obrigado a passar em nada [vestibular]... queria passar para realizar os nossos sonhos. Não tinha ninguém colocando na nossa cabeça que era importante, era seu futuro...não. A gente tinha essa consciência. É muito melhor você se cobrar do que ser cobrado. Eu trabalhava o dia todo e estudava a noite, meus irmão passaram por esse mesmo processo. O ensino noturno é pra quem sabe o que quer. Porque todo dia você tem que tá lá, nem que esteja cansado, doente...é uma luta de todo dia. E é tão interessante que, às vezes, você fica viciado (risos) ...termina o curso, descansa um pouquinho e já fica pensando: o que vou fazer agora? (risos)...não é nem por uma questão de dizer: ‘ah, vou ganhar mais’...mas por uma questão de necessidade, por achar que tem que continuar nesse ritmo... não sei, você se acostuma...não consegue se acomodar.

Joana fala da sua relação com os estudos sendo quase como um “vício”, como ela mesma diz. Continuar a aprender tem uma dimensão existencial para ela. Aprender, além do prazer perceptível que ela demonstra, lhe dá sentido à vida. A parceria estabelecida no grupo familiar de Joana é algo muito presente e marcante na história deles. A mãe transmitiu aos filhos o valor da educação escolar e um desejo grande de aprender e se qualificar. Como a primogênita, teve um papel preponderante na chefia familiar e forte ascensão sobre os irmãos, ingressando no ensino superior e os levando consigo no forte propósito de não parar no ensino médio. Mesmo um dos irmãos que não fez faculdade, fez um curso técnico que lhe qualificou e garantiu uma empregabilidade digna.

O estudo foi, desde muito cedo, um projeto familiar. Os livros sempre foram instrumentos domésticos. Apesar do pouco dinheiro, eles costumavam comprar livros e, apesar do escasso tempo dividido entre o trabalho e os estudos, a leitura era uma prática, não rara, entre os irmãos. Sobre sua experiência, Joana acrescenta que:

A vida dos filhos começa nos pais. Fui privilegiada, meus pais tinham muito cuidado comigo, me davam atenção e fui alfabetizada em casa aos 5 anos. Minha mãe me ensinava a ler, contava histórias...meus tios também contavam. Era a sobrinha primogênita do lado paterno e no Rio era a única criança na família. Ganhei uma coleção de livros do meu tio e minha mãe lia as histórias e me mostrava as imagens. Comecei a achar que história não era do jeito que ela tava contando. Queria ler e saber se era realmente daquele jeito. E dizia: mãe quero aprender a ler. Ela comprou “carta de ABC”¹³⁷, me ensinou o alfabeto. Meu pai trabalhava na construção civil, era carpinteiro, e trazia giz ou lápis grosso. Escrevia meu nome no chão que era de cimento grosso, nas paredes, nas portas... e meu pai me ensinava matemática, de um a cem, a somar e a subtrair, o que ele sabia. Meu pai ficava orgulhoso porque eu sabia o algarismo romano até cem. Me incentivaram e tinham muito orgulho de mim, diziam que eu era inteligente e esperta. Minhas irmãs não tiveram a

¹³⁷ Cartilha de alfabetização

mesma oportunidade, porque como eu era a mais velha e já sabia ler, eu que ensinava elas a ler e escrever e não tinha muita paciência [risos]. Era o dia inteiro brincando de escolinha. Tudo que via na escola queria ensinar pra elas.

Esse é um exemplo de que mesmo com pouca escolaridade os pais podem suscitar nos filhos o desejo por aprender, quando esse é um valor para família. Joana recebeu muitos estímulos. Mesmo com tão poucos recursos, a família soube propiciar e desenvolver as habilidades iniciais fundamentais para uma boa formação escolar: incentivo à leitura (presentear com livros), compreensão leitora (contação de histórias), escrita, conhecimentos matemáticos e estímulo à oralidade. Joana é muito comunicativa, essa é uma de suas características marcantes.

3.2.1.3 Histórico escolar e o constante desejo de estudar

Aos cinco anos, Joana explica que frequentou: "aulas com uma professora que tinha vários alunos na casa dela, uma mesa enorme e mais ou menos umas 10 crianças de séries diferentes". Sua primeira experiência de ensino aprendizagem extrafamiliar foi com uma professora particular na própria comunidade onde moravam no Rio de Janeiro. Depois foram morar na Rocinha onde estudou na primeira escola formal. Conta que não gostava dessa escola, porque tinha muitas crianças indisciplinadas, e “naquela bagunça generalizada tinha medo de apanhar [...] foi um transtorno nesse processo de ensino lá”.

Em 1986, a família passou seis meses no Ceará, quando Joana, aos 08 anos, fazia a 1ª série na cidade do Ipu. Em seguida, voltaram para o RJ, e a dificuldade lá era enorme para conseguir uma vaga numa escola. A mãe e o pai passaram uma semana se revezando na fila da escola para obter a matrícula, e não conseguiram. Ela já deveria ir para 2ª série, e estava toda preparada: sabia ler, escrever, sabia duas operações de matemática (adição e subtração), mas não tinha vaga. A vizinha da família lavava roupa e costurava para uma cliente que era vice-diretora de uma escola, e esta vizinha articulou a vaga para Joana e sua irmã, e a vice diretora encaminhou para outra escola a matrícula das outras duas irmãs mais novas.

Enfim, Joana começa a estudar numa escola estadual que considerava muito boa e que não perdia em nada para escolas particulares (essa é a percepção da entrevistada). Conta que os alunos eram muito disciplinados e os “professores explicavam para uma turma enorme de 40 alunos, mas todo mundo prestava muita atenção, porque estudar numa escola pública naquela

época, era um privilégio”. Enfatiza que conseguir uma vaga numa escola pública era muito difícil e que se você aprontasse, era expulso da escola, e:

[...] imediatamente, uma criança que estava numa escola particular, os pais tiravam e colocavam na pública, porque tinha farda, livros, merenda, e não precisava pagar mensalidade. As famílias sabiam que na escola pública tinha ensino de qualidade e tinha tudo que precisavam. Estudei da 2ª a 4ª série com muito bom ensino. Naquela época se tirasse uma nota vermelha já ficava reprovado, ninguém queria ficar reprovado. Teve um episódio quando estava na 3ª série, tive vários problemas de saúde: caxumba, catapora...e perdi toda matéria de divisão, e tirei um 4 na prova de matemática. A professora entregou as provas e inventou de dizer: se tirar outra nota vermelha, tá reprovada. Pra quê que ela foi dizer isso? Chorei o resto da aula.

Apavorada com a possibilidade de ser reprovada, o pai vendo o desespero da criança tratou de pagar uma professora de reforço para ela e para as duas irmãs mais novas, como explica: “porque era sempre assim, pra onde uma ia, tinha que ir *tudim*...aprendi toda a matéria de divisão, às horas, e tudo mais. Foi muito bom”.

3.2.1.4 A chegada a Taparuaba

Em 1990, aos seus 12 anos, Joana veio com a família morar em Taparuaba, à exceção do pai que ficou no Rio com o fim da relação conjugal. A mãe chega ao Ceará com 05 filhos. Joana mora no distrito desde então, com um intervalo de 4 anos quando chegou a morar em Sobral, mas retornou. E sobre o distrito ela disse:

[...] me considero taparuabense. Gosto muito daqui. Quando criança se é muito apegada com o lugar onde se nasce. Tive dificuldade de me adaptar quando cheguei, mas depois me adaptei. Gosto muito do Nordeste, da comida, da música, da cultura sertaneja. Me identifico muito com o homem do sertão, com a família sertaneja e com lugar que vivo. Acho bonito tudo isso. Tenho sim meus traços de urbanidade, mas não me vejo mais voltando pra uma metrópole...acho que não tenho mais essa identidade. Já viajei pra alguns lugares na época da faculdade e conheci outros estados e cidades. Aqui a gente tem adversidades que não são poucas. É um lugar pequeno, de certa forma pobre... As pessoas não têm acesso a muitas coisas, inclusive a gente também. Muitas vezes você tem o dinheiro, mas não tem condições de ter o produto que deseja com tanta rapidez. Até, por exemplo, alimentação, você quer comprar alguns produtos e não tem. Mas não é nada que impeça de viver aqui. Você vai conciliando, aprendendo a tirar proveito das riquezas que existem na região. Gosto dessa maneira de viver e considero que muito do que sou devo a essa cultura, as pessoas com as quais eu convivi e aprendi.

Ainda na cidade natal, Joana teve uma percepção das dificuldades da realidade da origem de sua família, mas também teve um contato afetoso com as raízes originais de seus

país. Essa travessia, embora difícil para uma criança, foi sentida com menos impacto do que ela esperava, devido às circunstâncias que experimentou em cada uma dessas realidades. Ela costuma rememorar a infância utilizando como parâmetro as diferenças entre a situação de vida que tinha no Rio e a sua chegada a Taparuaba:

Às vezes, fico lembrando minha trajetória de infância...quando comecei a estudar. Sempre fui muito aplicada, mas era muito calada...por ter medo de falar. As escolas eram muito fechadas, havia todo um rigor onde estudei (no Rio de Janeiro). Quando cheguei aqui foi muito legal porque as pessoas eram mais abertas, mais participativas, os professores faziam os alunos lerem em voz alta, se apresentarem e participarem de teatro, de música e de dança. Sempre ressalto que a cultura taparuabense incentiva as pessoas a serem protagonistas em vários sentidos. Falo da educação porque foi a área que acabei me identificando e atuando, né? Mas vejo como as pessoas são incentivadas a participar, não existe aquele medo, não existe autoritarismo...

Joana traz o seu olhar infantil dos momentos e das realidades específicas que experimentou. Mas há que se considerar, de certo modo, porque ela tem respaldo para fazer uma análise comparativa a partir das experiências que viveu em escolas que julga muito diferentes: no Rio de Janeiro, que estudou até por volta dos 11, 12 anos e as escolas de Taparuaba. Sua trajetória de aluna aplicada e de educadora comprometida, atestam sua percepção sensata. Quem a conhece lhe dá autoridade para fazer um paralelo pelo menos entre as unidades de ensino por onde passou com suas respectivas linhas pedagógicas.

Outra menção comparativa que ela faz é sobre sua realidade no Rio de Janeiro e sobre seu novo meio, e insiste em traçar as diferenças observadas nas relações comunitárias:

Uma coisa que percebi aqui é que as pessoas se mesclavam, independente da classe social. Estudavam todas na mesma escola, independente de ser comerciante ou agricultor, de ser dono de uma fábrica [confeção] ou pescador, os filhos estavam todos na mesma escola e podiam ser amigos, independente da classe social iam na casa um do outro, podiam sair juntos...gerava uma sensação de classe social única. Coisa que não percebia nos outros lugares, né? [...]as pessoas de outros lugares diziam: como é que pode um lugarzinho pequeno que tem uma renda baixa, mas você vê todo mundo arrumadinho, todo mundo bonito, alinhado...e você não via quem era a filha do rico e quem era a filha do pobre... às vezes as pessoas diziam isso. Hoje tá mais dividido, mas na minha adolescência não. Isso me ajudou muito no meu protagonismo porque apesar da pobreza e das dificuldades financeiras eu não era limitada. Tinha acesso a tudo que todo mundo tinha. Podia frequentar os mesmos lugares, ter acesso ao conhecimento, ao lazer... o pouco que existia, era pra todo mundo. Quem quisesse aproveitar era só participar. Isso foi muito importante. Eu não percebia discriminação...

Joana traz, nesta sua fala, algo muito delicado. Primeiro, é importante considerar que ela, talvez, ainda tenha o ranço das dificuldades que vivenciou na cidade grande e acaba fazendo uma comparação partindo da sua realidade na periferia do Rio de Janeiro em que as desigualdades sociais e a separação de classes são muito demarcadas para quem mora na

periferia e para quem mora no “asfalto”. Enquanto que, em Taparuaba, especialmente até década de 1990, havia na comunidade uma menor disparidade econômica entre as famílias. Ela tem razão quando diz que todos eram muito mais pobres, talvez isso lhe desse a sensação de menos diferença. Eram poucas as famílias de comerciantes, proprietários rurais e microempresários da confecção de bordados que tinham mais recursos e bens. A maioria da população vivia muito modestamente.

Sobre a inexistência de distinção social naquela época, suspeito que ela esteja falando muito a partir de sua percepção de pessoa branca, jovem e com traços físicos valorizados dentro dos padrões sociais. Talvez não seja a mesma percepção que tiveram os jovens com traços mais mestiços, negros e negras, e jovens que eram moradores das fazendas ou dos bairros periféricos¹³⁸ do distrito, com experiências de discriminação, como já vimos nos depoimentos de outros interlocutores desta pesquisa. A experiência dela foi:

Eu percebia que todo mundo ali podia tá de igual pra igual, no mesmo nível. Pelo menos isso era o que sentia quando era estudante...nunca sofri nenhum tipo de discriminação porque era muito pobre. A pobreza era uma coisa que muita gente se enquadrava naquela época (década de 1990). Muita gente sofria por falta de recurso financeiro, porque tudo era muito escasso. Mesmo as pessoas que tinham uma condição financeira melhor, trabalhavam muito, se esforçavam muito pra ter uma vida mais confortável. Era tudo muito difícil pra todo mundo. Mas o que acho interessante era o respeito. As pessoas eram amigas umas das outras, independente do dinheiro que elas tinham. Os jovens estavam ali dentro de uma escola, dentro de um grupo, estudavam junto... Havia uma disputa, claro, mas era saudável. Era disputa do momento, quem era melhor na leitura, no teatro...era uma disputa que acabava na disputa.

Joana viveu intensamente as atividades escolares e culturais nesta localidade. Começou a trabalhar ainda criança, e mesmo isso não a impediu de aproveitar a sociabilidade possível na fase da infância, adolescência e juventude, como veremos adiante. Contudo, a receptividade que teve nos grupos e sua participação ativa nos diversos círculos sociais favoreceu sua total integração social no seio da comunidade.

Joana chegou em Taparuaba no mês de maio de 1990 e deveria cursar a 4ª série. Por ter chegado fora do período de matrícula perdeu o ano. Até chegou a frequentar algumas vezes como ouvinte, mas não poder cursar. No ano seguinte, diz que a turma para qual entrou não

¹³⁸ A exemplo do Bairro Inocência Lopes que se localiza praticamente no centro, mas sempre foi relegado a ideia de um lugar de segunda categoria e é, ainda hoje, vulgarmente, chamado de favela por algumas pessoas. Os moradores desse bairro são, predominantemente, de negros ou mestiços e com uma renda econômica mais baixa que os demais. A infraestrutura deste lugar sempre foi mais precária que os demais locais do distrito, ou recebeu algumas poucas melhorias tardiamente, se comparado aos demais bairros. Hoje, além deste bairro, outras pequenas vilas estão se formando com as mesmas características de abandono do Poder Público e, infelizmente, germinando problemas preocupantes com relação ao narcotráfico, criando um círculo vicioso de pobreza, violência e exclusão.

poderia ser melhor, inclusive, porque a do ano anterior para qual deveria ir “não teve tanto sucesso [riso]... quanto a minha!”:

[...] a gente queria aparecer demais, tudo queria tá no meio, tinha, assim, um brilho [...] vejo a vida muito no coletivo. Não consigo me ver sozinha nas coisas. Era bom todo mundo junto, brincava, se divertia muito. Aprender, acho que é isso, é se divertir. Quando a gente aprende obrigado, aprende sofrendo. Não é bom! Bom é quando tem essa coisa de que fulano sabe, eu sei também! E manda ver, erra, mas não fica com vergonha, tenta de novo. É bom essa coisa de viver a vida de forma leve. Hoje... já não sou assim! Não tenho mais essa leveza, porque você tem as responsabilidades, isso gera pressão, gera expectativa. Mas sempre falo pros alunos, o tanto das dificuldades que a gente tinha que era muito maior... mas também dessa alegria que a gente tinha em fazer a diferença. A gente não esperava que ninguém fizesse. A gente ia lá, se reunia, e botava as coisas pra acontecer.

Esta fala dela ilustra a relação que teve com a escola, que foi de muita leveza, de integração com essa coletividade, que abriu um desafio para além da questão conteudista. Ela destaca a sociabilidade positiva com a escola e com o aprendizado que tem o caráter de compartilhamento. O saber tem sabor e é para ser partilhado como num banquete, como defendia Rubem Alves (2004).

Joana demonstra sua percepção sobre a comunidade taperuabense, enfatizando a sensação de menos desigualdade e como se sentia integrada ali. Seu contraponto era o Rio de Janeiro, de onde veio e ficaram as lembranças e as impressões daquela cidade que ficou para trás. Ela destaca que numa cidade maior, as pessoas não se conhecem tão bem. Por isso, a escola sempre foi importante para ela, porque representava um refúgio. Conta que no Rio não podiam sair para brincar na rua e nem ter contato com outras crianças. Então, a escola era o espaço de socialização, onde se sentia mais à vontade, mais livre. Acredita que a família passou por uma dificuldade muito grande, que considera maior que a dificuldade financeira, e diz: “ser pobre não é vergonha, e nem é defeito. Mas existe uma coisa - que é pior na vida de qualquer pessoa, independente da classe social - que é a violência”, e relata:

A gente passou por um processo de violência na família. Meu pai não era uma pessoa desequilibrada, mas, num determinado tempo começou a se desequilibrar emocionalmente. Brigava constantemente com minha mãe, chegou a bater nela, e isso foi o motivo pelo qual a gente teve que vir embora. A gente teve que, praticamente, fugir pra poder acabar com o conflito. Isso foi muito difícil pra mim, porque quando saía de casa, que tava tendo algum conflito, algum atrito, ia pra escola muito aflita. Ia com muita tristeza, muito sofrimento, mas a partir do momento que pisava o pé na escola, pronto: acabava! Pra mim, ali era um mundo que podia ser qualquer pessoa. Era mais ou menos como se fosse um teatro. Ali, podia ser quem eu quisesse ser. Consegui sobreviver a todo esse sofrimento, e a toda violência, que passava dentro de casa, justamente porque tinha essa válvula de escape. A gente não brincava na rua, não ia pro cinema, pro shopping, pra esses lugares que, hoje, os jovens, as crianças frequentam. E é porque a gente morava numa cidade

grande. A gente ia pra praia, pra parques e zoológicos, e essa coisa toda de criança, mas uma coisa que marcou muito a nossa infância era a questão do desentendimento entre os pais. E isso aí machucou muito a gente. Acho... pelo menos naquela época, não sei como é a vida das crianças, hoje... mas, na nossa cabeça, a pobreza não representava muita coisa. Ser criança, você imagina, come farinha com açúcar e acha que tá comendo um doce maravilhoso! Passar fome, dormir com muriçoca, dormir no frio...na minha cabeça, isso não é o problema tão grande pra criança. Na adolescência, sim, vai começar a se comparar com os outros. Mas na infância, não!

Os conflitos familiares são amargas lembranças desse período da infância dela. O estopim foi a violência contra sua mãe. A saída traumática da família, como ela mesma diz, foi: “praticamente, fugir (para Taperuaba)”, onde se rompe um ciclo, para iniciar outro não menos difícil. Chegar num lugar novo, sem a estrutura necessária para alojar uma família de 06 pessoas, dentre elas, 05 crianças, e com um único membro provedor, a mãe de Joana, requereu muita coragem, valentia e trabalho. Foi um reinício muito difícil, se desvencilhar da realidade concreta de deixar a casa e a vida para trás na “cidade maravilhosa” e enfrentar um recomeço sem estrutura com a expectativa de estar indo para uma “terra de flagelos” assombrada pelo verniz dos “mitos midiáticos”:

Pra mim, o Rio de Janeiro era o lugar melhor do mundo. Ir embora de lá foi muito sofrido. Passei um mês chorando. Amava muito a minha cidade e as pessoas que foram generosas lá. Quem conhece a cidade sabe como é. Apesar da violência, apesar de tudo que se fala... É a mesma coisa que se fala do Nordeste, do Ceará. Ligava a televisão lá, tava uma seca rachada, o chão sem uma gota d'água, e tinha muito medo disso...de andar com a lata d'água na cabeça, de passar fome, de não ter água nem pra tomar banho, porque na televisão era isso que mostrava, e quando a gente chegou, a gente foi morar numa casinha bem pobrezinha, que era de taipa porque era situação daquele momento. E digo: uma casinha de taipa, que não tinha água, que não tinha luz, mas todo dia eu agradecia a Deus. A gente dizia: é melhor você comer uma vez por dia em paz [*riso*] do que tá todo o tempo sofrendo, atribulado. É muito difícil quando você é criança e não pode fazer nada, porque quando é grande, decide a sua vida, fica naquela situação se quiser. Mas, criança, não... é uma coisa que mexe muito comigo, porque vejo os meninos que vivem essa situação, não de pobreza, mas de violência, sabe?! Percebo, na escola, que às vezes tem uns meninos de um lugar e uma família que é bem pobrezinha, mas que a criança tem dignidade, e ela consegue aprender. É diferente daquela criança que veio de um bairro violento, que os pais, muitas vezes, são usuários de droga, ou que vivem brigando. Então, por mais que essa criança se esforce, não consegue se concentrar.

Joana lamenta ao deixar a cidade onde nasceu e teme a chegada no interior do Ceará assombrada pelos estereótipos. Inicialmente, por terem feito uma mudança não planejada, como ela mesma diz que foi praticamente uma “fuga”, as condições da chegada praticamente comprovaram seus medos. Essa condição de total desprovidimento, não só foi sentido como algo

melhor do que o cotidiano de aflição que tinham lá, como com o passar do tempo a família foi superando as dificuldades e conquistando a tão valorizada dignidade. A convivência harmoniosa na família é tão superior a qualquer outra coisa, que ela se solidariza e se preocupa com outras crianças que venham a ter problemas com violência doméstica e conflitos familiares que prejudiquem a aprendizagem e o desenvolvimento integral das pessoas, numa fase tão indefesa, como é a infância.

A partir destas dificuldades, Joana aperfeiçoa sua capacidade de se reinventar e, além disso, já antecipa aqui algumas observações sobre o olhar de educadora que vai desenvolvendo ao longo do ofício e consegue se colocar no lugar dos meninos que demonstram algum tipo de revolta ou insatisfação e procura compreendê-los:

[...] me sinto muito feliz por ter conseguido seguir meu caminho, independente do sofrimento e das dificuldades, porque **conseguia vestir um personagem** novo. Era outra pessoa. Acho que sempre tive muito isso, da **imaginação**. Aqui (na escola) eu sou outra pessoa. Você sair, e naquele espaço ali **se recriar. Eu podia tudo. Eu nunca tive medo de nada, não tinha medo de ninguém** [riso]! Era insolente [*fala destacando a palavra e rindo*]! Às vezes, quando vejo uma pessoa insolente - hoje mesmo eu tava ouvindo o hino nacional e um monte de gente sentada, outros conversando, outros achando graça, outros putos porque tinha que tá ali! Eu **entendo o que é ser insolente**. Ali é um momento que **você quer mostrar que você tem força**, né, e quem tá no poder, muitas vezes não entende. É aquela história, de que **quando você vira martelo, você esquece que foi prego!** Mas é difícil!

Combativa e destemida, treinada pelas adversidades da vida, ela vai trazendo, junto aos seus relatos pessoais, as inquietudes das suas experiências de educadora, como foi desenvolvendo um olhar sensível e acolhedor na sua prática pedagógica:

Você olha pra um menino e quer que ele obedeça, mas olha pra realidade dele, e vê que é difícil! Ele tem que matar um leão por dia. Se não for corajoso, ele não vai conseguir. Essa é a cara dos marginalizados no nosso País. Não é só a questão da pobreza. Mas a violência é que tira das pessoas a suavidade. Transforma em seres duros, frios... a pobreza é só uma questão de tempo... às vezes, na família da minha mãe, vejo isso: todo mundo é pobre, mas não deixam de ser felizes. São conformadas e felizes com o que têm, tão nem aí pra nada, porque moram numa casa simples, o que comem ou o deixam de comer, o porque não têm uma roupa ou um carro que fulano tem. Na violência, você tem que ter alguma coisa pra compensar. Vejo ostentação das classes baixas: eu tenho que mostrar que eu posso, desde a arma, o transporte, dinheiro, as joias... é a violência! Não é a questão da pobreza em si. Acho que a desigualdade pode gerar a violência. Mas a violência gera a desigualdade, mexe com o espírito da gente. Quando existe paz, tranquilidade, amor entre as pessoas... tanto é que você vê em outras sociedades, que são até mais pobres que as nossas, a gente não vê tanta violência. Atrapalha muito a vida das pessoas. E começa em casa, geralmente. Todo mundo vê a violência estrutural, do Estado, do uso de drogas, ou dos traficantes... mas acho que não: só cai na

rede quem já tá com problema em casa. Quando você consegue entrar numa coisa boa, maravilha. A escola é um espaço de resgate importante. Se a gente conseguisse investir com todo o "gás", passando pela cultura, lazer, esporte, a gente salvaria muitas crianças, e a gente se salvaria também. A gente salvaria a nossa sociedade. Porque muitos pais estão em situação, que muitas vezes, não têm nada pra dar pros filhos. Nem mesmo o conforto da dignidade de dizer: olha, meu filho, tenha paciência, porque isso vai passar. Não consegue! Porque eles mesmo não conseguem ver mais à frente.

Joana é uma entusiasta da educação e da escola. Sua fé na “educação como prática de liberdade” e para libertação de contextos opressores está alinhada à filosofia de caráter existencial defendida por Paulo Freire, na ideia de que as pessoas podem e devem existir em sua plenitude:

Existir ultrapassa viver, porque é mais do que estar no mundo. É estar nele e com ele. E é essa capacidade ou possibilidade de ligação comunicativa do existente com o mundo objetivo, contida na própria etimologia da palavra, que incorpora ao existir o sentido de criticidade que não há no simples viver. Transcender, discernir, dialogar (comunicar e participar) são exclusividades do existir. O existir é individual, contudo, só se realiza em relação com outros existires. Em comunicação com eles. (FREIRE, 2011, p. 57).

Percebo que ela comunga da convicção Freiriana (2011) que entende a integração social não como acomodação, mas como resultado da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da possibilidade de transformá-la. A ideia de adaptação pode ser nociva porque pressupõe um efeito passivo. O criar, recriar e agir do homem “povo” deve superar sua condição de diminuído e acomodado, e, sobretudo, deve ser o processo de humanizar-se.

3.2.1.5 Trabalho precoce e entrelaçamento entre bordado, universidade e magistério

Joana começou a trabalhar ainda criança e acha que isso foi lhe despertando o interesse por estudar, trabalhar e ter uma renda. Quando pequena tinha vontade de ganhar dinheiro e desde cedo pensou em montar um negócio, e conta: “o dinheiro que meu pai dava pra comprar merenda na escola, guardava pra comprar outras coisas”. Também acha que seu propósito em ganhar dinheiro foi fomentado pela mãe que dizia: “Ninguém pede nada a ninguém. Quando alguém tiver algo que você não tem, não olhe e não peça. Não pedia nem pro meu pai”.

O outro aspecto que a família cultivava era não desperdiçar, tudo era valorizado ao máximo. Joana acredita que a escassez gera uma consciência de economia e a responsabilidade com o uso dos recursos adquiridos. Foram ensinados a dar valor ao que tinham: “Minha mãe

nos ensinou a sermos honestos [...] o maior sucesso da gente é justamente a dignidade e ser feliz com o que se tem”. Ela pensava em trabalho desde criança, porque ansiava ter autonomia. Vinda de uma família sem recursos, um trabalho remunerado ou qualquer atividade que angariasse alguma renda representava a possibilidade de conquistar coisas que julgava necessárias até para uma criança.

Comecei a trabalhar muito pequena e gostava. Final de semana, meu pai, às vezes, ia vender picolé na praia, e eu ia junto. Era pra vender o picolé por dois reais, por exemplo. Aí vendia por três! O real de fora era meu, porque tinha que prestar conta, né? Quando alguém pedia dois, eu deixava os dois por cinco! De qualquer jeito tava ganhando. Conseguia juntar dinheiro pra comprar uma coisinha... ia pra escola, terminava, passava no supermercado, comprava alguma coisa, diferente, pra comer com as minhas irmãs. Uma vez, teve o aniversário da minha irmã, e a gente não tinha dinheiro pra comprar o bolo. Mas tinha uma padaria com uns pães doces enormes, cheio de coco, e tinha guardado dinheiro, comprei um pão pra levar, pra fazer de conta, que era um aniversário. Então, criança tem muita essa coisa de ilusão, né?!

Ao chegar em Taparuaba, com 12 anos, ela, todas as irmãs, e a mãe, começaram a trabalhar: aprenderam a bordar à mão. Depois, sendo a mais velha, foi morar um ano com uma senhora idosa sendo acompanhante, e além disso cuidava das tarefas domésticas – limpar a casa, lavar roupa, fazer comida. Depois de um ano, essa senhora foi passar umas férias no Rio de Janeiro com os filhos. A partir daí, Joana foi trabalhar na casa de outra pessoa e já não foi do mesmo jeito:

Era para fazer comida e tudo pra muita gente... achava aquilo um absurdo! Muito pesado, sofrido, e a forma como as pessoas me tratavam, de cima pra baixo, como se você não fosse nada... achava ridículo. Trabalhei uns dois meses, e disse: isso não é pra mim! O trabalho não pode ser humilhante.

No Brasil, o trabalho doméstico sempre teve um caráter aviltante. Não só pelas condições precárias dos excessos da jornada, o pagamento informal, a ausência de direitos e, sobretudo, pelo tratamento desrespeitoso que é dado a esses trabalhadores. Com forte relação a nossa tradição histórica escravista, o trabalho doméstico é uma das marcas que persiste no cotidiano dos lares brasileiros. A PEC das domésticas¹³⁹, veio arrefecer, pelo uso e força da lei, uma prática que ronda o imaginário coletivo naturalizando as condições de degradação deste tipo de trabalhador(a), geralmente feminino. Ainda há muitas irregularidades e informalidades, mas tendo que conviver com algumas conquistas trazidas pela lei, inclusive, inibindo abusos e garantindo suporte legal para esta categoria. À época que Joana vivenciou essa situação não

¹³⁹ Emenda Constitucional nº 72, chamada de PEC das Domésticas. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc72.htm

havia amparo legal, mas, mesmo sendo uma pré-adolescente, percebeu a injustiça, foi possível se recusar a esta subjugação, e ela parte para outras tentativas laborais:

É bom exercer a sua criatividade no trabalho, ser valorizado. Com mais ou menos 13 anos e meio, fui trabalhar na confecção de bordado, tirava os desenhos, cobria e furava os papeis dos desenhos. Minha mãe sempre pedia trabalho aos conhecidos. Muita gente da nossa família, que sabia que ela não tinha marido, ajudava dando trabalho pra gente. Depois, comecei a aprender a costurar e aprendi a bordar na máquina. Minha mãe ganhou uma máquina que várias pessoas se juntaram pra compraram, e fiquei bordando durante muito tempo, aprendi a costurar... Com 15 anos já trabalhava 8h por dia numa confecção. Com 16 anos começaram a pagar o salário mínimo. Ia pra escola à noite, trabalhava o dia todo, mas sabia que aquilo não era pra mim. Gostava do que fazia, mas me entediava com a repetição. Aprendia e logo me cansava. Aprendi a fazer tudo da confecção, em todas as máquinas, em todas as áreas, mas achava que tinha que estudar. Dia de prova levava o caderno, todo mundo ria de mim [riso] e perguntava pra que eu tava estudando! ...Se ia passar o resto da vida trabalhando na máquina.

As disparidades de percepções entre Joana e seus colegas de trabalho na confecção de bordado eram tão destoantes que, não raro, sua decisão de estudar era ridicularizada e o grupo lhe fazia provocações:

Lembro do primeiro curso de informática que chegou aqui. Eu trabalhava de 7:00 às 11:00, 11:00 eu saía pro curso, ficava até 12:00, almoçava, tomava um banho, e ia trabalhar de novo. Ai, mas isso era chacota! Todo mundo mangando por que eu tava fazendo um curso de informática, que eu nunca ia mexer num computador [narra rindo]! Se eu ia passar a vida trabalhando numa máquina. Tinha uma colega que dizia: meu sonho é comprar uma máquina. Eu dizia: mulher, tu sonha muito pequeno! Gostava dos meus colegas, só que eu era diferente... as pessoas achavam que eu era metida a besta [riso] porque não me conformava com pouco. Queria sempre mais.

Joana estava concluindo o ensino médio e, mesma imersa numa realidade bem desfavorável e com desestímulos no seu entorno, não deixava que seus propósitos se abatessem e seu desejo pelo ensino superior continuava forte.

3.2.1.6 Suas motivações, o desejo de aprender e a chegada da filha

Joana acredita que sua grande alavancada para prosseguir os estudos foi sua “força de vontade”. Acha ter sido motivada mais pelo lado emocional, do que pelo racional:

[...] estudar foi sempre minha grande paixão...aquilo que sabia fazer de melhor. Nunca acreditei que tinha um potencial alto. Sempre me achei uma pessoa mediana, nunca me achei a melhor aluna da turma! Tudo tinha que lutar pra conquistar... Já ouvi isso muitas vezes: “Você não vai conseguir”!

Venho de uma situação que tinha tudo pra dar errado, e acho que o que me fez crescer não foi o racional, foi o emocional. Aquela história de que algo te machuca e você tem que dar a volta por cima, tem que conseguir se superar.

Assim como outros sujeitos da pesquisa, Joana também tem dificuldade de reconhecer suas habilidades cognitivas, e alega a “força de vontade” como um elemento que lhe possibilitou alcançar um nível de instrução que apenas uma pequena parcela da população mundial atingiu, e vale dizer de sua estabilidade profissional como professora efetiva do ensino público. Cada espaço que ela alcançou são postos concorridos e as condições de vida que teve acesso foram bem desfavoráveis frente a muitos de seus concorrentes nas disputas por estes espaços por ela conquistados.

Joana já estava com seus planos estudantis traçados e cheia de anseios para a aventura que tanto almejou, e se deparou com uma nova realidade que teve que agregar:

[...] Eu vinha de uma trajetória para terminar o ensino médio, ia embora pra Fortaleza, pra UFC, “lá na Disneylândia”, morar na Casa do Estudante. Hoje quando olho pra isso, digo: “Por que que eu não fui?” Provavelmente não seria o melhor pra mim [...] aos 18 anos tive uma filha... no início do 2º ano eu engravidei, tive minha filha no final. Lembro você (entrevistadora) e o Raimundo Nonato (colegas de sala) indo lá em casa, no mês de agosto. Começou as aulas e passei uma semana sem ir, aí vocês chegaram: “Nós viemos te buscar, tu não vai pra aula mais não?”

Joana fala com muito amor da chegada da filha, expõe a dificuldade que teve que enfrentar e a injeção de ânimo que teve que tomar para lidar com o novo cenário: “quando se é muito pobre, não tem uma vida estável, aí você tem um filho... Mãe solteira! É um choque pra família, pra sociedade. Ah, pronto, agora a vida acabou! Vai terminar o ensino médio no máximo”. Essas foram as previsões e palpites que teve que ouvir de muita gente, no momento que mais precisou. Contudo, ela diz:

[...] mas tinha uma convicção. Quando trabalhei numa casa de família, pensava: “Não quero isso pra minha vida, e não quero isso pra vida da minha filha!” Se antes tinha que lutar por mim, pela minha mãe, pelos meus irmãos, agora tinha um motivo a mais pra lutar. Eu tinha uma filha! E por incrível que pareça, ela me deu muita força. Lembro que vinha da escola com a barriga desse tamanho, um monte de livro, levava de seis, sete livros pra casa. Não conto as noites que passava acordada lendo, porque sempre tive insônia desde criança. O que é que eu vou fazer? Passar a noite andando no meio da casa, chorando com medo? Não, vou ler! E foi isso que fiz durante toda a minha vida, quando tinha insônia, eu lia como uma condenada. Quanta vezes deixei de ir festas, quantas vezes eu deixei de comprar roupa, deixei até de comer...

Obstinada, a jovem mãe, estudante trabalhadora, se desdobrou para dar prosseguimento aos seus sonhos e os transformou em planos mais próximos e adaptados à sua nova realidade.

3.2.1.7 A universidade: “a gente sonhava como se fosse passear na Disney”

Até o início da década de 1990, poderíamos contabilizar bem poucas pessoas que ingressaram na universidade, se considerarmos os taperuabenses que residiam no distrito. O transporte universitário, cedido pela Prefeitura Municipal de Sobral com muita insistência dos estudantes, era precário e irregular. A frequência estava à mercê das conveniências político partidárias municipais.

Poderíamos dizer que, Joana já é de uma segunda geração de estudantes taperuabenses que chega no ensino superior. Antes dela e de seus contemporâneos, apenas um pequeno grupo de professores chegaram à faculdade. Dessa forma, a universidade não estava no horizonte de possibilidades de muitos jovens:

A gente não tinha uma visão de futuro assim, de pensar se eu não me garantir não vou passar no vestibular. Como hoje considero que existe um certo individualismo... tá todo mundo focando na mesma coisa e um certo medo, uma certa angústia de ficar pra trás. **Na nossa época a universidade era um sonho, a gente sonhava como se fosse passear na Disney.** Era uma coisa tão distante que... mas, era um sonho gostoso que a gente desejava muito. E quando você é criança e adolescente os sonhos não são impossíveis. É isso que é legal na vida, ter coragem e acreditar que pode acontecer. Quando a gente vai ficando mais velho vai colocando limite e começando a ficar com medo do fracasso. O jovem não tem nada a perder, era um sonho que muita gente não acreditava. Tinham professores que não acreditavam no que a gente dizia, queria e sonhava...Por mais que as pessoas digam que você não vai conseguir...aquilo que você sonha, que deseja, chega um dia que acontece. A convivência com os meus colegas contemporâneos foi muito importante...

Neste mesmo período, algumas poucas famílias com situação econômica mais confortável passam a matricular seus filhos em escolas privadas em Sobral, resguardando aos seus a aprovação no vestibular. Em meados da década de 1990, no ensino médio, a jovem e alguns colegas de sua época, começaram a se articular para estudarem por conta própria e, ao mesmo tempo, conseguiram organizar um cursinho pré-vestibular aos sábados com auxílio de alguns professores que voluntariamente ministravam aulas preparatórias para as provas. Foram ações muito pontuais, nada muito regular, mas que começou a ventilar a ideia entre alguns

jovens que rumavam aos anos finais do ensino médio. Esse movimento iniciou entre final de 1990 para 2000.

A ideia da universidade como possibilidade, surge e vai se reforçando através da proximidade com o colega de escola, Lavoisier, que tinha uns primos taperuabenses, filhos de professoras, que estudavam na UFC, em Fortaleza, já na década de 90'. Estes estudantes da UFC vinham passar férias com a família em Taperuaba, relatavam suas experiências acadêmicas na capital, e Joana diz: “a gente ficava deslumbrada com essa possibilidade. [...] os professores não falavam muito em vestibular”. Tiveram acesso às provas da UFC para estudarem e nunca estudaram pelas provas do vestibular da UVA, porque não tinham contatos nessa instituição, e conta:

[...] de vez em quando passava aqueles vendedores de coletânea, enciclopédia, e a gente acabava comprando... tirava um tempo de manhã, estudava de noite. Era um grupo que estudava... a gente ia bater na casa dos professores quando não sabia. Era bem complicado! Resolvia aqueles exercícios, e achava que dava, independente dos outros dizer: “não, isso é doidice, isso não vai dar certo não! Quem vai passar é fulano, sicrano, beltrano que estuda em escola particular. Onde é que já se viu menino estudando em escola pública passar em vestibular? São doidos, é?” [...] a gente não tinha livro, passava a aula copiando [...] as aulas eram poucas, sem falar que era a noite. Mas vejo que o apoio que a gente tinha uns dos outros, a gente acreditava no potencial um dos outros. E isso é muito importante!

Ela conta que não havia apoio ou incentivo para que os egressos nem ao menos tentassem o vestibular que ocorria sábado e domingo, e que, na época, nem transporte havia para Sobral aos fins de semana. Quando foi fazer o vestibular, a Conceição Ávila (taperuabense professora da UVA), emprestou a casa dela, e disse: “vou viajar, mas vou arranjar a menina que trabalha comigo pra ficar contigo aí”. Detalhe - levei a Joice (sua filha bebê) e sua irmã para dar suporte. Todo esse apoio foi fundamental, porque ela não tinha condições de custear hospedagem. Também foi importante o apoio da família, mesmo sem ter muita noção, e também não tinha expectativa, porque era uma coisa muito distante da realidade da maioria, mas diz que sua mãe “confiava e acreditava que ia dar certo, dava esse aval”. Outro fator importante foi a representatividade, e expõe:

[...] peguei exemplos de pessoas que tinham passado. ‘Ah, se fulano passa, eu passo também’. O exemplo dá pra gente essa possibilidade mais real. Conhecer pessoas que estudavam na UVA, no caso, os nossos professores que tinham acabado de se formar, eram pessoas que a gente tava convivendo todo dia, e que a gente conhecia o potencial delas. Ah, vieram daqui, são do mesmo lugar que a gente, passaram pelas mesmas dificuldades, estudou nessa mesma escola. Se eles conseguiram, a gente também vai conseguir.

Joana elege como a maior motivação para entrar na universidade o seu apreço por aprender sempre: “quando tava terminando o ensino médio, já me causava angústia...meu maior medo de não passar, era justamente ter que parar. Me dediquei muito, li muito, fazia o que podia, tinha uma certa segurança de que ia conseguir, mas tinha medo”. Conta que antes de começar a fazer a redação, a primeira coisa que fez foi rezar. Pediu sabedoria, tranquilidade, e só então, começou a responder. Ela diz nunca se culpar pelo o que não fez ou não conseguiu, mas sempre comemora aquilo que consegue, e diz: “nunca fui uma aluna nota dez! Ficava satisfeita em tirar a média: ‘Tanto faz passar no 1º ou no último lugar’”. Ela passou no vestibular em 14º lugar, em 40 vagas e diz: “pra mim foi uma vitória muito grande”.

Joana relata que ainda guardou inicialmente o sonho de fazer Administração, pois queria montar o seu próprio negócio e fala: “Isso foi uma coisa que sempre mexeu comigo, mas digo que às vezes, a gente anda por caminhos tortos que vão dar no lugar certo”. Sua primeira opção foi descartada porque o curso de Administração era diurno, e tinham aí três impedimentos: naquela época não havia transporte para estudantes pela manhã (como hoje há), não podia morar em Sobral e, por fim, teria que deixar de trabalhar no turno da manhã. Todos estes fatores eram inviáveis.

Joana sempre gostou da área de Ciências Humanas. Cogitou às Ciências Sociais, e disse: “tinha tudo a ver comigo, insolente, rebelde, prepotente, gostava de brigar, tá a minha cara essas Ciências Sociais, bem político, social”. Porém, decidiu pelo curso de História, onde se encontrou e se realizou academicamente.

3.2.1.8 Universidade e a descoberta do magistério como um trabalho de grande realização

Em 1998, ao passar no vestibular e entrar na universidade, imediatamente foi convidada para lecionar História e Geografia no ensino fundamental II na Escola Araújo Chaves (municipal), em Bilheira, e diz: “foi a coisa mais interessante da minha vida. É isso aqui que quero. A educação foi tudo. Foi ótimo”. O encanto pelo magistério aconteceu de imediato. O tédio do bordado, útil naquele momento, foi substituído por um semestre de trabalho repleto de sentido e realização, apesar das condições inadequadas, desgastante e desvalorizada que viveu inicialmente no magistério.

Me identificava, achava que sabia fazer bem feito, não me entediava, porque todo dia era uma aula diferente. Mas, o salário era tão pequeno que não conseguia me sustentar. O professor ganhava menos de um salário mínimo (1998, antes da lei do piso salarial). Como já era acostumada a ganhar um

salário mínimo, então, pra mim não dava. Professor [no município de Sobral] ganhava meio salário mínimo. Foi muito difícil, porque pensava: será que tô estudando pra ganhar menos do que ganho? Como é que vou me sustentar? Amo fazer isso, mas eu não vou morrer de fome. Aí, voltei pras máquinas. Já tinha nessa época algumas máquinas, já trabalhava na minha casa com todo mundo da família, e trabalhei com bordado até... o último ano da faculdade.

Eis que, também no último ano da faculdade, já quase terminando, Joana passa em uma seleção como professora temporária para Escola Cesário Barreto, com situação salarial um pouco melhor, e leciona mais seis meses. Contudo ainda estava difícil abrir mão do trabalho na confecção que pagava por produção e ela se desdobrava para receber mais, e diz: “[...] na confecção, quanto mais trabalhasse, melhor ganhava, quanto mais se especializasse, mais era requisitada. Então, eu já entendia as regras do mercado”.

Outra coisa que afetou Joana foi a cultura clientelista que havia nas escolas naquela época:

[...] você não precisava ser o melhor professor, precisava agradar o diretor da escola. Foi difícil porque nunca tinha vivido isso. Sempre fui rebelde, acreditei que tinha que colocar o seu potencial pra fora, que é importante dar o melhor de si, mas que você podia falar as coisas que não tava gostando, que não era legal. [...] foi muito decepcionante [...] foi a primeira vez que sofri uma crise no trabalho. Adorava ser professora, me sentia preparada, mas existia um processo de politicagem, as pessoas tinham que estar do lado de determinado partido, tinha que tá ali seguindo cegamente o que os superiores determinassem, não era a minha praia; sofri muito com essa situação.

Ela conta que, já terminando a faculdade, prestes a se formar, estava desempregada. Se quisesse permanecer na educação tinha que comungar com esse sistema de indicações políticas: “Tava desempregada porque era arrogante, insolente, não baixava a cabeça, não respeitava autoridade... porque eu questionava as realidades”.

Em 2000, ela se muda para a cidade de Sobral porque surge uma boa oportunidade, quando é convidada a trabalhar na secretaria de educação de Sobral dando suporte as gerências administrativas e pedagógicas às escolas, por quase três anos e diz: “agarrei com unhas e dentes” [...] era um trabalho burocrático, também entediante [mas] aprendi muito, conheci pessoas boas, e entendi o que era clima organizacional, o que era trabalhar numa boa equipe, e o quanto isso fazia diferença nos resultados”.

No final de 2001, conclui a faculdade. No início de 2002 é aprovada novamente numa seleção como professora temporária da rede estadual e começa a lecionar à noite no ensino médio no Colégio Liceu, acumulando as atividades diurnas na secretaria de educação.

Trabalhando três turnos por um ano e meio, até que ela escolheu ficar apenas na secretaria de educação, até o primeiro semestre de 2004.

Joana faz uma comparação entre o desejo de passar no vestibular e a necessidade de passar num concurso. Os concursos são mais complicados, porque “é uma questão de sobrevivência. Você faz um concurso pra ter um emprego, pra ter um salário, ter uma estabilidade”. Ela diz ter se preparado muito para o concurso do estado. Trabalhava três turnos e dispensou um dos trabalhos para ter um turno só para estudar.

Ao final de 2003, Joana é aprovada em um concurso para professora efetiva da rede estadual, mas só foi convocada em agosto de 2004 e prefere retornar para Taperuaba, sendo lotada na Escola CBL. Temeu novamente ter que lidar com a tal “fidelidade partidária, da politicagem, e que provavelmente não seria bem-vinda, porque não comungava de muitas dessas ideias. Mas, pensei - eu sou concursada, do jeito que eu for, vão ter que me aceitar”. Joana começou assumindo 200 horas em sala de aula e reafirma que “ser professora, é muito mais do que uma profissão”, pois acredita que a “educação pode ser um espaço onde se tem oportunidade de plantações”. Acredita que através do diálogo na escola é possível fazer muito pelo desenvolvimento das pessoas e formar melhores cidadãos. Ressalta que é uma profissão que exige energia, paciência e renúncia, e que também é cansativa, porque se o clima organizacional não estiver equilibrado, todos na mesma sintonia, há o risco de se perder muito em todo o processo de ensino aprendizagem de todos os envolvidos.

Joana faz uma analogia entre sua atividade braçal na confecção em que trabalhou, e mesmo tendo que conciliar com a escola, ela conseguia dormir bem, mas a partir do momento que assumiu a responsabilidade que

[...] não é mais o de entregar um produto, uma peça de confecção, uma roupa, você vai entregar um ser humano para sociedade, isso tem um peso enorme na sua vida. Às vezes você encontra com ele no meio da rua [...] quer fazer papel de pai e mãe, pegar o menino pelo braço e botar ele pra casa, porque sabe que aquilo vai dar errado. Na cidade grande, você não conhece ninguém. Termina o seu expediente, não sabe onde é que o menino mora. E aqui, faz toda diferença, você sabe quem é todo mundo - é o filho do fulano que mora na rua tal, sabe o que a família faz, consegue até dizer o que o menino vai fazer no futuro, dependendo da trajetória dos familiares. Tem horas que é muito sofrido. Me sinto responsável pela vida das pessoas, não consigo me prender só a questão pedagógica e dos resultados...independente se o menino vai passar no vestibular ou não, queria muito que ele estivesse bem na vida... Que conseguisse ser um cidadão, independente se vai ficar rico ou se vai ganhar um salário mínimo só pra sobreviver.

Joana tem uma preocupação e atenção especial pelos “meninos mais danados” ou aqueles que sinalizam precisar de mais apoio. No cotidiano da escola, na sua prática pedagógica, enfatiza a necessidade de sempre olhar e ouvir àqueles que:

[...] estavam gritando alguma coisa que ninguém conseguia ouvir: aquela rebeldia!... me sentia parecida com eles. Sempre fui lá no fundão, conversar com os mais danados, de incentivar, de mostrar que eram capazes, de reconhecer o potencial deles na frente da turma toda, porque o aluno que já tira 10, você vai dizer o que dele?! Mas aqueles... É aquela história do pastor, que você não quer perder ninguém, você não quer perder nenhuma ovelha.

Os desafios são grandes e de diversos tipos para quem lida com o chão da escola e os rituais do ofício pedagógico. No entanto, ela reafirma seu compromisso e crença na educação como meio para transformar realidades, mesmo as mais difíceis:

O conhecimento dos conteúdos tem que ter essa relação com o mundo que a gente vive. Sou formada em História, e nunca obriguei nenhum aluno a decorar uma data ou um nome, mas sempre fazer perceber que o mundo em que ele vive é construído por pessoas, por relações de poder, que alguém tá ganhando alguma coisa com aquilo... que as coisas não precisam ser do jeito que são, que elas podem ser mudadas, que a cultura pode mudar, que a gente pode ter um novo mundo. Sempre tentei melhorar a vida dos meus alunos através do conteúdo que lecionava. Não queria que tirassem um 10 na prova e não entendessem nada sobre a vida. Queria que casasse uma coisa com a outra. Se aprende pra vida, aprende pra passar no vestibular também: o que é a Revolução Francesa.... pegar a Revolução Industrial e relacionar com a nossa indústria do bordado aqui... isso é fascinante: mostrar como um menino tá trabalhando lá na casa dele, numa fabricazinha, e ele vai entender como esse processo começou lá... há 300, 400 anos atrás, faz mais sentido.

Esse é o intuito maior: a educação que faça sentido para a vida prática dos educandos, que desperte a consciência do sujeito e seu lugar no mundo, que se ofereça e se crie um processo de ensino aprendizagem mais crítico e que inclua a participação das famílias. Ela lamenta que, hoje, os pais entreguem facilmente aos filhos os bens materiais sem que eles saibam o valor do esforço e do trabalho, e o quanto essa tem sido uma tendência para educar as novas gerações que tem se tornadas avessas e intolerantes as frustrações, até mesmo entre as camadas mais empobrecidas. Ela cita um livro que estava lendo, intitulado *A luta pelo direito*, onde diz que: “ter uma propriedade herdada, é não saber o que é lutar por aquela propriedade. Você ter um direito sem ter lutado por ele, é não saber quantas pessoas sofreram para que aquele direito fosse positivado, se transformasse numa lei”. Acredita que a postura menos permissiva das famílias gera indivíduos mais responsáveis e conscientes. Lembra que sua geração foi ensinada a “não ter nada de graça, todo mundo tinha que lutar ‘pra ser alguém na vida’”.

Em 2009, Joana passa numa seleção e assume o cargo de coordenadora pedagógica e com outros colegas recém selecionados começa uma nova gestão escolar com vistas a melhorar o processo de ensino aprendizagem. A partir desse projeto conjunto desses gestores junto ao corpo docente engajado, é criada uma ponte entre a escola CBL e a universidade onde o grupo faz um árduo trabalho que rende muitos frutos como já foi mencionado no capítulo 2 que trata da construção de uma cultura local de prosseguimento aos estudos para além do ensino básico.

3.2.1.9 Joana é partícipe da criação da cultura de prosseguimento a universidade em Taperuaba

Joana relembra as dificuldades que teve que enfrentar para chegar e permanecer no ensino superior. Até meados de 2000, não havia qualquer apoio para que os estudantes da comunidade vissem o ensino superior como possibilidade ou desejo, não havia preparação para as seleções e as condições para permanecer e concluir a universidade eram realidades muito distantes. Porque, até esta época, não havia incentivos, orientações, preparação, transporte e nem uma cultura de continuidade aos estudos. Ela conta como tudo era muito precário:

Edital do vestibular? Nem me lembro onde é que a gente lia o edital. A gente pagou passagem pra se inscrever (na UVA/Sobral), o Raimundo Nonato (colega) conhecia o diretor da (CEV?)¹⁴⁰, e foi lá com a gente pra pedir um desconto (a inscrição custava R\$ 50,00, em 1997). A gente conseguiu. Mas era tudo difícil, sem falar que a gente não tinha apoio e pelo contrário, as pessoas ainda puxavam o tapete da gente, dizia que não ia conseguir, que era uma perda de tempo [...] era cada um por si, vejo o estado hoje muito mais preocupado com o aluno da escola pública. O menino filho do trabalhador tem muito mais oportunidade. Antigamente nós não tínhamos livros, não tinha biblioteca na escola, não tinha professor formado na área, na disciplina.

Relata que, ao ingressar na faculdade, muitas vezes tinha que optar entre comprar a cópia do texto ou comprar um lanche, sendo que saía de casa às 16h30 para Sobral e chegava à 01h. Ela conta que ficava com fome, e dormia no ônibus na volta da faculdade, e diz: “[...] com fome, porque, ou eu dormia, ou então não aguentava”. Tentar descansar era uma estratégia para conservar energia e, também, consequência do desgaste de um dia inteiro de trabalho, de uma viagem de umas 4h¹⁴¹ entre ida e volta, e o turno de aula da faculdade. A exaustão ia às últimas consequências.

¹⁴⁰ Antigamente a CEV era a Comissão Executiva do Vestibular. Depois mudou para CEPS- Comissão Executiva do Processo Seletivo.

¹⁴¹ Na época, a demanda era menor e o ônibus de estudantes passava em mais 3 distritos e dobrava a quilometragem, logo o tempo de viagem também.

Por isso, ela enfatiza que foi “muita renúncia” para trilhar este caminho, que muitas vezes, chegava da faculdade, pegava os textos e ia estudar tomando café para aguentar, e dormia às 04h, e diz: “[...] o segredo é trabalho, é renunciar fim de semana, férias, noites de sono, diversão...”. Ela ainda acrescenta:

Tenho uma coisa estranha. Só sei estudar dormindo, tenho que dormir e ler. Ler e dormir. É como se o sono fixasse o conhecimento. Não consigo estudar em qualquer lugar. Estudo em casa, de preferência na cama ou na rede, e sempre funcionou. De madrugada, dormia um pedaço, acordava. Sempre vi o estudo como investimento, não só profissional, mas investimento para a vida.

Ela lamenta que estudantes e educadores sejam pouco valorizados pela sociedade, e que se enalteça tanto o aspecto financeiro. A aquisição material e o consumismo são vistos como grandes conquistas, enquanto o conhecimento é desvalorizado. Na sua atuação como educadora, procura desenvolver uma outra perspectiva de educação e valores sociais junto aos seus educandos.

Joana foi uma parte muito pragmática, articulada, e, concomitantemente, muito sensível na gestão da escola. Como ela mesma diz: “toda essa loucura pela universidade, todo esse amor... tinha tanta paixão pela universidade que sonhava em morar lá. Queria ir pra UFC [riso]! Porque tinha residência [universitária]!” Ela conta do seu desejo de ter vivido mais intensamente o cotidiano acadêmico:

[...] queria ficar lá, queria respirar isso... Até hoje eu sou apaixonada pela UFC, fiz uma visita lá, sabe quando você tem a impressão que você tá voltando pra casa? E chega ali tudo parece com você? Olho aquelas pessoas sentadas ali, lendo um livro, despreocupadas, tranquilas, como se tivessem no meio do paraíso... aqui é o mundo! É isso que quero pra minha vida!

O desejo não realizado de ter vivido a plenitude da universidade, impossibilitada por ter conciliado trabalho e chefia familiar, junto com sua mãe, pelo fato de ser a filha mais velha, e de já ser mãe, de ter responsabilidades familiares precocemente, deixou um gosto de incompletude que Joana deposita viver e se realizar nos alunos da escola CBL:

Como todo pai e toda mãe reflete seus sonhos nos filhos, acho que enquanto educadora, vejo os alunos como se fossem meus filhos. Olho pra eles, e digo: "quero que tenham aquilo que não pude ter, aquele apoio que na nossa época a gente não tinha". Foi muito sofrido. Acho que os nossos quatro primeiros anos de gestão... se dissessem: "vocês querem de novo [para o núcleo gestor]?", acho que ninguém queria [riso]. Mas aquele sofrimento, porque foi muito cansativo, foi muito pioneiro, muita coisa. Por exemplo: o cursinho. A gente não ganhou cursinho. E a nossa equipe de professor fantástica, sabe?... sempre muito parceira, de aceitar nossas propostas pra trabalhar de graça no sábado. Professor ia dar aula, começava 7h e terminava às 17h. Um dava aula de Física, outros de Química, Biologia, e por aí ia. Final da tarde os meninos tinham visto quatro aulas [disciplinas] diferentes. No outro sábado, outras quatro aulas, e entrava coordenador pra dar aula, e entrava diretor [riso], a

gente sempre teve essa coisa, assim, de entrar numa sala de aula, sabe?! Eu acho que o mais bacana da nossa equipe é a unidade. Sempre achei muito bacana, nos meus colegas, isso: de um professor, de repente, ligar e dizer, assim: "ó, eu tô chegando de Sobral, segura as pontas aí!" E o diretor, com tudo o que tinha pra fazer, entrar na sala de aula: "ó, gente, o professor não chegou, ainda, mas eu tô aqui."

Essa Professora reafirma o compromisso e a cumplicidade que o grupo teve para desenvolver um trabalho diferenciado, e enfatiza: "A gente educa pelo exemplo: gestão, professores e alunos. Sempre conta nossas batalhas, nossas necessidades, nossos sofrimentos, e a vitória, que é tá ali." Joana vibra com as perspectivas de crescimento da cultura de prosseguimento à universidade dos estudantes taperuabenses, e tem convicção de sua escolha pelo magistério. Considera que já deu sua contribuição como coordenadora pedagógica, tem a sensação de missão cumprida e que precisa de novos desafios. Agora quer continuar aprendendo e dando espaço para os novos colegas.

3.2.1.10 Estudante permanente – Joana entra para o curso de Direito na UVA

Concomitantemente ao árduo trabalho de educadora, Joana fez duas especializações *lato sensu*: Teoria e Metodologia em História (2007-2009 UVA) e Gestão Escolar (2009-2012 UFJF). Entretanto, ela queria mais: participou da seleção para entrar como graduada no curso de Direito na UVA e, em 2015, iniciou esse novo desafio.

As primeiras impressões foram quanto às diferenças entre as duas graduações. Conta que no curso de História lia muito, participou de Centro Acadêmico e vivenciou oportunidades de mobilização estudantil, interagiu com colegas de outros cursos, participou de organização de eventos acadêmicos dentro e fora do estado e diz:

Foi uma experiência que serviu até pra aprender a gerir, organizar, pensar o mundo fora da caixa... era rata de biblioteca, só vivia lendo. A universidade também me possibilitou outros aprendizados, como conhecer mais sobre as artes, sobre música; a questão política dentro da universidade que não me envolvia antes de entrar no centro acadêmico. Percebi essas demandas de luta dos estudantes por uma educação de qualidade dentro da universidade.

Ao ingressar no curso de Direito, Joana diz que nas ciências humanas: "a gente pensa o humano, discute, sonha, briga por direitos. Lá no curso de Direito, praticamente só se decora leis. Isso mexeu comigo, é como se tivesse voltado pra 5ª série, pra decorar questionário, e fiquei muito chateada". Sua expectativa neste curso era de que as discussões seriam em torno da luta por direitos – e cita o título de uma obra de seu apreço: *Na luta pelo Direito*, de Rudolf

von Ihering – mas ela diz que não sente isso no curso. A grande maioria de seus colegas são oriundos de escolas particulares e com perfil socioeconômico de classe média ou alta. E fala sobre suas impressões:

[...] estão lá pra aprender o máximo possível e depois passar num concurso pra promotor, pra juiz, pra algum técnico da justiça, ou seja, pra ganhar bem. E assim, não dá muito aquele desejo de você bater de frente com eles, porque não tem muito que bater. A maioria dos meninos novinhos, dezesseis anos... são praticamente umas crianças sendo treinadas, pra passar em concurso, 90% da sala quer passar num concurso. Às vezes até tem algum professor que fala sobre essas questões para ser um curso mais aberto, que eles têm que pensar fora da caixa... mas os próprios professores não sabem como fazer isso porque são bacharéis, ensinando bacharéis [...] O curso é muito pesado, denso, muito conteúdo, e falta o debate. Porque se você vai pro Direito, você tem que aprender a lutar pelo direito dos outros, pelo direito daqueles que não têm direitos, que se não for você, eles não vão conseguir, você tem que falar por eles. É muito contraditório. Espero que essas coisas comecem a mudar com essas cotas, é a esperança que tenho é que o trabalhador leve a sua luta.

Joana diz sonhar com a inserção de um público mais popular dentro da universidade e que ocupe os diversos cursos. Como educadora, levanta a bandeira de que é tarefa primordial da escola mostrar para os estudantes que preservem sua identidade, que mesmo que venham a adquirir bens de consumo ou que mudem de classe social, que não esqueçam de onde vieram e que tenham respeito por suas origens. Ela coloca sempre em pauta a desigualdade social em que vivemos.

Apesar das expectativas frustradas no curso de Direito, em que pensava que a faculdade teria uma abordagem mais voltada para a defesa das demandas sociais, Joana diz aprender muito e procura dialogar com os colegas de sala (mais jovens), sobretudo, trazendo à tona para a discussão junto a eles de “que o bem mais precioso é a vida”:

[...] eu não tenho a competência de vocês e nem tenho o tempo de estudar. Tenho mil coisas pra fazer, mas amo isso. Aprendo com vocês. [...] não sei nem se vou me formar, se consigo tirar AV, mas cada aula vale a pena [...] Pra mim, um dia de cada vez, já não posso mais vislumbrar tanto o futuro porque a vida é muito corrida, você não sabe até que dia ela vai...

Joana se considera hoje muito mais crítica e realista, e dialoga abertamente com seus colegas de faculdade considerando as diferenças de idade e de perspectiva de vida, e faz comparações entre as graduações que fez e que faz: “[...] na prova de História você lê um livro de 50 páginas para escrever 05 páginas. Lá (no Direito) você lê 300 páginas, e responde uma prova de 04 questões de marcar. Então é muito conteúdo pra pouca discussão”. Ela também faz uma revisão de sua percepção de mundo e diz que tinha um preconceito grande com as pessoas ricas e justifica:

[...] aquela coisa de quando você nasce pobre acha que todo rico é ruim, e fui vendo as coisas de outra forma [...] a desigualdade, a pobreza, às vezes, embrutece as pessoas. Os meninos que têm uma condição social e econômica melhor, estudando em escola boa, não sabe o que é passar fome, e a maior dificuldade deles é passar o dia estudando [...] são umas pessoas doces, carinhosas [...]. Eles não têm a malícia dos meninos que são criados na pobreza [...]. Porque eles não sabem, de certa forma, o que é a dor, o que é a miséria, sofrimento, violência [...].

Joana faz uma leitura curiosa dos colegas do Direito, jovens de outra classe social, numa perspectiva diferente da que teve até então. Sua sensibilidade e criticidade passa do julgamento para a análise das circunstâncias coletivas que constituem o caráter, a conduta e os valores das pessoas, e não mais a postura dos indivíduos em particular.

3.2.1.11 Estudante permanente – Direito e mestrado em Geografia

Mesmo trabalhando na CBL e estudante de Direito, ela se prepara para a seleção de mestrado. No início de 2017, Joana realiza um sonho nutrido desde a graduação, é aprovada e ingressa no Mestrado Acadêmico em Geografia¹⁴² (MAG/UVA), obtém a licença do trabalho e, pela primeira vez, desfruta da oportunidade de ser uma estudante profissional. No entanto, na condição feminina, ela não pode tirar “licença” dos cuidados maternos (com dois filhos) e da invisibilizada gestão do lar. Ela se desdobra para cuidar de tudo.

Joana diz que foi um grande desafio fazer o mestrado numa outra área¹⁴³, porque precisou se apropriar de conhecimentos que lhe faltavam. Ao mesmo tempo, esse trânsito em outras áreas do saber enriqueceu seu repertório. Sua pesquisa foi sobre a campesinidade no distrito de Taperuaba, que trata da cultura camponesa presente numa área urbanizada, em que as relações de parentesco, do compadrio, do comércio pautado na confiança (dívidas anotadas na caderneta) são traços que interferem no modo de vida das pessoas a partir das interações sociais da reciprocidade. São “galhos” do campo ainda preservados nas pequenas cidades.

¹⁴² O Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA), foi **aprovado pela CAPES em março de 2011**. O Mestrado em Geografia da UVA tem como objetivo formar profissionais para atuarem no planejamento, assessoria de projetos em movimentos sociais, criação de políticas públicas e desenvolver pesquisas acerca da realidade dos municípios da Região Nordeste brasileira. De modo específico, o Mestrado Acadêmico em Geografia da UVA visa promover pesquisas que ampliem os conhecimentos geográficos e subsidiem as atividades de planejamento e gestão na região do semiárido nordestino. Objetiva, ainda, formar profissionais capazes de contribuir para o desenvolvimento regional e promover a articulação das atividades de pesquisa com a graduação, pós-graduação e Educação Básica. <http://www.uvanet.br/mag/>

¹⁴³ Não tem mestrado nem História e nem em Educação em Sobral.

Joana queixa-se de não ter feito o curso com o afinho que desejava por ter que dar conta dos deveres familiares e domésticos, e também procurou conciliar a pós-graduação com algumas poucas disciplinas do Direito, mas ela se diz feliz e realizada com a experiência.

Ao concluir o mestrado no início de 2019, Joana retorna ao trabalho em sala de aula e não pretende mais estar em cargo de gestão. Acredita que outros bons profissionais estão aptos para continuar com o mesmo empenho de manter a qualidade do que foi conquistado, assim como os demais colegas do núcleo gestor também compartilham desse desejo de fazer bons sucessores e poder seguir seus projetos pessoais depois de oito anos exaustivos de gestão. Acredita que a nova equipe dará prosseguimento ao trabalho e retorna à sala de aula cheia de entusiasmo e esperança de poder continuar contribuindo no ofício de lecionar.

3.2.1.12 O berço e destino de uma sonhadora valente

Joana considera que seu berço é Taparuaba, porque foi o lugar que lhe acolheu, foi onde se sentiu cuidada e encaminhada para desenvolver uma trajetória de estudos e de trabalho. Ela considera que “nesse modelo de cidade pequena as pessoas estão sempre lhe observando, se comunicando e a educação tem uma dimensão voltada para uma formação mais humana e não se restringe apenas ao encargo da família, mas de toda a comunidade” e enfatiza as contribuições que recebeu dos educadores e dos entes comunitários. A percepção dela sobre essa educação para além da escola, me remete ao provérbio africano que diz: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, que menciono no início deste trabalho e que ela corrobora agora em sua fala.

Sobre o destino, ela fala com o pronome possessivo “nossa Taparuaba”, já dizendo da intenção de ali permanecer, para definir como o lugar onde as pessoas gostam de trabalhar, de estudar, e que é difícil “escapar desse destino”, porque considera que há uma força nesses valores coletivos que impulsionam os nativos desta comunidade. Contudo, pondera seu entusiasmo e lembra que:

[...] algumas famílias que não fazem parte dessa cultura de estudo e de trabalho, acabam sendo marginalizadas, mal vistas...Então, existe todo um esforço pra que as pessoas prosperem nesse sentido, e a oportunidade da educação tem possibilitado que essa cultura se fortifique. Através da educação as pessoas têm conseguido chegar a outros patamares [...] só tenho a agradecer, e entender que os que nos precederam tiveram um papel importante.

Sua menção àqueles que não conseguem se inserir neste contexto de educação e trabalho, levanta uma reflexão importante, sobre que tipo de educação é essa que está fazendo alguns indivíduos avançarem e, ao mesmo tempo, abrindo abismos apartando aqueles que não conseguiram “subir tais degraus”. Uma escolarização insuficiente e/ou ineficiente pode estender e engrossar as fileiras de subempregados ou desempregados. Sua preocupação é pertinente e, mesmo com os avanços educacionais registrados por todos os sujeitos pesquisados, deixa a escola com “dever de casa” para fazer.

Ainda sobre o destino, Joana fala que “é um pouco de escolha [...] mas, também que é determinado pelo ambiente, pelo grupo familiar [...] mas, às vezes, as nossas escolhas também determinam algumas coisas...”. Minha pergunta foi sobre o destino dela, mas ela começa falando no sentido impessoal, sobre as pessoas em geral, até que encaminha a questão para si:

Me vejo como uma sobrevivente, como aquela que tinha tudo pra não conseguir, mas fiz a opção por lutar [...] e meu destino [...] é sempre tá trabalhando não só pra mim, pra minha família, mas também pro coletivo. Meus projetos sempre envolvem o todo, a sociedade...sempre sonho com uma sociedade melhor, mais justa. Hoje entendo que vou fazer o que eu puder, dentro das minhas possibilidades...que nem sempre a gente consegue atingir todo mundo, mas só o fato de se colocar à disposição, acho que já contribui...Acho que meu destino é servir [...].

Joana está sempre emaranhando sua história pessoal a história da coletividade. Ela atribui suas conquistas às batalhas pessoais, mas reconhece as contribuições que recebeu da comunidade como um todo e menciona as políticas públicas que ainda lhe alcançaram, como a abertura do mestrado de Geografia na UVA, aprovado pela CAPES em março de 2011. Confessa ainda guardar o desejo de ingressar no doutorado, que por ora vai ter que esperar, e segue costurando sua vida pessoal ao tecido social em que está inserida como educadora. Narra sua própria história para seus alunos para que eles não desanimem com as dificuldades.

Joana segue no firme propósito de convencer as pessoas a acreditarem em si mesmas e na possibilidade de prosseguir nos estudos, mas, sobretudo, a cultivarem o desejo de aprender permanentemente. Anseia que seus educandos construam seus caminhos com mais oportunidades e poder de escolha, e que outros “alguéns” ressignifiquem suas vidas, é uma constante na fala de Joana como a razão da sua luta.

3.2.2 Frida: desenho biográfico sociológico¹⁴⁴

Frida é o nome fictício escolhido por ela própria. Seus pais são de Taparuaba, mas se casaram e foram embora para João Monlevade, Minas Gerais. Sua mãe estava com oito meses de grávida dela, quando a família partiu em julho, e ela nasceu em 05 de agosto de 1987. Ela conta: “Nasci em João Monlevade e depois vim pra cá. Só para dizer que não nasci aqui, porque ele (pai) tinha uma birra que não queria morar aqui, não queria ter filhos aqui... e foi antes de eu nascer”. Frida acrescenta: “ela (mãe) com um barrigão, fez essa viagem de quase três dias dentro de um fusca. A gente vai ver o desenrolar dessa história do fusca que faz parte da minha vida, dessas viagens todas. E lá vivi até os 15 anos”.

3.2.2.1 De Taparuaba a João Monlevade (MG) - as andanças da família e a infância

Frida descreve sua origem: “são de famílias pobres, humildes[...]”. Seu pai tem 67 anos e estudou até a 4ª série, tem nove irmãos, e quando dois dos mais velhos foram embora para São Paulo, ele acompanhou-os, logo depois, aos 18 anos. Frida diz que os parentes diziam que seu pai “tinha muita preguiça, trabalhava muito naquelas casas de fazenda, passava muita fome [e] não queria trabalhar assim”. Em São Paulo, trabalhou por muito tempo como garçom no aeroporto, depois como vendedor representante comercial passou a conhecer muitas cidades. Quando Frida diz que o pai tinha “birra que não queria morar aqui, não queria ter filhos aqui [Taparuaba]”, e depois diz dos relatos dos parentes que ele era preguiçoso porque “trabalhava muito naquelas casas de fazenda, passava muita fome [e] não queria trabalhar assim”, é possível perceber a justificável rejeição que seu pai tinha a esse lugar. Por isso, fugiu dessa realidade.

Sua mãe tem 57 anos e é a filha mais nova de sete irmãos. O pai de Frida num dos retornos a Taparuaba, começa a namorar sua mãe, e eles se casam. A recém-casada cursou até a 8ª série, mas, quando casou deixou de estudar, e foram embora. O casal teve duas filhas. Frida é a primogênita, seguida da irmã que é formada em Serviço Social e trabalha na área da saúde hospitalar. Frida relata que a mãe tinha muita vontade de estudar e sempre gostou muito de ler, e diz:

[...] a gente adquiriu o hábito da leitura por ela [...] os livros dela são todos riscados, porque eu riscava, ela tinha muito livro. [...] ela gostava muito de ler,

¹⁴⁴ Entrevista realizada em 12 de fevereiro de 2017. Frida é graduada em Filosofia pela UVA e mestra em Filosofia pela UECE

já tinha esquecido ... nem lembrava de colocar ela no Enem, mas minha irmã incentivou e ela tirou uma boa nota porque lia muito... e ainda lê muito. A leitura faz parte da vida dela e faz parte da nossa vida, consequentemente.

Esse foi o primeiro referencial estudantil que a moça e sua irmã tiveram: uma mãe, que mesmo com os estudos incompletos, era uma leitora assídua que despertou nas filhas o gosto pela leitura. Seu sonho interrompido de continuar os estudos escolares básicos só veio se concretizar 27 anos depois. Só quando a família está morando em Taparuaba, sua mãe estava fazendo o supletivo, fez o Enem e alcançou uma boa nota obtendo o certificado do ensino médio.

3.2.2.2 A vida em João Monlevade e fatos marcantes na vida – a crise que abateu a família

Frida apresenta os relatos da mãe do difícil início da família em terras alheias:

[...] minha mãe sempre diz que nasci numa grande pobreza (risos). Porque quando chegaram lá, não tinha muita coisa, era só ela e meu pai, não tinha parente, não tinha ninguém. Minha mãe diz que minha irmã nasceu em berço de ouro. O carro era outro, a vida era outra, mas embora tivéssemos numa condição muito boa, a gente também nunca estudou numa escola privada. Isso também faz parte das escolhas deles.

Pela narração de sua mãe, o início foi penoso em muitos sentidos, tanto em termos de estrutura econômica, como em termos de redes de contatos. Anos depois, outros parentes e conterrâneos taparuabenses também migraram para esta região criando relações de apoio entre familiares e amigos.

Ao indagar a moça sobre os fatos mais marcantes em sua vida ela diz imediatamente: “o nascimento da minha irmã e a mudança pra cá...porque não foi fácil...” (se emociona). Peço que fale sobre isso se, quando e como achar melhor, mas ele diz: “Posso falar (choro), tem que ser falado... isso é natural pra mim... Embora a gente gostasse do Ceará, pudesse ter vontade de vir, mas ninguém queria ter vindo nas condições e da forma como veio... é marcante pelo fato financeiro”. Embora tenham chegado em João Monlevade numa situação difícil, o pai, o único provedor, conseguiu trabalhos que ofereceram não apenas o sustento, mas uma condição também de conforto a família. Quando a irmã mais nova nasceu o contexto já era bem mais favorável, mas, tudo começou a desmoronar em 2001:

[...] quando meu pai decide deixar o emprego porque não tava gostando, a gente tava numa condição muito boa. Foi uma escolha muito complicada que

ele fez sem medir as consequências. Porque minha mãe nunca trabalhou [...] sempre foi artesã, fazia crochê, fez um curso de pintura [...] era como se fosse uma terapia, ela vendia, mas não era uma fonte de renda [...] o dinheiro não dava pra suprir as necessidades nem dela e nem da casa. Eu tinha 13 anos, foi muito marcante pra vida da gente. Eu choro, porque a gente chora...Mas, a gente perdoa e entende. Hoje penso que, de repente, foi uma depressão. Se aquilo não tivesse acontecido, não teria vindo pra cá e não tinha vivido a vida que vivi aqui. Em contrapartida se ele tivesse continuado lá, de repente, hoje eu teria outra profissão, seria outra coisa, outra vida. [...], mas, enfim, eu gosto daqui, tenho saudade das pessoas que tão lá, mas não voltaria. Mas, o fato dele ter deixado o emprego, a queda brusca financeira, afetou muito. Minha irmã até hoje é como se não tivesse superado [...] como ela era mais criança...pra ela foi mais forte, pra mim foi mais natural. Fui vendo acontecer, entendendo e, no percurso todo, a minha mãe teve uma depressão muito forte. Foi difícil pra todo mundo, e ela não aceitava ir ao médico [...] foi um momento de muita turbulência.

Seu pai trabalhou muito tempo como vendedor em empresas que revendiam artigos de cama, mesa e banho, para três empresas diferentes em que três os patrões eram cearenses também. Ele começou a trabalhar assim logo que ela nasceu e tinha que viajar muito, às vezes, chegava a ficar quinze dias fora de casa. Foi na última empresa que trabalhou, de Governador Valadares, que ele descobriu que tinha hipertensão e teve um problema sério, a ponto de ficar internado e quase ter um infarto, pede demissão e começa o tratamento com medicação. A jovem diz que hoje interpreta que, o pai:

[...] estava num estado de depressão, a vida não tinha mais sentido, estava com medo de morrer. Porque a pessoa tinha duas filhas pra tomar conta e vai sair do emprego? Lembro do dia que o patrão dele vai lá na minha casa, insistir de todas as formas para ele não deixar. [Foi] uma longa conversa, num quarto fechado...

Em 2001, já moravam também, em João Monlevade, três tios de Frida e seu pai já tinha muitos amigos que cultivava até hoje ainda a distância, e que chamam a família para retornar para Minas Gerais. No entanto, a crise financeira que a família atravessou foi tão séria, que foram ajudados por familiares e amigos. Precisaram vender tudo que tinham dentro de casa e diz: “lembro da geladeira que não tinha mais, a nossa casa era muito cheira de coisas, de móveis e foi vendendo, foi se acabando. Tinha dia que a gente não encontrava meu tio pra ajudar... fome, né? ...necessidade mesmo”. Seu pai passou muito tempo desempregado. Foram quase oito anos que se iniciou em Minas Gerais quando ele pediu demissão e se estendeu ainda por um tempo quando chegou no distrito.

Em 2003, Frida veio com a mãe e a irmã para Taparuaba, e seu pai ficou ainda seis meses em Minas Gerais vendendo os bens que restaram e quitando as dívidas. Antes de vir

definitivamente, a família fez sete passagens pelo Ceará entre sua infância e adolescência. Ela conta que todas as vezes passava muito mal por conta da mudança de clima e suas crises asmáticas. As últimas vezes que veio já adolescente, por volta dos 13 anos, ficou apenas três dias em Taparuaba, porque teve problemas estomacais, e nas últimas férias que veio, passou a maior parte do tempo em Fortaleza, e diz:

Aí, quando a gente muda porque tá precisando, sabia que vinha pra morar, então não tinha mais besteira, ia ter que me adaptar. Difícil foi, as condições climáticas [em relação a saúde], e embora muito bem recebida, mas tinham pessoas também que enchiam muito o saco pela forma como eu falava. Descobriram até uma característica que eu tinha, por exemplo, que eu era dentuça. Lá em Minas Gerais nunca sofri preconceito por ser dentuça (riso). Aqui em Taparuaba tiveram pessoas pra encher meu saco nesse sentido né (riso).

A jovem, até então, só estudava, mas o conjunto de adversidades que acometeu toda a família, fez do final da sua infância e de toda sua adolescência uma etapa acelerada de amadurecimento. Ainda menina teve que aprender a lidar com muitas mudanças. Seu pai, o único provedor, até então, fica quase uma década desempregado e desolado com a reviravolta que deu na própria vida e, por conseguinte, na família. Sua mãe, teve a escolaridade interrompida e, interpretando a fala de Frida que diz que a mãe nunca trabalhou, se referindo ao aspecto de não ter construído um percurso profissional formal e remunerado, nunca alcançando independência financeira, foi acometida por uma depressão. A irmã mais nova era apenas uma criança. Desta forma, Frida assume uma série de responsabilidades, desde as mais simples, como as atividades domésticas, até os cuidados com os avós maternos, e diz: “eu não vim morar com meus avós (no sentido de se abrigar apenas), eu fui cuidar... aprendi a cuidar dos meus avós até meu avô morrer em outubro de 2004, e depois a minha avó se foi em 2006, foi difícil... e ainda com muitas humilhações de alguns familiares, né?”.

A avó materna tinha glaucoma e diabetes, e já estava cega. Seu avô tinha problemas psicológicos graves de depressão, ela tinha que cuidar dele que passava dias só deitado sem comer, e outros dias perambulando na rua. Frida foi cuidadora dos avós, teve que aprender a dar banho e garantir os cuidados essenciais, porque naquele momento eles não tinham ninguém, e diz:

Coisas que anos depois vão negar, mas naquele momento a vinda da minha mãe, mesmo que doente, era oportuna porque meus avós tinham também vindo de Fortaleza pra Taparuaba em 2003. Então, a gente veio e ficou com eles. E nós sofremos inúmeras humilhações (por parte de alguns familiares por questões de bens), depois vai superando e esquecendo porque ninguém vai ficar guardando mágoa. Mas morar com meus avós foi muito importante

pra mim, porque tenho muitas histórias daquele tempo, muitas recordações boas deles, mesmo doentes, mas foi bom.

Hoje, reafirma que encara melhor as radicais mudanças que passou junto a família, pois entende que: “o que passou, passou. Não culpo meu pai por nada... tenho uma boa relação com isso e falo sobre isso com as pessoas, com os alunos... quantas vezes já contei essa história, mas ela não deixa de ser marcante”. Ela parece ter superado um tanto, mas as memórias estão lá guardadas, não foram apagadas e tem grande significado de luta e recomeço.

3.2.2.3 Iniciação e trajetória escolar

Frida ingressou, aos 05 anos, na educação infantil, em uma escola estadual muito grande. Lembra da primeira professora, porque esta era muito agressiva: “batia, beliscava os outros alunos, mas sempre fui muito quietinha, boazinha... não fazia nada comigo [...] e tinha uma amiga que roubava minha merenda, mas eu gostava da escola (risos) [...] até já conversei com uma professora da psicologia sobre isso”. Sua mãe conta que ela gostava tanto da escola, que chorava para ir todos os dias, até entender que no sábado e no domingo não tinha aula. Ela acredita que o fato de só ter uma irmã, frequentar uma escola grande e cheia gente, lhe deixava empolgada pelo ambiente com mais possibilidade de interação.

Todo o ensino fundamental foi cursado em João Monlevade. A moça conta que estudava muito até vir para cá, porque lá as escolas cobravam muito: “preciso dizer isso. Li muita literatura, estudei espanhol, minha base no ensino fundamental é muito boa, e acredito que foi por conta da leitura. Quando vim pra cá foi um choque, porque era uma realidade muito diferente e tive que trabalhar, estudava menos...”. Ela e a irmã, assim como os demais primos que são mais velhos e as primas mais novas que ainda moram em Minas Gerais, estudaram nas mesmas escolas públicas consideradas referências. Suas tias avaliavam o ensino pelo desenvolvimento dos filhos e indicavam onde Frida e a irmã deveria estudar também.

Em 2003, chegando em Tapuruaba, Frida ingressou no ensino médio na Escola CBL e percebeu a diferença, porque a nova escola praticamente não fazia exigência e, principalmente, viu a falta de recurso, por exemplo, na falta de livros didáticos. Cursou um início do ensino médio em João Monlevade e teve que comprar livros, fazer xerox de outros, seus primos arrumavam os que tinham, porque era obrigatório ter os livros, mas a escola tinha outros recursos importantes para oferecer. Era uma escola pública também de referência, mas foi sua

primeira experiência de estudo noturno. Foi um grande desafio pegar ônibus coletivo, especialmente a noite, já que até aquele momento só andava de carro.

Sua tia “postiça”, casada com seu tio, mãe dos meus três primos que estudavam na mesma escola que ela, lhe incentivava e queria que a sobrinha ficasse lá para terminar o ensino médio, para quando chegasse no Ceará entrasse direto numa faculdade, e conta:

Na cabeça dela eu teria conseguido fazer outra faculdade que não Filosofia, porque meu primo mais velho, hoje faz o Pós Doc na Inglaterra e o outro tá no mestrado no Instituto Federal. Os dois são professores concursados do Instituto Federal, um da engenharia civil e o outro da engenharia mecânica. Ela queria que fizesse o ensino médio lá. Mas, não tinha necessidade, não precisava e nem precisou. Vim pra cá, gostei das pessoas, do lugar, fui muito bem recebida por muita gente, pelos amigos dos meus primos, as pessoas foram me acolhendo.

Frida diz que além de ter estudado em uma boa escola em Minas Gerais, ela sempre foi boa aluna. Conta que seus ex-colegas de escola estão todos bem-sucedidos em faculdades de grande prestígio. Apesar da constatação de que a nova escola não tinha tanto rigor, nem tinha recurso, nem mesmo o livro didático e não teria como comprar, ela segue os estudos num contexto institucional mais escasso e num momento pessoal também muito difícil, já que ela começa a ter que trabalhar.

3.2.2.4 Escola e trabalho começaram a se emaranhar

A primeira constatação de Frida é que ir para Taparuaba foi bom, inclusive porque acha que começando o ensino médio, dificilmente teria onde trabalhar em Minas Gerais. Mesmo de maneira informal, aos 15 anos ela começa a trabalhar um expediente (a tarde) numa das empresas de confecção de bordado e adquire o primeiro pagamento de R\$ 25,00 por semana. Logo em seguida, passa a trabalhar noutra confecção o dia todo ganhando R\$ 200,00 ao mês, do ensino médio ao início da faculdade. Ela nunca costurou, só fazia as colagens das figuras nos tecidos para serem bordados depois. Sua irmã mais nova, começou a trabalhar ainda mais cedo, aos 13 anos, fazendo a mesma atividade noutro lugar.

Nessa época sua mãe estava dando aula de Arte num turno, numa escola municipal. Como as filhas trabalhavam o dia todo e estudavam a noite, a mãe as desobrigava das atividades domésticas, pedindo auxílio só em algumas coisas. Seu pai ainda estava desempregado. Assim, Frida contribuía com o sustento da família e com o próprio pai que “viveu de bico” em trabalhos

esporádicos como motorista, só conseguindo um trabalho com salário regular, aproximadamente, sete anos depois de sua chegada em Tapuruaba, coincidindo com o período que Frida se prepara para sair de casa e casar-se, em 2011.

3.2.2.5 Ingresso na Universidade e a conciliação com os trabalhos – bordado e magistério

Na infância, Frida sonhava em fazer Odontologia, mas a vontade se perdeu com o tempo. Sua tia e seus pais falavam em faculdade quando ela ainda era criança, mas não foi algo recorrente e nem determinante, sobretudo, com os últimos eventos familiares que lhe arrastaram para depositar suas energias em procurar trabalho e meios que garantisse a sobrevivência da família. Ao final do ensino médio, em 2005, não havia na escola os incentivos sistemáticos para o prosseguimento a universidade e a mobilização que a instituição passou a dar nos últimos anos. Ela menciona alguns professores mais novos que incentivavam para o ingresso a universidade e cita os professores Lavoisier, Penha e Hernita, respectivamente, da Geografia, da História e das Ciências Sociais e isso foi suscitando o interesse, no seu caso especialmente, na Filosofia. E acrescenta: “os três que iam falando do ensino superior, e a gente tinha quase que aquela obrigação de fazer o vestibular”.

Frida diz que não sabe exatamente quando é despertado o desejo pela universidade, especialmente, naquele momento de turbulência financeira em que ela alvejava, sobretudo, o trabalho mantenedor do sustento familiar. Ela percebe e diz que passa a ver a universidade como “uma porta para sair do bordado”. Também percebe que todos os professores são dali, e diz: “as pessoas estudam e voltam pra cá pra trabalhar, tinha trabalho para quem estava saindo da faculdade, iam fazer concurso...E sempre gostei de estudar, então nunca me vi sem estudar, sem tá aprendendo alguma coisa”.

Ela conta que recebeu a doação de umas apostilas de umas primas que estudavam em boas escolares particulares de Fortaleza e passou estudar um pouco nas folgas de sábado e domingo. Chegou a levar esse material para sala de aula e ficava olhando, enquanto o professor falava, tentando obter o maior número de informação possível, mas não teve uma preparação exclusiva para o vestibular e diz: “a gente foi secamente, cruamente”.

A princípio, ela acha que não teve muita escolha, decide por Filosofia e diz: “não dava pra estudar muito porque trabalhava o dia inteiro. Lembro de fazer grude, pra colagens nos tecidos para o bordado, no pé do fogão e com o caderno aberto... estudava pouquíssimo, tinha que me adequar a realidade”. Nunca tinha pensado em ser professora, mas percebeu que

era possível. E declara: “acho que isso foi bom, porque gosto de ser professora. Naquele momento eu era muito presa e tinha muito medo. Se tivesse tido mais coragem, talvez até tivesse sido outra coisa. Mas, comecei a gostar da Filosofia”. Compara sua época de secundarista com o período que lecionou no ensino médio, em 2010, e via que os estudantes já estavam prontos para universidade, porque a nova gestão trouxe, além de trabalho, uma outra consciência para a comunidade escolar de que é possível ir mais longe.

Em 2006, Frida faz o vestibular, é aprovada e ingressa no curso de Filosofia. Ainda trabalhou com confecção por um mês, enquanto já estava na faculdade. Trabalhava com outras três colegas que resolveram cobrar alguns direitos trabalhistas. Por receio, o patrão dispensa as jovens do serviço no local de trabalho para que façam as mesmas atividades em suas casas para não configurar vínculo empregatício. Neste momento, Frida já está mais envolvida com a universidade e precisa faltar para algumas atividades, se esforça para entregar os produtos pagos por produção e não acompanha a decisão das colegas de colocarem o “patrão” na justiça, que naquela altura acabaram por fazer um acordo e receberam um valor entre R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00. Na avaliação de Frida, essa não era uma opção, porque o valor acordado não resolveria sua situação de instabilidade financeira: “tava com medo, eu não tinha nada...achava que a quantia a receber, ia acabar, e eu precisava do emprego. Não tinha outra coisa”.

Ressalto também, que em um lugar pequeno em que praticamente todas as empresas deste ramo mantinham relações informais de trabalho, a maioria dos trabalhadores nesta condição temiam não conseguir outros trabalhos caso acionassem a justiça na reivindicação de direitos. Não há sindicalização entre estes profissionais, e os indivíduos que se alçavam a levantar essa discussão eram muito mal vistos no meio comunitário, chegando a ser percebidos como ingratos. Desta forma, ela aceita o acordo de ficar trabalhando em seu próprio domicílio e perder os direitos. Em casa, era muito trabalho e o serviço da confecção era distribuído entre ela, a irmã e sua mãe.

Neste mesmo período, início de 2006 ela é aprovada numa seleção para lecionar um turno na Escola Araújo Chaves (municipal), que fica na localidade de Bilheira, há 15km da sede, Taperuaba. Pela manhã trabalha com confecção, a tarde leciona e de lá vai para universidade a noite. Só a partir de 2009, deixa a confecção quando passa a lecionar os dois turnos na escola, e diz:

Quando comecei a faculdade, sabia que tinha que sair da confecção, porque não ia trabalhar ali a vida toda. Então, era uma libertação. Fui pra escola, e sabia que de lá iria pra qualquer outro lugar, mas ainda tava presa né, porque tinha medo. Hoje não tenho mais, quando vou arriscar uma coisa, deixo logo a outra. Mas naquele tempo tinha medo, fiquei trabalhando nos dois, mas era muito cansativo. Nem minha irmã conseguiu mais continuar com o bordado,

porque estava no ensino médio e já fazendo cursinho gratuito no Colégio Liceu, em Sobral, e a gente chegou à conclusão que não dava mais pra se matar de tanto trabalhar e entramos num acordo que não iam mais desistir (as irmãs decidem priorizar os estudos). Trabalhava na escola ganhava pouco, meu primeiro salário lecionando foi 220,00. Outro dia tava lembrado com uma colega a gente morreu rir. Era muito cansativo, porque depois do trabalho ia pra faculdade e gostava da universidade. E a experiência da escola também era muito boa porque sabia que era libertadora, uma hora ia sair do bordado.

Frida considera que a experiência no magistério e nas diversas funções na educação (Agente de Leitura, Articuladora do Projeto Jornada Ampliada e professora orientadora na Educação de Jovens e Adultos) foram de extrema importância para sua trajetória profissional e pessoal.

Contudo, foi em 2011 que veio seu maior desapontamento, quando foi remanejada para funções exclusivamente fora de sala de aula, por não ter graduação em Pedagogia ou Letras que eram as especialidades mais requisitadas e necessárias no nível de ensino fundamental de 1º ao 9º ano, nível ofertada nesta escola. Estava na Filosofia, mas dava aula de Português, Geografia e Ciências desde 2006, e aí teve um conflito. Embora se identificasse com o Projeto Jornada Ampliada, no qual estava coordenando, desenvolvia o trabalho com literatura e artes, ela era, dentre outras coisas, contadora de história, mas não estava satisfeita com a restrição de não poder lecionar a partir de 2011, por não ter na grade curricular do ensino fundamental a sua área de formação. Lamenta alguns problemas de relacionamentos com determinados colegas e alguns conflitos de concepções educacionais que geraram desconforto a ponto de, em março de 2012, ela mesma pedir demissão da escola. Mesmo assim, guarda boas memórias, bons sentimentos e muitos aprendizados vivenciados na referida escola que lhe renderam frutos posteriores.

Durante a faculdade não pensou em fazer mestrado. Em 2010, quando conclui a graduação, ela estava focada em resolver o aspecto financeiro que abalava a família. Trabalhava muito e tinha que estudar para ter um emprego e renda para custear as despesas domésticas, que ainda chegou a contribuir pagando a energia e mais algumas coisas, mesmo depois que saiu da casa dos pais (que era dos avós).

Em 2011, quando ainda estava na Escola Araújo Chaves, Frida também fez a seleção para professora substituta da Filosofia da UVA. Foi reprovada e foi muito traumático para ela. Em 2012, decide fazer a seleção novamente, desta vez escondido e apenas seu marido sabia. Quando tirou uma nota muito boa na primeira fase, ela se empolga, estuda e alcança o segundo lugar.

Em 2012, Frida se casa e diz ter muitas mudanças boas. Inaugura a experiência no

ensino superior, assumindo como professora na UVA, compondo um núcleo de docentes para lecionar as disciplinas pedagógicas nas licenciaturas. Relata que todos os grandes exemplos de muitas práticas pedagógicas e estratégias de ensino foram aprendizados que levou consigo da experiência na Escola Araújo Chaves e aplicou no ensino superior, especialmente quando lecionou na Pedagogia. Esse foi um bom ano, porque diz se realizar no magistério e ficar longe da sala de aula lhe entristece, e acrescenta:

[...] voltar em 2012 pra UVA é determinante. Lecionando disciplinas pedagógicas, o professor diretor do centro de Pedagogia e Filosofia me viu e me levou pra dar aula na filosofia. Fiquei dando aula de um monte de coisa, até ir pro mestrado. Lá retomei contatos com meu antigo orientador, Prof. Glaudenir. Nós temos uma relação muito profissional, ele é muito sério, muito carrancudo, mas a gente se entende. Dificilmente pergunta da minha vida, mas quer me levar pra frente, e já quer que eu vá pro doutorado. A vontade dele é me botar pra frente e, eu vou.

Ela diz que seu retorno para UVA como professora foi o que realmente impulsionou sua ida para o mestrado. Ao longo de 2012, Frida leciona na UVA de terça a sexta, todos os dias, pela manhã e a noite, fazendo duas viagens diárias, percorrendo, assim, mais de 280km para trabalhar. Estava sendo um ano cheio de compromissos, estava cansada e achava que não daria tempo de estudar. Alguns professores já tinham lhe incentivado, mas foi a insistência de um colega de trabalho que lhe fez escrever um projeto às pressas com base na sua monografia que era voltada para a educação e ela teve que adaptá-lo para a abordagem da Ética, que era na linha para qual se inscreveu. Ao decidir-se, ela diz que agarrou a ideia “como a única oportunidade que tinha naquele momento”. As aulas eram em horários quebrados e nos intervalos aproveitava para estudar da maneira que julga mais eficaz para si: “[...] lendo e escrevendo...nunca estudo sem escrever, porque senão, não fica na minha cabeça”.

Frida é aprovada para o mestrado em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará, no campus de Fortaleza. Ela diz que não gosta de comentar com todo mundo para não parecer presunçosa, mas, tem: “[...] uma sensação de naturalidade...acho que sempre vou ser aprovada. Como diz meu marido, ‘a autoestima lá em cima’. Algo que foi da escola, de sempre tá apresentando os melhores trabalhos, desde novinha. Então, naturalizei ser aprovada [e] foram muito chocantes as reprovações que já tive na vida”. Atribui sua aprovação ao esforço possível naquele momento, as suas orações, e acrescenta: “embora tenha lutado pelo mestrado achei muito natural. Quando entrei não tinha a sensação de que o mestrado era uma grande coisa”. Como seu percurso escolar foi muito regular e ela sempre foi muito dedicada e aplicada, e em raras situações foi reprovada, as aprovações passaram a ser uma consequência que ela caracteriza algumas vezes ao longo da entrevista como “natural”.

Paradoxalmente, Frida diz ser altamente exigente consigo mesma, mas carrega uma leveza na condução dos processos avaliativos a que tem que se submeter, portando uma “naturalização” de sua auto-confiança, e explica:

[...] engraçado, porque mesmo me cobrando muito, é um traço da minha personalidade ir relaxando depois. Quando comecei a lecionar na UVA, fui vendo que podia ser mais devagar. Tenho segurança das coisas que faço e, às vezes, tenho excesso de segurança também, que as vezes, me reprova. Mas tenho segurança com muita naturalidade. A última vez que encontrei a professora Cleidimar guardei uma coisa muito interessante que ela disse, que sofreu muito durante toda a vida. Depois que passou, decidiu: “vou ensinar meus alunos a naturalizar a vida acadêmica”. Aí eu disse: será que é isso que tô fazendo professora? Ela disse “se tiver fazendo, continue, naturalize, não complique, porque tem muita coisa difícil. Deixe pra sofrer por outras coisas, não pela vida acadêmica. Se der pra fazer, faça. E aprendi a tentar ser mais simples, descomplicar.

Como mestrande, saindo de um pequeno distrito do interior, com seu espírito desbravador, ela conta entusiasmada que seu primeiro desafio foi conhecer e transitar pela cidade que não conhecia, e diz que uma das melhores coisas que aprendeu foi não ter medo da cidade:

Hoje levo meu marido pra todo lugar. A gente não tem medo de se perder na cidade. Quando defendi a dissertação disse lá que uma das coisas melhores que tinha aprendido, era aprender a andar em Fortaleza. Não tinha medo de andar de ônibus. Foi uma experiência muito legal porque aprendi ainda mais, até lidar com o povo...vi coisas diferentes.

Aos 24 anos, ela só queria vivenciar intensamente sua condição de jovem estudante, se dedicando a sua pós-graduação e saboreando todas as descobertas que, enfim, a universidade poderia lhe oferecer. Pensou que sua nova fase seria sem o peso das obrigações de ter que solucionar conflitos e problemas de ordem financeira que já acometia a família desde o início de sua adolescência. Porém, eis que chegando no mestrado, surgem desafios dissaborosos e não entusiasmantes para lidar:

Quando fui pro mestrado nossa situação financeira já tava melhor, e já tava trabalhando na UVA. Não ajudava em casa, então achava que ia ser uma tranquilidade. E não foi. Porque, quando tava no comecinho do mestrado, minha mãe que morava na casa dos meus avós (já falecidos), foi hostilizada na porta de casa, por uma pessoa da família e expulsa da casa. E aí, tinha que comprar uma casa pra minha mãe. Na minha cabeça tinha que tirar ela de lá, porque sempre dizia: “mãe no dia que eu tiver dinheiro você vai ter sua casa”. Só que eu não tinha. Tinha casado e tido uns gastos, eu e meu esposo compramos o carro e tinha pouco dinheiro. Meu pai tava trabalhando, minha irmã já tava trabalhando de carteira assinada no hospital, as coisas já estavam bem pra eles, mas, ninguém tinha dinheiro pra comprar uma casa. Entrei no mestrado em março de 2013, e isso aconteceu em junho. Meu Deus do céu, pensava que ia ter paz, mas não tive. Enfrentei o mestrado, depois consegui a bolsa, fizemos um empréstimo pra comprar a casa da minha mãe. Minha vó paterna tinha falecido e tinham vendido a casa, meu pai tinha recebido um dinheiro que era pouco, não dava nem um quinto da casa e nós fizemos o

empréstimo. No começo minha irmã me ajudou, mas depois não teve mais condições. E não contava com meu pai, porque ele tinha dificuldade de administrar o dinheiro. Eu disse que ia comprar a casa. Durante toda a faculdade tive problema financeiro, porque também ajudava em casa. No mestrado, ficava só com um terço da bolsa¹⁴⁵, porque tinha que pagar o empréstimo. Não podia deixar meu marido pagar, porque o empréstimo já foi feito no nome dele. Enfim, minha mãe veio embora pra casa nova, recebeu uma parte da herança da minha avó e foi ajudando a pagar. Mas só em 2016 terminamos de pagar o empréstimo. E pra completar, também fui construir a minha casa, meu marido tinha dinheiro pra começar, e eu não tinha, mas a gente conseguiu. Então, meu orientador disse assim “eu não sei como é que uma pessoa fazendo mestrado ganhando uma bolsa, constrói uma casa”, mas ele não sabia que eu construí foi duas (risos), porque eu não contei se não ele ia dizer que eu era doida. Foi muito sacrifício. Aprendi, também, que não posso resolver tudo.

Foi em meio a essas turbulências financeiras que Frida fez o mestrado. Como o marido é professor concursado na Escola CBL e o domicílio do casal é em Taperuaba, ela passava uma parte da semana na capital, enquanto cursava as disciplinas e retornava para o distrito que fica a 206 km aproximadamente. Por conta destas responsabilidades que lhe pesavam sobre os ombros, ela fez o mestrado conciliando com trabalhos esporádicos. Lecionava algumas disciplinas em institutos de ensino superior privados em cursos oferecidos nos municípios da região, e ela mais uma vez tinha que percorrer longas distâncias. De qualquer modo, ela considera que foi uma boa oportunidade para estudar muito.

Frida diz que sua trajetória estudantil sempre esteve associada a uma pressa em conseguir emprego e renda. Embora não seja alguém que busque prioritariamente uma ascensão econômica, ela confessa que as condições de infortúnio familiar fizeram com que sua trajetória acadêmica viesse sempre acompanhada de uma busca constante por retorno econômico imediato para sanar os problemas que afligiram seu grupo familiar por mais de uma década, e diz:

Engraçado que não tenho tanto apego material, mas tenho medo de ficar sem dinheiro...fiquei muito tempo sem nada... tinha medo de ir pro doutorado e não ter bolsa de imediato. Precisava pagar contas e acho que não fui porque precisava trabalhar. Existe uma satisfação pessoal, mas queria um emprego. É contraditório, embora saiba que estabilidade não é tudo, embora eu viva viajando de um lado para o outro, viva de despedida, de começo e de fim, já tenho essa relação de que tudo começa e termina, sinto essa necessidade de ter dinheiro...não tenho medo de perde-lo, porque um dia já perdi (risos). Tá relacionado ao passado. Vi uma família se desmanchar financeiramente, e é porque nós somos muito unidos. Sinto necessidade de ter uma estabilidade financeira, por medo que alguém adoça, medo de outra catástrofe...

¹⁴⁵ Bolsa no valor de R\$ 1.500,00 da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Contrariando as insinuações que já havíamos questionado anteriormente, de que muitos estudantes veem a pós-graduação com bolsa como seguro desemprego, Frida argumenta exatamente o oposto ao dizer que temeu ir para o doutorado sem bolsa, porque, dadas as circunstâncias da sua condição socioeconômica, sua prioridade era ter emprego e renda. Sobretudo, porque para fazer o doutorado ela teria que se deslocar para Fortaleza, ter disponibilidade de tempo livre para viajar e estudar, sendo que isso demanda recursos. A bolsa é condição indispensável para ingressar na pós-graduação para quem não tem outros meios de custear a vida.

Frida ressalta que gosta muito de estudar e sua trajetória atesta isso. Depois da graduação em Filosofia ela começou Letras, não continuou, e prosseguiu para o mestrado. Agora está concluindo a graduação em Pedagogia e demonstra grande realização no magistério, sobretudo, pelo estudo como prática constante, condição *sine qua non* para lecionar e ser uma educadora. Contudo, no mestrado, percebeu que o estudo era muito importante, mas não era tudo e diz: “[...] tinha outras coisas muito importantes, mais difíceis, mais sérias pra resolver...acho que ainda não fui atrás do doutorado, também, por questões pessoais, fiz planos que não foram realizados. E aí bagunçou tudo de novo”.

Com forte tendência a organização e planejamento, ela sempre programa e faz projeções para suas ações posteriores. Porém, o imponderável também se faz presente e foge ao controle do que se planeja.

3.2.2.6 As maiores dificuldades para ingressar e permanecer no ensino superior

Frida aponta, primordialmente, o cansaço (pelo excesso de trabalho) e o peso da responsabilidade ocasionado pelas dificuldades financeiras que abalou a família, como os maiores obstáculos que teve que superar para entrar e concluir a graduação. Apesar de todas as dificuldades, tinha a convicção de que iria se formar e que seu esforço empenhado, além do aprendizado, lhe garantiria um emprego, e confessa:

[...] falo que quando entrei na faculdade, já entrei pensando em terminar, porque tinha a sensação de que ia arrumar um emprego e ia ganhar melhor... E como tudo na minha vida foi muito bem planejado, fiz muitos planos, muitas coisinhas, planejei que quando terminasse a faculdade ia fazer o concurso para professora na rede estadual, e foi minha primeira reprovação. Ali tinha sido realmente a hora. Acho que hoje não sei se a gente consegue mais, porque não tem mais vaga. Eram 300 vagas, e no último foram 20. Na minha cabeça teria passado, nos meus planos (risos), mas foi minha primeira reprovação e foi um choque...não me saio bem em prova objetiva, foi muito ruim. Na época, tava fazendo a monografia, trabalhava os dois expedientes o dia todo e ainda ia pra faculdade a noite. Então, não tava estudando. E tem

horas que acho que ainda não fiz a faculdade direito, tem horas que acho que só fui fazer Filosofia mesmo, nos dois anos de mestrado que foram os anos que eu mais aprendi, foi onde eu mais li, mais estudei, tinha mais tempo. Acho que antes disso não estudei, só estudava o mínimo, não tava preparada pra prova, de jeito nenhum. Por isso, não passei (riso).

Frida também considera que um dificultador para muitas coisas em sua trajetória foi o fato de morar em Taperuaba, porque percebe que está geograficamente mal localizada. Mas, no período de sua graduação não havia bolsa para sua área, e cita a importância que o PIBID tem hoje. Sem condições de morar em Sobral e se dedicar apenas aos estudos ela constata: “se tivesse ido pra Sobral acho que teria sido diferente, talvez tivesse continuado mais rápido, tinha ido pro mestrado e já tivesse até no doutorado”.

Frida diz: “Moro aqui hoje, tenho uma casa que chamo de oásis, minha mansão, e é nossa! Gosto do meu lar e gosto de Taperuaba também, mas perco contatos”. Também argumenta que o deslocamento é muito desgastante, e só não perde os eventos porque procura se manter informada, e diz: “é muito contramão, nem conto 70 km toda vez que vou trabalhar pra não sofrer. Porque tô longe da UVA...me formei em 2010, e 2011, ainda entrei como graduada na Letras, fiz um semestre mal feito (pelo desânimo com a distância), e desisti”, e completa:

Nós somos realmente uns guerreiros, porque tem que sair daqui. O sair daqui é muito difícil, por isso que tem muita gente que desiste. Na época que eu fazia Filosofia tinha dez, nove. Hoje (2017) se eu sair da Escola do estado não tem que dê aula no meu lugar. Porque ninguém quer ser mais professor e porque tem muita gente que desistiu. Porque é difícil, foi difícil ir pra Sobral, foi difícil ir pro mestrado. Depois você se acostuma, mas a viagem é sempre cansativa.

O deslocamento é sempre apontado como, um literal, obstáculo a ser vencido pelos estudantes taperuabenses. A distância a ser percorrida diariamente desanima e desestimula uma participação mais intensa dos estudantes numa série de atividades da própria universidade, como é caso da Extensão. A luta é árdua para conciliar trabalho, estudo e a estrada.

3.2.2.7 As maiores motivações – o planejado e o imprevisto

Frida conta que, naqueles dias andou se perguntado quais eram suas principais motivações para o futuro e tem percebido que, embora nunca tenha desejado o doutorado ardentemente como a única coisa para lhe salvar, como foi o mestrado, como ter dado aula no

ensino superior, mas sente que seja “uma questão de realização pessoal, existe uma realização natural de que vou fazer pra fechar um ciclo”. Ela brinca que nas suas questões espirituais sua sina é ser doutora:

[...] tô tentando, vou fugir pra que, né? Tava na minha sina, porque a gente tinha planejado ter um filho assim que eu terminasse o mestrado, e não veio... numa conversa com meu orientador, assim que terminei a dissertação, doida pra engravidar, e ele dizia “não, você tem que fazer o doutorado, a sua saída é o doutorado”. Na minha cabeça, eu doida pra ter um filho...tem horas que digo, tá mesmo no destino, tenho que terminar o doutorado, depois é que essas coisas acontecem.

Em nosso contexto histórico cultural, para a condição feminina a maternidade é um dilema que provoca tomadas de decisões em que a mulher tem que fazer escolhas em detrimento de outras. Para o homem, na maioria das vezes, é sempre mais fácil e possível conciliar seu percurso escolar e profissional com a vida pessoal. Enquanto para a mulher, construir família é, não raro lidar com um freio que vai postergar seus projetos pessoais. Frida diz gostar muito do meio acadêmico, de apresentar trabalhos, de conhecer pessoas, de ensinar e de estar sempre aprendendo e reitera:

[..] sempre gostei muito de estudar, antes de qualquer outra. Mesmo que sinta a necessidade da questão financeira, não tenho coisas a construir, na minha cabeça já acabou. Dá até medo de dizer, mas tenho casa, carro, um casamento estável e tudo. Acho que quero dinheiro, pra guardar, pra viajar, não sei (risos)... pra ter uma reserva. Porque, materialmente falando, não tenho mais uma casa pra construir nem pra mim, e nem pros meus pais que estão satisfeitos. Quero estabilidade financeira, mas ainda não sei pra quê, talvez pra criar os filhos porque vão vir, né? Só se for.

Apesar dos contratempos da estrutura patriarcal que impera na organização social, Frida não abre mão de nenhuma das possibilidades de realização. Com todas as dificuldades que lhe atravessam o caminho ela procura equilibrar seus anseios acadêmicos, profissionais e pessoais.

3.2.2.8 Estratégias e planos

Frida conta como projetou sua trajetória acadêmica e profissional mediante as escolhas que fez inicialmente, com o que foi possível. No decorrer do percurso, foi percebendo que precisaria refazer rotas, como ela diz: “fui aprendendo a planejar, tinha que criar saídas pra algumas coisas que queria...”. Iniciou como professora no ensino fundamental II lecionando

disciplinas fora da sua área de formação, e viu que não poderia permanecer, porque não há Filosofia nesse nível de ensino. No ensino médio, a princípio, também não seria possível, porque seu marido, formado em Ciências Sociais, já era professor efetivo lotado nas disciplinas de Sociologia e Filosofia na CBL, única escola secundarista no distrito.

Desta forma, sua transição da educação básica para outros caminhos foi a partir de exclusões e passou a criar estratégias para prosseguir na sua área. De professora orientadora da EJA, em 2011, ela é aprovada como professora substituta na UVA, em 2012, quando foi percebendo ali uma ponte para o mestrado, ingressando em março de 2013 e concluindo no maio de 2015. Sua expectativa era que o mestrado lhe garantiria um emprego imediatamente, mas isso não veio e ficou seis meses sem trabalhar de maneira nenhuma e relata:

[...] foi muito sofrido estar desempregada, com treze anos trabalhando, desde os quinze anos...e dependendo do marido, não era uma coisa que queria. Tinha planejado que ia trabalhar. Aí fui nos institutos, daquela maneira muito precária, não ganha bem, pega as disciplinas quando aparecem.... Daí fiz a seleção pra professora substituta pra Filosofia, tô esperando ser chamada ainda, há dois anos. Agora (2017) estou como professora da Pedagogia na UVA. Adoro a Filosofia, mas ela me limita, isso aí a gente sabe. Fiz o ENEM sem nenhuma pretensão e só disse pro meu marido quando vi que passei (risos). Vou fazer faculdade de Pedagogia à distância pela UFC, por enquanto. Eram 30 vagas e entrei em 10º lugar na ampla concorrência, as outras 15 eram cotas. Talvez se tivesse sido reprovada ia reclamar, mas naturalmente foi bom, vou ver se gosto... O que quero com essa Pedagogia? Acho que continuar onde tô...dando aula na Pedagogia há um ano na UVA pelo PAFOR. A minha estratégia hoje é: eu tô atirando...do mestrado pro doutorado foi que bagunçou.

Frida observa que, apesar das rupturas, suas experiências profissionais se cruzam e diz: “elas são boas...tudo se cruza. É uma teia. Tava dizendo pro meu marido que não quero mais dar aula na Pedagogia, tô cansada. Ele disse, ‘mas pra que tá fugindo se tem capacidade pra tá lá’. Meu primeiro emprego como professora na Araújo Chaves, rende frutos até hoje”. Seu percurso profissional é marcado por muitas dúvidas pelas indefinições que foram surgindo no caminho. Suas escolhas foram, inicialmente, atendendo as contingências, se alinhando as possibilidades que foram surgindo e ela segue com partidas e recomeços, como ela diz:

De maneira alguma vou voltar pro ensino básico, porque não quero... nunca foi minha praia e nem minha paixão. Mas, vou fazer Pedagogia pra tá lá, pra dar aula no ensino superior. Tô no ensino médio hoje (fevereiro de 2017), mas com esperança de sair. Engraçado tô lá gostando...foi minha primeira semana de trabalho, já estive lá noutro momento, mas a sensação é de que quero sair. Como é que a pessoa começa o emprego com já vontade de sair, né (risos)?

Na ocasião da entrevista, 2017, ela está lecionando na Escola CBL no ensino médio para estudantes os quais já havia ensinado no ensino fundamental e reconhece os resultados do bom trabalho que é feito na Escola Araújo Chaves da qual fez parte por mais de seis anos. Ela está desenvolvendo uns projetos e compartilha: “não sei se é um sentimento de salvar o mundo, de salvar aqueles meninos... não que ninguém já não tenha feito ou já faça, mas quero dar minha parcela de contribuição. Isso é fato, não tem erro, quem me conhece... meu marido sabe, vê que gosto e diz: ‘tu acha bom ser professora, né?’”. Ela diz que no ensino médio é um público muito diferente, onde tem menos tempo lecionando e acrescenta: “... os meninos do 1º ano me ouvindo falar de Filosofia, de mitologia grega, contando o mito de Édipo, os olhos deles enormes... No 2º, do 3º, todos novinhos precisando ser lapidados... uns meninos muito bons, acho que dá pra fazer um bom trabalho, tô tentando fazer o melhor”. Fato é que, embora tenha preferências, para onde vai, Frida se envolve com o ofício de ensinar.

Entre encontros e desencontros ela reconhece que sua determinação e as circunstâncias da vida lhe fizeram “aprender a desviar, a caminhar e buscar o que queria”, apesar de se achar muito medrosa desde a infância, diz: “meus pais até se espantam por ter me tornado muito determinada, porque era muito medrosa, tinha uns choros sem explicação [...]”. As tentativas mais importantes (graduação e mestrado), ela conseguiu aprovação de primeira e acredita que se acostumou com esse fluxo. Por isso, ainda sente dificuldade com as reprovações que experimentou posteriormente e percebe que o imponderável torna a vida uma sequência irregular de realizações que foram projetados e também de frustrações. A dúvida e as indefinições que a vida lhe apresentou lhe fez tomar boas doses de conflitos interiores sobre qual caminho deve seguir e confessa: “[...] vou me dobrando e tenho muito medo de repente, hoje tá entrando na Pedagogia, e ter que fazer um doutorado na Educação. Tenho medo de repente enveredar por esse caminho e fazer tudo de novo, porque se for preciso, eu faço”.

As falas contraditórias revelam o que ela chama de capacidade de adaptação ao que a vida vai lhe proporcionando. Às vezes parece resignada, e às vezes aponta claramente o que deseja e o que não quer mais. Porém, é fato que Frida mesmo estudando e se articulando, transitando entre o magistério na escola básica (mais de 07 anos) e dentro do campo acadêmico (06 anos), somados em 2021 mais de 13 anos na educação, algumas circunstâncias de incerteza lhe acompanham e ela esbarra em tomadas de decisões constantemente.

No PAFOR¹⁴⁶, conheceu muitos professores e descobriu que na vida acadêmica

¹⁴⁶ Em vigor desde 2009, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica abre todos os anos turmas especiais em cursos de licenciatura e em programas de segunda licenciatura, na modalidade presencial, exclusivas para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área em que atuam,

precisa ampliar seu círculo de relacionamentos, se fazer conhecer e diz: “sem contatos não sou ninguém... tenho uma carreira, um histórico que comprova quem fui, mas infelizmente, no meio acadêmico, as pessoas vão fazendo os contatos, vão tendo relações de mais proximidade”. Exemplifica que algumas situações foram abrindo portas para outras: conheceu pessoas que lhe levaram pra ser orientadora de TCC, porque outra pessoa lhe levou para falar de sua experiência pessoal e isso lhe ajudou. Conta que no PAFOR é importante ser professor(a) pesquisador(a) e que eles são muito acolhedores, e como ela disse se adaptar fácil, teme “entrar em Pedagogia e, de repente, fazer um doutorado em educação, ‘naturalmente’ (risos)”.

Frida diz que levou um tempo para perceber que precisa se inserir melhor nos espaços de convivência acadêmicos e profissionais, dando um melhor tratamento ao seu restrito capital social (BOURDIEU, 2011b). Acredita que por ser tímida, ao chegar num espaço novo, diz ter receio de se expor: “[...] não apareço logo...fui tentando conquistar meu espaço pelo bom trabalho, tentando ser competente em todos os lugares que passei”. Por uma convicção de que a competência e o compromisso profissional deveriam ser a premissa para ocupar estes espaços de atuação, ela cultivou a impessoalidade nas relações profissionais. Mais tarde, percebe que manter uma distância muita grande neste tipo de relação não é muito estratégica.

Com o tempo, ela vai percebendo que há muitas formas de melhorar sua produção e manejo de sua carreira, que podem colaborar na articulação dentro do “campo acadêmico e profissional” (BOURDIEU, 2011b). No decorrer desta trajetória, ela lembra e lamenta ter perdido registros de práticas interessantes que desenvolveu: “essa semana quase choro, porque quando saí da prefeitura tinha uma pasta com todas as histórias que contava, o material das formações e dei essa pasta...agora precisei pra dar essa disciplina de literatura infantil e tinha alguma coisa lá dentro”. Desta forma, volta e meia ela transita entre a Filosofia e a Educação, e entre a escola básica e o ensino superior. Ela demonstra satisfação nesse passeio, mas a indefinição lhe traz desânimo pelas poucas perspectivas de estabilidade profissional.

conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica integra um conjunto de políticas públicas do governo federal em parceria com estados, municípios e instituições de ensino superior para transformar o magistério. Compõem esse grupo de políticas o Piso Nacional do Magistério, instituído em julho de 2008; os cursos de mestrado profissional para educadores das redes públicas; o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), que visa o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores; o Programa de Consolidação das Licenciaturas (Pro-docência), que fomenta a inovação, a elevação da qualidade dos cursos do magistério, a valorização da carreira do professor. <http://portal.mec.gov.br/>

3.2.2.9 Quem é a Frida

Frida diz ter sido muito perfeccionista, especialmente na infância, e que isso trouxe muito sofrimento a ela e a mãe:

[...] quase matei minha mãe de sofrer...todas as vezes que tinha um trabalho escolar, tinha que ser perfeito e ser feito naquela hora. Sofri altas crises de ansiedade por conta da escola [...] uma vez apertei todo o meu anel no dedo esperando o transporte escolar [...], mas não porque meus pais me cobrassem. Engraçado que eu e minha irmã dizemos é que meus pais nunca disseram o que tinha que fazer. Nossa educação não era permissiva, mas minha mãe diz que acha que a gente já nasceu foi educada porque ela nunca disse o que a gente devia fazer - tem que estudar, tem que fazer a tarefa de casa hoje, tem que ser assim – nunca falou. Não sei como foi que adquiri essa ansiedade... Acho que era de mim mesmo [...] nunca teve essa pressão de que tinha que estudar pra fazer alguma coisa. Quando fui pro mestrado, meu pai sabia, mas não era porque eles queriam. Quando escolhi a profissão ninguém disse, escolha isso. [...] falavam da importância de estudar, mas não tinha pressão. A gente diz que a gente foi educada de maneira muito natural. Ia vendo as coisas e ia fazendo. Eu tinha essa ansiedade, tinha porque hoje eu não tenho mais, (risos) me curei. Mas tinha essa ansiedade enorme, de querer fazer tudo muito perfeito, muito certo, tudo pra ontem. Mas não foram meus pais que colocaram em mim.

Frida isenta seus pais pela ansiedade que lhe atormentou da infância até uma certa altura da vida. Ela não consegue identificar raízes exteriores a sua própria constituição, mas é curioso como a primeira memória escolar mencionada foi a da primeira professora que ela mesma caracterizou como “agressiva” e que sua estratégia era ficar quietinha para se resguardar. Também falou da coleguinha que roubava sua merenda exatamente no mesmo contexto da professora abusiva. Questiono-me o quanto de emoções reprimidas e de esforço para não errar, para não confrontar e para responder à altura das exigências das escolas de referência que ela tanto frisou, trouxeram consequências que foram guardadas, dentre outras coisas que não tenho a pretensão de elencar, já que a própria interlocutora da pesquisa não cogitou.

Embora Frida afirme a superação do seu perfeccionismo, pois ela se refere a esse aspecto usando o verbo no passado, posteriormente diz: “ainda hoje tenho dificuldade, porque não quero ser reprovada em nada”. Ela relata como é cercada de pessoas de seu grupo de afetos (amigos, colegas e outros familiares) que lhe consideram muito competente e que demonstram muito apreço por sua trajetória e criam altas expectativas nas suas empreitadas estudantis e profissionais, e diz:

[...] além de não querer me reprovar, ainda tem gente...acho que as pessoas estão muito acostumadas com isso, os meus pais, a minha irmã, meu marido... quando sou reprovada em qualquer coisa, que vou contar, eu vejo ali a surpresa, porque eles estão sempre muito acostumado com a minha aprovação, como se eu fosse a melhor sempre [...] é chato porque as pessoas se acostumaram com o meu sucesso, vamos dizer assim. Pro meu pai, por exemplo, quando acabei o mestrado que tava desempregada, ele ficou horrorizado, porque achava que quando terminasse o mestrado, teria um emprego. Porque era o sucesso, ele achava que era o ponto mais alto, pra ele foi frustrante me ver um bom tempo desempregada, pra ele foi demais. Não me cobrava, mas me disse uma vez, “eu pensava que quando você terminasse o mestrado você ia ter um emprego certo”. Eu disse: “não pai, nada é certo na minha vida (risos)”.

Frida também nutriu a esperança de fazer um concurso, passar, e ter estabilidade profissional. Ela diz que com o tempo foi reagindo – “houve vezes que me revoltei, me rebelei, e hoje me sinto melhor... deixa o jeito deles de entender e vou provando que, infelizmente, tem horas que vou errar. Minha última reprovação foi na baliza na prova de direção (veicular), ninguém esperava que eu fosse reprovada, porque fazia muito bem”. Ela conta que estava se sentindo totalmente segura, porque todos tinham dito que ela sabia fazer uma baliza perfeita, inclusive o instrutor. Disse que não estava nervosa, ao contrário, estava com excesso de segurança. Mas, na hora da prova não viu o ponto cego e relata: “[...] passei dois dias muito ruins, mas depois eu disse: vou pagar o reteste e vou de novo na semana que vem”.

A necessidade de ser aprovada sempre e atender as expectativas alheias – por mais bem-intencionadas que as pessoas estejam pelo reconhecimento do seu potencial e pelo desejo que dê tudo certo – cria um círculo vicioso de autocobranças e autoafirmação constante de suas qualificações aos outros. Frida percebe que já amenizou esse processo de autoexigência, mas reconhece que isso ainda é um ponto de vulnerabilidade: “[...] vejo que eles têm cuidado pra não me... todo mundo tem medo, porque sempre fui muito chorona, sensível... Isso é consenso na família toda, até minhas tias, tios...essa coisa da ‘Frida é muito sensível, muito magrinha [...]’”. Ao mesmo tempo que esperam muito por lhe terem em alta conta, quando veem que não deu certo, procuram ser cuidadosos para não a afetar, mas a surpresa com suas reprovações demonstra implicitamente o quanto sempre esperam dela.

Ela aponta algumas mudanças que impactaram sua personalidade. Frida acha que antes do desemprego do seu pai, quando ela estava nos anos finais do ensino fundamental, era uma pessoa. A partir dali, ela virou outra. Acredita que a principal mudança, que lhe acompanhou por toda trajetória estudantil até as principais coisas que lhe aconteceram ao longo da vida, devido a tanta turbulência, foi aprender a esperar, ter paciência, tentar aceitar que tem

um tempo para as coisas acontecerem, ter menos ansiedade, embora tenha dias difíceis que bate a angústia de saber o que vai fazer. Também acrescenta: “[...] tô um pouquinho mais esperta, planejando melhor. Deveria ter desde o começo uma estratégia...fui aprendendo com pessoas importantes que passaram no meu caminho. Não aprendi sozinha. A minha família também foi importante por ter me deixado livre”. Conta que por ter assumido muitas responsabilidades desde cedo, seus pais não lhe cobravam nada relativo a estudos.

Ela avalia que o próprio caminho foi lhe moldando, mas que ainda precisa criar formas mais estratégicas para alcançar o que lhe falta, e diz:

[...] tô vendo as coisas com outros olhos...tentando fazer das oportunidades um caminho e tentando ser o mais leve possível. Porque vou juntando, não posso desvencilhar, não posso anular minha vida pessoal que é muito importante. Sou casada há seis anos (em 2017) e também tenho um marido que foi muito importante. São poucos os maridos pra deixar a mulher solta, como ele diz que eu fico, né? (risos). Ele foi muito importante, acho até que meu casamento foi muito importante porque saí da casa dos meus pais, e a relação com meu esposo é muito amigável, é uma história de muita amizade (choro).

Frida era aquela menina toda sensível e se torna uma adolescente que aguerridamente foi tomando a frente dos desafios que a família tinha: o desemprego dos pais, a perda financeira deste grupo, a mudança para Tapuruaba, a ausência de casa própria, a saúde instável dos pais, uma cirurgia de hérnia de disco de sua mãe que passou um mês sem cozinhar e ela assumiu a chefia doméstica. Ela se doou até que a família tivesse um teto com toda a dignidade de um lar. Ela anuncia que agora fará a relação com a história do Fusca, que ela andou quando estava na barriga de sua mãe aos oito meses de gestação numa viagem de três dias. Acha que sua família (pais, irmã e marido) reagem muito bem hoje a sua vida que é feita de muitas viagens: para estudar, na graduação e no mestrado (para Sobral e Fortaleza, respectivamente), e para trabalhar na UVA e nas várias cidades que já lecionou pelo PARFOR e pelos institutos privados.

Seus pais, sua irmã, seu marido, tios e tias e muita gente de sua família, especialmente o lado paterno, ficam muito felizes e orgulhosos (se emociona e chora ao falar): “Na minha cabeça, sempre acreditei que ia vencer. Por ter acreditado, acabei achando natural, mas na cabeça de alguns tios parece que fiz uma grande coisa, mas não foi”. Conta de um tio que diz para as filhas, suas primas, que Frida e sua irmã devem ser um espelho. Sua família paterna tem muito orgulho, porque dizem que eles passaram por muita coisa que poderiam ter desistido. Percebe que confiam em seu potencial, são muito tranquilos, ficam felizes a cada conquista nova e diz: “Meu pai tinha muito orgulho quando eu dava aula na UVA, ele nem perguntou o que

eu tô fazendo aqui no colégio (do distrito). Pra ele deve ser muito ruim, voltar pra cá, ele quer eu esteja no mundo”. Sua irmã lhe respeita muito, lhe me motiva quando ela desanima por está desempregada, e lhe diz – ‘não pode desistir, tem que ir’”.

A satisfação que sua família demonstra é um apoio impulsionador. Ela diz que nessas viagens que são longas, seu pai também fica muito orgulhoso, porque a vida da família foi viajando. Quando tinham dinheiro viajavam muito nas férias, lá em Minas Gerais. Assim, todas as vezes que vai trabalhar, que está dentro de um carro, que está olhando a paisagem da viagem, lembra da infância. Ela diz que conversa com o marido que isso é um carma, porque seu pai continua a trabalhar viajando, três vezes na semana sobe a Serra (da Ibiapaba) para comprar água mineral. Assim, também, ela continua viajando. Ela diz que marido brinca ironizando: “Tá no sangue (risos)”. Como quase nasceu na estrada, a família cultivou essa tranquilidade: “a gente vai e tem certeza que vai voltar...tá todo mundo indo e voltando, minha mãe diz que ela tá sempre esperando: a mim, a minha irmã, e meu pai chegar da Serra”.

Sobre as pessoas que colaboraram na sua trajetória e suas referências ela diz:

Você foi uma. Ter trabalhado com você na sua gestão naquela escola lá no oco do mundo, e lhe vê fazer uma educação diferente, saindo de forma muito digna, deixando um trabalho muito bom, pela humanidade com que você fez a educação enquanto esteve lá, e pelas suas estratégias. A gente vai se espelhando em quem acha bom, me espelho em você como profissional da educação. Foi uma das minhas inspirações. Tive professores novos que chegaram no meu ensino médio que eram muito bons. Mas, acho que as pessoas com as quais trabalhei é que foram determinantes, porque me orientaram a tomar determinadas decisões quanto ao futuro, quanto a carreira profissional. A Filosofia é muito importante pra mim, mas todo mundo sabe que a educação também é. É por isso que dou aula na Pedagogia. Tenho uma paixão muito grande por educação e acho que os problemas são de educação e são resolvidos com educação. Os meus primos mineiros, durante muito tempo, também foram inspiração. Diziam que eu tinha que fazer o mestrado e doutorado, e seguir a vida acadêmica. Mas, as pessoas com quem trabalhei e os professores daqui, e até uns colegas contemporâneos que foram passando nos concursos, que foram trabalhando na escola, me motivaram. Fui tentando ter sucesso como essas pessoas.

Frida diz se ver uma mulher menina estilo moderna, que trabalha fora, é dona de casa, já é realizada profissionalmente, mas ainda se preocupa demais com os outros. Hoje percebe que as interferências dos outros lhe fazem se dispersar e se deixa sugar muito, e diz:

Sou muito realizada como professora de Filosofia, mestre em Filosofia, em busca de uma estabilidade financeira, mas que se não tiver, ainda assim serei feliz. Porque durante todo o percurso com as pessoas com quem convivi nessas loucas viagens, descobri que realmente tem coisa mais importante do que toda a minha carreira estudantil que tanto prezo. Mas trocaria e troco por

outras coisas. Troco meu mestrado e o doutorado por algo que é mais importante pra mim. Não tenho conseguido lidar, no momento não consigo dissociar a minha vida profissional da minha vida pessoal. Meus sentimentos estiveram toda vida mergulhados, toda minha vida inscrita na minha trajetória estudantil e continuarão daqui pra frente. Vou fazer um doutorado de maneira bem natural, uma Pedagogia à distância, porque é um conhecimento que busco, mas eu troco tudo por algo que descobri, que são capazes de me matar... não vou mais me matar pelos trabalhos bem feitos como toda a vida eu persegui.

Neste trecho da sua narrativa em que diz: “Troco meu mestrado e o doutorado por algo que é mais importante pra mim”, fica evidente o valor que a dimensão acadêmica e profissional tem para sua realização, e como a dimensão pessoal aparece no contraponto, como se as duas coisas não pudessem caminhar juntas. Esse é o típico dilema feminino com relação a maternidade e outros projetos pessoais desta ordem na nossa cultura patriarcal que ainda impera, mesma questionada e estremecida pela longa trajetória de luta.

Frida, desde muito jovem, se refaz das perdas que teve e se lança para novas batalhas. Todos os sujeitos da pesquisa experimentaram uma relativa ascensão social, uns mais que outros. No grupo pesquisado, a maioria nasceu numa condição econômica muito precária e o percurso trilhado com estudo e trabalho possibilitou uma melhoria na condição geral de suas existências. Frida, é a única que teve “baixos e altos – baixos e altos”, porque nasceu numa situação pouco favorável, mas muito rapidamente, experimentou uma condição de vida boa ainda na infância e que se estendeu até o início da adolescência.

Exatamente por ter vivido uma fase confortável, o declínio financeiro da família impôs uma mudança brusca e dolorosa que repercutiu por muitos anos. É difícil nascer cercado de privações e ir galgando aos poucos a conquista de bens elementares, tais como: insumos básicos para uma sobrevivência digna, casa própria, meios de manutenção da vida e meios de locomoção, por exemplo. É desvantajoso nascer e crescer com pouco, mas, não menos desafiador é ter o essencial e comodidades, mas vir a perdê-las em absoluto. Recomeçar a vida do zero é desnorteador. Foi essa a estrada que Frida percorreu e que precisou conciliar com escola, trabalho precoce para contribuição no sustento do grupo, arrimo familiar financeiro e afetivo, universidade, divergentes experiências profissionais, a demora da maternidade e a reinvenção de si mesma. A menina sensível foi se tornando uma mulher forte, um pilar e uma bússola para si e para o grupo familiar.

3.2.2.10 Berço e destino

Frida faz um apanhado de suas memórias e diz que sua origem é de um “berço simples, comum, uma origem pobre, mas com muito amor...com muitas turbulências externas, era crise com dinheiro, era gente humilhando, não eram com turbulências internas. Só somos nós quatro, mas muito unidos”. Mesmo com todas as reviravoltas e aflições, a família sempre foi seu suporte afetivo e as dificuldades que lhe sobrevieram lhe fortaceleu para muitas batalhas.

Sobre como enxerga seu destino ela diz: “Não sei (risos)...decidi que não me cobro mais tanto, não preciso. Tenho outras coisas pra me preocupar [...]”. Naquele momento (fevereiro de 2017), se acha muito confusa e diz que por mais que projete, não sabe e chora dizendo:

Não consigo dissociar meu horizonte profissional do pessoal. É uma questão que mexe muito comigo, porque projetei uma família e, no momento, não sei como virão meus filhos. Também projetava ter estabilidade financeira para os meus filhos...se não sei como os meus filhos vêm, então não sei pra quero estabilidade financeira. Fugi da filosofia. Passei um ano sem ver meu orientador. Durante toda a minha trajetória estudantil com todo problema financeiro, nunca me deixei afetar. Ninguém sabia o que tava se passando na minha vida. Mas, esse último problema pessoal, afetou toda a vida profissional. Porque fez parte de um projeto de vida, de família...não ter conseguido ser mãe ainda é uma coisa que mexe muito comigo. Não sei como será...

Em meados de 2018, Frida e o marido entram na fila do Cadastro Nacional de Adoção¹⁴⁷. Após a espera de quase dois anos, eles gestam um bebê de 10 meses que chega, aos poucos, entre janeiro e fevereiro de 2020, ainda no estágio da guarda provisória, mas já revolucionou a vida da família e os planos acadêmicos e profissionais da mãe. Em março de 2021 é conquistada a guarda definitiva. Tem muita “água para rolar” no curso desse rio. Sem emprego fixo, ela continua estudando, concluindo em abril de 2021 as últimas atividades da faculdade de Pedagogia e realizando atividades de extensão junto ao colegiado de Filosofia da

¹⁴⁷ Em 2008, o Cadastro Nacional de adoção foi criado pelo Conselho Nacional de Justiça por meio da Resolução CNJ nº 54, que tem por objetivo auxiliar juízes das varas da infância e da juventude na condução dos procedimentos de adoção e agilizá-los por meio do mapeamento de informações unificadas. Esse cadastro é preenchido pela Justiça de cada estado brasileiro e os seus dados são unificados, de modo que ele é atualizado diariamente. O Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA) foi criado em 2019 e nasceu da união do Cadastro Nacional de Adoção (CNA) e do Cadastro Nacional de Crianças Acolhidas (CNCA). O Comitê Gestor dos Cadastros Nacionais (CGCN), instituído pela Portaria Conjunta 01/2018 do CNJ, com o objetivo de subsidiar a elaboração e o monitoramento de políticas judiciais, é o responsável pela gestão do SNA. O sistema é regulamentado por meio da Resolução nº 289/2019 deste Conselho. O novo sistema abrange milhares de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, com uma visão global da criança, focada na doutrina da proteção integral prevista na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/38125/o-cadastro-nacional-de-adoacao> e <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/adoacao/>

UVA e com alguns trabalhos esporádicos.

Na sequência do segundo ano de pandemia, as oportunidades de trabalho continuam escassas para uma grande população, mesmo para os profissionais qualificados como é o caso dela. Com a trajetória que construiu, com sua determinação e comprometimento, seu caminho ainda percorrerá muitas empreitadas e conquistas acadêmicas e profissionais. Contudo, por tudo o que ela falou ao longo desse período da pesquisa, o doutorado e todo o resto do mundo vão ter que esperar, porque o melhor, o mais importante e mais bonito projeto de futuro de Frida já chegou e atende pelo nome de Luís Antônio.

3.2.3 Maria: desenho biográfico sociológico¹⁴⁸

“[...] não tenho nenhuma restrição em falar sobre meu nome, mas preferi o nome fictício de Maria, pensando em mim como tantas Marias que conseguiram chegar onde eu estou, mas também por tantas Marias que ainda tem os sonhos e que ainda não conseguiram”.

3.2.3.1 A família serrana/sertaneja de muito trabalho e casa festiva

Como está na epígrafe, Maria é um nome fictício escolhido pela própria interlocutora da pesquisa. Nascida em 17 de dezembro de 1989, sua família é toda proveniente de uma comunidade serrana chamada Sítio Serrinha, e Taparuaba fica ao pé desta serra de mesmo nome pertencente a esse distrito, onde o acesso é muito íngreme, cerca de mais de 6km de distância. Seus irmãos e ela nasceram na referida comunidade. Ao contrário dos irmãos, ela não sabe precisar quanto tempo viveu lá, porque era muito pequena quando a família toda desceu a serra para fixar residência na zona mais central do distrito, e foi criada ali, no bairro Vassouras.

A jovem conta que, até por volta dos 10 anos, morou no bairro São José, conhecido como “Campo”, nas adjacências de Vassouras, e que não havia qualquer estrutura como se tem hoje. Na sua infância não havia eletricidade e tinham sérios problemas com escassez de água. Conta que seu pai lutou muito para que o bairro fosse atendido pela atuação do Projeto São José¹⁴⁹, que, dentre outras coisas, atua com instalação de cisternas d’água, e também atendia a população mais carente com a instalação de energia elétrica.

¹⁴⁸ Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2017. Graduada em Ciências Sociais, mestrado em Antropologia Social na UFPE, e doutorando em Antropologia Social, pela UFRN

¹⁴⁹ O governo do Estado do Ceará, em 1995, na tentativa de minorar os problemas do setor rural e promover estratégias visando seu desenvolvimento utilizou a experiência positiva do Programa de Apoio aos Pequenos Produtores - PAPP cujo objetivo geral era erradicar a pobreza absoluta no campo segundo, Medeiros (2000), adicionando a experiência do Projeto Solidariedade do México, para fazer novos ajustes no PAPP criando assim

Depois desse período, a família muda-se para perto das áreas com mais estrutura no bairro “vassourense” mais próximo da escola. Apesar de não ter lembranças da Serrinha e de muita coisa da infância, ela guarda memórias muito interessantes e marcantes de seu ambiente domiciliar:

[...] minha casa sempre foi uma casa muito festiva [...] o romance sempre esteve muito presente entre nós, porque meu pai era tocador de violão e minha mãe cantava junto dele. Recordo que isso veio para a casa do “Campo” (em Vassouras) também e só acaba quando a gente vem pra Rua Raimundo Neves [residência definitiva e mais central] que aí a distância, os vínculos não se desfizeram, mas se estabeleceram outros. Os moradores se reuniam lá em casa pra ouvir minha mãe ler os romances, que minha vó trazia do Rio, e meu pai tocava e cantava. Então era uma roda de moradores que se juntavam lá para ouvir romance e ouvir eles cantarem.

A narrativa da moça, me remete a uma analogia: nossa ancestralidade, pensando no poder que o fogo e o alimento tiveram para reunir as pessoas e que, simbolicamente, no relato dela, a arte, através da escuta dos romances lidos por sua mãe e do deleite de ouvir o violeiro e cancionheiro do pai de Maria, também tinha esse poder de agregar. A leitura e a música alimentavam o espírito do grupo e aqueciam as interações sociais naquele contexto infantil das suas memórias de menina.

O pai de Maria era de Itapajé¹⁵⁰, era analfabeto, sempre foi agricultor e faleceu em 2006, aos 62 de idade. Sua mãe é de Taperuaba, tem 64 anos, estudou até a 3ª série do ensino fundamental e como Maria diz: “assim mesmo era professora, ajudou a alfabetizar não sei quantos alunos...as pessoas da idade dos meus irmãos mais velhos, que tem por volta de 30, 40 anos, foram alunos dela, que são compadres, e afilhados”. Na Serrinha, sua mãe atuava como “professora, merendeira, tudo... porque tomava conta da escola [rural] e foi transferida para a escola de Vassouras”.

Maria não conheceu os avós paternos que faleceram quando seu pai ainda era bem jovem. Seu contato maior foi com os avós maternos que revezavam estadias de 06 meses entre o Ceará e o Rio de Janeiro para ficarem com os filhos que residiam nesses dois estados, embora seu avô ficasse mais tempo em Taperuaba. Maria era muito apegada com o avô que veio a falecer de tuberculose quando ela tinha por volta de 02 anos. A partir daí sua avó se muda de vez para o Rio, porque seus tios maternos moram quase todos lá. Há mais de 28 anos a família

o Programa de Combate à Pobreza Rural (PCPR) no Ceará ou o Projeto São José I (PSJ-1), como é também conhecido. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/6/536.pdf>

¹⁵⁰ Município fica a 84 km de Sobral, e há 129 km de Fortaleza.

tem um vínculo com esse estado, já que parte de seus tios e irmãos transitam com frequência esse itinerário.

Maria conta que seus irmãos mais velhos fazem muitos anos que moram fora. Alguns ela não vê há muito tempo. Maria não vê, há mais de 14 anos, a irmã que lhe antecede. Nem todos os irmãos chegaram a concluir o ensino médio. Maria conta com perplexidade que, exatamente sua irmã mais nova, hoje com 26 anos, “por incrível que pareça, que teve todas as chances, também não conseguiu terminar o ensino médio”. Dos 09 filhos, apenas Maria e mais dois irmãos conseguiram terminar o ensino médio. A jovem já está no doutorado. O irmão caçula desistiu da primeira graduação já perto de concluir o curso de Geografia e, em seguida, ingressou no curso de Administração, ainda não concluído no presente momento. Ela faz uma observação sobre a escolaridade dos irmãos:

[...] quando vejo nessa perspectiva, vejo como é difícil. Porque meus irmãos mais velhos não tiveram a oportunidade de estudar e ele (caçula) *tá* conseguindo. Se quisesse teria feito as duas, porque tava muito perto...teria terminado Geografia e teria continuado Administração. Vejo minha trajetória e dos meus irmãos mais jovens, mesmo a que não quis, apesar das circunstâncias... a gente tentou de todo jeito, e colocamos ela pra fazer curso, pra ver se motivava. Talvez mais tarde sinta falta, como os outros sentem falta de não terem estudo, mas compreendem que naquela época da vida não foi possível. Com o decorrer da vida, foram criando família, e quando a gente tem família é tudo mais difícil. Tenho irmãos que não conseguiram terminar nem o fundamental. Sei que faz falta pra eles. De qualquer forma, eu e o caçula somos espelho pra eles, dentro dessa perspectiva nós somos. Eles conseguem ver em nós, o que eles não puderam ser. É isso!

A jovem conta que o irmão caçula entrou na universidade antes dela, porque ela não conseguiu ser aprovada logo que terminou o ensino médio, mas também não desistiu de tentar, e explicou: “[...] primeiro porque era uma coisa que queria e não adianta a gente querer apressar as coisas. Às vezes a gente não entende os propósitos. Hoje compreendo que as coisas acontecem no tempo que tem de acontecer”.

3.2.3.2 Percurso escolar e sua relação de engajamento com a instituição

Maria ingressou na pré-escola com quatro anos de idade na Escola Frederico Auto Correia (municipal), em Vassouras, onde estudou da Educação Infantil a 5ª série. A partir da 6ª série do ensino fundamental até o Ensino Médio, foi na Escola CBL. Sempre foi muito comprometida e considera que teve apoio em casa. Embora sua mãe tenha estudado só até a 3ª série, foi ela quem lhe ajudou a ser alfabetizada. Ela diz que ao chegar em casa sabia a quem

recorrer. Cita os irmãos, que mesmo alguns tendo ido embora cedo, foram responsáveis por dar suporte quando ela não sabia alguma coisa.

A jovem lembra que mesmo seu pai sendo analfabeto, antes de falecer, os filhos mais novos lhe ensinaram a escrever o nome próprio e que ele tinha muito orgulho de ter conquistado esse feito. Maria fala da grande importância que seu pai teve por ter estado sempre presente na escola, frequentando as reuniões. Seu pai também era participante muito ativo dos conselhos da escola, era conselheiro da Escola Frederico Auto Correia. Os dois costumavam dizer que o que podiam deixar de herança para os filhos era a educação, no que ela reitera: “E isso eu sei que deixou!”

Maria considera que a escola foi um espaço onde aprendeu muito, tanto como aluna, como enquanto pessoa. Acredita que a instituição vem melhorando, e que a cada época tem suas particularidades. Como outras pessoas, ela identifica mudanças, e diz:

Era diferente, as exigências eram bem menores. Hoje as exigências estão bem maiores. Naquela época isso não afetava na maneira como a gente aprendia, era outra maneira de educar. Sempre tive uma relação muito próxima, porque minha mãe trabalhava na escola, e eu também estava lá no período que ela estava trabalhando... muitas vezes ia pra lá, não ia só no meu período de aula. Sempre fui muito ativa na escola, se tivesse uma festa ajudava a organizar, e estava à frente dessas coisas. Participava do grêmio estudantil e dos movimentos que tinham...é muito marcante pra mim.... Não via a escola como algo que fosse obrigada a ir. Ia porque gostava e sentia a necessidade de ir. Lá em casa, a gente só faltava por doença...até porque naquela época não tinha TV, não tinha nada, então a brincadeira estava na escola.

Maria narra uma relação com a escola de extensão da sua casa. Tanto pelo fato de acompanhar sua mãe ao trabalho, como pelo engajamento nas atividades diversas para além da sala de aula. Considera-se que sempre foi uma “aluna que corria atrás....não vou dizer que eu sou inteligente, porque inteligente não sou (risos), mas acho que não dei trabalho pra ser alfabetizada”. Aqui vejo a curiosa recorrência entre alguns sujeitos da pesquisa que sempre se auto avaliam de maneira depreciativa e, não raro, dizem não se considerar inteligentes. Só para rememorar que o mesmo disse Raimundo e João, por exemplo. Há sempre uma autopercepção muito exigente consigo mesmo, acrescentada a uma autoestima oscilante.

3.2.3.3 Mundo do trabalho: o bordado, o magistério e a pesquisa

Maria narra suas primeiras experiências laborais no contexto doméstico, ainda muito cedo (não recorda a idade) com atividades relacionadas ao bordado junto a família. Trabalhou

na casa de uma prima com confecção, mas antes disso, o bordado já era um componente da sua infância, porque a família trabalhava neste ramo. Sua mãe começou, e depois ficou para seus irmãos. Sua irmã mais velha e seus irmãos homens também bordavam, mas não lembra exatamente os detalhes porque era muito pequena.

Recorda que ajudava a uma das irmãs. Relata que chegava a ficar embriagada com o cheiro do gás, porque tinha que riscar [o papel manteiga em que continha os desenhos com contornos perfurados por agulhas que imprimia a tinta com o gás no tecido que depois seria bordado]. Maria ajudava a irmã segurando o papel para imprimir a tinta e ficava muito próxima do gás, e diz: “[...] lembro da embriaguez do gás, é tanto que tenho sérios problemas com gás por isso (*risos*)”. Ela descreve como era o trabalho:

Lá em casa era o bordado à mão e o bordado na máquina comum, de pedal – **sem ser industrial** – inclusive, ainda tem a máquina lá na minha casa. Nunca aprendi a bordar na máquina a pedal. Sei bordar à mão, mas no pedal eu não consigo (*riso*). A mãe morre de rir, nunca consegui de jeito nenhum. E também sei na máquina industrial, inclusive tenho uma. Comprei pra bordar. Bordei antes, e enquanto era professora, eu também era bordadeira.

As condições adversas e a própria insalubridade do trabalho (por causa do gás) é uma situação muito comum na realidade das famílias que têm que conviver com condições economicamente desfavoráveis. Longe de ser negligência, as famílias vão procurando alternativas para driblar as dificuldades cotidianas, e as crianças participam deste contexto. As necessidades que vão surgindo no grupo familiar vão sendo contornadas e recebem a contribuição das crianças e adolescentes que passam a ter responsabilidades precocemente. A partir dos 14 anos, entre 2004 e parte de 2006, Joana passa uma temporada morando no Centro de Taparuaba com uma tia que estava sozinha e a jovem lhe fazia companhia: “era uma senhora de idade e eu era responsável por cuidar dela e fazer os trabalhos [domésticos] dentro de casa”. Em meados de 2006, com o falecimento de seu pai, o adoecimento de sua mãe e a necessidade de cuidados dos dois irmãos mais novos, a jovem achou melhor voltar para casa.

Ao deixar o trabalho com a tia, e o retorno para casa da mãe, ela volta ao bordado. Concomitantemente, a jovem já traz para a narrativa uma menção a sua inserção na universidade e no magistério que veremos mais adiante. Fato é que, Maria destaca a herança artesã que recebeu desta experiência familiar com o bordado e estabelece uma relação de apreço e satisfação com essas diferentes atividades, e diz:

São coisas diferentes, mas que ao mesmo tempo são muito próximas porque são duas coisas que gosto. Sou apaixonada por bordar. Hoje olhando...tava dizendo: vou limpar minha máquina que *tá* suja desde que fui embora, e nunca mais ninguém olhou pra ela e vou já bordar. [...] essa coisa do bordado vem justo dessa vivência que tive, muito embora o bordado da minha casa tenha

sido o bordado a mão, não o bordado à máquina. Ainda hoje minha mãe tem os desenhos, aqui a acolá ainda borda à mão. É muito forte pra mim. [...] é tanto que fazia enquanto era professora, estava trabalhando com o bordado. Só quando apertou o trabalho, as disciplinas e tudo, tive que fazer uma opção: trabalhar na escola (lecionar) que é uma coisa que gosto muito. E bordar não me incapacitava de ir além de aplicar o que aprendi para ensinar.

Veremos ao longo do texto como Maria vai, literalmente, costurando o apreço que tem pelo bordado e como ela coloca junto a sua escolha tão apaixonada pelo magistério e suas aspirações acadêmicas. Ela desconstrói a dualidade de oposição entre atividades manuais e atividades intelectuais, como são comumente colocadas como dimensões inconciliáveis ou excludentes entre si.

A partir de 2009, a jovem começa a atuar na área da educação (como professora de reforço de 4º e 5º ano), primeiro na Escola Francisco Monte (municipal, no centro de Taparuaba). A partir de 2010 vai trabalhar na Escola Frederico Auto Correia, inicialmente com projetos com ensino de Artes nas séries iniciais no contraturno, e em 2014 leciona nas séries finais do ensino fundamental, e diz:

[...] isso foi muito importante pra mim, porque era a escola que estudei o “ABC” e minha família toda, meus irmãos estudaram, foi onde minha mãe trabalhou, e depois retorno como professora de Artes, onde desenvolvo trabalhos que vieram do lugar onde nasci... porque considero que a arte é muito presente na minha família... esse foi pra mim um berço da arte... seja através do desenho...minhas irmãs sempre cantaram na igreja, meus irmãos sempre estiveram envolvidos também. A gente cresceu vendo as cantigas de roda lá em casa, os reisados que eles faziam, as cantorias, a própria leitura sempre foi muito presente... Esse universo da arte sempre foi muito forte.

Ainda em 2014, lecionou Sociologia na Escola CBL (estadual) por poucos meses no período de licença saúde de um professor, mas também estabeleceu uma relação com o ensino médio por conta do Pibid¹⁵¹, do qual ela participou quando entrou no último ano da graduação e considera ter sido muito importante. Como o Pibid consistia na primazia dos estágios, ela teve a oportunidade de conhecer outras realidades escolares para além de Taparuaba, e considera esse programa é muito importante na formação do aluno de licenciatura. Lamenta alguns

¹⁵¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Os coordenadores de áreas do conhecimento recebem bolsas mensais de R\$ 1,2 mil. Os alunos dos cursos de licenciatura têm direito a bolsa de R\$ 350 e os supervisores, que são os professores das disciplinas nas escolas onde os estudantes universitários vão estagiar, recebem bolsa de R\$ 600 por mês. <http://portal.mec.gov.br/pibid>

problemas que observou em como algumas escolas e a equipe desperdiçam a riqueza que o programa oferece e que isso lhe inquietou, e avalia:

É fundamental! É um programa que eu já tinha sido convidada a participar, mas não quis por escolha. Porque trabalhava, não tinha condição de participar. No último ano, enquanto aluna de graduação, vejo que ter que escolher entre trabalhar e estudar é uma decisão difícil. Porque quando você trabalha, perde muitas coisas na graduação, muitos projetos que não pode participar, coisas que acontecem na universidade, encontros que acontecem fora que não pode ir porque tem responsabilidades. É bem diferente de quando é bolsista ou é só aluno e pode se dedicar, porque você produz, quando tem que fazer os dois, não dá, não dá. Trabalhei inicialmente em outras áreas, e aí vim pra educação, e só sai porque tive que me mudar e fui fazer o mestrado e não deu pra continuar.

Um ponto interessante que a jovem traz é que lecionou Sociologia e Artes, e defende que “uma coisa não anula a outra, muito pelo contrário, a gente aprende nas nossas aulas de estágio e de outras disciplinas, que é exatamente para pensar como melhorar as nossas aulas. Eu vejo a arte em tudo”. Considera que um dos grandes problemas dos professores é achar que o aluno vai gostar de Sociologia, de Filosofia, e das demais disciplinas, simplesmente no uso convencional do livro. Ela insiste que se acione outras possibilidades metodológicas, inclusive através da arte, para elaborar aulas e fomentar a busca pelo conhecimento numa perspectiva mais próxima da realidade dos estudantes.

Outro desafio que aponta é que a escola deveria perceber o educando como uma pessoa inteira, que se considere que ele é atravessado por muitos elementos que o constitui como ser social rodeado por tantas instâncias extra institucional e que “afeta o ambiente escolar, afeta ele enquanto aluno ali na sala de aula e, às vezes, a gente não se preocupa com isso, mas só com conteúdo, com resultado... e que é minha grande crítica hoje”.

Ela toca em uma discussão muito acalorada sobre a pedagogia praticada nas instituições de ensino na contemporaneidade. Percebe que é privilegiado o ensino muito restrito aos conteúdos e que se persegue com muita ênfase os resultados expressos em números, se negligencia o ensino mais reflexivo, crítico e com perspectiva mais humanista. Destaca que há um trabalho sério e grandioso de muitos profissionais da educação, mas ressalta que a tônica do ensino está muito voltada para o quantitativo. Ela reivindica a formação educacional que também contemple o desenvolvimento humano e social.

3.2.3.4 O nascimento da ideia de universidade na história de Maria

Maria não sabe dizer exatamente de onde e como surgiu a ideia e o desejo de ingressar no ensino superior. Sobre isso ela diz:

Não sei dizer se tinha (desejo) ou não sabia o que era... mas acredito que uma das pessoas que tenha me influenciado... mas talvez o que não me fez desistir foi meu companheiro (à época). [...] terminei (ensino médio) em 2007, sempre soube que eu queria... Nunca me esqueço que a primeira vez que fui tentar o vestibular se eu quis, meu companheiro e eu pegamos o edital e saímos correndo atrás do povo pra ir fazer vestibular comigo [...] acho que foi isso, foi ele, a família dele que me motivou a não desistir, a tentar mesmo que não passasse daquela vez. [...] Lembro do primeiro vestibular que fiz, a escola...meu Deus do céu! Fico observando a escola hoje, faz a inscrição de todo mundo no ENEM, instiga a participar do vestibular e dar suporte.

Maria se ressentia da falta de apoio no seu período escolar pela ausência de incentivo e suporte para o vestibular e registra como as novas gerações estão melhor preparadas e assistidas para essa transição entre o ensino básico e o ensino superior na recente história taperuabense. O depoimento dela corrobora o que já venho tratando ao longo do trabalho sobre o movimento da comunidade em busca da universidade.

Maria conta que entre 2004 e 2005, ainda no ensino fundamental, ela só tinha uma certeza: que queria estudar, mas, diz: “eu não sabia de universidade porque esse universo era distante pra mim [...]. Diria que a universidade chega pra mim, realmente com ele (se refere ao namorado, à época)”. Seu parceiro afetivo, daquele momento, por quem tinha admiração e recebia todo apoio, foi incentivador e colaborador de toda preparação e suporte nos processos seletivos acadêmicos. O rapaz, mais velho que ela quatro anos, trilhou esse caminho antecipadamente, fazendo licenciatura e bacharelado, seguindo para mestrado e doutorado, na UFPE, aguerridamente.

Ela explica que, quando cita esse namorado da época, não é que não tivesse pensado em estudar, mas que o nível superior e o anseio pela universidade chegaram para ela através dele. Ela tem o rapaz como referência, dentre outras coisas, pela dedicação e determinação, porque ele também não passou na primeira tentativa e não se deixou abater por sucessivas reprovações. Ao contrário, ele foi persistente e isso lhe inspirava. Foi ele que a levou para a primeira visita a universidade e toda dinâmica acadêmica de estar sempre rodeado de papéis e correndo para dar conta dos trabalhos. Ela conta que aquele passeio, caminhando na universidade, lhe fez sentir algo como: “é aqui que eu quero”.

Ela fez seis meses de cursinho preparatório no Colégio Santana (privado), em 2009, e considera que ajudou bastante porque tinha terminado o ensino médio em 2007 e já estava há

bastante tempo longe desse universo escolar. A primeira tentativa foi no ENEM e sua nota foi muito boa, mas a UVA ainda não aceitava essa forma de seleção, e ela teria que ir para universidades fora de Sobral e não estava disposta a sair. Em seguida faz o vestibular para UVA, e embora não tenha sido aprovada logo, o cursinho lhe serviu para se atualizar, pegar o ritmo de estudo, se preparar, se tranquilizar, e conta: “porque pra mim na maioria das vezes eu marcava a resposta certa, fazia o favor de apagar e marcava a errada”. A insegurança interferia no seu desempenho. Assim, ela continuou a tentar até passar.

Em 2011, é aprovada para licenciatura em Ciências Sociais. Naquele momento, já estava lecionando a dois anos. Seu desejo pelo magistério se manifestou cedo e ela suspeita que seja por influência de sua mãe, que foi professora, e diz: “sempre soube que queria ensinar...”.

Quando entrou na universidade, logo no início da graduação foi lhe despertando o desejo em fazer o mestrado. Confessa mais uma vez a atuação do namorado à época: “não foi só por ele, mas teve forte influência dele. Porque ele tava na luta de tentar o mestrado, e eu digo assim – ‘eu também quero’. [E ele] sempre dizia, ‘oh... não quero uma pessoa pra tá no pé de fogão, quero uma companheira!’”. No que ela responde: “Então vamos!” (*risos*).

Comenta, por várias vezes, que algumas pessoas dizem que ela é muito pessimista, porque está sempre verbalizando as palavras negativas nas tentativas que faz, e argumenta seu raciocínio: “porque se não dê certo eu não crio expectativa”. Conta que seu namorado na época refutava sua ideia, e ela insistia: “se eu pensar positivo não sou eu”, e relata: “Sempre pensei que não dava certo. Quando chegava o dia dos resultados, geralmente eu não olhava, quem olhava a pontuação era ele...”.

O casal de namorados, à época, tinha uma cumplicidade no ritual de correção e conferência das questões das provas e, quando saía o resultado, era sempre o momento de apreensão da parte dela e de otimismo e serenidade da parte dele. O resultado da aprovação na graduação da moça foi a aflição de sempre, a contagem dos pontos, e aí entrava o namorado em ação para tirar a média. O rapaz fez os cálculos, tirou a média, e “quando saiu a média do último colocado, ele já sabia, antes mesmo de sair o resultado, que eu tinha passado. Ele me disse que eu tinha passado, mas eu não acreditei (*risos*)!”

A jovem conta que estava na casa desse namorado à época, com a família dele, e que sua própria mãe só soube depois. Maria fala com um carinho extraordinário da mãe do ex-namorado, de como essa é uma pessoa maravilhosa, e que quando a jovem ficava triste com os resultados que não davam certo, recebia todo apoio e motivação por parte desta mulher que ela também elege como inspiração de vida pela bondade e pela coragem que sempre demonstra.

Essa aprovação foi um dia de muita festa, e toda família comemorou: “porque eles sempre torceram muito por mim”.

Mesmo com todo o pessimismo que ela própria ironiza e rir, a jovem segue para pós-graduação, e diz: “o mestrado foi um achado na minha vida. Não sei como foi não, só sei que foi assim (risos)”, e relata:

[...] sempre soube que queria fazer mestrado. Logo quando cheguei na graduação me apaixonei pela Antropologia. Não que não goste da Sociologia. Gosto da Política, mas não muito... [Mas] essa paixão pela Antropologia e uma queda pela Etnologia... Por pesquisar povos indígenas... Quando me pego pensando, talvez seja pela nossa própria Taparuaba, de ter a Pedra da Andorinha, as inscrições [rupestres], da história que a gente sabe que existe...tem indígenas por aqui só que não se reconhecem, não se vai atrás de fazer um histórico. [...] quando penso nisso lembro a fala do meu pai de ser de família de índio, cresci ouvindo falar sobre índio, talvez por isso tenha tido gosto de pesquisar populações indígenas, me apaixono por essa Antropologia. [Em] 2012 (na graduação) faço meu primeiro trabalho com povos indígenas, que é atualmente a pesquisa de mestrado, [e] digo é isso que quero.

Maria conta que convidava seus colegas de turma para tentar a seleção de mestrado também. Os colegas estavam envolvidos com os rituais de conclusão, organizando a cerimônia e fazendo fotos da turma, e ela brincava dizendo que iria pregar uma foto dela depois. De fato, colocou grau sozinha, porque sua aprovação para o mestrado foi antes de concluir a graduação.

Em 2014, a UVA estava em greve e ela arriscou fazer a seleção para o mestrado em Antropologia Social na UFPE. Fez o projeto, enviou aleatoriamente por e-mail para dois professores do referido programa de Pós-Graduação, pedindo uma leitura do seu trabalho. Ambos responderam indicando que ela mandasse para os professores que trabalhavam com a temática que ela estava abordando. Um deles disse que fazia muito gosto e pediu para modificar algumas coisas, mas acenou positivamente dizendo considerar uma pesquisa interessante. O outro professor também respondeu e disse que eles poderiam reformular melhor o projeto depois que passasse, mas já manifestou interesse também.

Apesar do retorno receptivo dos professores da UFPE para que a moça tentasse a seleção, Maria ficou meio incrédula e desanimada em tentar porque pediu uma análise de seu pré-projeto a um de seus professores da graduação da disciplina de Antropologia, e ele disse considerar seu texto ainda muito “cru” e que os professores dos Programas de Pós-Graduação são bastante criteriosos. Ela relata: “Fiquei logo sem chão, e digo, não vai dar. Mas pensei, vai ser pior não tentar e sofrer por não ter tentado”. A jovem decide tentar e acalenta a ideia de que se não der certo, tenta depois, e relata a aventura:

[...] era penúltimo dia e eu ainda terminando de digitar. Ajeitei o projeto, era meio dia, do último dia de inscrição. [...] não disse nada a ninguém. Vou pra

Sobral (72km de Taperuaba) no ônibus de uma hora (13h) e chego lá ainda para imprimir as coisas, autenticar no cartório... quando cheguei nos Correios era tanta gente, que meu Deus do céu, faltava 15 minutos (o expediente encerra às 17h). E digo: não vai dar tempo (*risos*). Que horas eu vou sair daqui? Eu sei que quando consegui entregar a minha inscrição, eu digo: minha senhora (funcionária), apresse, faltam cinco pra cinco da tarde (16:55h). Aí entreguei e vim embora sem dizer nada a ninguém.

Maria conta que, mesmo com uma certeza de reprovação, resolveu arriscar e ressalta que os professores que lhe encorajaram a fazer a seleção nem estavam na banca, o que demonstra que ela não foi favorecida. Quando saiu o resultado da primeira etapa, que é a avaliação do projeto, ela passou o dia em sala de aula no ensino fundamental e a noite deu aula no ensino médio numa escola anexo da CBL, que fica há 15km do centro de Taperuaba. Chegou a olhar a lista dos aprovados, mas não viu seu nome e foi trabalhar com profundo desânimo, a ponto de os alunos perceberem, e ela disfarçou, justificando cansaço pelos três expedientes de trabalho.

Ao chegar em casa, por volta das 22h30, sentiu curiosidade de ver os nomes dos aprovados. Conta que, estranhamente, visualiza seu nome na lista, não consegue acreditar e diz: “meu Deus do céu, como foi que vi isso e não vi. Aí ligo pra ele (o namorado à época), e ele disse – ‘você ficou doida?! Ela diz, era eliminatória, já passei, agora tenho que me preocupar com as outras etapas. Ele não acreditava, eu disse: ‘pois olhe’”.

Ambos ficaram em êxtase e agora era correr para preparação das demais etapas. Faltavam menos de 20 dias para a prova teórica e ela entrou em desespero para dar conta. Pede ajuda a Prof.^a Lara, da graduação, para orientá-la a melhor forma de otimizar os estudos para a prova teórica e a prova de inglês. A referida professora lhe auxiliou com as referências bibliográficas e textos sistematizando as ideias centrais para otimizar o tempo escasso de Maria que tinha que se dividir entre o trabalho e estudos. Somado ao prazo curto de estudo e preparação para as demais etapas, havia o problema da greve da UVA. Ela precisava fazer seis de disciplinas e a monografia para concluir a graduação. A tensão agora era saber da possibilidade de ser aprovada e perder a vaga porque ainda não tinha concluído o curso. Novamente entra em ação o apoio e a serenidade do namorado, à época, que dizia: “‘põe uma coisa na cabeça, se tu passar, eles vão ter que dá um jeito de te dar uma declaração, um certificado’. E digo, não dá, pra mim era muita coisa”.

Maria entra em contato com a coordenadora da graduação, conta a situação e pede dispensa das atividades do Pibid nesses dias e se dedica a preparação para a prova: “aí me

enclausurei dentro de um quarto estudando e dando conta dessas escolas¹⁵², que tinha hora que eu ficava doidinha”.

Chegado o dia das provas, ela viaja para Recife. Gostou da prova de conhecimentos específicos, apesar de não ter achado fácil, porque era uma questão única para discutir todas as referências. Achou que foi bem, mas que não tinha feito uma prova à altura do que queria e não lhe deu a sensação de conseguir uma boa nota, como seria o caso se tivesse tido mais tempo. No entanto, o que mais lhe desmotivava era a situação de greve na universidade e sua pendência no curso que sabia que inviabilizaria sua situação, caso fosse aprovada.

A jovem conta que só em 2014, no último ano da graduação, ela vai apresentar um trabalho fora da UVA, num evento do Pibid na UFRN. Ao retornar desta viagem, voltando de Natal, o celular descarregou e, quando chegou desta viagem, todo mundo já sabia do resultado final da seleção de mestrado, menos ela. A notícia da sua aprovação no mestrado já estava espalhada no Facebook, e ela sem saber. Ao descer do ônibus 01h da madrugada, a mãe de seu (ex) namorado à época estava lhe aguardando e perguntou se o rapaz tinha conseguido falar com ela, no que ela responde que não, e a senhora diz: “Pois ele tá querendo que ligue porque tem uma notícia boa pra te dá”.

Maria conta que no dia anterior tinha saído o resultado da aprovação do (ex) namorado à época, para o doutorado. Foram dias de espera e muita angústia, embora o resultado da moça estava só na etapa da análise de currículo, mas ela não comemora nada até que tudo esteja definido. Ela brinca que em todos os processos seletivos fica sempre sabendo depois de quase todo mundo, e rir.

Enfim, chega o dia do resultado, foi aprovada, e diz: “agora vou ter que me mudar pra Pernambuco”. O mestrado surge na sua vida, como algo que sonhou muito, mas que foi muito difícil, porque era em outro lugar e diz que gostaria que tivesse a pós-graduação ali perto. Outro grande dificultador foi ter ficado o primeiro ano inteiro sem bolsa, tendo que receber ajuda de outras pessoas, num outro estado, tendo que providenciar moradia e sem poder trabalhar, porque teve que se dedicar integralmente aos estudos do mestrado, depois de uma maratona intensiva para concluir as seis disciplinas restantes e monografia para finalizar a graduação. Toda essa correria na eminência de começar as aulas do mestrado e providenciar uma mudança completa de vida para outra terra, outra realidade urbana, completamente diferente de sua vivência interiorana, até então. Foram sobreposições de desafios que pareciam não acabar.

¹⁵² Só interrompia a maratona de estudos para dar aula nas escolas onde trabalhava.

Extenuada, mas aguerrida, ela recomeça uma nova etapa de vida em Recife. Mais uma vez, seu (ex)namorado à época, é quem lhe dá todo suporte, inclusive financeiro, dividindo moradia e todos os custos de vida com a bolsa de doutorado que o rapaz já estava em curso. No segundo ano, em 2016, ela recebe a bolsa da CAPES. Além da distância da família, tinha o problema da distância do campo, já que sua pesquisa era em São Benedito¹⁵³, a comunidade indígena que a jovem pesquisa fica a mais de 9km da sede deste município, e ela diz; “o campo é muito longe, e muito difícil, mas como consegui pesquisar na graduação, eu consigo no mestrado”.

Foram muitos obstáculos: falta de recursos próprios para se manter, para transitar entre os trajetos de sua pesquisa, e teve que lidar com muitos outros desafios, como conta:

Quando me vi noutra universidade, noutro lugar diferente, eu acostumada com cidade pequena... vou pra uma cidade grande, uma Caxangá (bairro), que meu Deus do céu! De início, tenho medo, porque é muito difícil a gente sair de um lugar pequeno, meu ponto de referência é Sobral e Fortaleza. Fortaleza nem tanto, dificilmente vou lá, é mais Sobral. [...] ao mesmo tempo cheguei com medo, mas com aquele desejo de principiante. [...] Com relação aos pernambucanos são pessoas boas Mas foram muitas mudanças.

Maria disse se sentir, inicialmente, desconfortável com um episódio desagradável em que dois orientadores disputaram sua orientação. Ela já tinha escolhido e estava tudo certo com um determinado professor, mas a coordenadora articulou para que Maria ficasse com outro professor que também estava interessado em sua pesquisa, mas este profissional não era exatamente a sua preferência. A jovem se sentiu constrangida no meio desse “fogo cruzado” e, de certa forma, insatisfeita com o desfecho da situação, porque ela também tinha sua preferência por ter percebido afinidade com o professor inicialmente contatado, e seu desejo não foi levado em conta. Por fim, ela frisa no seu depoimento o quão importante foi o Professor Renato do PPGAS da UFPE, por toda a atenção e o incentivo que ele lhe prestou.

A não obtenção da bolsa no primeiro ano de mestrado foi algo que lhe amargou cotidianamente neste período, e que mentalizava o seguinte: “fazia de conta que no outro mês ia dar certo. Assim fui levando, aproveitei e fiz logo quase todas as disciplinas num ano [...] e aí me engajo nuns grupos de pesquisa, assumo como representante da turma no colegiado...”. Maria aproveita todas as oportunidades que a universidade podia lhe oferecer na sua inédita condição de, exclusivamente, estudante.

O casal de namorados, à época, tinha grupos de amigos, alguns de Petrolina, outros da Paraíba, Crato e alguns pernambucanos também e, inclusive alguns cearenses, com quem

¹⁵³ São Benedito é um município que fica no maciço Serra da Ibiapaba, há 69km de Sobral.

mantinham apoio mútuo e suporte para “enfrentar as adversidades da pós-graduação, se adaptar a cidade, superar os períodos de terror da escrita das disciplinas” e criarem vínculos afetivos de acolhimento.

A jovem lamenta as lacunas que ficaram na graduação e que lhe renderam atrasos posteriores. Considera que o elemento faltante para uma melhor formação foi a ausência da pesquisa, e salienta:

[...] porque eu não tive o tripé: ensino, pesquisa e extensão. [...] **porque não dei conta** [...] como eu trabalhava... também **são as opções que a gente faz**, que hoje talvez tivesse que fazer essa mesma opção não faria assim, talvez fizesse diferente... sinto falta. Só fui me dedicar realmente no último ano [...] porque já sabia que não queria ficar mais na escola (lecionando) e que queria tentar a seleção de mestrado. Foi o ano que fiz alguma coisa relacionada a pesquisa, foi quando apresentei os trabalhos na Iniciação Científica e fui no meu primeiro evento fora. Foi 2014 que fui num evento do Pibid em Natal.

Quanto a não ter se dedicado mais a pesquisa, sobre o trecho em que ela diz “[...] **porque não dei conta** [...] como eu trabalhava, também **são as opções que a gente faz**, que hoje talvez tivesse que fazer essa mesma opção não faria assim, talvez fizesse diferente...”. Questiono se ela ou a família teria condições de abrir mão da contribuição financeira dela adquirida com seu trabalho para que ela só estudasse. Ela responde que não. Acho importante levantar esse questionamento para que ela não se culpe por ter tomado a decisão possível que lhe cabia naquele momento.

3.2.3.5 As motivações, sentimentos e ideias que permeavam seus planos

A jovem sorri e diz que não vai mais citar seu (ex)companheiro à época, mas depois revê e diz:

[...] realmente foi ele que mais me impulsionou... Mas o que me motivou também foi pensar que meus irmãos não tiveram essa condição de estudar[...] então vou fazer por eles, e também meus pais, que é uma das coisas que eu carrego muito comigo que diziam: “é a única coisa que posso deixar é a educação” [...] sempre me via no desejo de estudar. Era um desejo meu.

Quando questionada sobre seu método de estudo, ela rir e confessa que nunca foi de estudar com regularidade e nem tinha um método. Assume que nunca foi disciplinada e que, ao contrário do namorado à época, que sentava e se concentrava, ela, qualquer coisa dispersava. Entretanto, a jovem conta que na graduação descobriu uma forma de apreensão dos conhecimentos que lhe fluiu muito bem:

[...] quando passei pra graduação, achava que não me dedicava tanto. Mas vi que tudo que estava lendo, conversando, era uma forma de estudar, de estar aplicando o que estava estudando. [...] quando Priscilla ensinava¹⁵⁴ ela ia dar aula e eu estudando as minhas coisas e a gente ia dialogando. Ia estudando e achava muito boa essa troca. Tinha gente que achava ruim porque eu só ia com ela, mas para mim era uma necessidade. Porque passar uma hora dentro de um ônibus perdendo tempo conversando da vida alheia? As viagens¹⁵⁵ eram uma forma de estudar. Eu dava um jeito de meter minhas coisas, porque nas Ciências Sociais, a melhor maneira de aprender é aplicar as teorias na prática, no dia a dia que tô estudando, que ia aprendendo. [...] me pegava as vezes conversando com alguém que me relatava alguma coisa, aí pensava: tá aí o conceito de fulano, aqui eu posso aplicar isso.

Maria conta que no ensino básico só estudava sob demanda: para as provas bimestrais ou para fazer trabalhos em grupo. A grande mudança veio na pós-graduação: “no mestrado me vi obrigada a estudar, principalmente quando me deparo com a Etnologia, porque não tive uma base, não tive essa disciplina, antropologia indígena, a única que ia ter, foi a época da greve e não tive condições de fazer”. Essa disciplina foi ofertada exatamente quando ia se encerrar a greve na UVA e ela já está de saída para o mestrado. Assim, teve que estudar esse material sozinha. E diz: “se me perguntar qual minha metodologia, digo que é a metodologia depressiva (*risos*), porque eu mais choro do que estudo”.

Continuo a perguntar sobre quais foram suas estratégias para se inserir no ensino superior e especialmente na pós-graduação, e questiono: é só querer? Aí ela responde: “Não, não é qualquer um que se inscreva que consegue... acho que foi sorte! (*risos*).” Provoco perguntando que habilidades considera ter, pedindo que deixe o pessimismo de lado e a modéstia também, que ela percebe como seu diferencial para conseguir entrar em instituições públicas de ensino superior e emendar com o mestrado numa federal, e reforço: “não se passa por sorte numa seleção assim”. Ela responde: “Quando digo para os outros que não dá certo, no fundo sempre acredito que posso. Mas se disser que tive uma metodologia de estudo... não tive, só fui me dedicar mais quando passo na primeira fase da seleção do mestrado e tenho esses 15 dias”.

¹⁵⁴ Priscilla é taperuabense, residia no distrito e lecionava no curso de Filosofia da UVA como professora substituta.

¹⁵⁵ Aqui Maria está se referindo as viagens de Taperuaba a Sobral para ir à universidade. O ônibus era um espaço de interação. As viagens com duração média de mais de 3h diárias, entre ida e volta, era um tempo que os estudantes preenchem das mais diversas formas: tentando dormir nas poltronas desconfortáveis depois de um dia de trabalho, ouvindo música, alguns grupos de amigos que se constituem, alguns casais de namorados que se formam nessa sociabilidade cotidiana, muita gente estudando os textos para as aulas, outras conversando os mais variados assuntos, enfim, os estudantes vão criando estratégias para ocupar esse tempo. Vale conferir o trabalho sobre essa temática em Freitas & Braga (2013). <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=651>

Insisto em perguntar sobre que habilidades ela julga ter, ela rir e responde: “Nenhuma, eu não sou especial não (*risos*). É sério, sinceramente não sei”. Peço que ela procure lembrar quais as habilidades que são valorizadas no ensino superior e na pós-graduação, que os professores dizem que ela tem, e ela vai resistindo até que faz uma retrospectiva das avaliações que recebeu ao longo desta trajetória:

Desde a graduação, sempre tive boas notas, os professores gostavam... aliás desde sempre, desde a escola. Minha mãe dizia que sempre fui muito elogiada, sempre tirei boas notas, apesar de que boas notas nem sempre quer dizer muita coisa, mas sempre fui bem desenvolvida pra apresentação (oral), tenho facilidade pra escrever, (*risos*) isso eu realmente tenho. Às vezes não sei muita coisa boa não, mas dá pra aproveitar. Acho que um dos fatores é isso. Nesse processo para o mestrado, isso foi um fator decisivo, essa facilidade... eu disse que não tinha estratégia, mas acho que uma estratégia minha desde sempre, é escrever. Estudo escrevendo, porque acho que é melhor para memorizar. Uma vez a gente foi fazer um trabalho para apresentar e quando terminou o seminário os meninos me disseram - a Maria sempre sabe tudo porque ela escreve os trabalhos. Então, voltando atrás eu tenho uma metodologia, a minha é escrever tudo a mão, mesmo que seja um trabalho que tenha que ser entregue digitado. O meu TCC quase todo eu escrevi a mão, depois eu digitei. Porque absorvo melhor as informações. Se me perguntar agora sobre minha metodologia, eu considero escrever tudo o que eu penso.

Enfim, Maria se rende e faz uma autoavaliação mais generosa, sobre suas habilidades e seu desempenho. Nessa esteira engato a pergunta: “e como acadêmica, como professora, educadora o que você considera necessário pra alguém escrever bem”? Ela responde: “Tem que ler. Escrever sem ler não tem condição. Hoje tenho consciência disso, se quiser escrever não há outro caminho, tem que ter leitura”.

Minha insistência para que a jovem fizesse esse exercício de autoavaliação também deu-se pelo fato de Maria ter sido minha aluna na 7ª e 8ª série no ensino fundamental, nas disciplinas de Português e História. Já naquela época, era uma leitora fluente e voraz, com uma ótima escrita textual, assim como alguns outros colegas da turma que também se destacavam nesse aspecto. Maria, em especial, tinha um texto gostoso de ler, coerente, conciso, com ideias concatenadas. Não sei identificar de onde surgiu a dificuldade que ela tem de se autoavaliar. Fiquei com a sensação de que ela não tinha consciência de suas habilidades e verbalizei isso na interação da entrevista, e ela confirmou: “Tenho mesmo não... não tenho... (*risos vergonhosos*).”

Percebo até este momento, pelo discurso sempre pessimista e a postura oscilante, que Maria revela algumas inseguranças muito em função da sua extrema exigência e perfeccionismo consigo mesma. Na sua narrativa ela coloca a família como meio de muito afeto, valorização dos estudos e de seu desempenho, assim como na escola suas memórias narradas trazem o

reconhecimento de suas habilidades e recordações de um profundo engajamento e realização no ambiente escolar. No relacionamento afetivo até aquele momento da entrevista, o (ex)companheiro à época, que foi seu primeiro namorado que se seguiu por mais de 10 anos, era alguém que acreditava e a incentivava sempre. Dessa forma, o que aparece na superfície é uma autocobrança elevada que afeta sua autopercepção.

3.2.3.6 A que atribui suas conquistas

Entrevistar Maria foi um longo esforço de questionamentos e diálogo, e me fundamento nas palavras e na experiência de Ferreira (2014, p. 985), como já mencionei no início deste trabalho:

Entrevistar provoca um exercício de autoanálise que opera um trabalho de explicitação discursiva, por vezes gratificante, outras doloroso, na enunciação de experiências e reflexões, umas vezes reservadas ou reprimidas, emaladas no baú do tempo biográfico, outras vezes nunca pensadas... Obrigar o outro a falar, a tomar a palavra, a transformar a sua história vivida em história contada, muitas vezes sobre o que jamais se havia colocado como questão, é exercer um enorme poder de arbítrio [...].

Foi exatamente essa sensação descrita acima que senti nessa negociação discursiva chamada entrevista. Maria aos poucos vai organizando suas ideias para fornecer uma narrativa de sua trajetória e diz:

Acho que apesar do meu pessimismo, no fundo acredito que sou capaz e talvez consegui estar onde eu estou, porque de certa forma tracei uma meta e busquei alcançar... À minha maneira, estabeleci um caminho e percorri até chegar no meu objetivo. De fato, sou uma pessoa que gosto muito de ler... inclusive tenho saudade da escola... porque estando aqui nesse processo, a gente tem que ler as coisas que vai usar para dissertação. Na escola tinha possibilidade de ler outras coisas, lia as coisas da graduação, mas estantes de livros... tinha que ler, sobretudo, tinha que estar produzindo, peças de teatro (quando professora de Artes) ... O processo de criação com os alunos também era muito importante me fazer repensar a minha forma de escrever, de pensar, de interpretar e de estar enquanto pessoa no mundo também, é o que me fez chegar onde eu estou.

Pronto, aqui Maria se entrega e olha para si, identificando suas habilidades, seu gosto pela leitura, pela escrita, pelas artes, pelo magistério, seu desejo de conhecimento, suas estratégias e seus propósitos que vão se desenhando com as interações com as pessoas que lhe rodeiam. As relações interpessoais que surgem apenas lhe desafiavam, e ela vai se permitindo desenvolver um potencial que já está nela desde muito cedo, expresso nas coisas que aprecia

(as artes, a literatura) e seu desempenho escolar que atestam que esses elementos não são recentes ou impostos por ninguém. Aqueles que a cercaram e estimularam a seguir em frente, apenas despertaram a fagulha de menina curiosa e desejosa por aprender e transformar o mundo.

3.2.3.7 O acúmulo de experiências ao longo de sua história

Maria acredita que os acontecimentos da vida seguem um propósito que é superior às consciências, “que tudo de bom ou de ruim vem para acrescentar”. Considera que as experiências, sejam boas ou ruins tanto na vida pessoal, quanto acadêmica, quanto profissional, lhe fizeram crescer, como pessoa e como ser humano.

Ela descreve o trajeto que fez e como a cada etapa alcançada, se sentia impulsionada a buscar outros desafios. Exemplifica falando desse sentimento do encerramento da escola básica a entrada na graduação, desta para o mestrado, prossegue para o doutorado, e lembra: “quando estou na graduação, digo: ‘agora que estou aqui, o que que eu quero? Conquistei isso e quero mais. O que que preciso fazer para chegar? [...] Essas experiências me fizeram crescer, amadurecer as ideias e os pensamentos, e amadurecer também enquanto pessoa”.

A jovem acredita que obteve algumas mudanças em sua personalidade, e diz: “O pessimismo não deixei de lado (*risos*) [...] de certa forma diminuiu um pouco, isso eu tenho certeza”. Destaca que um traço da sua personalidade que não mudou, mas se acirrou nos últimos tempos é que a cada dia tem se tornado uma pessoa “que se importa mais com a dor do outro...acho que sempre fui assim, desde pequena a dor do outro sempre foi minha dor. Mas principalmente quando saio do interior e vou para cidade grande. Acho que isso é uma coisa que me acompanha”.

Maria fala sobre como a ostentação do consumismo encobre uma pobreza que é muito grande tanto na cidade, como no interior, mas considera que na cidade a pobreza é escancarada. No interior, essa pobreza é ocultada e essa aparência de que está tudo bem é ainda mais perigosa. Ela diz:

[...] uma preocupação que está sempre comigo é se o outro tem o que comer, se tem o que vestir... aqui mesmo no nosso lugar (Taperuaba). muita gente nem sabe que tem gente passando necessidade. Eu sei porque ando, vou muito nas casas, né? Sempre vi isso e não tiro muito longe, da minha família mesmo, meus primos, meu tio que assassinaram e deixou 10 filhos só para mãe criar, eu vi o sofrimento de perto e sempre me impactou. Quando a pobreza não é tão visível as pessoas estão pouco se importando, até mesmo dentro de casa.

Maria acredita que as Ciências Sociais despertaram ainda mais sua sensibilidade humana, sua capacidade de análise, seu senso crítico, e diz: “Eu tô sempre teorizando (*risos*)”. A jovem destaca como hoje consegue compreender as relações de dominação que é um fator determinante na organização social, como o poder permeia as diversas instâncias das interações entre os indivíduos. Fala da consciência que foi adquirindo com as leituras e os aprendizados acadêmicos a desenvolver esse olhar que capta “como as relações de poder têm sufocado as minorias”. O amadurecimento intelectual foi fazendo nascer a “pesquisadora, que se interessa, sobretudo, pelas minorias, da causa indígena”. Esse processo formativo e pessoal lhe fez pensar que “nós somos minorias também. Minorias étnicas, minorias femininas e todas essas minorias” que estão no contexto de subjugação.

3.2.3.8 A reação da família às mudanças da nova Maria

Maria acredita que sua família não tem muito entendimento do que ela faz propriamente. Sua mãe acompanha sua vida estudantil e a do seu irmão que está na faculdade “do jeito dela, mas não tem conhecimento, do que é, sobre o que é...”. A universidade é uma realidade muito distante até para sua mãe que foi professora (com apenas a 3ª série do ensino fundamental) num contexto de uma escola rural e já está aposentada há muito tempo. A jovem diz que às vezes a mãe nem entende porque que ela resolveu pesquisar indígenas, e que às vezes ela se pega relatando as coisas, “que eu não digo diretamente, mas ela já me viu relatando de uma ocupação que eu estava, e aí ela ficou horrorizada como é que me tacho do meu lugar para me meter em briga de fazendeiro e índio”.

A família toda sabe que ela é formada e tem consciência da importância disso. A jovem diz que as pessoas da família que tem um pouco mais de conhecimento acham que Ciências Sociais “é um bicho-de-sete-cabeças” e lhe questionam:

[...] por que que você quis pesquisar índio, e não vai pesquisar na nossa família, nós somos um de cada jeito, ia dar um trabalho e tanto?! Olha aí! Mas eles não têm muita noção do que seja, por exemplo, eu estar fazendo um mestrado...costumo dizer que os que estão fora (de Taperuaba) me veem como alguém que conseguiu chegar num lugar que eles não conseguiram, né?

Ela tem o reconhecimento de seus grupos de amigos, mesmo aqueles que a vida rareou os encontros e contatos. Sente que representa para eles uma alegria pelas conquistas alcançadas. Diz para mim (pesquisadora e ex-professora na escola e na graduação):

Porque como você acompanhou nossa turma, você sabe que nossa turma tinha muita gente boa. Dessas pessoas, algumas ficaram (só no ensino básico), outras passaram (para ensino superior), e dessas que permaneceram eu posso dizer que eles se sentem felizes de ter concluído, e ter conseguido chegar no mestrado¹⁵⁶. Assim também, como é para os meus colegas que fiz na graduação. Foi uma felicidade muito grande para eles me ver chegar no mestrado, antes mesmo de terminar a graduação. Isso é um fator muito importante, porque eles diziam assim: Maria, tu sempre dizia que ia colar tua foto sozinha na parede (ela previa terminar antecipadamente para correr para o mestrado), e tu fez mesmo, né?! E eu disse - se eu disser que vou, é porque eu vou fazer. No fundo, no fundo eu acredito, e vou.

Maria alterna sentimentos e discursos contraditórios de incerteza e de autoconfiança. Parece uma estratégia de autoproteção para se blindar da obrigação de acertar e obter aprovação sempre. É uma tentativa de não se cobrar e não sofrer com a expectativa de sucesso sempre. Entretanto ela é resoluta nas ações, e as palavras dançam ao sabor do medo de que o resultado fuja do seu controle. Assim, segue numa batida incessante: graduação, mestrado e doutorado (sem ou com bolsa, em parte do curso). Ela contorna, acha alternativas e supera as adversidades.

Na comunidade, ela percebeu um incômodo de alguns estudantes de faculdades particulares por sua aprovação e lamentou que a educação seja vista como disputa, porque sua postura é incentivar que as pessoas também tentem vivenciar a experiência da pós-graduação, e diz para seus colegas: “olha, não é coisa de outro mundo não, não é essas coisas de super poder não. É só estudar que passa. E incentivo todo mundo que posso a fazer também, mesmo que não passe, eu digo – Passou não?! Tenta de novo”!

Maria avalia que seu caminhar até aqui foi cheio de altos e baixos, numa alternância de frustrações e conquistas, mas se orgulha de ter percorrido sua estrada com coragem. Considera que muitas pessoas deram sua colaboração da maneira que puderam:

Minha mãe me ajudou muito, mesmo sem saber. Meu irmão caçula é uma pessoa muito importante na minha vida porque que tem a personalidade e um jeito de pensar um pouco diferente do meu, isso também me fez repensar muitas coisas, enquanto a gente discutia uma série de temas e posicionamentos [...] ele foi muito importante nesse meu processo de mim constituir enquanto pessoa. [...] Meus irmãos que também estão fora, mesmo à distância eles participaram da minha vida e eu participo da vida deles. **Meu pai** que já faz 10 anos que faleceu, foi uma pessoa muito presente... ele contribuiu muito. Penso que foram pessoas fundamentais que apesar do pouco estudo, foram presentes e é sempre muito forte para mim o que ele **me dizia - minha filha estude!** Ele sempre dizia isso para todos os filhos - **a única riqueza que eu e sua mãe podemos deixar para vocês, não tem outra coisa, é educação. Sou muito grata a essa riqueza que ele me deixou, que é o prazer de estudar.** [...] Tem a minha família de sangue e a minha família de vida, que são os meus amigos, principalmente os da graduação, porque a gente cria um vínculo. Costumo chamar de “A nossa Irmandade”, pelas discussões de pensar, de

¹⁵⁶ Na época ela ainda estava no mestrado. Hoje já está terminando o doutorado.

discordar... foram muito importantes nesse processo de me situar enquanto pessoa, enquanto estudante de licenciatura, enquanto professora, mas também enquanto pesquisadora. E dentro dessa família de vida, também tem a família do meu (ex)namorado (à época), que sempre foi um apoio fundamental. É muita gente! E ainda tem minha amiga Priscila e minha amiga Sulene.

Maria aponta como suas referências essa grande família estendida que ela já tinha biologicamente e que foi agregando outros membros na caminhada. Diz como seus pais e irmãos tão trabalhadores, e amigos com os quais construiu vínculos lhe inspiram a construir seu trajeto e a prosseguir firme e idoneamente. Elege, entre as muitas virtudes dignas de serem buscadas, a empatia como a maior de todas as qualidades humanas. A jovem admira as pessoas que tem a capacidade de ver o outro, e cita um episódio que está lhe doendo naquele momento:

Lá perto lá de casa tá tendo uma briga, que penso assim: como é que as coisas chegam nesse ponto? Pesquiso populações indígenas, e tem uma discussão territorial, aí vejo lá longe. Aí chego lá em casa e tem duas famílias brigando por um metro de terra, de um muro que foi construído há 20 anos. Não consigo admitir... a mulher foi dar parte na polícia, do homem muito doente e passou mal, foi para o balão de oxigênio... e fico pensando que tipo de pessoa é essa que não tá preocupada com outro, que sabe que ele tá adoecido? Não era motivo....e chega um oficial de Justiça na porta do homem, a pessoa passa mal. Já pensou o que é a pessoa brigar por um metro de terra?

Suas referências são, especialmente, aqueles que fazem o bem e ela cita o exemplo de pessoas simples:

[...] eu me inspiro num gari, eu me espelho numa parteira, numa rezadeira, numa merendeira... Acho que toda pessoa tem algo a nos ensinar, e às vezes a gente tá preocupado em olhar os grandes, enquanto os pequenos tem muito mais a nos ensinar. Podem existir pesquisadores e professores que admiro e quero seguir, mas a referência de pessoas que me inspiram a lutar, são aquelas que estão abandonadas ou que se dá valor mínimo, e não vê... elas me fazem pensar sobre o que eu quero e o que eu estou fazendo.

As pessoas que Maria fita os olhos e lhe encham de inspiração para desenvolver um bom trabalho, seja como pesquisadora ou como professora, ou em ambas as posições, inclusive, porque ela advoga essa indissolubilidade, são os indivíduos em condições vulneráveis e que ela acredita ser onde mais precisa atuar no seu trabalho e aplicar os aprendizados que agregou ao longo desta trajetória estudantil.

3.2.3.9 Seu berço e como vislumbra seu destino

Maria retoma suas raízes regadas a alegria da confraternização familiar e diz: “[...] vim de um berço que traz a música, as histórias contadas, os reisados, a cantoria. Venho do berço da arte, mas de um berço que também é pobre, que vai conquistando as coisas com muito trabalho. Um berço pobre, que teve sempre muita arte e muito amor”.

Sobre seu destino, Maria tem uma recaída no pessimismo e diz: “sei que vou sofrer muito (risos)”. Ela começa a falar sobre suas aspirações e diz que pretende “em alguns anos, não sei se logo, mas pretendo terminar o mestrado e fazer o doutorado (na época desta entrevista ainda estava no mestrado). Naquele momento, ela parece estar vivendo uma série de conflitos internos e se questiona:

[...] se realmente quero fazer esse doutorado... que às vezes me pego pensando, será que foi eu que quis esse mestrado ou foi uma coisa que eu simplesmente enrusti... então, digo: - “Maria, para de doidice!” Mas é assim, eu paro e fico pensando se é realmente isso que quero... mas, por enquanto, sei que quero terminar meu mestrado, fazer meu doutorado, e ser pesquisadora. Pesquisar povos indígenas eu também tenho certeza. E me estabelecer, porque acho que esse é um projeto de quase todo mundo, se estabelecer enquanto profissional e fazer minhas caridades (*risos*), é só para isso que eu quero. Eu digo quando eu passar num concurso a primeira coisa que eu vou fazer, é minhas caridades todo mês, porque aí eu tenho minhas condições.

Maria diz que, ao final de 2017, estava atravessando problemas pessoais que a afetavam muito, mas na última hora, às pressas, fez o que ela chama de “esquema de projeto, porque é assim que nomeio os projetos das seleções, que tinha uma ideia interessante, mas precisava melhorar”, e o submete a dois Programas de Pós-Graduação: para o doutorado em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande (Paraíba) e para o doutorado em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Foi aprovada e classificada em ambos, em 3º lugar, e optou pela UFRN.

Em 2018, Maria muda-se para Natal, onde reside por um ano e meio fazendo o doutorado. Ela diz que todo esse processo foi muito difícil desde as seleções, quando estava atravessando sérios conflitos, assim como todo o percurso. Ela diz que, mais uma vez: “fiquei o primeiro ano sem bolsa, longe de casa e (acrescentado) com processos pessoais bem dolorosos”. No segundo ano veio a bolsa e ela já estava bem melhor. Concluída as obrigações das disciplinas e estágios, ela se empolga com a pesquisa de campo. Porém, eis que no meio do caminho surge uma pandemia, e ela diz que tem sido bem desafiador, tanto no que se refere as questões acadêmicas, a pesquisa de campo que é fundamental para escrita e que o isolamento, bem como, “os outros problemas pessoais se intensificaram (com o contexto pandêmico). O

doutorado tem sido vivenciado com muitas incertezas, crises existenciais, sociais, políticas e de saúde que afetam o andamento da tese”.

3.2.3.10 Maria por ela mesma

Como ela é ou como se concebe, não é possível dizer, mas ela diz sobre si:

Eu sou assim uma coisa de outro mundo! (*riso*) Sou alegria, sou tristeza, sou o que a vida quer que eu faça, se ela quer...se ela me pedir para chorar, eu choro. Se ela me pedir para rir, eu rio. Assim vou aprendendo com ela. Sou uma mistura de tudo aquilo que já vivi - alegrias, tristezas, perdas, reencontros - [...] nós somos feitos do que a vida nos dá e do que a vida nos tira [...]. Sou um poço de reinventar sempre... às vezes caio e sofro muito porque sou muito intensa em tudo o que faço. Então, se a vida bate duro, a gente sofre. Mas, tenho para mim que quando me ergo, eu me ergo mais forte. (*se emociona*).

Maria retorna a Taparuaba no segundo semestre de 2019. Doutoranda e bolsista CAPES, está escrevendo a tese. Neste momento, Maria diz que suas perspectivas para o futuro consistem em terminar a tese e se doutorar. Quanto ao depois, mesmo se considerando ansiosa diante de tanta incerteza, ela diz estar se esforçando “para viver o hoje que já é muito para dar conta”. Também fala com pesar e insegurança sobre os retrocessos que temos visto nos aspectos políticos, econômicos e sociais. e diz: “Que a educação que me fez chegar aqui, continue resistindo, e que continuemos a produzir ciência e resistência. É isso que tem levado ‘Marias’ ao mundo”.

3.2.4 Nair – Desenho narrativo sociológico¹⁵⁷

3.2.4.1 Infância de andarilha e as muitas escolas percorridas

A infância de Nair é marcada pelas muitas andanças por várias cidades. Ela nasceu em Sobral/ Taparuaba, mas foi embora ainda muito pequena. Seu pai, tem 76 anos, tem ensino médio completo e é mecânico. Sua mãe é taparuabense, tem 51 anos, é graduada em Pedagogia e Letras/Inglês (regime especial), com especialização *lato sensu* e é professora concursada da

¹⁵⁷ Entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2017. Graduada em Educação Física, naquele momento estava concluindo o mestrado em Saúde Coletiva na UERJ. Em 2020 é inicia o doutorado em Saúde Coletiva pela UECE

rede municipal de Sobral. Depois de um longo período de muitas mudanças de domicílio, a família se estabelece em Taparuaba.

Nair diz que seu irmão mais velho lembra que já estudaram em quase 20 escolas e que chegaram a estudar em mais de uma escola num só ano, porque, às vezes, na mesma cidade, estudavam em duas ou três escolas. Ela ingressou nos estudos, aos 05 anos, na localidade de Pedrinhas, no município de Tamboril (CE), há 287km de Fortaleza. Foi alfabetizada aos 06 anos, numa temporada que passou em Taparuaba, mas logo retornou à localidade de Pedrinhas (Tamboril), onde fez a 1ª série. Em seguida, estudou duas séries em momentos alternados com o irmão mais velho. Fez a 3ª série em São Miguel (RN), a 4ª e 5ª séries foram cursadas juntas (multisseriada) em Icó (CE), quando voltou a estudar com o irmão mais velho de novo. A partir do retorno para Taparuaba, ela ingressa na Escola CBL onde conclui o ensino fundamental e médio. Foram tantas escolas que ela diz não conseguir ter muitas lembranças da vida escolar na fase inicial.

Nair acha que até a 4ª série, não conseguiu desenvolver um vínculo muito estreito com a escola, porque foram experiências muito fragmentadas, a ponto de praticamente não ter lembranças desta fase, e diz:

Não dava tempo, às vezes, eu compreender nem qual era, como era o viver em escola... já tinha que mudar. Isso também contribui pra o sentido que eu dou ao ambiente escolar... não é só você ir pra aula, tem outras atividades que você pode acompanhar. Às vezes tem no contraturno, e acredito não só eu, mas outras crianças também não conseguem, ou não tem oportunidade de vivenciar de fato a escola. Porque as vezes não consegue nem ficar um pouco incorporado nela... quais são as atividades, quais são os projetos que a criança pode ter na escola? Acho que isso se dá, a partir do tempo. Se você se estabelece na escola, a partir do vínculo da família com a escola e acaba que... acho que até a 4ª série não tenho lembrança de ter ido pra escola e ter vivenciado momentos que passaram por mim e eu não vi.

Nair acredita que se não tem memórias escolares mais distantes dos seus primeiros anos, é porque ela não teve a oportunidade de criar vínculos com as pessoas, com o espaço e a dinâmica escolar e justifica:

Eu tinha outra função que não era de criança, vivia muito como cuidadora das minhas irmãs, essa função de criança eu não tive muito... até na escola mesmo. Às vezes, você não ter, por exemplo, o pai acompanhando ou lhe levando pra atividade que tem [...] um cuidador que leve...isso faz toda diferença para relação de estreitamento de vínculo, já que a função de educar é da família, e de escolarizar é da escola. Perdi muito com isso, é tanto que não lembro de muita coisa, porque não experienciei mesmo uma vida estudantil.

Nair considera que sua aproximação e vivência escolar mais estável só veio acontecer em Taparuaba, quando passam a morar só com sua mãe que vai sempre colocar a educação em primeiro lugar na vida dos filhos, muito embora não tivesse recurso para investir mais. A lição

que escutavam todo dia era: “estudar, estudar e ter compromisso”. Conta que a mãe fez os filhos perceberem a relevância escolar, e diz: “Alguns mais cedo, outras vezes mais tarde, mas de tanto você ter o estímulo em casa, vai percebendo a importância”.

Com os incentivos da mãe, a jovem passou a aproveitar melhor a escola como um espaço para diversas atividades educativas, tais como o teatro e outras iniciativas artísticas e mais participativas, que também eram estimuladas pelos docentes. No ensino fundamental II, ela conta que chegou a publicar um livro com 15 poesias quando estava na 6ª série, motivada por concursos de redação promovidos na época, e diz: “Contratei uma pessoa pra fazer a capa, encadernei, distribui para as pessoas e mandei pro meu padrinho em Fortaleza. Minha mãe ficou muito orgulhosa, vendo uma obra de arte, que eu tinha feito sem ajuda de ninguém”. Ela destaca, a partir da experiência deste novo ciclo escolar, que é possível promover uma formação diferenciada e mais efetiva quando a escola opta por estimular a criatividade dos estudantes.

A partir da 7ª série Nair conseguiu seu primeiro emprego, aos 16 anos, via seleção para prefeitura municipal de Sobral, como monitora no ensino de noções básicas de informática de um programa chamado Teia Digital. O trabalho era realizado no Espaço Cultural Maria Júlia Teixeira, local que disponibilizava uma série de atividades esportivas, artísticas com grupos de teatro e dança, e alguns cursos abertos a comunidade. Ela conta:

Participei de muitos projetos de extensão, vivenciei o movimento estudantil...era do grêmio. Não ficava muito em casa no contraturno. Quando tinha atividade na escola eu estava muito envolvida. Acho que escola é pra isso mesmo. Fico muito inquieta quando o aluno fica em casa o dia todo, sendo que tem muitos projetos na escola. Se ele tá em outro curso, em outra atividade que agregue pra formação, nem tanto...ser incentivada pra ser destaque nas turmas...Acho que aí a relação foi muito boa. Hoje tenho vínculos com meus professores daqui, para além da escola. Tenho boas lembranças, por exemplo que me davam aula final de semana sem cobrar nada quando eu tava no ensino médio, porque eu tinha dificuldade em algumas matérias que não acompanhava, e também não fazia cursinho. Tinha coisa que via no livro, não entendia nada, e pedia uma aula final de semana, o professor ia na minha casa e nunca cobrou nada. Foi a partir da escola que surgiram desdobramentos fundamentais pra minha vida. E essas vivências foram cruciais pra minha formação.

Apesar de ter vivido um início escolar cheio de lacunas, com vínculos frágeis e vivências fragmentadas nas séries iniciais, como a própria Nair descreve, a partir do ensino fundamental II e ensino médio, ela estabelece uma relação de muita proximidade e apropriação do espaço institucional e dos processos de aprendizagem. O apoio materno e dos professores oferece um outro contexto, onde ela vai tentar compensar o que não foi vivido no ingresso escolar.

3.2.4.2 Mundo do trabalho já na infância

Nair conta que teve muitas experiências de trabalho, como ela diz: “trabalho é uma ocupação sistematizada que você pode ter renda...mas pode não ter”. A jovem conta que começou desde muito cedo, porque considera que atividade doméstica é um trabalho, e acrescenta: “pode não ser um emprego, mas considero esse auxílio que muitas crianças dão em casa, que, às vezes, não atrapalha a escola, é um trabalho. Na infância comecei a trabalhar com seis anos. A mãe conta que uma vez chegou em casa, e eu tinha feito meu primeiro bolo, tinha sete anos”.

Desde muito cedo a mãe de Nair trabalhava fora e não tinha quem ficasse com os filhos, e a jovem diz: “[...] a gente tinha que se virar. É tanto que hoje sou muito independente...porque sempre tive que me virar sozinha muito cedo”. Ela frisa que afetivamente é muito apegada a família, mas que tem muita autonomia, e relata:

[...] tinha que lavar louça, e não alcançava (a pia), mas colocava um banco. Lavava roupa... a gente morava perto de rios, e sempre ia pro rio pegar água. Minha relação foi bem rural mesmo. Pegar água, lavar roupa, eu considero isso trabalho. Cuidava das minhas irmãs, fazia comida em casa...Quando tinha oito anos em São Miguel (RN), tinha uns homens paraibanos que faziam cavalgada e eram amigos do meu pai, e iam lá pra casa. Minha mãe trabalhava em outro município ou até em outro estado (na divisa com Ceará), e minha mãe passava a semana lá, levava minhas duas irmãs mais novas, e eu e meu irmão ficava com meu pai. Fazia as coisas em casa, cozinhava, e esse homens falaram com meu pai pra almoçar lá em casa toda vida que eles fossem pra cavalgada, e eu que ganhava um dinheiro (pra cozinhar).

A partir dessa experiência de vender seu trabalho de cozinheira, Nair começa a se articular para não pedir dinheiro aos pais, e para obter algum dinheiro. Seu pai era mecânico e, às vezes, seu irmão não estava em casa e ela conta: “eu ajudava a segurar o motor de um lado, ajeitar com ele de outro...tinha coisa que era difícil fazer só, e ele [me] dava uns trocados”. Conta que seu irmão desde pequeno tinha uma locadora (de VHS), depois abriu uma *bombonière*, e que eles (os irmãos) tinham uma espécie de sociedade nas iniciativas de pequeno comércio.

Com a mudança para Taperuaba, a mãe de Nair era consultora de cosméticos e a filha a ajudava nas vendas. A jovem narra algumas atividades que realizou: recortava tecidos para aplicação nas peças de roupas infantis; foi embaladora no ramo da confecção; foi sacoleira vendendo roupa infantil; foram feirantes (ela e a mãe) vendendo roupas para recém-nascidos na Feira do Aprazível (outro distrito próximo a Sobral); trabalhou como ajudante em serviços de decoração de festas e eventos, depois seguiu com essa atividade por conta própria; foi

digitadora de trabalhos escolares. Algumas destas atividades aconteceram simultaneamente. Ela conta que seu irmão mais velho sempre foi muito empreendedor e que eles tinham uma parceria e juntavam dinheiro num cofre. Conta que era ainda bem pequena e que essa relação com o trabalho se deu por várias questões: “ou por ser condicionada, determinada pelo meu destino, ou outras, porque como já estava acostumada com aquele ritmo de vida, eu também quis iniciar precocemente”.

Nair está tão imersa na sua narrativa que nem percebe que o verbo “querer” trabalhar precocemente, não tem a ver com o destino. Como ela própria diz, foi “condicionada”. Sua história retrata as condições das urgências das classes populares que, muitas vezes, antecipam o trabalho na trajetória dos filhos pelas circunstâncias das necessidades de provimento do grupo familiar.

3.2.4.3 A ideia de prosseguir para o ensino superior e a experiência no vestibular

Nair começa cedo a despertar seu interesse pelo o ensino superior por intermédio da mãe e dos tios maternos. Sua mãe casou e foi embora muito nova de Taparuaba, tornou-se professora desde muito jovem morando em várias cidades por causa da profissão do ex-marido e ela assim lecionou em várias cidades. Mesmo sem graduação, passava nos concursos e não chegava a assumir por causa da rotatividade de domicílios. Ao retornar para Taparuaba, concluiu a graduação em Pedagogia e passa, concomitantemente, em dois concursos para professora em Jijoca de Jericoacoara e em Sobral, assumindo este último. Nair fala que se espelhou em sua mãe que estava sempre estudando, tentando o vestibular, fez a primeira graduação em regime especial em Letras/Português e Inglês, cursando nas férias e fins de semana, em Santa Quitéria, município vizinho. Algumas vezes a mãe chegava a levar os filhos, e os deixava brincando lá fora, enquanto assistia as aulas por não ter com quem deixar as crianças.

Para o ensino superior, Nair diz que, inicialmente, o desafio foi a escolha do curso. Sua mãe fez o curso de inglês no Palácio de Línguas e no Will Idiomas (ambos em Sobral), e levou a filha para cursar inglês quando a menina ainda estudava a 7ª série. Mãe e filha estudavam e faziam conversação em inglês em casa. A filha era presenteada com livros e dicionário em inglês, e diz: “ela me dava livro pra eu ler, e queria que eu contasse a história”. A mãe ainda conseguiu fazer com que os quatro filhos iniciassem o curso de inglês. Dos quatro filhos, só Nair concluiu os 09 semestres (nível intermediário) no Palácio de Línguas.

Por esta influência da mãe no estudo da língua estrangeira, a jovem ficou em dúvida entre Letras/inglês e a área da saúde. Seu primeiro vestibular foi para Letras/Inglês e não passou. Na segunda inscrição, decidiu na hora tentar para Educação Física, por sugestão de sua mãe, e disse: “ah, vou poder trabalhar na saúde, porque bacharel é pra saúde. Nem pensava - bacharel é pra pesquisa, é pra indústria... eu pensava que era pra saúde”.

Quando estava terminando ensino médio, Nair fez o ENEM apenas para conhecer, mas ainda não era um critério de ingresso no ensino superior. Assim, ela fez dois vestibulares. Relata que ao fazer esse tipo de prova se sentia muito despreparada, porque tinha muita dificuldade em algumas disciplinas. Na escola tirava notas boas, mas na hora de uma seleção, como o vestibular, a jovem diz:

[...] não é a mesma coisa, você sente quando suas bases não estão fortalecidas... não fui uma pessoa que estudava muito em casa, faltou muito em mim... poderia ter aproveitado mais. Na hora, quando via aquelas provas, [os outros concorrentes com] aquelas blusas de cursinho com aquela frase - “Dá licença que eu vou passar” - quando sentava alguém na minha frente assim, já enaltecia a pessoa sem nem conhecer, porque achava que ela tinha tido uma formação muito melhor e que já tava aprovada e eu não. Sentia que eles tinham uma formação superior a minha, pensava isso... isso derrota logo, aquilo me causava um sofrimento psicológico. É tanto que no momento das provas ficava inquieta, via as pessoas se movimentando e saindo cedo, e pensava: “pronto, elas já sabem de tudo, eu não sei nada”. Até a organização da sala ficava projetando antes de entrar... também não era algo de me traumatizar e de me impedir de fazer a prova. Mas, pensava quando passava em frente ao [Colégio] Luciano Feijão, dizia “ah, queria tanto estudar aqui, se estudasse aqui ia dar um retorno muito bom pra minha mãe”.

O mercado educacional é uma selva. Há uma formação perversa que coloca os jovens uns contra os outros. O concorrente no vestibular e no ENEM é colocado como um adversário e vale tudo para desestabilizá-lo psicológico e emocionalmente. As escolas privadas levam essa lógica a cabo e seus clientes (estudantes) recebem um bom treinamento para realizar um bom “embate” (as seleções) e garantir uma vaga na universidade.

Nair acredita que, dentro do possível, aprendeu a lidar com essa disputa, muito embora admita não ter autoconfiança. Ao fazer as provas, ela diz que sempre se desqualifica e avisa a família falando coisas como: “não passei; não fiz nada; fiz uma prova ruim”, porque se considera uma pessoa muito desacreditada em si mesmo. Acredita que isso se deve ao fato de não ter tido a formação que queria. Seu desejo era pelo menos ter feito um cursinho pago, já que nunca estudou em escola paga. Por não se considerar otimista, se cobra muito. Se não consegue, fica muito frustrada e para tentar de novo é mais difícil. Ela confessa que precisa trabalhar isso em si.

Nair deposita sua fé de que uma boa formação escolar é a oferecida pela rede privada de ensino. Sua recorrente insatisfação de não ter tido essa experiência e a sensação de que poderia ter tido melhores resultados, aparecem em diversos momentos de sua fala. O meio e os pares de sua convivência parecem ter fomentado essa ideia que lhe fazem repetir essa fala de “falta” em vários momentos da entrevista. É como se ela tivesse dificuldade de perceber que, apesar de um histórico escolar cheio de percalços, mesmo na escola pública que ela avalia tão “cheia de vazios” e insuficiências, ela alcançou uma trajetória acadêmica cheia de conquistas.

Nair conta que a irmã que lhe sucede foi a única que estudou em escola particular cursando o ensino médio. Ela justifica que o primeiro salário de sua mãe como professora foi R\$ 80,00, por isso não teve condições de investir mais no estudo dos filhos como gostaria. Como a jovem diz: “impossível manter quatro filhos com R\$ 80,00, era quase abaixo da linha da extrema pobreza”. Depois sua irmã passou a trabalhar, tinha um salário um pouquinho melhor, a família estava morando com os avós, pais de sua mãe, e o Colégio Sant’ana (particular) abriu uma promoção para turmas no ensino médio noturno. Nair, mesmo muito jovem, foi falar com a Irmã (diretora), porque sua mãe não tinha tempo por causa do trabalho, e a jovem intercedeu para que sua irmã mais nova tivesse um desconto na mensalidade daquele Colégio. Quando a mensalidade aumentou, elas conseguiram uma bolsa. Já sua irmã caçula também estudou toda a escola básica na rede pública, mas fez cursinho particular, porque conseguiu pagar as mensalidades com o trabalho de estagiária no Colégio Farias Brito.

Com uma experiência acadêmica de dentro da própria casa, Nair destaca as vantagens de ter tido, a partir da adolescência, a referência familiar para prosseguir nos estudos:

Acho que o primeiro estímulo vem de casa, é de base, é processualmente no crescimento da criança, do adolescente, do jovem e, posteriormente, é da escola. Isso já facilita, porque é um estímulo. Você também quer ser igual, quer superar... as pessoas em casa que acreditam, que dão força e dizem “você é capaz, você tem que ser diferente, você tem que ser melhor que eu”.

Aqui, Nair discorre sobre sua experiência particular da relação com os estudos. Nem sempre o incentivo aos estudos segue esse fluxo: primeiro família e, posteriormente, a escola. Muitas crianças e jovens só podem contar com a escola, e cabe a esta instituição compreender as limitações que a maioria das famílias carrega, sobretudo, nas classes populares em que o nível de estudo é mais baixo, aumentando a possibilidade de distanciamento da compreensão do acompanhamento escolar dos filhos.

Nair, como os demais interlocutores da pesquisa, também considera que há muito mais motivação da Escola CBL hoje, em comparação a seu período escolar. Ela lembra que na sua época tudo era mais disperso e escasso com relação as ações e os incentivos para que os

estudantes prosseguissem para o ensino superior. Apesar de reconhecer os esforços de alguns professores em incentivarem e, principalmente, acreditarem no potencial dos estudantes dizendo que tinham chances, mas era um movimento isolado. Ela fala com carinho e admiração dos professores que não desistiram dela e de muitos de seus colegas, apesar das circunstâncias não favoráveis, e refaz sua análise e fala anterior de que, às vezes, a escola precisa compensar a falta de apoio domiciliar dos estudantes:

[...] acho que esse crédito que os professores depositam nos alunos, é muito importante, porque muitas vezes a gente já vem desacreditado de casa. [...] o contexto de casa pra todos não é favorável, principalmente quando o pai não oferece... o filho se inspira muito nos pais. Se você não tem uma figura para se inspirar em casa, se o pai não lhe motiva a fazer algo, você vai querer ser igual seu pai ou muitas vezes você tem, como eu tive, uma inserção no trabalho muito precocemente que não vai favorecer o estudo no futuro, que ele tem outras responsabilidades que pra ele são prioritárias.

Nair sempre enfatiza o quanto sua mãe sempre estimulou, e ressalta que essa não é a realidade de todo mundo. Também destaca sua iniciativa pessoal quanto aos seus interesses e dedicação: “se eu não quisesse também, acho que nada seria possível”. Essa é uma questão que pode ser discutida, já que nossos desejos podem ser frutos de muitas interferências que não percebemos ser afetados e julgamos serem, genuinamente, nossos. Mesmo com todas as falhas, ela reconhece a contribuição da escola através de alguns professores marcantes e algumas pessoas que passaram em vida, não dizendo exatamente o que fazer, mas através da postura docente que tiveram. Ela diz que admirava alguns docentes “nas virtudes, no comportamento, no compromisso, e no interesse por você para além da escola, a ponto de querer um dia ser igual a eles”. Alguns, é como se dissessem: “eu acredito muito em você, eu confio, e eu ainda vou lhe ver muito bem”.

Nair enfrentou circunstâncias familiares bem difíceis que atravessaram seu período de infância e parte da adolescência. Como uma “pequena adulta”, teve que conciliar os cuidados com os irmãos e consigo mesma para ajudar sua mãe que precisava se ausentar para trabalhar longe de casa, como ela mesma disse no início: “Eu tinha outra função que não era de criança, vivia muito como cuidadora das minhas irmãs, essa função de criança eu não tive muito... até na escola mesmo”. A regularidade escolar e o apoio que tanto ressaltou não ter recebido nos primeiros anos escolares, foram constituídos a partir da adolescência quando os pais se separam. A partir daí, com o apoio de seus avós e tios maternos, sua mãe estabelece residência em Taperuaba e assume os rumos da família.

3.2.4.4 Universidade: possibilidades - estudo e trabalho – dois complementos para sua formação

Ao ingressar na graduação, Nair aproveita todas as dimensões da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Ela conta que além das aulas, da sua pesquisa de monografia, também foi monitora e extensionista em várias oportunidades, assim como, foi do movimento estudantil, e atribui esse engajamento a dinâmica que trouxe da sua vivência escolar e dos projetos sociais que participou na comunidade taperuabense. Lembra que, para os alunos que não moram na sede (Sobral) as condições são muito reduzidas, porque a universidade até aquela época não tinha nem restaurante universitário para garantir o básico (alimentação) para que os estudantes pudessem vivenciar outras atividades que não apenas o ensino.

Ela exemplifica que participou do Projeto Amor à Vida¹⁵⁸ (do Governo Federal), porque já tinha conhecido antes de entrar na universidade, e isso lhe despertou para na graduação aproveitar a oportunidade para trazer também alguma coisa pra comunidade através desse projeto. Conta que sua vivência na universidade foi muito intensa, que aproveitou cada momento a diversidade de práticas que tem na instituição, que até poderia ter estudado mais, mas não abriu mão de aproveitar as outras dimensões da academia.

Nair conta que fez toda a graduação trabalhando. Fez um curso de massoterapia no SENAC e um curso complementar para trabalhar com terapias alternativas. Logo no 2º período consegue uma bolsa de um ano no programa PET¹⁵⁹ do Ministério da Saúde, sendo monitora ganhando 400 reais. Em seguida, passa numa seleção para estagiar por dois anos no INSS, na Previdência Social, trabalhando num programa chamado “Qualidade de vida no trabalho”, recebendo R\$ 550,00. Concomitante, ela também estagia por quase um semestre na EMBRAPA¹⁶⁰, pelo mesmo programa. O estágio era de dois anos, mas ela ficou apenas um ano, porque precisou se dedicar ao seu trabalho de pesquisa. Retornou para o Programa PET, permanecendo até o final da graduação, porque era possível conciliar melhor com os estudos, realizando um trabalho no posto de saúde em Sobral. No mesmo período, também foi monitora

¹⁵⁸ Tinha o propósito de desenvolver ações educativas de saúde preventiva voltados para adolescentes e jovens, através de uma equipe interdisciplinar (educação, saúde e assistência social), discutindo temáticas como: prevenção ao uso de drogas, gravidez na adolescência, violência sexual, dentre outros.

¹⁵⁹ O PET-Saúde constitui-se em um instrumento para viabilizar programas de aperfeiçoamento e especialização em serviço dos profissionais da saúde, bem como de iniciação ao trabalho, estágios e vivências, dirigidos aos estudantes da área, de acordo com as necessidades do Sistema Único de Saúde - SUS. <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/>

¹⁶⁰ EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

(não remunerada) na Academia de Ginástica de Sobral da Universidade Estadual Vale do Acaraú (AGIS/UVA).

Nair acredita que apesar da precocidade no trabalho na infância, as experiências que foram surgindo posteriormente lhe fizeram crescer muito e diz: “ressignificou minha vida, tanto na forma de pensar e ver o mundo, como também no sentido de querer transformar muita coisa”. Ela reconhece os impactos do trabalho precoce na sua constituição, mas positiva a situação acreditando que estas experiências lhe prepararam para desafios maiores.

3.2.4.5 Estratégias e dificuldades para inserção no ensino superior

Nair considera que os incentivos de sua mãe e de alguns de seus professores criaram um clima coletivo de crédito para si. Receber esse apoio lhe deu sentido para dedicação e determinação. Ela diz não ter feito nenhum plano muito elaborado, ao contrário, suas metas eram simples e os esforços que fez ao longo da vida lhe fizeram ser persistente. Ela ressalta que:

Mesmo na escola pública, tive dedicação para estudar...pra mim valeu muito a pena, aprendi bastante com isso. No meu percurso encontrei professores que me ajudaram muito. Pedia assunto pra estudar em casa o que não passava nas aulas...corri atrás. Acho que a vida também não é fácil, não lhe dá sempre as oportunidades muito facilmente, acho que tem que buscar...pedia livros emprestados, pedia outras aulas, vídeos, me informava de aulão que tinha em Sobral de colégios particular. No 3º ano eu fiz dois meses de cursinho no ENA, da UFC, já peguei perto de acabar. Depois fiz três meses de cursinho no Colégio Liceu...os dois eram públicos.

Nair considera que a falta de preparação da escola para fazer os estudantes vislumbrar outros horizontes que não se encerrasse no ensino médio, mas que apontasse a universidade como opção a ser perseguida, foi a maior dificuldade para ingressar no ensino superior. Como ela diz:

[...] a gente estudava sem foco...era um meio que não alimentava muito o desejo... se não fosse alguns professores que faziam por conta própria... nessa época ninguém sabia nem quais cursos que tinha. Tanto que escolhi na hora, não que não soubesse nada, claro. Mas a gente nem ouvia falar. Diferente de hoje, vejo aí os professores, os coordenadores, diretores, que convidam egressos da escola pra falar do curso que estão fazendo, da sua experiência na faculdade. É diferente a gente saber cedo o que quer, estabelecer metas pra alcançar.

Nair lamenta não ter tido essa formação mais ampliada, que pudesse visualizar a diversidade de possibilidades para o futuro. Ela chama atenção para os estudantes que não

recebem esse apoio e se deparam com esses conflitos e que pode ser tardio. Ela acha que muitas vezes o estudante da escola pública não escolhe a profissão, e reitera:

[...] posso está falando besteira, mas acho que não é a gente que escolhe...eu pelo menos escolhi Educação Física, porque tinha na UVA, e me sentia incapaz de fazer UFC, dizia - “fazer UFC pra quê? Vou nem passar”. Por mim, eu faria Medicina. Tem gente que tá lá, muitas vezes não é nem porque gosta, mas porque é um curso elitizado. Faz Direito, porque tá na moda. Se é você da escola pública não tem oportunidade, nem a mínima condição de passar num curso desse, porque é um curso que quem mais passa, maior aprovação é da classe média, classe alta, que estuda nas melhores escolas. Não tenho nenhum desejo de ir para outra categoria profissional...mas se tivesse tido a oportunidade de ser apresentada a outros cursos, talvez não tivesse sido educadora física, não que eu não goste, eu entrei sem saber o que era, e hoje gosto muito da minha área...

A jovem lamenta que o trabalho da escola na sua trajetória não tenha tido uma sistemática preparação para os novos desafios ao concluir a escola básica. Defende que é preciso abrir os horizontes desses estudantes para que cresçam vislumbrando outras oportunidades de futuro, desenvolvendo um pensamento mais reflexivo, valorizando o potencial das crianças lhes fazendo crer que elas podem querer mais.

Nair chama atenção para o problema da desigualdade social que separa aqueles que podem escolher e os que não podem, e como não é alimentado esse estímulo constante para que as pessoas das classes populares desdobrem seus desejos e suas projeções para outros campos. Sua inquietação vai ao encontro do que Velho (1997) discute sobre como os projetos individuais não estão imunes aos projetos coletivos e, não raro, as demandas individuais não estão descoladas das demandas do grupo (VELHO, 1997). Embora haja outras interferências (meios de comunicação, grupos religiosos, e outros grupos de interação, só para citar), já que a família pode ter limitações para orientar, a jovem reivindica que a escola seja sensível ao aspecto da construção da subjetividade dos estudantes e ofereça alternativas adicionais que amplie o repertório na construção dos projetos de vida dos indivíduos, e diz:

[...] tem que vivenciar primeiro, se eu não conheço, é muito difícil eu sonhar, se eu não tenho... as vezes, digo “eu não tinha uma ponte”, uma vivência prévia pra dizer que quero uma coisa melhor... que essa seja disparadora dos meus projetos de vida individuais... ser apresentada ao conhecimento mais vasto que já existe, pra depois eu dizer “não, eu quero é outro”. Se não conheço, vou facilmente ser alienada, e dizer “não, eu vou querer esse, porque é o que tem, é o que tá posto na mesa”.

Nair avalia que sua visão de mundo era muito limitada, e que seu percurso estudantil poderia ter sido melhor. Inicialmente, seu principal propósito era ser uma profissional qualificada diferente dos outros profissionais que faziam Educação Física que conheceu. Hoje percebe que a inserção no ensino superior tem uma dimensão para além disso, e que sua

percepção era muito imatura porque, outrora, havia a ideia de que o nível superior lhe daria um patamar a mais de quem não tinha. Ela diz que hoje não vê mais assim, até porque percebe que isso não corresponde mais a realidade e não é tão relevante. Ela diz também:

[...] queria ser uma profissional diferenciada e ampliar minhas chances de me inserir no mercado de trabalho, e ser mais valorizada diante da sociedade que cobra isso de alguma forma. Hoje não, as vezes as pessoas falam que tem autônomo que ganha tanto dinheiro, e não tem nem uma graduação... Mas a graduação não traz só a dimensão financeira, ela lhe agrega tantos valores, mesmo com todas as lacunas, traz a dimensão de uma formação humana, ética, política, social que você não vê em qualquer lugar. Acho que se a universidade desenvolver bem o seu papel, de ser formadora para o mundo... é um espaço de amadurecimento muito grande pro discente. A gente tem muito mais a devolver, dar um retorno para a sociedade que lhe banca, que paga o seu curso, uma comunidade de pessoas que não tiveram oportunidade de fazer uma graduação. Para mim, o sentido da universidade hoje é bem isso, para além de ter uma profissão, é eu dar um retorno para quem não teve essa oportunidade. Acho muito interessante a dimensão da extensão na universidade, você deixar um legado também pro mundo... não é uma coisa que você faz só por interesse pessoal, particular, só pra você ganhar certificado, ser reconhecido como cientista, como professor, como pesquisador, ou mesmo como trabalhador, mas ela traz uma formação humana e social.

Enquanto graduanda, Nair relata sua preocupação e desejo de fazer alguma coisa na comunidade e começou a acompanhar uma associação de moradores na zona rural, na Fazenda Jurema, desenvolvendo junto a duas colegas um projeto com idosos através de um edital da UVA, chamado Agente Extensionista. Essa experiência foi ponto de partida, inclusive, para sua pesquisa de mestrado onde passou a trabalhar com a “mulher camponesa” dos assentamentos Águas Mortas e Santos Reis, a aproximadamente 15km da sede do distrito. A jovem preza muito pela conjunção do tripé: ensino, pesquisa e extensão como aprendizado pessoal e legado social, como justifica:

Só como bolsista pesquisadora não compartilho com essas pessoas o que eu vivo lá dentro... não tem muito sentido. Muito embora a gente não possa compartilhar tudo, não dá pra compartilhar tudo, mas o mínimo que você desperta nas pessoas já vejo a gratidão delas que nunca tiveram esse contato. A extensão na graduação tem essa dimensão, esse caráter bem social de democratizar experiência com os outros.

O senso de urgência que Nair tinha de estudar e descobrir o mundo foi potencializado na universidade quando ela resolve fazer a primeira especialização em Saúde da Família, ainda no 6º período da faculdade porque queria terminar junto com a graduação, só faltando a monografia. Ao concluir estas duas etapas, ela resolve fazer a segunda pós-graduação, também em Saúde da Família, mas esta última na modalidade residência. Ela explica que a residência se trata de um programa do Ministério da Saúde, com o objetivo de formar profissionais para

trabalhar no Sistema Único de Saúde, previsto na Constituição e que se tornou uma política pública desde 2006. Este programa já teve várias reformulações que orienta as universidades que os cursos em saúde têm que formar para o SUS, assim como a monitoria que fez para o PET que era um projeto de extensão do Ministério da Saúde era também voltado para o SUS.

Na faculdade, ela se aproxima da saúde coletiva. Explica que a residência é um programa para os recém-formados, trabalhando com a dimensão teórico/prática, completamente diferente da especialização lato sensu, porque a dimensão prática é privilegiada e a carga horária é de 5.600h. Ela trabalhou em dois postos de saúde da família, nos bairros sobralenses - Padre Palhano e Sumaré - ambos na periferia, ali aprendendo no cotidiano. Como educadora física vivenciou uma residência multiprofissional junto a muitas outras categorias: Medicina, Assistência Social, Fisioterapia, Odontologia, Fonoaudiologia e outras. Nair explica que a residência ainda é uma nomenclatura a ser definida, porque consideram que esta modalidade está para além de uma especialização tradicional, e diz:

Lá mudei muita coisa, ressignifiquei muito meu pensamento e minha visão mesmo de mundo. A residência foi uma escola, tanto de coisas boas, quanto de coisas ruins... saí inquieta, querendo dar um retorno para aquilo que vi. Vi muitas situações de injustiça, ainda quero... Porque aquilo ficou marcado, porque pensei “não, não posso estudar isso agora. Mas um dia vou estudar”. Meu poder ainda não dá para estudar isso. Tem coisas na relação de poder, que você não consegue, você é muito pequena. Na época quis estudar algumas coisas que se eu fosse estudar aquilo, acho que ia encontrar muitas arestas. Então, abdiquei.

A jovem diz que na saúde há alguns temas espinhosos quando se trabalha no campo da gestão. O excesso de burocratização¹⁶¹, os vínculos profissionais fragilizados, muito assédio moral, abusos de autoridade, relações de poder que, muitas vezes, criam situações de constrangimento para os que estão na condição de aluno, de trabalhador, ameaças e humilhações públicas que revelam sérias concepções ao atendimento social e ferem a ética profissional. Nair ficou muito mobilizada ao presenciar situações de injustiça e decide adentrar nas entranhas do sistema, porque queria denunciar incoerências da sua categoria profissional.

Ao optar por desenvolver seu projeto de pesquisa com essa temática, conversando com sua orientadora da residência, Nair foi acolhida em sua inquietação, mas foi advertida para as dificuldades que enfrentaria ao desenvolver uma pesquisa com sérias implicações nas relações de poder. A orientadora foi sinalizando alguns desafios que a orientanda encontraria na prática, que poderiam ser entraves para concluir o estudo. Diante disso, a jovem foi amadurecendo o

¹⁶¹ Ela não se refere aqui estritamente ao sentido weberiano do sistema administrativo do serviço público, mas tem uma conotação pejorativa, apontando a ineficácia do sistema na não oferta dos serviços que atendam às necessidades da sociedade.

tema e redirecionando para outros aspectos, tornando a pesquisa exequível, e diz: “fui descobrindo...não, isso não dá pra mim. Não vou ter condições de arcar com as consequências desse tema, e fui para outro... mas um dia eu volto”. Nair considera que a residência lhe fez amadurecer e desenvolver muitas competências que lhe fez crescer profissionalmente e como pessoa, em que aquelas experiências determinaram o que ela passou a querer ser a partir de então.

3.2.4.6 Mestrado e doutorado – novos rumos despontam

Sua primeira tentativa para o mestrado foi na UFC, campus de Sobral, porque não queria sair de casa. Seu interesse em ser mestra se deu pelo encanto com o magistério desde a graduação quando foi monitora de iniciação à docência, e suas professoras lhe incentivaram a prosseguir na vida acadêmica. Ela conta que nem sabia o que era o mestrado, até suas professoras lhe encorajarem a se lançar a pós-graduação.

Ao se formar, antes de fazer a residência, Nair fez a seleção para o mestrado na UFC, passou com nota muito boa nas provas, mas considera terem feito injustiça na avaliação do seu currículo que não foi devidamente contabilizado. Mesmo colocando recurso, não chegou nem mesmo a ser respondida. Ao concluir a residência, ela se submete às seleções de mestrado para UFC, no campus Sobral, e para Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Desta vez, ela é aprovada para as duas universidades e opta pela UERJ, porque queria ter uma experiência diferente.

Nair nomeia alguns percalços que só foi compreendendo no decorrer do caminho. Ela acha que, a princípio, fez “escolhas erradas” por desinformação e que as oportunidades também são excludentes, porque ao optar por algo, abre mão de outras coisas. Ela fala essa obviedade se referindo, por exemplo, ao fato de nas seleções para o mestrado acadêmico, a experiência profissional é o que mais pontua. O que ela considera muito contraditório, e explica:

As seleções de mestrado são muito incoerentes com os programas dos cursos, porque ainda adotam um modelo tradicional, enquanto diz que utiliza outro. Isso me indignou, fui reprovada a primeira vez pelo currículo que não tinha sido analisado. Há injustiça quando ele é todo direcionado pra pessoa que já está inserido no serviço. A maioria das pessoas que está no mestrado acadêmico trabalham, tem uma carga horária de trabalho exorbitante, 40h, às vezes ainda são bolsistas. Não tô fazendo nenhuma acusação formal, porque nunca fiz estudo pra provar isso. Mas, a luz da vivência, da empiria, percebo algumas incoerências.

Segundo a jovem, a maioria dos estudantes recém-formados não consegue entrar no mestrado acadêmico, porque quem tem mais chance de aprovação são os profissionais que estão na ativa, já que o que mais pontua no currículo é a preceptoria e experiência profissional docente. Ela questiona: “Como é que um estudante recém-formado vai ter experiência acadêmica, docente e profissional? Eu me preparei pro mestrado até inconscientemente. Fazia monitoria, extensão, participava de grupo de pesquisa, gosto de escrever, publicava resumo, e são as coisas que contam”. Por conta da sua estratégia pessoal, ela foi se aproximando da academia, e tinha o propósito de ser pesquisadora.

Nair se motivou a vivenciar várias coisas ao mesmo tempo na graduação. Ela acredita que isso teve os prós e os contra, já que dividiu sua atenção em muitas coisas, deixando de aprofundar sua base teórica formativa e se dedicando a diversidade de atividades: participava de muitos eventos, vivenciou a extensão, produziu resumos, aplicou-se na iniciação à docência e a iniciação científica. Ela ressalta novamente que seu curso - Educação Física - não tinha iniciação científica, mas que ela se inserir no curso de Enfermagem para este fim. Ela estabeleceu metas e foi abraçando as oportunidades que julgava importante agregar a sua formação.

Nair tem o perfil de estudante curiosa e sedenta por aprender. Articulada, a jovem teve facilidade de se inserir no ambiente acadêmico. Ela lamenta que, no seu período de graduação o campus onde estudava – Centro de Ciências da Saúde da UVA - tinha sérios problemas de estrutura e de assistência estudantil. Nos dois últimos anos, próximo a concluir, o CCS passa por uma reforma e os cursos foram transferidos provisoriamente para outro campus, e, que até aquele momento, a biblioteca estava com o acervo muito defasado e o laboratório de anatomia era muito precário, como conta:

[...] eram livros muito antigos, isso é o básico. Lembro que a gente que é um curso da área da saúde ficou com num laboratório de anatomia era uma sala bem pequenininha, nessa época eu era até monitora de anatomia. A gente critica a formação tecnicista, mas nem essa formação tinha, e também considero importante a dimensão da técnica, embora não seja a primazia. Não tinha uma estrutura física que desse suporte e que atendesse as minhas necessidades acadêmicas. Vivenciei muita coisa, porque sempre corri atrás. Tem universidades que o aluno não precisa fazer vários desdobramentos pra sair com uma experiência mais vasta. Comparo muito o curso da Enfermagem com a Educação Física. Na Enfermagem pra você sair um profissional que já tenha um conjunto de competências que o mercado exige, você não precisa fazer muito esforço. Na Educação Física, vejo muita limitação: de laboratório, de corpo docente, de pesquisa... a gente não tem mais bolsa de pesquisa. A culpa é dos docentes que não submetem projetos a Capes, CNPq... A gente não tinha projeto de pesquisa, não tinha iniciação científica. Quando tentei me inserir na Enfermagem, fiquei como voluntária... não tinha nem direito a ser

vista como monitora mesmo. É uma obrigação da universidade estimular a pesquisa.

A estrutura do CCS melhorou com a reforma, mas as condições gerais do curso, como Nair apontou, ainda deixaram a desejar, como se pode verificar nos argumentos da jovem. Ao contrário da faculdade de Educação Física e suas faltas apontadas, Nair diz que a Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia¹⁶², que foi onde se formou como sanitarista e residente, tem metodologias abertas e profissionais bem acolhedores, lhe proporcionando um importante estágio para sua formação.

Após uma prova bem difícil, ela ingressou no mestrado em Saúde Coletiva da UERJ, e seu desafio foi aproveitar todas as oportunidades. Ela diz que é uma universidade onde os estudantes têm um mundo de coisas a seu favor: ensino, extensão, pesquisa e apoio. Sentiu-se muito acolhida e com o suporte necessário para passar o dia na universidade, coisa que não tinha sido possível na graduação na UVA¹⁶³. Mesmo a UERJ passando por momento de crise séria, como cita Nair: “[...] sem água, sem segurança, sem iluminação, funcionários sem receber pagamento por oito meses. a diversidade de práticas oportuniza coisas que não vi nos outros espaços. A disponibilidade dos professores, a abertura que dão para o desenvolvimento dos discentes...”. Nair registra suas impressões sobre a relação de apoio que recebeu do seu programa de pós-graduação na UERJ, e como foi importante para o seu alargamento formativo.

¹⁶² Inaugurada em 2001, a Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia, em Sobral (CE), tem como foco prioritário a qualificação dos trabalhadores da saúde vinculados ao Sistema Municipal de Saúde de Sobral. Constitui-se enquanto um espaço institucional que “acolhe, planeja, organiza, desenvolve tecnologias e dissemina ações educativas em Saúde”. Visa, entre outros aspectos, fortalecer o SUS, a partir da estratégia de educação permanente e contextualizada em Saúde. Insere-se na perspectiva de uma escola cidadã concebida por Gadotti (2006) na medida em que é pública quanto à sua clientela (é de todos e para todos), estatal quanto a sua fonte financiadora e democrática quanto ao seu modelo de gestão. Realiza atividades nas modalidades presenciais, semipresenciais e Educação à Distância, das quais se destacam: ações sistemáticas de educação permanente em saúde, apoio pedagógico e institucional nos territórios da Estratégia da Família, ações de educação popular em saúde, cursos técnicos e pós técnicos, programas de residência multiprofissional em saúde e programas de residências médicas. Desenvolve, ainda, atividades de integração ensino serviço e comunidade e regula a oferta de estágios que tenham como locus o Sistema de Saúde de Sobral. No campo da pesquisa, a EFSFVS atua no apoio e realização de pesquisas no âmbito do sistema local de saúde, bem como promove a disseminação de práticas e estudos científicos, por meio da Revista Sanare. É responsável, ainda, pelo Núcleo de Evidências em Saúde, fomentando o uso de evidências científicas no desenvolvimento e implementação das ações e projetos para a saúde. <http://redescola.ensp.fiocruz.br/escola-de-formacao-em-saude-da-familia-visconde-de-saboia>

¹⁶³ Em 14 de julho de 2017, às vésperas da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) completar 50 anos de atividades, foi entregue à comunidade acadêmica o Restaurante Universitário pelo governador Camilo Santana. “Esta é a obra mais importante realizada na UVA, desde sua fundação”, afirma o Reitor Fabianno Cavalcante de Carvalho, informando que ela foi construída pelo Governo do Estado do Ceará. O RU vai atender a cerca de 9 mil alunos de 26 cursos de graduação, 02 cursos de mestrado acadêmico e 02 cursos de mestrado profissional, além de professores e funcionários (servidores e terceirizados). É uma reivindicação de mais de 20 anos dos estudantes, com importância central enquanto ação de Assistência Estudantil, beneficiando diretamente os alunos que, diariamente, se deslocam de outros municípios para Sobral. <https://www.sct.ce.gov.br/2017/07/13/uva-inaugura-restaurante-universitario/>

Obviamente, a jovem está fazendo comparações entre a experiência de graduanda com a de pós-graduanda (duas etapas de formação distintas) entre duas universidades com realidades completamente diferentes. A UERJ, fundada em 1930, é uma das maiores e mais prestigiadas do país e da América Latina, localizada numa das cidades mais importantes, político e economicamente, do Brasil. Enquanto que, em comparação a UERJ, a UVA é uma universidade pequena, fundada em 1968, quase 40 anos depois, localizada numa cidade interiorana de médio porte na região Nordeste do país. Meus argumentos não são para justificar as disparidades de condições entre estas instituições, mas constituem elementos para uma análise de fatos.

Como IES públicas, ambas deveriam oferecer iguais condições de excelência na formação de seus discentes e na produção de conhecimento. Entretanto, é impossível desconsiderar o peso da tradição, de construção histórica de desigualdade de investimento, de uma cultura política de favorecer o centro em detrimento do desenvolvimento da periferia, que eu e a interlocutora Nair desejamos que seja superado. Além disso, a jovem está relatando sobre sua experiência no seu curso de Educação Física, que não reflete exatamente a realidade de todos os demais. Há cursos muito bons na UVA, inclusive, vale lembrar que, com exceção de Assis, todos os demais sujeitos pesquisados são egressos da graduação nesta universidade e, dois deles – Joana e João. -, fizeram o mestrado acadêmico nesta instituição. Daí a importância de trazer para a discussão a descentralização do ensino superior, fortalecendo as universidades públicas em todo o território nacional.

Nair também elucida um ponto importantíssimo quando diz: “[...] lá (UERJ) pude estudar mais. Se tivesse feito o mestrado em Sobral, ia querer trabalhar, não iria vivenciar a pós-graduação como deveria. Lá só estudei, tô só com a bolsa”. Por isso, enfatiza nesta fase de sua formação a produção de conhecimento para compensar suas vivências anteriores com o que ela define de: “prática excessiva e pragmatismo inoperante. Você só faz, faz, e às vezes acaba tendo uma prática alienada, nem reflete o que tá fazendo, que via muito isso no meu trabalho”. À época desta fala (2017), a jovem ainda estava terminando o mestrado e vivenciando sua primeira experiência de ser exclusivamente estudante/pesquisadora.

3.2.4.7 Nair por ela mesmo

Nair acredita que todas as suas vivências tiveram sua importância de grau e intensidades diferentes – as boas e as ruins – e foram necessárias para sua construção como pessoa total. Considera-se, hoje, uma pessoa melhor, mais madura, e acrescenta:

[...] cada vez mais faço esse diagnóstico, vejo que preciso ainda saber muito de outras coisas. Chego na pós-graduação e percebo que sou muito limitada. Aí volto pro início, de querer me tornar aquela profissional qualificada de quando decidi ser educadora física. Vejo com esses vários anos na pós-graduação, que é tão intensa e extensa, falta não terminar e digo “ai meu Deus, quando terminar a pós graduação vou tá bem velhinha”, porque são quatro anos de doutorado, dois de mestrado, aí não sei quantos de faculdade que já fiz, ainda termino e acho assim “gente, não sei de nada”.

Nair confessa ser uma pessoa muito desejosa, com algumas metas já realizadas, com outras para alcançar e acha que foi se acostumando a querer mais. Ela diz que isso, só aumenta a responsabilidade individual e coletiva no desenvolve da pesquisa, na intervenção com o outro, no exercício da profissão.

A jovem faz um balanço sobre as mudanças que agregaram sua percepção de mundo e os ganhos subjetivos que teve na sua jornada acadêmica e pessoal. Ela se considera hoje uma pessoa mais aberta e acolhedora aos que pensam diferente dela, e explica:

[...] eu era uma pessoa muito intolerante, não intolerância étnica, racial, mas de perceber a diferença do outro...e aprendi a lidar sem querer que ele seja igual a mim. Acho que aprendi a ser mais tolerante com a vida, não ser tão bitolada nas coisas, de cobrar tanto do outro, e de não me cobrar tanto. A vida é muito curta, a gente quer fazer muita coisa, mas tem que viver intensamente. Outra coisa, sempre fui muito racional, nunca quis usar minha emoção, sempre fui uma pessoa que quis ser muito forte para tudo, pra nunca querer deixar me permitir envolver em nenhum processo. E alguns processos eu não quis me envolver, mas eles me envolveram, me transformaram, me tornaram uma pessoa mais sensível, porque sempre coloquei a razão para não me afetar, não é nem me sensibilizar com o outro não. Sempre fui uma pessoa sensível com o outro, mas percebi que pra ser educadora física, uma pesquisadora, preciso ser muito mais sensível, se não às vezes não consigo responder as minhas perguntas, não consigo responder uma doença que o paciente traz. Mudo isso de não querer ser tão racional assim, ser sempre forte, de não querer me afetar com as coisas. Quero florir mais a minha sensibilidade. Tinha muita dificuldade de ser sensível às vezes comigo mesmo, de me permitir viver momentos. Sou uma pessoa muito rígida com as coisas, com as pessoas, com os processos. E hoje levo a vida mais tranquilamente. Já mudei um pouco minha personalidade, sendo mais flexível com as coisas que nem tudo vai ser como a gente quer, nem no tempo que a gente quer. A gente entra no processo, mas nunca sai o mesmo.

Nair atribui essas mudanças a algumas situações que ela não desejou propriamente, mas que foram necessárias e proporcionou transformações. Ela aponta a contribuição de professores, orientadores, as experiências de aprendizados, os contextos e episódios de tensão que também balançaram suas convicções, e abriram novos olhares.

Sua relação com a família é de profunda ligação e o primeiro desafio foi sair de casa e se desprender. Ela acha que estava mais presa do que sua própria família. Conta que sua mãe sempre dizia, “vai mulher, vai embora. Quer ir? Vai, vai fazer o que eu nunca fiz”. Ressalta que

sua mãe sempre lhe deu muita força, e ela respondia a mãe: “ah, não quero ir... não quero deixar a senhora”. A jovem pensou em fazer tudo - estudar, trabalhar - mas sempre conciliar com a família. Ela argumenta que sempre pensa: “a vida é muito curta, preciso tá presente nos momentos que são fundamentais na vida da minha família, quero sempre acompanhar, muito embora tenha outras metas que são minhas, que preciso viver também”. Sua família acabou vendo sua coragem de desapegar. Percebe que sua mãe não via muita dificuldade e já sabia que ela deveria ir, mesmo que a filha sofresse, mas que daria tudo certo. Ela diz que: “[...] as coisas foram se encaixando. Eles viram a mudança de crescimento, da minha transformação como pessoa, mas que a essência era a mesma”. A jovem bateu asas, partiu, e depois voltou.

Da comunidade ela sente que o retorno se dá muito nas entrelinhas, na informalidade das relações pela aproximação que teve ao desenvolver um projeto social, e com as ações ganhou muitas amigas idosas, e diz: “[...] são impressões, são trocas, toda a comunidade vive em rede, vive trocando tudo: olhares, sentimentos...”. Percebe que o reconhecimento se dá pela divulgação que estas senhoras fizeram de seu trabalho apreciando e participando assiduamente das atividades. Ela percebe que o principal reconhecimento é quando elas lhe pedem para voltar. Sente-se feliz porque vê que ficou um legado quando cobram um retorno das atividades.

Nair atribui seu crescimento a um coletivo: família, igreja, comunidade, professores e a universidade como um todo. O destaque ela dá a contribuição definitiva de sua mãe, que ela aponta como sua maior e melhor referência de vida. Também cita seus avós maternos como o grande apoio em sua formação, e diz que seu pai também teve sua parcela de contribuição e destaca: “com todas as limitações”. Entretanto, a fala recorrente se reforça ao dizer: “minha mãe plantou a semente e também conseguiu regar”. A relação de mútuo apoio entre mãe e filha perpassa a história de ambas com forte ligação.

3.2.4.8 O seu berço e o destino de Nair

Nair nasceu de uma família que ela diz que há quem diga:

[...] ah, vocês tinham tudo pra não ter uma graduação”. Vem de uma história que não foi tão benquista (sentido de admirada), mas que conseguiu ressignificar muita coisa. Porque muito do que a gente é hoje...pensa no passado, mas também a forma como encara os fatos e os acontecimentos que são fortes na sua vida. Numa palavra eu diria, resiliência. Acho que se dependesse de muitos fatos, do contexto de vida que foi muito nebuloso, a gente não teria pelo menos essas coisas que tem agora... a gente não considera muito, mas diante do que a gente passou na vida, dos desafios, das adversidades... já é uma superação, já pode contar que são conquistas, vitórias

que Deus permite que a gente alcance. Minha origem foi permeada por um pouco de tudo...teve muitas dores, muitos conflitos, mas também teve muito desejo de mudança, de ressignificação de vida, de tentativas de não estagnar naquilo que foi dado, que foi colocado.

A jovem acrescenta que ser de uma família simples, com poucos recursos econômicos não é determinante na vida. O que vai ser determinante é o esforço e a persistência para investir no alcance dos sonhos e alteração das condições desfavoráveis. Mais uma vez, ela elege sua mãe como o pilar da casa, e diz: “foi ela que mesmo sendo mulher, uma pessoa que ficou sozinha, na condição de separada, com quatro filhos, praticamente desempregada, conseguiu dar um giro mesmo de superação, e não se permitir viver transtornos psiquiátricos como muitas famílias acabam vivendo”.

Acredito que Nair não observou a ressalva, aparentemente, inconsciente sobre sua mãe quando diz: “mesmo sendo mulher”, seguida de todas as condições desafiantes que sua genitora enfrentou na criação praticamente monoparental da família. É possível que ela se refira as dificuldades de conduzir uma família unilateralmente com todas as responsabilidades que se tem que arcar, somadas as complicações de se viver numa estrutura social patriarcal, em que o masculino, tradicionalmente, se sobrepõe ao feminino e demais gêneros.

Sobre seu destino, Nair confessa ainda querer fazer muitas coisas. Ela alveja algumas metas, tais como - ser doutora, ser professora concursada no ensino superior, ser uma pesquisadora e desenvolver um projeto social na comunidade taperuabense. Também está no seu radar viajar para o exterior e aperfeiçoar seu inglês, ainda que não consiga prever quando, mas reafirma seu desejo. Por fim, ela deseja construir uma trajetória acadêmica inspirada em referências importantes que teve na pós-graduação traçando um perfil de docente diferente, a partir dos enfrentamentos que já teve. Ela diz que a longo prazo pretende desenvolver um projeto social com caráter assistencialista para alguma comunidade, e diz: “Tenho muitos projetos pra vida”. Ela tem propósitos particulares, mas diz sentir necessidade de dar retorno para as pessoas que vivem em condições muito vulneráveis.

A jovem se percebe uma pessoa cheia de sonhos, que acredita muito na vida, nas possibilidades de viver, independente daqueles que desacreditaram nela. Nair acredita no potencial das pessoas, na transformação e na superação de pessoas vindos de contextos adversos. Sua fé e esperança se devem as descobertas de possibilidades que fez na própria vida. Ela fala sobre seu aprendizado em não fazer ajuizamentos precipitados, passando a olhar o outro no seu melhor, mesmo identificando divergências de afinidades. A jovem conta como uma conquista ter entendido o respeito como um ponto que precisa imperar nas interações. Que o

diálogo e a convivência sejam preservados para que todos usufruam daquilo que aproxima as pessoas.

Ela pontua que o mestrado e o doutorado, embora sejam projetos e conquistas de vida, não podem se sobrepor aos saberes que ela tanto valoriza nas pessoas comuns, a exemplo da sabedoria que porta sua avó e das tantas pessoas que tiveram outras experiências. Ela enfatiza que precisa respeitar a história das pessoas que não tiveram a oportunidade que ela teve e que o seu cabedal acadêmico não é melhor que os demais saberes, é apenas diferente. Sua escolha por um projeto de vida acadêmico é fruto de uma admiração pela educação e pelos que fazem desse processo um legado para a ciência e para a comunidade.

Em 2018, a jovem foi aprovada na seleção para professora substituta no curso de Educação Física da UECE, lecionando até janeiro de 2021. No final de 2019, NAIR faz a seleção e é aprovada para doutorado em Saúde Coletiva pela UECE, iniciando em 2020. Atualmente Nair reside com sua mãe em Taparuaba e está vivenciando a maternidade com um bebê de 06 meses, conciliando com o segundo ano do doutorado e está radiante com este momento sublime – professora/pesquisadora, doutoranda e mãe da Ana Íris.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DESENHOS NARRATIVOS SOCIOLÓGICOS DOS SUJEITOS E DA AQUISIÇÃO DE SEUS CAPITAIS

4. 1. Pontos comuns das histórias de vida dos sujeitos

Neste capítulo, como já mencionado, farei a análise dos desenhos narrativos sociológicos e a discussão sobre a posse e aquisição dos capitais bourdieusianos. Início discutindo os pontos de aproximação entre eles que atravessam suas trajetórias. Todos falaram sobre suas origens permeadas de dificuldades, os obstáculos superados e as conquistas alcançadas. Contudo, me chamou atenção como, através da “entrevista compreensiva” (FERREIRA,2014), eles manifestaram a disponibilidade para fazer revisões de vida e compartilhar, também, suas fragilidades. No relato dos episódios eles não se furtaram de identificar, reconhecer e expor seus equívocos e vulnerabilidades. Mais que ostentar vitórias pessoais, eles expõem os reveses e as frustrações que tiveram no percurso e concebem muitas das adversidades que enfrentaram como ocasiões de aprendizados, sem as quais não teriam se fortalecido e se preparado para batalhas mais difíceis. Eles mostram muito respeito pelas lutas que travaram, os limites com que se depararam e as possibilidades que encontraram.

Conterrâneos de um pequeno distrito como Taparuaba, eles foram contemporâneos, ou como colegas de escola, ou na relação estudante e professor. É possível perceber que, em algum momento, os sujeitos citam uns aos outros pelas contribuições que receberam destes pares. No nível micro - na história singular dos indivíduos, na constituição das suas subjetividades - eles se encontram na vida cotidiana, e, não raro, são personagens de referência uns para os outros. Eles foram afetados e se afetando pela perspectiva de que a educação é um valor a ser cultivado e essa crença impulsionou visões de mundo e projetos de futuro mais ousados e arrojados para aquela realidade. As histórias deles se cruzam, eles fazem parte de uma rede de apoio e incentivos que se fortalece na comunidade taparuabense.

Um dos principais pontos comuns que os aproxima foi terem estado na condição de estudantes trabalhadores. O trabalho precoce, ainda na infância, é uma situação quase geral para os indivíduos pertencentes às camadas mais empobrecidas. É difícil estabelecer um marco inicial de entrada no mundo do trabalho neste grupo. A informalidade e a necessidade premente de compor uma renda familiar ou aliviar o peso da exploração dos tipos de trabalhos impostos às famílias mais pobres, faz com que a vida privada se confunda com a instância do trabalho fazendo com que todos contribuam, inclusive, as crianças.

Em alguns casos, especialmente dos rapazes (João., Lavoisier e Assis), a opção de maior dedicação pelo estudo foi visto como uma fuga do trabalho rural. Eles tiveram que lutar contra a descrença de algumas pessoas do grupo de convívio, driblando as acusações de falta de disposição para o trabalho e compromisso com a família, algo difícil de administrar, sobretudo, para uma criança. Preguiça é uma ofensa grave e constrangedora no universo dos mais pobres onde tanto se valoriza o trabalho, principalmente, de subsistência. Manterem-se firmes e resilientes até que se alcançasse o retorno para compensar este tempo e a relativa dispensa que os pais lhe concederam para investir em educação escolar, foi um peso difícil de manter.

Para as moças, o trabalho doméstico e os cuidados com irmã(os), pais, avós e outros parentes são tarefas árduas, invisibilizadas e concebidas como meras obrigações femininas. Além do trabalho com o bordado e outras atividades informais, parece ter pesado mais sobre elas a responsabilidade com a família. Arrimo, colaboradoras e/ou condutoras dos rumos do grupo, elas recebem a função de cuidadoras e/ou esperam delas um apoio maior ou permanente em relação a família, sobretudo, com relação aos pais e os(as) filhos(as). Inclusive, comparadas aos rapazes, elas demoraram mais a prosseguir para a pós-graduação por razões de suprimento as necessidades e compromissos familiares.

Nas camadas populares, para os que tem acesso à escola, o desafio é conciliar com o trabalho. Na realidade destes sujeitos, estudar e trabalhar foram condições indissociáveis. O trabalho era inegociável. Estudar foi um privilégio. O desafio era e é cotidiano, fazendo com que o tempo seja sempre um recurso escasso e as energias vitais sejam divididas entre atividades laborais e escolares. A combinação entre estas duas instâncias é uma constante penosa que compromete muito o rendimento de aprendizagem. Todos(as) lamentam as perdas que tiveram no seu desempenho acadêmico, assim como, destacam os ganhos que deixaram de ter se pudessem ter se dedicado apenas a escola e a universidade.

Por isso as políticas públicas com bolsas para pesquisa e estágios são tão importantes para garantir a inserção, permanência, desempenho e conclusão na formação acadêmica, dos(as) mais empobrecidos(as), sobretudo, dos(as) que não dispõem de outros meios de sustento. A concessão das bolsas de fomento à pesquisa e demanda social para a formação de recursos humanos e desenvolvimento científico e tecnológico foram cruciais na trajetória dos indivíduos aqui pesquisado, assim como no percurso formativo de milhares de outros(as) estudantes em todo o país. Estas bolsas não representaram apenas um apoio a formação destes sujeitos, em alguns casos, significou a única renda possível para custear a vida no percurso acadêmico. À

exceção de Joana (professora efetiva da rede pública) e Assis que ainda não se inseriu na pós-graduação *stricto sensu*, todos os demais foram contemplados com bolsas.

Quanto as famílias, o que verificou-se, na variação da postura e atuação de alguns membros, foi a negligência de uns e o suporte de outros. Na maioria dos casos, a mãe é a figura mais presente e apoiadora, mas também se verificou a figura paterna de alguns sujeitos com relevante contribuição. É difícil esperar que uma família que nunca teve contato com o universo escolarizado faça grandes projeções de sua prole em torno da educação, sendo essa uma dimensão tão alheia à sua realidade. Ainda assim, foi verificado, em alguns casos, o acompanhamento escolar, o estímulo a leitura e ao prosseguimento aos estudos por parte de pais, irmãos, outros parentes, parceiros(as) afetivos e amigos(as).

Mais que o investimento financeiro em educação (inviável na realidade deles), o apoio moral e afetivo que os sujeitos pesquisados receberam de seus familiares e grupos de convívio foram os elementos determinantes para prosseguirem. É difícil mensurar estes suportes manifestos de forma direta (como a relativa dispensa de trabalhos) ou indireta (pelo carinho, a compreensão, o incentivo), mas foram apontados por todos como os fatores definitivos para alcançar seus objetivos acadêmicos. Alguns dizem que a família não motivou, mas dizem que não impediram, e isso é para ser considerado, porque mesmo sem terem intimidade com o investimento educacional, as famílias acreditaram que os filhos estavam fazendo boas escolhas. Eles confiaram na aventura nova que um dos primeiros entes da família resolveu se lançar.

Um elemento que apareceu nas falas dos meninos que nasceram e cresceram na zona mais rural foram alguns relatos do efeito do isolamento social que, inicialmente, se manifestava com timidez e acanhamento profundo que quase interferiu no prosseguimento escolar ou na desenvoltura e engajamento social. Outro fator importante a ser destacado foram os relatos de *bullying* ou outras formas de ofender e coagir física ou psicologicamente, com o propósito de constranger e humilhar. Este fenômeno que não é apenas escolar, mas está presente em quaisquer outros ambientes de concentração de pessoas, especialmente entre crianças e adolescente. Os episódios relatados se manifestaram como formas de discriminação relacionados a aspectos físicos (cor da pele, estatura, peso) e aspectos subjetivos (timidez, por exemplo), assim como o lugar de origem ou fator socioeconômico. Não será possível desdobrar essa discussão aqui, mas vale pensar que as manifestações de quem pratica o *bullying* pode ter estreita relação com os valores e as condutas aprendidas socialmente pelos indivíduos em formação.

Os sujeitos que foram alvos de *bullying* relatam que se apropriar do conhecimento escolar também foi uma maneira de impor respeito perante seus pares e, inclusive, sobre seus

opositores. Sinto, nas falas de todos os interlocutores, como o conhecimento vai se constituindo uma armadura, uma defesa perante os impropérios da vida social. O conhecimento é expresso por eles como instrumento de defesa e de conquista.

A avaliação de que a escola deixou de oferecer uma formação melhor é mencionada por todos estes sujeitos. Contudo eles ressaltam que o que faltou no passado, esta instituição (CBL) tem buscado reverter agora com as novas gerações de estudantes. João diz que: “Dá pra perceber, de uns anos pra cá, que tem uma preparação muito maior pra quem quer fazer faculdade. Há incentivos maiores até do próprio governo. Tinha um cursinho preparatório até pouco tempo”. Entretanto o jovem se ressentia ao dizer:

[...] pra gente era um outro mundo... Quando a gente tava no EF, o EM era como se fosse o teto, era o máximo que se chegava [...] no último ano é que se percebe que não é só ali, que tem algo mais além. Acho que a escola faltou nisso, mas ao mesmo tempo devo isso a ela. Se não tivessem falado (sobre o vestibular), que diria que foi muito mais por parte dos professores [...] que eram oriundos de experiências acadêmicas, os mais recentes...acho que a **mudança de professores foi algo impactante na escola. Porque os professores que estavam na faculdade chegavam motivados com novas ideias.** A maioria deles ainda estavam cursando...a Penha chegava a trazer materiais, como resumos que conseguia na escola particular para reforçar...**Nisso a escola ajudou pelo menos a gente a saber que existia [universidade]... e lançava: agora é com vocês.**

Outro ponto comum ao grupo trata-se dos relatos das experiências nos vestibulares que são sempre destacados a sensação de insegurança e desconforto. João diz como se sentiu no primeiro vestibular: “Quando fui fazer a prova tinha ido a Sobral umas três vezes na vida, no máximo [...], só ir já era um desafio”. Este é só um dos fatores que demonstra o quão distante é o distrito da sede, não só geograficamente, mas em termos de realidade. Nair chegou a dizer que: “nas provas sentia que as minhas bases não estavam fortalecidas”. Ao longo do trabalho, a maioria narrou como estes processos seletivos lhes causaram sentimentos de inferioridade frente aos concorrentes de escolas particulares identificados pelas camisetas com dizeres intimidadores. Eles faziam as provas com a sensação de despreparo por saberem que as bagagens que portavam eram um tanto insuficientes para este tipo de avaliação.

A injusta disparidade de quem é oriundo da escola pública versus a escola privada é um elemento apontado por todos. O grupo considera que além do ensino privado atender um público que não padece das condições das desvantagens socioeconômicas das quais eles vieram, o que mais incomoda é que nestas instituições particulares há muito mais investimento material, pedagógico, com uma exigência de profissionais muito preparados e uma boa estrutura. Julgam

que isto garante bons resultados que são mensuráveis e, principalmente, exibidos pelos rankings de aprovações nos vestibulares e, agora, ENEM, também.

Mesmo que reconheçam as melhorias no ensino público da rede estadual no Ceará, especialmente em alguns de seus municípios, como é o caso de Sobral, a discussão da qualidade é muito mais profunda para ambos os casos, o ensino público e o privado também. Maria acrescenta que o ensino, hoje, tem se voltado para atingir resultados quantitativos e tem cada vez mais se tornado refém das avaliações em larga escala, priorizando os conteúdos em detrimento da formação mais integral e abrangente dos estudantes, e que tal reducionismo pedagógico implica em prejuízos para as novas gerações.

Mesmo reconhecendo a contribuição indispensável que receberam da escola pública, eles expõem seus desapontamentos e insatisfações com a formação que receberam desta instituição. Em diferentes graus, todos trouxeram a tona as fragilidades do ensino público e as restrições na possibilidade de escolher a formação superior e carreira profissional para prosseguir. Lavoisier traz sua inquietação a este respeito:

[...] depois que entrei no ensino superior, até um pouco antes, via a escola em si...com um certo pesar, porque não ofertava tudo que a gente necessitava. Quem vem do ensino público brasileiro, tem uma defasagem imensa. Se você comparar a mesma série de uma escola particular, a defasagem é muito grande. Você sai despreparado, tenta fazer o seu melhor, mas sai vários degraus atrás. **É uma corrida injusta. Tanto que nunca nem tinha ambições de fazer...sem lá, uma Medicina, uma Enfermagem ou Direito...eu não era rico.** Não tinha ENEM. E esses são cursos de rico. Então, nunca nem me interessei, além de não me adequar... achar que não me adequava a esses cursos.

Lavoisier fala como se sente quanto a impossibilidade de pretender ingressar nos ditos “cursos de elite” quando se é oriundo das classes populares. Nesta perspectiva, pensar em termos de identificação, afinidade e vocação em determinadas áreas do conhecimento é, no mínimo, ingênuo para a maioria daqueles que não são parte das classes favorecidas. Embora seja uma realidade corriqueira, ter consciência e constatar que os rumos da vida estão submetidos a origem de classe é uma inquietação nos relatos deles. Percebo na contundente fala de João quando, ao discorrer sobre suas experiências de trabalho, lhe questiono sobre que profissão teria se pudesse escolher e ele me responde:

Nunca fui de planejar o futuro...até porque meus pais sempre foram pobres...**sempre digo que pobre não tem o direito de escolher. A gente meio que vai vivendo, vai aproveitando as oportunidades...**Mas, no momento, já alcancei o mestrado, e agora o que mais almejo é o doutorado (à época ainda não tinha sido aprovado). Sempre quis trabalhar na área de ciências, desenvolver pesquisa e me identifiquei com isso. Ao mesmo tempo,

eu gostaria também de ter contato com sala de aula, talvez no ensino superior...seria algo que me satisfaria.

Apesar da precariedade que ainda permeia a educação pública, os sujeitos da pesquisa foram afetados pelo “efeito escola”. Mesmo com todas as ressalvas que fazem pelas insuficiências que a escola deixou, no final das contas, todos eles fizeram um balanço positivo. Destacaram as contribuições dadas pelos professores mais comprometidos, especialmente os recém-formados com práticas pedagógicas renovadas fizeram toda diferença no envolvimento dos discentes e nos seus aprendizados ao trazerem uma visão de mundo mais alargada e a motivação ao ingresso na universidade. A presença marcante de alguns professores(as) que acreditaram neles e lhes fizeram se sentir seduzidos pelo saber instigou o prosseguimento aos estudos. Só se contagia de paixão aos outros, quando se está apaixonado pela ideia. Educadores(as) obstinados(as) em disseminar a busca pelo conhecimento, despertam em seus educandos o desejo em aprender.

Foram esses tipos de professores motivadores que impactaram na trajetória dos sujeitos da pesquisa. Profissionais que geraram valor nos rituais do magistério, não pela ortodoxia, mas exatamente por inverterem a lógica da escola pública tão massacrada pela crença histórica no fracasso escolar dos mais pobres ou no conformismo arraigado. Eles quebraram os paradigmas, fazendo com que seus alunos pudessem ir mais longe, fazendo com que persistissem por caminhos que lhes foram negados por tantas gerações que lhes antecederam.

Professores parceiros e apoiadores provocaram intensas e imensas transformações internas nos projetos de vida desses estudantes e deixaram legados que, talvez, nem tenham dimensão do quanto foram importantes na vida dessas e de outras tantas pessoas. Assim como, outras pessoas do seu convívio cotidiano que tiveram uma vivência próxima do universo escolarizado ou que tiveram a educação como um valor, fizeram a diferença. Os sujeitos pesquisados não são seres excepcionais. Não trabalho com essa perspectiva, mas eles, cada um com seu diferencial, com sua singularidade, recebeu essa semente. Esses sujeitos se fizeram terrenos férteis para serem semeados. Alguns mais que outros tiveram a seu favor as condições propícias para ir mais longe. É o caso dos mais novos que foram contemplados com políticas públicas indispensáveis nessa jornada, como as bolsas de estudo, por exemplo, sem as quais não seria possível a realização na jornada de dedicação aos estudos e, sobretudo, à pesquisa.

Por extensão, o “efeito comunidade” foi sendo disseminado ao longo das duas últimas décadas e tem criado um movimento no distrito de Taperuaba pela busca de prosseguimento aos estudos. Os taperuabenses concebem a educação como um patrimônio a ser cultivado. Há

uma onda contagiante entre os jovens num estímulo que se retroalimenta. Já concebem o ingresso ao ensino superior como algo esperado, tem sido um fluxo cada vez mais recorrente para o trajeto dos jovens egressos do ensino médio no distrito. Quanto mais aprovados nas seleções para entrar na universidade, mais adesão se consegue de outros indivíduos na comunidade que se orgulha dessa marca. A minha escolha em colocar essas histórias em evidência, se dá ao fato de perceber que, além dos interlocutores desta pesquisa, há uma nova geração de taperuabenses na graduação, no mestrado e no doutorado. Outros atores também estão adquirindo e passando a manejar um importante elemento: o capital cultural institucionalizado.

A universidade é colocada pelos sujeitos pesquisados como um dos principais pontos de virada de suas definições de vida. Um espaço, por excelência, de troca e produção de conhecimentos, que impactou a maneira de ver, de ser e estar no mundo destes indivíduos. Eles também destacam aqui os professores orientadores que, muitas vezes, tiveram atuações que extrapolavam a orientação da pesquisa, mas se estendia ao forte incentivo acadêmico e profissional.

As políticas públicas de educação com a criação e expansão de programas de pós-graduação, com a concessão de bolsas, sem qual não seria possível se dedicar aos estudos pós-graduados e a realização de uma pesquisa, possibilitou com que muitos indivíduos das classes populares vivenciassem uma experiência de formação que agregou valor pessoal e, ao mesmo tempo, tem contribuído para o fortalecimento da pesquisa e o desenvolvimento regional.

Taparuaba está localizada num perímetro de isolamento em relação a sede (Sobral), a capital e a outras cidades. A distância geográfica, o difícil acesso e o tempo despendido na estrada e o deslocamento repetitivo, também foi mencionado como um desafio desgastante por todos os sujeitos da pesquisa. O distanciamento restringiu, sobremaneira, a todos os que não puderam explorar mais a universidade e viver as possibilidades que a cidade podia oferecer, inclusive, uma melhor qualidade do uso do tempo para estudo e descanso, por exemplo, para nem falar em outros aspectos, tais como: a participação na vida cultural da cidade.

No entanto, paradoxalmente, a estrada que separava, distanciava e desgastava tempo e energia, também se fez ponte por onde estes sujeitos transitaram e fizeram transitar consigo as ideias e outras perspectivas de vida. Essa possibilidade de se deslocar, inicialmente para a graduação em Sobral, posteriormente impulsionou os sujeitos para lugares mais distantes para o mestrado, o doutorado e para os eventos acadêmicos noutras regiões do país e até no exterior. Deslocar-se e conhecer outros lugares, forçou-os a sair da zona de segurança e agregar novos

elementos e valores. Todos os sujeitos experimentaram algum impacto na sua constituição, na maneira de ver o mundo e de encarar a vida proporcionada pelo ato de viajar.

A primeira viagem que estas pessoas fizeram foi pela leitura, principal ferramenta da maioria deles para alcançar a inserção escolar e acadêmica e, sobretudo, o exercício imaginativo. Foi ativada, neles, a capacidade de sonhar e de traçar planos e propósitos para além de seus contextos concretos. Junto a educadores e colegas que foram se lançando a outros caminhos, fizeram com que se inspirassem também a se lançar a outros percursos. Desta forma, eles passam a vivenciar experiências positivas que, por sua vez, passam incendiar a imaginação e suscitar uma conexão com uma realidade que ainda não estava posta, mas que ao aguçar novos anseios e ambições de vida fizeram a diferença motivando os próximos passos.

A persistência, a renúncia, a necessidade de ignorar as previsões negativas, a necessidade de se superar, de mostrar aos opositores (família ou grupo social inserido) que podiam contrariar as previsões e as baixas expectativas daqueles que duvidaram e desacreditavam deles foi uma combinação importante para alcançarem seus feitos. Algumas pessoas acreditaram neles e plantaram o desejo de prosseguir aprendendo com prazer e como resolução de vida.

Os sujeitos pesquisados tomaram para si o valor da educação e passaram a estimular que outras pessoas também tenham acesso a esse direito, como forma de retribuir o que lhes fizeram. Mais do que buscar se diferenciar pelos títulos, pela qualificação, eles incentivam que outros também busquem o conhecimento como forma de emancipação cidadã. Eles falam da importância da representatividade de terem referências próximas da sua realidade, como professores e outros estudantes da comunidade. Hoje, são eles que disseminam a ideia de que todos têm o direito de continuar estudando, se qualificando, ter boas experiências profissionais e que podem desejar outras coisas, como disse Joana: “quando você já não tá mais gostando dali, porque aquilo ali já deu o que tinha que dar... Então, o ser humano é assim mesmo. Ele precisa desse respiro, dessa mudança”.

A educação é uma forma de sobrevivência mais digna na desigual sociedade que vivemos e tomado pelos interlocutores da pesquisa com uma estratégia de alargar oportunidades profissionais e uma tentativa de inclusão e reconhecimento social. A educação superior tem um valor em si, enquanto riqueza do conhecimento em si, mas é também um consciente investimento em capital social que se pretende acumular para ocupar uma posição mais favorável. De alguma forma, eles também passaram a fazer parte de um tipo de elite - neste caso - intelectual.

A universidade se constituiu, nessas duas últimas décadas, como uma crescente

demanda que se popularizou. As políticas públicas implementadas a nível nacional (macro) despertaram desejos de aprender e de “existir” como se deseja, não necessariamente nesta ordem, via a inclusão acadêmica. Por mais que as políticas educacionais hoje, estejam seriamente comprometidas pelos cortes e sucateamento das instituições superiores, juntamente aos órgãos de fomento da pesquisa e da expansão da ciência, esse ataque vai atrasar o fluxo de desenvolvimento, mas não tem como apagar a experiência que as classes populares tiveram recentemente. A ideia de que os indivíduos das camadas desfavorecidas também podem chegar ao ensino superior foi semeada. Para uma significativa parcela das novas gerações, a universidade não é mais um lugar proibido. A universidade é uma realidade possível.

Pelos relatos dos sujeitos pesquisados, dadas as inconstâncias e inseguranças das suas realidades, eles foram traçando seus planos de futuro no percurso. Eles tinham desejos que foram se rearranjando dentro das possibilidades. Foram construindo projetos de vida por demanda, com características muito peculiares, fugindo um pouco a definição clássica de Schutz (2012) que, embora estes sujeitos tenham tido uma conduta consciente e organizada para atingir fins específicos, com algum objetivo, não era tão predeterminado, dado que eles sujeitos deslizaram nas oportunidades que brotaram ao sabor das ocasionalidades.

Há, nos sujeitos pesquisados, alguns traços de personalidade comum que imprimem uma resistência para suportar privações e adversidades para suplantar os obstáculos. Eles demonstram características de iniciativa, de proatividade e criatividade para encontrar caminhos alternativos e, sobretudo, uma insubordinação ao meio social opressor e escasso. Esse conjunto de elementos constituiu neles um “potencial de enfrentamento”, que possibilitou vislumbrar outros horizontes que transcendem as condições materiais e as limitações postas no contexto em que estavam inseridos.

A constatação acima não se presta à ideia de que são os “méritos” individuais que favorecem histórias de superação como a destes sujeitos. Nem todas as pessoas tem essa predisposição de proatividade para ir além dos muros que estão postos e se sentem desafiados a transpor as realidades limitantes. Como ficam os indivíduos que não tem tais características de resistência e proatividade? O que teria acontecido com os sujeitos em suas histórias particulares se não estivessem dentro dos acontecimentos meso ou macro? A capacidade de agência que os sujeitos têm sobre suas vidas está, também, condicionada as estruturas em que estão inseridos. A capacidade de agência é relativamente limitada, porque há a força das instituições e a capacidade de agência de outros agentes. É uma teia de elementos com forças que estão em constante tensão (GIDDENS, 1994). Através de políticas públicas é possível

oferecer condições para propiciar o desenvolvimento e fomentar alternativas para que todos tenham a oportunidades de alcançarem emancipação pessoal e melhor participação social.

A discussão aqui não é apenas sobre histórias particulares. Os indivíduos não estão sozinhos e independentes no mundo. O contexto histórico social demonstrado no trabalho mostra a força da natureza progressiva governamental do município, estado e União que estabeleceram condições mínimas para que as pessoas fossem constituídas com um pouco mais de oportunidades, por isso puderam construir outros caminhos para si. A conjunção de fatores no nível macro e meso, presentes nas políticas públicas que respingaram na escola e nas adjacências, foi paulatinamente afetando a comunidade e oferecendo meios de cocriarem uma nova realidade.

O presente trabalho não quer apontar o ensino superior como a única ou a melhor alternativa para garantir êxito da vida das pessoas. No entanto, a discussão está empenhada em discutir porque este nível de educação só é oportunizado como caminho e direito exclusivo das classes socioeconomicamente favorecidas. Trago aqui junto as falas dos interlocutores da pesquisa que merece ser discutido o acesso democratizado da ampla riqueza que a universidade oferece para o crescimento da pessoa como um todo, nas muitas dimensões: em termos acadêmico, profissional, pessoal e como cidadão.

O grupo pesquisado demonstra uma tendência altruísta presente em vários momentos das entrevistas e trago aqui uma fala de João bem representativa dos demais que retrata bem essa postura: “[...] a gente chega lá e percebe que é algo que todo mundo deveria ter a oportunidade de fazer”. Sabendo do privilégio de viver essa oportunidade, eles demonstram um senso de coletividade em querer que essa experiência seja vivenciada por outras pessoas.

Em entrevista à revista Nova Escola, Howard Gardner (2009), autor das obras *Cinco mentes para o futuro* e *Estruturas da Mente – A teoria das inteligências múltiplas*, traz uma importante discussão quanto à ética, citando o filósofo norte-americano Ralph Waldo Emerson (1803-1882), que diz: "Não basta ao homem ser inteligente. Mais do que tudo, é preciso ter caráter". Ele ainda acrescenta: "O planeta não vai ser salvo por quem tira notas altas nas provas, mas por aqueles que se importam com ele". Esta discussão também é trazida por Morin (2011), na obra “Sete saberes necessários à educação do futuro” que aponta a antro-po-ética como o desenvolvimento da ética e da autonomia pessoal, que devem ser expressas nas nossas responsabilidades pessoais junto a participação social que compreende as nossas responsabilidades sociais. A perspectiva é que, enquanto indivíduos do gênero humano inseridos na sociedade, nós partilhamos um destino comum.

Os retornos do investimento em educação nem sempre são imediatos. A expectativa de alguns que o trabalho viria imediatamente logo após a conclusão do mestrado esbarrou numa frustração perceptível na fala constrangida de quem alcançou qualificação, mas ainda amarga o desemprego. Há algumas suposições permeando o senso comum em que se levanta a hipótese de que o aumento da procura pela pós-graduação também teria relação direta com a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. A pós-graduação pode ser uma alternativa à desocupação involuntária. Contudo, é precipitado e discriminatório acreditar que, necessariamente, a pós-graduação, para os alunos pobres, representa uma fuga do desemprego ou uma possibilidade de renda através das bolsas. Por que supor que só a burguesia se sente vocacionada à formação estendida, e pobre recorre aos estudos como seguro desemprego? Nos relatos destes sujeitos eles mencionam que, eventualmente, até pode acontecer, mas não por acomodação ou conveniência. Educação e aprendizado também podem ser projetos de vida para as classes menos favorecidas.

É possível que as pessoas busquem trabalho após a graduação, mesmo querendo prosseguir para a pós-graduação, como eles confessam. Para observadores externos, quando não se tem a experiência da escassez de recursos e a necessidade urgente de sobrevivência, é difícil compreender o peso de ter o mínimo de independência financeira para suprir as necessidades mais elementares, como alguns sujeitos pesquisados argumentam. Concluir uma graduação, ansioso por trabalho e renda, não significa não desejar prosseguir para pós-graduação. Assim como, prosseguir para mestrado ou doutorado pode significar algo tão distante que não foi cogitado antes, porque historicamente não lhe foi permitido pensar, e muito menos tentar, como João explica: “não via como algo possível para mim, que pudesse alcançar...sempre vi mestrado, doutorado como algo para quem podia...”. Em geral, nossas escolhas são pensadas a partir do campo de possibilidades no qual estamos inseridos (VELHO, 1997).

A necessidade de encontrar renda nem sempre é uma escolha, mas uma estrada difícil de fugir quando não se tem uma retaguarda econômica. Isso não endossa o discurso de que os empobrecidos usam a pós-graduação como fonte de renda, apenas esse é um caminho estreito que nem sempre coube nos planos dos sujeitos dessa classe social. Daí a importância da motivação contagiante de um referencial significativo para animar, reanimar e impulsionar nesses momentos de suplantação do desânimo e para retomada de rumos.

Dado ao que foi exposto até aqui, podemos elencar alguns pontos comuns que identificam os interlocutores da pesquisa e marcam algumas confluências entre eles:

1. A origem de desprovimento socioeconômico dificultou, mas não impediu que acessassem os processos escolares;
2. As famílias, em sua maioria, com pouca escolaridade e poucos recursos, ofereceram apoio na trajetória escolar dos filhos. Outros personagens, como parentes próximos ou distantes, amigos e companheiros afetivos, também instigaram aos estudos;
3. Efeito escola – mesmo que guardem insatisfações pelo ensino público pelas insuficiências e problemas que identificaram na sua formação, eles ressaltaram as contribuições que receberam, mais especificamente da Escola Cesário Barreto Lima (CBL), que passa a ter nos últimos anos um projeto político pedagógico de incentivo a continuidade dos estudos superiores;
4. Os professores comprometidos com a educação pública, que acreditaram no potencial dos educandos foram apoios definitivos e referenciais significativos para estes estudantes;
5. A dupla jornada trabalho e estudo foi conciliada arduamente mesmo dificultando o desempenho estudantil. Inevitável, este malabarismo fez com que estes indivíduos desenvolvessem outras habilidades, tais como: responsabilidade, resistência, pragmatismo, senso de oportunidade e previdência, capacidade de resolução de problemas e outras tantas experiências diversas;
6. Os processos seletivos (vestibulares, ENEM, concursos, seleção para empregos, provas para mestrado e doutorado) foram desafiadores, mas estes sujeitos não se limitaram e pleitearam seu espaço;
7. Efeito comunidade – Taparuaba criou uma cultura de estudo na comunidade. Eles foram afetados por esta cultura e também afetam outros indivíduos com suas histórias de vida. Uma marca muito presente no grupo pesquisado é o senso de colaboração e apoio entre vários estudantes taparuabenses e outros colegas que fizeram no percurso formativo.
8. As histórias dos sujeitos se cruzam involuntariamente, eles citam uns aos outros nas suas ligações familiares (porque numa localidade pequena quase todo mundo é parente) e a própria dinâmica de comunidade, dentro do contexto escolar cria essa corrente de incentivos para que outros indivíduos de seu grupo social também se aventurem no prolongamento da trajetória escolar e também experimentem a universidade;
9. Sobral representa, para eles, o lugar “educador”, uma cidade universitária que foi o ninho da revoada para novos horizontes;
10. O ato de aprender foi incorporado por eles como descoberta de prazer e como estratégia de compreensão do mundo e inclusão social;

11. A educação institucional passou a ser manejada por eles como forma de autoafirmação. Ingressar no ensino superior, além do propósito de adquirir formação acadêmica e qualificação profissional, também carrega uma expectativa de reconhecimento social. Em diferentes níveis, todos eles relacionam a inserção acadêmica com o sentimento de desafio vencido, como uma forma de, também, provar para os outros e para si mesmos que podem, que são capazes de superar avaliações subestimadas de si;
12. Estudar para estes sujeitos foi um processo de descoberta que criou alternativas para melhorar de patamar de vida;
13. Pelas urgências diárias e poucos recursos para pensarem a longo prazo, os sujeitos da pesquisa foram construindo “projetos de vida artesanais”. Tecidos ao sabor das possibilidades cotidianas, fiados nas brechas de tempo da labuta rotineira, alinhavados no improviso que surgia, eles costuraram seus projetos no caminho para alcançarem seus propósitos;
14. Autocrítica e reconstituição de si – os interlocutores da pesquisa se pensam, se analisam, são exigentes consigo mesmos e se refizeram com frequência nas suas trajetórias escolares;
15. Os interlocutores da pesquisa romperam com paradigmas que foram impostos as pessoas de sua classe social e da sua região. A trajetória acadêmica e profissional que foram construindo representou um despertar extenso destes indivíduos como um todo;
16. Para os sujeitos pesquisados, aprender foi se tornando proteção, emancipação e empoderamento;
17. Para eles, o conhecimento é abrigo, amparo, poder e liberdade;
18. Efeito universidade – este é o ponto mais marcante de definição de rumos na história de vida destes sujeitos. Mais do que a instituição propriamente dita e seus elementos formais e curriculares, a dinâmica que a constitui fomenta maneiras mais perspicazes de perceber, conceber, ver, pensar e estar no mundo. As interações e as trocas de experiências que a realidade acadêmica proporciona vão para além da aquisição de conteúdos formais. Abaixo, João traz uma fala que contempla e retrata bem o que demais interlocutores da pesquisa manifestaram ao longo da pesquisa do que a universidade representou para eles:

Acho que você consegue ter uma visão maior e uma noção melhor das coisas, consegue ter uma opinião...especialmente através de leituras. Não só em termos de conhecimento, mas em termos de vivência mesmo. Você ganha muito conhecendo pessoas diferentes, vai ter oportunidade de viajar... são muitas portas que se abrem. Converso com todos que tenho contato e digo: **“vá, não por você achar que vai sair dali com emprego, que você vai ser**

uma pessoa rica. Não vá com esse pensamento, porque isso não vai acontecer. Vá com o pensamento de que você vai ganhar em termos de vida, de conhecimento, de vivência... Digo: “vivencie a universidade e aproveite o mundo que se abre ali” [sorrir].

4.2. Uma leitura bourdieusiana da aquisição de capitais dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa, como jogadores (BOURDIEU, 2011a), lançaram mão das estratégias possíveis para se movimentarem no campo acadêmico/profissional e para buscar angariar capitais¹⁶⁴. Ao longo de seus percursos de vida se submeteram a rotinas autônomas de estudos, sem muitos recursos e com modesto acompanhamento pedagógico ou familiar, eles pagaram seus investimentos em estudos pessoais com seus corpos cansados de jornadas de trabalho e com seu tempo apertado. Eles romperam com o *habitus* predominante do seu meio, e se alçaram à aventura de novos desafios. Um *habitus* só é quebrado, agregado e hibridizado com o despertar de outras disposições (SETTON, 2002), e foi isso que lhes possibilitou acessar e transitar em outros espaços sociais, e articular outras experiências de vida.

O contato destes estudantes com novos elementos da macro e meso estruturas provocou inquietudes com as realidades adversas da qual vieram. Algo entrou em colapso e interrompeu o *habitus* da criança agricultora, vaqueira, bordadeira, executora de atividades mais manuais. Uma nova arquitetura de fortalecimento e instauração de um *habitus* intelectual foi agregado e criou outros dispositivos, distendeu e desenvolveu um *habitus* secundário ou híbrido, até então, com pouca ou nenhuma vigência. É possível verificar hoje nessas pessoas, não necessariamente, a superação do *habitus* da criança com habilidades manuais, mas outros elementos passaram a constituirlos, tais como: a adesão à leitura regular, ao *ethos* de pesquisador, a visão crítica, o espírito de viajante desbravando outros lugares, e outras experiências jamais cogitadas em suas versões de estudantes secundaristas, dentre outras coisas.

Como qualquer instância pedagógica é a inculcação de um *habitus*, o processo de escolarização, atravessado por diversos fatores sociais (necessidade, desigualdade e exclusão social), que imprimiu nestes jovens pesquisados, de alguma maneira, a lógica de funcionamento do campo acadêmico, fazendo-os compreender que cabe nessa conjuntura a analogia de um jogo de disputa acirrada. A estratégia mais evidente é a busca constante de cultivação de um senso do jogo, embora Bourdieu (2011e, p. 109) advirta:

[...] o processo de autonomização, são, caso se possa dizer, jogos em si e não para si, não se entra no jogo mediante um ato de consciência, se nasce no jogo,

¹⁶⁴ capitais bourdieusianos - econômico, cultural, social, simbólico.

com o jogo, e a relação de crença, de *illusio*, de investimento é tanto mais total, incondicional, quanto ela se ignora como tal. A frase de Claudel, ‘conhecer é nascer com’, aplica-se perfeitamente bem aqui, é o longo processo dialético, muitas vezes descrito como ‘vocação’, pelo qual ‘alguém se faz’ aquilo pelo que se é feito e se ‘escolhe’ aquilo pelo que se    ‘escolhido’ [...].

Assim, os sujeitos pesquisados num ato meio de contravenção contra o próprio Bourdieu, considerando que eles “não nasceram no jogo, com o jogo”, sem um ato consciente, mas intuitivo, seguem, procurando cultivar uma *illusio* intelectual que consiste mais do que o investimento no jogo, mais que a adesão aos pressupostos e crenças do jogo; requer destreza, e ter interesse intrínseco pelo jogo. A *illusio* consiste na total relação de imersão, é estar instaurado dentro da lógica do jogo, é viver confortável e desenvoltamente o jogo.

É preciso gostar, ter prazer em jogar para se obter bons desempenhos. O que percebi na fala e nas trajetórias dos pesquisados é que eles já estão completamente impregnados no “jogo”. Assim, eles seguem na luta pela captação dos capitais: econômico, social, cultural e simbólico, procurando, muito mais do que acumular e multiplicar estes capitais, mas, sobretudo, se firmarem e serem valorizados socialmente.    insuportável lidar com o esquecimento, a desvalorização, e, mesmo, a invisibilidade do anonimato existencial, por isso, se referem a luta para “ser alguém na vida”.

4.3 Conhecendo os capitais bourdieusianos dos sujeitos da pesquisa

Bonnewitz (2003, p. 53) esclarece que a noção de capital em Bourdieu está ligada ao aspecto econômico porque    possível identificar nela as propriedades reconhecidas do capital: a possibilidade de “acumulação por meios de investimentos, transmite-se pela herança, permite extrair lucros segundo a oportunidade que seu detentor tiver de operar as aplicações mais rentáveis”. Dessa forma, o conceito tem uma abordagem que extrapola a dimensão econômica. A partir desta perspectiva mais ampla, Bourdieu desenvolve quatro tipos de capitais: o econômico, o social, o simbólico e o cultural.

4.3.1 Capital econômico

Bourdieu (2011a) analisa os prováveis percursos que os indivíduos ter  o a partir da bagagem de capitais socialmente herdada na sua trajetória de vida. A composição dessa herança

se faz pela aquisição, posse e manuseio de determinados elementos, alguns objetivos e externos ao indivíduo, como o capital econômico, que corresponde ao acesso a bens e serviços.

Se considerarmos a realidade socioeconômica em que os pesquisados nasceram e a sua origem familiar, fica evidente o agudo desprovisionamento do capital econômico, pelo menos na maior parte de suas vidas. Estes sujeitos experimentaram, especialmente na infância e adolescência, contextos difíceis e carências de bens e serviços básicos, maior para alguns que para outros, tais como: moradia digna, saneamento básico, atendimento médico, alimentação suficiente ou adequada, transporte e acesso escolar inicial, dentre outras adversidades familiares ou sociais enfrentadas. Nos relatos biográficos são demonstradas as constatações das escassezes ou insuficiência de capital econômico, expresso no que se avalia significativos bens materiais e renda considerável para a constituição de patrimônio, tais como: imóveis, propriedades, posses de diversas naturezas, renda que proporcione conforto ou investimentos de retorno financeiro, etc.

Como já mencionei, ao longo do trabalho, considerando as oito pessoas pesquisadas, apenas uma narrou que, na infância, a família experimentou situação financeira apazível, que garantia vida digna e conforto. Na sua pré-adolescência, por questões de doença do membro provedor, o desemprego afetou a situação financeira que abateu toda família, levando a profundas dificuldades. Naquele momento da vida, esta pessoa deixa de ser exceção com relação aos outros membros da pesquisa, e passa a viver em semelhantes circunstâncias de desprovisionamento em que se encontravam os demais.

No Quadro 6, é possível ver o perfil étnico, socioeconômico e a situação financeira atual do grupo estudado:

QUADRO 6 - PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Nome	Etnia/cor	Moradia atual	Meio de Transporte	Faixa de renda familiar
Joana	Branca	01 Casa própria/ mora com o marido e os 02 filhos em Taperuaba	Carro próprio	Entre 04 e 05 salários mínimos
Frida	Branca	01 Casa própria/ mora com o marido e o filho em Taperuaba	Carro próprio	Entre 04 e 05 salários mínimos
Maria	Impasse ¹⁶⁵	Casa própria/ mora com a mãe em Taperuaba	Sem transporte próprio	Mais de 02 salários mínimos (contando com bolsa CAPES de doutorado no momento)
Nair	Parda	Casa própria/ mora com a mãe e a filha em Taperuaba	Moto própria	Entre 04 e 05 salários mínimos
Raimundo	Pardo	Apartamento alugado / mora em Recife	Sem transporte próprio	04 salários mínimos
Lavoisier	Pardo	Casa própria/ mora com a mãe, a esposa e a filha em Boa Vista/Taperuaba	Sem transporte próprio	Mais de 02 salários mínimos
João	Preto	Casa cedida pelo fazendeiro/ pai é caseiro da fazenda. Ele mora com os pais e 03 irmãos	Moto/ transporte da família	De três a cinco salários mínimos (contando com bolsa CAPES de doutorado no momento)
Assis	Branco	Casa própria / mora sozinho	Carro e motocicleta/ transportes próprios	De 08 a 09 salários mínimos

Fonte: elaboração própria

¹⁶⁵ Maria se declara indígena: “Sou índia, mas ninguém me leva a sério... Então, digo que sou parda [...] Eu sempre me declarei parda. Nunca me considerei branca, como fui considerada ao longo da vida. Então, preferi o pardo e depois deixei o pardo por considerar minha relação indígena que fui descobrindo. Como todo mundo ri, porque não fui criada nesse meio, eu deixo em branco (lacuna), mas também porque não saberia dizer que sangue indígena [etnia] eu tenho. Acho que isso ficou ainda mais forte quando comecei minhas pesquisas [ela estuda grupos indígenas], também não sei até que ponto isso influenciou... O fato de ter pele clara e olhos claros, ninguém aceita que eu não seja branca. Quando alguém me faz essa pergunta já vejo a risada ou os olhares, porque respondo que sou índia [...] o que dizem é assim – ‘índia? Só se for... índia branca!’ [...]”

Achei importante trazer a autodeclaração de cada pesquisado sobre sua etnia e cor. Mesmo que eu não tenha fôlego para aprofundar a discussão neste ensejo, não poderia deixar de relacionar as questões raciais às divisões de classe e de como a pobreza, a desigualdade social, as discriminações e a exclusão política, na América Latina – em geral – e no Brasil – em particular – mantêm um ranço histórico que se perpetua até hoje. Não se pode minimizar a invenção hierárquica colonialista europeia e a repercussão nociva das classificações e desqualificações, que afetaram e afetam até hoje os não brancos europeus (QUIJANO, 2005). Embora, entre oito, haja três autodeclarados brancos, não é possível ignorar o peso da cor e da etnia na luta cotidiana pela inserção nos espaços sociais mais disputados, como a universidade e o mercado de trabalho, por exemplo. Em geral, as classes sociais têm cor e etnia muito bem demarcadas.

Mesmo com a diversidade apresentada pelos próprios sujeitos – entre brancos, pardos, indígena e preto – vemos que as condições econômicas não apresentam tanta disparidade entre eles, em termos proporcionais, neste grupo, especificamente. Ainda assim, registro que as menores faixas de renda do grupo estão entre os não brancos. Nos estudos comparativos mais amplos é possível verificar que negros, indígenas, pardos ou mestiços apareceram, sobremaneira, em condições de profundas desvantagens socioeconômicas no Brasil.

Há muitas variantes que poderiam ser analisadas. No entanto, detenho-me neste momento a verificar que, até esta altura da caminhada, com exceção de um deles que alcançou um significativo aumento da sua faixa de renda, os demais sujeitos pesquisados adquiriram bens e condições socioeconômicas bem elementares.

De um modo geral, a condição financeira dos sujeitos, ao longo de suas trajetórias, foi muito difícil, com poucos recursos e muito trabalho para suprir as urgências cotidianas. Para a maioria, em diferentes níveis, tanto trabalho desde cedo conjugada a escolarização, resultou hoje em algumas aquisições de bens elementares, como a compra da casa própria, de um meio de transporte ou alguma melhoria da faixa de renda pessoal ou do grupo familiar.

Se pensarmos no capital econômico estritamente como posse de recursos abundantes ou rentáveis, como define Bourdieu, então podemos dizer que não houve uma definitiva alteração da condição financeira deles. Mas, parafraseando o compositor e músico Criolo: “Pobreza (material) não é derrota”. Veremos ainda que, eles têm um passado recente em que se encontravam num padrão muito aproximado de rigoroso desprovisionamento de capital econômico. Atualmente, todos eles já têm alcançado algum retorno dos seus investimentos escolares através de uma melhor remuneração e melhores possibilidades de empregabilidade. Alguns mais que outros já conseguem usufruir de estabilidade financeira e mais conforto.

Dentre as conquistas, o direito à moradia, à locomoção, à remuneração minimamente compatível com suas necessidades – já são tomadas por eles como algo que lhes faz sentir uma significativa melhoria nas condições socioeconômicas.

4.3.2. Capital social: a história social dos sujeitos a partir de suas origens sociais e familiares

O Quadro 7 apresenta o nível de escolaridade e as profissões ou ocupações desempenhadas ao longo da vida dos pais dos sujeitos pesquisados Apresento, da mesma forma, o perfil escolar e profissional/ocupacional dos irmãos. Vejamos:

QUADRO 7- FILIAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR

Joana	Frida	Maria	Nair	Raimundo	Lavoisier	João	Assis
43 anos	33 anos	31 anos	30 anos	35 anos	33 anos	32 anos	27 anos
ESCOLARIDADE E PROFISSÕES/OCUPAÇÕES DOS PAIS							
Pai (1950-2011) 2ª série E. Fund.	Pai – 63 anos 4ª série E. Fund.	Pai (1944- 2006) Analfabeto	Pai – 74 anos E. Médio completo	Pai (1944-2007) 5ª série E. Fund.	Pai – 57 anos. Analfabeto	Pai – 59 anos/ 4º série E. Fund.	Pai – 58 anos 2ª série E. Fund.
Carpinteiro, cozinheiro, copeiro e vendedor ambulante.	Garçom, vendedor, motorista	Agricultor	Mecânico	Agricultor Comerciante	Pescador Agricultor	Vaqueiro, agricultor, pescador, carpinteiro, pedreiro	Gari e porteiro
Mãe - 71 anos E. Fund. completo	Mãe – 53 anos E. Médio completo	Mãe – 64 anos 3ª série E. Fund.	Mãe – 49 anos Pedagoga com Especialização	Mãe – 72 anos / 5ª série E. Fund.	Mãe – 57 anos 2ª série E. Fund.	Mãe - 57 anos/ 4ª série E. Fund.	Mãe – 52 anos 2ª série E. Fund.
Doméstica, faxineira e merendeira escolar.	Professora de Artes e artesã	Agricultora, professora, zeladora e bordadeira.	Professora município Sobral	Agricultora, professora e costureira	Agricultora, dona de casa e costureira	Dona de casa	Dona de casa e cozinheira
IRMÃOS – ESCOLARIDADE E PROFISSÕES/OCUPAÇÕES							
Joana é primogênita de 05 irmãos	Frida é a primogênita e tem 01 irmã	Maria é a 7ª de 09 irmãos	Nair é a 2ª de 03 irmãos	Raimundo é o 9º de 10 irmãos	Lavoisier é primogênito de 03 irmãos	João é o 4º de 06 irmãos	Assis é o caçula de 02 irmãos
03 com nível superior e 01 com curso técnico	A irmã é Téc. Meio Ambiente (IFCE) e	04 E. Médio completo. 01 E. Fund. Incompleto,	02 Ens. Superior completo	05 irmãos com Ens. Superior e 04 têm	01 irmão tem E. Fund. completo e 02 mais novos com nível	01 concluindo graduação e os demais têm E.	O irmão mais velho tem E. Méd./comp

	graduada Serviço Social (bolsa ProUni)	02 E. Méd. incompleto e 01 E. Sup. em Andamento		Ens. Médio completo.	superior incompleto.	Méd. completo	leto e cursos profissionais e 01 graduada
Professora, Gerente de RH, Tec. Enfermagem e Operador Informática	Auxiliar de Enfermagem no Hospital Regional de Sobral	01 segurança, 01 garçom, 01 vendedora, 01 pedreiro, 01 caixa, 02 microempres ários	Só o mais velho trabalha – Tecnólogo da Construção Civil	04 professores , 02 microempres ários, 02 autônomos da construção civil e 01 confeiteiro	Todos os irmãos têm os mesmos ofícios dos pais	01 gerente doceria, 01 atendente farmácia, 01 téc. informática e 02 ainda não trabalham.	01 consultor de vendas 01 está desempreg ada.

Fonte: elaboração própria

É possível observar, de um modo geral, na maioria deles, uma mudança quanto à escolarização e à diversificação de ofícios dos filhos se compararmos aos pais. Fica evidente a origem de classe de baixos recursos dos sujeitos da pesquisa, bem como é possível observar e constatar que as famílias tiveram ofícios com pouca visibilidade e baixa valorização social, o que, a princípio, restringe toda família a articular o chamado capital social.

Bourdieu & Passeron (2014, p. 27) consideram fundamental a origem social dos indivíduos para apontar as possíveis trajetórias estudantis:

De todos os fatores de diferenciação, a origem social é sem dúvida aquele, cuja influência exerce-se mais fortemente sobre o meio estudantil, mais fortemente em todo o caso que o sexo e a idade e, sobretudo, mais do que um ou outro fator claramente percebido [...].

A herança familiar “pode ser” um “condicionante” importante para apontar possíveis padrões de comportamento de grupo. Mesmo que os efeitos sejam variáveis e particularizados, o legado do ambiente de convivência doméstico inicial representa o primeiro referencial na constituição dos indivíduos, que também será atravessado por outros incrementos na sua socialização.

Bourdieu (2011a, p. 65-69) define capital social como certa nobreza de ascendência ou inserção e permanência bem-sucedida em clubes sociais seletos. Este capital corresponde à sociabilidade dos indivíduos dentro de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, vinculada a um grupo que garanta influência e reconhecimento social, facilitando a inserção, o trânsito e a participação dos indivíduos nos espaços sociais que lhes interessa e convém, que, em suma, seria uma origem distinta ou o convívio com grupos de prestígio social.

Desse modo, podemos inferir que nossos interlocutores da pesquisa também não dispunham de capital social, que, de alguma maneira ou na maioria dos casos, vem ligado à posse de capital econômico, cultural e simbólico. Embora alguns deles tenham registrado melhorias nas suas condições materiais, isso não é exatamente o suficiente para a alteração de capital social, no sentido mais estrito: não carregam em sua genealogia nenhuma linhagem tradicional, um sobrenome de peso, prestígio, poder de barganha, capacidade de inserção e influência como um recurso para transitar em determinados campos sociais mais distintos.

Inicialmente, as pessoas tendem a estabelecer contato com os indivíduos e grupos próximos de sua realidade, como as relações de parentesco, de vizinhança e de trabalho. Quando trato de capital social nesta análise, falo no sentido bourdieusiano, que a rigor, se refere ao recurso acumulado e com valor em particulares campos e interações sociais específicas.

No entanto, vale registrar que, posteriormente, na entrada para o mundo acadêmico e a aquisição dos títulos escolares, o círculo social tende a se abrir e a diversificar as relações sociais desses indivíduos, dando acesso a situações, ligações e práticas, como foram relatadas por alguns deles: visitas domiciliares do orientador a seu orientando e aproximação entre ambas as famílias, mesmo depois de extinto o vínculo acadêmico; o contato e participação deles em eventos e espaços artístico e culturais no meio universitário; o apoio e contato regular com seus ex-professores e parceiros de trabalho com reconhecido status econômico e social, poderia ser visto como exemplos de que eles passaram a ser “bem relacionados”. Em graus diferentes, cada um deles foi alargando seus grupos de contato, aproximação, convivência e interação social com grupos de diferentes status sociais.

Porém, vale ressaltar que isso tem uma frequência esporádica, o que configuraria para Bourdieu (2011a, p. 67-69) um problema na manutenção do capital social, que têm como características centrais os requisitos de pertencimento aos seletos clubes e grupos de convivência, as afinidades e o **nível horizontal de relacionamento**. Não basta estar próximo, tem que conquistar um padrão e uma equivalência mínima de interação social.

À exceção de um deles que trabalha no meio corporativo e obteve uma visível mobilidade social, os demais pode-se dizer que, até agora¹⁶⁶, possuem capital social semelhante ao que tinham anteriormente. As alterações deste capital se deram muito especificamente no contato e aproximação com grupos do âmbito acadêmico. Se for considerado em termos comparativos o quantum e a qualidade dos capitais, estes sujeitos ainda portam bagagens modestas e insuficientes para se articularem nas interações sociais mais complexas. Para estes

¹⁶⁶ É importante frisar as limitações que temos ao registrar os eventos sociais que podem ser extrapolados pela fluidez do tempo e do curso da vida das pessoas.

indivíduos, estudar foi uma barreira difícil, mas mais possível de transpor. Porém, para penetrar e permanecer no mundo do trabalho e nos círculos sociais mais sutis é preciso romper determinadas fronteiras e se sobrepor ou concorrer com outros sujeitos melhores aquinhoados que receberam esses capitais sem esforço, mas de maneira “naturalizada” ao longo de sua socialização. Este é o aspecto que Bourdieu caracteriza como ponto crucial para determinar a envergadura da posse e manuseio de capitais.

4.3.3. Capital simbólico

Bourdieu (2011f, p. 198) descreve o capital simbólico como uma espécie de capital de confiança, em que é possível penhorar tanto o nome e a reputação de honra quanto riqueza possuída. Esse capital possibilita negociações, como uma espécie de adiantamento, de descontos dentro de uma rede de aliados e de relações próprias do “conjunto dos engagements e das dívidas de honra, dos direitos e deveres acumulados ao longo das gerações sucessivas e que pode ser mobilizado nas circunstâncias extraordinárias”. O autor fala da natureza ritualística deste capital, que é difícil de mensurar, e adverte para a junção de outros capitais para a composição do capital simbólico, pois se trata de:

[...] capital denegado, reconhecido como legítimo, isto é, ignorado como capital (o reconhecimento no sentido de gratidão [...]) que constitui sem dúvida, com o capital religioso, a única forma possível de acumulação quando o capital econômico não é reconhecido. [...]. Capital econômico e capital simbólico estão tão inextricavelmente mesclados que a exibição da força material e simbólica representada pelos aliados prestigiosos é de natureza a trazer benefícios materiais, em economia da boa-fé na qual uma boa reputação constitui a melhor e talvez a única garantia econômica (2011b, p. 196-198).

É problemático identificar e definir a quantidade e a qualidade de capital simbólico que os indivíduos da pesquisa possuem, considerando as diferentes microesferas sociais das quais eles participam, no nível de suas comunidades locais, por exemplo. Entretanto numa perspectiva social mais ampla, podemos intuir, pelo perfil socioeconômico destes sujeitos anteriormente apresentado, e pela definição de Bourdieu – em que o capital simbólico está intimamente vinculado a outros capitais – que quem despossui os capitais econômico e social, também não terá o capital simbólico. Inclusive, porque se faz necessária uma manutenção dispendiosa baseada num custeio de ostentação e de trocas de presentes, de solenidades. Testemunhas e fiadores asseguram a crença neste capital, que é, acima de tudo, crédito de um

tipo exibicionista de capital que atraia capital, e é constitutivo “de vantagens sociais com consequências efetivas” (BOURDIEU, 2011f, p. 199; BONNEWITZ, 2003, p. 54).

Para esta pesquisa arrisco uma leitura adaptada à realidade dos sujeitos pesquisados, em que percebi uma aproximação entre o capital simbólico e o capital religioso. Dentro do grupo de convivência dos pesquisados há uma lógica de que o trabalho é algo de equivalência religiosa, pois engrandece a pessoa “em economia da boa-fé na qual uma boa reputação constitui a melhor e talvez a única garantia econômica [...] exibição da força material (seria a própria energia corporal e vital) e simbólica representada pelos aliados prestigiosos é de natureza a trazer benefícios materiais” (2011b, p. 196-198, Grifos meus em parêntese). Dentro da lógica da classe trabalhadora, adquirir as coisas sem esforço é desonroso e espúrio. Além de serem impelidos, pela necessidade, a garantir a sobrevivência material, também lhes é cobrada a prestação de contas para constituição de um valor moral: a crença que pesa já na infância sobre os imaturos ombros de que “o trabalho dignifica o homem”. É possível que este valor reforce a ideologia da opressão imposta à classe trabalhadora, que desprovida de outras altivezes, deve recorrer ao trabalho explorado para fugir da desmoralização social.

São as experiências laborais, das mais variadas formas, pelos mais tortuosos percursos que fazem com que os filhos das classes trabalhadoras sejam encaminhados a perseguir precocemente a moldura do caráter do chamado “homem de bem”¹⁶⁷ através do trabalho. A labuta, informal ou formal, remunerada ou não, confere um valor moral àquele que a exerce. Este valor poderá ser convertido numa tentativa de angariar uma poupança de capital simbólico de tipo muito específico, em que se colocam em jogo, desde muito cedo, as interações ligadas à construção moral da honra, da reputação e das boas maneiras “[...] fazendo com que se creia em seus méritos” (BONNEWITZ, 2003, p. 103).

No Quadro 8, pode-se ver com as atividades e ocupações desempenhadas pelos sujeitos ao longo da vida até o momento. Vejamos:

¹⁶⁷ Esta expressão é anterior ao atual contexto político que determinados grupos se apropriaram para demarcar uma vertente ideológica discriminatória.

QUADRO 8- MUNDO DO TRABALHO

Ocupações e atividades laborais exercidas ao longo da vida	Inserção no mundo do trabalho	Primeiras atividades não remuneradas	Primeiras atividades remuneradas
Joana 43 anos *Acompanhante de idosa e doméstica *Trabalhadora da confecção infantil (desenhista, bordadeira e costureira) *Professora município e estado – ens. fund. e médio *Técnica de educação *Coordenadora pedagógica	Começou a trabalhar aos 11 anos	Ajudava o pai como vendedor ambulante no RJ	1. Dos 12 aos 13 anos era acompanhante de uma idosa, fazia atividades domésticas como varrer a casa e lavar a louça. 2. Aos 14 trabalhou numa confecção para recém-nascidos (desenhar, bordar, costurar). 3. Aos 18 foi professora de História e Geografia – ens. fundamental; ficou seis meses e voltou para confecção porque o salário de professora era muito menor do que na confecção. 4. Aos 21, foi técnica na Sec. Mun. Educação de Sobral. 5. Aos 25 anos passou no concurso para professora na rede estadual do Ceará. 6. Aos 31 anos passou numa seleção para Coord. Pedagógica atuando até 2017. Voltando a lecionar após o mestrado em 2019.
Frida 33 anos *Trabalhadora da confecção infantil (coladeira) *Professora município e estado – ens. fund. e médio *Coordenadora de projetos educativos * Professora no ensino superior	Começou a trabalhar aos 15 anos	Algumas atividades domésticas	1. Aos 15 anos trabalhou numa confecção de bordado (fazia colagens nos tecidos para serem bordados). ¹⁶⁸ 2. Aos 19 anos começou a atuar como professora numa escola municipal, onde ficou por seis anos, assumindo também cargos de coordenação de projetos educativos. Concomitantemente, nos três primeiros anos, trabalhava 4 horas na escola e 4 horas com confecção em casa. 3. Em 2009, lecionou no Ens. Médio por 06 meses. 5. Em 2012, passou numa seleção para professora substituta UVA, em Sobral, permanecendo até o início de 2013, quando foi aprovada no Mestrado em Filosofia, na UFC. 6. De volta do mestrado, em 2015, passou a lecionar disciplinas avulsas e intermitentes, sem vínculo empregatício, por institutos privados de ensino superior. 7. Em 2016, deu aulas no Parfor ¹⁶⁹ . 8. Também lecionou no Ensino Médio na Esc. Cesário Barreto de Lima, em Taparuaba. 9. Lecionou como professora substituta na Filosofia/UVA de 2018 a 2020.

¹⁶⁸ Recebia por produção de R \$80,00 a R \$100,00 a cada quinzena.

¹⁶⁹ Parfor - Em vigor desde 2009, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica abre todos os anos turmas especiais em cursos de licenciatura e em programas de segunda licenciatura, na modalidade presencial, exclusivas para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área em que atuam, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35038>

Maria 31 anos *Trabalhadora da confecção infantil (coladeira, bordadeira e costureira) *Professora do Município e Estado – Ens. Fund. e Médio	Começou a trabalhar aos 13 anos	Algumas atividades domésticas	1. Aos 13 anos começou trabalhando com colagens nos tecidos numa confecção de bordado. Depois, passou a costurar e a bordar. Permaneceu na função até 2015, quando saiu para o mestrado na UFPE, aos 25 anos. 2. Aos 20 anos, em 2010, começou a trabalhar como professora de apoio na escola municipal Frederico Auto Correia. No ano seguinte lecionou Artes e outras disciplinas do 6º ao 9º ano. 3. Em 2014, lecionou Sociologia e Filosofia no Ens. Médio por 3 meses. 4. Concomitantemente, ao longo dos anos, trabalhava 4 horas na escola, 4 horas bordando em casa e frequentava a faculdade para concluir a graduação.
Nair 30 anos * Doméstica; *Decoradora de eventos; *Revendedora de cosméticos; *Feirante vendendo confecção infantil; *Professora de reforço escolar; *Estagiária.	Começou a trabalhar aos 07 anos	Atividades domésticas, além de fazer comida para vender com o irmão mais velho.	1. Aos 10 anos era digitadora. Depois, ministrou aulas particulares de informática. Trabalhou como feirante vendendo confecção infantil junto com a mãe. 2. Foi decoradora de eventos e revendedora de cosméticos. 3. Foi estagiária e bolsista PET no período da graduação. 4. Lecionou como professora substituta na UECE de 2019 a 2021.
Raimundo 35 anos *Trabalhador da confecção infantil (embalador; operador de máquina computadorizada e designer gráfico) *Professor do município e estado – Ens. Fund. e Médio *Estudante bolsista	Começou a trabalhar aos 11 anos	Trabalhou com os pais na agricultura, e ajudava a mãe na confecção de roupas para recém-nascido.	1. Aos 15 anos começou trabalhando como embalador numa microempresa de confecção para recém-nascido, depois, foi operador de máquina computadorizada de bordar; em seguida, tornou-se designer gráfico de bordados computadorizados. Ficou por 7 anos na mesma empresa, até os 22 anos, quando alcançou alguma melhoria salarial.¹⁷⁰ 2. Aos 23 anos, quando estava na metade do curso de Biologia, decidiu sair da empresa e se dedicar integralmente aos estudos. 3. Após concluir a licenciatura, lecionou por 4 meses como professor substituto no ensino fundamental. Ao entrar para o bacharelado, conseguiu bolsa de estudos, o que lhe possibilitou se dedicar na preparação para mestrado, e posteriormente, ao doutorado. 4. De 2018 até o momento é celetista pesquisador na base da Petrobrás.

¹⁷⁰ Sobre o valor das remunerações, RAIMUNDO. informa: “O valor, a princípio, era pago conforme a produção, que variava de R \$100,00 a R \$200,00. Posteriormente, com as mudanças de funções, passei a ganhar um valor de um salário mínimo, na época, R\$ 700,00”. Vejamos a diferença do tipo de trabalho, mas também a disparidade das remunerações entre o trabalho feminino e o trabalho masculino. Se compararmos o valor das produções da Frida, da Maria, e a do RAIMUNDO, o valor pago a elas é sempre muito menor do que é pago a ele nas confecções. NAIR. diz ter sido remunerada nas diversas atividades que exerceu, entre R \$70,00 e R \$400,00. Maria diz que ganhava: “entre R \$0,10 e R \$0,30 por peça de confecção, a costura por diária era R \$20,00.” Na escola, em 2010, recebia R \$90,00 como professora de apoio, e só nos anos seguintes o salário de professora passou a ser o valor do salário mínimo, R \$780,00.

Lavoisier 33 anos *Vaqueiro, pescador, agricultor; *Trabalhador da confecção infantil (colador) *Professor do município e do estado – Ens. Fund.; *Instrutor de curso básico de Química *Estudante bolsista	Começou a trabalhar aos 08 anos	Trabalhou na agricultura, acompanhava o pai na pesca e nas atividades de vaqueiro.	1. As atividades na agricultura, assim como de vaqueiro, eram esporadicamente pagas com valores inferiores a R \$50,00 mensais a partir da adolescência. 2. Dos 13 aos 16 anos trabalhou para uma vizinha recortando as figuras de tecido e colando para a serem bordadas. A cada 400 ou 500 peças coladas ganhava entre R \$10,00 e R \$15,00. 3. Professor de Ciências, Inglês, História e Geografia do 7º ao 9º ano, por 1,5 ano, na Escola de Ens. Fund. Araújo Chaves. 4. Instrutor do curso básico de Química no Palácio de Línguas e Ciências de Sobral. 5. Entre o 2º semestre de 2009 até junho 2012, dos 21 aos 24 anos, passou a viver de bolsa de estudos: graduação (Iniciação Científica – CNPq – Entre R\$ 300 e R\$ 400,00), mestrado (R\$ 1.500,00) e, agora, doutorado (R\$ 2.200,00).
João 32 anos *Agricultor e vaqueiro *Trabalhador da confecção infantil (embalador e entregador) *Professor do município e estado – Ens. Fund. e Médio *Estudante bolsista *Cartógrafo * Professor – Ens. Fund.;	Começou a trabalhar aos 09 anos	Ajudava o pai no roçado e na lida com os animais, na fazenda em que o pai era vaqueiro. Também ajudava a mãe pegando água e lenha.	1. As atividades na agricultura, assim como as de vaqueiro, eram esporadicamente pagas com menos de R \$50,00 mensais. 2. A partir dos 22 anos, já na faculdade, trabalhou numa confecção de bordado embalando e entregando material da produção. 3. Lecionou substituindo o professor de Matemática do 7º ao 9º ano na Esc. Ens. Fund. Araújo Chaves por 1,5 ano. 4. Bolsista do CNPq de Iniciação Científica no Laboratório de Geografia, durante a Licenciatura na UVA. 5. A partir de 2010, aos 24 anos, passou a viver de bolsa de estudos durante a graduação, o mestrado e, agora, o doutorado.
Assis 27 anos *Estagiário e Guarda Mirim (Guarda Municipal de Sobral) *Professor de Reforço *Professor regular no Ens. Fund. *Coordenador de projetos educativos *Orientador pedagógico *Prof/Tutor Ensino Superior	Começou a trabalhar, esporadicamente na roça aos 12, mas, considera seu primeiro trabalho aos 14 anos		1. Aos 14 anos fez estágio como Guarda-Mirim Municipal em Sobral. 2. Aos 15 anos foi professor de reforço escolar. 3. Aos 17 anos, quando iniciou a graduação, começou a lecionar Inglês num curso livre. 4. Aos 17 anos, em 2013, lecionou Inglês em algumas das mais conhecidas escolas privadas de Sobral. 5. Aos 20 anos, lecionou no Colégio Coração de Jesus (privado), e coordenador de Projetos. 6. Aos 20 anos, em 2014, começou a lecionar na rede Yázigi Sobral, onde está como Orientador Pedagógico até o momento. 7. Há 3 meses é Professor no Instituto de Formação Superior do Ceará. 8. Em 2017 tornou-se tutor presencial do curso Letras/Inglês Semipresencial da UFC.

Fonte: elaboração própria

Em alguns momentos das entrevistas, os sujeitos da pesquisa relatam certo desconforto e ressentimento por suas penosas trajetórias no mundo do trabalho. Entretanto, falam com convicção dos efeitos que estas experiências lhes renderam, do quanto as dificuldades lhes fortaleceram e ajudaram a superar as condições de vida tão adversas e, sobretudo, têm muito orgulho do que se tornaram e conquistaram, por causa – ou apesar – das suas difíceis jornadas de trabalho.

Na acepção original do conceito de que trata Bourdieu, até o momento, podemos dizer que estes sujeitos também padecem da insuficiência de capital simbólico. Embora se empenhem em construir seu capital de credibilidade – que lhes permitiria participar e usufruir de autoridade, relevância e aceitação em determinados espaços –, os limites reservados e consagrados, estipulados pela definição de nobreza, se fecham para eles. A autoridade e destaque social que possuem ainda são frágeis.

O que se verifica é a “pretensão” de aquisição do capital simbólico “[...] no nível individual por todas as estratégias de apresentação de si [...] destinadas a manipular a imagem de si [...] tentando mudar as categorias de percepção e de apreciação do mundo social [...]”, e procurando valorizar sua conduta de trabalhador, empenho escolar, e hombridade pessoal (BOURDIEU, 1990, p. 159).

Para compensar a posição modesta no espaço social, restam-lhes a tentativa de composição da imagem de decência, honestidade e integridade, como construção de crédito social. Contudo, não há garantias de que, todo este esforço em adquirir confiabilidade social terá a exata eficácia sem o típico refinamento que exige essa prática, sem a elevação peculiar das elites, dada à falta de intimidade com sofisticação, requinte, estirpe e distinção. E não há demérito nisso, não é um juízo de valor, é apenas uma constatação de que no jogo social os atores “consagrados” que dominam o campo tendem a criar barreiras permanentes de diferenciação e distanciamento social dos muitos “pretendentes a entrada no campo”, com intuito de perpetuar a exclusividade e o acúmulo de poder e prestígio.

4.3.4 Capital cultural e seus tipos

Bourdieu (2011b, p. 71-79; 2014) desenvolve a noção de capital cultural, inicialmente, como uma hipótese para analisar as desigualdades de desempenho escolar das crianças provenientes das diferentes camadas sociais, nas quais a apreciação e definição de “sucesso escolar” estão intimamente ligadas ao tipo de capital ou saber apropriado e legitimado pela

escola. As instituições de ensino aproveitam e sobrevalorizam os conhecimentos e práticas já trazidos pelos indivíduos das classes favorecidas e desconsideram os repertórios dos filhos das classes desfavorecidas. Com estes parâmetros se atribuem os veredictos de sucesso ou fracasso escolar, e, respectivamente, caracterizam e classificam seus portadores, como se as aptidões dos favorecidos no processo fossem “dons naturais”, quando se tratam de aptidões formatadas culturalmente. Assim, o inverso também se aplica: os desfavorecidos articulam outros tipos de saberes e práticas que não são aproveitadas; ao contrário, são descreditados e repelidos pelo sistema escolar.

O autor nomeia três estados de capital cultural que se caracterizam de acordo com os seguintes modos:

a) **em estado incorporado** – este capital é adquirido pelo processo de transmissão e composição doméstica de bens simbólicos, valores e práticas, como um *habitus* feito crenças e aptidões encarnadas na pele. São todos os elementos constituídos na linguagem, nos gostos, nas preferências, na percepção de mundo, na postura corporal e social. É difícil ilustrar imageticamente os exemplos de capital cultural incorporado presente nos sujeitos da pesquisa, porque este capital implica na ação dos sujeitos, como um patrimônio encarnado, que, transmitido pela família, vai constituir a subjetividade do indivíduo.

Todo o trabalho familiar de inculcação e de assimilação demanda tempo e investimento pessoal, como diz o autor: “aquele que o possui ‘pagou com sua própria pessoa’ [por] condições primitivas de aquisição [...] depaupera e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória, etc.) [o autor enfatiza o formato do capital cultural incorporado oriundo das elites, que têm prestígio social, dizendo que este] [...] consegue acumular os prestígios da propriedade inata e os méritos da aquisição” (BOURDIEU, 2011a, p. 75).

O inverso também se aplica. Os indivíduos que foram socializados, tanto na família como na comunidade, num meio em que a linguagem coloquial é a forma predominante de comunicação, certamente, terão mais dificuldades de serem acolhidos nos espaços formais de educação, onde prevalece a linguagem culta, como a escola e a universidade, por exemplo.

É possível perceber, em alguns sujeitos da pesquisa, a postura de timidez, de introspecção e de insegurança, que também pode dificultar a aprovação social. Da mesma forma, é possível inferir como o desconhecimento de determinados elementos culturais podem passar o atestado de “ignorância”, no sentido literal, de ignorar, de não saber manusear determinados instrumentos ou utensílios, por desconhecer regras de etiqueta social, por não dominar determinados assuntos, pelo simples fato de não terem acesso, de não vivenciarem

determinadas práticas. Esta é, possivelmente, a primeira bagagem dos sujeitos desta pesquisa, que pode ser considerada, nos *campos* de prestígio e distinção social, uma defasagem de apropriação de elementos tão implícitos e tão invisíveis, que torna difíceis de catalogar.

Os interlocutores deste trabalho carregam consigo um sotaque e uma prosódia típicos de uma região discriminada do País: o Nordeste. São indivíduos interioranos com preferências, gostos, posturas e percepções de mundo marcadas por sua constituição de classe e de grupos marginalizados (em relação aos legitimados centros de referências culturais e políticas do país), muito embora seja complicado tratar genericamente de um grupo que apresenta uma miscelânea de influências globais. Ainda assim, há algo na linguagem e na *hexis* corporal que os caracteriza por certa “reticência”, a qual gostaria de depurar para tratar melhor, mas não será possível neste ensejo. Registro que essas características de “reticências” tem um peso social.

b) **em estado objetivado** – este capital cultural é articulado conforme esteja estabelecida a relação com o capital cultural incorporado, pois ele só faz sentido para aqueles que se identificam com seu valor. Consiste na transmissão material de suportes instrumentais que se firmará pelo contato, familiaridade e apreciação de bens culturais como livros, obras de artes, ferramentas e equipamentos que expandem e multipliquem os demais capitais. A detenção deste capital só se faz eficaz pela apropriação da destinação específica do uso de tal capital cultural, pela fruição referente a bens, que podem ter forma material ou simbólica, pela prática e articulação dentro do espectro cultural legitimado.

O Quadro 9 mostra a qual tipo de bens culturais objetivados os sujeitos da pesquisa tiveram, ou não, acesso. Sabendo que os pesquisados não possuem obras de arte ou outros elementos equivalentes, redigi um instrumento cujas questões foram dirigidas à verificação de como eles costumam ocupar seu tempo livre, e como foi o contato que tiveram com algumas formas de apropriações práticas artístico culturais, como frequência a espetáculos e exposições de artes, teatro, museus, cinema, biblioteca, e a relação com a leitura que, como o próprio Bourdieu (2011b, p. 78) afirma, “é o capital cultural objetivado (cuja forma por excelência é a escrita)”.

QUADRO 9 - PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS

	Como costuma ocupar seu tempo livre?	Qual a relação e com que frequência você vai a museus, teatro, cinema, exposições de arte, espetáculos artísticos em geral?	Você gosta de ler? Qual sua relação com os livros?
Joana	“Fico com minha família, leio e descanso”.	“Desde pequena meu pai nos levava para atividades culturais: circos, parques, cinema, festa junina, feiras e museus. O teatro era muito elitizado, nunca frequentei enquanto criança. Quando tinha 08 anos assisti a um espetáculo de balé, e sonhava ser bailarina. Tudo isso influenciou muito minha leitura de mundo, e me sentia muito feliz de ter acesso à cultura. Na adolescência, passei a frequentar a biblioteca da escola e fazer parte de um grupo de teatro. Na universidade tive a oportunidade de visitar museus e exposições de arte em Sobral. A arte é uma das linguagens mais importantes do ser humano. Adoro tudo que é artesanal. Gostaria de ter a oportunidade de participar mais desse tipo de atividade, pois desperta a criatividade e a criticidade, que oxigenam a vida”.	“Adoro ler. Leio todos os dias. Gostaria de ler mais, de ter mais tempo e concentração para isso [...]. Eu já tinha livros desde muito pequena. Minha mãe lia para mim. Eu sempre li imagens, isso me estimulou a aprender a ler. Aos 06 anos mais ou menos, li meu livro predileto: A galinha ruiva, que já conhecia a história contada tantas vezes pela minha mãe, mas fui eu que li as palavras até ter fluência. [...] Quando adulta, um dos livros favoritos é ‘O Queijo e os vermes’ (Carlo Ginzburg). Joana tem muitos títulos preferidos que não couberam aqui.
Frida	“Assisto filmes, vídeos, cuido de mim e da minha saúde. Às vezes, também não faço nada.”	“Tinha hábito, quando criança, de frequentar a biblioteca de minha cidade natal [<i>João Monlevade – MG</i>]. Em minhas viagens com meus pais, fui a alguns museus na infância. Só me recordo de espetáculos de dança, música ou teatro, apenas através da escola”.	“Sim, me recordo dos meus primeiros livros lidos na 2ª série, na escola mesmo [...] Tenho alguns livros preferidos. Os primeiros livros da adolescência, isso ninguém tira de mim, foram os da Ana Maria Machado. Depois, livros de poemas de Carlos Drummond de Andrade, O encontro, de Fernando Sabino, A paixão segundo G. H., de Clarice Lispector, Iracema, de José de Alencar, Polyanna, de Eleanor H. Porter, Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry e O mundo de Sofia, de Jostein Gaarder

Maria	“Assistindo TV, viajando, conversando com amigos, refletindo sobre a vida e fazendo artesanato, algo que gosto bastante”.	“A música desde cedo estava na minha casa. Meu pai cantava e tocava violão. Já a dança e o teatro apareceram no engajamento nos grupos da Igreja Católica. A biblioteca sempre foi um lugar querido por mim. Já a frequência ao teatro, museu, cinema, entre outros, vivencio quando já estou na universidade e também quando já estou trabalhando na escola [<i>como professora de Artes</i>]. Esse universo foi muito importante para mim”.	“Sim. Sempre gostei de ler. Comecei a ler antes dos meus irmãos. No fundamental I já lia consideravelmente bem, mas foi no fundamental II, por volta da 7ª série, que o hábito de ler se torna mais frequente, época de um projeto de literaturabrasileira ¹⁷¹ em que líamos em casa, e no encontro seguinte, em sala, fazíamos oralmente o resumo da obra.”
Nair	“Escrevendo, estudando e me atualizando. Trabalhando e indo a Igreja”.	“Frequentei algumas vezes. Iniciei o contato recentemente quando conheci outros universos da cultura, ao passo que ingressei na universidade. Aprecio tais elementos, contudo, não é uma prática tão presente no meu trabalho”.	“Sim. Alguns livros preferidos são: Meu pé de laranja lima, de José Mauro de Vasconcelos, alguns da área de avaliação de saúde (avaliação da aprendizagem, av. qualitativa, av. sob o enfoque do usuário), Integralidade do cuidado e Dom e dádiva [<i>livro de religião protestante</i>]”.
Raimundo	"Assisto a filmes e séries, vou ao cinema, a shows e exposições, e viajo”.	“Sempre gostei de eventos de natureza cultural, principalmente teatro, música e dança [...] especialmente quando participei de movimentos religiosos. Bibliotecas, nem se fala. No Ensino Fundamental e no Médio passava o intervalo na biblioteca, e sempre levava livros para ler em casa. Mas foi no ensino superior que tive a oportunidade de maior contato com teatro, shows, exposições de arte e de dança”.	“Sim. Meus livros preferidos são: Senhora, de José de Alencar; Admirável mundo novo, de Aldous Huxley; O Quinze, de Rachel de Queiroz; O Sertanejo, de José de Alencar; Lucy: os primórdios da humanidade, de Donald Johanson; O Ateneu, de Raul Pompéia e O caçador de pipas, de Khaled Hosseini”.

¹⁷¹ Maria está se referindo a um Projeto denominado “Literatura em minha Casa” do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) que, em 2001 foi distribuído às escolas o acervo composto por seis coleções diferentes, cada uma com cinco títulos: poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e peça teatral. Pela primeira vez, as coleções foram entregues aos alunos para levarem para casa. A ideia do programa foi incentivar a leitura e a troca dos livros entre os alunos, além de permitir à família do estudante a opção de leitura em casa. As escolas também receberam quatro acervos para sua biblioteca. PNBE 2002 – Dando continuidade à ação “Literatura em minha Casa”, o acervo foi composto de oito coleções de diferentes editoras, cada uma com cinco títulos: poesia de autor brasileiro, conto, novela, clássico da literatura universal e peça teatral. Os alunos da 4ª série foram contemplados com uma coleção e as escolas receberam um acervo para suas bibliotecas. PNBE 2003 – Neste ano, o PNBE foi executado em cinco diferentes ações: Ação – Literatura em Minha Casa (uso pessoal e propriedade do aluno). Da mesma forma do que no PNBE 2001 e 2002, foram distribuídas coleções de obras de literatura e de informação aos alunos matriculados na 4ª e na 8ª série.

Lavoisier	“Busco atividades prazerosas, como filmes, séries ou leituras sobre ficção ou ciências”.	“Infelizmente, não sou muito adepto de eventos culturais, nem costumo frequentar esses lugares, com exceção de cinema. Meus hábitos e gostos envolvem tecnologias, somente me informo através da internet”.	“Sim. Creio que comecei a me interessar pela leitura por volta dos meus 8 – 10 anos com a literatura de cordel, pois minha avó tinha vários, mesmo não sabendo ler. ¹⁷² [...] não sou adepto da literatura convencional. Leio livros de ficção, obras de Carl Sagan, como ‘Cosmo’; obras de Stephen Hawking como ‘Uma breve história do tempo’. Leio também livros da minha área de formação e livros de ficção e de caráter científico em inglês” ¹⁷³ .
João	“Costumo assistir, TV, séries, filmes, ouvir música e ler sobre assuntos diversos”.	“Normalmente frequento a biblioteca da Universidade. Também já visitei teatros e já fui ao cinema. Passei a frequentar desde a graduação, por incentivo de amigos. Minha relação é mais como espectador casual”.	“Sim. Li meu primeiro livro no Ensino Médio, numa atividade de sala. Como não gosto muito de livros literários, acabo por procurar livros específicos da minha área, tais como: A natureza da Geografia Física [K.J. Gregory]; Ecogeografia do Brasil [Jurandir Luciano Sanches Rosa]; Geoecologia das paisagens [J. M. Mateo Rodrigues]; Geomorfologia do Brasil [Org. Sandra Baptista e Ant. José Teixeira]; Tóp. de Geomorfologia Estrutural [Rubson P. Maia e Francisco Hilário Bezerra]”.
Assis	“Dedico a leitura, ao meu momento espiritual, visitar a minha família e viajar”.	“Sim, desde o momento que alguns professores do Ensino Fundamental II me apresentaram tais hábitos, me fizeram pensar ‘fora da caixa’”.	“Sim, comecei lendo meu primeiro livro com 11 anos, através de uma proposta de produção de resenhas de livros. Meus livros preferidos são os da Agatha Christie, uma autora inglesa que relata fatos policiais, e descreve um contexto social e histórico de um país anglo-saxão”.

Fonte: elaboração própria

¹⁷² Veja que interessante, alguém que adquire material de leitura mesmo sem saber ler.

¹⁷³ Só para lembrar que Lavoisier foi aluno do Palácio de Ciências e Língua Estrangeira e, desde então, é leitor, também, de literatura inglesa.

Como pode-se aferir, a relação destes sujeitos com o capital cultural objetivado se restringiu basicamente a episódios, através da aproximação com grupos ou ambientes religiosos ou de cunho comunitário, todos de natureza eventual, em forma de práticas casuais como foram citadas: pela música, pela dança e pelo teatro. Desta forma, até o início de 2017, quando foi aplicado o questionário com este levantamento de informações, verifica-se no grupo estudado o capital cultural objetivado pouco expressivo em termos de quantidade, de número de frequência a visitação a espaços e participação em eventos desta natureza. Em mais quatro anos, é possível que esta realidade possa ter sido alterada, até pelas experiências profissionais e acadêmicas estendidas para outros meios e grupos de convivência.

No entanto, o que vale ser registrado é que mesmo com o pouco acesso a essas atividades artístico culturais, os sujeitos pesquisados reconhecem o valor destas produções e manifestam interesse em usufruir mais de experiências de consumo de artes. Por fim, o acesso a livros, que entre eles ocorreu em diferentes níveis e por diversas razões, foi o elemento que mais apareceu. Para maioria deles, foi uma prática que se estabeleceu tardiamente, no fim do Ensino Fundamental ou já na universidade. Para alguns, a leitura começou com o fomento familiar; para outros, veio pela influência de amigos ou, só então, pela intervenção escolar. Para os menos favorecidos, a escola ainda é um dos poucos ambientes letrados e de contato com a leitura.

O Quadro 10 mostra como os jovens justificam o gosto e a importância que a escola teve em suas vidas, e como suas famílias e seus grupos de convivência lidavam com seus estudos. Mais que as representações de distanciamento da realidade escolar, que impossibilitou algumas famílias de proporcionarem apoio educacional aos filhos, observam-se as circunstâncias de desprovimento para custear os estudos e oferecer-lhes melhores condições de investimento ao longo da jornada escolar.

QUADRO 10 - RELAÇÃO COM A ESCOLA E A PRÁTICA DE ESTUDOS

	Por que gosta de estudar?	Maiores motivações p/ frequentar a escola	Quem se interessa por seus estudos? Como?	Houve algum investimento de sua família ou de outros na sua educação?
Joana	“Estudar sempre foi minha atividade predileta; gosto de ler, escrever, pensar e discutir sobre diversos assuntos, e desenvolver projetos.”	“A oportunidade de aprender. Sempre fui curiosa e sonhava em frequentar a escola e aprender sobre diversos conteúdos”	“Meus pais sempre se interessavam e falavam sobre a importância dos estudos para a vida. Perguntavam como estavam as aulas, e ainda hoje minha família incentiva muito a todos nós”.	“Minha mãe me ensinou a ler [...] comprou uma tabuada e uma cartilha para me ensinar em casa, fui para escola já sabendo ler. Meu pai me ensinou a contar, ele sempre trazia livros para mim. Minha mãe contava sobre a dificuldade na sua infância de ter acesso à escola. Meus tios também me presenteavam com livros. Minha família era muito pobre, mas tinha muito interesse na educação escolar dos filhos. Meu pai sempre comprou livros e jornais e toda a noite, antes de dormir, tínhamos que ler para ele.”
Frida	“Com os estudos eu consigo alcançar meus objetivos na vida profissional e financeira. E eu gosto de estudar e aprender coisas novas.”	“Gosto do ambiente de socialização e, principalmente, foi pela escola que mudei minha realidade e de minha família”.	“A minha família, meus amigos, que incentivaram e apoiaram minhas escolhas.”	“Não tive nenhum investimento financeiro em educação. Só apoio mesmo”.
Maria	“Sempre escutei dos meus pais que só se chega a algum lugar quem estuda. A busca de “ser alguém” foi despertando em mim o desejo de estudar e de sempre conhecer mais.”	“Minha família, um namorado (que teve) e, também, a possibilidade de realizar o que meus irmãos não tiveram oportunidade: estudar.”	“Minha família me incentiva a seguir na busca dos meus objetivos, especialmente um namorado (que teve), foram suporte [...] nessa trajetória. Agradeço por toda ajuda.”	“Não tiveram como pagar curso, escola particular, mas investiram de maneira afetiva, acompanhando, sendo presente e parceiros e [...] me motivando a estudar.”

Nair	“Busco crescimento profissional e intelectual”.	"Desejo deixar alguns legados: tanto existe a satisfação pessoal, quanto dar resposta ao mundo, à academia e à sociedade”.	“Minha mãe, pelo entusiasmo com que cuida dos meus processos de vida e os estudos.”	“Apoio financeiro e motivacional para conquista das metas”.
Raimundo	“O conhecimento é espetacular, e me motiva a sempre buscar algo novo. O estudo é o principal meio para o conhecimento”.	“O incentivo da família e a esperança de um futuro melhor, diferente da realidade vivenciada na infância”.	“Minha família, embora não compreendam o assunto, por sua complexidade”.	“O investimento considerado aqui, refere-se, principalmente, ao tempo dedicado e à compra de material básico, que considero importante na minha formação”.
Lavoisier	O estudo, além de conhecimentos básicos para a formação, é oportunidade de mudança social e financeira para quem nasceu em uma família pobre”.	“A maior motivação sempre foi a busca de melhoria de vida”.	“Creio que sim. Minha namorada (atualmente esposa e mãe de sua filha), pois da maneira dela, me incentiva”.	“Nunca tive nenhum tipo de investimento financeiro para meus estudos. Somente incentivo moral, como elogios, etc.”.
João	“Sim. Creio que seja necessário para alcançar meus objetivos”.	“Inicialmente, foram por incentivos familiares. Atualmente, virou objetivo e meta pessoal”.	“Meus familiares e amigos. Mais os amigos, por também estarem envolvidos com estudos”.	<i>No questionário marcou “não”, sem justificar. Acredito que ele pensou apenas em incentivo financeiro aos estudos. Mas, na entrevista ele relata um esforço hercúleo que seu pai fez para garantir que ele e os irmãos tivessem acesso à escola.</i>
Assis	“Estudar me estimula a continuar crescendo, tenho prazer em fazer leituras e continuar descobrindo novos campos de estudo”.	“Sempre alcançar meus sonhos, isso me fazia ver a escola como uma base que iria me levar a conquistar meus objetivos”	“Atualmente minha família, todavia, em meu período de Ensino Médio, esse apoio não era tão intenso, pois meus pais nunca foram motivados a ter esse hábito”.	“Minha família prestou esse apoio. Sou grato a meus professores, que demonstravam interesse em planejar aulas significativas, e sempre fui motivado por eles”.

Fonte: elaboração própria

Os quadros ao longo do texto atestam as múltiplas influências que os sujeitos pesquisados receberam e que implicaram na constituição de suas histórias. O gosto pelos estudos aparece como um elemento de satisfação pela descoberta de uma visão mais abrangente de mundo e a possibilidade de novos caminhos a serem trilhados, tanto no sentido subjetivo pelo prazer em conhecer, mas também pela perspectiva objetiva que encontra nos estudos uma alternativa de crescimento profissional e, conseqüentemente, uma melhoria de vida.

As motivações vieram dos mais variados agentes (pais, familiares, amigos, professores, namorados (as), colegas de faculdade), e das mais variadas formas. O investimento quase nunca foi possível com recursos financeiros (elemento escasso na maioria dos casos). Contudo, o incentivo e apoio moral e afetivo foram os elementos mais importantes para conduzir ao prosseguimento estudantil. Pais que alfabetizaram, que escutaram a leitura dos filhos, tios ou outros parentes que presenteavam com livros, professores e pessoas que se importaram, que elogiaram e que acreditaram em seus potenciais fizeram a diferença nestas trajetórias.

c) **em estado institucionalizado** – na forma institucionalizada, o capital cultural tende a ser o resultado dos investimentos nos demais capitais anteriores levado a cabo por vias formais. Ele é a certificação de um percurso. O capital cultural incorporado é apropriado pelas instituições fazendo com que as classes favorecidas ganhem vantagem nas disputas para inserção e permanência no campo acadêmico, por exemplo. Já no caso do capital cultural institucionalizado, o formato é sistematizado, burocrático e se expressa em forma de percurso e certidão escolar, como vemos no Quadro 11:

QUADRO 11 - TRAJETÓRIA ESCOLAR

Todos foram estudantes de escola pública, sem reprovação, concluindo os estudos conforme a orientação prescrita para idade/série							
Nome	Idade de ingresso na escola	Idade em que foi alfabetizado e o responsável	Nº de escolas frequentadas	Concluiu o Ensino Médio	Tentativas no vestibular	1ª opção vestibular	2ª opção vestibular
Joana	08 anos	05/06 anos (pais)	03	1997	1x História	Administração	C. Sociais
Frida	05 anos	06 anos (professora)	05	2005	1x	História	Filosofia
Maria	04 anos	06 anos (professora)	02	2007	6x	(1x) História	(5x) C. Sociais
Nair	06 anos	06 anos (mãe e prof.)	12	2008	2x	Letras/ Inglês	Ed. Física ¹⁷⁴
Raimundo	05 anos	07 anos (pais/irmãos/ prof.)	02	2002	7x	C. Sociais	Biologia ¹⁷⁵
Lavoisier	07 anos	07 anos (prof. e a mãe) ¹⁷⁶	02	2006	2x Química	Astronomia ¹⁷⁷	Química
João.	05 anos	07 anos (professora)	02	2006	2x	História	Geografia ¹⁷⁸
Assis	04 anos	07 anos (professora)	03	2012	1x ¹⁷⁹	Letras/ Inglês	Rel. Internacionais ¹⁸⁰

Fonte: elaboração própria

¹⁷⁴ Nair também se interessou por outros cursos: Enfermagem, Psicologia e Serviço Social, mas acabou na Ed. Física.

¹⁷⁵ Raimundo tentou vestibular uma vez para Engenharia Ambiental, mas não foi aprovado.

¹⁷⁶ Lavoisier foi alfabetizado numa escola rural, que não tinha nome, numa sala mista com crianças de diferentes idades e níveis, em que a única professora ensinava tudo.

¹⁷⁷ Lavoisier sonhava em fazer Astronomia, mas logo cedo disse ter descoberto a impossibilidade deste curso, oferecido apenas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹⁷⁸ João também se interessava por Biologia, mas acabou desistindo e optando por tentar vestibular para Geografia.

¹⁷⁹ Assis foi aprovado na primeira tentativa para os cursos de Letras/Inglês para UVA e UFC, optando pela segunda universidade.

¹⁸⁰ Relações Internacionais só é ofertado na UFC, campus Fortaleza, o que tornaria inviável o curso para Assis, já que ele trabalhava em Sobral.

À exceção de Raimundo, que teve seu processo de alfabetização efetivamente iniciado a partir dos 10 anos de idade, mesmo frequentando a escola desde a educação infantil, e apesar de Joana e Lavoisier terem ingressado na escola mais tarde que os demais, praticamente todos se alfabetizaram dentro da idade considerada adequada pelos especialistas da área, que estimam até os 07 ou 08 anos como um estágio propício para que o desenvolvimento cognitivo seja potencializado.

O número maior de escolas frequentadas por Frida (05) e Nair (12), tem a ver com a condição profissional dos pais que precisavam percorrer e residir em diferentes lugares. Na sexta coluna, que trata do número de tentativas no vestibular, apenas Joana, Frida e Assis foram aprovados de primeira, sendo que os demais tentaram mais de uma vez. O que chama a atenção é a capacidade de persistência e obstinação de Maria (6x) e Raimundo (7x). As opções destacadas em azul referem-se aos cursos aos quais os sujeitos foram aprovados, cursaram e concluíram a graduação. Acho importante frisar que, estes tipos de provas não mensuram inteligência, competências e habilidades, mesmo constituindo meios de verificar recortes de conteúdos pinçados que contemplam aqueles que foram melhor preparados para este tipo de seleção.

Como se pode perceber no quadro acima, é possível observar destes sujeitos quanto ao ensino superior que, as pretensões iniciais nem sempre foram possíveis. Suas escolhas tiveram que ser reavaliadas com relação às suas primeiras investidas, o que fez com que procurassem outras alternativas aproximadas ou outras áreas com as quais também tinham interesse, ainda que em segundo plano. Esta capacidade de reconsiderar e se reinventar fez surgir outras trajetórias escolares e profissionais que lhes rendeu uma carreira acadêmica e profissional da qual dizem todos se sentir muito satisfeitos.

Os sujeitos pesquisados descrevem como costumam realizar suas rotinas de estudos, desde o período escolar até suas atuais práticas de exercícios e aprimoramentos. Os métodos de estudos adotados pelos sujeitos da pesquisa são praticamente os mesmos para todos: a leitura, o estudo sozinho e/ou em grupo, assistindo vídeo aulas, o exercício da escrita de fichamentos, sínteses, resumos e resenhas é citado por eles como uma maneira de assimilarem melhor e sistematizar os conhecimentos e as ideias. Maria diz que a partir da graduação também passou a discutir e aplicar nos grupos de convivência os conceitos teóricos que foi aprendendo. Sobre a forma como lidavam com o desafio de estudar e a que atribuem suas investidas para alcançar seus propósitos, há algumas falas que trago aqui.

Joana diz que:

Foi muita dedicação e renúncia. Usei muitas vezes as horas de descanso e de lazer para estudar... fins de semana, e à noite abdiquei da diversão, dos amigos e da família. Como sempre trabalhei e estudei, foi muito pesado, mas sempre tive apoio da família, dos colegas de trabalho e dos amigos.

Maria atribui seu empenho, dentre outras coisas, a consciência das facilidades que teve comparada aos irmãos:

Acredito que os aconselhamentos que tive, as oportunidades que meus irmãos mais velhos não tiveram, **a esperança de ser alguém**, movida pelo incentivo dos meus pais, que sempre disseram ser a educação o caminho para chegar aos objetivos e, por fim, a coragem para enfrentar os desafios de ser pobre, numa sociedade desigual, que é difícil, mas não é impossível chegar a patamares melhores destinados à determinadas classes.

Frida diz: “Sempre estudei e fiz o melhor em meus trabalhos. Não me recordo de passos definitivos, mas acabei encontrando pessoas que apoiaram minhas ideias. Nair acredita que: “Traçar metas como estudar para ser aprovada no que me proponho e perseguir sonhos, são boas ações para alcançar os objetivos”. João diz: “O primeiro passo foi a aprovação na graduação. Depois foi a conclusão do Mestrado, onde ficou claro que eu tenho capacidade de ir mais longe”. Raimundo conta que: “Na escola aproveitava o máximo o horário das aulas, porque fora dali era muito trabalho e não dava tempo. O importante é nunca desistir. A persistência é um dos principais passos para aquilo que se almeja”.

Lavoisier conta que:

Estudava apenas nas horas da escola. Em casa me dedicava à recreação quando era pequeno e trabalhava na lavoura. Depois foi muito trabalho e estudo. Os passos definitivos ocorreram quando me convenci de que era possível sonhar mais alto, que eram objetivos alcançáveis a médio e longo prazo.

Assis diz:

Estudava em média 3 horas por dia, no alpendre de minha casa...um espaço improvisado, mas que eu valorizava bastante. Então, primeiro, precisa ter força de vontade. Sempre busquei ter foco, algo que me fez amadurecer bastante, e buscava oportunidades que me levassem a crescer.

Renúncia, determinação, consciência da situação escolar melhor que a dos familiares, otimização do tempo, clareza dos objetivos, empenho, senso de oportunidade, persistência e uma cadeia de apoio motivou estas pessoas a prosseguirem nos estudos. A cada degrau galgado, mais estes indivíduos ganhavam confiança e se encorajavam a continuar.

No Quadro 12, procuro mostrar a existência ou inexistência de outras habilidades requeridas no meio acadêmico e profissional, como o aperfeiçoamento em comunicação no estudo de línguas e de outros conhecimentos, que complementam e enriquecem a formação.

QUADRO 12 - CURSOS DE LÍNGUAS E CURSOS EXTRACURRICULARES

Nome/Idade	Curso de línguas estrangeiras	Cursos extracurriculares
Joana	--	-
Frida	-	-
Maria	-	Curso de Teatro; Curso Juventude Cidadã – Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego.
Nair	Curso de inglês (09 semestres) – Nível Intermediário	Massoterapia; Saúde do idoso, da gestante e da mulher; Saúde mental; Olimpíada e cidadania; Primeiros socorros; Doenças ortomoleculares; Dança; Ginástica; Gestão de Projetos.
Raimundo	01 Curso de Inglês instrumental (01 semestre)	Curso de Teatro (incompleto); Curso de informática; Designer gráfico em bordado computadorizado.
Lavoisier	Curso de inglês (09 semestres) – Nível Intermediário	-
João.	Curso básico de inglês (01 semestre no Nucle – UVA) ¹⁸¹	Curso básico de informática, de manuseio de software para elaboração de material cartográfico.
Assis	03 Cursos de línguas: 04 anos de espanhol; 04 anos de inglês no Palácio de Línguas e mais 03 anos de Inglês no nível avançado e pós-avançado no Yázigi (onde trabalhou), e fez 03 anos de curso básico de Libras – Foi Jovem Embaixador ¹⁸² 2014	4 Cursos na área de informática

Fonte: elaboração própria

Como se pode notar, no quesito estudo de língua estrangeira, há uma profunda disparidade entre alguns deles, sobretudo, entre as mulheres e os homens. Apenas Nair tem um curso de língua estrangeira, enquanto todos os rapazes tiveram contato, embora Raimundo e João tenham frequentado o curso básico por apenas um semestre. Lavoisier tem o curso intermediário de inglês e relatou que era sempre escolhido para ficar responsável por receber os pesquisadores estrangeiros no laboratório de Química da UFC, onde desenvolveu a pesquisa de doutorado.

Assis tem profundo interesse pelo estudo de línguas – não apenas o inglês, que é parte de sua formação acadêmica. Como se pode conferir, ele também estudou espanhol e Libras, mas foi sua experiência com o inglês que alterou sua rota de vida. Tudo começou no final do Ensino Fundamental, por incentivo do professor André – por quem manifesta profunda

¹⁸¹ Núcleo de Línguas Estrangeira da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Nucle/UVA).

¹⁸² O Programa Jovens Embaixadores é uma iniciativa de responsabilidade social da Embaixada dos Estados Unidos — em parceria com os setores públicos e privados, em ambos os países — que beneficia, com uma viagem de três semanas nos Estados Unidos, alunos brasileiros da rede pública com excelente desempenho escolar, que falam inglês, que pertencem à camada socioeconômica menos favorecida, que têm perfil de liderança, que prestam serviço voluntário, enfim, que são exemplos em suas comunidades. Disponível em: <http://www.jovensembaixadores.org/perguntas.htm>.

admiração durante a entrevista – que lecionava Português e Inglês. Como já dito anteriormente, em função de seu excelente desempenho no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras em Sobral, o jovem foi selecionado para participar do Programa Jovens Embaixadores, o que lhe possibilitou uma viagem de três semanas para os EUA.

Assis relata a importante repercussão que esse episódio teve em sua vida. Além da inesquecível experiência de conhecer outro país, outra cultura, de ter contato com outros jovens embaixadores de outros estados do Brasil, de fazer uma exposição oral da cultura de seu país para jovens da sua idade numa escola norte-americana, do prazer de ter estado numa roda de conversa com a então primeira-dama, Michelle Obama, vale registrar que, o retorno ao Brasil, foi um passaporte para preciosas oportunidades. A visibilidade proporcionada pela participação no Programa Jovens Embaixadores lhe rende, até o momento, muitos convites para trabalhos voltados ao ensino da língua estrangeira. Assis foi convidado para palestrar, em maio de 2018, em um evento em Foz do Iguaçu (PR) chamado *Bilingual International Meeting*, organizado pelo sistema de ensino Uno, que está inserido em escolas particulares da América Latina.

Joana e Frida argumentaram a total impossibilidade de frequentarem cursos extracurriculares por terem que trabalhar o dia todo, ao longo de toda sua formação acadêmica (que era noturna). Argumentaram do mesmo modo Raimundo e João. Maria só fez o curso de Teatro e o Curso Juventude Cidadã – Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego – porque foram oferecidos pela própria Prefeitura Municipal, e faziam parte de sua formação como professora. Nair tem cursos extracurriculares voltados para sua formação na área da saúde. O curso de inglês foi realizado por influência de sua mãe, que, mesmo com uma rotina de trabalho intensa, conseguiu concluir o nível intermediário, levando a filha a fazer o mesmo.

Não é fácil construir uma formação até o ensino superior morando em Taparuaba. Os que mais trabalharam, mais tardaram em prosseguir nos estudos acadêmicos. Todas as Instituições de Ensino Superior (UVA, UFC, IFCE, e demais instituições privadas) estão localizadas na sede de Sobral. São 144 km, entre ida e volta, todos os dias, que tomam, em média, pouco mais de três horas de viagem. Para frequentar outros cursos e diversificar a formação, como as aulas de línguas estrangeiras, duas vezes por semana, por exemplo, seria necessário duplicar a quilometragem e o tempo da viagem: 288 km e quase sete horas de deslocamento entre idas e voltas, duas vezes ao dia, de Taparuaba a Sobral, e vice-versa.

Assis teve a oportunidade de uma formação complementar porque foi o jovem que começou a trabalhar um pouco mais tarde (comparado aos demais) e numa atividade (estágio de Guarda-Mirim) que possibilitou conciliar escola e cursos no Palácio de Línguas. Lavoisier só pôde estudar inglês porque pode conciliar com atividades de bolsista. Ele já cursava

universidade e tinha bolsa de Iniciação Científica, o que permitiu que ele morasse em Sobral e, portanto, tivesse acesso mais rápido ao Palácio de Línguas Estrangeiras.

Construir um capital cultural por conta própria, mediante arranjos difíceis de conciliar, sem estrutura e sem apoio, como foi o caso destes jovens aqui pesquisados, é fruto de muita obstinação. O capital cultural institucionalizado tem alguns formatos como já citados até agora: certificado escolar, cursos complementares, a exemplo das línguas estrangeiras, e toda forma de sistematização do conhecimento chancelada por meio institucional. Contudo, a mais credenciada forma deste capital é o diploma de nível superior. No Quadro 13, apresento a versão mais completa do capital cultural institucionalizado dos sujeitos da pesquisa: sua formação acadêmica com os títulos até então obtidos.

QUADRO 13 - FORMAÇÃO ACADÊMICA

Gênero feminino				Gênero masculino			
Joana	Frida	Maria	NAIR.	RAIMUNDO.	Lavoisier	João.	Assis
43 anos	33 anos	31 anos	30 anos	35 anos	33 anos	32 anos	27 anos
26/03/78	05/08/87	17/12/89	04/02/91	27/07/85	08/04/88	30/09/88	07/12/93
GRADUAÇÃO							
História (1998-2001) (UVA)	Filosofia (2006-2010) (UVA)	Ciências Sociais – Licenciatura (UVA)	Educação Física (UVA)	Biologia/ licenciado/ bacharel 2005-2012 (UVA)	Química (UVA)	Geografia (UVA)	Letras Inglês (2012-2016) (UFC)
ESPECIALIZAÇÃO							
1. Teoria e Met. História (2007-2009 UVA) 2. Gestão Escolar (2009-2012 UFJF)	Met. do Ens. de Filosofia (2012-2014) Fac. Evolução (2013-2015)		Saúde da Família (Inta) Residência Saúde da Família (UVA)			Met. Ensino de Geografia (2012-2013) Fac. Evolução	1. Gestão Pedagógica (2017-2018 Uece) 2. Linguística aplic. ens. de língua estrangeira
MESTRADO							
Geografia (2017 – 2019) (UVA)	Filosofia (2013 – 2015) (Uece)	Antropologia Social (2015 – 2017) (UFPE)	Saúde Coletiva (2016 – 2018) (Uerj)	Geociências Paleontologia (2012-2014) (UFPE)	Química (2013-2015) (UFC)	Geografia (2014-2016) (UVA)	
DOUTORADO							
		Doutoranda Antropologia Social UFRN (2018-2021)	Doutoranda Saúde Coletiva UECE (2020-2013)	Geociências Paleontologia UFPE (2016-2019)	Química UFC (2016-2019)	Doutorando Geografia UFPB (2019-2022)	
TITULAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO ATUAL E PROFISSÃO/OCUPAÇÃO NO MOMENTO							
Mestra	Mestra	Mestra/ Doutoranda	Mestra/ Doutoranda	Doutor	Doutor	Mestre/ Doutorando	Especialista
Professora concursada rede estadual do Ceará/ Coordenadora pedagógica Escola Cesário Barreto de Lima	Professora faculdades privadas	Estudante bolsista doutorado	Professora substituta na Uece	Pesquisador do grupo ASPSP ¹⁸³	Professor concursado da rede estadual do Ceará (assume em junho 2021)	Estudante bolsista doutorado	Coord. Tec. Ed. e Prof. 2 colégios privados; Professor Tutor presencial Instituto UFC virtual e sócio administrativo Will Idiomas

Fonte: elaboração própria

¹⁸³ Ele é parte do grupo de pesquisadores que integram as expedições científicas do Programa Arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPSP), projeto financiado pela Petrobras, que é administrado pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UFPE, desenvolvendo pesquisas que são a base para esta empresa utilizar na prospecção e na exploração do petróleo.

Proporcionalmente, aqueles que começaram a trabalhar mais precocemente tiveram mais dificuldade de dar prosseguimento na sua carreira acadêmica. Ao observar o extremo das tabelas, Joana e Assis, que estão com mais atribuições profissionais, manifestam nas entrevistas terem muita dificuldade para se dedicar à preparação para as seleções dos programas de pós-graduação. Assim como, as mulheres que já têm nível de mestrado, as que constituem família e têm filhos também apresentam mais dificuldades de conciliar esta realidade e prosseguir para o doutorado.

Os sujeitos da pesquisa alcançaram um importante capital cultural institucionalizado. Eles podem demonstrar a comprovação de um quantum de saber formal. Este capital é o resumo registrado do percurso escolar. Está expresso em *Curriculum Vitae* ou em plataformas digitais equivalentes (Lattes), nos quais os saberes e competências devem ser devidamente confirmados. Pode parecer apenas um papel, contudo, é um documento carregado de símbolo de lutas, de descobertas, de conquistas difíceis de caber num simples papel.

No entanto, Bourdieu (2011b, p. 78-79) avalia a variabilidade da gravitação e do peso dos diplomas. O diploma tem um valor no mercado de trabalho, assim como possui relevância social mediante o peso de seu portador, ordenado pelas hierarquias dos saberes e das práticas, conforme as classes sociais. O autor trata das fronteiras mágicas que separam o último colocado aprovado e o primeiro não classificado nas seleções ou concursos. Como mensurar as competências que apartam estas diferenças? Questão semelhante cabe a respeito da discussão sobre a reprodução social presente nos diplomas, posto que não adianta apenas adquirir este documento: “[...] a força de um diploma não se mede pela força de subversão (portanto, unicamente pelo número) de seus detentores, mas pelo capital social de que são providos e que acumulam em decorrência da distinção que os constitui objetivamente como grupo [...]” (BOURDIEU, 2011c, p. 136).

Em entrevista, os jovens falam das portas que foram abertas e dos patamares que foram alcançados com as bagagens que reuniram ao longo da trajetória de estudos e trabalhos, que já são apresentados por eles como retorno e benefícios do investimento escolar. Alguns deles disseram sentir insegurança, medo e desapontamento pela demora ou pelo rendimento abaixo das expectativas depositadas, imediatamente após a conclusão do mestrado em busca de espaço no mundo do trabalho. Este foi o caso de Frida e João. A fé de que seriam absorvidos pelo mundo do trabalho tão logo se diplomassem mestres se diluiu, e os frustrou no primeiro momento. Poucos meses depois foram aproveitando algumas brechas de trabalho temporário no magistério. Sem concursos, neste momento em que políticas públicas de educação se retraem, as oportunidades de trabalho são provisórias, o que acabou empurrando ambos a

preparação para as seleções para o doutorado. Embora precisem trabalhar para obter renda, dar continuidade à pós-graduação – de preferência com bolsa de estudos – é uma opção muito desejada por eles.

Como é possível observar, as projeções para o futuro são diversas e passeiam por questões afetivas, como família, filhos e engajamentos sociais diversos. No geral, os grandes desafios apontados com ênfase em seus relatos, perpassam pelas suas aspirações acadêmicas e profissionais. Estas não dependem apenas de seus desempenhos, mas se relacionam com o macro contexto e as macroestruturas sociais. Contudo, eles prosseguem acreditando no efeito positivo dos estudos em suas vidas, permanecem vigorosos e vislumbrando um reforço do seu cabedal intelectual como única riqueza verdadeiramente passível de ser acessada.

Os interlocutores da pesquisa conquistaram um bem que não é passível de ser subtraído – o saber. O capital que adquiriram nesta caminhada não está guardado em espaço físico e nem está materializado externamente, por isso não pode ser capturado, perdido ou deteriorado. O capital cultural institucionalizado adquirido por eles, hoje não está mais só no diploma e no currículo, mas já é um valor apreendido, porque vivido, experimentado, assimilado, já não se separa mais deles, está acomodado com eles, dentro deles, sendo eles próprios novas pessoas constituídas desta bagagem intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho fica como porta aberta para tantas outras questões que não foram alcançadas aqui. Que outros pesquisadores desdobrem os “pontos cegos” e venham tecer novas reflexões, análises e “achados” na construção do conhecimento que é coletivo e para a coletividade.

Por ora, o presente trabalho procurou compreender como indivíduos das classes populares com destinos improváveis tiveram suas vidas impactadas pela educação básica e superior. Procurei esquadriar a conexão do conjunto de fatores desencadeadores que colocou em transformação as histórias de vida destes sujeitos do interior cearense. Procurei explorar os meandros da socialização e formação deles, para descobrir quais os agentes envolvidos e os elementos presentes na construção de um percurso nada convencional, com conquistas inovadoras nas suas realidades tão apertadas.

As carências materiais e as dificuldades diversas dos contextos de escassez assolam as trajetórias dos menos favorecidos. Porém, minha tese de que o êxito escolar e o prosseguimento aos estudos dos indivíduos oriundos de quaisquer realidades são possíveis quando oferecidas as condições favoráveis elementares foi corroborada neste trabalho pela história dos sujeitos pesquisados. A intersecção de políticas públicas educacionais no nível macro e meso, conjugada ao suporte (afetivo) familiar, escolar e comunitário pode propiciar oportunidades de desenvolvimento e alargamento de campos de possibilidades nas histórias das pessoas.

Esta é uma história com diversos atores (do macro/do meso para o micro): governos, gestores, professores, referências familiares, amigos e personagens culturais (próximos ou distantes) que, ao longo das últimas duas décadas, trouxeram elementos de suporte escolar para a constituição dos sujeitos pesquisados. Em 1998, quando Joana, a primeira deste grupo, entra na universidade, os contextos macro, meso e micro não a favoreciam. Entretanto, desde a infância ela foi regada com o desejo de estudar que sua mãe tinha, que não tendo a oportunidade de concretizar, fomentou na filha este sonho. Seus professores da CBL, ainda em formação acadêmica, vivendo na mesma realidade de Joana, foram importantes referenciais e constituíram uma representatividade para suas aspirações acadêmicas. Mesmo com todas as contra-possibilidades, ela teimou e ocupou seu espaço na universidade e criou para si uma carreira docente.

Joana e alguns outros colegas estudantes de sua geração foram afetados positivamente por seus professores que ainda estavam se graduando. Ela entrou para o ensino superior e, sem quebrar o fluxo, ainda se graduando, e já no exercício do magistério, também afetou vários de

seus alunos, dentre eles os demais sujeitos pesquisados que lhe sucederam. Frida, Maria, Nair, Raimundo, Lavoisier, João e Assis foram alunos de Joana. Assis, mais novo do grupo, ainda chegou a ser aluno de Frida e Lavoisier, quando estes professores ainda estavam se graduando. Como pode-se verificar, a semente foi plantada ali na comunidade taperuabense, tão distante de tantas coisas, mas tão vigorosa em fazer os filhos desta terra desejarem e buscarem sempre mais através da educação.

Concomitantemente, esta corrente comunitária foi crescendo e se fortalecendo com os diversos movimentos nacionais que se somaram ao projeto político educacional sobralense (a partir de 2001) e cearense (a partir de 2007) em prol de uma educação pública de qualidade. A atmosfera meso (regional e local – município, distrito e estado) era propícia para o engajamento social que passou a tomar a escola como um espaço promissor para reivindicar o direito à aprendizagem.

No contexto macro, no curso da década de 2000, a implementação e ampliação de políticas públicas federais voltadas para a educação básica e superior vai paulatinamente criando melhores condições para que os filhos das classes trabalhadoras possam se inserir nestes espaços institucionais. Em consonância a uma série de ações objetivas, o conjunto de atores acima citados, também criaram e fizeram ressoar discursos de afirmação e crença de que a escola em Taperuaba é boa, de que a educação de Sobral é diferenciada e que o estudo persistente pode fazer os sujeitos desbravarem outros territórios dantes impensáveis, tais como o campo acadêmico (para estudo e trabalho). Foi se propagando entre as culturas familiares e a cultura de pares nos determinados círculos de sociabilidade dos sujeitos pesquisados as ideias de possibilidades para além do que estava posto na realidade concreta.

O ensino superior no Brasil, por muito tempo, era um nível escolar monopolizado pelas classes abastadas, em que a presença de pobres eram excepcionais exceções. O campo acadêmico era tão dominado exclusivamente pelas elites, que muitos indivíduos das classes populares não tinham a universidade no seu horizonte de projeções. Mesmo dentro do sistema escolar, muitos desconheciam a possibilidade de prosseguir para o nível seguinte a educação básica, como João diz: “achava que o ensino médio era o teto”, ou como no caso de Lavoisier, que não sabia da gratuidade das universidades no país.

Nas últimas décadas, a universidade passou a ser um alvo e um propósito crescente entre os indivíduos das diferentes camadas sociais, inclusive entre os grupos historicamente marginalizados. Tais mudanças foram resultado das lutas de movimentos de ações afirmativas tornadas programas sociais e políticas públicas.

Através da fala dos interlocutores desta pesquisa, retomo e elenco aqui algumas razões que mobilizaram a demanda para adentrar no campo acadêmico: foi quebrado o mito de que a universidade é só para ricos; foi nutrida a crença de que todos são capazes e têm direito à aprendizagem; a aura da academia foi popularizada como um saber possível; foi disseminado o desejo e a satisfação de aprender, foi fortalecida a representação social que o diploma ainda carrega e a necessidade premente da valorização social que este tipo de bem confere, e a expectativa de qualificação profissional, absorção e melhor colocação no mundo do trabalho. O fenômeno da busca das classes populares pela universidade tomou proporções nacionais no Brasil, especialmente, nos dois últimos decênios como mostram os números no Capítulo 2.

No nível macro, o que se pode verificar é a força que as políticas públicas de educação em âmbito nacional tiveram, tais como já mencionadas: a expansão e interiorização das IES (Universidades e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia) nos níveis de graduação e pós-graduação (mestrado e doutorado); o fomento à pesquisa pela concessão de bolsas de graduação (PIBIC/CNPq; PIBID/CAPES), de pós-graduação (CAPES, CNPq) e o fortalecimento do ingresso, permanência e conclusão do estudante na universidade, dentre outras diretrizes que estão contempladas no Reuni; a criação da lei de cotas como uma forma de reparação histórica a exploração, discriminação e exclusão social, em que o País submeteu grupos representativamente minoritários (negros, pardos e indígenas) e demograficamente majoritários. Por séculos, a maioria da população brasileira era inexistente no usufruto dos direitos sociais e políticos essenciais. Ou seja, as cotas garantem o mínimo de participação. Ainda serão necessárias muitas outras ações para compensar séculos de escravidão, seguidos de mais de um século de negligência e a continuidade de exploração imposta a estes grupos minoritários. Entretanto, a lei das cotas colocou em pauta a crescente discussão sobre estas temáticas e já proporcionou uma diversificação do público acadêmico.

Estas ações políticas criaram uma conjuntura inédita e uma onda nacional de aspiração das classes populares ao ensino superior. Além de mudanças estruturais e condições elementares para inserção de um novo público universitário, este novo cenário propiciou uma movimentação¹⁸⁴ dos estudantes em larga escala em todo o país, assim como, mexeu com o imaginário coletivo - fundou-se a crença de que a universidade é um espaço de povo também.

Mesmo com todo o agravamento das últimas perdas que tem alvejado as instituições de ensino superior provocadas pelos recentes governos, suspeito que não será fácil conter uma

¹⁸⁴ Esta movimentação também possibilitou um intercâmbio estudantil (dos 08 pesquisados, 04 deles fizeram mestrado/doutorado em outros estados, 02 foram do interior para Fortaleza, e 01 foi de Tapera para Sobral).

população que despertou para o desejo de descobrir e “ganhar” o mundo. Suspeito que não será fácil reconduzi-la aos espaços “*en ‘curral’ados*” que lhes restringia anteriormente. Percebo na fala dos interlocutores da pesquisa que, as gerações que experimentaram a possibilidade de expansão escolar, nutrem nos seus pares e nos seus descendentes este valor. Muitos indivíduos das classes populares parecem já ter “tomado gosto” pelo conhecimento acadêmico, pela pesquisa e pelo prosseguimento aos estudos como “estilo e perspectiva de vida”.

No nível meso da pesquisa (redes institucionais regionais, efeito escola, efeito comunidade), percebo que há alguns pontos de intersecção entre o nível macro e o nível meso. O nível macro ofereceu infraestrutura e os meios para que o nível meso constituísse uma base local e localizada para operacionalizar as ações e os processos de desenvolvimento educacional. No caso de Sobral, há um fenômeno de iniciativa e protagonismo local na educação básica que antecede às políticas públicas nacionais. Neste município, já havia no início de 2000, mais precisamente, em 2001, iniciado o projeto político de combate ao analfabetismo, a melhoria do trabalho com letramento e proficiência em matemática, assim como a elevação dos indicadores de fluxo escolar. Este movimento de melhoria da educação básica tornou-se uma bandeira forte com um trabalho bem sucedido, tornando o município uma referência nacional atestada, inclusive, pelos melhores desempenho de aprendizagem nas avaliações de larga escala, como mostrado no capítulo 2.

Rememorando, foi a partir de algumas premissas e diretrizes do modelo educacional sobralense que foi criado, em 2004, o Comitê Cearense para a Eliminação do Analfabetismo Escolar, pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, através da iniciativa do deputado Ivo Gomes¹⁸⁵, em parceria com entidades educacionais e universidades. A partir de pesquisas que expôs a problemática do analfabetismo escolar, foi divulgado o relatório com os resultados que requeriam providências efetivas. Em 2007, o Governo do Estado do Ceará, por meio da SEDUC, assumiu a execução do Programa Alfabetização na Idade Certa - PAIC, tornando o programa uma política pública que consiste num pacto de cooperação entre o estado e os municípios, em parceria com a UNDIME/CE, UFC e UNICEF.

Com o crescimento dos índices da aprendizagem dos estudantes, sobretudo, no ensino fundamental, e uma relativa melhora no ensino médio, cria-se no âmbito estadual uma valorização da educação. No entanto, uma série de ações e políticas públicas federais estavam em curso e possibilitaram operacionalizar e custear as políticas públicas educacionais regionais/locais. Como disse anteriormente, é possível registrar a intersecção do nível meso e

¹⁸⁵ Ex-secretário de educação de Sobral que havia implementado em 2001 o projeto educacional no município.

o macro, quando registra-se que, exatamente em 2006 é criado o FUNDEB¹⁸⁶ com aumento significativo de recursos para educação destinados a municípios e estados; e, em 2007, é criado o Ideb¹⁸⁷ com intuito de obter indicadores de rendimento de aprendizagem para nortear as ações e intervenções de melhorias educacionais; e, em 16/07/2008, foi sancionada a Lei nº 11.738, que instituiu o Piso Salarial Profissional Nacional para os Profissionais do Magistério Público da Educação Básica, que além de estipular uma base salarial obrigatória, também trouxe outros elementos de valorização do profissional da educação. As condições de precariedade no magistério por muito tempo afugentaram bons profissionais que não viam perspectiva nesta carreira, a exemplo do relato de Joana que disse com pesar ter aberto mão da docência, em 1998, porque como bordadeira conseguia um salário melhor para garantir sustento básico a si e sua família. Hoje, Joana, Lavoisier e Assis são professores efetivos da rede estadual.

Outros programas federais de ampliação da jornada escolar com práticas de esporte e apoio de reforço pedagógico também chegaram a Sobral e a outros municípios que aderiram a parceria, e na rede estadual do Ceará, a exemplo do Programa Segundo Tempo que teve impacto no engajamento dos estudantes pelas diversas modalidades desportivas, dentre elas, o xadrez, e um incremento da merenda, possibilitando a permanência desse público na escola com

¹⁸⁶ O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação foi criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007, em substituição ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), que vigorou de 1998 a 2006. É um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um fundo por estado e Distrito Federal, num total de vinte e sete fundos), formado, na quase totalidade, por recursos provenientes dos impostos e transferências dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, vinculados à educação por força do disposto no Art. 212 da Constituição Federal. Além desses recursos, ainda compõe o Fundeb, a título de complementação, uma parcela de recursos federais, sempre que, no âmbito de cada estado, seu valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente. Independentemente da origem, todo o recurso gerado é redistribuído para aplicação exclusiva na educação básica. Com vigência estabelecida para o período 2007-2020, sua implantação começou em 1º de janeiro de 2007, sendo plenamente concluída em 2009, quando o total de alunos matriculados na rede pública foi considerado na distribuição dos recursos e o percentual de contribuição dos estados, Distrito Federal e municípios para a formação do fundo atingiu o patamar de 20%. **O aporte de recursos do governo federal ao Fundeb, de R\$2 bilhões em 2007, aumentou para R\$3,2 bilhões em 2008, R\$5,1 bilhões em 2009 e, a partir de 2010, passou a ser no valor correspondente a 10% da contribuição total dos estados e municípios de todo o país.** <http://portal.mec.gov.br/fundeb-sp-1090794249>

¹⁸⁷ Ideb é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino. [...] funciona como um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população por meio de dados concretos, com o qual a sociedade pode se mobilizar em busca de melhorias.[...] o Ideb é calculado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil, para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos. As metas estabelecidas pelo Ideb são diferenciadas para cada escola e rede de ensino, com o objetivo único de alcançar 6 pontos até 2022, média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos. <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb#:~:text=Idex%20de,para%20a%20melhoria%20do%20ensino.>

atividades dinamizadas. A ampliação de todas essas redes institucionais favoreceu as condições para que se desenvolvesse o “efeito escola” que, por sua vez, desencadeou o “efeito comunidade”. As famílias passam a absorver o discurso da escola, e passam a proferir o discurso de “escola de qualidade”.

Joana ressaltou que, em Taperuaba, nos comércios, nas igrejas e em todo o meio comunitário, as pessoas passaram a perceber a importância da escola e das melhorias que a educação deve ter. Essa consciência foi se tornando num efeito “bola de neve, que ao rolar ganha volume e força de alcance”. No âmbito da relevância social, percebo que esse “efeito comunidade” se reforça quando há suporte governamental.

Outro importante fator passível de ser replicado verificado no nível meso é que, na rede estadual e municipal de Sobral, os gestores públicos trabalharam com vistas a garantir as condições físicas e de funcionamento elementares das escolas: matrícula ampla (toda criança de 03 a 14 anos na escola), material e livro didático, merenda e transporte escolar para todos, dentre outros suportes. Um ponto fundamental foram as resoluções legais para constituir as equipes dos gestores escolares e professores através de processos seletivos por critérios técnicos privilegiando a competência. Foi instituída uma política de formação permanente para professores e gestores escolares. As avaliações sistemáticas observando os processos para intervenção pedagógica imediata, apoiadas pelas ações de acompanhamento pedagógico permanente num trabalho colaborativo entre secretarias de educação e escolas favorecem a apropriação das ações operacionais para gerar processos de qualificação pedagógica e de continuidade aos estudos.

A comunidade dentro desta estrutura começa a tomar a educação para si como um direito, e não como uma obrigação¹⁸⁸. Em uma certa altura, a conjunção das condições macro geram condições na estrutura meso e se cria uma atmosfera de certa naturalidade ao prosseguimento aos estudos, porque passa a fazer parte do percurso dos cidadãos. Esse efeito afeta os indivíduos, os grupos de pares na escola, as culturas familiares e toda a comunidade, tornando-se um círculo virtuoso.

Ademais, Sobral angariou para si um brilho próprio através de sua história, das articulações de seus personagens, da criação de seus equipamentos educacionais e culturais - museus, teatro, seus colégios tradicionais (inclusive os privados reforçam o discurso de excelência do ensino sobralense), a Universidade Estadual Vale do Acaraú (desde 1968), das

¹⁸⁸ O Estatuto da Criança e do Adolescente Art. 55. Os pais ou responsável têm a **obrigação** de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

escolas de músicas e artes, do polo econômico regional e foi tornando-se o palco político, artístico e cultural que agrega as cidades e as “gentes” do entorno. Seu destaque é a inauguração de uma “nova era na educação pública”.

Contudo, vale ressaltar que, o crescimento regional é robustecido pela competência das suas gestões municipais de continuidade de seus projetos, e não é possível desconsiderar o suporte do governo federal neste período. A “Princesa do Norte”, como Sobral carinhosamente é chamada, tornou-se cidade universitária, porque veio se juntar a UVA, a construção do campus da UFC, em 2006, e a criação do campus do IFCE, em 2008, assim como a abertura de faculdades privadas e institutos beneficiados pelo PROUNI e FIES, para dar conta de uma demanda reprimida que não foi absorvida pelas as instituições de ensino superior públicas (aqui cabe uma longa discussão sobre a como deveria ser priorizado os investimentos nas instituições públicas, mas não terei condições de abordar neste ensejo).

Fato é que, Sobral teve iniciativa para desenvolver suas próprias políticas públicas de educação, mas não teria sido possível prescindir dos investimentos e suportes federais. Seu diferencial em relação a muitas cidades do país se deveu ao seu protagonismo e senso de oportunidade para aproveitar e administrar bem os recursos e criar sua própria trajetória garantindo a sustentabilidade de suas políticas públicas de continuidade e aperfeiçoamento da educação, estendendo esse modelo para o governo do Estado. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) nos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de Sobral passou de 4,0 para 8,4 entre 2005 e 2019, ficando muito acima da média nacional de 5,7 em 2019. Já o Ideb do Ceará foi de 2,8 para 6,3 no mesmo período, também ultrapassando a média brasileira.

Foi no cenário acima descrito que surgiram algumas possibilidades de (des)ajuste social do *status quo* do modelo tão desigual em vigor. Este contexto acabou impactando além das estruturas sociais e mexendo com as subjetividades de muitos indivíduos. Isso fez com que alguns “desprivilegiados” perfurassem o muro que separa a grande massa de desfavorecidos socioeconomicamente dos reservados caminhos aos melhores aquinhoados.

Os efeitos da macro e meso estruturas reverberaram em efeitos na comunidade (Taperuaba/Sobral), e isto tudo desembocou nos aspectos mais biográficos, onde há mais complexidade, já que os indivíduos são atravessados por tantos outros elementos em suas vidas particulares. Nos processos de socialização que acontecem paralelamente, porque estamos constantemente sendo socializados, e muitas vezes, de formas contraditórias, ao mesmo tempo, em campos diferenciados, são acrescidas muitas dobras na constituição dos sujeitos.

O elenco deste enredo é vasto, mas os protagonistas desta história são eles, os sujeitos desta pesquisa, que não se curvaram aos obstáculos que a vida lhes impôs. Uma característica marcante deles que aparece como um *modus operandi* é a capacidade de resistência para lidar com as adversidades e a perseverança para alcançar o que desejam. Em situações de escassez, a educação familiar voltada para a autonomia dos indivíduos proporciona uma importante habilidade: um “potencial de enfrentamento”. Nas suas trajetórias escolares, foram desenvolvendo um *ethos*, uma disposição para a cultura estudantil que se refletiu na “boa vontade escolar” bourdieusiana. Eles se mostram mais suscetíveis a abraçar as parcas e concorridas oportunidades para qualificação escolar e profissional. O que não significa dizer que sejam mais merecedores que os indivíduos que não rumaram o mesmo caminho ou não tiveram esse mesmo “senso de oportunidade”.

Uma estratégia de inclusão social dos sujeitos pesquisados foi capitalizar recursos educacionais para alcançar outros meios de colocar suas existências em transformação. Foram atravessados por uma conjuntura histórica social um pouco mais propícia em relação aos seus antepassados e inseridos em um meio em que a educação foi apresentada como um recurso de ascensão, não necessariamente econômica, mas, social em amplo sentido, como um caminho para melhoria de vida e eles tomaram-na como uma ferramenta de luta por reconhecimento. Todo este conjunto de fatores provocou desordem na terra dos privilegiados, quando o pobre veio tornar-se licenciado(a), bacharel, mestre(a) e até doutor(a).

Eles parecem sempre impulsionados pela contestação a ordem estabelecida em que impera as desigualdades sociais. Falaram de seus propósitos mais particularizados, mas em geral, eles apontaram para um desejo de transformação da estrutura social em que estão inseridos e se sentem chamados a contribuir para melhoria da coletividade. Suas falas revelaram a fuga da condição de exploração e subalternidade social, de trabalho, e mais extensamente da macro realidade política e econômica.

Eles desconfiam do futuro, investem num presente de estudo e trabalho, mas não se descolam dessa dupla perspectiva de ir e vir no tempo: eles combatem hoje e tem esperança no amanhã. Por isso, são cautelosos, não se deslumbram com o êxito já alcançado e se arriscam na medida exata para não se prejudicarem. Eles têm os olhos nas nuvens, mas os pés no chão. O nível de envolvimento é mediante as possibilidades.

Através deste trabalho de produção reciprocamente compartilhado com os interlocutores da pesquisa, procurei dar um corpo escrito às histórias e aos percursos destes sujeitos: como forjaram seus caminhos até aqui e como avaliam seus percursos no mundo acadêmico, no mundo do trabalho ou o limbo destas ou de outras indefinições de suas vidas. A

partir dos relatos desses sujeitos sobre suas experiências de vida, eles acreditam ter excedido barreiras, ter suplantado obstáculos e criado alternativas para alcançar seus objetivos, para fugir à regra de esgotar a escolaridade no ensino básico e dilatar seus destinos, que não cessam de expandir.

Com muito empenho, eles fiaram projetos de vida artesanais, bordados à mão, feito um ponto a cada dia, com poucos recursos e com baixo custo financeiro. São projetos reconfigurados a curto e médio prazo, mais maleáveis, ajustáveis ao sabor do percorrer das rotas de circulação (PAIS, LECCARDI, GROPPPO). Embora já indiquem que estão usufruindo de algum retorno (melhores oportunidades de emprego e salário, inserção acadêmica, reconhecimento social), os saldos totais deste investimento têm mensuração muito personalizada, porque cada um faz sua própria pesagem e apreciação considerando muitos fatores, inclusive, os subjetivos pela superação aos panoramas de impedimentos e alcançando o exitoso rito de passagem para o ensino superior e para melhores alternativas no mundo do trabalho.

Bourdieu foi importantíssimo e muito assertivo quando chamou atenção para a causalidade do provável. Porque, de fato, é a realidade que impera. Em termos proporcionais, a maioria da população reproduz suas heranças sociais em suas histórias pessoais. As trajetórias controversas as reproduções sociais ainda causam espanto ou surpresa, exatamente porque foram exceções. E são essas exceções que comprovam a regra.

Nos espaços concorrenciais e nos jogos pela inserção nos campos de poder, a origem social dos jovens da pesquisa é a primeira marca, e a mais indelével de todas as características, que chega antes de qualquer qualificação intelectual ou profissional. A lógica do argumento é: apesar da procedência pobre, interiorana, advindo da educação pública, eles conseguiram se sobressair. Espera-se sempre o inverso: que não prossigam nos estudos, que não prosperem na formação e que se reservem às carreiras profissionais de pouca valorização social. O espanto ou a surpresa da sociedade, quando um indivíduo de origem popular alcança determinados espaços e posições, é a prova desta discriminação estrutural. Isto revela e só reforça como a sociedade tende à conservação e estranha qualquer transformação que esteja em curso.

Embora sejam inegáveis suas proezas, eles terão que conviver e carregar a marca de sua procedência humilde, tendo que fazer sempre mais, multiplicar muito suas competências para compensar a falta de “brio natural”, critério essencial nas lutas simbólicas. Porque a nobreza é tomada como um distintivo quase divino, com diletantismo e fluidez, que não pressupõe esforço algum. Ao contrário, é um prodígio, uma dádiva, que separa os “intelectuais estivadores” dos “escolhidos”, dos “eleitos” das classes favorecidas. Nascidos em berços

modestos, estes sujeitos procuram redimensionar seus caminhos para melhorar seus destinos. Buscam merecimento para garantir “a parte que lhe cabe[m] neste latifúndio”. Mais que um lugar ao sol, que é para todos, procura-se um espaço na sombra, é que para poucos (OLIVEIRA, 2015).

Dentro das lutas de classificação os sujeitos procuram escapar da desvalorização de seus capitais conquistados a duras penas, eles procuram acumular mais capitais, aperfeiçoar seus recursos, agregar valor aos seus títulos, fugir das desqualificações e maximizar os lucros dos capitais obtidos. Mesmo que os saldos pessoais nem sempre sejam absolutamente rentáveis, no sentido bourdieusiano de acúmulo e multiplicação, os ganhos, o êxito escolar desses indivíduos repercute em ganhos sociais para a coletividade.

Os relatos que estes pesquisados trouxeram ao longo do trabalho não se finca na ascensão social, mas na possibilidade de transitar e usufruir de diversos espaços e campos (no sentido bourdieusiano). Percebo que eles não estão exatamente à procura de uma ascensão vertical, mas há em suas falas uma luta para horizontalizar direitos e conquistas sociais, quando reivindicam o direito ao deslocamento social, pela possibilidade de movimentar-se e acessar outras realidades para além das que lhes foi imposta, pela vivência de realidades que lhes foram sempre negadas: realidades de inclusão escolar, no mundo do trabalho e, enfim, direito à cidadania em sua plenitude.

Apesar de todas as contra alegações de que os feitos desses indivíduos não conseguiram reverter totalmente suas condições reais de reconhecimento social, eles fazem um balanço muito peculiar de suas conquistas. Para além do que apresentou Bourdieu, que advertiu que a massificação escolar não foi capaz de romper com a estrutura da desigualdade social, esses sujeitos e suas famílias sentem e miram noutras interpretações.

Os estudantes taperuabenses desta pesquisa, ao adentrarem no universo acadêmico, inauguram uma outra genealogia e comemoram suas pequenas vitórias como grandes. Esses diplomas são troféus, testemunhos de muita superação e a certeza de muita luta. Eles são realistas e contundentes quanto à possibilidade de relativa eficácia dos títulos escolares nas melhorias práticas de suas vivências, mas não minimizam seus ganhos. Deixam entrever que, intuitivamente, têm consciência da relatividade dos rendimentos de seus capitais, mas não se fazem de rogados, e se jogam para frente, como quem não tem nada a perder, ou perde-se muito pouco, tratando com indiferença: já que se tem pouco, o prejuízo é incontável ou irrisório. Então, valeu a pena arriscar, e seus maiores recursos são: força, realização e esperança. Esses são seus maiores trunfos, seus melhores argumentos de aquisição de capital cultural, seus passaportes de maior barganha para alcançar a face mais aprimorada de si mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013

ARAÚJO, Felipe. Sobral Stories: Os estrangeiros que passam, as influências que ficam e as Histórias que fazem da Princesinha do Norte nossa Cidade mais esnobe e cosmopolita. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 05 de abril de 1997, Caderno Sábado. Arquivo Laboratório das Memórias e Práticas Cotidianas – LABOME, vinculado ao Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983, p. 112-121.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

_____. **O capital social** – notas provisórias. In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A.M. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2011a, p. 65-69.

_____. **Os três estados do capital social**. In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A.M. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2011b, p. 71-79.

_____. **O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução**. In: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A.M. Escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2011c, p. 127-144.

_____. **Estruturas, *habitus*, práticas**. In: O senso prático. Petrópolis: Vozes, 2011d, p. 86-107.

_____. **A crença e o corpo**. In: O senso prático. Petrópolis: Vozes, 2011e, p. 108-132.

_____. **O capital simbólico**. In: O senso prático. Petrópolis: Vozes, 2011f, p. 187-202.

_____.; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

_____; _____. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Petrópolis: Vozes, 2014.

_____; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia.** Petrópolis: Vozes, 2015.

_____; EAGLETON, T. **A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista.** In: ŽIŽEK, S. (Org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007, pp. 265-278.

BRASIL. Ministério da Educação. Prova Brasil. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>. Acesso: 20 de fevereiro de 2018.

_____. PORTARIA INTERMINISTERIAL Nº 1.802, DE 26 DE AGOSTO DE 2008. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET - Saúde. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri1802_26_08_2008.html#:~:text=O%20PET%2DSa%C3%BAde%20constitui%2Dse,Sistema%20%C3%9Anico%20de%20Sa%C3%BAde%20%2D%20SUS. 20 de fevereiro de 2018.

CAPES. Educação Básica. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor> Acesso em 18 de novembro de 2018.

CATANI, Afrânio M. **A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras).** In: Origem e destino: pensando a sociologia de Pierre Bourdieu. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013, 11-37.

CBI TAPERUABA. Disponível em <http://cbltaperuaba.blogspot.com/> Acesso em 18 de novembro de 2018.

CORDEIRO, Denise. **Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedade.** – Rio de Janeiro: Lamparina - Faperj, 2009.

CORREIO DA SEMANA. Destaques. Disponível em: <http://www.correiodasemana.com.br/destaques/meio-ambiente-um-dos-mais-importantes-rios-do-ceara-o-acarau-vem-perdendo-a-luta-contras-agressoes/> Acesso em 18 de novembro de 2018.

CULTURA SOBRAL. Disponível em: <http://cultura.sobral.ce.gov.br/espaco/817/> Acesso em 18 de novembro de 2018.

DOM EXPETITO. BLOG. Disponível em: <http://domexpedito.blogspot.com.br/> Acesso em 18 de novembro de 2018.

DUARTE JÚNIOR, Romeu. **Sítios históricos brasileiros: monumento, documento, empreendimento e instrumento – o caso de Sobral/CE.** 2012. Tese de Doutorado. FAU-USP, São Paulo, 2012.

EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO. Disponível em: <https://educacaoeparticipacao.org.br/acontece/jovens-contribuem-para-transformar-sobral-ce-em-uma-cidade-educadora/> Acesso em 18 de novembro de 2018

FERREIRA, Diocleide Lima. **Requalificação urbana em Sobral – Ce. Lazer, questões ambientais e desigualdades sociais.** XXVII Congresso de la Asociación Latinoamericana de

Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología. Buenos Aires: 2009. Disponível em <http://www.aacademica.org/000-062/167>. Acesso: 10 de março de 2018.

FERREIRA, Vítor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. In: **Saúde Soc.** São Paulo, v. 23, n.3, p. 979-992, 2014.

DOI 10.1590/S0104-12902014000300020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/88581/91468>. Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. **Repúblicas Estudantis: “A forma mais autêntica de viver o jeito universitário”**. In: FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de; FREITAS, Nilson Almino de; MOTA, Francisco Alencar. (Orgs.). Olhares sobre o Norte do Ceará: A contribuição das Ciências Sociais. Sobral: Edições Universitárias, 2012, p. 13-33.

_____.; BRAGA, José Ricardo M. Universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará, O Público e o Privado**, nº 21, jan/junho, 2013, p. 91-110. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=651&path%5B%5D=755>. Acesso: 08 de abril de 2018.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral: Opulência e tradição**. Sobral: UVA, 2000. ISBN: 85-87906-04-6.

_____. **O Sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes da cidade de Sobral**. 2005. 297 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, abril de 2005.

GARDNER, Howard. É difícil fazer o certo se isso contraria nossos interesses. Revista Nova Escola, POR: Luciana Zenti 2009. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/880/howard-gardner-e-dificil-fazer-o-certo-se-isso-contraria-os-nossos-interesses> Acesso em: Acesso 21 de janeiro de 2018.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, W. Martin; _____. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 64-89.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 1994.

GROPPO, L. A. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 13, n 2, 2015, p. 567-579.

G1 NOTÍCIAS. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/11/aluno-de-escola-publica-no-ceara-ganha-concurso-jovem-embaxador.html> Acesso em 18 de novembro de 2018.

IBGE. Biblioteca. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo.html?id=437032&view=detalhes> Acesso em 18 de novembro de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>. Acesso: 05 jan. 2018.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ – IFCE – Campus Sobral. <https://ifce.edu.br/sobral>. Acesso: 04 de fevereiro de 2018.

IPEA. IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS E ATUAÇÃO DE GESTORES. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10179/1/FirmandoAlicerIgualdade.pdf> Acesso em julho de 2020

LAHIRE, Bernard: Do *Habitus* ao Patrimônio Individual de Disposições – Rumo a uma Sociologia em Escala Individual. **Revista das Ciências Sociais**, Universidade Federal do Ceará, v. 34, n. 2, Fortaleza, p. 7 -29, 2003.

LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. In **Tempo Social**, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, 2005, nov., p. 59-91. Disponível em

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In **Tempo Social**, vol 17, nº 2. São Paulo: USP, 2005, p. 35-57.

LEFEBVRE, Henri. A Sociedade Burocrática de Consumo Dirigido. In: **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991, p. 77-119.

LIFE Research Group. Instituto de Ciências Sociais. Ulisboa: <https://www.ics.ulisboa.pt/grupo/life-percursos-de-vida-desigualdades-e-solidariedades-praticas-e-politicas>. Acesso: 7 mar. 2018.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARX, Karl. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

MEC. Programa mais educação. Disponível em: [Programa mais educação – jornada ampliada citei na parte Priscilla http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao?id=16689](http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao?id=16689) Acesso em 18 de novembro de 2018.

_____. Pibidi. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> Acesso em 18 de novembro de 2018.

MENDES, Agenor Almeida. **Presença dos Mendes na fundação, povoamento e Desenvolvimento de Taparuaba**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2014.

MENDES JUNIOR, Antônio Lavoisier Braga. **As Potencialidades Ecoturísticas do Distrito de Taparuaba**. 2007. 46 f. Monografia - Graduação em Geografia – Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Cortez; 2011.

MUSEU DOM JOSÉ TUPINAMBÁ DA FROTA -
<http://museudomjose.com.br/wps/agende-sua-visita/>. Acesso: 09 de março de 2018.

OLIVEIRA, João F.; PESSOA, Jadir de Moraes. O método em Bourdieu. In: PESSOA, Jadir de Moraes; OLIVEIRA, João F. (Orgs.) **Pesquisar com Bourdieu**. Goiânia: Cânone Editorial, 2013, p. 15-30.

OLIVEIRA, A. Aleksandra M. **Na Terra da Luz: “O sol nasce para todos, mas a sombra é para poucos!”** Projetos de vida e campos de possibilidades dos jovens das classes populares. 2015. 201 f. Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

O POVO – **Pré-Carnaval** – Daniela Mercury é atração do Bloco dos Sujos, em Sobral. <https://www.opovo.com.br/vidaarte/carnaval/2018/01/daniela-mercury-e-atracao-do-bloco-dos-sujos-em-sobral.html> . 29/01/2018. Acesso: 11 de março de 2018.

O POVO - **Sobre as igreja de Sobral no Jornal**. O Povo online <https://www20.opovo.com.br/app/revistas/turismo/2017/01/12/notrturismo,3679392/igrejas-de-sobral-historia-arquitetura-e-religiao.shtml>. Acesso: 04 de abril de 2018.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor> Acesso: 23 de novembro de 2017.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A. Considerações gerais e orientações práticas acerca do emprego de estudos de caso na pesquisa científica em Psicologia. **Interações**, v. X, n. 20, p. 109-126, jul./dez. 2005.

PLANETÁRIOS. Planetário de Sobral. Disponível em: <http://planetarios.org.br/planetarios/planetario-de-sobral/>. Acesso em 18 de novembro de 2018.

PORTAL BRASIL. Eras dos seres vivos. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/educacao_seresvivos_eras.htm Acesso em 18 de novembro de 2018.

PREFEITURA DE SOBRAL. Informes. Disponível em <http://www.sobral.ce.gov.br/informes/principais/pre-carnaval-bloco-dos-sujos-leva-mais-de-30-mil-folhoes-as-ruas-de-sobral> Acesso em 18 de novembro de 2018.

PROGRAMA JOVENS EMBAIXADORES – Disponível em: <http://www.jovensembaixadores.org/perguntas.htm>. Acesso: 10 de março de 2017.

PROJETO E-JOVEM. <http://www.seduc.ce.gov.br/index.php/noticias/106-educacao-profissional/educacao-profissional3/4880-projeto-e-jovem>. Disponível em <http://projetoejovem.seduc.ce.gov.br/site/ejovem/> Acesso: 12 de dezembro 2017.

PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA (PRONERA). Disponível em http://www.incra.gov.br/educacao_pronera. Acesso: 19 de janeiro de 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.) *A colonialidade do saber – eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005, p. 229 - 279.

RIBEIRO, Penha Magalhães. **Da Santa Maioria a Taparuaba: um breve estudo da Oligarquia Barreto em Taparuaba -1962 a 1992**. 2001. Monografia - Graduação em História – Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1991.

_____. **Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: _____. *A gramática do tempo: por uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 93- 178.

SEDUC SOBRAL. Brinquedoteca municipal. Disponível em <http://seducsobral.blogspot.com/2017/05/brinquedoteca-municipal-inicia.html> Acesso em 18 de novembro de 2018.

SEMANA VIRTUAL. Disponível em: http://www.santanavirtual.com.br/quem_somos.php Acesso em 18 de novembro de 2018.

SETTON, Maria das G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, mai./jun./jul./ago. 2002, p. 60-70.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e as relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. **Estudos & Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica**. 2015. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso: 04 de outubro de 2017.

Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (Spaeece) – Disponível em <http://www.spaeece.caedufjf.net/>. Acesso: 12 de fevereiro de 2018.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2005.

STE SOBRAL. Restaurante popular Disponível em: <http://stde.sobral.ce.gov.br/restaurante-popular/8-site> Acesso em 18 de novembro de 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ. Disponível em: http://www.uvanet.br/documentos/numeros_daf3747a934412c7f3140f53e14115fa.pdf. Acesso: 04 de fevereiro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – Campus Sobral. Disponível em: <http://www.sobral.ufc.br/sobre/campus/>. Acesso: 20 de janeiro de 2018.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997, p. 13-38.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1973.

ANEXOS

Anexo I

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
PESQUISA DE DOUTORADO: BERÇO E DESTINO DOS ESTUDANTES DE TAPERUABA –
CE: A LUTA PARA “SER ALGUÉM NA VIDA”**

Doutoranda: Antonia Aleksandra Braga Mendes

Orientadora: Prof. Dr. Dijaci David Oliveira

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação - Escolher nome fictício (se desejar):

Data de nascimento:

Escolaridade:

- Onde nasceu? Onde morou até hoje? Você gostou dos lugares onde já morou ou mora?
- Qual é a história da sua família? De onde são? Qual a profissão e a escolaridade dos pais, irmãos ou responsáveis?
- Como tudo começou na sua história de vida? Quais fatos marcantes considera importantes serem mencionados?
- Quando e como foi todo seu histórico escolar?
- Qual foi sua relação com a escola?
- Qual sua relação com o mundo do trabalho? Quando começou, como, onde e o que constitui sua história com a atividade laboral/ trabalhista?
- Como surgiu a ideia de prosseguir para o ensino superior?
- Qual(is) curso(s) pensou em fazer? Por quê?
- Qual sua primeira escolha? O que mais interessava?
- Quando, como e por que você viu a universidade como possibilidade? Através de quê e quem surgiu essa demanda?
- Como se sentia em relação às seleções (vestibular, Enem)? Como vislumbrou as chances de aprovação?
- Quais foram os passos para chegar ao ensino superior?
- Por que você acha que conseguiu se inserir no ensino superior?
- Quais as maiores dificuldades encontradas para se inserir no ensino superior?
- Quais as maiores motivações?
- Quais agentes participaram desse processo? De que forma?
- Qual seu método de estudo?
- Quais estratégias lançou mão para alcançar seus propósitos?
- Ao que você atribui suas conquistas?
- Como foi sua inserção nos novos espaços de convivência: universidade, instituições de trabalho, outras cidades?

- O que você acha que aconteceu com você ao longo destas experiências? Como você se vê hoje em relação à sua história passada?
- Quais mudanças você acredita ter ocorrido em sua personalidade? O que exatamente? Cite exemplos.
- A que se devem estas mudanças?
- Como sua família reage a essas mudanças?
- Como sua família concebe sua trajetória?
- Como foi sua história em relação à convivência na comunidade? Como você percebe que a comunidade passou a lhe ver?
- Como avalia seu caminho até aqui?
- Você considera ter tido apoio ou colaboração de alguém? Quem? Como se deu essa colaboração?
- Quais são suas referências de vida?
- Quem inspira seus sonhos e planos futuros?
- Quais virtudes você mais admira e valoriza? Por quê?
- Quem você tem como modelo de vida?
- Em que você procura se espelhar?
- Quem são as pessoas mais importantes para você?
- Como você descreveria seu berço? Sua origem?
- Como enxerga seu destino?
- Quais são os seus projetos para o futuro?
- Gostaria de dizer mais alguma coisa que lhe traduza?

Anexo II

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE DOUTORADO ENTITULADA: “Berço e destino de estudantes de Taparuaba (CE): a luta para ‘ser alguém na vida’”

Pesquisadora responsável: Antonia Aleksandra Braga Mendes

O presente questionário tem por finalidade captar informações adicionais e complementares às questões concernentes à abordagem da pesquisa. Algumas informações podem já ter sido prestadas na entrevista, ainda assim solicito que sejam cedidas novamente, pois facilitam a consolidação dos dados. As demais questões são de cunho contextualizador para mapear o perfil socioeconômico, também importante para a pesquisa. De qualquer forma, os participantes respondem facultativamente às questões que se sentirem a vontade informar.

1. Identificação ou nome fictício _____
2. Data de nascimento ____/____/____
3. Idade na ocasião da entrevista _____
4. Cidade e estado em que nasceu _____
5. Cidades em que morou ao longo da vida _____

6. Nível de escolaridade atual _____
7. Área de formação acadêmica nos respectivos níveis, as instituições pertencentes, com ano de início e conclusão:

	Curso	Instituição	Início	Conclusão
Graduação				
Especialização				
Mestrado				
Doutorado				

8. Temas de estudo realizados nas pesquisas de:

Graduação _____

Especialização _____

Mestrado _____

Doutorado _____

9. Na sua vida escolar até agora você estudou:

() Somente em escolas públicas () Até então, em escolas particulares

() Maior parte em escola pública () Maior parte em escola particular

Teve algum contato com ensino privado? Como?

10. Frequentou o Ensino Pré-Escolar? () Não () Sim/ quanto tempo? _____ Com que idade? _____

11. Você gosta de estudar? () Sim () Não

Por/quê? _____

12. Qual foi ou quais foram as maiores motivações para frequentar a escola?

13. Qual o tempo aproximado você reservava diariamente para seus estudos nos tempos de escola? Onde e como costumava estudar?

14. E hoje, quanto tempo em média costuma estudar? Onde costuma estudar?

15. Como costuma estudar? Quais seus atuais métodos de estudo?

16. Quais foram os passos e procedimentos definitivos para alcançar seus objetivos acadêmicos e profissionais?

17. Alguém se interessa por seus estudos? Quem? De que maneira?

18. Como ocupa seu tempo livre?

19. Houve algum investimento da sua família ou de outros em sua educação? a) () Não b) () Sim. Como?

20. Você teve ou tem o hábito de frequentar bibliotecas, teatro, museus, cinema, exposições de arte, espetáculos de dança, musicais e eventos dessa natureza? Se sim, desde que momento? Através de quê ou de quem você passou a frequentar? Descreva sua relação com esses elementos culturais.

21. Você gosta de ler? () não () sim

22. Quando, com que idade, em que circunstância você leu seu primeiro livro?

23. Você poderia citar alguns de seus livros preferidos?

24. Com quantos anos entrou para escola? Como se chamava a escola onde iniciou sua trajetória escolar?

25. Com quantos anos foi alfabetizado?

26. Quem foi (ou quem foram) o(a)(s) responsável(is) por sua alfabetização inicial?

27. Você estudou em mais de uma escola? Se sim, quais? Por quê?

28. Você foi reprovado alguma vez? Em que série/ano?

29. Quando concluiu o ensino médio?

30. Quando prestou vestibular pela primeira vez? Quantas vezes você tentou até ser aprovado e para que cursos?

31. Quais outros cursos você também pensou fazer? Qual foi sua primeira opção? E quais outros cursos foram despertando seu interesse?

32. Você fez outro(s) curso(s) extra curricular(es)? Qual(is) (ex.: curso de línguas; curso profissionalizante, outros)?

33. Qual a data de nascimento e a idade atual de seus pais?

34. Qual ou quais profissões e ocupações seus pais tiveram ao longo da vida?

35. Qual o nível de escolaridade dos seus pais?

36. Quantos irmãos têm? Você se encontra em que ordem no nascimento dos irmãos?

37. Qual o nível de escolaridade de seus irmãos?

38. Quais as profissões dos seus irmãos que já trabalham?

39. Com quantos anos você começou a trabalhar, ter uma ocupação ou realizar qualquer atividade que configurou como responsabilidade ou encargo frequente?

40. Quais foram essas atividades?

41. Quando e com quantos anos você se lembra de ter começado a trabalhar? Quais foram essas atividades?

42. Essas atividades eram remuneradas?

43. Você lembra o valor dessas remunerações? Quanto?

44. Você pode informar sua trajetória no mundo do trabalho? Quais percursos e experiências você teve?

45. Enquanto fase da vida, você se considera: a) ☐ Jovem b) ☐ Adulto
Por quê? Em sua opinião, o que caracteriza cada uma dessas fases?

46. Qual seu estado civil?
☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) União estável ☐ ☐ Separado (a)

47. Você tem filhos? ☐ Não ☐ Sim. Quantos? Qual idade?

48. Você se considera:
☐ Branco(a) ☐ Pardo(a) ☐ Amarelo(a) ☐ Preto(a) ☐ Indígena
☐ Não quero declarar

49. Você possui transporte próprio? ☐ sim ☐ não

50. Como costuma se locomover ou qual o meio de transporte você mais utiliza
cotidianamente?
☐ A pé ☐ Ônibus ☐ Bicicleta ☐ Moto ☐ Carro próprio ☐ Carro da
família f) ☐ Outros. Que tipo?

51. Qual é o seu tipo de moradia e qual situação da sua moradia? ☐ casa ☐
apartamento
☐ Própria comprada ☐ Alugada ☐ Cedida ☐ Beneficiamento de habitação
popular

52. Com quem você mora atualmente?

53. Quantas pessoas moram em sua casa (contando com você)?

54. Quantas pessoas contribuem para a obtenção da renda de sua família?

55. Qual é a renda mensal de seu grupo familiar (considere a soma da renda de todos que moram em sua casa)? (Salário mínimo em 2017 = R\$ 937,00)

- () menos de um salário mínimo () Um salário mínimo () Até dois salários mínimos
() De três a cinco salários mínimos () Mais de cinco salários mínimos

56. Sua família recebe algum benefício social? Que tipo? () Não () Sim

Bolsa Família () Aposentadoria e/ou pensão ()

Outros _____

57. Você conseguiu bolsa de estudos? () Não () Sim

() Iniciação Científica – graduação () Qual valor da bolsa?

() Bolsa de outros programas –

Qual? _____

() Bolsa no Mestrado – Qual órgão de fomento?

() Bolsa no Doutorado – Qual órgão de fomento?

58. Qual a relação com seu grupo familiar no aspecto econômico hoje?

() Não trabalho, sou sustentado pela família () Trabalho, mas recebo ajuda financeira familiar

() Trabalho e sou responsável pelo meu sustento () Trabalho e contribuo parcialmente em casa

() Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família () Só estudo e vivo da minha bolsa

() Só estudo, vivo da minha bolsa e ainda contribuo com despesas familiares

59. A qual classe social você considera ter pertencido no passado?

() classe baixa () classe média – baixa () classe média – alta () classe alta

60. A qual classe social você se considera pertencer hoje?

() classe baixa () classe média – baixa () classe média – alta () classe alta

61. Você está trabalhando no momento?

() Não () Sim. Em quê?

62. Você gosta desse trabalho?

() Não () Sim. Por quê?

63. Qual outro trabalho ou profissão gostaria de ter? Por quê?

64. Quais seus principais objetivos para a vida, hoje?
